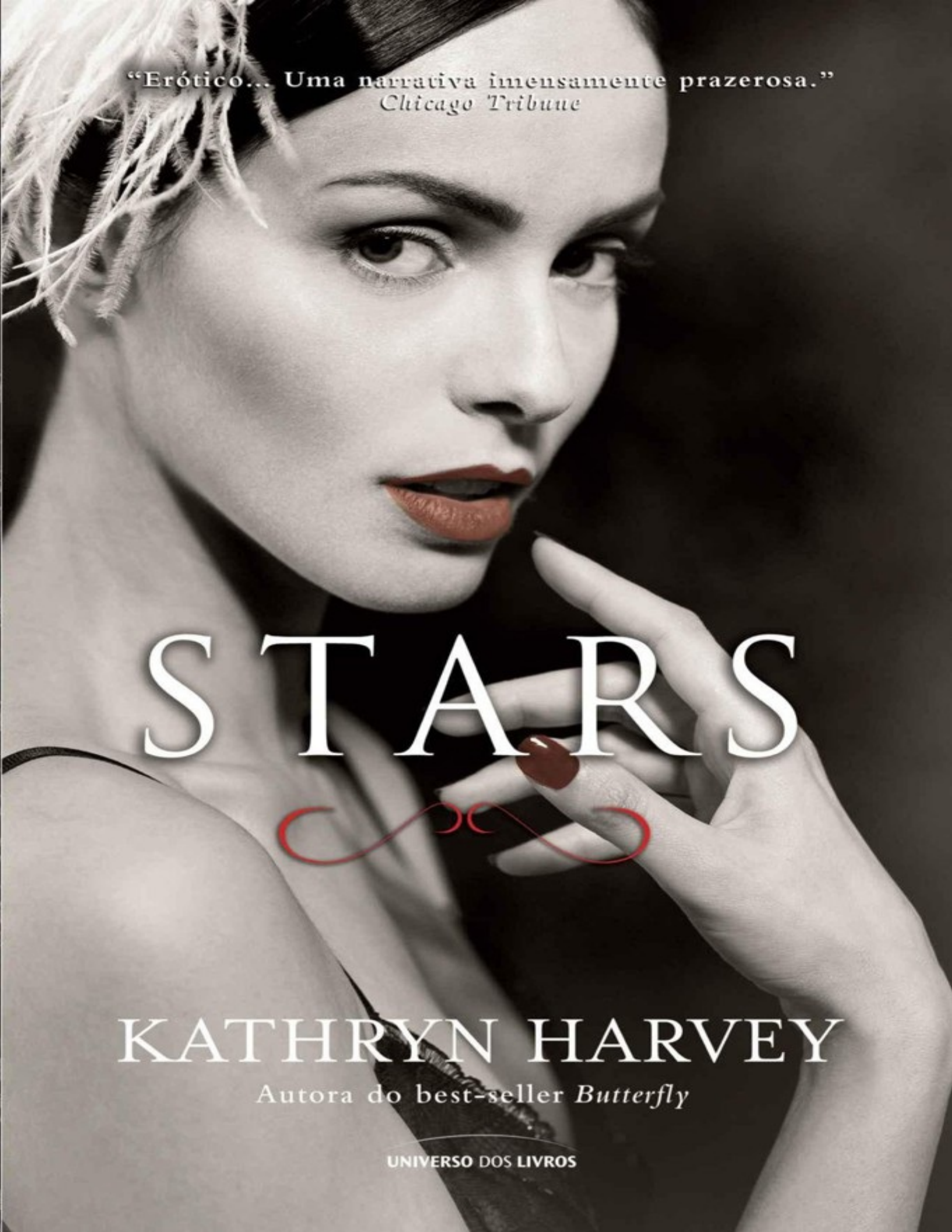

"Erótico... Uma narrativa imensamente prazerosa."
Chicago Tribune
STARS
KATHRYN HARVEY
Autora do best-seller Butterfly
UNIVERSO DOS LIVROS

STARS



KATHRYN HARVEY

Autora do best-seller *Butterfly*

São Paulo
2013

UNIVERSO DOS LIVROS

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 — Bloco 2 — Conj. 603/606
CEP 01136-001 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
Email: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Stars
Copyright © 1988, 2007 by Barbara Wood
All rights reserved. No part of this book may be used or reproduced by any means, graphic, electronic, or mechanical, including photocopying, recording, taping or by any information storage retrieval system without the written permission of the publisher except in the case of brief quotations embodied in critical articles and reviews.
Published by arrangement with Lennart Sane Agency AB

© 2013 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos
Editora-chefe: Marcia Batista
Assistentes editoriais: Ana Luiza Candido, Raíça Augusto e Raquel Nakasone
Tradução: Cristina Tognelli
Preparação: Júlio Domingas
Revisão: Júlia Yoshino e Mariane Genaro
Arte e adaptação de capa: Francine C. Silva, Karine Barbosa e Valdinei Gomes
Conversão para epub: Danielle Fortunato

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

H271s	Harvey, Kathryn. Stars / Kathryn Harvey; tradução de Cristina Tognelli – São Paulo : Universo dos Livros, 2013 1,3 MB ; ePUB ISBN 978-85-7930-506 Título original: Stars 1. Ficção 2. Literatura inglesa 3. Romance erótico I. Título II. Tognelli, Cristina III. Série 13-0381 CDD 823

Universo dos Livros Editora Ltda.
www.universodoslivros.com.br

Email: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Para Harvey Klinger, o melhor agente do mundo. E uma pessoa verdadeiramente adorável.

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS PARA ALGUMAS pessoas realmente especiais: Kate Medina e Jonathan Karp da Random House; da Avon BoOks, Carolyn Reidy. Pelo apoio além do esperado e imaginado para as suas funções, obrigada a Ginny Pope, e, como sempre, ao meu marido, George.

P.S. Mensagem secreta para a minha sobrinha Amy: o capítulo 32 foi feito para você!

“Constroem baixo demais aqueles que constroem abaixo das estrelas.” Edward Young (1683-1765)

PRÓLOGO

Do *Los Angeles Herald*, 4 de julho de 1932:

Palm Springs, Califórnia – Nessa manhã, o famoso diretor de cinema Dexter Bryant Ramsey foi encontrado morto em Star's Haven, o lar da glamourosa estrela de cinema Marion Star, no Monte San Jacinto. Encontrado por um criado pouco antes do amanhecer, naquele que ficou consagrado como o Banheiro Obsceno, o corpo nu de Ramsey tinha um único tiro na cabeça. A polícia deflagrou uma busca intensa pela senhorita Star, que, segundo testemunhas da cena, desapareceu misteriosamente durante a noite. Ainda que o motivo do assassinato ainda não tivesse sido estabelecido, havia especulações de que Marion Star, conhecida por seus excessos e estilo de vida extravagante, poderia ter se valido de um ato brutal de vingança...

Da seção de Classificados do *Palm Springs Realtor*, 1984:

Situada próxima ao cume do Monte San Jacinto: mansão com 42 quartos, além de construções externas, em uma propriedade de 37 hectares, conhecida como Star's Haven, construída em 1927, com eletricidade instalada em 1930, desocupada desde 1932. Acesso: trilha partindo da autoestrada 111, um quilômetro e meio após o desvio para Windy Creek. Para venda ou permuta, melhor oferta.

Excerto da coluna de Sue CoOk na revista *Palm Springs Life*, 1988:

Quem é, no fim das contas, o comprador anônimo da misteriosa mansão Star's Haven, local que permaneceu deserto em sua reclusão montanhosa por quase sessenta anos e cenário do homicídio sensacional de Dexter Bryant Ramsey, ainda sem solução após todos esses anos? Quais os planos desse comprador para uma mansão supostamente assombrada? O que a longa sucessão de caminhões e furgões leva trilha acima? Será verdade que os trabalhos contínuos na base da

montanha sejam para a construção de um teleférico que subirá os 1.800 metros até a propriedade? Só nos resta especular...

Os convites para o baile de Natal no Star's do Monte San Jacinto foram enviados há semanas. Neles havia impresso o logo do resort: uma elegante estrela prateada sobre um fundo azul-escuro e o slogan logo abaixo: "Star's: explore a fantasia..."

Traje a rigor.

DIA: UM

1

– TENHO UMA SURPRESA para você – disse ele. E ela gemeu com langor ao senti-lo penetrando-a mais uma vez.

Estavam fazendo amor ao longo do que pareciam horas; ele tinha um impressionante vigor e mostrara-se deveras criativo. E agora ainda tinha uma surpresa para ela?

– O que é? – perguntou ela sem fôlego, esticando-se debaixo dele, de encontro aos lençóis de cetim úmidos pela tarde de paixão.

Quando ele se afastou, rolando de lado, ela o interrogou com um olhar. Justo ela que tinha pensado que eles estavam recomeçando...

– Fique de olhos fechados – sussurrou ele. Quando ele a acariciou no interior das coxas, ela se surpreendeu com a repentina eletricidade do seu toque.

Surpreendia-se por, depois de tanto tempo, ainda se sentir excitada. Não havia limites para o seu apetite? Não com Sanford, concluiu, deixando um riso leve escapar do fundo da garganta. Não com o melhor amante do mundo.

– Qual é a surpresa? – perguntou.

– Um presente de despedida, para que se lembre de mim enquanto estiver longe. Embrulhei-o de modo único – explicou com suavidade, os lábios deslizavam por sua orelha, enquanto a mão se movia em círculos provocantes no interior da coxa. – No embrulho mais belo que pude encontrar, só para você, minha linda estrela de cinema.

Ela sentiu uma ligeira pontada. Desejou que ele não a chamasse assim.

– Onde? – perguntou. – Onde está?

Quando ele a tocou e disse “aqui”, os olhos dela se arregalaram. No espelho no teto, ela se viu esparramada sobre os lençóis de cetim cor de pêssego, ele deitado ao seu lado, uma mão sustentando a cabeça e a outra entre as suas pernas. Reparou nos braços musculosos, nos pelos escuros do peito e na ereção... Seu poder de recuperação era tão impressionante quanto seu vigor físico.

O olhar passou então para a mão escondida. O que ele fazia?

Arfou... E sentiu...

Ele sorriu, observando a expressão aturdida dela quando começou a puxar o colar para fora.

– Quando você... – ela começou a perguntar quando as pérolas começaram a surgir, uma a uma. Não sentira a entrada do colar, mas agora, conforme ele emergia numa lentidão agonizante, percebeu que conseguia sentir cada uma das contas pressionado-a como se fossem dedos exploradores. Quando todo ele estava fora, ela fitou os divertidos olhos cinzentos, os mesmos que um dia considerara perigosos, e maravilhou-se mais uma vez com sua capacidade de sustentar a magia da relação sexual entre eles depois de todos aqueles anos.

Tentou pegar o colar, mas ele interrompeu:

– Espere – e o girou dentro de uma taça de cristal com champanhe que estava sobre o tapete cor de pêssego ao lado da cama. Depois ele lhe envolveu o pescoço com as pérolas graúdas e suaves, dizendo:

– Para a minha estrela de cinema. Minha linda estrela...

Ele se inclinou para beijá-la, e ela o envolveu com os braços, aproximando-o junto ao corpo, sentindo o calor dele contra sua pele nua. Beijaram-se com sofreguidão, e ela procurou não chorar, tentou não pensar na traição que estava planejando. Amava-o tanto, mas tanto, que ele jamais poderia descobrir o que ela estava prestes a fazer.

Enquanto a limusine branca avançava pela rodovia deserta em direção ao pôr do sol invernal, Carole Page apanhou a garrafa de champanhe aninhada no balde de prata para encher novamente sua taça. Viu que sua mão estava trêmula e se perguntou se as duas companheiras de viagem também tinham notado. Carole não conhecia as duas mulheres que viajavam com ela. Tinham se cumprimentado com “olás” educados, porém breves, quando a limusine do Star’s as apanhara no Beverly Hills Hotel há duas horas e meia. Durante o longo trajeto de Los Angeles pelo deserto, nenhuma outra palavra foi pronunciada.

Entretanto, muitos pensamentos lhe ocorriam. E o que pesava na consciência de Carole Page, a estrela de cinema que recentemente cruzara a aterradora fronteira dos quarenta anos, era sexo – não o sexo por prazer, como o vivenciado com Sanford há poucas horas, quando ele a surpreendera com o colar de pérolas, mas o sexo por negócios. Fitou o relógio Cartier de ouro, um presente do marido quando ela terminara seu terceiro filme, e percebeu que chegaria em breve ao seu destino.

Só lhe restava um curto intervalo no qual poderia mudar de ideia e voltar atrás.

Era por isso, porém, que ela estava na limusine do Star's – obrigou-se a se lembrar ao sorver um gole da bebida gelada, fazendo uma careta porque seus lábios ainda ardiam por conta das aplicações de colágeno. Não fora com o próprio carro porque não podia correr o risco de amedrontar-se e recuar no último instante, voltando para casa. Na limusine do Star's, estaria comprometida. Quando Sanford lhe perguntara por que não levaria o Rolls-Royce deles com o motorista, ela arranjou a desculpa de que talvez ele precisasse do carro assim que ela estivesse ausente; ademais, ela não precisaria mais do carro assim que tivesse subido a montanha e se registrado no hotel. Ela lhe examinara o rosto para ver se ele havia acreditado; sim, acreditara. Isso havia ocorrido pouco depois de ela ter surrupiado alguns preservativos do banheiro, colocando-os em sua bolsa, e Sandford quase a flagrara. Ele decerto perguntaria por que precisaria *daquilo,* já que ela alegava ir ao Star's para um descanso solitário e merecido depois da última e desgastante filmagem.

Ela percebeu que não precisava ter se preocupado. Jamais ocorreria a Sanford desconfiar de qualquer coisa que a esposa fizesse. A confiança era um dos pilares do casamento duradouro deles. Assim como o sexo. Carole jamais conhecera um amante como Sanford. Sentiu as pérolas repousando entre os seios e maravilhou-se uma vez mais com o modo surpreendente com que ele a havia presenteado. Fizeram amor novamente depois daquilo e, em seguida, Carole teve de se aprontar para a longa viagem até o Star's.

Um pouco curiosa a respeito das duas companheiras silenciosas de viagem, imaginando quem seriam elas e por que iam para o Star's, e se perguntando se elas achariam que ela estava bebendo demais (afinal, o Dom Pérignon fora oferecido às três, e somente ela vinha se servindo), Carole voltou o olhar para a janela escura e observou a paisagem. O fim de tarde no deserto pareceu-lhe sinistro, quase ameaçador, as sombras formadas entre as dunas de areia e os cactos pareciam profundas e sombrias demais, como se houvesse perigos escondidos ali. E a velha estrada que tinham tomado ao sair da rodovia estava estranhamente vazia. Quando Carole se deu conta de que há muito não cruzavam com outro carro, sentiu-se subitamente arrebatada pelo pânico. Qual era a aparência do motorista? Não conseguia se lembrar, só recordava vagamente de que se tratava de um belo jovem de uniforme preto, com botões prateados e o logo do Star's bordado em prata no lado esquerdo do peito. Mas quem *era* ele? Será que ele lhe informara o nome ao ajudá-la a entrar no carro? Ao indicar o champanhe, as garrafas de cristal de

uísque, gim e vodca no compartimento do bar, a caixa dourada de chocolate Godiva, ela se dera ao trabalho de realmente olhar para ele e ver quem era?

Carole desviou o olhar do deserto isolado e assustador e fitou a divisória que separava o assento do motorista dos passageiros. Controlando o impulso de apertar o botão para abaixá-la e assim poder olhar o chofer e a estrada adiante, bebericou o champanhe novamente e se perguntou mais uma vez se estava bebendo demais. Mas precisava daquilo para criar coragem e seguir adiante com seu plano, convenceu-se.

Como era possível, perguntou-se, três pessoas, ainda que desconhecidas, conseguirem andar no mesmo veículo por tanto tempo sem se falarem? Mas, pensando bem, o que poderia dizer às outras?

"Sabem, meninas, não estou realmente indo ao Star's para descansar depois de ter concluído meu último filme – ainda que seja o que meu assessor de imprensa tenha divulgado. Vou para lá para seduzir um homem que nem desconfia disso, alguém que eu mal conheço. E estou fazendo isso para salvar meu casamento."

Não, não poderia dizer tal coisa. Em vez disso, secou o conteúdo da taça, apanhou a garrafa e disse de repente:

– Normalmente não bebo desta forma, mas estou tão nervosa...

As outras duas olharam para Carole como se ela tivesse acabado de se materializar ali.

A mulher que estava sentada diante dela, na casa do cinquenta anos, com óculos de aro de tartaruga e um corte de cabelo estilo pajem fora de moda, piscou na direção de Carole e disse:

– Nervosa?

– Sim – confirmou Carole, afastando uma mecha de cabelo dourada do rosto e indicando a montanha coberta de neve que parecia se aproximar cada vez mais do carro. – Morro de medo de teleféricos.

– Teleféricos? Do que está falando?

Carole a fitou, confusa.

– Ora, daquele que nos levará até o Star's. O resort fica ali em cima – explicou, apontando para os picos formidáveis cobertos de neve que pareceram tão distantes durante a viagem, mas que, subitamente, estavam logo ali, assomando-se ameaçadores. – No cume do Monte San Jacinto. Não há outro modo de subir que não pelo teleférico.

A outra mulher olhou pela janela, inclinando o pescoço para trás para ver o

alto da montanha.

– Sim, eu sei que o Star's fica ali – disse. – Mas pensei que houvesse uma estrada – completou antes de fazer uma pausa para analisar a montanha coberta de neve. – Meu Deus, isso se parece com os Alpes! Não estou preparada para essa neve – disse de modo queixoso. Apanhou a pasta de documentos que jazia perto dos pés e a levou para o colo, como se estivesse se protegendo.

Avaliando as calças de linho da mulher, a blusa de seda e os sapatos que mostravam seus dedos, Carole se lembrou da pequena maleta que fora colocada no porta-malas da limusine – a única bagagem da mulher. Ainda em Beverly Hills, o chofer teve de fazer malabarismos para acomodar todas as malas de couro de Carole; afinal, ela passaria diversos dias no Star's. Ele também teve de conseguir espaço para a bagagem da terceira passageira, a mulher sentada ao lado de Carole e que, até então, não se pronunciara. Ela também tinha uma boa quantidade de malas; as dela, porém, não formavam um conjunto e também compreendiam um par de esquis e uma mochila de náilon, que foram acomodados no banco da frente ao lado do motorista. Só o que ela levara consigo para dentro do carro era uma pequena valise preta, parecida com uma maleta de médico. Carole espiou o nome gravado em dourado no couro: J. Isaacs, M.D.

Ao encher novamente a taça e tentar não sorvê-la em uma só golada, desejando que o champanhe no fim aplacasse a dor dos lábios inchados, Carole olhou mais uma vez para a mulher à sua frente e percebeu que ela lhe era familiar. Lembrou-se de onde a conhecia após um instante: ela era uma agente de atores, Frieda Goldman, e elas estiveram na festa depois da entrega do Oscar, em abril passado. A senhora Goldman devia ter representado algum dos nomeados para conseguir entrar nessa festa mais que exclusiva, e Carole perguntou-se quem teria sido. Quando percebeu o modo como Frieda segurava a pasta e olhava ansiosa para fora da janela, consultando o relógio a cada cinco minutos, Carole deduziu que ela devia estar indo para o Star's para fechar algum negócio. Um negócio muito importante. Na verdade, a mulher parecia prestes a explodir com boas notícias, Carole deduziu ao captar o sorriso nos lábios de Frieda. Por um instante, Carole ficou se perguntando o que poderia ser, mas, em seguida, recolhendo-se no luxuoso aconchego do casaco de pele de raposa prateada, ela voltou os pensamentos para o assunto do sexo e do grande problema de como conseguir ir para a cama de Larry Wolfe.

O carro saiu da velha autoestrada e tomou uma trilha esburacada, que tinha curvas até o pé da montanha, e gradualmente deixava para trás o terreno desértico.

Quando a limusine diminuiu a velocidade e depois parou, as três passageiras olharam para fora e viram uma guarita e um portão barrando a trilha. Aquele era o primeiro de três postos de controle projetados para manter afastados os curiosos, os hóspedes inesperados e os paparazzi. Não havia nada mais ali, somente a trilha solitária, que parecia não ser usada há anos, umas moitas que se espalhavam no contraforte e um guarda uniformizado, que trocou algumas breves palavras com o motorista, enquanto o vento desértico soprava os papéis de sua prancheta.

Quando o carro voltou a se movimentar e Carole viu uma placa ao lado da trilha que indicava "Estação Teleférica – 3 km", ela percebeu, desalentada, que em poucos minutos não haveria mais volta. Pegou novamente a garrafa de champanhe.

Neve! Frieda Goldman pensou ao olhar para o relógio de pulso pela enésima vez desde que saíra de Los Angeles. Devia ter previsto isso, uma vez que o lugar ficava no alto de uma montanha, e era dezembro. *Que seja*, concluiu Frieda, mal conseguindo conter a excitação, *posso lidar com qualquer coisa, mesmo com a neve, se isso significa arrematar o maior negócio de Hollywood*.

Os últimos dias haviam sido alucinantes, Frieda teve de lidar com muita coisa. Não conseguia acreditar em como as coisas ficaram complicadas. Primeiro, Bunny misteriosamente decidira estender a permanência no Star's quando, a princípio, ficaria ali só por algumas semanas – isso há quatro meses! Em seguida, a recusa inexplicável de se comunicar com Frieda pelo telefone, e agora aquela disparada dramática pela montanha coberta de neve. Não fora fácil conseguir um quarto no Star's; o hotel estava sem disponibilidade para reserva há meses. Somente um cancelamento de última hora salvara Frieda. Ela, então, telefonara para Syd Stern, o diretor, e lhe prometera ter o contrato com Bunny assinado, selado e entregue no dia seguinte.

Enquanto arrumava a bagagem apressadamente pela manhã, pensou em Palm Springs, que ficava ao pé da montanha, um oásis no cálido deserto, repleto de palmeiras e luz do sol. Juntara alguns artigos de higiene, seus poucos cosméticos, uma blusa extra e uma muda de roupas íntimas em uma valise, e apanhara um táxi para Beverly Hills. Agora, porém, enquanto fitava incerta a montanha, que parecia se agigantar diante dos seus olhos, ela visualizava nevascas, geadas e estalactites de gelo.

Frieda estava ansiosa para ver o resort que fazia as línguas da indústria do entretenimento trabalhar. O Star's era mantido envolto em segredo, como um

presente de Natal embrulhado em um papel dourado com fitas prateadas. Nunca se lia sobre o lugar em revistas e jornais; suas raras propagandas nada revelavam; e os agentes de viagem não dispunham de fôlderes ilustrativos. Só se sabia dele por meio da rede de fofocas do mundo do cinema; aqueles que se hospedaram no Star's gabando-se para aqueles que ainda não tinham ido. Frieda se lembrava do que uma de suas clientes lhe contara sobre o Star's, sobre o passatempo que era oferecido – um tipo de serviço discreto de acompanhantes, tanto para homens quanto para mulheres. Aparentemente, o acompanhante era apenas uma companhia para jantar ou para dançar, mas o serviço podia ser estendido para o quarto, se esse fosse o desejo do cliente. Isso fez Frieda lembrar-se de sua última viagem a Nova York, quando havia se sentado sozinha ao balcão de um bar de hotel e um jovem rapaz trajando uniforme de carregador delicadamente a abordou:

– Está hospedada no hotel? É o seguinte, se precisar de alguma coisa, dia ou noite, apenas ligue para a recepção e chame por Ramon. Consigo o que precisar – disse, inclinando-se para a frente e, com uma piscadela cúmplice, acrescentou: – *Qualquer* coisa.

Frieda ficara chocada naquela ocasião, como estava agora, só de pensar em fazer sexo com um completo desconhecido. Não esteve com nenhum outro homem desde o falecimento de Jake há dezesseis anos; esse era um longo período de celibato, mas Frieda acreditava que o sexo se originava no amor, ainda mais para uma mulher de 53 anos de idade, com dois filhos crescidos e cinco netos. Enquanto imaginava como seriam os acompanhantes do Star's, pensou no chofer que se encontrava do outro lado da divisória e no modo como ele lhe sorrira no hotel ao apanhar sua pequena valise. Um brilho no sorriso alvo, covinhas no alto das bochechas, um queixo quadrado de modelo e cabelo escuro comprido. Ela se perguntou se ele fazia serviços de acompanhante quando não estava dirigindo a limusine do Star's.

Frieda afastou tal pensamento da mente. Não estava se encaminhando para aquele iceberg para ir para a cama; ia para se encontrar com Bunny. E logo. O negócio não tinha como esperar; ela tinha de conseguir a assinatura de Bunny naqueles papéis dentro das próximas 24 horas, como prometido a Syd Stern. Conforme o carro avançava em direção ao pôr do sol desértico, colocando quilômetros de distância entre as passageiras e a civilização, Frieda mais uma vez se perguntava o que teria acontecido com Bunny. A pobre garota parecia ter se enfurnado naquele refúgio da montanha, como se as feridas por ter perdido o Oscar em abril não tivessem cicatrizado. Seria por isso que Bunny não atendia

seus telefonemas? No que quer que a garota estivesse se afundando, logo seria arrancada desse estado, e em grande estilo. Frieda, de tão ansiosa, mal se aguentava. Por que a limusine não ia mais depressa? Ah! Quando Bunny soubesse da novidade... Quando o *mundo* soubesse!

O som de vidro se chocando fez com que Frieda voltasse a olhar para Carole Page, que estava prestes a acabar com a garrafa de Dom Pérignon que estivera à disposição das três. Frieda não se importava em não tomar nada; recusara-o, de fato, porque estava se resguardando para comemorar quando mostrasse a Bunny o que trazia na pasta. Frieda tinha levado uma garrafa de Mandarine Napoleon, o licor predileto de Bunny, justamente para aquele momento especial. Elas o serviriam em gelo e fariam um brinde uma à outra, ao mundo e à linda e maravilhosa vida.

Quando a garrafa de champanhe vazia voltou para o balde de gelo, algo fez Frieda pensar que Carole Page não estivera bebendo por causa do nervosismo por ter de andar de teleférico, mas por motivos mais profundos e preocupantes. Frieda havia ouvido rumores na indústria de que o último filme de Carole – o quarto seguido – era uma bomba, um sinal de problemas na carreira. Frieda procurou ser discreta ao inspecionar a bela atriz, mas não deixou de notar o olhar conhecido e atormentado de Carole. Um consenso ao longo de toda Hollywood: a aparência de uma mulher tomada de assalto pelo processo de envelhecimento e assustada com isso. Carole Page fora espetacular aos vinte e no início dos trinta anos, quando tomava conta da tela de cinema com um fulgor e uma fascinação exclusivamente seus. Mas então, pouco a pouco, esse brilho pareceu começar a desvanecer, até que uma leve sombra de medo pairasse sobre aqueles olhos cor de safira. Frieda presenciara isso inúmeras vezes em seus anos como agente; era um mal tão antigo quanto a própria indústria cinematográfica. Mulheres lindas não tinham permissão para envelhecer.

Pressentindo a aproximação de um espirro, ela pegou a bolsa de crocodilo à procura de um lenço. Mal conseguindo conter o espirro antes de ele escapar, abafou um *atchim* com seu lenço de papel; Frieda lançou um sorriso de desculpas para a mulher sentada ao lado de Carole, que erguera momentaneamente o olhar. Era evidente pela maleta e pelo nome gravado nela que a mulher era médica. E ela também tinha a aparência de uma médica, pensou Frieda, nenhuma maquiagem, cabelo escuro, preso firmemente atrás da cabeça e mãos fortes e hábeis com unhas bem cortadas. Frieda deduziu que a médica devia estar perto dos quarenta, sem sinal de aliança no dedo, e ficou se perguntando o que a levara a querer se enterrar

na neve.

O carro parou diante do segundo portão, onde outro guarda comparou as passageiras com a lista em sua prancheta, e depois voltou a se movimentar pela trilha que se estreitava e se tornava mais íngreme ao redor da colina. Subitamente, a luz solar desapareceu, e a noite cobriu o deserto. Paredes altas de granito se avolumavam sobre a limusine, enquanto ela cortava o caminho cheio de pedras enormes e rochas de formação pré-histórica. Sombras compridas projetavam-se de ravinas e desfiladeiros, os arbustos cederam lugar a pinheiros pontiagudos, e o ar ficou mais gelado, mesmo sem a presença da neve naquela altitude. Frieda só conseguia imaginar como seria o resort: aparentemente rústico, com os esnobes insuportáveis do cinema pagando toneladas de dinheiro para desfrutá-lo. Mas ela se consolava pensando nos seus 15% do contrato de milhões de dólares, que conquitaria assim que Bunny assinasse a papelada.

– Deve ser aqui – comentou Carole, quando o veículo parou diante de uma construção simples, sem janelas, sem indicação do que fosse, somente uma porta comum, simples. Havia um pequeno estacionamento ao lado, tomado de Jaguares, BMWs, um Corvette clássico e duas Ferraris vermelhas. E um segurança patrulhando-o. Logo acima do teto reto da pequena construção, viam-se as primeiras torres de cabos, com o canto do barracão que abrigava a casa das máquinas do teleférico.

Quando o chofer abriu a porta do passageiro, permitindo a entrada de uma golfada de ar ártico, Carole conteve-se, pensando que aquela era a última chance de abandonar seu plano insano, dar a volta e retornar para Sandford. Porém, lembrando-se de que faria aquilo por ele, aceitou o apoio da mão enluvada do motorista, retribuiu-lhe o sorriso com outro que esperava ter sido igualmente charmoso e caminhou para a porta sem adornos. Frieda Goldman saiu em seguida, segurando a pasta e sentindo o ar alpino que descia pela montanha atingindo-a através das roupas de veraneio. O motorista lançou-lhe um sorriso sensual, e ela notou como a pegada dele era forte. Apressou-se atrás de Carole, rezando para que a construção fosse aquecida. A terceira mulher saiu por último, segurando a jaqueta com uma mão e a maleta de médico com a outra. Não aceitou a ajuda do motorista; não percebeu e tampouco retribuiu o sorriso, porque tinha seus olhos fixos na montanha que se erguia em sua promessa e majestade formidáveis. Ela seguiu Carole e Frieda pela porta e logo foi recebida por uma vista mais clara e arrebatadora da montanha através de uma parede de vidro do outro lado do cômodo. Foi também surpreendida: a pequena construção era uma estação de

embarque do teleférico, e em nada se assemelhava com o isolamento inóspito que a circundava.

A doutora Judith Isaacs certa vez voara de Concorde para Londres para uma convenção médica, e a sala de espera da British Airways em Nova York lembrava tudo aquilo: numerosas pessoas movendo-se ao redor de um bufê enorme e um bar bem equipado. Mas na sala de espera do Concorde fora empregado o tom cinza típico de aeroportos, enquanto a sala de espera do teleférico do Star's tinha sido decorada com uma atmosfera moderna e desértica – sofás de linho branco, almofadas fofas, tapetes indígenas, esculturas pré-colombianas e palmeiras e cactos em gigantescos vasos do sudoeste.

Judith rapidamente percorreu o ambiente com o olhar à procura de crianças, mas não viu nenhuma. Prometeram-lhe que não haveria crianças no Star's. Relaxou um pouco.

– Setenta por cento de seus pacientes no Star's serão de cirurgias plásticas – disseram-lhe durante a entrevista de emprego.

Enquanto olhava ao redor para os outros hóspedes que esperavam tranquilos pela chegada do teleférico, sentados com seus casacos de zibelina e jaquetas de lince, com os esquis e bolsas de tacos de golfe, com rostos famosos ou parecendo ser, ela perguntava-se o que aquelas pessoas perfeitas e belas desejavam melhorar cirurgicamente. Talvez alguns deles acabassem sendo seus pacientes, pensou; talvez Carole Page, que se mostrara tão nervosa no carro, bebendo todo o champanhe e tocando os lábios com certa frequência, acabasse em sua sala de exames. Judith deduzira que a atriz tivesse preenchido os lábios – a linha artificial esbranquiçada da boca e a ligeira abertura achatada do lábio superior eram indicativos de injeções de colágeno. Judith também se perguntou se Carole vinha ao Star's para outras intervenções cosméticas, ainda que não pudesse adivinhar o que mais alguém magro e com seios fartos desejasse. Isso, no entanto, não importava a Judith. Quaisquer problemas e aflições que essas pessoas ricas e famosas lhe trouxessem – remoção de rugas e tendinites por excesso de partidas de tênis, rinoplastias e contusões de esqui – não seriam como a prática da medicina real. A doutora Isaacs jurara nunca mais exercer a medicina de verdade novamente.

Aproximou-se da parede gelada e envidraçada e levantou o olhar para a montanha de neve que assomava no crepúsculo desértico. O cume do Monte San Jacinto estava escondido por trás da neblina, por isso não se via o resort, o que lhe atribuía ainda mais mistério e aumentava a ansiedade em trabalhar em um lugar que nunca tinha visto. As rampas entalhadas e as ravinas toscamente desbastadas

eram tingidas por cores estranhas, quase artificiais, intensamente vívidas e profundas, com a cadeia Santa Rosa reluzindo um tom vermelho dourado, onde sombras púrpuras sem-fim preenchiam as gargantas e os arroios. Aquilo lembrou Judith do quadro de Maxfield Parrish que tinha na parede do quarto principal em sua casa. Que *estivera* pendurado no quarto principal.

Ela notou movimentos no reflexo da sala de espera atrás de si, alguns casais sentados juntos, murmurando algo, bebendo drinques, outros hóspedes sentados sozinhos, dedos tamborilando nervosamente, lançando olhares furtivos, porém cúmplices. Judith imaginou quantos encontros ilícitos ocorreriam naquela noite, como aquela atriz de cabelos escuros sentada ao bar, conhecida por seu papel de megera em uma novela – ela insistia em olhar de relance, por sobre o ombro, para o rapaz sentado no canto, que evidentemente fingia ler uma cópia do *Hollywood Reporter* enquanto retribuía os olhares rápidos e fugidios. O romance pairava no ar, Judith concluiu; talvez, mais precisamente, o sexo estivesse no ar. O riso ocasional parecia estar carregado dele; o champanhe reluzia com ele. Quando viu o chofer do outro lado da sala de espera trazendo sua bagagem, tão alto, jovem e de ombros largos, ela percebeu que ele também parecia ter sido feito para o sexo.

Então, no reflexo do vidro, ela viu Carole Page distanciar-se do bar com uma taça de vinho, e Judith pensou o quanto a atriz se encaixava naquela bela multidão, magra e estonteante com os cabelos loiros cascateando por sobre os ombros, em seu casaco prateado de pelo de raposa. Carole lançou um olhar ansioso ao redor ao cruzar a saleta e depois aproximou-se do vidro ao lado de Judith. Juntas fitaram em silêncio o cabo de aparência frágil do teleférico, que balançava além do contraforte da estação, elevando-se acima da costa íngreme coberta de pinheiros e desaparecendo nas nuvens no alto. Depois de um instante, como se ela e Judith já estivessem conversando, Carole disse de repente:

– Dizem que é assombrada.

– Perdão. O que disse?

– A mansão do Star’s – esclareceu Carole. – Costumava pertencer a uma estrela do cinema mudo que desapareceu misteriosamente nos anos 1930. Era chamada Star’s Haven, o refúgio da estrela, e um homicídio ímpar ocorreu lá, o de um diretor de cinema que era um depravado. Chamam o caso de o Assassinato do Banheiro Obsceno. Marion Star era a principal suspeita, e ela desapareceu. Nunca descobriram quem o matou.

Judith ficou olhando para Carole por um momento, depois fitou novamente a montanha, que rapidamente era engolida pela noite. Pensou na entrevista de

emprego que teve com o gerente geral do resort há algumas semanas e em como não houve menção do proprietário do Star's ou da identidade do verdadeiro empregador de Judith. E agora ela se dava conta do quão estranho era ir trabalhar para alguém que ela nunca encontrara, cujo nome sequer sabia. Então, perguntou a Carole:

– Sabe quem é o proprietário?

– Não, também não conheço ninguém que saiba. Tenho amigos que já se hospedaram aqui, mas ninguém jamais conheceu o dono. Existem boatos de que ele, ou ela, tenha um passado sórdido, mas eu não sei de nada.

Caíram em silêncio novamente enquanto observavam o carro do teleférico, que se assemelhava a um brinquedo descendo lentamente a montanha. Não parecia grande o suficiente para comportar todas aquelas pessoas, e os cabos não pareciam fortes o bastante. Carole pensou que, no fim, tinha mesmo medo de teleféricos e tomou mais um belo gole de champanhe. Judith pensou que o cabo só precisava ser forte o bastante para levá-la montanha acima, porque, uma vez lá, ela não pretendia descer nunca mais.

No bufê, Frieda Goldman inspecionava as porções generosas e decidiu pelo cogumelo recheado com caranguejo. Ao mordiscar, imaginando quantas calorias tinha aquilo, olhou ao redor da sala, que se mostrava uma surpresa. Reconheceu muitos dos que ali estavam; em grande parte eram da indústria cinematográfica, e todos pareciam eletrizados. O ar estava carregado de excitação e expectativa, e quando ela viu as faíscas dos diamantes e do ouro, sua impressão sobre o resort na montanha mudou. Poderia haver neve e gelo, mas ainda era elegante e luxuoso; haveria tudo do melhor. Ela começava a suspeitar do motivo que levara Bunny a permanecer lá por tanto tempo – estava se divertindo bastante. Frieda assim especulou ao perceber o pecaminosamente e lindo chofer; possivelmente a pequena e rústica garota Kowalski de Scranton tivesse encontrado amor e romance afinal.

Frieda cruzou a sala em direção ao local onde Carole Page e a médica estavam de pé e murmurou:

– Bom Deus... – falando enquanto seus olhos se arregalaram por detrás dos óculos de aro tartaruga. – Já estamos no Polo Norte – disse balançando a cabeça, porém os cabelos grisalhos permaneceram intocados no corte pajem.

– Ouvi dizer que o Star's é uma versão reduzida do Castelo Hearst – Carole mencionou baixinho, como se temesse perturbar a montanha. – É repleto de histórias do cinema. Muitas pessoas só vêm para ver o local do assassinato. Mas

vim aqui para descansar.

Aquilo não era verdade. Carole estava ali porque Larry Wolfe também estava indo para lá, para escrever a história de Marion Star. Tinha esperanças de seduzi-lo, conseguir o que queria e descer a montanha o quanto antes.

– Haverá um jantar dançante de Natal no sábado à noite – Judith disse. – E, pelo que sei, é muito difícil conseguir um convite. Mas, como hóspedes, é claro que vocês estão convidadas.

– Não estarei aqui para o baile – explicou Frieda, envolvendo-se de excitação. – Já terei ido embora antes disso.

– Eu também – ecoou Carole cheia de esperanças.

Ambas estavam equivocadas.

2

PHILIPPA TINHA ACABADO DE ditar “Elogie seus sucessos” ao gravador, quando levantou o olhar e viu, através da grande janela acima de sua escrivaninha, um jovem vindo da praia na direção do terraço da sua casa. Ele estava sem camisa, os braços delgados e musculosos e o peito brilhavam sob o sol australiano. Descalço e sem chapéu, tudo o que ele usava era um par de jeans apertados. Enquanto ele subia os degraus do terraço, Philippa visualizou as coxas fortes, as nádegas sensuais e um volume promissor comprimido pelo zíper.

Ela o fitou, a mão ainda segurando o microfone, a fita ainda correndo.

Ele continuou descaradamente pelo terraço. Atrás dele, o sol reluzia como estrelas na água do rio Swan, onde barcos de todos os tipos cruzavam pelo amplo canal, com suas velas brancas infladas e majestosas. Pela janela aberta, Philippa ouvia os risos e os gritos animados dos veranistas das praias adjacentes, o ronco dos motores, os guinchos das gaivotas. Em um relance vermelho, preto e branco, papai Noel subitamente passou voando nos esquis aquáticos, com a barba branca esvoaçando para trás, enquanto acenava para a praia, lembrando a todos que já era dezembro, o auge do verão, e que o Natal seria dali a apenas duas semanas.

Philippa observou o jovem caminhar até a ponta da piscina de estilo italiano e parar entre as colunas dóricas que circundavam a água esverdeada. Sua pose era casual e despreocupada enquanto parava sob o sol, com o cabelo longo e loiro resvalando os ombros nus e com uma atmosfera de expectativa o envolvendo. Philippa estava hipnotizada com o microfone esquecido na mão.

Então, com total despreocupação, o jovem abaixou o zíper dos jeans. E quando eles desceram, revelaram mais pelos loiros, mais pele dourada, sem nenhum traço de brancura em qualquer parte, como se fosse um jovem deus que acabara de nascer do sol. Ele parecia um típico surfista australiano, dos quais Philippa vira aos montes nas praias de Sydney e de Melbourne. Ali, em Perth, na costa oeste da Austrália, seu tipo seria encontrado nos barcos de coleta de pérolas

ou entre os praticantes de windsurfe, um daqueles arrogantes e temerários jovens australianos que zombavam da mortalidade e acreditavam em sua eterna juventude.

Philippa percebeu sua autoconfiança, sua indiferença com o fato de que alguém pudesse estar olhando, quando ergueu os braços e se alongou langorosamente. Quando Philippa viu a ereção, arfou profundamente.

Desligando o gravador, levantou-se da escrivaninha, caminhou pela casa até a sala de estar que se abria para o terraço e aguçou os ouvidos para ouvir barulhos da cozinha. Será que a cozinheira tinha visto o jovem?

Enquanto ela permanecia lá, observando-o, ele fez uma pausa, olhou ao redor e mergulhou na água esverdeada, atravessando-a praticamente sem nem chapinhar.

Um barco de velocidade subitamente passou pelo rio, deixando uma trilha de espuma branca para trás enquanto os passageiros gritavam: “Olá!” e “Bom dia!” antes de desaparecerem de vista.

A mansão de Philippa situava-se na margem norte do rio Swan, em uma rua chamada Jutland Parade, no subúrbio chique de Dalkeith em Perth, no oeste da Austrália, considerado o distrito mais luxuoso do país. Com razão, recebera a alcunha de Travessa Milionária, e os ônibus de turismo passavam por ali com regularidade. O povo local chamava isso de Tour da Muralha, pois tudo o que os turistas viam eram os muros que circundavam as propriedades. Os milionários atrás desses muros se comunicavam com o mundo exterior por interfones em seus portões vigiados eletronicamente e toda vez que se aventuravam além dos seus muros protegidos, faziam--no em carros de vidros escuros. Ou pelo lado oposto, em barcos a vela, brigues e iates.

Na maré baixa, podia-se andar por toda a costa até Point Resolution, onde eucaliptos enormes cediam lugar a moitas de bambu, figueiras selvagens e mamoneiros. De lá, a vista das marinas de Fremantle era espetacular, sendo possível ver os barcos a vela dos ricos oscilando ao vento. Além dali, jaziam as águas azuis do Oceano Índico, com suas águas agitadas e seu vento agressivo que os velejadores chamavam de Doutor Fremantle.

Tentando ouvir os sons dos criados, mas ouvindo som nenhum na casa tranquila e silenciosa, ela aventurou-se a sair para o sol ofuscante do terraço.

Por causa do calor, Philippa estava trabalhando de shorts, com uma camisa amarrada na cintura e sem sutiã. Trabalhava em seu escritório, onde escrevia seu novo livro *O plano Starlite de beleza e perda de peso em 99 passos*. Era a sequência do livro anterior – *A Dieta Starlite de 1 Hora* –, que encabeçara a lista

dos mais vendidos por mais de um ano. O plano em 99 passos não era, de fato, uma novidade; era mais um resumo de todo o programa Starlite. O resumo, na verdade, do trabalho de uma vida inteira de Philippa. “Elogie seus sucessos”, que ela acabara de ditar no gravador, era o passo 43 do plano.

Caminhou para a beira da piscina e observou fascinada enquanto o corpo jovem e dourado passava de um lado para o outro na superfície da água esverdeada. Quando ele emergiu para tomar ar, lançando o cabelo para longe do rosto, ele pareceu não notar Philippa, pois voltou a mergulhar em direção ao outro lado da piscina.

Enquanto o observava nadar um pouco mais, Philippa percebeu o quanto se sentia excitada. Olhou de relance novamente em direção à casa para ver se alguém a olhava. Envolvida no escaldante sol de verão, sentindo-se como se fosse de outro mundo, desceu o primeiro degrau, mal percebendo a água, ao mesmo tempo fria e quente, envolvendo-a pelos tornozelos.

O sol ardente a castigava enquanto descia mais um degrau, instigada não por um esforço consciente, mas por algo mais profundo e instintivo. As paredes brancas ao redor do terraço pareciam pulsar com a luz do sol, as palmeiras e arbustos em vasos gigantescos eram quase verdes demais, as folhagens lisas reluziam como esmeraldas. A mansão de Philippa tinha um projeto egeu, tendo sido construída por um australiano, magnata da cerveja, que um dia visitara a Grécia e se apaixonara pelas construções das ilhas gregas. A casa era o refúgio temporário de Philippa do mundo; ela a herdara há um ano e fora para lá para acalentar sua dor. Uma dor que estava sempre com ela, mesmo agora que sentia a água se movimentar ao redor das coxas, molhando a barra dos shorts.

Philippa Roberts administrava um império financeiro que lucrava milhões todos os anos; ela tinha um iate, um jatinho particular e uma coleção inestimável de artefatos aborígenes da Austrália Ocidental. Podia comprar tudo o que desejasse ou viajar para qualquer parte no mundo. No entanto, quando o Tribunal de Sucessões finalmente lhe passara a propriedade da mansão, ela vira a casa apenas uma vez antes de decidir escrever o livro ali. Ela mal havia colocado os pés para fora da mansão nos dez meses em que ali morava, a não ser para caminhar até Point Resolution na mesma hora todos os dias, para, então, continuar sua vigília particular.

Ela desceu o último degrau e parou na parte mais rasa, com a água na cintura. O jovem nadador tinha chegado à ponta oposta e emergiu da água com respingos dourados e prateados. Ele já estava pronto para voltar a mergulhar quando a viu;

ficou parado, com gotas escorrendo pelo corpo, o peito arfante. Encarou-a por um segundo, depois começou a nadar na direção dela, com a cabeça acima da água e os olhos fixos na mulher.

Nadou direto em sua direção, e quando se ergueu, estava tão perto de Philippa que ela conseguia ver as gotas de água cintilando nos cílios e sobrancelhas dele. De maneira extraordinária, sua respiração já parecia normal. Sem dizer nada, ele juntou as mãos, apanhou um pouco de água e deixou-a cair sobre a blusa de Philippa. A umidade repentina a surpreendeu – e também a excitou. Ele continuou a jogar água até que a blusa estivesse encharcada e os mamilos dela estivessem evidentes na transparência do tecido.

Em seguida, ele desceu as mãos para o nó na cintura e o desfez. Depois, desabotoando a camisa, deslizou-a pelos ombros com suavidade e deixou-a cair na água, na qual a roupa se afastou, flutuando pela superfície. Apesar do calor de verão, Philippa estremeceu. Quando ele lhe segurou os seios, ela sentiu uma faísca a atravessá-la a partir do peito, passando pelo coração e atingindo um ponto em seu âmago, onde ela carregava sua dor. A dor reagiu de leve – uma pontada profunda, mas sutil. E então, para sua surpresa, ela começou a abrandar-se, como se as mãos dele sobre sua pele funcionassem como um bálsamo.

A cena toda pareceu acontecer em câmera lenta, enquanto ela permanecia imóvel, enfeitiçada, com as mãos dele acariciando seus seios. Em seguida, ele afundou e começou a puxar os shorts dela para baixo. Quando os retirou, afastou-lhe as pernas e nadou por entre elas, resvalando-lhe o interior das coxas com o longo cabelo sedoso. Ele emergiu por trás dela, virando-se para espalmar os seios; a língua descia pelo pescoço, enquanto ela sentia a ereção pressionando-lhe as nádegas.

Philippa sentiu-se pegando fogo, mesmo dentro d’água. A mão dele escorregou sobre sua barriga, o umbigo... Recostou-se contra ele quando um dedo a invadiu, e ela sentiu a dor começar a derreter. Em um impulso, virou-se e procurou-lhe a boca.

Ao caírem novamente na água, beijando-se, a paixão deles tornou-se mais urgente. Uma campainha soou no interior da casa, um aviso de que um carro passava pelos portões eletrônicos. Contudo, nenhum deles ouviu.

Na passagem de carros de tijolos vermelhos, um táxi parava exatamente quando Nyree, a empregada doméstica de Philippa, uma mestiça de aborígene, apressava-se escadaria abaixo.

– Senhorita Charmer! – exclamou ela quando a passageira saiu.

– Olá, Nyree – disse Charmie ao pisar nos tijolos vermelhos quentes e entrefechar os olhos ante a luminosidade do sol, que parecia bem mais clara e transparente do que na Califórnia.

Nyree era descendente da tribo Pilbara; era alta, com o cabelo sedoso e castanho preso em um nó firme, olhos escuros profundos e uma boca larga sempre rápida a formar um sorriso, apesar do ar esnobe que parecia acometê-la. Ninguém sabia com exatidão sua idade, mas a maioria das pessoas estimava que ela devia estar entre os cinquenta e sessenta anos, e ela postava-se com uma dignidade que alguns entendiam como presunção. Ela acompanhava Philippa há nove meses e sentia um intenso senso de proteção em relação à patroa. O uniforme que vestia fora ideia dela própria; Nyree, de fato, insistira nisso.

– Senhorita Charmer! – exclamou ela novamente.

– O que aconteceu, Nyree? Você parece surpresa em me ver. Philippa não a avisou da minha chegada?

De fato, a criadagem fora avisada da repentina visita de Charmie. Todos foram alertados de que, uma vez que a senhorita Charmer costumava passar o Natal com a família nos Estados Unidos, aquela era uma visita excepcional e, portanto, algumas considerações especiais teriam de ser feitas. Não sabiam quanto tempo ela se demoraria ou o que ela e a senhorita Roberts fariam enquanto ela estivesse ali. Poderiam oferecer uma festa de Natal, Philippa informara à governanta, ou arranjariam uma excursão rio acima, e possivelmente uma expedição de compras em Perth.

– Sim, avisou – respondeu Nyree com hesitação. – Mas acreditávamos que a senhorita chegaria mais tarde. Chegou cedo.

Charmie sorriu.

– Tivemos um vento a favor.

– Deveria ter telefonado, eu teria enviado um carro para buscá-la.

– Não me importo em tomar táxis.

Quando Charmie começou a andar na direção da casa, Nyree sinalizou para um garoto pegar a mala dela e disse:

– Posso providenciar algo para a senhorita?

– Claro que sim! Gim tônica, por favor, Nyree. Em um copo alto, pouca tônica. Onde está Philippa, no escritório?

Nyree se pôs diante dela.

– Informarei a senhorita Roberts de sua chegada.

– Não precisa, vou surpreendê-la – replicou Charmie, perplexa com o

nervosismo pouco característico da mulher. Subiu os degraus, entrando no frescor do interior da casa de estilo egeu. Ao passar pelo vestíbulo, onde uma parede de acrílico expunha uma coleção de quadros de arte aborígine nativa, ela se viu intrigada por Nyree mostrar-se tão agitada. Charmie sabia que estava sendo esperada; falara com Philippa antes de embarcar em Los Angeles.

Ela era a presidente do comitê executivo das Indústrias Starlite, da qual Philippa era a fundadora e diretora presidente, e estava ali a negócios. Desde que Philippa havia decidido se exilar temporariamente na parte mais ao sul do globo, Charmie passou a assumir a operação diária da corporação na matriz em Los Angeles, reportando-se a Philippa pelo telefone. Viera à Austrália três vezes nos últimos dez meses, parte a lazer, para visitar sua melhor amiga, mas aquela viagem em particular não era por diversão. Charmie não disse nada a Philippa pelo telefone, mas trazia notícias perturbadoras.

Charmie ouviu o barulho da água na piscina antes de chegar ao terraço. Pensou em se trocar rapidamente e vestir o maiô, surpreendendo Philippa ao se juntar a ela na piscina, quando viu duas cabeças de cabelos molhados na luz do sol, os cachos castanhos avermelhados de Philippa mais vermelhos do que de costume, e os outros loiros...

Charmie parou e encarou aquela cena.

Philippa estava de costas e tinha os olhos fechados, os braços esticados para se segurar na beira da piscina, enquanto um jovem flutuava sobre ela, o corpo criando ondulações ao se mover para a frente e para trás. Quando ele percebeu algo pelo canto do olho, levantou a cabeça e, vendo Charmie parada ali, imobilizou-se de súbito e murmurou:

– Ó-ou...

– Não pare – disse Philippa, mas ao perceber a expressão dele quando se afastou, ela virou-se e encarou a amiga com surpresa. – Charmie! – exclamou. – Chegou cedo!

– Olá, Philippa – respondeu Charmie com um sorriso ao avançar pelo terraço e se recostar contra uma das colunas dóricas. Depois olhou para o moço que estava parado com a água na cintura, sorrindo para ela, sem importar-se com a própria nudez. – Olá, Ricky – cumprimentou-o.

– Olá, senhorita Charmer. É bom vê-la novamente.

– Bem – sussurrou Philippa. – Acho que é isso.

– Posso entrar se você quiser... – Charmie disse.

Mas Philippa riu e respondeu:

– Não, está tudo bem. Passe-me o roupão, por favor – ela apontou para o roupão felpudo que tinha sido colocado ao lado da piscina mais cedo, em antecipação à sua "nadada" com Ricky. Voltando-se para o jovem, disse: – Não precisarei de você por enquanto. As minhas anotações dessa manhã ainda estão no gravador. Transcreva-as para mim, por favor, e depois pode cuidar do resto da correspondência.

– É para já, senhorita Roberts! – disse ele, e em um movimento fluido o rapaz despreocupado suspendeu-se da piscina, concedendo a Charmie um breve vislumbre de suas partes posteriores, para depois desaparecer entre as colunas para o interior da casa.

– Ora, ora! – exclamou Charmie ao ver Philippa envolver-se no roupão, invejando a figura delgada da amiga. Somente um ano mais velha que Philippa, porém mais pesada, Charmie há muito tempo desistira da batalha das dietas. As duas amigas tinham atravessado um longo caminho desde os tempos da Clínica de Obesidade Tarzana. Na época, Philippa pesava 95 quilos.

– Há quanto tempo *isso* vem acontecendo? – perguntou Charmie.

– Cerca de um mês – informou Philippa. – Aconteceu por acaso. Eu, por certo, não tinha intenção alguma de envolver-me com o meu secretário – completou virando-se de frente para a amiga. – Ricky ajuda a aplacar a dor, Charmie.

– Ei, quem sou eu para discutir... – Charmie disse e depois se calou por um instante, fitando a água ondulante, com um olhar perdido e desejoso. – O que Esther acharia disso? – questionou, referindo-se à filha de Philippa, que estava na universidade na Califórnia. Ricky era poucos anos mais velho que Esther.

– Acho que ela não aprovaria – respondeu Philippa, caminhando para a parte sombreada do terraço.

Quando Philippa contara à filha que tinha contratado um secretário, Esther disse que era "maneiro". Mas quanto ao fato de ela fazer sexo com ele...

– Como foi seu voo? – perguntou ao se afundarem nas confortáveis poltronas externas, debaixo de um toldo listrado. A mesa de ferro branca já havia sido servida com uma garrafa de vinho gelado, uma travessa de maçãs-da-Tasmânia, mangas, kiwis e uma porção de brie com torradas. Tudo isso fora arranjado por Nyree para sua patroa quando ela percebera o que vinha acontecendo na piscina.

– Pareceu durar uma eternidade! – replicou Charmie, fitando a comida com certo ceticismo. Durante suas estadas na Austrália, desenvolvera predileção pela comida local, e não havia indícios dela ali. – Por que a Austrália tem de ser tão

longe?! E como está se saindo com o livro? – ela questionou.

– Tudo bem até agora – disse Philippa ao esticar a mão para uma caixinha incrustada na parede branca e apertar um botão. Quando ouviu uma voz masculina dizer “pois não, senhorita Roberts”, ela pediu:

– Ricky, por favor, traga as páginas de ontem.

– Está apaixonada por ele? – Charmie quis saber.

– Por Ricky? – disse Philippa. – Não. Mas acho que ele está por mim, ou talvez pela *ideia* que faz de mim. Mas isso passará – esse tipo de paixão sempre passa.

– Deduzo então que Esther não virá passar o Natal com você.

– Minha filha está apaixonada! E dessa vez acho que é para valer.

Esther estudava bioquímica com a intenção de trabalhar em pesquisa; recentemente havia informado à mãe que estava em um relacionamento *sério* com outro estudante de bioquímica.

– Esther me perguntou se eu me importaria se ela passasse as festividades na Califórnia. Respondi que não me importava – explicou Philippa olhando para a amiga. – Mas, falando nisso, por que não está em Ohio com Nathan e as crianças?

Charmie colocou a pasta de couro que trazia consigo na mesa.

– Philippa, precisamos conversar – disse ela, com bastante seriedade.

Philippa olhou para aquela mulher que era sua melhor amiga há anos. Charmie apresentava-se como uma sensualista impenitente que abraçava a vida com cada um de seus cinco sentidos. A túnica exuberante que vestia, rodopiando ao redor da figura generosa, em extravagante seda rosa flamingo e água-marinha, era uma peça típica do seu guarda-roupa, que consistia basicamente em conjuntos de seda e cetim que drapejavam, flutuavam e nadavam ao redor do seu corpo. O cabelo, em um tom loiro escuro, quase como o do uísque, estava arranjado no alto em um rabo mal penteado, preso com um lenço de seda rosa e verde combinando. Joias largas e pesadas completavam a figura: uma fileira de contas de plástico do tamanho de bolas de golfe ao redor do pescoço, pulseiras gigantes chocando-se nos dois pulsos.

– Más notícias? – perguntou Philippa.

– Não são boas – respondeu Charmie, e percebeu a reação imediata no olhar da amiga e no aprumar dos ombros, algo que ela testemunhara inúmeras vezes no decorrer dos anos, toda vez que desafios impunham-se a Philippa.

Charmie desejava que a amiga conseguisse enfrentar essa nova crise com a mesma resolução com que havia enfrentado todas as outras. Philippa era uma

mulher que lutara para acreditar em si, assim como ensinara outros a lutarem para acreditarem em si em vez de se medirem de acordo com as opiniões dos outros.

"Ignore o que os outros dizem", Philippa tinha dito certa vez, ao lado de uma cama de hospital, onde Charmie lutava para continuar viva. "Esqueça todos, defenda-se e siga seu próprio caminho."

A vida de Charmie mudara a partir daquele momento, e ela não olhava para trás desde então.

Nyree apareceu com uma bandeja de bebidas, o gim gelado em copo alto para Charmie, chá gelado para Philippa. Ela lançou um olhar inquisitivo para a patroa, olhou de relance para a piscina e depois desapareceu de volta na casa.

– Quaisquer que sejam as notícias ruins, estou contente de que esteja aqui – disse Philippa depois de experimentar o chá e apreciar seu sabor revigorante. – Acredito que *eu* tenha boas notícias. Ivan Hendricks me ligou dois dias atrás. Ele tem novidades e está a caminho para contá-las pessoalmente.

– Ivan! – exclamou Charmie, alegrando-se subitamente quando a lembrança do encontro sexual explosivo que tivera com o investigador pessoal surgiu em sua mente. – Do que se trata?

– Ele acredita ter encontrado minha irmã.

Quando Charmie a fitou com ressalvas, Philippa logo acrescentou:

– Eu sei, ele já disse isso antes. Mas, dessa vez, ele parece ter certeza. Ele disse que tem provas concretas para me mostrar. Ah, eu sei que não deveria alimentar esperanças, mas não consigo evitar.

Por muitos anos, Philippa procurava pela irmã, uma gêmea da qual fora separada no nascimento.

– Quando ele chega?

– Logo. Ele disse que chegaria no voo matutino da Qantas.

Uma sombra longa recaiu sobre elas e, então, levantaram o olhar para ver Ricky parado sob o sol, o cabelo dourado molhado estava penteado para trás, preso em um rabo de cavalo. Os jeans tinham sido substituídos por bermudas, e ele vestia uma camisa safári engomada, aberta no colarinho. Ele sorriu amplamente ao entregar um maço de papéis a Philippa e disse:

– Os papéis de ontem, senhorita Roberts.

– Obrigada – agradeceu ela, pegando-os.

Charmie o observou se afastar e, ainda atônita pelo que presenciara na piscina, murmurou:

– Ora, ora...

– Aqui estão minhas anotações mais recentes – disse Philippa, entregando as folhas a Charmie. – Diga-me o que acha.

– “Passo 36: manteiga light se espalha em uma camada mais fina” – Charmie começou a ler os passos em voz alta. –. “37: AbDENTRO”. Gostei desse. É um neologismo, não? – perguntou olhando para Philippa.

– Pensei nele na semana passada.

Charmie retomou a leitura:

– “Passo 38: meio litro de líquidos equivale a meio quilo. Passo 39: Não coma de pé perto da pia.”

Ela olhou novamente para Philippa, e seus olhares prenderam-se por um segundo; as duas lembrando-se da época em que Charmie fazia uma travessa de espaguete à carbonara e comia de pé ao lado da pia, direto da frigideira, para depois lavar a louça apressada, antes que o marido chegasse.

Charmie suspirou e devolveu as folhas a Philippa. Velhos hábitos há muito tempo superados.

– Gostei – informou. – Já tem todos os 99?

– Ainda não. Faltam cerca de dez.

– Que tal: “Sexo queima calorias”?

Philippa riu. O livro, na verdade, fora ideia de Charmie. Quatro anos tinham se passado desde o último best-seller da Starlite, e pareceu a Charmie que seria uma boa terapia para Philippa escrever um novo livro, pois ainda tentava lidar com uma morte trágica e prematura.

– Então – retomou Philippa. – Por que está aqui?

– Por dois motivos, na verdade. Aqui vai o primeiro – começou Charmie e colocou um recorte do *Wall Street Journal* diante de Philippa. – Esta companhia vem lentamente adquirindo ações da Starlite.

Depois de Philippa ler o artigo, ela lançou um olhar intrigado para a amiga.

– Eles já compraram quase 3% das nossas ações. O que acha que isso pode significar?

– Não faço ideia. Fiz algumas pesquisas a respeito da Miranda Internacional, que está sedeada no Rio, e eles basicamente estão envolvidos na importação de borracha e castanhas.

– Chegou a contactá-los?

– Alan estava cuidando disso quando saí de lá – informou, referindo-se ao diretor financeiro da Starlite, também membro do comitê executivo.

– Suspeita que eles estejam planejando tomar o controle da empresa?

Charmie deu de ombros.

– Isso é um mistério para todos nós. No entanto, temos de nos apressar e por um ponto final nisso. Alan vai pedir que eles assinem um acordo de suspensão de compra. Mantenha os dedos cruzados até lá.

Ao reler o artigo, a curiosidade de Philippa aumentou. Quem ou o que era a Miranda Internacional, e por que eles demonstravam um súbito interesse pela sua empresa?

– Tomar posse da nossa empresa não faria sentido, Charmie. Não temos tanto caixa nos nossos balanços, o que nos tornaria desejáveis. E a Starlite nunca foi vista como um bom investimento de curto prazo. O que essas pessoas têm em mente?

Charmie estava mais preocupada do que demonstrava. Uma compra maciça seria uma ameaça para a Starlite; ela e Philippa poderiam perder a empresa. Torcia para que Alan Scadudo conseguisse convencer a Miranda a assinar um acordo amigável.

– É isso o que venho me perguntando – disse, colocando a mão na pasta novamente para retirar um maço de papéis. – De repente aparece uma bela movimentação financeira envolvendo uma empresa que tem tido bem pouca atividade na bolsa de valores de Nova York. E as pessoas começam a querer saber o motivo disso. Você devia ter visto o alarde que se fez quando esse artigo foi publicado. Todos querem saber se a Starlite está planejando o lançamento de um produto bombástico, ou se trouxemos para a empresa algum executivo poderoso, ou ainda se existe uma empresa maior interessada em nos comprar. Todos se perguntam que tipo de informação privilegiada a Miranda Internacional teria para, de chofre, tornar a Starlite tão cobiçada. E, Philippa, não há nada. Não existe motivo algum que pudesse fazer outra empresa se interessar pela nossa. Por isso fiz uma pesquisa para descobrir no que, possivelmente, a Miranda estaria interessada.

– E o que encontrou?

– Muita coisa, e tudo muito peculiar. Primeiro, repassei nossa contabilidade e descobri que, por algum motivo, a reserva financeira da Starlite estava baixa. Por isso, revi as contas a pagar e a receber. A princípio, não vi algo que parecesse suspeito. Mas depois encontrei isto – disse, entregando uma folha impressa a Philippa. – Como pode ver – explicou, enquanto Philippa examinava o papel –, esta é a lista dos nossos fornecedores, todos os que vendem algo para a Starlite. Veja aí Speciality Foods, de quem compramos os produtos para nossa linha de

congelados. Você deve lembrar que passamos a negociar com eles no ano passado, quando deixamos de comercializar com a Canaan Corp.

– Lembro-me disso – confirmou Philippa.

– Mas olhe aqui – Charmie apontou para um item da lista, as pulseiras de plástico resvalando no papel.

Philippa leu.

– A Canaan ainda está listada. Por quê?

– Leia novamente. Não é Canaan, mas sim *Caanan*. A grafia está diferente.

Philippa olhou para Charmie.

– Um erro de digitação?

– Foi o que pensei até conferir os pagamentos do ano passado e descobrir que temos pagado regularmente para essa Caanan Corporation. Liguei para nossa fábrica em San Francisco, e eles disseram que só recebem suprimentos da Speciality Foods. Nada da Canaan em mais de um ano. Então fui consultar as faturas e descobri isso.

Ela entregou uma fatura-padrão, com o logo e o nome “Caanan Corporation” no topo, em tinta vermelha.

– Se prestar bem atenção – continuou Charmie –, isto se parece muito com a fatura da Canaan Corporation, mas há o erro da grafia. E veja, o logo é ligeiramente diferente.

– E quanto ao endereço?

– Ele não existe. E o telefone não funciona.

– Uma empresa fantasma? Quanto já pagamos a eles?

– Quase 1 milhão de dólares.

– Meu Deus...

– Sabe no que estou pensando, Philippa? Que depois que encerramos nossos negócios com a Canaan, alguém entrou no banco de dados principal, alterou o nome da Canaan para que, em um relance casual, ele ainda parecesse o mesmo, e então imprimiu algumas faturas e depois emitiu os cheques.

– Mas como o departamento de contas a pagar não percebeu isso? Eles sabem que paramos de negociar com a Canaan há mais de um ano.

– Philippa, sabe quantas pessoas temos trabalhando nesse departamento? Uma escrevente, com uma carga diária enorme de contas, olha para essa fatura, consulta o computador, vê que essa Caanan é um dos nossos fornecedores costumeiros e prepara o cheque. Ela nem deve saber que mudamos para a Speciality Foods.

Conforme Philippa analisava os papéis espalhados diante dela, começou a entender a dimensão da coisa.

– Isso só pode significar que alguém de *dentro* da Starlite está desfalcando a empresa.

– E pior, se não fosse pela coisa dessa Miranda, eu jamais teria percebido – disse Charmie. – Quem quer que esteja por trás disso, poderia continuar a fraudar a empresa indefinidamente, ou até que uma auditoria maior fosse acionada, sendo que, até lá, ele ou ela teria roubado um montante ainda maior.

Philippa olhou para Charmie.

– Mas quem pode ser, Charmie? Por certo ninguém de nós.

Por *nós* Philippa referia-se a um pequeno grupo de amigos de longa data que estavam juntos desde o início da Starlite, na época em que Philippa conduzia a empresa da sala da sua casa.

– Fiquei imaginando se os dois fatos poderiam estar relacionados – ponderou Charmie. – Será que alguém da Starlite está desfalcando a empresa para comprar as ações? Pois isso significaria que alguém de dentro da Starlite está planejando tomar posse da empresa.

– Charmie – irrompeu Philippa quando um novo pensamento lhe veio. – Quem na Starlite sabe que você está aqui?

– Ninguém. Não achei que fosse uma boa ideia alertar o culpado, se é que existe um. Todos pensam que estou em Ohio com Nathan e as crianças. Nathan tem instruções para me ligar aqui se eu receber algum telefonema na casa dele.

– Mas Alan sabe que você veio me ver.

– Não. Não achei prudente contar-lhe. Nem mesmo para Hannah.

– Suspeita de Alan? – perguntou Philippa, sentindo um frio dentro do grosso roupão.

Nyree apareceu da sala para avisar da chegada de Ivan Hendricks, o investigador particular.

– Obrigada, Nyree. Peça para que ele espere na sala de estar enquanto vou me vestir. Reze para que sejam boas notícias, Charmie – disse Philippa ao se levantar. – Bem que eu preciso de alguma agora.

Ela se juntou a eles alguns minutos mais tarde, depois de ter vestido uma calça e uma blusa e ter secado os cabelos. Charmie e Ivan estavam sentados na sala espaçosa, de pé direito alto, onde paredes brancas e piso escuro destacavam antiguidades dos tempos pioneiros da Austrália.

Ivan Hendricks levantou-se quando Philippa entrou. Ele estava em uma

incrível forma em seus cinquenta e poucos anos; Philippa sempre achou que seu corpo compacto e corte de cabelo rente lhe davam a aparência de um sargento aposentado da marinha. Fazia 25 anos que o conhecia, e ele sabia todos os seus segredos, mesmo aqueles que Charmie desconhecia.

– O que tem para mim, Ivan? – perguntou após se abraçarem e se sentarem.

Nyree entrou e colocou uma bandeja na mesinha de centro com uma garrafa de cristal contendo uísque doze anos, ovos cozidos – que Ivan tanto adorava –, além de mais dois chás gelados e legumes frescos cortados. Charmie fitou a comida e voltou-se para Nyree, dizendo:

– Não tem nada melhor do que isso?

Conhecendo as preferências de Charmie, Nyree deu uma piscadela, dizendo:

– A torta de carne já está esquentando no forno, e assei uma fornada de *lamingtons* [1] de manhã porque eu sabia que a senhorita estava chegando.

Enquanto Ivan se servia do uísque e dos ovos, ele olhou por cima da mesa de centro e sorriu para Charmie. Ele sempre apreciou o prazer que ela tinha em viver. Era uma mulher voluptuosa, com um apetite também voluptuoso. Ele suspeitava que uma mulher como ela devesse ser um banquete na cama. Também se lembrava do momento formidável que passaram juntos.

– Deus, como faz calor aqui – disse ele tirando a jaqueta amassada onde se via o bilhete de embarque da Qantas. – Está fazendo 17°C em Palm Springs, temos neve no cume das montanhas, luzes de natal nas ruas e cobiça no ar. Fiquei muito tentado a permanecer lá.

Ele deixou a maleta de lado e retirou uma pasta.

– Foi um golpe de sorte, na verdade – disse ao pegar alguns papéis. – Lamento confessar que nada relacionado aos meus poderes investigativos afiados. Eu trabalhara em um outro caso quando me deparei com isto.

Philippa sabia que Ivan Hendricks tinha outros clientes. Tempos atrás, ele trabalhara exclusivamente para ela, há muitos anos, quando a perspectiva de encontrar membros de sua família parecia estar ao seu alcance.

Primeiro ele lhe entregou um recorte de jornal.

– Dos classificados do *Los Angeles Times* – explicou ele.

–“Quem souber o paradeiro ou tiver qualquer informação a respeito de Christine Singleton, nascida em 1938, em Hollywood, na Califórnia, por gentileza, entrar em contato com Beverly Burgess no Star’s, em Palm Springs. Problema familiar urgente” – Philippa leu em voz alta.

Christine Singleton! Fazia anos que Philippa não pensava nesse nome. Ela

olhou para Ivan.

– Star's. Já ouvi falar desse lugar. É um resort nas montanhas acima de Palm Springs.

– Veja isto.

Ivan mostrou uma página retirada de uma revista cara e de luxo. Era uma propaganda de página inteira, que consistia em um esguicho de estrelas prateadas sobre um fundo azul marinho. Na parte de baixo da folha, em letras grandes prateadas, estava escrito: *Star's*. E em seguida: *Explore a fantasia*...

– Deixe-me contar – voltou a dizer Ivan. – Tive um trabalho danado para entrar nesse lugar. Primeiro porque só é possível chegar de teleférico, e não se entra no teleférico a menos que se tenha a reserva de um quarto ou de um almoço ou jantar. Consegui subir para almoçar, e você não imagina como o lugar estava cheio! Haverá um baile de Natal daqui a alguns dias e, ao que parece, todo mundo quer ir.

– Como é o lugar? – perguntou Philippa. – Ouvi dizer que é espetacular.

– Estrelas de cinema de parede a parede, o bastante para encher uma centena d e *National Enquirers*[2]. Pelo menos é o que pareceu. Muito além da minha alçada, mas ao alcance da sua, senhorita Roberts. De qualquer forma, não tentei entrar em contato com essa Beverly Burgess, conforme me pediu.

Hendricks tinha ordens para não abordar pista alguma pessoalmente. Certa vez, nove anos antes, ele pensou ter localizado a mãe verdadeira de Philippa, mas ele a afugentou antes que Philippa tivesse a oportunidade de falar com ela, e eles nunca mais a localizaram.

– Andei investigando e consegui obter esta foto de imprensa de Beverly Burgess – disse Ivan. – Não está muito nítida; obviamente ela não queria ser fotografada.

Charmie, de pé, atrás de Philippa, observou a foto borrada.

– Suponho que exista certa semelhança – disse ela. – Ela *poderia* ser sua irmã, Philippa. Vocês são fraternas ou idênticas?

– Não sei, por quê?

– Porque se forem gêmeas idênticas, essa mulher não tem como ser sua irmã. Mas gêmeas fraternas... Bem, então isso é possível.

Ainda que aquilo fosse além do que ela esperava que Ivan conseguisse obter, Philippa forçou-se a ser cautelosa. Já havia se desapontado vezes demais.

– Isto ainda não prova que ela seja minha irmã.

– Quem mais estaria à sua procura? – ponderou Charmie. – Quero dizer,

quem mais estaria à procura de Christine Singleton? E quanto ao ano de nascimento? Você nasceu em Hollywood, em 1938. Quantas Christines Singleton nasceram em Hollywood nesse ano?

– Mas lembre-se, Charmie, que Christine Singleton não era o meu nome ao nascer. Esse foi o nome que recebi dos meus pais adotivos. Essa pessoa pode ser qualquer uma do meu passado distante – disse Philippa, pensando sombriamente que esse alguém pudesse ser de San Francisco. Ou pior, alguém de San Quentin. Lembranças desagradáveis e há muito enterradas subitamente ressurgiram.

– Olhe para o rosto, Philippa – insistiu Charmie. – Acho que *existe sim* uma semelhança. Digamos que sua irmã vem procurando por você, assim como você a tem procurado, e ela descobriu que você foi adotada pelos Singleton.

O coração de Philippa começou a acelerar. Seria possível? Era difícil afirmar com certeza, mas a mulher da foto parecia ser alta e delgada, assim como Philippa, e havia uma semelhança assustadora no modo como ela se postava, na disposição dos ombros, no modo como sustentava a cabeça. O contorno da mandíbula também, e talvez o nariz. Seria *aquela* mulher sua irmã?

– O que conseguiu descobrir a respeito dela, Ivan? – ela perguntou.

– Bem, senhorita Roberts, deparei-me com um mistério interessante nesse ponto. Logo imaginei que uma mulher como essa, que pode adquirir uma propriedade valendo milhões e depois a transformar em um parque de diversões ostentoso para os ricos, tivesse um passado notável. Só que isso não é verdade. Andei fazendo perguntas em Palm Springs, mas ninguém parece saber algo a respeito de Beverly Burgess. Toda relação do resort com o público é intermediada pelo gerente geral, um suíço chamado Simon Jung. Ao que tudo indica, Burgess entrou em cena dois anos e meio atrás, adquiriu a mansão de uma estrela do cinema mudo nas montanhas e converteu-a em um resort exclusivo. Consegui falar com a mulher que escreve a coluna social na revista *Palm Springs Life*, e ela disse que se encontrou com Beverly um dia. Estimou que ela tivesse uns quarenta e poucos anos.

Ivan Hendricks afrouxou a gravata que havia colocado durante o trajeto do aeroporto até ali. Aquela era a parte difícil, conter-se para não contar mais. Desejou então, como sempre desejava, que pudesse lhe contar toda a verdade – tudo aquilo que ele sabia. Fizera uma promessa a alguém, porém, de nunca contar nada, e Ivan Hendricks sempre mantinha suas promessas.

– Com licença. Um instante, sim? – Philippa disse e saiu da sala. Ela foi para o escritório, seu refúgio particular. Além da enorme escrivaninha cheia de papéis,

livros, um telefone e um computador Apple com modem e duas impressoras, havia os itens pessoais que ela trouxera consigo de Los Angeles, quando decidira ir para lá escrever seu livro: certificados emoldurados nas paredes, cartas de recomendação, prêmios e recompensas, e fotografias de Philippa com pessoas importantes de todo o mundo. Toda a sua vida, seu universo inteiro, estava dentro daquelas quatro paredes. Seu secretário não trabalhava ali; Ricky tinha um pequeno escritório anexo ao seu apartamento sobre a garagem que comportava seis carros, e ela agora interfonava para ele.

– Ricky, poderia se juntar a nós na sala de estar, por favor? – pediu quando ele atendeu.

Ao se virar, sua atenção se desviou para as duas fotografias em sua escrivaninha. A primeira estava em uma moldura de acrílico, uma adolescente sorrindo com roupas de ginástica – Esther, sua filha, quando tinha dezesseis anos. A segunda, com uma moldura de estanho antiga, exibia a foto de um homem bonito sentado ao leme de um iate de corrida de dezessete metros, com o sol e o vento batendo no rosto, o brilho da vitória no olhar. A foto fora tirada no dia em que ele se preparava para competir na corrida de Sydney para Hobart. Foi também nesse dia que ela decidiu casar-se com ele, após ter voado até a Austrália para surpreendê-lo. Mas, em vez disso, ela chegou a tempo de ver o *Philippa* afundar não muito longe dali, logo depois de Point Resolution, o lugar que hoje em dia era o seu posto de vigília. A mansão fora dele, recém-adquirida na época do seu falecimento, e embora ele tivesse estipulado em seu testamento que ela caberia a Philippa, a família dele contestou o testamento, prendendo a propriedade à legitimidade do testamento por um bom tempo até que, por fim, no ano anterior, a corte decidiu a seu favor, e Philippa fora até Perth para reivindicar sua pesarosa herança.

Ao fitar o atraente semblante bronzeado, ela pensou mais uma vez como era impossível aceitar o fato de que ele estava morto. Por certo ele reaparecia um dia; decerto despertaria uma manhã, onde quer que estivesse – em um hospital ou em uma ilha remota – e subitamente se lembraria quem ele era, e voltaria para ela. Era por isso que ela caminhava todos os dias para o Point Resolution e observava atentamente a baía.

– Ouso ter esperanças mais uma vez, meu amor? – perguntou para ele, conversando com a fotografia, como fazia com frequência. – Essa mulher chamada Beverly Burgess... Será que *ela* é a minha irmã? Ela tem um resort chamado Star’s. Eu tenho a Indústrias Starlite. Já ouvi falar de fenômenos acontecendo nas vidas

dos gêmeos, mesmo naqueles separados no nascimento, coincidências impressionantes acontecendo na vida deles. Será que o Star's e a Starlite são um sinal de que ela é mesmo minha irmã?

E não seria maravilhoso se Esther e eu tivéssemos mais família do que apenas uma à outra?

Ela retornou à sala de estar e disse:

– Não podemos perder nem mais um minuto. Vou voltar com você, Charmie. Tenho de descobrir se há uma ameaça à Starlite e quem está por trás, se é algum dos nossos amigos. E depois vou me encontrar com essa mulher do Star's. Se houver a menor possibilidade de ela ser minha irmã, tenho de tentar descobrir. E, caso ela seja minha irmã, então os espaços vazios em minha vida serão preenchidos. Saberei quem sou de verdade e de onde vim, finalmente.

Ela virou-se para Ricky, que aguardava com um bloco de notas e uma caneta a postos.

– Ligue para o aeroporto e veja se o capitão Farrow ainda está lá, descubra quando o jatinho ficará pronto novamente. Arranje uma tripulação substituta para nos levar de volta aos Estados Unidos imediatamente. Faça com que uma limusine esteja nos esperando quando chegarmos e reserve uma suíte no Hotel Century Plaza. Envie um fax para o Star's em Palm Springs, veja se nos conseguem acomodações. Se não for possível, tente o Marriott Desert Springs ou o Ritz-Carlton, o que tiver disponibilidade de quartos. E Ricky, acima de tudo, não deixe que ninguém dos escritórios da Starlite saiba que estou chegando. *Preciso do elemento-surpresa*, pensou ela. *Quero observar suas reações quando me virem passar pelas portas.*

Então, ela se virou para Hendricks.

– Ivan, volte para Palm Springs e descubra o que puder a respeito dessa Beverly Burgess. Investigue o passado dela, veja o que consegue encontrar. De onde ela vem? Como pode sustentar uma operação como o Star's? Reserve um quarto no resort se precisar; Ricky providenciará uma conta de despesas para você. Você pode reportar-se a mim quando eu chegar a Palm Springs. Ah, e mais uma coisa: você pode fazer com que um dos seus investigadores pesquise uma empresa para mim? Ela se chama Caanan Corporation, e eu tenho uma forte suspeita de que ela é uma fachada para receber fundos desviados.

Por fim, virou-se para Charmie e disse:

– Venha me ajudar a fazer as malas. Temos de sair imediatamente. Quem quer que esteja querendo tirar a empresa de mim está prestes a ter uma bela surpresa!

Philippa pegou a fotografia que Ivan lhe trouxera de Palm Springs e a fitou por um bom tempo. *Você é minha irmã?*, perguntou ela silenciosamente. *Você é a detentora da chave da minha identidade? Vai finalmente me contar quem eu sou de verdade?*

– Beverly Burgess – murmurou Philippa. – Quem é você?

---

[1] *Lamingtons* são quadradinhos de pão de ló, cobertos com chocolate e coco. Uma sobremesa tradicional da Austrália. (N.T.)

[2] *National Enquirer*, tabloide americano de caráter sensacionalista. (N.T.)

3

ELE SABE O MEU segredo, Beverly Burgess pensou ao olhar para a noite nevada. *Ele sabe o meu segredo e vai usá-lo para me destruir.*

Ela estava na torre mais alta da mansão conhecida como ” e, às vezes, pensava infeliz no paralelo entre a sua situação e o conto de fada da princesa com uma maldição, proibida de ser vista, ou de ver qualquer pessoa, trancafiada, lamentando-se pela perda de um amor e passando os dias fiando cordas feitas com os fios dourados dos seus cabelos. Exceto pelo fato de os cabelos de Beverly já não serem mais dourados nem mesmo loiros, como outrora. Agora ela era morena e usava um penteado *à la* Liz Taylor em vez do coque banana que havia sido a marca registrada de Beverly por tantos anos. E, na verdade, não era uma princesa, não havia amor perdido, e a torre alta era, na verdade, seu escritório. O Castelo era a construção principal do Star’s, o resort que ela possuía pelos últimos dois anos e meio.

O cabelo não era a única coisa que ela mudara; também tinha um novo nome. Muitos anos atrás, para esconder sua identidade, ela tinha mudado seu nome de Rachel Dwyer para Beverly Highland, batizando-se com os nomes de duas ruas de Hollywood. Depois, há três anos e meio, Beverly Highland “morrera”. Agora ela era Beverly Burgess – tomara emprestado o sobrenome de solteira da mãe, mas mantivera o Beverly.

A mudança de cabelo e de nome foi feita para proteger sua identidade uma vez mais, porém, enquanto o primeiro disfarce havia enganado as pessoas por muitos anos, ela, de súbito, tinha razões para temer não ser bem-sucedida desta vez.

Ele sabe quem eu sou, pensou novamente ao se afastar da janela e olhar para o livro sobre a escrivaninha. Seu título era *Butterfly Revelado*, e o homem a quem ela temia era seu autor, o jornalista de tabloides Otis Quinn, que alegara recentemente, durante uma entrevista na TV, que Beverly Highland ainda estava

viva.

Como ele poderia saber? Tomara tanto cuidado! A morte ensaiada – o carro caindo do despenhadeiro e caindo no oceano –, o funeral e enterro em Forest Lawn. Beverly não deixara vestígios de sua vida pregressa, a qual vivera exclusivamente para a destruição de um homem, em vingança pelo que ele lhe tinha feito.

Beverly saiu de seu esconderijo há três anos, depois de uma breve temporada em uma ilha do Pacífico com um jovem amante chamado Jamie, onde passara alguns meses vivendo exclusivamente para si, deleitando-se com todos os prazeres, desde a comida até o sexo. Contudo, cansou desse estilo de vida e resolveu ver o mundo. Cuidadosamente construindo uma nova identidade e uma nova aparência para si, viajara por lugares exóticos e sentira sua antiga avidez retornar – o desejo de criar um lugar onde as pessoas pudessem encontrar a felicidade em meio à beleza e ao luxo. Butterfly, o estabelecimento por ela criado acima da loja exclusiva de roupas masculinas na Rodeo Drive, tinha sido um lugar em que as mulheres podiam buscar satisfação sexual em um local de completa segurança e anonimato, aliado a um ambiente elegante. Quando Beverly descobriu que desejava fazer isso novamente, oferecer prazer às pessoas, procurou pelo local ideal e o encontrou em Star's Haven, no alto das pistas de esqui do Monte San Jacinto.

O coração de Star's Haven era uma enorme mansão em pedras cinzas, construída tal qual um castelo, com torres, ameias, muralhas e até mesmo uma ponte levadiça – um cenário romântico, retirado da Inglaterra medieval. Construído pela atriz do cinema mudo Marion Star, era a réplica do cenário de um dos seus filmes, *Robin Hood*. Depois da morte dela, o local permaneceu fechado por muitos anos, mas fora colocado à venda havia pouco tempo. Agora, a mansão de 42 quartos era chamada de Castelo, e era ali que Beverly tinha seu escritório particular. O restaurante principal do resort, o salão de baile, os bares, butiques e uma clínica particular também encontravam-se ali, bem como as suítes de luxo para os hóspedes, inclusive quatro apartamentos localizados nas torres e acessíveis somente por elevadores operados por chaves especiais. Tudo vinha correndo bem; o resort era um grande sucesso, Beverly mantinha sua antiga identidade em segredo e seu passado completamente encoberto. E, então, esse Otis Quinn resolvera explorar a história de Danny Mackay e de Beverly Highland e conduzir sua autoproclamada investigação.

Ela olhou para o livro. Ainda que a palavra *borboleta* estivesse no título,

Beverly o encarava como se ele fosse uma aranha mortífera. As páginas estavam recheadas de especulações. Quinn, na verdade, não tinha sido capaz de provar nada; não encontrara nenhuma evidência ligando Beverly ao bordel na Rodeo Drive. Ele alegava ter entrevistado mulheres que patrocinaram os quartos sobre a Fanelli, tendo encontros sexuais com os homens que lá trabalhavam, os ” como eram chamados, que executavam uma variedade de atos sexuais em troca de dinheiro. Quinn, porém, não mencionara o nome de nenhuma das mulheres, dizendo que todas elas insistiam em manter a identidade no anonimato, e, portanto, Beverly acreditava que ele tivesse inventado as histórias. No entanto, o livro era sensacionalista o bastante para fazer parte da lista dos mais vendidos durante meses. Ao que parecia, para onde quer que Beverly se voltasse, a capa preta e branca com a borboleta rosa estava lá para caçoar dela. E trazer à tona lembranças de anos atrás...

A pequena Rachel Dwyer, com apenas dez anos, encontrando a fotografia de uma mãe com dois bebês nos braços.

– Quem era o outro bebê, mamãe? – ela havia perguntado.

– Sua irmã gêmea. Ela morreu logo depois que vocês nasceram – Naomi Dwyer tinha respondido.

Mais tarde, Rachel, com catorze anos, encontrava-se sozinha enquanto uma tempestade no Novo México açoitava o velho trailer em que os Dwyer viviam. O pai, então, chegou embriagado, atacou-a, impingiu uma dor ao seu corpo que ela jamais imaginara ser possível e gritou:

– Nós nos livramos da errada!

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto Rachel preparava-se para fugir, perguntou à mãe o que o pai quis dizer com “nos livramos da errada”, e a mãe então explicou.

– Meu bem, quando eu fui para o hospital para dar à luz você e sua irmã, nós estávamos quebrados. Não tínhamos nenhum centavo. Era a época da Depressão, e lá estávamos nós com dois bebês e nenhum dinheiro para pagar a conta do hospital. Então, um homem apareceu e disse que conhecia um casal bom, que nos pagaria mil dólares por um dos nossos bebês...

Beverly mais uma vez fechou os olhos ante essa lembrança. Virou e voltou a olhar pela janela, para a escura noite de dezembro. Conseguia enxergar as luzes do vale abaixo, a vastidão que era Palm Springs – o parque de diversões dos ricos, lar de três ex-presidentes, onde se dizia existir mais campos de golfe do que em qualquer outra parte do mundo e mais cirurgiões plásticos per capita do que em

qualquer outra cidade. Um lugar em que as ruas eram batizadas de Bob Hope Drive e Frank Sinatra Drive; um oásis no deserto afetuosamente conhecido como o Quintal de Beverly Hills.

E Beverly Burgess – antes Beverly Highland, e antes ainda Rachel Dwyer – estava 2400 metros acima de tudo isso.

Ao lado da janela, que era estreita e recuada como as janelas de um castelo medieval, fotografias enfeitavam as paredes. Havia uma pequena, em uma moldura de prata, em preto e branco, mas amarelada por conta do tempo. Fora tirada em 1938 e mostrava uma jovem em um leito hospitalar com um bebê em cada braço. Um daqueles bebês era Beverly. O outro era a irmã gêmea que seus pais venderam, que havia recebido o nome de Christine Singleton, e a quem Beverly, depois de muitos anos de busca, no fim não fora capaz de encontrar.

Não conseguia evitar, sentia-se atraída pelo odioso livro sobre a escrivaninha.

Beverly tinha ficado abalada ao ver pela primeira vez o *Butterfly Revelado* em uma livraria. Acreditara que se tratava de uma coincidência o livro ter no título o nome da operação estabelecida sobre a Fanelli. Mas, ao folhear o livro, em estado de choque, comprara-o. Uma noite de leitura trouxe de volta todos os antigos pesadelos: Danny Mackay travando amizade com uma adolescente de catorze anos fugida de casa, conquistando sua confiança, dizendo que a amava, e depois a instalando em um prostíbulo barato em San Antonio; Rachel, aterrorizada e com saudades de casa, sem conseguir servir aos fregueses de Hazel, desejando que Danny a afastasse de tudo aquilo; e Danny aparecendo para convencê-la a fazer sexo com estranhos.

– É só se deitar, querida – ele dissera. – Imagine que sou eu quem está fazendo aquilo com você.

E depois, quando tinha dezesseis anos e pensava que se casariam, Danny a levou para uma precária clínica de aborto, forçando-a a matar seu bebê. Ela implorou e suplicou para que aquilo não acontecesse, então ele a chutou para fora do carro, dizendo que ela era feia e que jamais a amara, e que ela deveria se lembrar do nome dele, porque ele era um homem que venceria na vida. *Danny Mackay,* ele repetiu. *Lembre-se desse nome.*

E lembrar foi o que ela fez, quase que exclusivamente. O restante da vida de Beverly foi uma busca pela vingança perfeita contra Danny Mackay, e quando ela enfim chegou, três anos e meio antes, ela tinha acreditado que o segredo deles, aquela história pervertida, tivesse, finalmente, chegado ao fim.

No entanto, lá estava aquele jornalista, inventando mentiras e levantando

especulações ultrajantes sobre o relacionamento da rica Beverly Highland com o reverendo Danny Mackay, que controlava um ministério televisivo multimilionário e que esteve a um passo do Salão Oval. Beverly sabia: todos no país ou estavam lendo o *Butterfly Revelado* ou o comentavam. E ela ouvira comentários de que uma minissérie televisiva estava sendo produzida.

Mas aconteceu algo ainda pior do que isso.

Otis Quinn declarou em uma entrevista para a TV que acreditava que Beverly Highland, supostamente morta em um acidente automobilístico na noite em que destruíra Danny Mackay, a mulher que na verdade era a responsável pelo suicídio de Mackay na cadeia do condado de Los Angeles, ainda estava viva. E alegava tê-la encontrado.

E agora Otis Quinn estava vindo para o Star's.

Beverly foi retirada dos seus pensamentos profundos por uma batida à porta. Ela olhou para o relógio. Devia ser Simon Jung, seu gerente geral, para a reunião diária deles.

– Pode entrar – disse.

Simon Jung, nascido e educado na Suíça, era um belo homem no fim dos seus cinquenta anos, impecavelmente vestido e que Beverly conhecera no Rio de Janeiro, no elegante restaurante Amanhã. Simon tinha um passado impressionante de trinta anos gerenciando hotéis, tendo trabalhado nos estabelecimentos mais requintados de todo o mundo. Na opinião de Beverly, não havia algo que ele não soubesse sobre a natureza humana e sobre como agradar aos hóspedes, e ele era a única pessoa no mundo em quem ela sentia que podia confiar.

Entretanto, nem mesmo Simon sabia do seu passado, que ela era a Beverly Highland sobre a qual Otis Quinn escrevera em *Butterfly Revelado*.

– Boa noite, Beverly – disse ele ao fechar a porta silenciosamente atrás de si.

Como sempre, a visão de Simon em um terno Armani ou Pierre Cardin feito exclusivamente para ele causou uma profunda reação interna nela. Beverly refutara os homens há muito tempo – exceto pelo breve período com o jovem Jamie. Em suas viagens, quando se hospedava em lugares exclusivos como o Mount Kenya Safari Club na África Oriental, no Raffles em Singapura, no Hotel Du Cap na Riviera, e se deparava com homens belos e impecáveis como Simon, ela se mostrava imune. Eles não a afetavam.

Mas, de alguma forma, durante os dois anos e meio em que estava trabalhando ao lado de Simon em um relacionamento estritamente profissional, fazendo do Star's um lugar para que as pessoas do mais alto nível visitassem,

Beverly percebera que suas defesas estavam começando a ruir. E ela descobriu uma estranha e nova sensação envolvê-la toda vez que ela via Simon. Era uma reminiscência vaga de algo que ela conhecera há muito, muito tempo, como o perfume de uma flor rara ou uma canção ouvida antes. Simon Jung a lembrava de algo, mas ela ainda não sabia definir o quê exatamente.

– Nossos últimos hóspedes chegaram – informou ele ao depositar uma lista na escrivaninha. – Reconhecerá alguns dos nomes – acrescentou, falando com um leve sotaque de Lucerna. – Temos Carole Page, a atriz que acabou de gravar um filme e está aqui a descanso. Ela foi acompanhada para um dos bangalôs, no qual terá privacidade garantida. Temos uma agente de Hollywood chamada Frieda Goldman, que permanecerá apenas uma noite. A doutora Judith Isaacs, nossa nova médica residente, também chegou. Ela foi inspecionar a clínica e conhecer seus pacientes. Ela disse aceitar com prazer seu convite para o jantar de hoje.

Simon prosseguiu falando sobre os outros que chegaram no teleférico do fim da tarde: um diretor muito conhecido, um executivo de estúdio, dois produtores, outra atriz famosa, um corretor de imóveis abastado e sua esposa, um proprietário de uma empresa petrolífera do Texas e sua acompanhante, um perito em gemologia da Tiffany e vários outros que se destacavam de um ou outro modo.

– O senhor Larry Wolfe deve chegar com sua assistente no próximo teleférico. Eles requisitaram um dos bangalôs. O senhor Wolfe é excelente nadador e prefere uma piscina particular – acrescentou Simon.

Larry Wolfe, o roteirista vencedor do prêmio da Academia, estava vindo para o Star's para escrever o roteiro de um filme sobre Marion Star, a mulher misteriosa que tinha construído aquele lugar nos anos 1920 e depois desaparecera. Beverly encontrara um diário escrito pela senhorita Star e o havia colocado a leilão e, no fim, ele foi para Larry Wolfe, que não só escreveria o filme como também o coproduziria.

Beverly prestou atenção enquanto Simon fazia seu relatório, e quando ele terminou, ela disse:

– Quando Otis Quinn vai chegar?

Os olhos de Simon se desviaram rapidamente para o livro sobre a escrivaninha. Ele não tinha lido o *Butterfly Revelado*, e se surpreendera ao ver Beverly o lendo um dia. Ele sabia que o livro a perturbara, assim como a chegada iminente do seu autor.

– A reserva dele é para daqui a quatro dias. Reservamos um chalé para ele. Você tem alguma instrução especial em relação ao senhor Quinn?

Beverly olhou de relance para o livro. Lera-o tantas vezes que praticamente o tinha memorizado. Quinn conseguira com que a polícia abrisse os quartos sobre a Fanelli para que ele desse uma olhada.

“Eram como quartos de hotel – escrevera ele –, portas fechadas em um longo corredor. Cada quarto era decorado com um tema diferente. Um fora transformado em um bar ao estilo de *saloon* do velho oeste, tendo até mesmo palha no chão, onde as mulheres pagavam para fazer sexo com homens vestidos como cowboys. Outro quarto estava decorado como o de um hotel barato de beira de estrada, e também havia um com cama de dossel...”

– Não – respondeu ela para Simon Jung. – Não tenho instrução especial para o senhor Quinn.

Simon continuou com o seu relato, passando pelas suas anotações com a mão muito bem cuidada, um anel de ouro brilhando com a centelha azul do lápis-lazúli, a insígnia militar da academia em Zurique.

– O príncipe Habib el Mahdy requisitou uma secretária trilíngue. E aqui está a lista dos hóspedes que temos reservados para o baile de Natal. O presidente Reagan e a esposa mandam suas saudações.

Ele prosseguiu informando Beverly que a governança relatara uma diminuição no estoque de roupões novamente.

– Muitos dos hóspedes os levam embora – disse ele. – A contabilidade requisitou novamente que se cobrassem por eles.

Quando Beverly decidira criar um resort especial, ela viajara pelo mundo, hospedando-se nos lugares mais exclusivos, tal como o Regent Hotel em Hong Kong, o Bel-Air em Los Angeles, e o Pierre em Nova York, estudando-os, selecionando as melhores qualidades de cada um e incorporando-as em seu novo hotel. Havia artigos de higiene especiais nos banheiros, flores frescas diariamente nos quartos, cestos de frutas e queijo na chegada de cada hóspede. E, claro, os roupões de cortesia. Beverly havia se surpreendido ao descobrir que alguns dos estabelecimentos mais luxuosos afixavam avisos nos quartos, explicando que os roupões eram de uso dos hóspedes durante sua estada, que eles podiam ser adquiridos nas lojas de suvenirs caso o hóspede desejasse ter um deles. Se o roupão fosse levado, porém, ele seria cobrado na conta do hóspede. Esse tipo de aviso não existia no Star’s.

– Diga à governança que encomende quantos forem necessários – disse ela a Simon. – Não cobraremos pelos que forem levados.

Aquele era um assunto sobre o qual Simon discordava de Beverly, mas ele

sabia que seria inútil discutir. Ele descobrira que a senhorita Burgess não estava no ramo hoteleiro estritamente pelo lucro; seu sustento não dependia da renda do hotel. Embora ele não fizesse ideia de onde a fortuna pessoal dela se originava, ele sabia que, enquanto estivera no Brasil, ela fizera investimentos em minas de esmeralda e plantações de café.

Ele deixou o relatório na escrivaninha, fez uma pausa, depois deu a volta, parando perto dela.

– Estão decorando a árvore de Natal no Grande Salão de Baile – informou ele. – Todos os hóspedes estão ajudando. E o *chef* preparou espetaculares codornas marinadas com cogumelos. Por que não se junta a nós, Beverly?

Ela fitou os gentis olhos cinzentos e percebeu que queria fazer parte daquilo tudo. Contudo, um dos preços que tinha de pagar pela destruição de Danny Mackay era sua liberdade. Mesmo tendo mudado a cor e o estilo do cabelo, ainda não podia arriscar ser reconhecida. Ainda mais agora, com o *Butterfly Revelado* sendo um sucesso de vendas e repleto de fotos de Beverly Highland.

– Obrigada, Simon – respondeu –, mas tenho trabalho a fazer.

– Sempre o trabalho, Beverly – disse ele. – Conheço-a há dois anos e nunca a vi fazer nada que não fosse trabalhar. Isso não é nada bom – acrescentou ele com suavidade.

A proximidade dele, a sensação da sua força que a atingia, fez com que Beverly pensasse na coisa esquiva que Simon Jung sempre suscitava nela – a melodia mal lembrada, o perfume de tempos idos. E agora, de pronto, pela primeira vez, ela percebeu o que era. Simon Jung a fazia se lembrar do amor.

– Por favor – pediu ela com um sorriso. – Desça e aproveite a companhia, certifique-se de que todas as pessoas se divirtam.

Ele começou a dizer alguma coisa, depois se virou e seguiu para a porta.

– A propósito – disse ele. – Ricardo Cadiz telefonou há pouco. Ele cancelou a reserva. Disse que surgiu uma emergência.

Ricardo Cadiz era um romancista argentino que recentemente havia vencido o Prêmio Nobel de Literatura. Beverly vinha aguardando o momento de conhecê-lo.

– Então o bangalô ficará desocupado? – perguntou ela, sabendo que Cadiz o reservara por duas semanas.

– Felizmente recebemos em seguida um fax da Austrália, de alguém desejando se hospedar conosco o quanto antes.

– Austrália?

– Uma senhorita chamada Philippa Roberts.

Beverly vasculhou a memória.

– O nome me parece familiar.

– Ela é dona das Indústrias Starlite, e seu grupo chegará em quatro dias. Eles disseram que estão satisfeitos com o bangalô.

Depois que Simon saiu, Beverly caminhou pelo escritório. Uma maquete do resort estava no meio do cômodo, medindo 2 metros por 1,5, repousando em uma imensa mesa de mogno. O artista que o executou tinha sido cuidadoso com os detalhes, tornando-o praticamente uma réplica exata do resort real, desde o terreno alpino, com as escarpas e desfiladeiros que cortavam a montanha, os pinheiros em miniatura e até mesmo alguns carneiros silvestres que indicavam a propriedade do Star's como adjacente ao Parque Estadual Selvagem do Monte San Jacinto, local em que a espécie ameaçada de extinção era protegida.

Os alojamentos adicionais dos hóspedes estão espalhados por toda a extensão da propriedade: três grandes bangalôs, cada um deles com dois quartos, uma cozinha completa e uma piscina particular protegida por um muro; também há chalés com as banheiras de hidromassagem e jardins privados; e, mais ao longe, as choupanas com lareiras e clareiras protegidas por fileiras de pinheiros. Pequenas trilhas cruzavam a propriedade para que os hóspedes seguissem em seus carrinhos de golfe ou a pé; gramados verdes foram cuidadosamente criados, com fontes e lugares reservados com bancos de pedra. Havia duas grandes piscinas, quadras de tênis, uma pista de golfe com nove buracos projetada de tal forma que se pudesse jogar um total de 27 buracos, uma área de treinos e um teleférico para quatro pistas de esqui com quatro níveis de dificuldade. O complexo da academia era dividida em ginástica feminina e masculina, saunas, raias de piscina, pistas internas de corrida e o exclusivo salão de beleza Starlite.

E, finalmente, havia o Castelo, com vista para o Vale Coachella, de onde, em dias claros, podia-se ver através do deserto do Arizona.

Embora as pessoas procurassem o Star's por seu isolamento, pelo luxo do lugar (muitos chegavam com roteiros para ler e estudar, contratos para analisar, relacionamentos secretos para saborear), muitos também vinham pela beleza e pela história. Não havia cômodo do Star's, uma parede, uma peça de mobiliário, que não vibrasse com as lendas do pitoresco passado cinematográfico. As pessoas queriam ver onde Dexter Bryant Ramsay fora assassinado; queriam ver o closet de 185 metros quadrados em que Marion Star guardava os milhares de vestidos e figurinos; vinham se maravilhar com o corrimão da escada em que um embriagado John Barrymore supostamente desceu escorregando certa noite. Mesmo o

escritório de Beverly tinha um tantinho de história: uma armadura medieval. Dizia a lenda que, em 1932, quando Marion oferecia uma de suas festas e uma brincadeira de esconde-esconde estava em progresso, um jovem Gary Cooper resolvera se esconder na armadura, mas ficara entalado dentro dela e só fora encontrado diversas horas mais tarde. Se essas histórias fossem verdadeiras ou apenas lendas, pouco importava. Era a *ideia* do Star's que atraía tantas pessoas.

Quando ela ouviu alguém passando pelo corredor assoviando uma canção natalina, Beverly subitamente foi lembrada de sua solidão. Não tinha marido, filho, família. Somente uma vida inteira de lembranças dolorosas. Ficou se questionando se valera a pena todos aqueles sacrifícios só para ter sua vingança sobre Danny Mackay. Se ao menos pudesse encontrar sua irmã gêmea, então talvez tudo teria valido a pena. Não se sentiria tão só sabendo que, em algum lugar, tinha uma família.

Tentara localizar a irmã, contratando um investigador particular que passou anos seguindo pistas falsas. Depois de descobrir que a irmã tinha sido adotada por uma família de nome Singleton e educada como Christine, o investigador perdeu o rastro. As pistas terminaram ali, e Beverly nunca a encontrou. Assim, a verdade dura e derradeira era que, apesar da sua imensa fortuna, Beverly Burgess se sentia muito só.

Aproximou-se do conjunto de chá de prata que lhe trouxeram antes e serviu-se de uma xícara de Earl Grey, acrescentando um toque de mel. Havia um prato de biscoitos italianos junto ao chá, Amaretti di Saronno, uma das fraquezas de Beverly. O *chef* de sobremesas do Star's era mestre em bater açúcar, claras de ovos e grãos de damasco até formar os biscoitos perfeitos, crocantes e leves. E Beverly, que assiduamente controlava o peso, permitia-se vez ou outra saboreá-los.

Ao morder um dos maravilhosos biscoitos adocicados, seguido de um gole do chá exótico, seus pensamentos voltaram para o livro sobre a escrivaninha.

Por que Otis vinha até ali? Ele sabia que ela era Beverly Highland? Tinha provas? Planejava expô-la? Ou estava vindo por qualquer outro motivo, e com isso restava a ela ser cuidadosa e não fazer nada que levantasse suspeita? O Star's atraía muitas pessoas interessantes; talvez ele estivesse atrás de outra história agora que seu livro sobre o Butterfly tinha sido publicado. Os paparazzi estavam sempre tentando entrar, a fim de fotografar uma princesa, um playboy drogado e problemático, uma estrela de cinema adúltera. Mas o rígido sistema de segurança de Beverly estava em alerta constante para proteger os hóspedes; havia funcionado até quando Robin Leach viera para fazer uma matéria sobre "o estilo de vida dos

ricos e famosos”. Beverly não permitiu que tirassem fotos dos hóspedes, somente do terreno do resort e do mítico Castelo onde o sensacional assassinato ocorrera.

Talvez fosse apenas isso o que Quinn desejava. Talvez só quisesse ver o banheiro onde o homicídio acontecera, ou o famoso quarto onde Marion Star supostamente entretivera o time inteiro de futebol americano da USC ao longo de um fim de semana. Talvez fosse a lenda assombrada que o trazia até ali; fantasmas vendiam muitos exemplares. Ou talvez ele simplesmente quisesse dar uma olhada no refúgio dos muito ricos e muito famosos, para ver como eles viviam e se portavam. Possivelmente a vinda dele nada tinha a ver com o *Butterfly Revelado* ou com sua alegação de que Beverly Highland ainda estava viva.

Enquanto Beverly via a neve cair e encobrir as luzes de Palm Springs lá embaixo, ela sentiu a velha coragem ressurgir e seu humor melhorar. Não importava o quão determinado Quinn estivesse para descobrir os segredos das pessoas, ela estava mais determinada ainda a protegê-los. Estava pronta para lutar contra ele a qualquer custo. Ninguém exporia o Star’s nem as pessoas que o frequentava.

E ela não temia Otis Quinn ou qualquer outra pessoa. Uma vez, há muito tempo, houve um homem a quem ela temeu. Mas ele estava morto. Danny Mackay estava morto; ela estava a salvo. E nunca mais teria medo dele ou de nenhum outro homem.

4

DANNY MACKAY ESTAVA MORTO.

Morto, morto, morto.

E era exatamente assim que Danny queria que fosse. Ele até já se convencera que estar morto era melhor do que estar vivo.

– Vou lhe dizer uma coisa, Bon – disse ele ao velho amigo, Bonner Purvis, que estava sentado perto da janela, observando a noite em Malibu. – Existem mais vantagens do que eu esperava em estar morto. Por exemplo, posso cometer quantos crimes eu quiser, e ninguém me considerará suspeito.

Danny estava diante do espelho, sem camisa, observando-se, virando de um lado para o outro, flexionando os músculos. Meses de treinamento intenso possibilitaram que ele voltasse à velha forma, e ele concluiu que até estava melhor, quando comparado a antes de sua "morte". Caramba, ele tinha a aparência de um homem da metade de sua idade.

Claro que não fora fácil voltar a ficar forte. Quando ele recobrou a consciência naquela velha casa de ripas de madeira em San Antonio, há mais de três anos, disseram-lhe que ele estivera em coma por quatro meses. Houve um pouco de dano cerebral, Bonner explicara. Algo dera errado no falso suicídio na cela da cadeia no condado de Los Angeles; Danny quase tinha morrido *de verdade*. Por isso, quando despertou do coma, encontrando Bonner ansiosamente esperando ao seu lado, Danny viu-se enclausurado em músculos atrofiados e pele flácida. A estrada de volta à saúde foi longa e penosa. Muitas vezes Danny quase desistiu, quando a fala lhe faltava, ou quando a vista embaçava, ou quando quer que algum dos inúmeros sintomas atacava, lembrando-lhe dos danos causados ao seu cérebro.

Mas, no fim, Danny recebeu ajuda. Um livro chamado *Butterfly Revelado* viera à cena, e assim que ele o leu, uma onda de determinação renovada e intrépida invadiu seu corpo enfraquecido.

– Sabe, Bon – disse Danny para o amigo. – Esse tal de Quinn não é tão estúpido assim. Ouça isto. – ele disse pegando o livro de páginas já muito manuseadas e leu uma parte que tinha praticamente memorizado. – "É teoria deste jornalista que Danny Mackay e Beverly Highland, de fato, conheciam-se secretamente há anos, que suas histórias vêm de muitos anos, de uma época em que os dois eram amigos, sócios ou, possivelmente, amantes, e que algo nesse mútuo passado distante fez com que Beverly Highland traçasse um plano de vingança complexo e brilhante contra o desavisado Mackay.".

Danny riu e jogou o livro de lado.

– Quinn supõe que eu tenha feito algum mal a ela, como sempre. Esse aí mais parece um cientista de foguetes...

Afastou-se do espelho e foi até o quarto ao lado para espiar por uma janelinha. Empurrando a cortina, observou a casa vizinha. Não havia luz acesa ou carro na entrada. Otis Quinn ainda não havia chegado em casa.

– *Ara* essa, Bonner – disse Danny, escorregando para o velho sotaque texano de sua juventude, como sempre fazia quando se sentia bem. – Não é engraçado como o destino funciona? – completou antes de pegar da cama uma camisa de seda azul e a vestir, deleitando-se com a sensação do tecido contra a pele. Houve um momento há três anos e meio quando, por um átimo, Danny pensara que não sentiria mais nada. – Quero dizer – continuou ao passar os botões de madrepérola pelas casas da camisa –, lá estava eu, planejando minha morte falsa, acreditando que a vaca maldita tivesse morrido no acidente de carro naquele despenhadeiro, e agora, três anos mais tarde, descubro que ela também planejou a própria morte! Eu devia ter antecipado isso. Não deveria ter achado impossível que a vagabunda fizesse isso. Nós dois tivemos a mesma ideia.

O semblante dele subitamente ficou sério.

– A não ser pelo fato de que a morte forjada dela não chegou nem perto de matá-la como a minha.

Ele riu de novo e passou as mãos pela camisa. Aquela camisa havia custado quase duzentos dólares; Danny mandara fazê-la sob medida.

– Vou lhe dizer, Bon, quando vi aquele tal de Quinn na TV, dizendo que acreditava que Beverly Highland ainda estava viva e que tinha provas disso... – ele passou um cinto de pele de crocodilo nos passantes da calça; nada das frescuras de suspensório de Wall Street para ele, mesmo eles estando na moda. – Bem, é isso mesmo, Bon. Você viu como aquilo me enfureceu. Pensar que ela ainda estivesse viva! Claro que está! Depois que Quinn disse isso, fiquei pensando e percebi que

tolo tenho sido, assim como o resto do mundo, pensando que ela tivesse mergulhado com aquele carrão dela.

Ele voltou para a frente do espelho e fez uma pausa, ficando muito sério. Ele pensava em como Beverly devia ter comemorado quando ouviu a respeito do suicídio dele na cadeia, como deve ter estourado um champanhe enquanto assistia pela TV ao enterro dele em Houston. A vadia sem dúvida se vangloriara; provavelmente ainda o fazia. Mas isso teria um fim. Assim que Danny a encontrasse.

Consultou o relógio de pulso – um bom modelo suíço, mas não o Rolex de 15 mil dólares no qual tinha ficado de olho. Danny vinha fazendo compras desde que chegou ao sul da Califórnia, mas ele tinha muito mais a fazer. As roupas faziam os homens, era o que ele sempre dizia.

Quinn disse no programa televisivo que estava morando em uma casa alugada em Malibu, logo depois da virada da Sunset, por isso não foi difícil para Danny e Bonner localizá-lo. Depois que descobriram em qual casa o jornalista estava vivendo, eles simplesmente tomaram a casa vizinha. Agora Danny esperava que Otis voltasse para casa. Eles iriam ter uma conversinha...

E então Danny saberia onde Beverly Highland estava – e tomaria as providências necessárias para que ela pagasse pelo que lhe fizera.

Um dos lados de sua boca se curvou em um sorriso. Quando Danny viu como o sorriso o deixava sensual, teve de admitir que, depois de meses em coma e mais meses de reabilitação durante os quais muitas vezes desmaiara sem se lembrar de quem era ao acordar, ele ainda possuía a magia do velho Danny Mackay.

Sim, claro, estava um pouco mais velho, e havia fios grisalhos em meio aos loiro-avermelhados, mas os olhos verdes langorosos e o sorriso malicioso e sensual ainda estavam carregados de energia. Viu os efeitos deles quando foi comprar roupas na famosa Galeria de Houston. As vendedoras se apaixonaram por ele; vendedores do sexo masculino o respeitaram. Também causou um frisson em Danny misturar-se aos milionários de River Oaks – pessoas que um dia pagaram muito para estar em sua companhia – e passar despercebido. Sim, senhor, Danny ainda tinha o mesmo carisma que enviava pelas ondas da TV, reverberando em cada uma das salas de estar dos cristãos, conforme proclamava seus sermões no programa “Hora da Boa-Nova”. E em um tsunami reverso, dólares jorraram na sede do seu Ministério da Boa-Nova mais rápido do que a sua equipe era capaz de contar, separar e depositar no banco.

Contudo, nem todo esse dinheiro seguia para as contas do ministério; Danny

redirecionava algumas das abençoadas notas verdes para contas numeradas especiais, sobre as quais só ele e Bonner Purvis sabiam. Foi esse montante guardado que o salvou do julgamento e de passar o resto da vida na prisão. E agora era seu para gastar.

Portanto, ele tinha saúde, dinheiro e logo teria poder. Sendo um homem morto, ele era invisível. E os fantasmas conseguiam se safar de qualquer coisa.

Pensar nisso o deixava animado. Muito animado. Um dia ele esteve determinado a chegar à presidência dos Estados Unidos; agora ele queria ter o mundo inteiro.

– O maldito mundo inteiro – murmurou ele para seu reflexo.

E seu poder começaria com o que ele faria com Beverly quando a encontrasse.

O brilho de faróis subitamente refletiu na parede oposta. Danny foi para a janela e espiou novamente. Um carrinho japonês azul estacionou na frente da casa vizinha. Otis Quinn estava em casa.

Era isso, Danny pensou, virando-se e se apressando para o outro quarto. No caminho, tropeçou em algo e teve de se segurar no batente da porta. Olhou para baixo; tinha tropeçado em um braço. Estava frio e sem vida agora; ele e Bonner tiveram de matá-la algumas horas antes, quando invadiram sua casa. Não havia outro jeito; eles tinham de ficar perto de Quinn.

Danny se abaixou e a suspendeu. Ela estava nua.

Deitou-a na cama com gentileza e a acomodou confortavelmente. Parou para observar-lhe o rosto e viu que ela era bonita. Que pena. E ele nem sabia o nome dela.

Voltando para o outro quarto, ele pegou a jaqueta, vestiu-a e disse:

– Otis chegou, Bon. Vou fazer uma visitinha amigável.

Bonner não respondeu; ele também estava morto.

Danny olhou para o rosto pálido do amigo por um instante, os olhos sem vida ainda fitavam a noite. Danny e Bonner estiveram juntos por mais de trinta anos, desde a juventude desvairada em San Antonio, quando eram dois garanhões pregando sermões em tendas e favorecendo as esposas carentes dos fazendeiros. Danny sempre soube que, cedo ou tarde, ele teria de se livrar do melhor amigo porque ele sabia demais. Bonner cuidou de tudo depois do falso suicídio; levou o *corpo* de Danny para o Texas, criou um esconderijo, encontrou um pobre coitado qualquer para tomar o lugar de Danny no caixão, depois reconduziu Danny de volta à saúde. Mas o pobre Bonner tinha acesso à fortuna de Danny, e era a única

pessoa que sabia que Danny Mackay ainda estava vivo. Agora, nem mesmo Bonner sabia. E Danny tinha todo o dinheiro só para si.

– *Adios*, amigo – ele disse ao apagar as luzes e sair.

Otis Quinn esfregou o ponto abaixo do esterno, que queimava como se ele tivesse engolido carvão em brasa. Sua úlcera atacava de novo – isso acontecia desde quando ele descobriu que a mulher que ele acreditava ser Beverly Highland revelou ser outra pessoa.

Ele acendeu as luzes da casa alugada em Malibu, ligou o aparelho de som, serviu-se de cerveja e foi para as portas de correr que se abriam para um deque castigado pela ação do tempo e do clima. Parado na grade, ele observou as ondas que se quebravam na praia. Era uma noite fria de dezembro; a praia estava deserta. Enquanto tomava a cerveja, olhou para a esquerda e se surpreendeu ao não ver luz alguma na casa da vizinha.

Ele não a conhecia de fato. Ela era uma daquelas beldades loiras que pareciam não ter de trabalhar para viver, e mesmo assim dirigia uma Mercedes conversível e sempre dava festas homéricas. Otis trocara um cumprimento ocasional com ela, mas ela não demonstrou interesse algum. Ocorreu-lhe naquelas poucas semanas em que estava naquela casa contar-lhe quem ele era. Ele não duvidava de que ela tivesse lido o *Butterfly Revelado*, ou que ao menos o tivesse visto na TV. Tinha certeza de que aí ela ficaria impressionada.

Otis nunca conseguia entender qual era seu problema com as mulheres. Ele não se considerava mal apessoado, não era nenhum Mel Gibson, mas também não era nenhum cão sabujo. Estava em forma para um homem perto dos cinquenta; exercitava-se todos os dias para continuar bem. Ainda tinha todos os cabelos e cultivava uma barba intelectual que acreditava combinar bem com os óculos Barry Goldwater. Então, por que não dava uma dentro?

O estômago de Otis roncou e um arroto imenso brotou em sua boca. Esfregando novamente o ponto que ardia, entrou de volta para arranjar alguma coisa para comer antes de começar a trabalhar.

Ao espalhar mostarda *dijon* nas três fatias de pão de centeio enquanto o rosbife esquentava no micro-ondas, ele pensou no grande sucesso que *Butterfly Revelado* fora para ele. Claro que grande parte do que havia escrito não passava de asneiras, mas era isso o que o povo queria. Eles adoravam. Depois de anos produzindo matérias para os tabloides dos supermercados, Otis finalmente se dava bem. E ele pretendia continuar bem – encontrando Beverly Highland.

Quando o micro-ondas apitou, ele colocou o rosbife fumegante em uma das fatias de pão, cobriu com a segunda fatia, colocou o resto da carne e sobrepôs tudo com a terceira fatia. Depois foi sentar-se à mesa, deixando o sanduíche torto ao lado da máquina de escrever, e pegou o gravador. Começou a ditar.

– Depois de algumas investigações no passado da minha principal candidata... – ele disse antes de mudar a cadeira de posição e olhar para a foto de jornal, no meio da bagunçada mesinha lateral na qual escrevera abaixo "Esta é Beverly Highland?". – Descobri que ela não é, no fim das contas, Beverly Highland. Na verdade, ela nem estava em Los Angeles na época em que Beverly Highland lançou sua campanha de vingança contra Danny Mackay.

Otis fez uma pausa, deu uma bela mordida no sanduíche, mastigou pensativo, engoliu e continuou:

– Felizmente, porém, essa mulher não era a minha única pista. Depois de verificar cuidadosamente cada uma delas e descartá-las por diferentes motivos, reduzi a lista para um nome, e estou convencido de que ela é Beverly Highland. Seu nome é Beverly Burgess, e ela é proprietária do resort Star's em Palm Springs. Fiz algumas investigações em Palm Springs e no Vale Coachella, e tudo o que descobri é que a senhorita Burgess apareceu do nada dois anos e meio atrás com dinheiro suficiente para comprar a mansão abandonada Star's Haven, localizada na depressão do Monte San Jacinto. Vou averiguar a senhorita Burgess. Tenho uma reserva no Star's para o fim da semana...

A campainha tocou. Otis desligou o gravador, limpou a boca na manga da camisa e foi para a porta.

Espiou pelo olho mágico, mas viu nada além da silhueta de um homem contra o trânsito da autoestrada da Costa do Pacífico ao fundo.

– Pois não? – Quinn perguntou da porta. – O que deseja?

– Senhor Otis Quinn? Preciso falar com o senhor. É muito importante.

Otis refletiu um segundo. Tinha muito trabalho a fazer – tinha de juntar os dados do arquivo sobre Beverly Burgess e planejar sua estratégia para expô-la. Mas Otis era um jornalista freelancer, e normalmente conseguia suas boas histórias para o *Globe* e o *National Enquirer* por meio de informações secretas, que costumavam aparecer em horas estranhas, e com muita frequência anonimamente.

– Está bem – disse, abrindo a porta.

– Olá – disse o visitante com um sorriso charmoso.

Otis franziu a testa. O rosto do homem lhe era familiar.

– Espero não estar atrapalhando – Danny disse com o seu sotaque texano

mais suave e educado.

Subitamente Otis reconheceu o homem.

– Meu Deus! – Otis exclamou e retrocedeu um passo.

Danny sorriu.

– Quase isso – disse, estendendo a mão. – Danny Mackay.

Mas Otis não apertou a mão dele. Só continuou parado, olhando-o fixamente.

– Importa-se se eu entrar? – perguntou Danny. – Se esta não for uma hora conveniente, senhor Quinn, basta dizer. Sei como deve ser um homem ocupado.

Danny olhou para ele em expectativa, mas Otis simplesmente continuava ali, de boca aberta. Por isso, Danny entrou, fechou a porta atrás de si e seguiu pela sala.

– Belo lugar este seu, senhor Quinn – elogiou. – Uma linda vista do oceano. Sempre disse que era possível saber que Deus criara os oceanos primeiro, por causa da sua majestade e submissão, como Ele próprio.

Ele virou-se e sorriu para o confuso Quinn.

– Fiquei imaginando se poderia trocar algumas palavras com o senhor – disse ele, terminando a frase ao estilo texano, subindo o tom como se em uma pergunta. Danny sabia que esse modo de falar sempre era bem aceito pelas pessoas. Elas se sentiam à vontade com o povo do interior.

Quinn começou a falar, tossiu, recompôs-se, depois disse:

– Deus meu! Você é mesmo Danny Mackay! E está vivo!

Danny inclinou a cabeça, sorriu e disse:

– Da última vez em que conferi, eu estava mesmo.

– Ai, meu Deus...

– O senhor parece ser um homem religioso, senhor Quinn – Danny comentou com um sorriso amplo.

– Ah! – disse Otis. – Desculpe... Deus meu, quero dizer, entre. Não, o senhor já entrou. Sente-se, senhor Mackay... Reverendo Mackay... Danny...

Danny riu e andou lentamente pela sala, observando os livros espalhados, a correspondência, recortes de jornais, saquinhos de batata frita vazios, até os olhos pousarem em uma foto. Era a foto de uma mulher e abaixo dela estava escrito “Esta é Beverly Highland?”.

Ele se virou e sorriu para Quinn, que esfregava o estômago.

– Imagino que o surpreendi, senhor Quinn. Pensou que eu estivesse morto, não pensou?

– Bem... – disse Otis, começando a se recompor. – Todos pensaram que

estivesse, *pensam* que esteja, pensam que o senhor *está*! Por certo me pegou desprevenido, senhor Mackay. Por um minuto, pensei estar diante de um fantasma.

– Bem, meu amigo, de certo modo está mesmo. Mas essa é uma história muito comprida, e não tenho tempo para ela agora. No entanto, ficarei contente em lhe contar tudo em outra ocasião.

Os olhos de Otis arregalaram-se, e Danny já imaginava as engrenagens operando na mente do homem. Danny Mackay... Vivo! Uma entrevista exclusiva! História vendida para quem pagasse mais! Valeria milhares de dólares. *Centenas* de milhares.

– Li seu livro – disse Danny. – Muito interessante. Sabe, nunca vi os quartos sobre a loja de roupas masculinas. É verdade o que os jornais dizem?

– Hum, sim... – Otis disse, subitamente nervoso. – Minha sorte foi quando conheci uma garota que trabalhou lá. Embebedei-a, e ela me contou sobre os quartos especiais. Então, consegui que um amigo meu no departamento de polícia de Los Angeles me deixasse dar uma olhada.

– O que encontrou?

– Nada de mais, na verdade. Tive de usar minha imaginação.

– Mas era um prostíbulo?

– Ah, sim, não há dúvida quanto a isso. Mas eu não conseguia acreditar que um homem como o senhor, quero dizer, que o senhor tivesse qualquer envolvimento com aquilo, senhor Mackay – Otis disse enquanto pegava uma cadeira para seu visitante. – Posso lhe oferecer algo, reverendo? Cerveja? Café? – *Jesus Cristo*, Otis pensou, sentindo o rosbife e o pão de centeio transformando-se em fogos de artifício no estômago. *Danny Mackay. Aqui! Falando* comigo. *Ah*, *Jesus*...

– Otis, você me parece confiável – disse Danny, ignorando a cadeira. – Um homem em quem posso confiar.

– Ah, pode sim, senhor Mackay. Absolutamente!

– Bem, Otis... Posso chamá-lo de Otis? Eu o vi na televisão há algumas semanas e não pude acreditar no que disse a respeito da senhorita Highland estar viva. É verdade? Quero dizer, tem provas disso?

Otis sentiu o suor escorrer entre as omoplatas.

– B-bem, eu meio que tenho provas... Isto é, acho que a encontrei. Quero dizer, bem... – *Jesus*, pensou ele novamente, tentando não se contorcer sob o olhar magnético de Danny. Otis jamais encontrara o reverendo pessoalmente, mas ouvira falar do poder sinistro que ele tinha sobre as pessoas, só de olhar para elas.

Otis tentou pensar. Uma coisa era enganar o público, mas ele sabia que tinha de ser franco com Danny. – Não tenho provas concretas, apenas um palpite.

Danny sorriu.

– O palpite de um jornalista? Do tipo que fez com que Woodward e Bernstein[1] conquistarem o Prêmio Pulitzer?

Os olhos de Otis se arregalaram. Ele estava gostando daquilo – Danny Mackay obviamente o levava a sério.

– Sim – confirmou rapidamente, sentindo a autoconfiança retornar. – É isso mesmo. Rapaz, vou lhe dizer, senhor... Reverendo, não é fácil fazer bom jornalismo. Há tantos picaretas por aí, sabe? Tive a intuição de que Beverly Highland estava viva, por isso comecei a pesquisar. Bem, no começo tive diversas pistas e as investiguei uma a uma até acreditar ter encontrado a pessoa certa.

Danny inclinou-se para pegar a foto de jornal. Estudou-a por um instante, depois disse:

– Esta é Beverly Highland?

Otis olhou para a foto. Não, não era Beverly. Ela era uma das excluídas, a mulher cuja identidade tinha verificado recentemente.

– Deixe-me explicar – disse Otis. – Essa mulher tem a mesma idade que Beverly e tem um estilo de vida bem exclusivo. Ela é imensamente rica e *se parece* com Beverly. Deduzi que, já que era tão rica e estava envolvida com tantos empreendimentos, ela devia ter criado essa identidade com o propósito de evasão de impostos. Em seguida, aprofundei a pesquisa quanto ao passado da mulher e...

Otis se afastou de Danny para pegar o arquivo de Beverly Burgess, a mulher que agora estava convencido ser Highland. Não viu a faca. Tudo o que sentiu foi uma queimadura súbita no pescoço, como se sua úlcera tivesse explodido e enviado o calor garganta acima, e logo sentiu uma umidade no colarinho.

Olhou perplexo para Danny, e caiu no chão.

Danny passou por cima do homem e foi para a escrivaninha, onde pegou a outra metade do sanduíche de Otis. *Mostarda demais*, pensou ao morder e mastigar, mas dava para o gasto. Não conseguia despregar o olhar da foto do jornal que tinha na mão, sob a qual Otis escrevera “Esta é Beverly Highland?”.

De repente, Danny voltou no tempo, três anos e meio atrás na suíte do Hotel Century Plaza. A sala externa estava tomada pelo pessoal da campanha presidencial, e o telefone tocava incessantemente. No quarto, ele estava com Bonner, Beverly e o guarda-costas dela, e Beverly dizia para Danny:

– Se quiser que eu o salve, Danny, terá de suplicar. Quero vê-lo implorar

como implorei para você. Uma palavra minha, Danny, e você se torna o presidente dos Estados Unidos ou o mundo lhe dará as costas, e você passará o resto da vida na prisão.

Considerando as alternativas, ele não teve escolha. Ajoelhou-se, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e implorou.

E então ela o jogou para os lobos.

Ele estudou o rosto da fotografia e ainda que não fosse exatamente Beverly – o rosto não era o mesmo e o coque banana loiro fora substituído por cabelo escuro à altura dos ombros –, aquela podia ser Beverly. A maquiagem alterava as feições das pessoas, e ela devia ter feito cirurgia plástica, como havia feito antes, há muitos anos.

Quanto mais Danny olhava para a foto, mais convencido ficava de que aquela era Beverly. Ele queria acreditar; *precisava* acreditar.

Leu o nome na legenda abaixo da foto: Philippa Roberts.

Danny sorriu.

– Philippa Roberts – disse –, atualmente morando em Perth, no oeste da Austrália.

Portanto, encontrara a vadia. E agora iria atrás dela para fazê-la pagar.

---

[1] Bob Woodward e Carl Bernstein decifraram o escândalo Watergate e com isso fizeram com que o *Washington Post* recebesse o Prêmio Pulitzer. (N.T.)

5

Perth, Austrália Ocidental

QUANDO O JOVEM DE 27 anos Ricky Pemberton deixara a Tasmânia cinco anos antes, abandonando a excitação de viver em uma fazenda produtora de maçãs em busca de aventuras ao longo do litoral ocidental da Austrália, ele não sonhava que seria secretário, sobretudo de uma mulher. Porém, enquanto esperava pela confirmação da reserva do bangalô no Star's por fax, ele olhou pela janela do escritório de sua patroa, vendo a piscina convidativa e as colunas dóricas, em contraste com o faiscante rio Swan e concluiu que não poderia imaginar uma vida melhor do que a que levava trabalhando para Philippa Roberts.

E pensar que acabara naquele emprego após uma aposta de bar de cinco dólares.

Às vezes, Ricky surpreendia-se ao pensar naqueles dias – somente um ano antes? – quando ele os passava trabalhando em barcos e passeando pela praia, esperando que um bico aparecesse, quando seu guarda-roupa se resumia a jeans e um chapéu que comprara de um aborígene pelo preço de uma cerveja. Não se preocupava com camisas e calçados naquela época; dirigia um velho Subaru Brat com um adesivo no para-choque que dizia: "Pilotos do mar se mandam", e ele não sabia como o aluguel seria pago. Mas havia sido feliz, naquele estilo de vida transitório em busca de oportunidades. Não queria ser vagabundo de praia pelo resto da vida, mas também não fora possuído pelo tipo de ambição que norteava os jovens a ir para a faculdade e fazer sacrifícios. Ricky, como a maioria dos seus amigos, queria uma vida boa, do modo mais fácil. Muitos deles encontraram isso trabalhando nas mansões milionárias que margeavam o rio Swan; trabalhavam como seguranças, tripulação de barcos, jardineiros, empregados domésticos, até mesmo como passeadores de cachorros. O pagamento costumava ser bom, e o trabalho, fácil. E foi assim que o tópico a respeito da reclusa americana Philippa

Roberts surgira certa noite entre Ricky e seus amigos.

Ainda que Philippa não fosse a única antissocial a viver no litoral de Perth a Fremantle, era dela que mais se falava. Primeiro, por ela ter aparecido do nada dois meses antes, indo morar numa mansão que permanecera fechada por um bom tempo. E depois, por administrar uma companhia tão difundida que até mesmo Ricky conhecia, uma vez que a própria mãe era associada da Starlite há tanto tempo que ele nem sabia dizer. E, então, certa noite, depois de um dia árduo trabalhando com turistas, Ricky e seus amigos foram relaxar bebendo cerveja no pub favorito deles, e o nome de Philippa Roberts veio à tona. Mais especificamente, eles queriam saber como transpor os muros da propriedade dela para conseguir um emprego fácil.

Ricky a tinha visto muitas vezes, sempre que estava trabalhando em um barco ou praticando windsurfe perto de Point Resolution. Todos os dias ela aparecia à mesma hora e ficava parada olhando para o mar, com o vento batendo no rosto. Ela permanecia por uma hora e depois caminhava de volta para a mansão de estilo grego onde morava. Ele deduziu que ela devia gostar de barcos e de velejar. E foi assim que teve uma ideia.

– Acho que eu consigo – disse ele.

– Já tentaram isso – replicou seu amigo Freddo que, como Ricky, era bronzeado, musculoso e loiro, e acreditava que o futuro era algo que só vinha para as outras pessoas. – Jacko, por exemplo, um dia passou pelos portões quando eles estavam abertos para a entrega de um furgão. Ele bateu à porta e disse que estava procurando emprego. O chofer e outro empregado da casa o acompanharam portão afora.

Mas Ricky não estava pensando em portões, e a aposta foi feita. O maço de notas de cinco dólares foi deixado aos cuidados de Freddo, e Ricky pôs na cabeça que iria ganhar.

Seu plano envolvia uma embarcação Swan de doze metros atracada à doca particular de Philippa, um iate de corrida espetacular que fora deixado lá, dia após dia, balançando e oscilando com a correnteza do rio, nunca sendo levado para passear, e com aparentes sinais de descuido na madeira de pintura rachada e nos metais enferrujados. Ricky escolheu um dia em que o vento que soprava do Oceano Índico não estava muito forte; contava que a senhorita Roberts fosse almoçar no terraço de colunas, na parte de trás da casa. Partindo em um bote inflável com seu equipamento, começou a trabalhar no iate, limpando os dejetos dos pássaros no deque. Depois, colocando a roupa e o equipamento de mergulho,

desceu para raspar o limo do casco submerso. Ressurgia de vez em quando só para ver se ela tinha saído, e finalmente sua dedicação foi recompensada. Ele subiu, e lá estava ela, na doca, olhando para baixo na sua direção.

Ao se suspender da água e se livrar do equipamento, ele se preparou para começar seu discurso ensaiado “Senhora, precisa de alguém que cuide desse barco...”, mas ela falou primeiro.

– Barcos me dão medo – disse ela com uma voz distante. – O oceano me assusta.

Ricky a fitou. De perto, via que ela não era feia. Tinha ouvido dizer que talvez ela estivesse no fim dos seus 40 anos e, para Ricky, que tinha 26, isso parecia muita coisa. Mas ele viu-se diante de um rosto com poucas linhas de expressão, um corpo bem cuidado em um shorts e corpete, tudo isso completado por cabelos castanho-avermelhados, que esvoaçavam ao redor do rosto, ao sabor do vento. Ricky estava preparado para uma mulher dura, agressiva, implacável, sem nada para suavizá-la. Não esperara encontrar vulnerabilidade.

Por um instante ficou sem fala, parado ali em sua roupa de mergulho, respingando no deque.

– Por quê? Por que barcos lhe dão medo? – Ricky perguntou em seguida.

– Porque alguém que eu amava morreu em um barco, logo ali. O barco afundou e ele afundou junto.

Ricky olhou para onde ela apontava, mas não se lembrava de nenhum barco afundando ali recentemente, não desde o...

– Está falando do *Philippa*? – perguntou. – Meu Deus, eu tinha um colega no *Philippa*! Um amigo de escola. Viemos da Tasmânia juntos. O *Philippa* estava sendo preparado para a corrida de Sydney a Hobart e uma lancha o acertou no meio. Eu estava bem ali – disse ele, apontando para um ponto mais distante da costa – quando ele afundou.

Ele sentiu Philippa observando-o por trás dos óculos escuros. Uma gaivota planou e pousou momentaneamente no muro alto branco logo atrás dela, para em seguida levantar voo novamente.

– Quando herdei esta casa – disse ela – o iate veio junto. Mas não o quero. Acho que deveria tê-lo vendido, e agora ele precisa de reparos, não?

– Precisa ser cuidado. Por ter ficado atracado no mesmo lugar por tanto tempo, não envelheceu de maneira uniforme. Toda a madeira precisa ser envernizada, a corda principal está gasta, notei alguns ferros soltos, e a senhora precisa tomar alguma providência a respeito de todos esses dejetos dos pássaros.

– Pode resolver isso? – perguntou ela.

– Não é nada de que eu não saiba fazer – disse Ricky. – Ele ficará perfeito em pouco tempo. Talvez tenhamos de içá-lo...

– Faça isso então, por favor. E encontre um comerciante de barcos, mande-o me procurar em casa. Pagarei uma comissão a você, além do que decidir cobrar pelo serviço de reparo e manutenção. Quanto antes o barco sair daqui, melhor.

E esse foi o começo. Depois disso, Philippa deu-lhe outros trabalhos, coisas para resolver, e quando ela soube que ele recebera treinamento em computadores no ano em que esteve na faculdade, ela o contratou como secretário. Ricky concluiu, enquanto o fax do Star's começava a passar, que sua felicidade hoje seria completa se não sentisse culpa por duas coisas que o atormentavam, coisas que ele rezava para que Philippa não descobrisse: primeiro, que não havia amigo algum no *Philippa*, e segundo, que tinha se apaixonado por ela.

O aspecto sexual do relacionamento deles acontecera completamente por acaso, há quase um mês, quando assistiam juntos à Copa Melbourne na televisão. Philippa estava torcendo por uma égua que escolhera simplesmente pelo seu nome, já que alegara não entender nada de cavalos e de corrida de cavalos. Quando esse cavalo venceu, ela deu um pulo e, em um impulso, abraçou Ricky. O abraço estendeu-se um pouco além do necessário e, no instante seguinte, estavam se beijando. Nenhum deles teve a intenção de que aquilo acontecesse, e os dois ficavam constrangidos depois. O que mais surpreendia Ricky, porém, era o fato de estar apaixonado por uma mulher sobre quem sabia bem pouco, mesmo depois dos nove meses em que trabalhava para ela. Surpreendera-se com a chegada do detetive poucas horas antes com novidades a respeito de uma irmã de Philippa. E ficara ainda mais surpreso ao saber que Philippa um dia se chamara Christine. Havia mais mistérios envolvendo a patroa do que ele sequer imaginava. A égua que vencera a Copa Melbourne, por exemplo, Ricky não fazia ideia da significância do seu nome. Por que Philippa escolheria um cavalo só porque seu nome era Bela Boneca?

San Francisco, Califórnia, 1950

– Isso mesmo, boneca! Coma tudo! Boa garota!

Christine, de doze anos, estava sentada à mesa de jantar de mogno, devorando as costelas de porco apimentadas enquanto o pai trabalhava na cozinha

e falava através da porta aberta. Ela tinha de rir ao olhar para ele: ele estava usando um smOking, sem o paletó, e tinha um avental cheio de babados por cima para proteger a roupa. Tinha uma frigideira em uma mão e uma espátula na outra, e dançava na cozinha enquanto cozinhava, olhando de relance pela porta de vez em quando para se certificar de que a filha estava se divertindo.

– Pare com isso, Johnny – disse uma moça loira acomodada em uma poltrona de couro ao lado da lareira, folheando uma revista *Life*. – Está dando comida demais a essa menina. Ela está engordando.

– Tolice! – respondeu ele, aparecendo com uma tigela fumegante de purê de batatas. – Minha boneca é uma criança em fase de crescimento! Minha mãe me alimentava assim, e nada demais aconteceu!

– É diferente com os homens – disse a mulher, inspecionando as unhas vermelhas.

Christine não gostava da namorada atual do pai. Ela não agia como convidada quando aparecia, ligava a televisão para assistir a Milton Berle enquanto Christine tentava ler, ou colocava um dos discos de Christine na vitrola sem pedir permissão.

– Diga-me uma coisa, boneca – disse Johnny Singleton colocando o purê na mesa e rodopiando para a filha. – Minha comida estragou minha aparência?

Christine riu. O pai era tão delgado e ágil. Era perfeito, na verdade. Ela o achava parecido com Richard Conte, o ator, só que mais alto. Johnny Singleton era arrumado, comunicativo, sensual e generoso. Vestia ternos trespassados e chapéus "diplomata" de abas largas, como Chester Morris no papel de Boston Blackie. Chistine conseguia visualizar o pai namorando Lana Turner ou Lauren Bacall; imaginava-o trocando piadas com Alan Ladd e George Raft. Na verdade, quando Johnny a levara para assistir a *Sublime Devoção*, ela podia apostar que as pessoas no cinema pediriam autógrafos, tamanha sua semelhança com Richard Conte. E, assim como o astro de cinema, Johnny estava sempre rodeado por belas mulheres.

Isso o ajudava a superar a morte da mamãe, Christine dizia para si.

– O que foi, boneca? – perguntou ele, de repente.

Christine olhou para o prato e viu uma costela de porco abandonada. Ao ver a preocupação no rosto do pai, pegou a costela com as mãos e começou a comer. O rosto de Johnny iluminou-se.

– Isso mesmo – elogiou –, nada como a comida do papai para alegrar minha filhota.

A loira resmungou alguma coisa, e Johnny voltou a desaparecer na cozinha.

Claro que Christine sabia que o pai não era ator de cinema algum. Ele era um homem de negócios, ainda que ela não soubesse exatamente que tipo de negócios. Toda vez que perguntava, ele só ria e lhe dizia para não se preocupar. Eram ricos, ele dizia, e era isso o que importava. Havia ocasiões, porém, em que Christine queria lhe dizer que preferia não ser rica, se isso o deixasse ficar mais tempo em casa, como o pai de Martha Camp, que tinha um escritório na rua Montgomery. Às vezes, os negócios de Johnny o mantinham afastado durante várias semanas, e Christine ficava morrendo de saudades.

Johnny passou a cabeça pela porta e perguntou:

– Gostou das batatas, boneca? É uma receita minha. Acabei de inventar.

Ela fitou a tigela fumegante. Não queria comer as batatas. Estava satisfeita. Mas não queria desapontá-lo. Mais faminta pelo sorriso dele do que por comida, ela serviu uma colherada de purê no prato e começou a comer.

A loira suspirou, levantou-se da poltrona e foi para a cozinha. Uma pequena discussão teve início, a qual Christine só conseguiu ouvir trechos:

– ... demais.

– Ela perdeu a mãe, pelo amor de Deus.

– ... vai engordar.

– É barriguinha de bebê, linda! Vai sumir quando ela crescer.

– Talvez a mãe fosse obesa. Você chegou a vê-la?

– Não fale sobre isso!

E nisso a porta da cozinha foi fechada.

Christine olhou para si. Não se lembrava de uma época em que não fosse gordinha, ou como alguns diziam “fofinha”. Mas, nos últimos tempos, parecia estar acumulando gordura nos lugares errados – os seios começavam a ficar apertados na blusa e as coxas estavam engrossando. Christine começava a notar mudanças semelhantes nas outras meninas da idade dela, mas, nelas, esses volumes pareciam adequados. Nela, de algum modo, só parecia ser gordura.

Ficara intrigada pelo que a loira dissera, porque todos sabiam que a mãe de Christine tinha sido magra. Havia uma fotografia dela sobre a cornija da lareira.

– Como vai a minha bonequinha? – perguntou Johnny, saindo da cozinha. Ele tirara o avental e estava vestindo o paletó do smOking.

Christine o considerava o homem mais lindo que já tinha visto. Ele se ajoelhou ao seu lado e olhou para ela. Christine viu amor e adoração intensos nos olhos castanhos, e também lhe lançou a mesma devoção. Johnny pegou um

guardanapo e limpou-lhe o queixo.

– Sinto muito, mas tenho de sair hoje, boneca. Mas você jantou bem, não jantou?

– Sim, papai – respondeu ela, subitamente ressentindo-se da loira que estava na soleira da porta.

– E tenho uma surpresa para você na geladeira. Torta de queijo caramelizada da lanchonete.

Christine tentou esconder seu desalento; detestava sobremesas, detestava qualquer coisa que fosse doce. Era a única coisa que não conseguia comer para agradar o pai. Toda vez que ele trazia sobremesa para ela, ela a deixava para mais tarde, depois a jogava pela pia quando ele não estava por perto. Era seu pequeno engodo.

Isso e aquela coisa que ela fazia toda vez que ele viajava.

– Aonde vai hoje, papai? – perguntou, inalando a fragrância da colônia dele. A maioria dos homens não usava colônia; não era considerado algo másculo. Mas seu pai usava, ele era o homem mais másculo que ela conhecia.

– Ao Tango Club, na rua Polk. Preciso me distrair, boneca. Tenho trabalhado tanto, que preciso relaxar, me divertir um pouco.

Ela imaginava que ele devia estar trabalhando muito porque chegara só naquela manhã, depois de uma ausência de três semanas, e já parecia agitado e nervoso.

– Não pode se divertir comigo? – perguntou ela.

Ele riu e a trouxe para o seu abraço.

– Essa é a minha boneca! Sim, vamos nos divertir, você e eu. Mas vamos fazer isso amanhã. Vou levá-la para passear na cidade. Vamos ao Fisherman's Wharf e comeremos camarões e lagosta ao vapor. E vou levá-la ao Parque Golden Gate para comermos um cachorro-quente. Depois podemos ir ao cinema – para ver o que você quiser! E pode comer o quanto quiser de pipoca – disse antes de se afastar dela, com os olhos brilhando de alegria. – Que tal, minha boneca? – perguntou com suavidade.

– Ah, isso vai ser maravilhoso, papai! – exclamou ela, animando-se só de pensar.

Johnny esticou a mão e afagou-lhe os cabelos; Christine viu os olhos dele se umedecerem.

– Você é minha bonequinha – disse com carinho. – Jamais vou esquecer o dia em que nasceu, quando foi colocada nos meus braços, e eu quase explodi de

alegria. Sempre quis uma menininha. Garotos, quem os quer? Mas as meninas... Elas são especiais para os papais. E você é minha bonequinha. Desde que sua pobre mãe morreu, eu sou o responsável por cuidar de você e fazer você feliz. Você é feliz, boneca? Gosta da sua nova professora?

– Ela é legal – respondeu, desejando poder frequentar uma escola normal como as outras crianças. Contudo, Johnny insistia em ter tutores particulares para a filha. Christine nunca havia ido a uma escola; do que podia recordar, havia governantas e tutores e guarda-costas. E para onde quer que fosse, era sempre em uma limusine preta com janelas à prova de balas e um segurança dirigindo. Papai dizia que era para a sua proteção, porque eles eram muito ricos. Algumas pessoas ressentiam-se dos ricos, por isso, ocasionalmente, faziam coisas ruins para eles.

Porém, Christine às vezes se sentia presa, ainda mais nos últimos tempos, após ter completado doze anos e descobriu uma estranha agitação aumentar dentro de si. Ficar confinada na cobertura do prédio em Nob Hill, na companhia de uma governanta, de uma tutora, dos guarda-costas que jogavam cartas o dia todo, às vezes era mais do que Christine podia suportar. Motivo pelo qual criara seu logro – a coisa secreta que fazia. Sabia que teria de arcar com as consequências se alguém descobrisse, porque o pai não aprovaria. Por mais que Johnny fosse generoso em relação a muitas coisas, como com comida e brinquedos, e ultimamente com os discos que ela tanto queria, em outras coisas ele era muito, muito rígido.

– Já sei, boneca – Johnny lhe disse. – Que tal umas roupas novas? Sei que essa é uma das coisas que fazem as mulheres felizes. Que tal sairmos para fazer compras amanhã?

Christine ficou horrorizada. Fazer compras significava ter de ir a Fofuchas da Charlene na rua Powell, onde só meninas gordas compravam. Ela odiava não ser capaz de comprar nas lojas de departamento, como qualquer outra garota. Como a metida Martha Camp do apartamento vizinho, que acreditava ser muito especial só porque tinha treze anos, era magra e quase tinha um namorado. Martha sempre caçoava das roupas de Christine, que costumavam ser apenas blusas sobre saias pregueadas ou vestidos de cintura baixa. Sapatos Oxford e meias de cano curto não combinavam com essas roupas. Ir a Fofuchas da Charlene fazia com que Christine se sentisse uma aberração. A mensagem era “Você não é normal. Não é como as outras garotas”.

Mas como contar isso ao pai? O presente dele era comida; seu presente para ele era comer. Era assim desde que conseguia se lembrar.

Uma de suas lembranças mais antigas era logo após a morte da mãe, quando ela não conseguia parar de chorar. Johnny preparou seu macarrão especial com queijo; Christine foi se acalmando. No fim, a comida se tornou a ligação amorosa entre eles.

– Ei, boneca – chamou Johnny. – Preciso ir agora. Faça os seus deveres, e amanhã nós saímos. Tudo bem?

Ela empurrou a cadeira e levantou-se. Surpreendeu-se ao ver que a cabeça alcançava o ombro do pai. Tinha certeza que não estava alta assim quando ele foi embora três semanas antes. Entrou em pânico e implorou silenciosamente a Deus que não a deixasse ser, além de gorda, também alta. Já se sentia enorme e grotesca daquela maneira.

Enquanto Johnny chamava um dos guarda-costas para o apartamento para trocar umas palavras, Christine foi para a vitrola e deu uma olhada nos últimos álbuns – Perry Como e Frankie Laine. Olhou de relance para a loira, que estava diante do espelho acima da lareira retocando o batom. Ela usava um vestido de ombros caídos, o que significava que usava um daqueles sutiãs sem alças que Christine vira em uma *Vogue*, os quais ela jamais poderia usar. A loira era muito magra, como uma modelo, e, ao que tudo levava a crer, Johnny gostava dela assim, o que confundia Christine já que ele gostava *dela* gorda.

E então a loira fez uma coisa que intrigou Christine. Ela abriu a bolsinha brilhante de festa e pegou um vidrinho de remédio. Em seguida, caminhando para o bar bem abastecido, apanhou um copo de cristal, serviu-se de gim, levou a pílula à boca e engoliu. Christine já a vira fazer aquilo antes, e ficou se perguntando se a namorada de Johnny sofria de enxaquecas ou coisas assim.

Christine olhou para o pai, que estava no amplo vestíbulo da cobertura, o reflexo reluzindo no piso de mármore dourado com veios negros. Ele falava com um homem de quem Christine não gostava. Havia algo de perturbador nele, como se ele estivesse sempre tentando travar conversa com ela, fazendo-lhe perguntas, do tipo se ela tinha namorado e qual era o seu ator predileto. E a deixava incomodada pelo modo como às vezes olhava para o seu peito. Ele era estranho, os olhos eram sem expressão e o cabelo era cortado tão rente que ele quase parecia calvo. Havia uma cicatriz em seu rosto, e ela se perguntava como ele a conseguira. Seu nome era Hans, e ele era seu guarda-costas nos últimos seis meses.

Por fim, Johnny deu um abraço apertado em Christine, repetindo a promessa de momentos especiais no dia seguinte, e ela o abraçou como se nunca mais fosse soltá-lo. Olhou por cima do ombro dele, para a loira à soleira, mas a mulher não

estava prestando atenção. E naquele instante Christine sentiu uma coisa que nunca havia sentido antes: ciúme, raiva e sentimento de posse.

E soube que faria a coisa secreta naquela noite. Não tinha como evitar.

Para fazer aquilo, porém, ela tinha de sair do apartamento.

O que não era muito difícil de fazer. Os seguranças não estavam ali para mantê-la dentro de casa, mas para evitar que invasores entrassem, por isso eles não atentavam muito para quem saísse. Tudo o que ela precisava fazer era esperar que Will, aquele que ficava na cozinha para proteger a porta dos fundos, se levantasse para ir ao banheiro. Os seguranças nunca sabiam que ela saía porque julgavam que ela estivesse no quarto, e nunca checavam se ela realmente estava lá. Voltar seria um pouco mais difícil: quando o elevador chegasse à cobertura, Christine ligaria do telefone do elevador, e Hans entraria no apartamento para atender. Christine entraria sorrateira enquanto ele não estivesse olhando, e ele iria pensar que alguém discara errado.

Portanto, lá estava ela no quarto se aprontando, olhando para as fotografias das revistas coladas nas paredes. Sob o olhar impessoal de Veronica Lake, Rita Hayworth e da jovem de dezoito anos Elizabeth Taylor, Christine colocava grampos nos cabelos para evitar que eles ficassem eriçados pela névoa. Tinha dinheiro na bolsa e um casaco sobre o vestido. Ao se esforçar para calçar os sapatos, desejou poder seguir a moda e usar mocassim em um pé e um Oxford no outro, com meias descombinadas. Mas sabia que o conjunto pareceria ridículo nela em vez de ousado.

Esperou até ouvir Will atravessar o piso de mármore para o lavabo, para sair em disparada pelo apartamento espaçoso, com as luzes reluzentes da Baía de San Francisco piscando no canto do seu olho. Ao chegar à porta dos fundos, parou para recobrar o fôlego. Só havia dois outros apartamentos no andar, aquele ocupado por Martha Camp e a família, e outro de um senador aposentado que vivia com dois poodles. Quando teve certeza de que não seria vista, apressou-se para o elevador, apertou o botão e entrou sorrateira. Seu coração batia forte. Se o pai descobrisse...

Uma semana mais tarde, na balsa Tiburon atravessando a baía agitada e cinzenta, eles estavam na proa da embarcação, com frio e tremendo, mas rindo. Christine agarrou-se ao pai, sem nunca querer largar; adorava senti-lo e a sensação que ele passava de homem forte e sólido. Quando o abraçava daquele modo, ela

sentia a autoestima e o valor próprio de que tanto precisava quando ele estava ausente. Toda vez que Johnny voltava, Christine sentia a medula voltar para dentro dos ossos; tornava-se real novamente, existindo e merecendo existir.

– Lá vamos nós, boneca! – disse ele, apontando para o litoral. – Tiburon – disse ele, e ela pensou como ele fazia aquilo parecer algo romântico e cheio de aventuras, como Shangri-la e o El Dorado, e não apenas uma parte da Baía de San Francisco.

Tinham levado mantas, uma cesta de piquenique e um jogo de palavras-cruzadas, tudo isso carregado pelos seguranças, Hans e Will, que mantinham vigilância no patrão a uma distância discreta. Depois que a balsa atracou, Johnny e a filha caminharam pela estrada principal até chegarem a uma viela, sombreada por árvores frondosas. O ar estava fresco e mordaz, temperado pelo sal do mar e quebrado pelos guinchos das gaivotas. Procuraram por um lugar para o piquenique; Johnny não se contentava com qualquer lugar, ele tinha de ser especial.

Finalmente encontraram uma clareira em uma colina onde a grama e as flores estavam perfeitas, o vento não era muito forte, o sol estava agradável e quentinho. Ele abriu a manta e fez Christine se sentar, como uma princesa, enquanto abria a cesta e dispunha pratos e guardanapos, facas e garfos, e duas taças de cristal. Ele fazia tudo com um floreio, chamando-a de *senhora* e provocando o seu riso. Havia comida suficiente para um batalhão, mas comeram tudo: galinha frita fria, picles com endro, ovos cozidos acompanhados por pão de centeio com requeijão e duas garrafas grandes de leite, que Johnny serviu em duas taças.

Enquanto comiam, Johnny perguntou-lhe sobre o trabalho escolar. Gostava da professora? Quais suas matérias prediletas? E Christine lhe perguntou a respeito da última viagem, mas, como de costume, Johnny foi muito evasivo. Depois, limparam as mãos nas toalhas engomadas que a senhora Longchamps havia colocado em um pote, para, em seguida, começaram uma partida amigável de palavras-cruzadas.

Quando se cansaram de jogar, entretiveram-se com uma conversa que sempre tinham em momentos especiais como aquele.

– Fale mais da mamãe – pediu Christine, e notou uma mudança em Johnny.

A cor lhe fugiu, o falatório diminuiu; ele mostrou-se carinhoso e sentimental.

– Ela era a mulher mais linda do mundo, boneca – disse ele, deitando-se de costas para observar as nuvens como se o rosto de Sarah Singleton estivesse flutuando sobre eles. – Ela era um tanto frágil, como uma estatueta de porcelana, e

havia vezes em que eu até temia tocar nela. Nunca soube o que ela viu em um homem como eu. Quando nos conhecemos, eu era meio rústico. Ao falar, o sotaque do BroOklin se sobressaía. Eu dizia coisas como *menas* e *para mim fazer*. E eu achava que ser durão era o melhor que um rapaz tinha a fazer.

Ele se ergueu em um cotovelo e olhou para Christine.

– A sua mãe era uma verdadeira dama, boneca. Ela era cheia de classe e me transformou em um cavalheiro. Ela corrigiu o meu modo de falar e escolheu roupas para mim, levou-me à ópera. E para onde íamos, as pessoas olhavam para nós impressionados.

– Ainda sente saudades dela, não sente, papai?

Ele colocou a palma da mão no rosto dela e disse:

– Boneca, isso não podia ser mais verdade. Quando sua mãe morreu, quando o câncer a levou, uma parte de mim também morreu. Rezo a Deus para que eu possa ir para o céu um dia, porque quero passar toda a eternidade ao lado da sua mãe.

Christine subitamente sentiu-se esmagada de tanto amor – pelo pai e pela mãe que o fizera tão feliz. Christine queria que um dia ele falasse dela daquele modo.

– Eu me pareço com ela, papai? – perguntou, porque nas poucas fotografias que tinham de Sarah Singleton, a semelhança entre mãe e filha não era evidente.

Johnny sentou-se e passou as mãos sobre os cabelos lisos.

– Você se parece com ela no espírito e no coração, boneca, e é isso o que mais conta.

Decidiram sair para caminhar, e Christine percebeu uma oportunidade para tocar no assunto do trabalho dele.

– O que você faz exatamente, papai? – perguntou, ansiosa para saber por que Martha Camp disse que seu pai havia chamado Johnny de escroque, de gângster. Ela precisava dizer a Martha que o pai dela era um mentiroso.

Mas Johnny só disse:

– Não deixe que a opinião das pessoas a incomode, boneca. O que conta é como nos sentimos a respeito de nós mesmos. Respeite-se, e os outros também a respeitarão.

Ela pensou nas outras coisas que Martha Camp dissera, que seu pai esquivara-se do serviço militar e não havia servido na guerra como todos os outros. Christine sabia, porém, que o pai tinha se alistado, mas que tinha sido rejeitado por conta de um tímpano perfurado – como Frank Sinatra. E Christine também sabia que Jonnhy ajudara secretamente uma família nipo-americana a se

realocar em outro Estado, mas mantinha isso em segredo por ser considerado antipatriotismo.

– Não vamos desperdiçar nosso tempo juntos falando de mim, boneca – disse Johnny ao ajudá-la a atravessar um riacho lamacento. – Vamos falar do meu assunto favorito: você! Conte-me, o que quer ser quando crescer?

Essa pergunta não era fácil de responder, porque a escolha dos caminhos de Christine parecia mudar a cada semana, dependendo de qual revista estivesse lendo ou a que filme tivesse assistido. Naquele momento, ela queria ser como Myrna Loy em *Os melhores anos de nossas vidas* e cuidar de Fredric March. Por isso ela disse:

– Quero me casar, papai. Quero ter um marido e filhos e morar em uma linda casa.

– Meu amor – disse ele –, você pode ser tudo o que o seu coração desejar. Não precisa se contentar com o casamento só porque todas as outras garotas querem isso. Você pode ir mais alto do que isso se desejar. Vê aquele pássaro ali em cima, voando de árvore em árvore? Ele não se contenta em ficar empoleirado, permitindo que cuidem dele. Ele é livre. Voa alto. Olhe para ele!

Ela estreitou o olhar para o céu e, quando o pássaro abriu as asas e planou na correnteza de ar, ela pensou que o pai era como ele. E sentiu o próprio coração planar. E, no instante seguinte, soube o que queria ser quando crescesse.

– Quero fazer negócios como o senhor, papai.

Ele riu e a abraçou, e ela franziu o cenho.

– Mas... como exatamente o senhor ganha dinheiro? Por que somos ricos?

– Eu faço investimentos, boneca. Só isso. Sei onde colocar o meu dinheiro. Você sabe o que faz um investimento ser bom? Você descobre o que as pessoas querem e põe dinheiro nisso.

– Mas como sabe o que as pessoas querem?

– Perguntando a elas. Conte-me, o que você mais gostaria de ter no mundo, se tivesse apenas um desejo?

Ela refletiu um instante, depois disse:

– Uma pílula que fizesse as pessoas ficarem magras.

– Ah, boneca! Se eu conseguisse isso, eu seria a pessoa mais rica do mundo! Mas por que uma garotinha como você fica preocupada com o peso? Quando você crescer, emagrecerá, vai ver só.

Christine mal podia esperar por isso: crescer e emagrecer. Assim, Martha Camp e as amigas dela não poderiam mais caçoar dela, como na vez em que

Christine estava no saguão do prédio, e Martha junto a algumas meninas chegaram; quando as portas do elevador se abriram e Christine entrou, as outras deram um passo para trás, dizendo que o elevador despencaria com tanto peso dentro. Enquanto as portas se fechavam, ela ouvia as gargalhadas.

Quando Johnny percebeu sua expressão tristonha, deteve-se no caminho de madeira e disse:

– Você pode ser qualquer coisa que quiser ser, boneca. Talvez tenha de se esforçar, mas se for o seu sonho, então valerá a pena. Nem sempre fui rico; cresci em um bairro pobre muito difícil, e brigar era uma constante, só para sobreviver. Tive a determinação de crescer para além daquilo tudo e me tornar alguma coisa. Sabe o que o general Eisenhower disse uma vez? Que não importa o tamanho do cachorro em uma luta, mas o tamanho da luta no cachorro. Acredite em si, boneca, e você conquistará tudo o que quiser nesse mundo.

Voltaram a caminhar pela mata, e ao notar que o humor do pai se abrandava, Christine começou a sentir um nó de pânico dentro do peito; tinha um pressentimento sobre o que estava por vir.

– Tenho de ir embora de novo, boneca. Sinto muito – disse Johnny, por fim.

Christine ficou devastada, mas não surpresa. Ele vinha se mostrando vago e distante a semana inteira, falando ao telefone por horas, saindo do apartamento em horas estranhas. Ele sentia a inquietação que sempre tomava conta dele quando, de acordo com as suas palavras, um negócio estava dando certo.

Afastou-se dele, tentando não chorar. Vislumbrou seu futuro imediato mais uma vez, como sempre fazia, vazio e sombrio, sozinha na cobertura, solitária, ansiando pelo som do riso do pai, tentando comer a comida dietética da senhora Longchamps. E mais do que tudo, ficando no quarto.

– Sinto muito, boneca – disse Johnny, aproximando-se e apoiando a mão em seus ombros. – Odeio isso tanto quanto você, mas o meu tipo de negócio, bem, acontece onde o dinheiro está e onde os contatos estão. Um dia você entenderá – falou ao segurar-lhe o rosto entre as mãos. – Mas quero que saiba que amo você, boneca, e sempre amarei. Você é o motivo pelo qual fico tanto tempo longe; quero que você tenha o melhor dessa vida. Nós só temos um ao outro.

Ela o abraçou com força, perdoando-o pelas viagens a trabalho, pelas namoradas e pela solidão. Tudo ficaria bem, sabia, quando ela já não fosse uma criança, mas sim uma adulta. Então trabalhariam juntos, e ele a levaria para onde quer que fosse.

Christine pretendia fazer aquela sua coisa secreta e proibida de novo. Não tinha como evitar; estava infeliz.

Toda vez que Johnny viajava, a governanta a colocava em uma dieta, mas o corpo de Christine não estava habituado a digerir legumes frescos e saladas verdes. Isso lhe causava dor de barriga, e ela tentara remediar isso cozinhando ela mesma. E agora estava com uma dor de estômago horrível.

Sentada infeliz na espaçosa sala de estar da cobertura, com o piso lustroso, arte decô nas paredes e um relógio na entrada mostrando as horas, fazendo daquele lugar um museu, Christine fitava melancólica o último presente do pai.

No dia seguinte à partida dele para Nova York, um aparelho de som de alta qualidade havia sido entregue no apartamento, com a coleção de LPs de Como e Crosby. Os seguranças, Hans e Will, instalaram-no para ela. Fora muito animador no começo – nem mesmo Martha Camp tinha um daqueles aparelhos! Mas depois de um tempo, a excitação se esvaiu. Não era divertido ter um aparelho de som sem alguém com quem partilhar.

Convenceu-se de que só havia uma coisa que a faria se sentir melhor: fazer a coisa proibida.

Vestiu-se apressadamente e, alguns minutos mais tarde, estava no meio da rua brumosa. Apressou-se pela rua Califórnia até chegar a uma parada do bonde, subiu a bordo e segurou-se no poste de apoio, mesmo havendo lugares vagos para sentar, afinal era muito mais divertido atravessar a neblina daquele jeito.

Desceu no fim da linha e juntou-se aos pedestres da rua Market, apressada, olhando por cima do ombro de vez em quando para certificar-se de que não estava sendo vista. Então, finalmente, lá estava ela, iluminada pela luz de milhares de lampadinhas, sentindo a excitação se avolumar, enquanto as pessoas aglomeravam-se debaixo da marquise, comprando ingressos, entrando no saguão do cinema.

Só isso já melhorava seu ânimo, porque seus amigos estavam lá dentro, à sua espera. Depois de comprar o ingresso da moça do caixa, Christine foi direto para o balcão de doces, onde comprou um pacote grande de pipoca amanteigada, a mesma que Johnny sempre comprava quando a levava ao cinema.

O noticiário veio primeiro, com uma reportagem do senador Joseph McCarthy alertando o presidente Truman sobre a presença de comunistas no Departamento de Estado, seguido de uma breve propaganda do novo lançamento de Christian Dior.

“A moda francesa neste ano será saia justa com uma faixa ou cinto. E aqui

vão as novidades, garotas. Graças aos modernos métodos de criação, vocês podem ter aquela estola de marta que sempre desejaram, a um preço moderado, em uma ampla variedade de cores."

E um desenho do Pica-Pau foi exibido em seguida, o que indicava que o filme logo começaria.

Christine estava sentada na escuridão da sala de cinema, feliz e consolada, sentindo-se querida, como se ali fosse o seu lugar. Ela adorava as salas de cinema e a antecipação partilhada que sempre corria pelo público quando o filme estava para começar – filas e filas de pessoas procurando por um escape, como ela, preparando-se para a aventura. Aquele era o lugar predileto de Christine no mundo inteiro, e quando Johnny não estava por perto, aquele era seu mundo, era sua desobediência secreta. Johnny Singleton não desaprovava os filmes, o problema era que ela não podia ir sem ele. Às vezes, ele só era protetor demais.

Quando o filme começou, Christine sentiu o coração acelerar: *As minas do Rei Salomão*. Já lhe tinha assistido seis vezes.

Os filmes afastavam a solidão, faziam-na se esquecer das palavras cruéis de Martha Camp, da loja *Fofuchas da Charlene*, e dos legumes da senhora Longchamps. Os filmes eram como enormes portais, abrindo-se amplamente e atraindo-a para que entrasse e, por um breve momento, vivesse outra vida em outro mundo. A primeira vez que Christine saíra sorrateira para assistir a um filme sozinha havia sido três anos antes, quando Johnny estava fora da cidade. Antes de ir embora, ele a levara para assistir ao filme *A felicidade não se compra*, e eles choraram juntos no fim, dizendo um ao outro que, sim, existiam coisas como anjos e milagres. Quando a dor da saudade que sentia por ele tinha ficado grande demais, ela voltou para reviver aquela proximidade e intimidade. Ainda que tivesse descoberto que ir sozinha não era nem de perto tão divertido como ir com o pai, ainda assim, obteve certo prazer, e se surpreendera, duas horas mais tarde, por ter sentido felicidade, mesmo que por um breve período.

Depois dessa vez, sempre que Johnny estava fora, Christine escapulia para o cinema. Lá dentro, ninguém caçoava dela nem ralhava por ela ser gorda, ou fazia como a namorada loira de Johnny, que olhava para ela com algo próximo do desgosto. As personagens dos filmes aceitavam-na como ela era, seduziam-na e recebiam-na bem em suas aventuras, quer isso fosse velejar pelo Caribe com Errol Flynn ou solucionar mistérios com Basil Rathborne e Nigel Bruce. Christine podia dançar com Fred Astaire ou Gene Kelly; podia ser Maureen O'Hara sendo beijada por Cornel Wilde. Melhor ainda, podia ser Valentina Cortese em *Mercado de*

ladrões ou Susan Hayward em *Sangue do meu sangue*, porque esses eram filmes de Richard Conte, e ele se parecia tanto com Johnny.

Agora Christine estava sentada na escuridão, devorando a pipoca amanteigada enquanto assistia a Allan Quatermain liderar um safári pela selva africana, e embora soubesse o que aconteceria em seguida, era tudo tão excitante quanto na primeira vez em que assistiu ao filme. Ela fez uma pausa, com a pipoca na mão, e segurou a respiração.

Quando Deborah Kerr começou a desmaiar e Stewart Granger rasgou a blusa dela, Christine pensou que ela também desmaiaria.

E então percebeu que estava quase desmaiando mesmo; sentia dores alarmantes no abdômen. Deixando o saco de pipoca no chão e agarrando o braço do assento, desejou que o desconforto passasse. Mas as câimbras pioravam, até que ela deu um salto da poltrona e saiu para o banheiro. Apressou-se para dentro da cabine, e assim que suspendeu a saia, viu sangue na calcinha. Christine ficou em completo estado de choque. Depois gritou.

Uma lanterninha entrou e encontrou uma Christine muito histérica, virando-se de um lado para o outro diante do espelho, tentando descobrir de onde vinha o sangue.

– Estou morrendo! – chorou. – Ai, meu Deus, me ajude!

– Ai, ai... – murmurou a lanterninha, uma mulher na casa dos cinquenta, confinada em um uniforme desenhado para alguém muito mais jovem. – Não está morrendo, benzinho. Pegue aqui – disse, enrolando um punhado de papel higiênico e formando uma espécie de absorvente. – Coloque isto na calcinha e volte para a sala, diga aos seus pais que eles têm de levá-la imediatamente para casa.

– Não vim com os meus pais – Christine disse infeliz. – Vim sozinha.

– A esta hora da noite? Ora, meu bem, então volte para casa o quanto antes. A sua mãe vai saber cuidar de você.

Christine fungou.

– Não tenho mãe – disse. E olhou para a lanterninha com os olhos inchados. – Tem certeza de que não estou morrendo?

A mulher suspirou e disse:

– Não, benzinho, não está. Isso é algo que acontece com as garotas da sua idade. Você vai sobreviver.

– Mas o que é isto?

– Fale com alguma parenta sua, uma tia ou uma prima.

– Mas eu não tenho...

A lanterninha conduziu Christine para a porta e disse:

– Vá para casa agora.

Christine correu todo o caminho até a rua Califórnia e bateu na porta do quarto da senhora Longchamps. A governanta ficou aflita, chamando Christine de coitadinha. Ela tentou explicar para a garota, em meio ao seu embaraço vitoriano, o que estava acontecendo.

– É uma coisa maravilhosa – ela continuava a dizer, mostrando a Christine como usar os desajeitados absorventes. – É o milagre de Deus e o presente especial de toda mulher. Isso significa que nós podemos ter filhos. Significa que somos mulheres.

A senhora Longchamps não parecia muito convincente, e Christine não via muita felicidade e orgulho em seu rosto conforme falava. Mesmo assim, Christine sentiu o ânimo melhorar, porque se agora era uma mulher, se estava crescida, isso significava que logo seu pai a levaria com ele nas viagens de negócios em vez de deixá-la em casa.

* * *

Ela leu e releu o cartão postal do pai, que lhe dizia o quanto a amava, mas que aquela viagem de negócios tinha de ser estendida. Deitou-se na cama e apertou o cartão-postal contra o peito, na esperança de captar o amor do pai contido nele.

Subitamente, sentiu a presença de alguém por perto. Abriu os olhos e viu Hans parado na porta com o olhar sem vida fixo nela.

– Fiquei sabendo que já é mocinha – disse ele, entrando e olhando para ela, os olhos parecendo se deter sobre os seios. – Não gostaria que eu fosse seu namorado? Sei tudo sobre você, Christine, sobre as suas saídas para o cinema, por exemplo. Veja bem, eu não gostaria de contar para o seu pai, e se você for boazinha comigo, eu não conto.

Ela sentou-se na cama e dobrou os joelhos.

– O que disse? – perguntou ela.

– Já disse. Não vou contar para o seu pai se for boazinha comigo – ele disse enquanto entrava no quarto e fechava a porta. – A governanta está de folga e eu mandei o Will ir resolver um negócio. Você e eu temos a casa inteira só para nós, garotinha.

– Eu... eu tenho dinheiro – disse ela, confusa. – Oito dólares. Você pode

ficar...

Hans gargalhou.

– Não precisa me pagar, garotinha. Faço isso de graça.

– O quê?

Ele esticou a mão e a prendeu pelo pulso. Christie gritou.

– Fique calada ou terei de ser bruto – disse ele, puxando-a da cama. – Jesus Cristo, mas como você é pesada. Na verdade, eu gosto de carnes. Quantos anos você tem agora? Doze? Gosto das novinhas também.

Christine tentou se desvencilhar, mas ele agarrou o outro pulso e a puxou para junto de seu corpo, prendendo-a pela cintura. O rosto dele estava a poucos centímetros do de Christine; ela encarou os olhos sem vida e não viu profundidade neles.

– Por favor, não.

– Agora o seu papaizinho... – continuou o segurança, segurando-lhe os braços atrás das costas com uma mão, enquanto mexia debaixo da blusa dela com a outra – ... seu papaizinho gosta das magrinhas. Como aquela vaca loira. Mas eu gosto de garotas com carne em volta dos ossos. E, menina – disse ele ao apertar-lhe o seio – isso você tem...

Foi aí que ela começou a gritar. Ele colou a própria boca na dela e escancarou a blusa, mas Christine continuou a se debater. Ela sentiu algo duro pressionando-lhe a coxa. Uma arma! Ele a mataria!

Então, repentinamente, ela conseguiu se soltar e correu para a porta. Ele a alcançou e a girou, estapeando-a no rosto.

– Eu mandei ser boazinha! – gritou ele. – Agora vou ter de ser bruto.

Ele enfiou a mão debaixo da saia dela, mas Christine chutou e lutou. Eles se chocaram contra a cômoda, derrubando porta-retratos e quebrando vidros. Ela sentiu os dedos frios em sua pele nua, enquanto ele tentava forçar suas pernas a se abrirem.

A força dele começou a subjugá-la. Presa contra a parede, ela começou a chorar.

E então, subitamente, a porta do quarto foi escancarada. Hans voou para longe dela, e Christine viu Johnny virar o segurança alarmado para depois jogá-lo para o corredor.

– Maldito! – gritou ele. – Bastardo imundo!

Christine tropeçou para fora do quarto, segurando a blusa rasgada, e observou horrorizada o pai surrar Hans até deixá-lo inconsciente, o sangue espalhado pelo

chão.

Quando Hans ficou imobilizado, Johnny voltou para junto de Christine e a segurou nos braços.

– Você está bem, querida? – perguntou ele. – Você está bem? Ele a machucou?

Ela soluçou ao encontro do pescoço dele, ainda tremendo de medo.

– Papai, o q-que está f-fazendo aqui?

– A senhora Longchamps telefonou para mim. Ela me contou... sobre o que aconteceu no cinema. Pensei em ficar junto com você. Eu queria fazer uma surpresa.

Christine ficou chocada ao ver lágrimas rolando pelo rosto dele.

– Eu estou bem, papai – disse ela alarmada.

– Vou fazer tudo para compensar você, boneca. Vou cuidar de você e proteger você. Ninguém nunca mais vai feri-la.

Enquanto Christine continuava sentada taciturna na sala de visitas da Escola para Moças Santa Brígida, em Tiburon, ela entendeu que havia interpretado mal as palavras do pai quando ele disse que a protegeria. Ela tinha acreditado que ele ficaria em casa; jamais imaginara que ele a mandaria para longe de casa.

Uma das irmãs entrou, uma jovem em um longo hábito negro com inúmeros véus, uma touca e um colarinho que rangia.

– Está tudo arranjado, senhor Singleton – disse ela em tom suave. – Christine pode ficar conosco a partir de agora.

– Obrigado, irmã – disse ele. – Podemos ficar uns minutos a sós?

Quando a freira retirou-se, Johnny virou-se para Christine. Ela pensou que nunca o vira em um estado tão lastimável. O rosto dele estava cansado e marcado, como se ele tivesse envelhecido em apenas 24 horas. E Christine, de certa forma, achava que era culpa sua.

– Preste atenção, boneca – disse ele com severidade. – Isto é só por um tempo curto. Percebo agora que não posso protegê-la como desejo. Por isso estará a salvo aqui enquanto eu reorganizo minha vida.

– Elas sabem... – ela tentou perguntar.

Ele a fitou sem entender, mas depois disse:

– Ah, não, boneca, elas não sabem. Ninguém sabe sobre o que aconteceu, a não ser eu e você.

Christine não conseguia expressar seus sentimentos em palavras. Ela se sentia

sem valor e suja. Depois de acabar com Hans, Johnny chamara um médico, não para Hans, que fora arrastado para fora por Will, mas para Christine, para se certificar de que ela estivesse bem. Foi o exame do médico que mais a incomodou, a inspeção clínica e fria de um homem em seu corpo, sem gentileza ou tato, mas de forma brusca. De alguma forma, aquilo fora ainda mais humilhante do que aquilo que Hans lhe fizera e fez com que Christine se sentisse duplamente violada.

Quando o médico saiu do quarto e murmurou para Johnny: “A sua filha ainda é virgem, senhor Singleton”, ela se sentiu queimar de vergonha.

– A culpa é minha – disse ela. – Fui uma menina má.

Johnny a segurou pelos ombros e disse:

– Nunca mais repita isso. Você é uma boa menina, boneca. É uma pessoa especial e logo, logo, terá esquecido tudo o que aconteceu. Vamos começar de novo, você e eu.

Ela se segurou a ele e chorou.

– Por favor, não me deixe! Por favor, leve-me com o senhor!

– Não se preocupe, boneca – disse ele, enxugando-lhe as lágrimas do rosto com suavidade. – Não vai ser por muito tempo. Só por um pouco. Logo voltaremos a ficar juntos. E nunca mais vamos nos separar.

Perth, Austrália Ocidental.

Ao seguir em silêncio para o aeroporto, com Charmie ao seu lado e Ricky na frente com o motorista, Philippa pegou a pasta que Ivan Hendricks lhe trouxera. Fitou o anúncio por um bom tempo:

Quem souber o paradeiro, ou tiver qualquer informação a respeito de Christine Singleton...

Em seguida, olhou novamente para a fotografia de Beverly Burgess, que parecia relutante em ter um retrato batido, e perguntou-se: *O que essa mulher sabe sobre Christine Singleton?*

Philippa estremeceu sob o frio do ar-condicionado do carro.

Seria possível que Beverly Burgess soubesse *de tudo*?

6

O TELEFONE TOCOU QUATRO vezes antes que uma voz sonolenta atendesse.

– Alô?

A voz de quem chamava parecia vir de um telefonema de longa distância.

– É a respeito de Philippa Roberts.

Um papagaio grasnou de modo irritante e foi logo silenciado.

– O que tem ela?

– Ela está saindo de Perth. Está voltando para a Califórnia. Está planejando uma visita-surpresa para a matriz das Indústrias Starlite.

Houve uma pausa monótona, em seguida a voz sonolenta mudou seu tom.

– Uma visita-surpresa? Isso significa que ela suspeita de alguma coisa. O que mais?

– Depois disso, ela vai para um resort chamado Star's em Palm Springs. Ela acredita que a irmã possa estar lá.

– Ok. Descubra onde ela vai se hospedar em Los Angeles, com quem ela vai se encontrar, todos os seus movimentos, e depois volte a falar comigo. Mas, antes, há algo que quero que faça...

7

FRIEDA GOLDMAN SEMPRE QUIS SER rica. Não apenas abastada, ou endinheirada, mas obscena e ultrajantemente rica. Também quis ser uma das agentes mais procuradas de Hollywood – uma superagente, o equivalente feminino de Swifty Lazar. E agora, depois de muito tempo, isso estava para se concretizar.

Quando o teleférico por fim atracou no topo da montanha, Frieda despediu-se apressadamente de Carole Page e da doutora Isaacs, as duas mulheres com quem dividira a limusine partindo de Beverly Hills e fizera o caminho até o prédio principal – uma estrutura em forma de castelo cujas luzes convidativas a atraíam como faróis, para que se aproximasse o mais rápido possível. Quando chegou aos degraus da escadaria que conduzia para portas maciças que mais pareciam pertencer à Catedral de Notre Dame em Paris, seus dentes tiritavam, e ela tremia tanto que acreditava que nunca mais fosse se aquecer. Havia neve por *todos os lugares*.

Um carregador de malas a encontrou na chegada do teleférico, explicando que a choupana dela ficava a certa distância do Castelo e que, portanto, ele a levaria até lá. Disse isso apontando para algo parecido com um carrinho de golfe. Frieda, porém, tinha pressa demais para se importar com o quarto designado. Em primeiro lugar, aquilo que realmente importava: arranjar um telefone, encontrar onde estava sua cliente, Bunny Kowalski, e depois subir ao quarto de Bunny. Mal podia esperar para ver a expressão no rosto da garota quando lhe contasse as novidades sobre o contrato com Syd Stern. Tinha de tirar Bunny de qualquer que fosse o estado de miséria para o qual ela tivesse deixado se levar.

O saguão principal do Castelo a deteve por um átimo. Frieda jamais vira algo como aquilo. Projetado para se parecer com um imenso saguão gótico, com paredes de pedra, tapeçarias, brasões e armaduras, o vestíbulo do Star’s estava intensamente iluminado pela decoração natalina. Havia fogo ardendo em três das

maiores lareiras já vistas por Frieda. Os candelabros eram enormes bolos de casamento pendurados de ponta-cabeça, reluzindo com milhares de luzes, que lançavam reflexos brilhantes nas fotografias ampliadas de Marion Star penduradas nas paredes. Em algum lugar um violinista tocava uma melodia romântica, fazendo Frieda se lembrar do Palm Courts no Hotel Plaza em Nova York. Uma placa em forma de estrela perto da chapelaria anunciava o baile de Natal, para dali quatro dias.

Ela encontrou os telefones – uma espécie de nicho em forma de antigo vestiário francês, com cabinas reservadas em fila em veludo vermelho. As mãos tremiam quando discou para a telefonista; tremiam não de frio, mas de excitação. Achava que simplesmente explodiria com as novidades.

Sinal de ocupado.

– Operadora, pode tentar novamente, por favor?

Sem sorte. O telefone de Bunny ainda estava ocupado.

Bem, pelo menos isso significava que ela estava no quarto, onde quer que isso fosse. A telefonista não queria informar a Frieda o número do quarto.

– É nossa política de privacidade – a mocinha disse em um tom animado. – Mas ficarei feliz em colocá-la na linha.

Quando, numa terceira tentativa, obteve o mesmo sinal de ocupado, Frieda resolveu tentar novamente após alguns minutos. Nesse meio tempo, olhou ao redor e viu uma placa indicando discretamente as boutiques exclusivas – Laise Adzer, Cartier, Bijan for Men – e resolveu que a primeira coisa que tinha a fazer era comprar algo mais quente. A blusa de seda e as calças de linho não serviriam ali.

Voltando pouco depois aos telefones com um longo casaco de marta dobrado na curva do braço, viu que as quatro cabinas estavam ocupadas. Esperou um pouco mais, segurando a maleta de viagem e a pasta, imaginando se não deveria ir para o quarto e telefonar de lá. Uma “choupana” lhe dissera o carregador. Frieda visualizou algo feito de toras de madeira com o Sargento Preston a postos do lado de fora.

Aromas deliciosos começavam a permear os ares, conforme hóspedes em vestidos de noite e ternos elegantes entravam pelo saguão e seguiam para as salas de jantar. Frieda identificou pato assado com molho, pão assado fresquinho e nozes temperadas, e teve de combater o desejo de se sentar para comer um jantar de verdade. Seu peso havia subido novamente, e ela estava em uma dieta líquida; lembrara-se de trazer diversas embalagens de pozinho na maleta de viagem. Ao

olhar para os inúmeros famosos e aspirantes a famosos, viu Meryl Streep, que, toda de branco, parecia um anjo saído do topo da árvore de Natal; Frieda não via um quilo sequer de gordura no meio daquela multidão. A indústria era implacável nesse quesito; era praticamente impossível ser obeso *e* bem-sucedido em Hollywood. Pelo menos para as mulheres.

Por fim, um telefone foi desocupado, e Frieda aproximou-se, manobrando as duas maletas e o casaco recém-adquirido para dentro do cubículo. Ao se sentar, a etiqueta do preço saiu da manga – 12 mil dólares. Simples assim, ela desembolsara 12 mil dólares em um casaco que talvez usasse apenas por um dia. Mas isso não era importante, porque assim que Bunny assinasse aquele contrato, Frieda teria um casaco para cada dia do ano se quisesse.

Dessa vez a linha indicou estar chamando, e após um minuto foi atendida por uma voz sonolenta.

– Alô?

– Bunny! Sou eu, Frieda! Estou no Star's.

Uma pausa.

– Frieda! Puxa, o que você está fazendo aqui?

– Você está bem, Bunny? Sua voz está estranha.

– Estou bem. Tive uma gripe e estou fraca, só isso.

– Gripe! É isso o que a depressão faz com as pessoas. Você não tem tomado conta de si. Tem certeza de que está bem?

– Frieda, o que está fazendo aqui no Star's?

– Vim ver você, Bunny – disse, tentando se controlar. Queria berrar a novidade. – Em que quarto você está? Vou subir agora mesmo.

– Hum... Não, Frieda. Agora não, hoje não. Eu... eu não estou muito bem. E estou à espera de um médico, que deve chegar a qualquer instante. O médico que cuidou de mim alguns dias atrás saiu do Star's, e eles disseram que o substituto começaria hoje. Estou esperando para vê-lo.

– Vê-la – corrigiu Frieda, subitamente aborrecida. – É uma médica. Ela veio de carro comigo de Beverly Hills. Preste atenção, eu *tenho* de subir. Tenho algo muito importante para discutir com você.

– Não estou com vontade de ter companhia, de verdade, mas amanhã estarei bem. Que tal amanhã à noite? Tenho certeza de que estarei melhor até lá.

Perplexa, Frieda olhou para o telefone. Bunny sempre fora franca e direta; na verdade, a garota parecia neurótica de tão sincera, jamais dizia uma mentira. Frieda suspeitava que isso tivesse algo a ver com o medo que Bunny sentia de seu pai,

um industrial. E, no entanto, Frieda tinha a distinta impressão de que Bunny escondia algo. Frieda queria saber o que estava acontecendo e por que a moça havia ficado tanto tempo afastada. Mas, em vez disso, disse, e isso quase a matou por dentro:

– Bem, acho que nos vemos amanhã, então. Se não há outro jeito...

– Frieda, de que se trata?

De 10 milhões de dólares e de tornar seu nome conhecido por todos.

– Não quero falar pelo telefone. Descanse e conversamos amanhã à noite.

– Vamos jantar juntas, então. Estou no terceiro andar da ala oeste, o quarto é estupendo. Seus olhos sairão das órbitas ao vê-lo!

Depois de desligar, Frieda ficou tamborilando a unha cara de acrílico na tampa da maleta de viagem, agitada e inquieta. Não era aquilo o que esperara; alguma coisa, definitivamente, estava muito estranha ali. Será que Bunny estava doente *de verdade*? Sua voz estava diferente. Frieda balançou a cabeça, o cabelo grisalho curto permanecendo perfeitamente no lugar à custa de muito spray para cabelo. Bunny era incapaz de mentir. Bem, amanhã saberia.

Agora lhe restava o problema de esperar até lá. Claro, havia telefonemas a serem dados e contratos para serem revisados; Frieda tinha outros clientes para os quais estava providenciando trabalho. Mas o negócio com Syd Stern era o mais importante, e ela sabia que seria difícil se concentrar em qualquer outra coisa. Olhou ao redor para o saguão movimentado e perguntou-se o que as pessoas faziam em lugares como aquele.

Provavelmente havia o entretenimento costumeiro: jantar e dança, talvez uma boate com a apresentação de algum famoso de Vegas. Frieda notara uma placa no saguão informando os hóspedes sobre os filmes de Marion Star apresentados continuamente no cinema de quarenta lugares no segundo andar. E, a julgar pela quantidade de pessoas que rodeavam os mostruários envidraçados com os objetos pessoais de Marion Star, muitas pessoas vinham até ali para satisfazer a curiosidade a respeito da atriz lendária. Embora o homicídio tivesse ocorrido há quase sessenta anos, o interesse ao redor dele ainda era grande, principalmente por envolver sexo e Hollywood; dois ingredientes deliciosos em qualquer mistério. Mas também porque, até hoje, o assassinato de Dexter Bryant Ramsey permanecia sem solução.

Havia muitas pessoas conhecidas ali, Frieda havia notado: estrelas vencedoras de prêmios, produtores e diretores – o espectro completo dos tipos hollywoodianos parecia presente. Ela observou o modo como eles entravam, os

lugares que escolhiam para se sentar no grande salão de pedra que se assemelhava ao estúdio de gravação de *Robin Hood*, fazendo reverência ou simplesmente ignorando uns aos outros, grandes estrelas menosprezando estrelas menores, estabelecendo exatamente quem era quem ali. Frieda achou um tanto irônico o modo como os retratos tentadores de Marion Star, um dia símbolo supremo da sensualidade nas telas, fitavam com desdém através de décadas a nova geração da realeza de Hollywood com olhos sensuais, tristes e provocantes. Frieda se perguntava se o fantasma da estrela morta há tanto tempo, já quase esquecida, lembrava aos novos deuses e deusas de sua própria mortalidade.

Pessoas importantes, todas elas, pensou Frieda novamente. E, puxa, agora Frieda Goldman seria considerada tão importante quanto a mais importante dentre elas. Assim que conseguisse se encontrar com Bunny.

Consultando o relógio ao mesmo tempo em que continuava a tamborilar as unhas na valise sobre o colo, Frieda pensou que acabaria explodindo, por saber o que sabia – a novidade mais sensacional desde que os últimos ganhadores do Oscar foram anunciados. Uma novidade, ela tinha certeza, que tiraria Bunny do estado em que se encontrava e a faria descer do seu refúgio na montanha mais rápido do que se conseguiria dizer "lucro do produtor".

A cerimônia do Oscar, na verdade, fora a responsável pela reviravolta emocional que fizera Bunny se esconder no Star's. Em um movimento surpreendente que atordoara Hollywood, Bunny Kowalski, uma atriz na casa dos vinte anos, relativamente desconhecida, recebera a indicação para o prêmio de melhor atriz coadjuvante pelo seu pequeno porém notável papel em *Crianças de novo*. No tempo decorrido entre o anúncio das indicações e a revelação dos vencedores, Bunny subitamente viu-se no centro de atenções inesperadas e desnorteantes. As pessoas quiseram ver o filme e concordavam, o papel dela tinha sim sido pequeno, mas ela *fizera* o filme. E todos começaram a se questionar quem era aquela atriz levada, mas nada bonitinha, que fazia as pessoas rirem e chorarem, e que conseguia transmitir vida com apenas um olhar, uma palavra falada.

Por um breve período, Bunny Kowalski brilhou.

E, depois, ela não levou o prêmio. Em seguida, apesar do prestígio por ter sido indicada e da notoriedade que isso trouxe a Bunny, um sucesso subsequente esquivou-se. Simplesmente não existiam papéis para ela. Ela era baixinha demais, frágil demais; ninguém a levava a sério; ela não pareceria crível ao lado da maioria dos atores principais. "Um tipo muito caricato", um diretor de elenco disse. Por fim, deprimida e acreditando que a carreira tivesse chegado ao fim antes mesmo de

deslanchar, Bunny aceitou um presente do abastado pai industrial: uma estada sem data marcada para sair no luxuoso Star's, onde ela poderia se esconder, acalentar sua ansiedade e reconsiderar seu futuro em Hollywood.

Frieda gastou seu tempo desde a premiação tentando encontrar papéis, qualquer papel, para Bunny, e ela também começava a se desesperar quando a sorte grande surgiu inesperadamente na forma de um jovem diretor esquelético chamado Syd Stern, o novo prodígio de Hollywood. Um telefonema para o escritório de Frieda e no dia seguinte ela estava almoçando com Stern no Polo Lounge.

Syd explicou diante de musse de salmão e martínis Stolichnaya que notou uma nova onda de filmes emergindo na indústria cinematográfica, filmes com o tema da Cinderela, como os sucessos *Uma secretária de futuro* e *Uma linda mulher*. Syd contou a Frieda como havia estudado os índices dessas audiências e descoberto que o sucesso financeiro de tais filmes devia-se a um extraordinário público feminino com mais de 25 anos de idade. Enquanto os outros estúdios ainda visavam aos mercados infantil e adolescente, dissera ele, ou filmes de ação ao estilo de *Rambo,* que atraíam os homens às salas de cinema, o astuto Syd despertou para o grupo de mulheres entre 25 e 50, com dinheiro para gastar e fantasias a serem vividas, era uma mina de ouro em forma de bilheteria, à espera de ser descoberta.

Era ali que Frieda se encaixava, dissera ele, e o motivo pelo qual ele marcara aquela reunião. Ele tinha uma ideia: uma série de filmes de aventura envolvendo a mesma heroína, vagamente baseada em Indiana Jones; mas para que a ideia funcionasse, Syd sabia que precisaria de alguém especial, alguém novo e diferente. Ele vinha observando às escondidas quando viu a atuação de Bunny em *Crianças de novo*.

O que ele gostava em Bunny era sua aparência travessa. "Como Puck", descreveu ele para Frieda "do *Sonho de uma noite de verão*". Bunny tinha uma silhueta viçosa, parecida com a de uma boneca Kewpie, e o rosto espantado de uma criança que agradava à plateia feminina. Ela não era alguém a quem elas invejavam ou odiavam, mas alguém com quem elas conseguiam se identificar, pensando que ali estava uma mulher desajeitada no amor, ou atrapalhada na aula de aeróbica, ou aterrorizada pela celulite. Ela não era como as centenas de atrizes lindas e magras que lotavam Hollywood ou que tanto se assemelhavam, explicara Syd com entusiasmo. Fisicamente, Bunny era única, e isso era um algo a mais. Ele visualizava Bunny como uma espécie de anti-heroína, como os anti-heróis dos

anos 1960, as personagens de Gene Hackman e Al Pacino, para quem o público torcia justamente por causa das suas falhas e ou por estarem à margem da sociedade. Bunny Kowalski ia ao encontro disso, Syd disse a uma atônita Frieda, que mal havia tocado seu *steak tartar*. Bunny seria como ouro nas bilheterias.

E assim, depois de dois almoços e infindáveis telefonemas, o acordo foi acertado.

Mas uma coisa simplesmente atormentava Frieda naquela noite de neve, a poucos dias do Natal. Aquela era uma história tão suculenta, que assim que se espalhasse, o escritório de Syd Stern seria tomado de assalto. Já havia alguns boatos sobre a sua proposta de uma série de filmes e da sua procura pela atriz certa. Sim, claro que Syd queria Bunny, mas até que a assinatura de Bunny estivesse nos contratos, não havia garantias.

Frieda resolveu ligar novamente para Bunny e lhe contar a grande notícia imediatamente, mas, ao telefonar, não teve resposta.

Então, Frieda pegou novamente o telefone, mas dessa vez para ligar para casa e informar onde estava – tinha saído tão apressada, que nem tivera tempo de avisar antes. Nesse momento, um jovem passou por ela, vestindo um smoking com uma faixa vermelha na cintura. Ele era alto, bem estruturado, com ombros largos, pele saudável e cabelo muito escuro em um corte interessante: escovinha no alto, laterais penteadas para trás e longo na parte de trás. Frieda o fitou, em parte porque ele era incrivelmente belo de se olhar. E ela também pensou no quão reconfortante era ver que ainda existiam jovens que não tinham assumido o look ”. Francamente, eles achavam mesmo que aquilo era sexy, todos aqueles astros do cinema que apareceram no Oscar como se não tomassem banho há um mês? Será que *eles* gostariam que as *mulheres* decidissem aderir àquela moda de não lavar os cabelos?

Quando ele, de repente, virou-se e sorriu para ela, ela olhou de relance para trás para ver quem ele estava olhando. Ao perceber que era ela, deduziu que ele a tinha confundido com outra pessoa. Mas ao notar o tempo em que ele ficou ali parado, ainda sorrindo, e como a sobrancelha ergueu-se num claro sinal de “que tal?”, Frieda ficou chocada. Ela, por certo, tinha idade suficiente para ser a... a tia dele, e sabia que não era beldade alguma, sendo uma mulher de queixo proeminente na casa dos cinquenta. Ele parou, lançou-lhe um último olhar, como se estivesse fazendo uma pergunta silenciosa, e depois prosseguiu, misturando-se à bela multidão.

Frieda continuou encarando-o. *O que foi aquilo?*, perguntou-se ao levantar o telefone do gancho e pedir para que a telefonista completasse uma ligação para um

número de código 310, área de Beverly Hills.

Enquanto aguardava a ligação ser completada, Frieda observou o reflexo na divisória de vidro dos cubículos e pensou, como sempre pensava: *Deus Meu, tenho a aparência de uma agente*. Que, para ela, equivalia a uma aparência masculina, mandona e durona. Não que as agentes do sexo feminino se parecessem com aquilo; na verdade, a maioria das agentes em Hollywood se parecia com atrizes, cultivando com afinco corpos magros, lábios cheios e cabelos espessos. Frieda era um estereótipo ambulante, e sabia disso. Em seus trinta anos naquele ramo, ninguém lhe dissera "Jura, você é uma agente?", quando ela lhes contava o que fazia da vida.

Enquanto ouvia alguém atender ao telefone do outro lado, deu uma última olhada na direção do rapaz sorridente de smOking e ficou se perguntando o que *ele* tinha visto *nela*?

– Olá, meu bem – disse ela. – É a mamãe.

– Mãe! – exclamou a outra voz; ao fundo ouvia-se barulho de água na piscina. – Onde você *está*? A sua secretária ligou dizendo que você saiu da cidade de repente!

– Estou no Star's.

– Aquele lugar em Palm Springs? O que está fazendo aí?

– Vim atrás de Bunny.

– Ah, mãe... – disse ela, seguido de um suspiro que Frieda conhecia muito bem. – Quando vai parar de representar casos perdidos?

E Frieda perguntou-se como ela e Fred conseguiram educar uma pessoa tão esnobe.

– Não tem neve aí em cima, mãe? Sabe que não suporta o frio.

– Comprei um casaco de pele. Ficarei aquecida. O quê? Claro que é pele verdadeira, querida.

A filha de Frieda era uma ambientalista ferrenha em uma cruzada para salvar o planeta usando sacolas ecológicas para ir ao supermercado, separando todo o vidro, plástico e alumínio, reciclando todo tipo de papel, papelão, inclusive *post-its* usados. Acima de tudo, boicotando produtos manufaturados como plástico, isopor e pele falsa.

– Mãe – ela lhe dissera três meses antes, quando Frieda estivera olhando para uma pele de arminho falsa –, tem noção de quantos poluentes e toxinas são despejados no ambiente quando pele falsa é fabricada? É pior do que isopor. E, assim como o isopor, peles falsas não são biodegradáveis. Quando se joga fora um

casaco de pele falsa, ela vai direto para a terra, envenenando o planeta. Pele de verdade, mãe, não provoca poluição quando é feita, e é biodegradável por ser orgânica, uma parte natural do ambiente.

Mas ela também estabelecia uma condição: só pele de animais criados, nada que caísse em armadilhas.

– Quanto tempo vai ficar aí, mãe?

Até onde Frieda sabia, seu juízo pessoal quanto a peles ainda não havia se definido, mas ela resolveu comprar a coisa verdadeira para ter paz familiar.

– Não sei quanto tempo vou ficar aqui, querida – respondeu Frieda. – Talvez eu tenha de permanecer por tum ou dois dias. Depende – concluiu Frieda antes de ouvir uma reclamação infantil no fundo. – Como está Princess? – perguntou, referindo-se à neta de três anos.

Princess era o nome verdadeiro da criança; estava escrito assim mesmo na certidão de nascimento. Frieda o considerara um pouco exótico até o dia em que leu a lista de nomes da sala pré-escolar da neta, no qual havia uma Bela, uma Condessa e uma Preciosa.

– Mãe, vai ficar orgulhosa da sua neta! Sabe o que ela quer ser quando crescer?

Frieda se preparou para o pior.

– O quê?

– Neonatologista.

– Na semana passada, você disse que ela queria treinar cavalos vienenses Lippizaner.

– Eu a levei para a maternidade St. John para ver o bebê de Maureen no berçário. Princess ficou muito impressionada com os monitores neonatais. Ela anunciou que vai projetar outros melhores. Não é maravilhoso?

Frieda suspirou.

– Ela só tem três anos...

– E é muito complexa, mãe. Você vai estar aqui para o Natal, não vai?

E, de repente, lá estava ele de novo, o jovem atraente de smOking. Ele parecia procurar por alguém, não alguém em especial, mas qualquer um. E, ao passar por ela, voltou a sorrir, lançando-lhe o mesmo olhar de antes. Aquilo confundiu Frieda, desacostumada com atenções masculinas, ainda mais de um homem que parecia capaz de ter qualquer mulher do salão. E então se lembrou do que uma amiga lhe dissera a respeito dos *acompanhantes* do Star's. Seria ele um deles?

Ela o tirou da cabeça. Outras mulheres faziam sexo com estranhos, pagavam

até, mas não Frieda Goldman.

– Depende – disse Frieda ao telefone, seguindo o jovem com o olhar, imaginando como o hotel lidava com o pagamento de tais serviços. – Tenho negócios para concluir.

– Está muito misteriosa, mãe.

– Sou como minha neta – disse ela, refletindo. Era Bunny quem vinha agindo de maneira misteriosa, *muito* misteriosa. – Ligo quando souber de alguma coisa.

Desligou e discou novamente, lendo o número em um cartão comercial.

– Olá – disse quando atenderam –, o senhor Bradshaw, por favor. – Senhor Bradshaw, aqui quem fala é Frieda Goldman. Sim, bem, obrigada e o senhor? Eu estive pensando... Aquele Lamborghini que encomendei hoje de manhã – um que custava 200 mil dólares –, ele vem em outras cores além de vermelho, branco e preto?

A doutora Judith Isaacs estava se familiarizando com a pequena clínica particular do Star's, localizada no segundo andar da ala oeste do Castelo, separada do resto da mansão por uma porta fechada sinalizada por PRIVATIVO. O complexo médico consistia em uma pequena sala de operações, uma sala de recuperação, um quarto estéril e um quarto de suprimentos. Ela se deparou com um armário com uma etiqueta "Seios" e, enquanto fitava as caixas azuis claras, empilhadas uma sobre a outra nas prateleiras, ouviu uma voz atrás dela.

– Esses são implantes mamários.

Judith virou-se e viu uma mulher de cerca de trinta anos, muito magra, com cabelo castanho claro, vestindo jeans e camiseta. Ela entrou na sala com um sorriso no rosto.

– Bochechas estão aqui – disse ela, puxando uma gaveta. – Queixos e narizes neste aqui; pênis neste outro – ela prosseguiu lançando um amplo sorriso para Judith. – Olá, sou Zoey Larson, a enfermeira. Você deve ser a médica.

Judith apertou a mão estendida.

– Como vai?

– Imagino que Simon Jung tenha falado sobre mim. Sou enfermeira formada – informou Zoey – com experiência de campo e em salas operatórias. Estou aqui desde que o Star's foi inaugurado, há dois anos. A clínica é bem tranquila; na maioria das vezes o que vemos são entorses provocadas pela prática de esportes, uma ou outra dor de estômago, alergias e infecções de menor grau. Também temos muitos casos de problemas decorrentes de sexo, como infecções urinárias,

vaginites – acrescentou ela com uma risada. – Alguma coisa neste lugar deixa as pessoas românticas. Também temos problemas respiratórios porque os hóspedes se esquecem de que estamos a 2.400 metros do nível do mar. Só recebemos pessoas bonitas no Star's, e se elas não são bonitas, nós as deixamos! Três cirurgiões plásticos particulares de Palm Springs agendam horários para pacientes aqui em cima – continuou Zoey, afastando uma mecha de cabelo castanho da frente do rosto. – Eles acompanham o paciente por nosso intermédio e sobem a montanha para as consultas pós-operatórias. A rotina é deixada por conta do médico do resort, que agora é você – disse ela com um sorriso. – Bem-vinda a bordo.

– Obrigada – agradeceu Judith, olhando ao redor e descobrindo, na sala estéril, um cinzeiro cheio de bitucas de cigarro.

– Se tiver alguma pergunta – disse Zoey –, ficarei feliz em ajudar. Já trabalhou em um resort como esse?

– Não, nunca.

– Não é como um hospital de verdade, isso eu posso garantir! Vemos muitas pessoas famosas, muitos artistas, tipos assim. Recebemos uns bizarros também, já que somos tão particulares... – Zoey disse e cruzou os braços, recostando-se contra o armário. – A maioria dos nossos pacientes está neste prédio, no fim deste corredor. Temos quatro hoje. Vou lhe contar um segredo, Judith – Zoey disse com um sorriso conspiratório. – Você arranjou um emprego fácil, confortável.

Quando a enfermeira afastou-se do armário, Judith viu seu reflexo na porta de vidro. Fitou-se por um momento, como vinha fazendo nos últimos tempos, como se estivesse olhando para uma estranha. Judith viu uma mulher perto dos quarenta, talvez de aparência não muito ruim, com cabelo castanho-escuro na altura da cintura preso em uma trança espessa pelas costas. Judith nunca teve problemas com sua aparência; era na mente que ela sempre se concentrava. Seria boa o bastante? Inteligente? Conseguiria fazer a faculdade de medicina e os quatro anos de residência? Sempre fora importante, até onde conseguia se lembrar, enfrentar obstáculos mentais e superá-los. Não se importava com a forma física; as maratonas intelectuais a interessavam mais. Judith havia se formado como primeira da sua turma de medicina; tinha se sobressaído no estágio e na residência em Michigan. E era por isso que, quando tinha seu consultório em Green Pines, no norte da Califórnia, recebia convites de centros médicos e escolas de medicina de todo o país na esperança de recrutá-la. Ela foi uma jovem de futuro, que ia para algum lugar. Agora, não tão jovem, já estava em um lugar. Um lugar *confortável*.

– Você não vai ter problemas aqui, Judy. Eu faço a maior parte do trabalho da

clínica. Ter um médico residente é mais uma formalidade legal – Zoey disse.

Judith olhou para ela. Zoey era agradável, franca e estava com os braços cruzados, relaxada, como se estivesse recebendo uma visita em sua própria casa. Judith pensou na vez em que havia perguntado a uma enfermeira da sala de operações – uma mulher que automaticamente a chamara de doutora Isaacs – por que algumas enfermeiras dirigiam-se às médicas usando o primeiro nome, mesmo quando as viam pela primeira vez. A enfermeira na época respondeu:

– Suponho que para serem amigáveis, para deixar que as outras saibam que fazem parte da irmandade.

Judith, porém, não estava certa disso. Por algum motivo, as enfermeiras aceitavam a autoridade e o status superior dos médicos e jamais os chamariam pelo primeiro nome, ainda mais quando acabavam de conhecê-los. Mas, quando viam uma médica, parecia que só o que viam era outra mulher.

Enquanto as últimas palavras confidenciais de Zoey pairavam no ar, Judith relembrou sua entrevista de emprego no Star's. Não tinha sido contratada pela proprietária do resort, Beverly Burgess, a qual Judith não conhecia e que ainda tinha de encontrar, mas pelo elegante e belo Simon Jung, o gerente geral. Encontraram-se no Ritz-Carlton em Palm Springs para jantar e conversar.

– Estamos procurando por um médico que não se importe com o isolamento – dissera ele. – Você terá de morar no resort, e isso pode se tornar muito solitário. O doutor Mitgang, seu predecessor, descobriu que a vida tranquila era entediante demais, motivo pelo qual nos levou a procurar alguém que esteja satisfeito com esse tipo de arranjo, e também um médico que esteja acostumado a administrar um consultório pequeno. Percebo, doutora Isaacs, que hoje em dia vive em uma pequena comunidade nas montanhas. Deve estar acostumada a contusões da prática do esqui, esse tipo de coisa.

Depois, Simon Jung olhou para seu currículo.

– Não é casada, pelo que vejo aqui.

Judith pensou em Mort, seu marido, e naquela tarde juntos depois de catorze anos de casados. Mort assistia ao jogo de futebol universitário, e seu time, o time de sua *alma mater*, ia mal. A cada ponto não marcado, seu silêncio se tornava cada vez mais profundo. Judith estava para colocar um assado no forno. Em vez disso, colocou-o sobre a TV e disse:

– Estou deixando você.

Ele não disse nada, e ela arrumou as malas. Os Bruins perderam, assim como Mort e Judith.

– Sou divorciada – informou ela a Simon Jung.

– Filhos?

Ela hesitou.

– Não – respondeu. – Nenhum.

– Este é um bom emprego. De verdade! – alguém lhe dizia. Ela olhou novamente para a mulher de trinta de jeans e camiseta. – A maioria dos empregados mora no vale e sobe a montanha todos os dias no primeiro teleférico – prosseguiu Zoey. – Mas eu fico de plantão 24 horas por dia. Não me importo. O salário é ótimo, e já que estou dentre os poucos funcionários daqui da montanha, posso usar todas as conveniências – desde que isso não interfira no uso pelos hóspedes, se é que me entende.

Judith fitou o sorriso amplo da mulher.

Simon Jung havia descrito os benefícios que Judith receberia enquanto trabalhasse para o Star's: um apartamento no Castelo, refeições na sala de jantar, onde a melhor culinária era servida, serviço de quarto, limpeza de quarto, um salário generoso e tarefas leves.

Quando ele a questionou se havia alguma dúvida, Judith lhe perguntou:

– Terei de cuidar de alguma criança?

– Crianças? Não. Crianças não são permitidas no Star's. Ninguém com menos de dezoito anos.

E foi isso que a convenceu. As crianças mais próximas estariam no vale, mais de 2000 metros abaixo.

– Judy? – Zoey a chamou. – Gostaria de conhecer seus pacientes?

Judith respondeu que sim, olhando ao redor mais uma vez, evitando o reflexo no vidro do armário cirúrgico. Quem quer que aquela mulher fosse, ou tivesse sido, ela já não existia. Judith Isaacs não era mais a *outra* Judith Isaacs. Havia subido até lá para se enterrar na neve e nunca mais sair.

– Também quero fazer algumas mudanças aqui. Comecemos com esta: aqui não é permitido fumar – disse, indicando o cinzeiro lotado. – E gostaria que aquela etiqueta fosse retirada – acrescentou, indicando a prateleira com a indicação "Seios". – A propósito, você tem uniforme?

– Claro. Mas isso não é necessário aqui – disse Zoey. – Quero dizer, isto aqui não é uma clínica de verdade, é? Todos os pacientes sabem quem eu sou.

– Prefiro que use uniforme sempre que estiver trabalhando. E, se não se importa – disse Judith –, gostaria que me chamasse de doutora Isaacs daqui por diante. Devo chamá-la de enfermeira ou de senhorita Larson?

– Pode ser só Zoey – respondeu ela, ficando fria. – Mais alguma coisa?

– Agora eu gostaria de ver meus pacientes.

– Sim, doutora Isaacs.

Saíram da clínica, que antes era um conjunto de quartos de hóspedes, e prosseguiram por um corredor de paredes escuras. Enquanto Judith seguia Zoey, com a maleta de médico na mão, ela pensou no filme *Jane Eyre*, quando Orson Welles como senhor Rochester disse para Joan Fontaine "Você desmaia ao ver sangue?".

– O primeiro paciente – disse Zoey diante de uma porta, entregando um prontuário para Judith – veio fazer implantes de peito na semana passada.

– Quer dizer implantes mamários.

– Não, de peito. O paciente é um homem.

Quando Judith o viu, ele lhe pareceu vagamente familiar, um astro de uma comédia popular da TV. O torso dele estava enfaixado com gazes tal qual uma múmia. Enchimentos de silicone em forma de músculos tinham sido inseridos debaixo do peito para lhe conferir uma aparência musculosa; era uma variação do implante de seios, e estava se tornando a última novidade entre os homens.

– Nosso próximo paciente – informou Zoey, conforme ela e Judith seguiam pelo corredor – foi admitido há três dias. O doutor Newton fez sua cirurgia antes de ontem, e ele tem sentido muita dor. Já enviei uma mensagem de pager para o doutor Newton, mas ele ainda não respondeu.

Judith leu o prontuário enquanto andava. *Senhor Smith* era o que dizia a ficha – não era um nome real. Quando viu o nome de verdade, ficou momentaneamente surpresa. O "senhor Smith" era uma lenda das telas, conhecido principalmente por seus românticos papéis centrais em filmes de aventura; Judith cresceu vendo seus filmes. Vinda de uma pequena comunidade do norte da Califórnia, ela não estava acostumada a lidar com pessoas famosas.

– Ele tem febre? – perguntou ao se aproximarem do quarto.

– Os sinais vitais estavam normais há uma hora – informou Zoey.

– Ele tem dificuldade para urinar?

– Não. Suspeito que o problema seja a incisão, mas ele não me deixa examinar.

Judith leu o prontuário mais uma vez. De acordo com as anotações do doutor Newton, o senhor Smith tinha 69 anos, 1,85 metro de altura e 88 quilos, estava bem nutrido e era saudável. Tratamento: lipoaspiração abdominal.

– Senhor Smith? A médica está aqui – Zoey bateu à porta anunciando.

Assim como com o paciente anterior, Judith se surpreendeu ao entrar no quarto. Ela esperava encontrar um ambiente melancólico, com uma cama de dossel monstruosa e cortinas pesadas de veludo. Aqueles quartos não pareciam pertencer a um Castelo, tampouco a um hospital, com papel de parede rosa pálido e cortinas leves, tapete branco, mobília confortável em tons pastéis, quadros sulistas nas paredes. Mas os sinais básicos de um hospital estavam lá: a saída de oxigênio na parede perto da cama, ganchos para os monitores, um trilho no teto para puxar a cortina ao redor da cama, e, claro, o próprio leito, que era do tipo padrão dos hospitais.

E, então, ela viu o homem sentado na cama, com seu cabelo grisalho, pele bronzeada e pijamas de seda com monograma. Ele conferia os toques finais de elegância ao quarto.

Judith hesitou por um átimo de segundo. Houve uma época em que aquele homem havia sido um ídolo das telas.

– Quem é *você*? – perguntou ele com seu conhecido e refinado sotaque escocês.

– Sou a doutora Isaacs, a nova médica residente.

– Vou esperar pelo doutor Newton – disse ele, dispensando-a com um gesto da mão.

– Estamos tentando localizá-lo, senhor Smith, mas isso pode levar tempo. Ele está em Palm Springs – Zoey informou.

Judith se aproximou da cama.

– Visto que seu médico não está disponível no momento, senhor Smith, talvez eu possa ajudar – disse a médica. – De perto, ela conseguiu notar a camada de suor na testa e a sombra de dor ao redor dos seus olhos.

– Mas você é uma mulher – disse ele.

– Zoey me disse que o senhor está sentindo dor.

– Posso esperar pelo doutor Newton.

Ciente do olhar de Zoey sobre ela, Judith disse:

– É importante determinarmos a fonte da sua dor, senhor... – ela se conteve antes de dizer o nome verdadeiro dele. – Se a dor estiver sendo provocada por algo que esteja interferindo na circulação sanguínea, existe o perigo de perdermos a área afetada.

– De perder? – repetiu ele, olhando para ela.

– Sim. A parte do corpo que não está recebendo sangue morrerá – ela explicou, suspendendo a mão e apertando a ponta do dedo mínimo com a outra. –

Como o que acontece com a ulceração pelo frio.

– Deus meu... – ele murmurou. – Suponho que saiba quem eu sou.

Sim, ela sabia. Impossível não pensar em seu filme favorito, estrelado por ele quando fez um pirata e Rhonda Fleming era sua prisioneira, isso na década de 1940.

– O senhor é meu paciente – respondeu ela. Depois acrescentou com mais gentileza: – E um que está sofrendo com muita dor. Agora, por favor, deixe-me dar uma olhada para ver o que posso fazer.

– Não me sinto à vontade deixando uma mulher cuidando disso – resmungou ele, infeliz.

– Senhor Smith – Judith disse –, por muitos anos as mulheres foram a ginecologistas do sexo masculino. O senhor se surpreenderia se elas reclamassem?

– É diferente.

– Por quê?

Ele lhe lançou um olhar circunspecto.

– Você é médica de verdade?

Ela sorriu.

– Claro que sou. Que pergunta!

– Pela minha experiência – disse ele –, que é bem considerável, médicos de verdade não trabalham em lugares assim. Médicos em cruzeiros, por exemplo, não são médicos que não conseguem trabalhar no mundo real?

– Bem... sou a única médica aqui, real ou não – disse ela. Ela fez uma pausa e continuou:

– Também já fui casada por catorze anos. Isso ajuda?

Judith pediu a Zoey que saísse do quarto, depois pousou a maleta e abaixou a coberta do senhor Smith até um pouco abaixo do umbigo. Enquanto ela inspecionava a pressão das ataduras que seguravam a pélvis como uma cinta, explicando que procurava por sangramentos subcutâneos e algum indício de infecção, o senhor Smith manteve o olhar fixo na janela, onde flocos de neve caíam com suavidade. Ele viu a silhueta da floresta de pinheiros contra o céu noturno. Esforçou-se para se distanciar da dor, da vergonha.

– Eu lhe prometo – havia dito o doutor Newton antes da cirurgia – que sairá daqui com o abdômen de um homem mais jovem.

– Tanta tortura – disse ele agora com um suspiro. – Tudo em nome da vaidade.

Judith lhe lançou um sorriso encorajador.

– Está tudo bem – ela disse ao subir as cobertas. – Vou lhe dar algo para a dor. Se sentir qualquer outro desconforto, chame a enfermeira imediatamente – ela sorriu e o tocou no ombro. – Sei que é desconfortável e farei o que puder para aliviá-la. Nossas principais preocupações são infecção e sangramento. É essencial que a incisão seja mantida limpa e que a cinta de compressão esteja no lugar.

– Estou ciente da gravidade, doutora – disse ele. – É a minha vaidade que me incomoda. O medo de que uma barriga destrua a minha reputação. Não que eu tivesse de fato uma barriga, mas eu vi os sinais. Pela primeira vez, exercitar-me não estava adiantando. Posso perguntar seu nome, doutora?

– Doutora Isaacs – disse ela. Depois acrescentou: – Judith Isaacs.

– Posso chamá-la de Judith?

– Se preferir.

– A enfermeira disse que você está começando aqui, emprego novo. Agora estou curioso. De onde se materializa uma médica, obviamente, experiente e competente? Quero dizer, o que deixou para trás para servir a nata da humanidade aqui em cima?

Ela pôs a mão para trás para se certificar que o cabelo ainda estivesse preso – um gesto inconsciente de nervosismo. E não respondeu.

– Importa-se se eu lhe fizer uma pergunta pessoal, Judith?

– Depende – respondeu ela.

– O que uma mulher bela e jovem como você está fazendo em um lugar isolado como este? Por que não está lá fora no mundo, envolvida com a vida?

– Já me envolvi com a vida, senhor Smith. Agora eu quero tentar outra coisa.

Ele lhe lançou um olhar inquisitivo.

– Pressinto algo reservado em você.

Ela o observou, recordando-se de quando tinha catorze anos e o viu pela primeira vez em um programa tarde da noite, um filme em branco e preto com Olivia de Havilland. A jovem Judith, adolescente e cheia de hormônios, apaixonara-se desesperadamente.

E agora, a Judith de 38 anos ficou surpresa em experimentar a mesma descarga sexual imediata.

– Venho ver como está mais tarde – disse ela, seguindo para a porta.

– Sinto muito se a constrangi – disse ele. – Não sei por que fiquei tão intrometido de repente. Normalmente não sou de fazer perguntas pessoais desse modo – ele sorriu cheio de charme, embora uma ponta de dor o distorcesse. – Ainda mais em um primeiro encontro.

Ela voltou para a cama, surpresa em sentir como reagia a ele, e sentindo medo disso.

– Não estarei longe – disse baixinho. – Jantarei com minha nova empregadora; portanto, se tiver qualquer problema, ou se... – *só quiser companhia* – precisar de algo para dormir, peça à enfermeira para me chamar. Estou à disposição 24 horas por dia.

8

Escola para Moças Santa Brígida, Califórnia, 1950

CHRISTINE ESTAVA SENTADA NA sala de visitas em meio à mobília lustrada com óleo de limão e vasos repletos de flores frescas; sua única companhia era uma estátua de gesso de Santa Brígida, a padroeira da Irlanda, parada em seu nicho sagrado com narcisos aos pés. As janelas abertas permitiam a entrada da luz, da brisa da baía, do som das garotas aproveitando a tarde de visitação dos amigos e da família. Aquele era o sétimo dia consecutivo, desde a sua chegada uma semana antes, que Christine se sentava paciente e silenciosamente na sala de visitas, esperando que o pai chegasse, com a mala, como sempre, ao seu pé, o casaco bem dobrado por cima.

Christine mais uma vez olhou para o relógio na parede. Os minutos transcorriam em uma lentidão fenomenal. Sem dúvida o tempo nunca antes passara tão devagar, nem quando ela se deprimia na cobertura, à espera da volta do pai. Foi para a janela e olhou para a entrada de carros do convento, desejando ver a conhecida limusine preta passando pelos portões, porque ela tinha certeza de que o pai viria naquele dia, já que era sábado, o único dia em que visitantes podiam entrar na propriedade. Ele chegaria a qualquer momento e diria: “Ok, boneca, já cuidei de tudo. Consegui uma casa para nós na marina, e agora tenho um emprego na rua Montgomery, portanto, nunca mais vamos nos separar”.

Christine observou com inveja as garotas no gramado e nos jardins, falando e rindo com os pais, irmãos e irmãs, fazendo piqueniques na grama com os familiares, ou sentadas nas cadeiras brancas de ferro dos jardins, tomando chá, conversando com as freiras. Sentiu a dor irradiar do centro do peito, uma dor lancinante e profunda que não diminuía desde o dia em que o pai a deixou ali, há uma semana.

Ela não gostava da escola. Uma vez que era aluna temporária, e não

permanentemente matriculada, ela não havia sido colocada com as demais garotas, mas estava hospedada em um quarto solitário na ala em que as noviças viviam, longe das estudantes, longe da equipe de freiras que administravam o convento, como se fosse uma pária, contaminada de alguma forma. A ala das noviças era silenciosa a ponto de enlouquecer qualquer um, as moças em hábitos cinza moviam-se pelos corredores sussurrando preces, sob a regra rígida de não se comunicar com ninguém a menos que fosse estritamente necessário. Christine se sentia excluída do mundo. Todas as noites chorava até dormir, tentando entender o que havia acontecido, o que tinha feito para causar tudo aquilo.

O incidente com Hans, o modo como ele a atacara, as coisas que ele disse, as mãos dele em seu corpo... Será que tinha causado aquilo de alguma forma? Era sua culpa que ele tivesse feito aquilo? Christine lembrou-se do dia em que ouviu a senhora Longchamps fofocando com o porteiro do prédio sobre uma mulher do bairro que havia sofrido agressão sexual.

– Vou lhe dizer o que penso – dissera a governanta –, ela pediu que isso acontecesse.

Como uma mulher "pedia" para que algo assim acontecesse?, Christine se perguntava. *Será que* eu *pedi?*

Os sinos da torre tocaram, e Christine, assustada, olhou para o relógio. Já estava na hora das visitas irem embora! Viu as meninas beijarem e abraçarem as visitas, despedindo-se, e quis gritar: "Não, não vão ainda! Meu pai está chegando!".

Um grupo de garotas entrou na sala, liderada por uma de catorze anos chamada Amber que tinha cabelos cor de mel, seios fartos e um lindo rosto. As garotas passaram, Amber apontou para Christine e sussurrou algo para outra garota antes de gargalhar. Christine ficou imaginando o que Amber podia ter dito para que as outras achassem tão engraçado. Olhou para seu vestido antiquado, que ela sabia que não disfarçava em nada o fato de ela ser gorda. As outras meninas pareciam elegantes em seus uniformes, especialmente Amber, alta e magra, já com corpo de mulher, dando à camisa branca e à saia de pregas um estilo elegante.

Por fim, uma freira entrou na sala, com um longo rosário de madeira chocando-se entre as dobras do hábito volumoso. Quando viu Christine parada sozinha na luz definhante, com longas sombras juntando-se ao seu redor, ela disse:

– Deus, oh Deus! Está na hora de se preparar para o jantar, criança. Venha, venha.

Christine lançou um último olhar triste pela janela, por onde viu o último

carro de visitantes passar pelos portões que se fechavam – uma cena de encerramento brutal, pensou, como se ela estivesse sendo presa em uma gaiola. Depois deixou escapar um suspiro, quase um soluço de choro, pegou a mala e o casaco, e seguiu a freira de volta para o convento.

A sala de jantar era um salão enorme com vigas altas, grande janelas em vitral e chão de pedra. As residentes sentavam-se em mesas longas em toda a extensão da sala, enquanto as funcionárias se sentavam em um tablado à frente do cômodo, diante das mesas das estudantes. Era ali que Christine fora acomodada, no fim da mesa dos funcionários, próxima a uma freira idosa que era quase surda. Enquanto a Madre Superiora, em seu hábito branco, conduzia as alunas em toda a sua graça, Christine espiou por entre as mãos cruzadas e viu Amber sentada na mesa mais próxima, observando-a.

O jantar era servido pelas noviças, jovens que estavam aprendendo a disciplina e o sacrifício; elas faziam a maior parte do trabalho do convento e faziam as refeições na cozinha depois que as mesas tivessem sido limpas. Quando um prato foi colocado diante de Christine, ela fitou abatida o presunto com mel e as batatas doces.

A pior coisa na Santa Brígida era a comida. Em sua primeira manhã, serviram chocolate quente e waffles com xarope de bordo. Enquanto todas pareciam encarar a refeição como uma delícia, Christine sabia que comer aquilo significava sentir-se trêmula e tonta lá pelo meio da manhã. Por isso, ela espalhara a comida pelo prato, eriçando a curiosidade da freira idosa ao seu lado, que murmurou algo a respeito de garotas emburradas que não sabiam apreciar a comida do Senhor. Ao meio-dia, sem ter sequer tocado no desjejum, Christine sentira-se esfomeada e ficara devastada ao ver que o almoço consistia de salada de frutas e suco. Recebendo olhares aguçados da freira, Christine se forçou a comer. No meio da tarde, ela se sentia tão mal e tão tonta que quase desmaiara na capela.

Aquilo não duraria muito, dizia para si. O pai logo voltaria e a levaria para casa.

Ao tentar engolir o presunto e a batata doce, Christine olhou o salão barulhento e viu que Amber a encarava e, surpresa, viu que havia um traço de hostilidade naqueles perturbadores olhos cinzentos. Christine pressentia que as garotas ressentiam-se dela, e ela suspeitava que isso se devesse ao fato de que, como temporária, ela não tinha de obedecer às regras da escola. Também não tinha de usar o uniforme da escola, mas podia usar as próprias roupas, tinha um quarto só para si em vez de dividir um dormitório, não participava das aulas e sentava-se

com as funcionárias durante as refeições. Obviamente, recebia privilégios demais segundo o gosto das alunas. Então, confirmando suas suspeitas, viu Amber dizer algo para a garota ao lado dela, que, em seguida, olhou para Christine.

Por favor, papai, venha me buscar. Tire-me daqui. Prometo nunca mais ser uma garota má.

Ao fim do jantar, depois da prece de agradecimento, uma freira aproximou-se de Christine. Era a irmã Gabriel, que admitira Christine na escola na semana anterior. Christine gostava daquela freira, que parecia ser mais gentil e compreensiva que as demais. Christine também a considerava muito bonita, apesar do véu engomado que lhe apertava o rosto.

– Pode vir comigo à minha sala, por favor? – ela disse.

O coração de Christine deu um salto. *Papai estava ali! Ele chegara por fim!*

Mas, para seu despontamento, a sala da irmã Gabriel estava vazia.

– Sente-se, por favor.

A voz da irmã Gabriel era melodiosa e alegre, e parecia combinar com sua aparência.

– Pedi para que viesse, Christine – disse a irmã –, porque recebemos instruções de seu pai em relação à sua estada aqui. Ele nos enviou o pagamento por um ano de alojamento e comida, e nos pediu que a matriculássemos na escola.

Christine a encarou.

– O que está dizendo? – perguntou ela.

– Você vai começar a frequentar as aulas, Christine.

– Ah, não, acho que não. Não foi isso o que o meu pai me disse.

– Tenho as instruções dele bem aqui.

– Isso é um erro. Meu pai me disse que eu ficaria aqui só por um tempo.

– Compreendo sua confusão, Christine – disse a irmã Gabriel com simpatia. – Sei que não pretendia ficar conosco por muito tempo. Mas aqui está a carta que ele nos enviou. Ele também mandou uma carta para você – acrescentou, entregando-lhe um envelope.

Christine viu o nome no envelope branco – era a letra do seu pai. Dentro ela encontrou uma carta, duas fotografias e uma nota de cem dólares. Em meio a lágrimas, leu as palavras dele: "... lamento ter de fazer isso, boneca, mas é necessário por enquanto... Sempre se lembre de que você é especial. Erga a cabeça como uma princesa...".

Muito de longe, ela ouviu a voz da irmã Gabriel dizer:

– Tiraremos as suas medidas para o uniforme, e você será designada para um

dos quartos no dormitório.

Quando Christine já não conseguia distinguir as palavras de Johnny em meio às lágrimas, ela olhou para a irmã Gabriel, sem conseguir falar.

– Vamos fazer o seguinte – disse a freira ao dar a volta na mesa e apoiar uma mão no ombro de Christine. – Vamos direto para o dormitório para que você possa se acomodar. As meninas estão na capela, e isso lhe dará alguns minutos para ficar sozinha e se ajeitar. Tenho certeza de que será feliz aqui, Christine. Resolvi colocá-la com uma das garotas mais velhas, para que você possa se ajustar. O nome dela é Amber. Bem, na verdade, o nome dela não é Amber, mas Alexandra Huntington, porém uma tradição foi começada nesta escola há muitos anos, uma tradição iniciada pelas garotas, segundo a qual todas têm um apelido. Acredito que isso as torna mais irmãs. Sei que você e Amber vão se dar muito bem.

Christine acabara de desfazer a mala, colocando seus pertences em uma pequena cômoda ao pé da cama quando ouviu as garotas aproximando-se pelo corredor. Imobilizou-se.

– Ora, ora! – disse uma voz na soleira. – O que temos aqui?

Ela se virou e viu as garotas paradas ali, com Amber impondo-se por ser a mais alta, com seu cabelo cor de mel emoldurando o lindo e arrogante rosto. As garotas juntaram-se com nervosismo ao redor de Amber, animadas, prontas para imitá-la, seguir o seu comando. E, de súbito, Christine sentiu medo.

– Quem é você? – perguntou Amber. – O que está fazendo no *meu* quarto?

Antes que Christine pudesse responder, a garota mais velha entrou, pegou uma calcinha de dentro da mala de Christine, suspendeu-a, inspecionou-a, depois a jogou no chão.

– Parece grande o bastante para um elefante – disse, e as outras deram risadinhas.

Amber encarou Christine com as mãos nos quadris e disse:

– Este quarto é *meu*. Perguntei o que está fazendo aqui.

Christine tentou recuperar a voz. Nunca antes se vira cercada por tantas garotas; não sabia como lidar com um grupo. Uma coisa era Martha Camp, mas seis ou sete garotas agressivas era outra.

– E-eu... eu...

E Amber lhe deu as costas, levantou as mãos e disse:

– Ai, ai, ai, ai, ai...

As seguidoras dela se puseram a gargalhar.

A garota de catorze anos virou-se e encarou Christine.

– Olha aqui – disse ela –, sei por que você foi designada para este quarto. Para você aprender as regras. Vê quantas camas existem aqui? Quatro. Aquela ali, perto da janela, é minha. Eu mando neste quarto, entendeu? E mando neste corredor. Sou eu que faço as regras. E as regras são as seguintes: mantenha o seu lixo na sua cama, você não tem direito a nenhum outro espaço no quarto, não pode usar o armário, e o rádio está fora do seu alcance. Se quiser colocar fotos na parede, terá de pedir permissão antes, e depois eu decido o que você pode colocar. E se for correndo para a irmã Gabriel para contar tudo isso, será tratada com muita severidade.

Amber seguiu para o criado-mudo de Christine, movendo-se de um modo que fazia a saia pregueada rodar, e pegou o porta-retratos duplo que Christina colocara antes ali. Em um lado estava a foto do pai, do outro, a da mãe.

O olhar de Amber ficou pousado na foto de Johnny por um bom tempo antes de ela perguntar:

– Quem é este?

– Meu pai.

– Hum – resmungou Amber com desdém, deixando o porta-retratos de plástico preto cair no criado-mudo em um baque.

– O que ele faz? – perguntou.

Christine a fitou confusa.

– Como?

– O que o seu pai faz? Quanto ele ganha?

– Eu... Não sei.

Amber virou-se para as outras e imitou-a:

– *Eu não sei*... – voltou-se novamente para Christine e disse: – Deixe-me esclarecer uma coisa aqui, gorducha, não gosto do populacho. Minha mãe é uma condessa. Está na França agora, em férias com o rei e a rainha da Inglaterra. Somos muitos ricos e importantes, por isso não posso me perturbar com pessoas abaixo da minha importância. Entendeu?

Christine não entendeu nada, mas disse:

– Sim.

– Qual o seu nome?

– Christine Singleton.

– Não usamos nossos nomes verdadeiros aqui, Singleton. Temos apelidos. O meu é Amber. Você também vai precisar de um.

– Bem – Christine começou a dizer –, meu pai me chama de...

Os olhos de Amber se endureceram.

– Não é você quem escolhe seu apelido, sua idiota – disse ela e as outras escarneceram. – *Eu* escolho o seu apelido. Quando eu decidir, aviso. Nesse meio tempo, você fica sem nome, entendeu?

E, mais uma vez, ainda que não tivesse entendido nada, Christine assentiu.

– E mais uma coisa – disse Amber quando os sinos tocaram e as garotas começaram a se dispersar para os respectivos quartos –, você vai deixar a sua tralha onde eu mandar – ela abriu a cômoda, puxou todas as roupas bem dobradas de Christine, e as jogou no chão.

A irmã Gabriel distribuiu os últimos pacotes e cartas na sala de visitas, e quando ela disse: "É só isso, meninas", aquelas que não receberam correspondência afastaram-se silenciosamente. Christine estava entre elas; fazia um mês que estava na Santa Brígida, e ainda não tinha notícias do pai.

Sem conseguir suportar o riso e a conversa animada daquelas que receberam cartas, saiu, onde a luz do sol se infiltrava por sobre arbustos de petúnias e amores-perfeitos. Todos os dias ela seguia esperançosa para a distribuição de correspondência, e todos os dias saía de lá desapontada. Tinha, porém, aquela primeira carta, aquela recebida na sala da irmã Gabriel, e consolava-se com ela, lendo-a sozinha, fingindo que tinha acabado de recebê-la.

Ela seguiu para uma pequena gruta que ficava no limite dos perfeitos jardins do convento; lá dentro, um caramanchão de rosas fechava o santuário da Virgem. A estátua branca de Maria estava no meio de musgo e buganvílias, e uma fonte criava uma atmosfera de serenidade, de repouso, de perdão. Christine fora até lá diversas vezes em três semanas, e sempre encontrara paz. Mas, naquele dia, surpreendeu-se ao encontrar outra pessoa, uma garota que ela tinha visto nos corredores e nas refeições, uma garota baixinha e corpulenta com sardas e um cabelão crespo de um ruivo tão intenso, que parecia quase ser cor de vinho. Ela estava sentada no banco de mármore e chorava.

– Você está bem? – perguntou Christine.

A garota levantou a cabeça.

– Ah, sim... – disse ela, passando a mão debaixo do nariz. – É que eu recebi notícias ruins.

Christine sentou-se ao seu lado, oferecendo um lenço.

– Obrigada – agradeceu a garota.

– Puxa... – disse Christine –, sinto muito... Pelo que quer que tenha sido.

Notou a carta amassada e manchada de lágrimas no colo dela, apenas uma folha, arrancada de um bloco de notas simples, com algumas poucas linhas escritas.

– É da minha mãe – explicou a garota, enxugando os olhos e devolvendo o lenço para Christine. – Ela disse que no fim das contas não vai vir para o meu aniversário.

– Puxa...

– Não é culpa da minha mãe, sabe? É só que, bem... Depois que o meu pai morreu, ela se casou novamente, e o marido novo dela, bem, ele acha que eu atrapalho. Foi por isso que eles me mandaram para cá. Eles moram na costa leste e não vêm me visitar muito. Por isso às vezes eu fico triste, entende? – ela conseguiu formar um sorriso. – Meu nome é Frizz[1], e o seu?

– Christine. O seu nome é mesmo Frizz?

– Não, é só o apelido que as garotas me deram. Você é nova aqui, eu sei. Eu a vi por aí.

– Também vi você. Você é a garota que se meteu em apuros por atrapalhar a aula de História da irmã Imaculada.

– É – disse ela com um sorriso. – Fui eu mesma. Então, por que está aqui? Na Santa Brígida, quero dizer.

– O meu pai viaja muito, e eu não tenho mãe, por isso ele achou melhor eu ficar aqui. Por que a chamam de Frizz?

– Amber me deu esse nome por causa do meu cabelo. Ela diz que ele é feio. Ela tem razão. Odeio o meu cabelo.

– Acho a cor muito bonita. O meu é tão comum. Eu bem que queria ter a cor do seu.

Frizz olhou para ela com os olhos inchados e disse:

– Eu não tenho amigas, e você?

Quando Christine negou com a cabeça, Frizz disse:

– Bem, por que você e eu não ficamos amigas, então?

Ao caminharem pelo gramado de volta para a escola, com os sinos anunciando a hora do jantar, Frizz disse com um suspiro:

– É melhor mesmo a minha mãe não vir para o meu aniversário, acho. Ela sempre me deprime com as suas visitas, fica falando das coisas divertidas que ela e o meu padrasto fazem. Não gosto dele. Ele nem me adotou, por isso meu sobrenome não é o mesmo do deles. Ele é um cretino. E a minha mãe está sempre

me criticando. Nunca consigo agradá-la. Na semana que vem, completo treze anos. Quantos anos você tem?

– Doze.

Enquanto seguiam para a sala de jantar, passando por um grupo de meninas que davam gritinhos diante de uma foto que uma delas acabara de receber – a foto de um primo, que todas elas achavam um verdadeiro sonho –, Christine viu Amber logo adiante.

– Como Amber conseguiu o apelido dela? É por causa da cor do cabelo?

– Ouvi dizer que foi ela mesma quem escolheu o apelido quando chegou aqui – informou Frizz ao se acomodarem na sala de jantar. – Porque a mãe dela é condessa, ela disse que tinha o direito de escolher o próprio apelido.

– Mas por que *Amber*? – perguntou Christine, curiosa a respeito da garota que tornava a sua vida miserável.

A existência de Christine, em apenas três parcas semanas, reduzira-se à questão da sobrevivência. Rapidamente aprendeu a evitar se deparar com Amber. Felizmente, as duas não tinham as mesmas aulas, portanto, confrontos diurnos eram raros, mas as noites eram perigosas, quando as garotas tinham tempo livre durante as preces das freiras. Era nessa hora que Christine tinha de ser mais atenta. Descobriu, logo na primeira noite no dormitório, que não era inteligente ir para a cama sem puxar todas as cobertas até o fim para verificar debaixo dos lençóis. A primeira lição envolveu uma cobra inofensiva do jardim, mas ela jamais se esqueceria daquilo. As manhãs também eram perigosas. Christine aprendeu a ficar para trás e esperar até que Amber tivesse terminado antes de correr para o banheiro comunal no fim do corredor. Isso significava que tinha de se apressar para se vestir e levar uma bronca de uma das irmãs por estar sempre atrasada para o café da manhã, mas depois de ter sido trancada em um dos cubículos e ao sair do chuveiro, em outra manhã, descobrir que sua toalha e roupas tinham sido levadas e ter de correr nua pelo corredor até o quarto, Christine decidiu que era melhor levar uma bronca.

– Então, por que ela escolheu Amber como apelido? – insistiu Christine.

– Bem... – disse Frizz em um tom conspiratório, puxando a cadeira para se sentar, o cabelo ruivo caindo pelos ombros e resvalando a mesa. – Ela se gabou de ter uma cópia do livro *Entre o amor e o pecado*. Se as freiras tivessem descoberto, Amber teria sido expulsa da escola. De todo modo, ela espalhou para todo mundo que leu o livro de cabo a rabo.

Christine conhecia o livro. Não que o tivesse lido, mas viu o filme cinco

vezes, e a imagem de Cornel Wilde, com seu cabelo longo e peito musculoso, subitamente lhe veio à cabeça.

Frizz continuou:

– Amber diz que é igual à Amber do livro. Ela se diz rápida.

– Como assim?

Frizz inclinou-se e sussurrou:

– Sabe, no *quarto*. Amber diz que já fez *aquilo*. Assim como a Amber de verdade, dormindo com todos aqueles homens.

As freiras entraram na sala de jantar, e as garotas silenciaram-se. A prece de agradecimento foi recitada e, quando as noviças serviram o jantar, Christine ficou chocada: enquanto Frizz e as demais recebiam pratos de espaguete, com pão de alho e tigelinhas de queijo parmesão ralado, Christine recebeu um prato de talos de salsão, cenoura, queijo *cottage* e pêssegos.

– Ah, não – murmurou Frizz. – Parece que a Madre Superiora a colocou em dieta.

Christine fitou horrorizada o salsão e a cenoura, sabendo que ficaria com dor de estômago mais tarde. O queijo *cottage* era sem gosto e sem graça, e os pêssegos de nada adiantavam, por serem doces.

Quando ouviu risadinhas, levantou o olhar e deparou-se com Amber lançando-lhe um sorriso de escárnio. Outras riram, e uma delas entoou:

– Gorda, gorda, gordinha mor, ah, quando você se for...

Christine continuou a olhar para seu prato. Não conseguia juntar coragem para segurar o garfo. Um aroma delicioso a envolvia; ela via as garotas comendo com vontade. Lágrimas queimavam-lhe os olhos. *Papai,* pensou ela, *onde você está? Por que não escreveu para mim, ou me telefonou, ou veio me buscar? Por que mereço isto? O que eu fiz?*

* * *

– Irmã Gabriel – disse Christine depois de bater à porta dela e receber permissão de entrar –, posso, por favor, telefonar para o meu pai? Não vai demorar. Sei que ele está viajando e seria uma ligação de longa distância, mas ele não me escreveu nem mesmo um cartão-postal, e estou preocupada.

– Entendo como se sente – a freira disse com gentileza –, mas seu pai nos disse que estaria incomunicável por um tempo, e assim que ele tivesse um telefone de contato, ele nos informaria. Seja paciente, meu bem. Só vai levar um pouco

mais, prometo.

– Mas sabe onde ele está, não sabe? Ele deve ter lhe dado um endereço para entrar em contato com ele, caso fosse necessário, não?

– Christine, acredite em mim, você não foi abandonada aqui. Confia em mim, não? Deposite sua confiança em Deus, e logo tudo estará bem, você vai ver.

Ela ficou pensativa um momento, depois disse:

– Posso lhe fazer uma pergunta, irmã? Sou gorda, sei que sou. Mas isso é tão ruim assim? Por que a irmã Michael parece brava comigo só porque estou acima do peso? Por que as outras garotas me ridicularizam? Quero dizer, imagine que Jesus fosse gordo. Não sabemos como ele era. Há muitas pinturas deles, mas não existem descrições dele na Bíblia. Talvez Jesus fosse como o Frei Tuck, gordo e alegre. Irmã Gabriel – Christine disse com franqueza –, por que as pessoas caçoam de quem é gordo? E se não temos como evitar isso? As pessoas não ririam de alguém em uma cadeira de rodas, ririam? Por que ser magro torna as pessoas tão melhores? Magreza é sinal de grandiosidade?

A jovem freira lançou um olhar atordoado.

– Christine – disse ela –, Deus a ama do jeito que você é. Confie Nele, confie no Senhor e na Mãe Abençoada, e o fardo da dor que você carrega será retirado de você. Eles a amam, eu lhe asseguro. Eles a amam.

Quando Christine voltou para o quarto, deparou-se com Amber e sua corte noturna diária em sua cama, as outras garotas estavam de pijamas, enrolando os cabelos, passando cremes no rosto enquanto ouviam o rádio tocar *Ragg Mopp*.

– Ora, se não é o bichinho de estimação da irmã Gabriel.

Christine tentou ignorá-la. Quando foi pegar a camisola, viu que as fotos dos pais não estavam no porta-retratos.

Enfrentou Amber, com o coração aos pulos.

– Sei que as pegou. Onde elas estão?

– Por que se importa? Eles nunca a visitam. Faz um mês que está aqui e não recebeu visita alguma, carta alguma, nem mesmo um telefonema. Então, por que se importar com as fotos?

Algo estalou dentro de Christine.

– Fale onde elas estão ou vai se arrepender.

– Por quê? O que vai fazer? Vai correr para a irmã Gabriel? Imagino que tenha reclamado com ela porque somos maldosas com você. Você é ridícula.

– E quanto a você. Cheia de ares, Alexandra Huntington, mas também não

recebe visitas, nem correspondência, nem telefonemas! Aposto como a sua mãe nem é condessa de verdade!

As garotas calaram-se chocadas enquanto Amber encarava Christine. Ela se levantou devagar, impondo sua altura à Christine, e disse:

– Vai pagar por isso. Não sabe o quanto vai se arrepender...

Hans levantou-se lentamente do chão, com o sangue escorrendo pelo rosto e manchando a camisa. Ele cambaleou na direção de Christine, com uma arma na mão e mirou diretamente nela. Johnny estava escondido em algum a sombra próxima, dizendo:

– Não posso ajudá-la desta vez, boneca. Tenho de ir embora. Nunca mais nos veremos...

Hans disparou a arma e Christine gritou.

Ela abriu os olhos e olhou ao redor. Ao ajustar a vista à luz da tarde, lembrou-se de estar no quarto, sozinha. Era sábado, e as outras garotas estavam com os visitantes, até mesmo Amber, que apesar de também não receber visitas, sempre era convidada pelas outras a se juntar a eles. Mas Christine, sem conseguir enfrentar outro sábado desapontador, decidira deitar-se na cama e se recolher em sua fantasia; em vez disso, acabara adormecendo e se recolhendo em pesadelos.

Olhando para o relógio sobre o criado-mudo, viu que era hora da distribuição da correspondência. Lavou o rosto apressadamente e penteou os cabelos, chegando à sala bem quando a irmã Gabriel a chamava pelo nome.

– Veja, Frizz! – disse ela, mostrando algo para a amiga. – Veio da *Itália*! Veja os carimbos! Meu pai está na Itália! E veja como o envelope é grosso! Ele escreveu páginas e mais páginas!

Quando saíram às pressas para abri-lo, nem Christine, nem Frizz perceberam o repentino olhar perigoso de Amber, que as observou ir embora.

A carta contava as viagens de Johnny, e Christine sentou-se na cama, lendo em voz alta para uma Frizz extasiada, que não recebera carta alguma. Johnny incluíra um punhado de cartões-postais, fotos de Roma, Pisa e Florença; um rótulo de vinho manchado de uma garrafa de Chianti; o canhoto de um ingresso de uma ópera em Milão. Christine espalhou tudo pela cama enquanto ela e Frizz os analisavam, suspirando e pensando: *Itália!*

Porém, enquanto a tarde se arrastava e o sol se punha em raios longos por sobre os cartões postais espalhados, Christine começou a sentir uma nova onda de tristeza se abater sobre ela. Queria estar com ele. Sentia tantas saudades...

Quando chegou a hora do jantar, a alegria de Christine transformara-se em um humor taciturno, e ela não tinha fome. Ainda mais para comer as cenouras e o queijo *cottage* servidos em seu prato. Ao fitá-lo, não percebeu que subitamente tinha se tornado o centro de atenções um tanto perigosas.

– Ei, psiu! Christine!

Ela levantou o olhar e viu uma das amigas de Amber, uma garota atlética chamada Ginger, segurando uma coisa no prato. Christine ficou surpresa ao ver o que era.

– Quer uma das minhas costelas de porco? – sussurrou Ginger.

Christine não percebeu o olhar maligno de Amber nem ouviu as risadas abafadas das outras. Só viu a costela de porco, grossa e suculenta, pendurada nos dedos delicados de Ginger. E, de repente, viu-se de volta à cobertura, na ponta da imensa mesa de jantar, e Johnny estava na cozinha, dançando em seu *smoking* e avental.

– Mas... Você não quer, Ginger? – perguntou.

– Sou alérgica a carne de porco – disse a garota, lançando um olhar rápido e nervoso na direção de Amber.

Christine não notou nada; seus olhos estavam fixos na costela.

– E então? – insistiu Ginger, balançando-a na sua frente como se fosse um pêndulo hipnótico.

– Sim – Christine ouviu-se dizer. – Quer dizer, se você não quiser mesmo.

– Perfeito! Tome – disse Ginger, colocando a costela no prato de Christine.

Uma garota sentada à direita de Christine inclinou-se e disse:

– Melhor não comer aqui. Se a Madre Superiora apanhar você...

– É mesmo – concordou Christine, rapidamente enrolando a costela em um guardanapo. Ao enrolá-la e colocá-la no bolso da saia, ela se sentiu animada. Comeria mais tarde, quando as luzes estivessem apagadas e todos tivessem ido dormir. Ela pegaria a costela e comeria tão lentamente que levaria uma hora, saboreando cada mordida enquanto relia a carta de Johnny e estudava cada precioso cartão-postal.

Amber passou a noite no quarto de outra garota, ouvindo discos, com seu séquito de sempre, e Christine, sozinha no quarto, desejou que aquele fosse o sinal de que Amber começava a perder interesse em caçoar dela e que a deixasse em paz dali por diante. Estava quase na hora de apagarem as luzes. Christine foi para o banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes, de bom humor pela primeira vez

em dois meses. Seu pai lhe escrevera, e ela lancharia uma costeleta de porco fria quando todos estivessem dormindo.

Mas, quando voltou para o quarto, ela encontrou todas as garotas lá, e Amber sentada na sua cama, segurando a costela.

– Viemos vê-la comer a costela – disse ela.

Christine subitamente começou a se sentir mal.

– O quê?

– Ouviu bem. Venha, porquinha. Oinc, oinc.

– Por favor... Não faça isso.

– Bem, você quer ou não quer a costela? Se não quer... – Amber ameaçou jogar a costela no lixo.

– Espere – disse Christine. – Não faça isso!

– Você quer?

Ela fitou a costela, espantada e confusa. Amber estava caçoando da costela e, de alguma forma, isso era o mesmo que caçoar de Johnny.

– Você quer – zombou Amber. – Sei que quer. É por isso que você é tão gorda. Você só faz comer, comer, comer.– Se quiser isto, então vai ter de se ajoelhar e implorar como um cão. Venha, boazinha, au-au – Amber disse suspendendo a costela.

– Deixe-a em paz! – exclamou Frizz, que apareceu na soleira da porta.

– Cale a boca – Amber disse, e duas garotas impediram a entrada de Frizz.

– Por favor, Amber – suplicou Christine. – Por que está fazendo isso comigo?

– Faça o que eu disse ou eu jogo fora. De joelhos! Vamos! – disse Amber. – Levante as patinhas como um bom cachorro.

– Christine – disse Frizz –, não faça isso.

Amber se virou e cochichou algo para a garota ao lado, que também se virou e cochichou para outra. No segundo seguinte, seguraram Frizz e a obrigaram a entrar, prendendo-lhe os braços atrás das costas.

Pegando a tesoura de cima de mesa, Amber caminhou lentamente para perto de Frizz, abrindo e fechando a tesoura enquanto balançava a costela de porco para Christine.

O ar estava carregado de medo e tensão, enquanto as garotas assistiam e esperavam para ver o que Amber iria fazer. Ela fechou a tesoura perto do rosto da menina ruiva e disse:

– Acho que esta garota tem cabelo demais. Vou cortá-lo um pouco.

– Deixe-a em paz – disse Christine.

– Coma a costela de porco como um bom cachorrinho e não faço nada. Se não... – Amber deu cortes imaginários ameaçadores no ar.

Quando Christine olhou para a costela que Amber segurava, Frizz disse:

– Não faça isso, Christine. Eu não ligo. Odeio o meu cabelo – mas havia um soluço na voz dela.

Christine sentiu os olhos das garotas pregados nela; ouviu as batidas assustadas do seu coração enquanto via a expressão fria nos olhos de Amber, arregalados de terror.

– Não – disse ela por fim. – Não vou fazer o que você quer. E você também não vai machucar a Frizz.

Para surpresa de todos, ela passou por Amber e afastou as outras garotas de Frizz. Encarando Amber novamente, Christine disse:

– E nunca mais vai nos incomodar. Você é malvada e cruel, Amber, e eu sinto pena de você. E qualquer uma que siga você e faz o que você quer não pode se sentir bem consigo – ela olhou para as outras, que não conseguiam sustentar o seu olhar. – Você caçoa de nós porque não somos perfeitas como você, mas pelo menos temos o nosso orgulho. Meu pai me ensinou a ter respeito por mim. E é isso o que estou fazendo, Alexandra Huntignton. Não vou deixar que você me amedronte novamente nem a Frizz, nunca mais.

---

[1] Frizz, de frizzy hair, cabelo crespo. (N.T.)

9

NÃO SE PREOCUPE, BONECA. Não vai ser por muito tempo. Logo ficaremos juntos novamente.

Enquanto a voz ecoava do passado, Philippa abaixava a caneta e olhava a noite, as estrelas e o oceano escuro pela janela do jatinho particular da Starlite. Depois de reabastecerem em Fiji, agora seguiam para o sul da Califórnia. A cabine estava com uma iluminação suave. Charmie, sentada diante de Philippa, lia; Ricky estava na cozinha, preparando café e esquentando bolinhos para a equipe de pilotagem. Eram os únicos passageiros a bordo.

Quando um mau presságio começou a assaltar Philippa novamente, ela pegou a caneta e tentou se concentrar no trabalho. Leu a última coisa que tinha escrito: "Duas qualidades são necessárias para chegar ao sucesso: dedicação e autodisciplina". Aquele era o capítulo de incentivo do livro *O plano Starlite de beleza e perda de peso em 99 passos*, um capítulo para o qual o leitor era sempre convidado a voltar em busca de inspiração. O livro não tinha nada de novo; em vez disso, era uma coletânea condensada de filosofias e adágios que se tornaram, no decorrer dos anos, marca registrada da Starlite. "Sucesso é saber o que se quer." "Vencer é determinação."

Philippa fitou o papel que só estava escrito até a metade, e acabou deixando a caneta de lado. Não conseguia se concentrar. Uma sensação iminente de perda desviava sua mente da tarefa em mãos, levando-a de volta à noite de neblina em San Francisco, 42 anos atrás, quando vivenciara a primeira perda traumática, uma noite na qual perdera tudo, inclusive a inocência. Não houve aviso, pressentimento, sinal que a preparasse para as duas guinadas súbitas e drásticas ocorridas em sua vida: a primeira, quando foi para o esquálido apartamento atrás do Teatro Chinês Grauman, em 1958, quando o curso de sua vida ficou determinado para sempre; e a segunda, quando ela se postou em Point Resolution e assistiu ao naufrágio do *Philippa*.

Haveria mais uma guinada à sua espera ao fim daquele voo?, perguntou-se. Philippa tentou analisar seus medos; não sabia o que mais a assustava: a possibilidade de perder a empresa ou descobrir que um de seus amigos a traíra. *Por favor*, implorou mentalmente para a noite escura do outro lado da janela, *se houver um traidor na empresa, que não seja um de nós.*

Havia uma mesa baixa entre o seu assento e o de Charmie, sobre ela se dispunham uma travessa de frutas frescas, um prato de biscoitos e um jarro de cristal com *Perrier* e fatias flutuantes de limão. Servindo-se de um copo de água, Philippa tentou se acomodar em seu assento. Havia muito em que pensar.

Beverly Burgess em Palm Springs estava na sua cabeça. Ivan Hendricks lhe perguntara ainda em Perth:

– O nome Burgess lhe parece familiar?

Ela vasculhou a memória, mas não se lembrou de nenhum Burgess em seu passado. Visualizou novamente a página inteira do Star's que Hendricks lhe mostrara, um rastro de estrelas prateadas contra um fundo azul-escuro. O interior do jatinho corporativo da Starlite era decorado com tons de azul, com estrelas prateadas bordadas no tecido, e Philippa perguntou-se mais uma vez se era verdade o que ouvira falar sobre as coincidências nas vidas dos gêmeos que cresceram afastados uns dos outros. Lembrava-se especialmente de um artigo que leu não muito tempo atrás sobre irmãs gêmeas, separadas no nascimento, que se casaram com homens parecidos, tinham os mesmos passatempos, faziam doações às mesmas instituições de caridade, e até mesmo batizaram os filhos com o mesmo nome. Será que os nomes Starlite e Star's e seus logos semelhantes eram indícios de que Beverly Burgess era a sua irmã?

– Você está bem? – perguntou Charmie baixinho, abaixando o livro e retirando os óculos de leitura.

– Não sei – respondeu Philippa. – Estou preocupada com o que vamos encontrar por lá. Não consigo deixar de pensar na ameaça de alguém tentando controlar a Starlite, ou o fato de que alguém dentro da empresa, alguém próximo a mim, possa estar envolvido. Tem certeza de que ninguém sabe que estou chegando?

– Acredite, ninguém desconfia. Todos pensam que estou em Ohio, como sempre nesta época do ano. Quando você atravessar as portas da Starlite, vai chocar a todos.

Era isso, precisamente, o que Philippa queria fazer: observar a reação de todos ante a sua volta repentina. Algo, seguramente, transpareceria no rosto de um

culpado.

– Eu não estava preparada para deixar Perth ainda – disse ela quando o avião subitamente chacoalhou e vibrou. O piloto avisara que poderiam ter de atravessar uma tempestade tropical. – Sempre senti que, enquanto estivesse lá e mantivesse a esperança de ele ter de algum modo sobrevivido, ele *acabaria* voltando. Mas, ao partir, quase senti como se estivesse arrancando essa possibilidade dele. Isso parece loucura?

– Não, não parece – Charmie disse inclinando-se e pousando uma mão sobre a dela. – Mas um dia vai ter de deixar isso para trás, Philippa. Era o que ele gostaria que fizesse. Ele gostaria que você pensasse no futuro, não no passado.

– Você está certa, claro – Philippa sorriu. – Esther está tão animada por eu voltar para as festividades. Ela está ansiosa para que eu conheça o namorado dela. Por isso, de certa forma, Charmie, estou contente que tenha ido me resgatar em Perth. Se Esther está firme como parece com esse rapaz, talvez tenhamos de planejar um casamento em breve.

– E depois disso você pode se tornar vovó – disse Charmie com um brilho no olhar.

– Deus do céu! Não sou jovem demais para ser avó?

Charmie tomou um gole do seu gim-tônica, e as pulseiras plásticas chocaram-se no pulso.

– A idade é um estado mental – declarou, observando o traseiro de Ricky quando ele passou pelo corredor com uma xícara de café para se sentar atrás dela.

Visto que Philippa girara a poltrona para viajar de costas, ela conseguia ver Ricky por cima do ombro de Charmie. Ele estava olhando para ela. Philippa disse para Charmie:

– Acho que vou me refrescar um pouco.

O lavatório nos fundos do avião era um pouco maior do que aqueles dos aviões comerciais, com toalhas limpas, sabonetes embalados individualmente, potes de cremes e um banco acolchoado que se dobrava, fazendo com que a pia se transformasse em uma penteadeira. Fechando a porta atrás de si, mas sem trancar, Philippa abriu a torneira de água fria e lavou o rosto. Quando o secava com uma das toalhas grossas, ouviu uma batida à porta.

E a voz de Ricky, dizendo:

– Está se sentindo bem, senhorita Roberts?

E ela respondeu:

– Sim.

E esperou.

Ele abriu a porta, lançou um olhar especulativo, depois entrou e fechou a porta atrás de si.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou ele mais baixinho.

– Estou preocupada – disse ela. Philippa informara-lhe o motivo daquela viagem; a ameaça de uma tomada da empresa, a possibilidade de Hendricks ter localizado sua irmã. – E um pouco assustada.

– Tudo vai ficar bem – disse ele com suavidade. Depois colocou as mãos na cintura dela e a trouxe para perto.

Toda vez que se tocavam assim, peito contra peito, pélvis contra pélvis, Philippa maravilhava-se com a sensação boa que emanava dele, de como o corpo jovem era rijo. Passou os braços ao redor dele e apoiou o rosto contra o pescoço. Ele a segurou com gentileza a princípio, massageando os pontos rígidos entre as escápulas; depois o abraço intensificou-se. Ela afundou os dedos nos cabelos longos; a boca dele esmagou a sua, a língua rescendia a café doce. Ela o desejou de pronto, ali mesmo.

Abaixou a mão para afagá-lo; ele gemeu. Ricky a suspendeu para a beira da pia, abaixou-lhe a calcinha, levantou a saia até a cintura e a penetrou, tão abruptamente e com tamanha força que a deixou sem ar. Ele a segurou por debaixo da blusa e a suspendeu um pouco, balançando-a enquanto ela se agarrava a ele, as bocas pressionadas.

Quando o avião estremeceu, nem notaram. E quando ouviram uma batida à porta do banheiro, Philippa mal conseguiu dizer:

– Sim?

Era Charmie.

– O capitão sugeriu que você voltasse para a poltrona. Ele disse que vamos ter turbulência.

E Philippa começou a rir, abafando o som no cabelo sedutor de Ricky.

A foto de Philippa estava colada com uma fita no espelho, enquanto Danny trabalhava em seu disfarce, fantasiando com os diferentes modos como poderia puni-la.

Talvez a amarrasse em uma corda e a deixasse sacudindo como um peixe fisgado, do mesmo modo como *ele* ficara pendurado na cadeia. Talvez ele a deixasse morrer, como ele quase morrera, só para reavivá-la, do modo como ele fora reavivado, porque o médico da cadeia, que recebeu uma fortuna pela sua

participação no suicídio simulado, errou ao chegar tarde e teve de executar manobras de ressuscitação para reanimar Danny e, então, declará-lo morto. Excitava-se só de pensar em como ela gritaria e imploraria para que ele a deixasse ir. Danny saborearia tudo. E, talvez, quando a encontrasse na Austrália, ele não se apressaria em matá-la de pronto. Faria amizade com ela, e seria muito excitante vê-la agir amigavelmente, sem suspeitar do que ele planejava fazer com ela. Não fora isso o que ela fizera, fingindo apoiar sua campanha política, inclusive doando dinheiro, enquanto, na verdade, planejava a sua humilhação e destruição?

Quando Danny terminou de colar a barba no queixo, não conseguia parar de rir imaginando-se de frente com Beverly – ou Philippa, que era como ela se chamava agora –, e fazer com que ela gostasse dele enquanto se deleitava com seu plano secreto.

Deu um passo para trás, observando criticamente seu trabalho no espelho. Uma vez que seu rosto era conhecido por milhões de pessoas – um pouco pelo seu trabalho como evangelista na televisão, mas principalmente pela sua campanha presidencial –, era importante que ele se disfarçasse o bastante para que ninguém o reconhecesse e começasse a ligar os pontos.

Satisfeito com a aparência modificada, Danny passou metodicamente pela casa de Quentin e selecionou alguns itens que levaria consigo: o crachá de jornalista que poderia ser útil e uma carteira com 73 dólares em dinheiro e moedas. Por fim, pegou a pasta identificada como *Philippa Roberts*, tirou a foto do espelho e a colocou em meio às anotações que Quinn tinha feito a respeito dela.

Danny olhou ao redor para ver se havia algo mais de que precisaria; os olhos passaram por uma pasta com as palavras *Burgess* e *Star's* escritas. Depois voltou-se e olhou ao longe para o mar, onde um alvorecer perolado tirava o Pacífico da noite escura, trazendo-o para um dia de neblina. Ele viu a maré subir, alisando a areia, deixando-a brilhante e espumosa, apagando qualquer traço das três covas que Danny havia cavado durante a noite.

Ao sair da casa pela manhã, sentindo-se cheio de vida e vingança, pensou na lista secreta que um dia começou, uma lista particular de pessoas que o atrapalharam de um modo ou de outro na vida. Sistematicamente ele os castigara, um a um. Danny resolvera que o melhor de todos fora um garoto na Louisiana, um *cajun* metido que acusou Danny e Bonner de violentarem a irmã dele. Ele os denunciara às autoridades, mas a polícia os deixara ir porque a garota acabara confessando que passara a noite com eles de livre e espontânea vontade, como a maioria das garotas fazia depois dos despertares religiosos dos rapazes. Danny e

Bonner saíram da cidade rindo, mas quando a tenda do espetáculo deles retornou para aquela parte do Sul alguns meses mais tarde, Danny saiu furtivamente no meio da noite, arrancou o garoto da cama com uma pistola, levou-o para o pântano e o enterrou até o pescoço. Quando um grupo de busca organizado encontrou o garoto, viram que os crocodilos haviam chegado antes.

Não, senhor, pensou Danny ao dar partida no Toyota de Quinn e notar o trânsito da autoestrada da Costa do Pacífico se intensificando. Ninguém atravessava o caminho de Danny Mackay e saía impune. E suas vinganças nunca eram simplórias e imediatas; Danny gostava de ser criativo, para fazer valer a pena.

Enquanto ele conduzia o Toyota pela estrada, passando por um Porsche e cortando um Maserati, sentindo-se poderoso e invencível – *não se pode morrer duas vezes, certo?* –, Danny pensou em uma época em que a lista secreta fora longa, contendo nomes tanto de homens ricos quanto de pobres. Mas agora a lista era bem curta, porque só havia um nome nela: Philippa Roberts. E ele planejava ser *muito* criativo com ela.

10

– EI! OLHE SÓ para isto!

Larry Wolfe veio do quarto e parou na sala do bangalô, segurando um roupão.

– Veja o que eles nos dão! – exclamou.

Andrea Bachman, a assistente de Larry, desfazia a mala em seu quarto, do outro lado da sala e olhou de relance para Larry pela porta entreaberta. Ela já tinha visto os roupões pendurados no banheiro – grossos e macios, em um azul-escuro, com estrelas prateadas bordadas no bolso.

– Não acho que eles estejam nos dando os roupões, Larry – disse ela. – Nós os usamos enquanto estamos hospedados. Não podemos ficar com eles.

– Claro que podemos. Não vi aviso algum proibindo isso.

Ela não discutiu. Andrea queria dizer:

– Larry Wolfe, você é tão idiota que faz com que os idiotas normais pareçam espertos – mas em vez disso, só disse:

– Que seja – e continuou a desfazer a mala.

Seus dias de adoração a cada mínima palavra proferida por Larry terminaram. Agora ele estava começando a entediá-la.

Mas ele tinha razão quanto a um aspecto: os roupões eram inesperados. A maioria dos hotéis fornecia do tipo branco, simples, mas os do Star's tinham classe. Assim como os artigos de higiene no banheiro. Andrea esperara ver os pacotinhos e marcas de sempre – muito frequentemente da Sassoon ou Fabergé –, mas ali ela se surpreendeu ao ver, sobre o mármore rosa, sabonetes Nina Ricci, musse corporal de jasmim da Jovan Night Blooming, óleo de banho de amêndoas Caswell-Massey. Era nítido que as pessoas eram paparicadas no Star's.

O quarto também se mostrou uma surpresa maravilhosa. Nada de lençóis brancos de hotel: os de Andrea eram cor de framboesa, a colcha de musselina da Laura Ashley combinava com as almofadas – que tomavam o lugar de travesseiros

comuns. Havia até mesmo um vaso com narcisos frescos – em dezembro!

Quando foi para a sala de estar, encontrou Larry já vestido para o jantar, inspecionando sua imagem em um espelho de moldura dourada acima da lareira. Ainda era uma experiência nova para Andrea não sentir uma pontada sexual toda vez que o via. Seu coração já não parava de bater ao vê-lo; agora ela o enxergava através de um olhar objetivo. Larry Wolfe, 44 anos, cabelos escuros e queixo cinzelado, bonito como o quê, saído direto de um molde de um mestre de cerimônias. Coloque-o em um *smoking*, ponha um microfone em sua mão, e ele estava pronto. Ele era bonito e sarcástico; a maioria das mulheres suspirava quando o via. O que elas não conheciam era a pessoa superficial que aquela boa aparência escondia. Não só isso, Larry além de não ter conteúdo, era um chato. Andrea um dia o ouviu falando com um amigo a respeito de um caso que vinha tendo com uma atriz famosa:

– Ela odeia a palavra *trepar* – Larry dissera. – Quando digo: *vamos trepar*, ela fica doida. Ela quer chamar de *fazer amor* e não me deixa tocar nela a menos que eu diga isso. Então, uma noite, eu disse *vamos fazer amor* e enquanto estávamos bem no meio e ela não estava olhando, eu trepei.

Larry Wolfe.

– Quando disse que Yamato ia nos encontrar? – perguntou ele, falando com Andrea olhando-a pelo espelho.

– Daqui a quatro dias – respondeu ela, pegando o casaco.

O senhor Yamato era um abastado homem de negócios de Tóquio e estava ávido por financiar o próximo filme de Larry – a história de Marion Star. Seria a primeira tentativa de Larry como produtor. Depois de vencer o Oscar em abril passado, Larry descobriu que já não estava satisfeito em ser apenas roteirista; agora desejava produzir. Havia mais prestígio em ser produtor, mais dinheiro, mais poder, mais mulheres.

– Ok, vamos – disse ele, seguindo para a porta sem ajudar Andrea com o casaco. – Preciso de um drinque – ele disse enquanto abriu a porta e passou, deixando-a que o seguisse. Na verdade, Andrea, de 42 anos de idade e autoproclamada sem atrativos, seguira Larry sem nem pensar nisso por muitos anos. Mas aquilo estava para terminar. Ao entrarem no carrinho elétrico que ela chamara para levá-los ao Castelo, Andrea lançou um sorriso para Larry que dizia que ele era a melhor coisa desde que inventaram vinhos em garrafa de rosca. Ela tinha de ter cautela para não se entregar. Porque estava esperando a hora certa.

Para ficarem quites.

No bangalô a poucos metros, Carole Page estava terminando os preparativos para o seu primeiro encontro com Larry Wolfe. E pensava que algumas coisas não se compravam com dinheiro. Ou com poder, ou influência. Somente com sexo. *No fim das contas*, pensou ela ao verificar a maquiagem, *sexo era a moeda que prevalecia*. Não havia nada que sexo não pudesse comprar. E o que Carole Page, estrela de cinema em apuros, queria comprar era um homem. Especificamente, Larry Wolfe.

Saiu do quarto e foi para a sala de estar, onde um jovem com um sorriso amplo e nádegas firmes antes acendera a lareira. No piso ante a lareira havia um balde de metal cheio de pinhas mergulhadas em cera. Quando lançada no fogo, elas quebravam e emitiam faíscas muito brilhantes. Aquele era apenas um dos pequenos detalhes que Carole encontrara no bangalô. Assim que entrou, notou a fragrância de laranjeiras no ar. Ficou intrigada com a sua origem até encontrar um anel, cheio de óleo aromático, em cima de uma das lâmpadas no quarto. Muito romântico. Se ao menos Sanford estivesse ali para partilhar aquilo com ela.

Mas claro que não podia estar, não com a sedução que ela planejava.

– Vou descansar – disse ao marido quando a última filmagem terminara. – Estou completamente exausta.

Carole não estava tão exausta física, mas sim espiritualmente. Qualquer um podia ver que *Garota desafio*, o filme recém-filmado, era um fracasso.

Ela, porém, cuidaria para o que o próximo filme não o fosse. Quando ouviu boatos de que Larry Wolfe estava comprando o diário perdido de Marion Star com a intenção de fazer um filme de orçamento milionário, Carole enxergou a sua oportunidade. Fez algumas pesquisas a respeito do roteirista e descobriu que o cretino tinha um ego imenso. Mas era um cretino generoso e, ao que tudo levava a crer, já tinha um investidor japonês financiando-o. Pesquisou um pouco mais e descobriu o que Larry gostava nas mulheres: “Preciso saber que a conquista é minha”, confessara ele candidamente em um artigo da revista *People*. “As mulheres que se jogam aos meus pés, e há muitas delas, não vão à parte alguma. Mas coloque uma mulher inalcançável em meu caminho e faço qualquer coisa para conquistá-la. Quanto mais difícil ela for, mais eu a persigo. Esse é o jogo, percebe? Perseguição e conquista. Não há excitação maior.”

Por isso, Carole tinha uma estratégia. Conseguiria Larry fazendo-o acreditar que *ele* a conquistara.

Quando lera na coluna de Liz Smith que Larry e sua assistente, Andrea

Bachman, viriam para o Star's para pegar o diário que ele comprara em um leilão e para verificar a velha mansão para uma possível locação da filmagem, Carole disparara para o telefone para conseguir uma reserva na mesma data. Larry devia chegar naquele dia. Agora tudo o que ela tinha de fazer era descobrir onde ele estava, provocar um encontro casual e depois parecer desinteressada.

Ao pegar o casaco russo de zibelina, sentiu o sutiã de renda contrair-se nos seios.

– Juro que estão ficando maiores – Carole havia se queixado com o cirurgião plástico.

– A lipoaspiração remove permanentemente as células de gordura – ele tinha explicado. – Quando as células de gordura são removidas, o corpo não cria novas, só encontra um lugar novo para estocar a gordura. No seu caso, Carole, você teve as coxas reduzidas, portanto o seu corpo está enviando a gordura para outros lugares possíveis, como os seios.

O que, obviamente, tornava os implantes um desperdício completo.

Fechando os olhos, Carole tentou mandar a dor de cabeça embora. Sofria de uma pequena ressaca pelo champanhe tomado na viagem até Palm Springs. "Medo do teleférico" fora o que dissera às companheiras de limusine, Frieda Goldman e a doutora Isaacs. Será que acreditaram? Ela duvidava muito. Fez uma careta ao pensar em como havia secado o conteúdo de uma garrafa inteira de Dom Pérignon. Ela devia ter tomado cuidado; o álcool soltava sua língua. Carole tinha de ficar grata por não ter dito nada do tipo: "Estou indo para o Star's para transar com Larry Wolfe, só para ele me escalar para o próximo filme dele". Esteve sóbria o bastante para não chegar a tanto.

Ao vestir o casaco, uma lembrança dolorosa surgiu em sua mente: a capa de uma revista com sua foto e a manchete "Carole Page chegou ao fim?".

Depois de três fiascos no cinema e dizendo adeus aos quarenta, Carole via-se em um limbo dos que já eram. E isso a assustava. Também se ressentia. Era uma boa atriz; todos diziam isso. Mas, ultimamente, ela se via atuando em filmes lamentáveis. A quantidade de papéis para mulheres *mais maduras* caía vertiginosamente a cada ano que passava. O Sindicato dos Atores recentemente revelara estatísticas aterradoras: enquanto 71% de todos os papéis iam para os homens, e somente 29% para as mulheres, o percentual de papéis no cinema e na televisão para as atrizes com mais de quarenta anos era de míseros 8,8%.

Somente uma coisa podia salvá-la agora, ela bem sabia, e era o filme escrito por um homem chamado Larry Wolfe, na atualidade o roteirista mais procurado de

Hollywood. A conquista do último Oscar garantiu isso. E agora ele iria produzir, além de escrever, o próximo filme, o que significava que ele tinha o poder de escalar o elenco. Larry era o motivo pelo qual ela colocara o preservativo às escondidas em sua bolsa: para seduzi-lo e ganhar um papel. Mas ela só tinha poucos dias para conseguir isso. Sanford a esperava de volta em Beverly Hills para o Natal, de volta com seus medos e rugas e lembranças de dias melhores.

Sanford, seu marido sensual e viril, que faria amor com sua "linda estrela de cinema". Quanto tempo mais ela conseguiria segurá-lo?

Ao caminhar para a porta, captou o reflexo no espelho, uma loira alta e bela que podia passar por trinta anos de idade. Mas não eram relances que a perturbavam, mas sim os *closes*. Conseguiria fazer amor com Larry Wolfe? Perguntava-se se as pequenas mentiras ficariam evidentes: a prega onde a cânula da lipoaspiração entrara, a ondulação onde retirara as costelas inferiores; a cicatriz fina da abdominoplastia. Carole pensava nessas marcas como sinais de idade; assim como os anéis do tronco para uma árvore, quanto mais cicatrizes de cirurgias plásticas, mais velha a mulher. Em breve, sabia ela, agregaria marcas atrás das orelhas com uma cirurgia para levantar a pele da mandíbula, outra no escalpo para levantar a testa, e as pequenas crateras deixadas pela retiradas dos últimos molares. Tudo feito para que ela não aparentasse ter quarenta anos. Larry Wolfe repararia nessas mentirinhas e não se sentiria excitado? Ou pior, riria dela e diria que ela era velha demais para fazer o papel de uma deusa do sexo de 25 anos de idade? E depois, o quê, então? Seus dias com Sanford estariam contados? Ela apareceria em mais um filme decadente, pareceria velha demais para o papel, as pessoas começariam a balançar a cabeça em sinal de pena – o que levaria Sanford a procurar uma estrela de cinema mais bonita?

Esse era o seu maior medo: não tanto o fracasso de uma carreira, mas perder Sanford. Carole era uma grande estrela quando se conheceram, e ela sabia que isso foi parte do que o fez se apaixonar por ela – sua fama e seu estrelato. Alguns homens podiam se sentir diminuídos pelo brilho da esposa; Sanford deleitava-se. Mas ele ainda a quereria se a vez dela chegasse ao fim?

– Quero que continue orgulhoso de mim, querido Sanford – sussurrou ela para seu reflexo. – Eu não suportaria se você me visse sumir na obscuridade, sendo mais uma atriz que não consegue encontrar papéis. Sei que isso erodiria lentamente nossa relação, e, no fim, eu perderia você. E, se eu não puder viver com você, meu amor, eu não vou querer viver.

Quando Andrea Bachman viu o Castelo, lembrou-se imediatamente da cena de abertura do filme *Rebecca* – uma casa misteriosa banhada pelo luar, uma voz feminina dizendo: “Na noite passada, sonhei que voltava a Manderley... Manderley secreta e silente...”.

Conforme o carro de golfe zunia pelo caminho de concreto que levava dos bangalôs até o prédio principal, o jovem condutor, enfiado em uma parca, passava-lhes algumas informações a respeito do lugar:

– A academia fica ali, as quadras fechadas de tênis por aquele caminho...

Andrea mantinha o olhar fixo na mansão. Considerava-a romântica, medieval e sinistra, tudo ao mesmo tempo. O *Robin Hood* de Kevin Costner teria escalado aquelas torres, defesas e muralhas. Não havia necessidade de construir um cenário para o filme de Marion Star; o cenário real seria uma tremenda locação!

Não que a história em si fosse fraca. O crime ocorrido há quase sessenta anos, em 4 de julho de 1932, nunca fora solucionado. O assassino de Ramsey jamais havia sido encontrado, tampouco a bela e jovem Marion Star. Dizem que quando ela encontrou o corpo do amante largado nu no que os jornais chamaram de O Banheiro Obsceno, Marion saíra correndo pela noite, histérica, e, de algum modo se perdeu na neve. E mais tarde, depois do degelo da primavera, quando um grupo de busca formado pelos xerifes do Condado de Riverside, policiais florestais e locais, passou um pente fino num raio de quilômetros sem encontrar restos mortais, especulou-se que animais silvestres a tivessem devorado.

Também havia mistérios circundando o homicídio, certos fatos polêmicos que não tinham sido relatados nos jornais, mas que, mesmo assim, fizeram parte da rede de intrigas e boatos – algo relacionado ao corpo de Ramsey ter sido mutilado de uma maneira simbólica.

Ao pararem diante da mansão, onde dois porteiros recebiam os hóspedes, Andrea pensou novamente que roteiro excitante daria a história de Marion. Mal conseguia esperar para pôr as mãos no diário recém-descoberto, pelo qual Larry pagara um preço exorbitante e que Andrea começaria a ler naquela noite mesmo.

Um dos porteiros desceu os degraus cobertos de gelo para auxiliar Andrea pelo tapete vermelho.

– Boa noite, senhora – disse ele, e ela notou que ele era um bonitão de vinte e poucos anos.

Não conseguia se lembrar de quando as pessoas pararam de chamá-la de “senhorita” e começaram a chamá-la de “senhora”. Ainda que o seu medo dos quarenta não fosse tão acentuado como o de Carole Page, ao comemorar seu

quadragésimo segundo aniversário, Andrea sentiu o espectro gélido do tempo passando.

– Com licença, senhor – disse o jovem porteiro, que estava vestindo um sobretudo com um chapéu de pele ao estilo russo, como William Hurt em *Mistério no Parque Gorki*. – O senhor não seria Larry Wolfe, o roteirista?

Larry lançou-lhe um olhar entediado e respondeu:

– Sim, imagino que sim.

– Puxa, é uma grande honra, senhor Wolfe. O senhor mereceu mesmo o Oscar.

Larry passou pelo porteiro sem dizer nem mais uma palavra.

O jovem tentou se apressar pelas portas pesadas que conduziam para o Castelo. Ao abri-las, ele disse:

– O senhor tem alguma dica para um jovem aspirante a roteirista, senhor Wolfe? Quero dizer, sei que não posso esperar ser nem metade do que o senhor é, mas...

Larry o interrompeu:

– Estou de férias – e o dispensou com um gesto.

– Não o leve a sério – Andrea disse com gentileza para o jovem abatido.

– Acho que *ele* nunca teve de se esforçar nem precisou de ajuda.

– Por favor, não deixe que isso o aborreça. O senhor Wolfe fica mal-humorado quando está com fome – ela disse e abriu a bolsa, pegando uma nota de vinte dólares. – Quem sabe na próxima vez... – disse ela, pressionando a nota na mão enluvada dele. – Quando ele estiver de melhor humor.

Ao entrar no vestíbulo bastante iluminado, onde moças uniformizadas recebiam os casacos e os cachecóis dos hóspedes, Andrea viu seu belo chefe sorrir com graciosidade para uma mocinha, dando-lhe uma atenção que o porteiro jamais conseguiria obter, uma atenção de uma natureza completamente diversa. Larry Wolfe era o tipo de homem que atraía mulheres com uma facilidade impressionante; elas pareciam jogar-lhe as almas aos seus pés. Mulheres de todas as partes pareciam apaixonadas por Larry. Isso já foi motivo de incansável ansiedade para Andrea, na época em que ela fazia parte dessa turma, quando acreditava que o desejo que sentia pelo chefe podia preencher um estádio, até que seus olhos se abrissem e ela percebesse que tremendo filho da puta ele era.

Antes de ela decidir se vingar dele.

Ao entregar o casaco para uma das funcionárias, Andrea viu seus pensamentos regredirem para uma tarde de neblina no campus do UCLA,

dezessete anos atrás...

* * *

O ar noturno estava quente e perfumado; a lua, cheia e alaranjada. Casais abraçavam-se apaixonados, e a jovem Andrea, de 25 anos, tentando não olhar para eles, estava tão envolvida em pensamentos de sexo e amor, que não viu o rapaz subitamente aparecer no seu caminho, fazendo-a dar um salto e derrubar os livros.

– Desculpe – disse ele, inclinando-se para pegar seus livros. – Não quis assustar você.

Andrea já notara que ele assistia às aulas noturnas de roteiro com ela. Seu nome era Larry Wolfe, e ela o considerava um dos homens mais lindos que já tinha visto na vida.

– Desculpe – repetiu ele. – Pensei que tivesse me visto. – Ela notou a curva de uma mecha de cabelo preto caindo pela testa dele. – Eu sou o Larry, e estou na aula de roteiro com você. Eu queria falar com você.

Isso a deixou sem chão. Andrea não tinha ilusão alguma a respeito de si; ela sabia que tinha feições imemoráveis compatíveis com uma personalidade imemorável. Rapazes não se davam ao trabalho de se deparar com Andrea. Ainda mais do tipo atlético, bonito e musculoso como Larry Wolfe.

– Sobre o quê? – perguntou ela, desejando que ele lhe devolvesse seus livros. Não tinha nada para segurar contra o peito, nada com que se esconder.

– Sabe, é que estou com um problema, e pensei que talvez você pudesse me ajudar. Se você não se importar, claro.

Quinze minutos mais tarde, os dois estavam sentados na cafeteria Ship’s Coffee Shop no Bulevar Wilshire, dividindo uma porção de fritas e tomando café sob luzes fortes e extravagantes. Durante o trajeto a pé da UCLA, em meio à lotada Westwood na qual casais passeavam de mãos dadas, Larry lhe contou sobre si. Ele tinha 26 anos, era do sul da Califórnia, trabalhava como garçom na Spaghetti Factory em Venice, e sua ambição era trabalhar na indústria cinematográfica. Confessou com franqueza a Andrea que não tinha talento para atuar; não tinha paciência para aprender coisas técnicas como edição ou efeitos especiais; não queria perder tempo com a faculdade de cinema.

– Com isso, resolvi que escrever roteiros seria o modo mais fácil de entrar no cinema – disse. – É por isso que me inscrevi no curso. E quando o professor elogiou seu roteiro hoje à noite, fiquei impressionado.

Andrea enrubesceu. Não tinha pensado que Larry estivesse prestando atenção naquela hora.

– Estou interessado no concurso que estão promovendo – disse ele. – O melhor roteiro da classe vai ganhar 5 mil dólares, além de ser mostrado para os diretores e produtores mais importantes. Preciso vencer essa competição, Alice.

– Andrea – ela o corrigiu. Ela sabia tudo a respeito da competição, porque ela também participaria. E planejava vencer. Era vital que vencesse.

Uma jovem tímida que morava com os pais em uma casa simples de reboco em Santa Mônica, Andrea Bachman era o que chamavam *filha temporã*, tendo nascido em uma época em que era pouco costumeiro uma mulher com mais de quarenta ter um filho. A vida inteira, Andrea sentiu como se morasse com pessoas idosas; agora que a mãe tinha 72 e o pai 86, os poucos conhecidos de Andrea acreditavam que ela morasse com os avós. Ela tinha um trabalho insatisfatório como secretária de uma seguradora em Culver City, onde se sentia misturada às paredes brancas e aos arquivos, passando despercebida por todos, inclusive pelo chefe.

Andrea tinha de fugir; estava determinada a se destacar em alguma coisa, a tornar-se evidente. Sempre quis ser escritora; já tivera até alguns contos publicados em revistas e disseram-lhe que ela tinha futuro. Por isso, ao ver o anúncio no *L.A. Times* sobre o curso de redação de roteiros, limitado a vinte alunos, ela acreditou que aquela seria a sua chance. Agora, após sete semanas de estudos e redações, o instrutor tinha dito a Andrea, diante de toda a classe, que seu roteiro prometia. Andrea rejubilou-se. Assim como agora, sob as atenções de Larry Wolfe.

– Quero dizer – disse ele, colocando uma batata frita na boca –, que tremenda profissão... Li que William Goldman recebeu quatrocentos dólares pelo roteiro de *Butch Cassidy e Sundance Kid*. Quanto tempo acha que ele levou para rabiscar aquilo? Algumas semanas, talvez?

Larry parou de falar e encarou Andrea, que se sentia envergonhada.

– Então... – ela começou a dizer. Tossiu e recomeçou: – Desculpe. Então, o que queria que eu fizesse?

– Nada, na verdade. Quero dizer, não quero me impor. Uma mulher talentosa como você deve ser muito ocupada... – ele deixou as palavras morrerem na brisa do ar-condicionado.

E Andrea apaixonou-se.

Agora, ao entregar o casaco para uma das funcionárias no vestíbulo medieval do Castelo, ela deixou essas lembranças de lado e olhou ao redor, para as maravilhas expostas no saguão principal do Star's – caixas de exposição contendo recordações e objetos pessoais de Marion; imensas fotografias ampliadas de Marion, seu olhar fixo por toda a eternidade. O que *aconteceu* naquela noite? Por que o homicídio jamais foi solucionado?

Andrea teve de se apressar atrás de Larry conforme ele avançava pelo corredor principal do Castelo na direção da sala de jantar, onde o *maître d'hôtel* o recebeu como se ele fosse um irmão há muito tempo afastado. Os homens eram envolvidos por Larry Wolfe assim como as mulheres, mas por motivos diversos.

Quando o *maître* desculpou-se explicando que haveria espera por uma mesa, Larry instruiu Andrea a escrever uma carta de reclamação à gerência do resort, depois virou-se e seguiu para o bar, com Andrea a segui-lo obedientemente, como sempre. Ela precisava manter a farsa por mais alguns dias; não queria que ele suspeitasse.

Carole subiu nervosa os degraus da entrada do Castelo, remexendo na corrente da bolsa de noite. *Deveria dar meia volta*, disse para si, ir para casa, para Beverly Hills, para o marido e para a carreira fracassada.

– Boa noite, senhorita Page – o porteiro a cumprimentou.

Ela preparou seu melhor sorriso e viu no jovem rosto cintilante que ela ainda tinha o que era necessário. Do lado de dentro, retirou o casaco de zibelina russo e entregou à atendente, e olhou ao redor para ver se Larry Wolfe estava ali.

Havia um bom número de hóspedes pelo saguão, parados diante das imensas lareiras ou sentados nos sofás e nas poltronas de brocado em meio a palmeiras em vasos, servindo-se de canapés e champanhe trazidos por belos garçons. Ela seguiu para o bar, onde parou para avaliar a frequência.

Quem estava cuidando de Hollywood?, perguntou-se ao reconhecer rostos famosos da indústria.

O salão do bar era romanticamente sombreado, com vitral atrás do bar, escudos medievais nas paredes e cabinas reservadas nas quais era possível se esconder. Luzes de Natal brilhavam ao longo dos lambris e o pianista tocava algo remotamente parecido com músicas natalinas. O coração de Carole deu um salto quando viu Larry Wolfe e a assistente, Andrea Bachman, no canto oposto.

Refletiu um instante sobre como orquestrar um encontro fortuito, mas, por fim, decidiu simplesmente passar por perto, toda linda de branco, e fingir que

reconhecia Larry para depois parabenizá-lo pelo Oscar.

Larry não viu Carole chegando, pois estava consumido em pensamentos. Primeiro, o diário de Marion Star seria algo sensacional, certamente lhe renderia outro Oscar, desta vez de Melhor Filme, pelo qual o produtor sempre recebia o prêmio. Além disso, ele estava ansioso para encontrar a proprietária do resort, Beverly Burgess, de quem ouvira dizer ser um enigma. Nada o interessava mais do que mulheres misteriosas e inalcançáveis; na verdade, essas eram o único tipo de mulher com quem ele se relacionava ou por quem se excitava. Ele escolhia uma e começava a explorá-la, como um continente sombrio, excitado pela caça e pela descoberta. Ficava fascinado pelo ar de mistério em torno de uma mulher a ponto de se tornar uma obsessão; quanto mais ela se esquivava, quanto mais inatingível, maior a atenção de Larry. Motivo pelo qual, quando um amigo diretor lhe contou sobre a proprietária do Star's, o interesse de Larry foi prontamente capturado.

– Beverly Burgess é bem bonita – o diretor havia lhe dito após regressar de uma estadia de uma semana no Star's durante o verão. – Só a vi de relance, pois ela não é de socializar muito. Mas ela é do tipo que eu gosto: alta, magra e cheia de classe. Até onde fiquei sabendo, não tem homem algum na vida dela.

Larry queria muito fazer um tour pelo Castelo com a elegante e inatingível senhorita Burgess.

– Ora, olá – disse uma voz sedosa. – Você é Larry Wolfe, não? Parabéns pelo Oscar.

Larry levantou o olhar, surpreso.

– Olá – respondeu, observando o cabelo loiro, o brilho dos diamantes, a decote profundo do vestido de noite. Os olhos pousaram sobre o colar de pérolas gordas e suaves que jazia entre os seios. – Senhorita Page, mas que *prazer*. Por que não se junta a nós? – sugeriu ele.

Carole hesitou.

– Bem, estou à espera de uma mesa na sala de jantar – olhou pelo saguão do bar e ficou aliviada em ver que não havia lugares vagos.

– Então fique conosco até ser chamada – insistiu Larry.

– Bem... – disse ela, simulando incerteza. Mas, por fim, sentou-se, acomodando-se na cabina e dizendo: – É a minha primeira vez aqui. Estou hospedada em um bangalô maravilhoso. Ele tem uma piscina particular.

– Que coincidência – disse Larry com um sorriso digno de um comercial de implantes dentários. – Estou no outro bangalô. Então isso nos torna vizinhos. Quanto tempo ficará aqui?

– Apenas alguns dias. Vim descansar. E você?

Larry não foi sutil na inspeção do decote quando disse

– Você já ouviu falar do homicídio que aconteceu aqui? Dexter Bryant Ramsey, o diretor dos anos 1930? Vou fazer um filme a respeito. Escrever e produzir.

– Verdade? – disse Carole, recusando as nozes de macadâmia que Larry lhe ofereceu. Depois de ver as fotos de Marion no saguão e lembrar que ela tinha 26 anos quando desapareceu, uma jovem deusa do sexo que sempre usou roupas justas e sensuais, sem sutiã nem calcinha, Carole percebeu que teria de entrar em uma dieta de fome para chegar ao peso certo. Já tinha feito isso uma vez. Qualquer atriz cuja carreira dependesse da aparência tinha de aceitar a tortura que acompanhava a conquista de tal aparência. Ela sabia, a julgar pelo modo como Larry a avaliava, que ele a considerava sensacional. Ele não sabia o sofrimento pela qual ela passara: o tedioso entrelaçamento de cabelos, dolorosas depilações de sobrancelhas, limpeza de poros, preenchimento de lábios. Não parecia justo. Larry só era dois anos mais velho do que ela, e ele só precisou pentear os cabelos para ficar bonito naquela noite.

– Como foi o *Garota Desafio*? – perguntou ele com inocência, fingindo não saber. – Ouvi dizer que houve problemas de produção.

O desastre, pensou ela. Carole foi uma escolha equivocada para o papel. O filme só seria reproduzido no Centro-Oeste e depois seria transmitido nos canais a cabo até sofrer uma morte silenciosa.

– Estão dizendo que Syd Stern tem uma novidade que vai abalar a todos – disse Larry. – Uma personagem nova, semelhante a Indiana Jones, mas mulher. Dizem que vai ser um trabalho de destaque para quem ficar com o papel.

Andrea disse:

– Ouvi que Syd já encontrou alguém, mas ele não revela quem seja.

Carole pouco se importava com isso. A nova anti-heroína de Syd Stern não era um papel que ela pudesse representar. Agora, Marion Star, bem, *aquele* era um papel para ela.

Ela suspirou, brincou com a travessa de nozes e disse:

– Queria tanto que Sanford tivesse vindo comigo. Este lugar é tão romântico.

Larry riu.

– Então por que querer o marido aqui?

Carole lhe lançou um olhar gélido.

– É possível ser casada e ainda estar apaixonada.

– Você jamais me convencerá disso – replicou ele. – Então, por que Sanford não veio com você?

– Ele tem estado muito ocupado com essa sua última mania de demolir antigas e belas casas em Beverly Hills para substituí-los por monstruosidades de cinco mil metros quadrados. Fico muito contente que quem quer que tenha comprado esta adorável mansão tenha decidido mantê-la como estava.

Larry olhou pelo saguão do bar, perguntando-se de leve se a misteriosa Beverly Burgess estaria em algum lugar em meio a tanta gente. Depois voltou a atenção para Carole.

– Então, o que pretende fazer aqui sozinha?

Ela fabricou um ar de mulher indiferente e inconquistável.

– Estou aqui para descansar e ficar no meu canto. Se não posso ter Sanford, não quero saber de mais ninguém.

E a centelha de interesse nos olhos de Larry reluziu com um pouco mais de brilho.

Andrea voltou-se para a marguerita que vinha segurando. Já havia presenciado aquela cena centenas de vezes: a sedução de Larry pela fêmea desinteressada. Carole Page, porém, pelo menos era um pouco melhor do que as loiras burras de sempre; bem melhor, na verdade. Andrea admirava a atuação de Carole. Ouvira dizer que *Garota Desafio* tinha sido um fiasco e se perguntou se Carole estaria ali por conta de uma depressão.

Um homem aproximou-se da mesa, alto e de cabelos escuros ficando grisalhos nas têmporas, vestindo um terno muito caro.

– Com licença, senhor Wolfe – disse ele. – Sou Simon Jung, o gerente geral do Star’s. O senhor gostaria de ser apresentado à senhorita Burgess agora?

Larry experimentou um instante de indecisão: ficar ali e sondar Carole Page ou se encontrar com a misteriosa Beverly Burgess? Um clichê lhe veio à mente, aquele sobre o pássaro na mão. Com isso, voltou-se para Andrea e disse:

– Por que não acompanha o senhor Jung e dá início ao processo enquanto fico aqui e faço companhia a Carole?

Quadros de homens e mulheres nus cobriam as paredes em uma variedade de enlaces sexuais – beijos, carícias, relações amorosas. Andrea estava fascinada.

Ao olhar ao redor, percebendo a incrível banheira onde Ramsey fora assassinado – feita de cristal cortado à mão, completamente transparente e grande o bastante para abrigar diversas pessoas –, Simon Jung lhe dizia:

– Na verdade, o banheiro não é obsceno, mas um tanto belo, de uma maneira erótica. A atmosfera moralista dos anos 1930 fez com que a imprensa o rotulasse desse modo.

Andrea tentou identificar o sotaque. Francês? Ele era incrivelmente educado; se fosse ator, ela o colocaria no papel de um nobre ou de um cientista renomado. Ele poderia atuar nos papéis de Christopher Lee.

Saíram do banheiro – no qual, de certa forma, Andrea esperara ver manchas de sangue – e seguiram pelo corredor ladeado por armaduras.

– Senhor Jung – disse ela –, há boatos de que algo tenha sido feito ao corpo de Ramsey depois que ele foi morto. Ele foi mutilado de alguma maneira?

– Ele foi castrado – respondeu Jung.

Chegaram a um escritório onde uma maquete enorme do Star's estava exposta, e Andrea foi apresentada a Beverly Burgess, que, para surpresa de Andrea, usava grandes óculos de sol.

– Um problema na minha vista – explicou ela.

Pelo que Andrea conseguia ver, Beverly era uma bela mulher, de cabelos castanhos em um penteado moderno.

Ao entregar o diário a Andrea, um livro com capa antiga de couro, ela disse:

– Nós o encontramos quando reformávamos a ala norte.

Andrea pesou o livro nas mãos, maravilhada em pensar que ali poderia encontrar o mistério do assassinato não solucionado.

– Eu acreditava que a polícia também se interessaria por isto.

– O caso foi encerrado há muito tempo – disse Beverly. – Eles decidiram que Marion matou Ramsey e depois morreu em algum canto destas montanhas.

Andrea abriu o diário na primeira página e leu a caligrafia fina e rebuscada:

Acho que se possa dizer que perdi a virgindade duas vezes. Ou três. Ou quatro, ou cinco, depende. Os dois homens me tomaram naquela noite; revezaram-se comigo. Era pelo filho que eu estava apaixonada, mas o pai também me quis. Não sei qual dos dois me tirou a virgindade primeiro. Embebedaram-me, despiram-me e me mantiveram no quarto até se saciarem, motivo pelo qual digo que perdi minha virgindade muitas vezes. Nunca mais vi nenhum dos dois. Eu tinha catorze anos de idade.

Andrea fechou o diário.

Vendo a expressão no rosto dela, Beverly disse:

– É bem franco. E brutal em alguns trechos.

– É o que percebo – disse Andrea pensativa. – Bem, obrigada, senhorita

Burgess. Não vou perturbá-la mais. E o senhor Wolfe está ansioso em ler isto para poder começar o roteiro.

Isso era uma grande mentira. Larry não tinha intenção alguma de ler o diário, tampouco de escrever o roteiro. Mas ninguém sabia disso. Nenhuma alma no mundo sabia que o grande Larry Wolfe era uma farsa nem que sua *assistente* vinha encenando uma mentira por dezessete anos. Como Andrea fora inocente naquela época, quando se ofereceu para ler o roteiro dele para o concurso...

Andrea combinou de se encontrar com ele no grêmio estudantil no campus da UCLA. Estava com o roteiro dele. Era horrível. Mais do que horrível, era pavoroso. E ela tinha de encontrar um modo gentil de lhe dizer isso.

Não poderia ser honesta com ele, não poderia aconselhá-lo a desistir de escrever, dizer que ele não tinha o que era necessário, pois Andrea fora educada segundo as regras e os ideais de uma era mais antiquada, na qual uma garota sempre protegia o ego de um rapaz.

– Elogie-o – sua mãe de idade lhe dissera. – Faça com que ele se sinta um rei. Sempre acate o julgamento dele, mesmo que não concorde. Os homens têm egos delicados, é dever das mulheres fazer com que eles se sintam bem consigo. Veja o seu pai – que tinha 69 anos na época. – Nem sempre concordei com ele, e alguns dos seus hábitos me irritam, mas fico calada. Essa é a minha função e, um dia, também será a sua, Andrea, quando chegar a hora.

Motivo pelo qual, ao ver Larry se aproximar no refeitório, parando aqui e acolá para trocar palavras com amigos, mesmo sabendo que ela o aguardava, Andrea não parava de pensar em um modo delicado de dizer que o roteiro dele era um desastre.

– Oi, Alice – ele disse, finalmente se juntando a ela. – Então, o que achou? – ele disse se inclinando para a frente, flexionando os bíceps. Quando ele olhava para ela, dois raios invisíveis saíam dos olhos verdes e perfuravam o centro lógico do seu cérebro.

– Bem... – disse ela, retirando o roteiro do envelope pardo com mãos trêmulas.

– Ei – disse ele com um sorriso. – Seja gentil – e colocou as mãos sobre as dela.

Andrea deu a volta pelo Universo algumas vezes antes de retornar para a Terra.

– O que achou? – perguntou ele.

Ela planejara dizer: “É um pouco masculino demais para o meu gosto; não entendo histórias de guerra”, fazendo com que as falhas no roteiro parecessem ser falhas *suas*, do jeito que a mãe lhe ensinara. Mas, em vez disso, ouviu-se dizer:

– Tem futuro.

– Ótimo! Diga o que devo fazer para melhorá-lo.

O que fazer? Queime-o. Mas quando ela olhou para o sorriso dele, percebendo que se dissesse a verdade não voltaria a vê-lo, ela disse:

– Acho que talvez você possa alterar um pouco a personagem principal. Ele parece um tanto... desagradável. Ele é meio cruel com as mulheres. A abertura é morosa, você deveria começar com algum tipo de ação, já que o filme *é* de ação. E também... – a lista era infinita. – E, hum, por mais que o lugar seja exótico, não acho que a Islândia seja o cenário em que dois veteranos do Vietnã possam perder a cabeça. Manhattan em uma tarde abarrotada criaria mais tensão.

– Hum... – disse ele com uma carranca atraente. – Isso me parece muito trabalho. E simplesmente não tenho tempo, por causa dos meus turnos no restaurante... – ele inclinou a cabeça e sorriu. – Acha que poderia encontrar um modo de me ajudar com isso? Eu ficaria imensamente grato.

– Está bem – disse ela, enquanto outra parte do seu cérebro dizia: “Ficou louca?”. E, do nada, um pensamento muito estranho e inesperado surgiu em sua mente: ela tinha 25 anos e ainda era virgem.

O que isso, exatamente, tinha a ver com Larry Wolfe e seu roteiro, ela não fazia a mínima ideia, mas, de pronto, soube que tinha de ajudá-lo, nem que fosse só para vê-lo mais uma vez.

– Ok, eu ajudo você – ela disse.

– Perfeito! Que tal se eu deixar o roteiro com você para ver o que pode fazer com ele? Faça isso antes da próxima aula, e eu a levo para comer alguma coisa no Ship’s. Que tal assim? – Larry respondeu.

Então Andrea concordou, vendendo a alma por um hambúrguer.

Quando ela voltou para o saguão do bar, encontrou Larry ainda tentando conquistar Carole Page com seu charme. Andrea ficou afastada, segurando o diário de Marion Star, pensando em quanto o amara nos tempos da UCLA e como o amara nos anos que se seguiram. Mas não era por causa daqueles dias, ou anos, que ela agora planejava a derrocada dele.

Era por causa de algo que havia acontecido tão recentemente, que ainda parecia queimar seu coração, como uma ferida aberta. Era por isso que Larry

Wolfe teria de pagar.

11

Escola para Moças Santa Brígida, 1954

– O JOVEM CAVALHEIRO devia ter 22 anos, era alto e de braços fortes. Seu corpo era bem formado e vigoroso, de ombros largos e peito amplo; um nariz pendendo para o estilo romano, olhos grandes, negros, luminosos. O cabelo recobria a nuca, em cachos curtos; e ele tinha alguns pelos decorando o peito em um estilo de força e masculinidade. Seu grande membro, que parecia se erguer de uma moita de pelos encaracolados...

– Seu o quê? – uma das garotas perguntou.

– Psiu! – reclamaram as outras.

– Continue, Dee Dee – instigou Christine. – Continue a ler.

– Imediatamente, tirando a camisa, ele a empurrou com gentileza sobre o sofá, que, convenientemente, amparou sua queda. A saia estava erguida até a cabeça, as coxas estavam afastadas ao máximo, e entre elas a fenda de carne vermelha...

As garotas arfaram.

– O jovem cavalheiro havia mudado a posição da moça sobre o sofá. Ela, que estava sentada, agora encontrava-se deitada; mas as suas coxas ainda estavam bem abertas, e o alvo se mostrava muito claro para ele, o qual, ajoelhando-se entre elas, forneceu-nos uma visão lateral daquela sua máquina fogosa e ereta.

– Deus do céu! – Frizz deixou escapar.

– Psiu! – sibilaram as outras.

A voz de Dee Dee continuou baixinho enquanto sua plateia, com os rostos iluminados pelas chamas tremeluzentes das velas, ouvia com a respiração presa.

– O rapaz olhou para sua arma com algum prazer e guiando-a com a mão até a fenda convidativa, com facilidade enfiou-a até o cabo, ao que Polly deu um grito: Ah! Ah! Não aguento... É demais. Eu morro! Eram as expressões de êxtase de Polly.

– Espere! – alguém sussurrou de repente. – Acho que ouvi alguma coisa.

Dee Dee rapidamente escondeu o livro debaixo do travesseiro enquanto uma das garotas entreabria a porta alguns centímetros para espiar pelo corredor escuro. Era quase meia-noite; todos na Santa Brígida estavam dormindo, a não ser pelos membros do clube secreto das Starlets[1], que se encontraram no quarto de Christine para a leitura do livro altamente erótico intitulado *Fanny Hill*. Dee Dee o fizera entrar às escondidas, e ela lia trechos a cada reunião.

– Não foi nada – disse a garota da porta, fechando-a. – O caminho está livre.

Todas suspiraram de alívio. Elas sabiam que o castigo seria severo caso as freiras descobrissem a respeito do clube secreto. Nas noites em que se reuniam, as garotas fingiam ir dormir, e depois esperavam até que a luz debaixo da porta da irmã Gabriel se apagasse, para depois se reunirem no quarto de Christine para uma ou duas horas de prazer proibido.

– Leia mais um pouco, Dee Dee – uma menina chamada Lanie Freeman pediu. O apelido de Lanie era Mouse, porque ela era a menor do grupo e tinha feições diminutas como as de um camundongo. – Leia a parte em que ela revira as pernas ao encontro da pélvis nua dele.

As outras deram risadinhas.

– Acho que já basta por hoje. O cavalheiro finalmente pegou a Polly. Vamos ver quem mais ele conquista na semana que vem.

– Uma coisa eu não entendi: a parte do grande membro dele. O que é isso? – outra garota disse.

– É o mesmo que “máquina de ataque amoroso” – explicou Dee Dee, e uma das meninas franziu o cenho.

Somente as mais velhas – Christine, Frizz e Dee Dee – entendiam do que, de fato, tratava-se *Fanny Hill*, e mesmo para elas algumas partes eram meio vagas. Mas todas elas, até a mais jovem, de onze anos, entendiam que se tratava de sexo, e ainda que não conseguissem visualizar o que acontecia, todas ficavam animadas.

Mas o clube das Starlets não se resumia à leitura de livros eróticos. Também se tratava de experimentar maquilagem, discutir moda, fazer permanentes umas nas outras e partilhar segredos, medos e sonhos. O clube se iniciara quatro anos antes, pouco depois do incidente com a costela de porco, quando a popularidade de Amber começou a diminuir conforme as garotas passaram a gravitar ao redor de Christine e de Frizz. Começaram a se reunir no quarto de Christine, depois que ela deixou de partilhá-lo com Amber e passou a dividi-lo com Frizz, e conversar por horas e horas.

Naquela noite chuvosa, doze garotas lotavam o quarto de Christine, fazendo com que o ar ficasse carregado de fragrâncias de cosméticos, perfumes, esmalte e solução para permanentes Toni, tudo misturado com o cheiro pungente de velas queimando. Em uma tentativa de alisar o cabelo de Frizz, Christine o enrolava em bobes, usando uma solução alisadora que compraram na farmácia em Newberry em um dos passeios da escola. Enquanto Frizz ficava sentada com uma toalha sobre os ombros, comendo bocados de uma caixinha de bombons de chocolate, outras garotas faziam as unhas das mãos e dos pés umas nas outras, inventavam penteados, e experimentavam meias de náilon, usando luvas para não puxar os fios. Comiam batatas fritas e barras de doce e tomavam Coca-Cola, tudo proibido pelas irmãs. A regra do clube era que somente coisas proibidas e luxuosas eram permitidas nas reuniões das Starlets; o que era permitido pelas irmãs, como escrever cartas, passar ou remendar roupas era proibido. E por isso, enquanto as meninas usavam produtos Coty, Maybellin e Hazel Bishop no rosto, ou experimentavam joias e lingerie, elas conversavam, em boa parte, a respeito de garotos e de sexo.

Ultimamente vinham conseguindo informações com Dee Dee, que tinha dezessete anos como Frizz, e tinha muito conhecimento do mundo. Ela era o membro mais recente do clube, tendo chegado à escola há poucas semanas, vindo da Filadélfia, onde havia um programa de TV popular chamado *American Bandstand*. O programa era maravilhoso para as meninas da Santa Brigida ávidas por namorados e que desejam poder ir para uma escola de verdade e dançar o *bunny hop*[2] nas sextas à noite com (ah!) garotos.

Dee Dee era extremamente audaciosa porque deu pontos em todas as pregas das saias do uniforme fazendo com que elas ficassem praticamente retas. Ela também namorava um garoto na Filadélfia com quem *tinha ido até o final*. Enquanto Dee Dee nunca divulgava fatos detalhados de sua intimidade com Chuck, as meninas imaginavam que devia ter sido algo parecido com *Fanny Hill*, com Dee Dee de saias levantadas até a cabeça, e Chucky aproximando-se com sua *arma*.

– Que cor é essa? – uma das garotas perguntou para Mouse, que passava batom.

– É torta de framboesa – respondeu Mouse em sua vozinha engraçada. – Gostou? – Ela passara uma camada muito grossa que atravessara o contorno dos lábios; ela era tão pequena e tinha feições tão delicadas, que o efeito estava mais para uma palhaçada do que para algo atraente, mas ela sorria com tanta vontade,

que todas lhe disseram que ela parecia uma estrela de cinema. Ela deu uma risadinha e passou um pouco mais.

O que as meninas mais gostavam daquelas reuniões secretas era como se sentiam depois. Elas se juntavam em busca de afirmação e da aprovação de seus pares, para aquietar seus medos e incertezas adolescentes, para confirmarem umas às outras que *estavam bem*. Todas concordavam que Christine Singleton, que passaram a chamar afetuosamente de Choppie[3] depois do incidente da costela de porco no qual ela enfrentara Amber, era a força central das Starlets.

Ela tinha um jeito, as meninas perceberam, de fazê-las se sentir melhor a respeito de si. Ela não permitia que uma delas dissesse "sou burra" ou "sou feia". E, se ela fosse mesmo burra ou feia, ela diria: "bem, vamos ver se conseguimos mudar isso". Cada novo membro do grupo dizia que, depois que se conhecia Christine, esquecia-se de que ela era tão gorda.

– Ainda tem uma coisa que eu não entendo em *Fanny Hill* – disse uma garota de quinze anos que arrancava a sobrancelha com a pinça, na esperança de se parecer com Audrey Hepburn. – Por que a coisa do homem é referida como uma pistola ou aríete? E o que, *exatamente*, ele faz com *aquilo*?

Enquanto uma discussão animada se iniciava, com todos os tipos de especulações ultrajantes manifestadas pelas meninas inocentes da Santa Brígida, Frizz suspirou, jogou uma balinha de chocolate na boca e disse:

– Nunca vou me envolver com homens. Vou seguir uma carreira.

– Claro que vai – disse Christine ao aplicar um pouco da solução em uma mecha de cabelo de Frizz antes de enrolá-la em um bobe. – Tenho fé em você.

Frizz ergueu o espelhinho para o rosto e franziu ante o capacete de mechas enroladas na cabeça.

– Se ao menos eu conseguisse fazer alguma coisa com esse cabelo!

– Bem, vamos encontrar um jeito. Se isto não der certo, talvez outra coisa dê.

– Eu queria ser loira – disse Dee Dee ao aplicar uma camada de esmalte nas unhas do pé. – Como Marilyn Monroe. Tentei pintar meus cabelos uma vez, e a minha mãe quase me matou.

– Coloque limão no cabelo e fique no sol – sugeriu uma das garotas. Ela havia comprado brincos compridos na Woolworth e estava virando a cabeça de um lado para o outro para ver como eles refletiam a luz das velas.

– E que tal água sanitária? – sugeriu Mouse.

– Água oxigenada – disse outra.

– O cabelo natural de Marilyn Monroe não é loiro. Como ela faz?

– Eu daria qualquer coisa para ser como ela – disse Mouse em um tom desejoso, mudando a atenção dos lábios pesados de batom para os cabelos que, sem dúvida, eram de um castanho comum.

Christine lembrou-se de Amber, que era naturalmente loira e invejada pela escola. Christine lembrou-se de uma noite em que saiu da cama para ir ao banheiro e encontrou Amber encurvada sobre um dos vasos, vomitando.

– Você está passando mal? – perguntou, ao que Amber replicou:

– Cale a boca e não seja burra.

E então ela fez uma coisa estonteante: enfiou um dedo pela garganta.

– Por que está provocando o vômito? – Christine perguntou.

– Não quer que eu seja gorda como você, quer? – Amber respondeu.

E Christine pensou chocada que a garota preferia passar mal a ser gorda como ela.

Perguntou-se agora, ao enrolar a última mecha de cabelo de Frizz, se Amber era feliz. Ela havia se formado no ano anterior. Para surpresa de todos, a mãe foi para a cerimônia, uma mulher magra e elegante, que chegou em um Rolls-Royce com um brasão na porta e a quem as freiras chamaram de “condessa”. Portanto, Amber não mentiu, e a inveja das garotas aumentou, ainda que Christine tivesse achado Amber triste ao sair da escola.

Mouse disse algo engraçado, e todas riram. Quando Christine viu como Mouse irradiava felicidade com as atenções, lembrou-se de como a menina com aparência de elfo era diferente nas reuniões secretas comparando com o resto do tempo. Durante o dia, Mouse era tão calada que até esqueciam que ela estava lá. E por sua autoestima ser tão baixa, aos doze anos seus ombros já se curvavam para dentro na direção do peito, como um passarinho ferido. Mouse era uma das muitas meninas consideradas uma inconveniência para os pais que as trancavam lá para levar a vida que queriam.

Tinha sido Mouse quem batizara o clube. Quando se juntou a elas, um ano antes, logo depois de entrar na Santa Brígida, demorou um bom tempo antes de tomar coragem para falar alguma coisa. Enquanto as outras expressavam livremente seus desejos e sonhos secretos, Mouse continuava encolhida em um canto, como um cachorro que havia sido açoitado. Mas, por fim, certa noite, com o encorajamento das outras, ela contou com sua voz fininha o seu sonho particular: “ser uma estrela”. E foi assim que elas passaram a se chamar, dali por diante.

– E então? – perguntou Frizz quando o último bobe ficou no lugar.

– As instruções dizem que devemos esperar trinta minutos.

– Essa coisa fede. Acha que vai funcionar?

– Você vai ficar *explosiva*.

Christine estava tentando animar a amiga pelo que havia acontecido naquela tarde.

– Não posso enfrentá-la sozinha – Frizz lhe dissera aquela manhã, referindo-se à mãe, que estava para fazer uma das suas raras visitas. – Por favor, venha comigo para me dar apoio moral. Sei por que ela está aqui. É porque logo eu vou me formar, e eu já sei o que ela vai dizer. Por favor, me ajude a convencê-la a me deixar ir para Nova York para estudar teatro.

Christine concordou em ir porque já havia encontrado a senhora Randall muitas vezes antes, e sabia o tipo de efeito que ela surtia na filha. E também porque Christine acreditava firmemente no sonho de Frizz de ir para os palcos. Ela acreditava que a melhor amiga tinha um talento natural; Frizz era desinibida e gostava de divertir as pessoas, e o instrutor de teatro da Santa Brígida, um professor laico de Marin que vinha lecionar duas vezes por semana, disse que ela tinha um verdadeiro potencial e que deveria seguir com os estudos teatrais. Mas a senhora Randall não queria saber disso. Ela havia dito que as pessoas que viviam do teatro estavam entre as mais baixas da sociedade, e ela não queria ver a filha envolvida com a ralé. Infelizmente, o pai de Frizz morrera há muitos anos, e a senhora Randall tinha se casado novamente com alguém que se mantinha distante de qualquer coisa que se relacionasse à garota. Portanto, não havia alguém a quem Frizz pudesse apelar.

Quando se sentaram sob o sol no jardim do convento, com um leve cheiro de maresia passando entre as árvores, vindo da baía, Christine pôde ver de onde a amiga herdara a personalidade. A mãe de Frizz era uma mulher extravagante que usava batom vivo, peles, diamantes e que olhava para o relógio de pulso com bastante frequência. Pareceu a Christine que a senhora Randall sentia vergonha da filha, ainda que não entendesse o porquê. A tia de Frizz também estava lá, era uma mulher calada e simples que se sentou com as mãos cruzadas no colo como se estivesse na missa.

– Você não pode ir morar conosco – dissera a senhora Randall. – Nosso apartamento é pequeno demais, e o seu padrasto não iria gostar disso. Temos que pensar na nossa vida social. Você simplesmente não se adaptaria. Acredito que deve ficar muito grata com a oferta generosa que sua tia Lois fez de recebê-la depois da formatura.

– Mas a tia Lois mora em uma fazenda, mãe – argumentou a moça de

dezessete anos. – *Não gosto* de fazendas.

– Bem, você não está podendo escolher, está? Não pode continuar na Santa Brígida depois da formatura. Para onde pode ir?

– Quero ir para Nova York, mãe, eu já lhe disse. Quero estudar teatro.

– E eu já lhe disse que isso está fora de cogitação. Devo dizer que está agindo de maneira muito mal agradecida. Lois está sendo gentil, e você não parece apreciar isso.

– Por favor, mãe...

– Está decidido, minha filha, e pronto.

Ao ver Christine aplicar o resto do creme nos bobes, Frizz disse:

– Eu já visitei a minha tinha Lois quando eu tinha onze anos. Ela até que é gentil e carinhosa, mas é tão calada. Ela não tem nem um rádio na casa. Ela cozinha o dia inteiro, costura ou tricota, e depois vende o que fez no bazar da igreja local. É nisso que ela vai tentar me transformar. Consegue entender? Eu vou *morrer* de tédio!

– A sua mãe não pode obrigar você a fazer isso, pode? – perguntou Christine. – Afinal, logo você vai fazer dezoito anos.

– Ah, Choppie, não sou forte como você. Não consigo enfrentá-la.

– Claro que consegue – encorajou Christine com um sorriso. – Você só tem de acreditar em si. Você tem de ter esperanças sempre.

A esperança de Christine vinha das cartas que o pai enviava regularmente a cada mês.

Elas chegavam de lugares exóticos, como Londres e Estocolmo, e estavam sempre cheias de descrições vívidas, principalmente quanto à culinária.

“Descobri as maravilhas dos escargots, boneca. E pernas de rã, consegue imaginar? Cheias de alho e nadando em manteiga. Estou juntando receitas e, um dia, vou cozinhar essas delícias para você.”

Johnny sempre colocava cartões-postais nas cartas e, de vez em quanto, um suvenir: o canhoto de teatro de Londres, o ingresso de um museu em Roma. Christine decorou a parede ao lado da sua cama com eles, criando uma coletânea de cenas estrangeiras e de lembranças.

Ela sempre escrevia para ele, endereçando as cartas para uma caixa-postal perto de Marin, porque ele abrira mão do apartamento na cidade. Ela lhe contava sobre as aulas, sobre suas matérias prediletas, como ela e Frizz se divertiam juntas, sobre as Starlets e todas as amigas.

As cartas ajudaram os meses a se tornarem anos, até que ela estivesse

comemorando seu décimo sexto aniversário debaixo do teto da Santa Brígida. Ela teve esperanças de que o pai viesse, mas ele lhe escrevera da Holanda, incluindo um saco com bulbos de tulipa, que ela entregou ao jardineiro do convento. Mesmo assim, um buquê de flores e uma caixa de bombons chegaram à escola no dia do seu aniversário, de um florista em San Franscisco com um cartão, escrito por outra pessoa, que dizia: “Feliz 16º aniversário, boneca. Do seu pai que muito a ama.”. Ela queria que ele lhe telefonasse pelo menos uma vez, ou que ele estivesse em um lugar em que ela pudesse falar com ele. Em quatro anos, não tinha ouvido o som da sua voz nem uma única vez.

Em retrospecto, o tempo transcorrido na escola foi surpreendentemente fácil, depois daqueles primeiros meses conturbados, ela se ajustou à vida no convento. Quando escreveu ao pai contando que a tinham colocado em uma dieta e que as cenouras a deixavam com dor de estômago, Johnny enviou instruções para a escola para que a filha comesse a mesma comida que as demais. De alguma forma, ela ao menos retornava à sua vida, e as melhores noites eram quando serviam macarrão com queijo, ou galinha frita, ou purê de batatas com molho, porque isso a confortava.

No entanto, a adaptação de Christine à vida na escola e a felicidade dos últimos quatro anos deveu-se em boa parte à sua amizade com Frizz.

– Ok – disse ela, dando um passo para trás e segurando um espelho. – Está pronto.

Frizz observou o reflexo por um momento, depois olhou para Christine.

– Vou sentir saudades de você, Choppie, quando eu for embora – disse ela. – Se você não tivesse sido minha amiga durante o meu tempo aqui, não sei o que eu teria feito. Pensar em sair daqui sem você é mais do que consigo suportar. Ei! – disse ela de repente. – Tive uma grande ideia! Por que não vem morar comigo em Nova York? Podemos ficar juntas em um apartamento, e conseguir empregos, seremos como irmãs.

– Eu gostaria disso, Frizz, mas vou morar com o meu pai quando eu sair daqui. Por que não faz teatro aqui em San Francisco? Você poderia morar com a gente.

– Não teria problema? Quero dizer, o que o seu pai diria?

– Ele viaja grande parte do tempo. Já escrevi tudo a seu respeito para ele. Tenho certeza de que ele não se importaria em tê-la conosco.

– Mas ele não tem casa. Você disse que ele vendeu o apartamento. Você envia as cartas para uma caixa-postal.

– Então nós encontraremos um lugar novo, um que seja perfeito para nós três.

– Puxa, isso seria tão bom! Nós duas podemos encontrar empregos e...

Um grito repentino se fez ouvir.

As garotas calaram-se e olharam umas para as outras.

– De onde veio isso? – Christine disse, pondo-se de pé. Ela olhou pelo quarto. – Onde está Mouse? Alguém a viu sair?

– Ela disse que ia ao banheiro.

Quando ouviram outro grito, Christine saiu correndo pelo corredor até o banheiro, escancarando a porta.

– Socorro, socorro, socorro! – Mouse gritava, com os olhos fechados e o cabelo pingando de molhado. Ela corria às cegas pelo banheiro, segurando o rosto, que estava em um tom aterrorizante de vermelho.

– Mouse! – gritou Christine, correndo para ela. – O que aconteceu? Ah, Mouse!

Uma garrafa quebrada estava no chão, e fumaça tóxica permeava o ar.

Ao segurar a garota, Christine gritou:

– Frizz! Alguém! Chame a irmã Gabriel! *Depressa!* – Depois arrastou Mouse para um dos chuveiros, abriu completamente a torneira de água fria. – Abra os olhos! – ordenou. – Mouse! Abra os olhos!

Mas Mouse estava histérica, debatendo os braços e gritando. Então Christine prendeu o queixo dela e virou-lhe o rosto para o jato de água, manchando as mãos de vermelho.

As outras aguardavam de pé em silêncio enquanto viam Christine segurar a garota que gritava debaixo do jato, tentando virar o rosto dela para a água, enquanto Mouse saltitava sobre os ladrilhos, levantando e abaixando os braços em um sinal de dor excruciante.

Quando a irmã Gabriel chegou de camisola, carregando um kit de primeiros socorros, deu apenas uma olhada em Mouse e pediu a Frizz:

– Corra até a cozinha e pegue o azeite. Rápido! Dee Dee, corra e acorde a Madre Superiora. Peça a ela que chame uma ambulância!

Ao colocar o kit de primeiros socorros no chão, perguntou:

– O que aconteceu?

– Ela colocou aquela coisa... – Christine disse, aterrorizada. Ainda segurava a soluçante Mouse; as duas estavam encharcadas. – ... daquela garrafa. Ela pôs aquilo no cabelo.

A irmã Gabriel pegou um pedaço do vidro quebrado e murmurou:

– Deus todo misericordioso – disse ao constatar que aquela garrafa continha o fluido de limpeza que as noviças usavam para esfregar os azulejos do banheiro.

A freira entrou no chuveiro, sem se importar que a camisola e a touca de dormir estivessem se encharcando, tirando Mouse dos braços de Christine.

– Pronto, pronto, meu bem – disse ela. – Mantenha o rosto na água. Temos de lavar tudo isso.

Mouse aquietou-se um pouco, o corpinho estremecendo em soluços de dor, o rosto borrado com o horrendo batom. A irmã Gabriel disse:

– Só mais uns minutos e depois colocaremos uma bandagem sobre os seus olhos.

Quando levantou a mão para afagar-lhe a cabeça, um punhado de cabelos caiu.

As garotas arfaram. Christine levou a mão à boca, sentindo-se subitamente nauseada.

Quando Frizz voltou um minuto depois com azeite, as garotas assistiam em um silêncio glacial à irmã Gabriel tirando Mouse do chuveiro, para envolvê-la em uma toalha e depois colocar algumas gotas de azeite em cada olho, e, em seguida, passar a gaze estéril ao redor da cabeça da garota.

Christine fitou horrorizada ao ver mais mechas de cabelo de Mouse caírem no chão.

A Madre Superiora tremia de fúria; mesmo tentando se controlar, Christine e Frizz viam como o echarpe ao redor da cabeça tremia enquanto ela falava.

– Sabem o que fizeram? – perguntou ela, e cada palavra cortava o ar como se fosse uma faca. Espalhados em sua mesa estavam os cosméticos, as meias de náilon, as garrafinhas de solução para permanente, tudo confiscado do quarto de Christine. E no meio de tudo, um livro bem usado, *Fanny Hill*, também conhecido como, *Memórias de uma mulher de prazer*. Christine sentiu o rosto queimar de vergonha.

– Esse clube secreto foi ideia sua, não foi, Christine? – perguntou a Madre Superiora. Por ter sido arrancada da cama, e em uma hora tão tardia, ela só vestia um roupão simples por cima da camisola.

Atrás dela, a chuva lavava as janelas, e os galhos desfolhados das árvores batiam nos vidros. A ambulância havia levado Mouse embora uma hora atrás; temia-se que ela perdesse a visão para sempre.

– Você é uma desgraça para esta escola, Christine Singleton – prosseguiu ela,

com a fúria mal contida. – Você encorajou as outras meninas a cometer erros, encorajou a pobre Lanie Freeman a tentar mudar a cor dos cabelos. Você a fez acreditar que a vida dela seria melhor se ela fosse loira. E por isso ela despejou fluído de limpeza na cabeça, pensando que fosse apenas água sanitária. Por causa da sua vaidade, Christine, você fez com que coisas terríveis acontecessem. Se a pobre menina ficar cega, será culpa sua. Detesto pensar em como será o seu futuro. Você é vã e egoísta. Pensa que as regras aplicam-se apenas aos demais. Você nunca será alguém. Tenho vergonha de você. E de você, também – disse ela para Frizz. – E então? O que vocês têm a dizer?

– Sinto muito, Madre – sussurrou Frizz de cabeça baixa. Os bobes tinham sido tirados há muito tempo, e seu cabelo estava mais crespo do que nunca.

– Também sinto muito, Madre – disse Christine. – Sinto muito por Mouse, sinto mesmo. E, se ela ficar cega, então nunca me perdoarei. Eu só... Por favor, não conte nada disso ao meu pai.

– É tarde demais. Ele já sabe.

Christine a encarou. A chuva lavava as janelas e parecia açoitar as venezianas.

– A senhora *falou* com o meu pai? – perguntou. – Falou com ele hoje à noite? Sabe onde ele está? Onde ele está? Por favor, diga-me!

– Lamento, mas não posso fazer isso, Christine. Sinto muito, eu não deveria ter dito o que disse.

– O que você vai fazer? – perguntou Frizz enquanto as duas ouviam a chuva cair.

Christine não tinha conseguido outra informação com a Madre Superiora em relação ao pai, só que ele, de alguma forma, a persuadira a permitir que Christine permanecesse na escola.

– Elas sabem onde ele está – disse ela. – Elas têm o número do telefone dele, talvez tivessem sabido o tempo todo, e não vão me contar.

Era meia-noite. Ela jogava uma bolinha de tênis de uma mão para a outra enquanto fitava as janelas molhadas.

– Mas vou descobrir.

– Como?

– Os registros estão no escritório da Madre Superiora. O arquivo não está trancado. Vi quando ela guardou minha pasta.

– Puxa, mas isso parece bem perigoso, Christine. Você pode ser pega, e então

o que ela pode fazer com você?

– Espero que ela me expulse.

– Você não quer isso, Choppie, seu pai ficaria furioso com você.

Christine jogou a bola, que quicou na cômoda e rolou para baixo da cama de Frizz.

– Talvez eu devesse ter feito isso antes. Talvez eu devesse tê-lo obrigado a vir me buscar. Bem, é isso o que eu vou fazer agora.

– Vou com você.

O escritório da Madre Superiora não estava trancado, e as garotas procuraram no fichário com lanternas roubadas da cozinha. Quando Christine encontrou sua pasta, a lanterna tremulou sobre a página que dizia:

"Christine Singleton, nascida em Hollywood, Califórnia 1938. Ocupação do pai: Homem de negócios. Mãe: Falecida."

Havia um telefone de Johnny para emergências.

– Encontrei, Frizz! – sussurrou Christine ao anotar apressadamente o número. Mas uma coisa a intrigou: era um número local.

– Então ele está em San Francisco? – concluiu Frizz, seu rosto iluminado pelo brilho da lanterna. Ela também procurava pela sua pasta no fichário, só por curiosidade.

– Não sei – disse Christine. – Não entendo. A Madre Superiora disse que falou com ele hoje à noite. Se ela ligou para este número, então ele deve estar na cidade.

Ela passou os olhos pelo restante do arquivo, boa parte das informações tratava de doenças infantis, vacinas, relatórios escritos pelos seus vários tutores particulares. Até ela chegar a uma folha pautada com a caligrafia da irmã Gabriel; eram informações, de acordo com a data, anotadas no dia em que Christine fora admitida na escola há quatro anos. Uma palavra saltava da página.

Adotada.

"A adoção formal ocorreu em Holywwod, Califórnia", a irmã Gabriel escrevera, "quando Christine tinha duas semanas de vida. O senhor e a senhora Singleton trouxeram o bebê para San Francisco, onde ela vive desde então".

Ela ficou olhando para a página.

– Não estou entendendo – murmurou.

– Qual é o problema?

Ela olhou para Frizz.

– Diz aqui que meu pai não é o meu pai de verdade. Diz que sou adotada.

– Ah, deve ser algum erro.

De repente, certas coisas ficaram claras: a noite em que a namorada loira de Johnny tinha dito “Talvez a mãe fosse obesa. Você chegou a vê-la?” e em outra ocasião, durante o piquenique em Tiburon, quando Christine perguntou se ela se parecia com a mãe. “Você se parece com ela no espírito e no coração, boneca”, respondeu o pai. E agora Christine entendia por que não havia semelhança alguma entre ela e a etérea beleza da foto de Sarah Singleton – elas não eram parentes.

– Não – sussurrou –, não é verdade. Não acredito.

– Talvez você fosse órfã – sugeriu Frizz. – Talvez o seu pai a estivesse protegendo de algo horrível.

– É, deve ser isso – concordou Christine, encontrando um fio de esperança nisso. Se seus pais verdadeiros tivessem morrido e Johnny a tivesse salvado, bem, então tudo ficaria bem, não?

Ela leu o arquivo novamente, tremendo tanto que chegou a deixar as folhas caírem e teve de recolhê-las novamente. Não encontrou certidão de nascimento nem menção alguma sobre quem eram seus pais verdadeiros. Mas havia uma anotação no canto do papel de matrícula, escrita na caligrafia da irmã Gabriel.

“Não há comunicação alguma entre os pais naturais e o senhor Singleton.”

A sala subitamente encolheu-se ao seu redor.

Comunicação alguma...

Eles podiam estar vivos ainda? Seus pais?

Frizz também estava lendo seu próprio arquivo, e disse de repente:

– Meu Deus, Choppie... Minha mãe não deu número algum de emergência para a escola! Diz aqui que ela não quer nenhum contato se acontecer alguma coisa comigo! Diz que elas têm de cuidar de tudo sozinhas!

Ela esticou a mão e segurou o braço de Christine.

– A minha mãe não me quer – disse ela. – Nunca me quis.

Quando a mão de Frizz a tocou no braço, o escritório deixou de rodar, e Christine voltou a fitar a maldita palavra: *adotada*.

– Minha mãe verdadeira também não me quis, Frizz. Ela me deu quando eu só tinha duas semanas de vida.

As duas garotas continuaram no escritório frio, com o som da chuva e o ar ao redor carregado de traição. Christine tentou assimilar essa nova realidade: Johnny mentira desde o dia em que ela nascera, dizendo ser seu pai, e que a falecida Sarah era sua mãe. E, mais tarde, ao colocá-la na escola Santa Brígida, mentiu ao

prometer que não seria por muito tempo, dizendo que logo voltaria para buscá-la. Mentiras, só mentiras.

Ela olhou para a chuva e pensou em como tudo parecia frio e vazio, assim como seu íntimo.

– Vou embora, Frizz – disse por fim. – Não vou mais ficar aqui. Vou sair deste lugar hoje à noite.

– Mas como?

Christine tinha algum dinheiro. Uma mesada de dez dólares era enviada junto a cada mensalidade que o pai enviava para a escola, e ela guardava esse dinheiro em uma caixa de sapatos debaixo da cama. Já tinha algumas centenas de dólares.

– Vou com você.

– Tenho de ir sozinha, Frizz. Vou localizar o meu pai.

O único endereço que tinha era o da caixa-postal. Mas agora tinha também um número de telefone.

– Também quero ir. Não temos de ir na mesma direção. Podemos nos separar do outro lado da baía. Não suportaria ficar aqui sem você. Tenho algum dinheiro guardado. Vou para Nova York. Tenho uma prima lá que vai me ajudar. Ela também não gosta da minha mãe!

As duas amigas fitaram-se entre os feixes suaves das lanternas, e, de repente, perceberam que já não eram mais garotas; a infância delas tinha acabado.

– Sim – concordou Christine –, vamos juntas.

Frizz disse:

– Odeio a minha mãe. Nunca odiei ninguém como a odeio. Eu queria não ter nada a ver com ela. Eu queria ser outra pessoa. O que eu mais queria era poder mudar de identidade.

– Fique com o meu nome se quiser – disse Christine. – Afinal, esse não é o meu nome de verdade, é?

– E você pode ficar com o meu. Tome. – Frizz pegou a certidão de nascimento do arquivo e entregou-a a Christine. – Eu nasci em 1937, um ano antes de você, mas você passa por dezessete anos. Daqui por diante, eu serei você e você será eu.

Pegaram a primeira balsa ao amanhecer. A chuva tinha parado de cair. Carregavam casacos e malas; usavam roupas normais, deixando os uniformes para trás. Quando a balsa atracou no Fisherman’s Wharf, as duas se detiveram um instante no ar fresco da manhã, respirando o sal do mar que se misturava ao cheiro

das barracas de peixe que abriam para mais um dia de comércio.

– Nunca vou me esquecer de você, Christine – disse Frizz solenemente.

– Nem eu de você – disse Christine.

– Você tem o endereço da minha prima. Escreva para mim.

– Vou escrever. Amigas para sempre.

– Amigas para sempre.

Abraçaram-se por um minuto longo, fungando ao refrear as lágrimas. Então Christine observou Frizz caminhar até o ponto final do bonde que a levaria até o centro, com a massa de cabelos volumosos erguendo-se na umidade da manhã em uma explosão de vermelho.

E depois Christine foi procurar uma cabine telefônica.

Quando encontrou uma, forçou a mala para dentro e pegou uma moeda da bolsa. O primeiro telefonema era para o Hospital Geral de San Francisco, para onde Mouse tinha sido levada.

Levou alguns minutos até convencê-los de que era parente.

– Sou a irmã mais velha dela. Estou em uma faculdade fora da cidade e acabei de receber a notícia. Só chegarei daqui a alguns dias. Não pode me dizer como ela está?

Por fim, a enfermeira disse:

– Ela perdeu grande parte dos cabelos e restará alguma cicatriz no rosto, mas acreditamos que a visão tenha sido preservada.

– Graças a Deus! O quê? Um recado? Sim, por favor, diga que Christine ligou. E diga a ela, por favor... Diga que sinto muito.

Em seguida, pegou o número de telefone que copiara da sua pasta. Fez uma pausa antes de discar. O que diria para ele? Quais seriam as primeiras palavras dele? Deveria ser direta e perguntar por que ele havia contado tantas mentiras? Ou simplesmente o perdoaria, ali, naquela hora mesmo, e fingiria que não sabia a verdade, e diria simplesmente “pai, estou indo para casa”?

Despejou a moeda e discou. Quando uma voz masculina respondeu “departamento correcional”, ela ficou momentaneamente sem fala.

– Desculpe – disse ela –, devo ter discado errado.

Ela pegou outra moeda e discou novamente, recebendo a mesma resposta.

Quando perguntou ao homem do outro lado da linha se aquele era o número que ela discava, e ele confirmou, ela pediu para falar com Johnny Singleton.

– É funcionário ou recluso?

– Como disse?

– Ele é funcionário ou está recluso?

– O que isso quer dizer?

– Ele trabalha aqui?

– Sim.

– Espere... Desculpe, não tenho nenhum Johnny Singleton listado como funcionário. Qual é a ocupação dele?

Christine mostrou-se perturbada.

– Não sei. O senhor tem de ter o nome dele na lista. Ele é o meu pai. Este é o número que ele deu para a escola em caso de emergência. O senhor tem de saber onde ele trabalha.

– Só um momento, senhorita, vou transferi-la.

Ela agarrou o fone e escutou um minuto de silêncio, e quando outra voz masculina disse “serviço de reclusão” seu medo aumentou.

– Estou tentando falar com Johnny Singleton – explicou –, mas a outra pessoa me transferiu. O que é esse lugar? Para onde estou ligando?

– Este é o departamento correcional, senhorita.

– Sim, mas onde?

O homem do outro lado fez uma pausa, depois disse:

– Esta é a Prisão Estatal San Quentin.

Ela viu seu reflexo no vidro.

O homem disse:

– A senhorita disse Johnny Singleton? – e havia uma familiaridade gélida no modo como ele disse o nome.

– S-sim, ele é meu pai. Tenho de falar com ele. Ele deve trabalhar aí, o outro homem deve ter se confundido quando disse que ele não estava listado como funcionário.

– Pode se identificar, por favor, senhorita?

Ela começou a chorar.

– Não – disse ela, e a palavra saiu em um guincho. – Eu... E-eu sinto muito, eu... d-devo ter discado errado.

Ela desligou e desmoronou no chão da cabine.

Seu pai, na prisão. San Quentin. Segurança máxima. Pelos piores crimes. O que ele fez para colocarem-no lá? Talvez Martha Camp estivesse certa o tempo inteiro – talvez Johnny fosse um gângster!

E quanto a todas aquelas cartas de lugares exóticos enquanto, na verdade, ele sempre estivera ali, logo do outro lado da baía naquela prisão horrível? Ele deve

ter pedido para que alguém enviasse aquela correspondência por ele.

Ela foi para a margem e pegou as fotos do pai da bolsa. *Por que não me contou?*, perguntou silenciosamente para o rosto bonito e sorridente. *Por que não confiou em mim? Foi por causa do incidente com Hans? Você o matou, e é por isso que foi preso? Por que mentiu para mim de novo? – nossa vida inteira juntos se baseou em mentiras. E agora não nos resta nada para continuarmos juntos.*

Ela rasgou as fotos da mãe e do pai e as jogou na baía. Observou os pedaços de papel flutuando na maré, ouviu novamente as palavras da Madre Superiora: "Você nunca será alguém." E Christine pensou: *Você está errada. Eu vou provar, vou provar para todo mundo. Vou ser alguém, como Johnny me disse que eu seria. Vou brigar por aquilo que eu quiser e, um dia, eu serei alguém.*

Enfim, pegou a certidão de nascimento de Frizz e pensou: *Não sou mais Christine Singleton. Não tenho nada a ver com Johnny nem com o nome dele. Daqui por diante vou ser a pessoa deste pedaço de papel. Vou ser Philippa Roberts. E vou* ser *alguém.*

---

[1] Starlet, atriz nova que se prepara para papéis de destaque. (N.T.)

[2] *Bunny hop*: dança popular dos anos 1950. (N.T.)

[3] *Choppie*: diminutivo para *chop*; pois em inglês *pork chop* é costeleta de porco. (N.T.)

DIA: DOIS

12

A CONVERSA TELEFÔNICA ACONTECEU em segredo, para garantir que ninguém ouvisse.

– Fui informado que Philippa Roberts está a caminho de Los Angeles, onde visitará a matriz da Starlite. Sinto que isso pede uma mudança imediata de planos.

Houve um instante de silêncio enquanto a pessoa do outro lado falava, perturbada apenas pelo grito impaciente de um papagaio.

E depois:

– Tenho alguém a vigiando e se reportando a mim. Devemos ter cuidado agora. Temos de proceder com extrema cautela. O quê? Não, é tarde demais para isso. Ela já está a caminho. Ela chegará dentro de poucas horas. Sim, estou a postos. Deixe-me enfatizar isto: ela não sabe de nada até agora. E não deve saber jamais. Entendido? Eis o que pretendo fazer...

13

PARECIAM MARCIANOS, MATERIALIZANDO-SE DE repente, do nada, dois seres assexuados, magros, enclausurados em peles fluorescentes rosa e laranja, unidos por fios partindo das cabeças que se juntavam a uma caixa amarela entre eles. Os pés não tocavam o chão ao flanarem pela limusine da Starlite, em meio à rua lotada, e subindo em direção a um *donut* de chocolate de três andares de altura.

Charmie observou a dupla de jovens chegar à loja de doces em cima dos patins *in-line* e pedir alguma coisa pela janela abaixo do *donut* gigante, os corpos em constante movimento conforme se mexiam no ritmo da música que emanava do walkman partilhado. Depois de receberem seus pedidos, partiram deslizando novamente, cada um deles se empanturrando com um doce, as rodinhas resvalando a calçada como se fosse ar.

Charmie balançou a cabeça e disse com uma risada:

– Bem-vinda de volta ao sul da Califórnia, a terra dos frutos e dos loucos. Vê o que tem perdido, Philippa?

Charmie, Philippa e Ricky estavam na limusine que os trazia do aeroporto. A divisória atrás do motorista estava erguida, confinando os passageiros em uma cela de conforto luxuoso e à prova de som. Havia refrigerantes e um balde de gelo em lascas, além de uma travessa com legumes frescos cortados e pãezinhos de coquetel; dos alto-falantes escondidos saía uma música suave como uma brisa da estação de rádio KOST.

Charmie estava criando um minissanduíche de salame e queijo cheddar para si, enquanto Ricky fitava a Califórnia pelos vidros escurecidos.

– Acha que vamos ver algum astro de cinema? – perguntou ele quando viu a placa, HOLLYWOOD – 27 km.

Enquanto a limusine atravessava o trânsito intenso, Charmie serviu-se de uma Coca diet, tomando cuidado para não derramar sobre a túnica de seda verde

esmeralda.

– Você nunca sabe o que vai encontrar em L.A.! – respondeu com uma risada.

Philippa também olhava para fora da janela, pensando que não havia lugar algum no mundo como Los Angeles em dezembro: as montanhas que a cercavam cobertas de neve; o ar sem fumaça era afiado como um cristal cortado à mão; e, naquela noite, ela sabia que a região seria um mar de luzes natalinas reluzentes, com prédios comerciais competindo com residências para ver quem se saía melhor na decoração, enquanto as ruas estariam lotadas com o trânsito exaustivo das festividades. Los Angeles em dezembro, onde todo dia era como um pomar alaranjado.

Subitamente ficou contente por ter voltado para casa.

Enquanto a limusine passava por pontos conhecidos e placas de rua com nomes que dispararam uma onda de nostalgia, Philippa viu-se pensando em coisas que não pensava há muito tempo. Havia nascido naquele lugar, Hollywood; respirou pela primeira vez naquela cidade e esperava, um dia, respirar pela última vez ali também. Perdeu a virgindade não muito longe dali, em uma rua atrás do Teatro Chinês Grauman. E não foi longe dali onde a Starlite teve o seu início, perto das montanhas Santa Mônica, a um pulinho da Passagem Sepulveda, em uma cidade com o nome improvável de Tarzana. Uma lembrança lhe veio à mente: retratos de Tarzan, de cabelos longos e quase nu, lutando com leões e montando em elefantes pela selva. Retratos pendurados no correio de Tarzana há muitos anos. Perguntou-se se eles ainda estariam lá.

Quando o carro subiu em uma rampa e juntou-se ao trânsito da Rodovia Santa Mônica, Philippa fitou a fileira ordenada de palmeiras de Century City e Santa Mônica; viu um relance ao longo de uma faixa azul do Oceano Pacífico que pairava como uma madrepérola guardiã da Califórnia. Além daquilo, a milhares de quilômetros, jazia Perth, e Point Resolution, e o lugar onde o *Philippa* afundara. Sentiu fios invisíveis partindo dela e esticando-se por muitos quilômetros, ligando-a ao homem que jamais deixaria de amar.

Ela também o conhecera não longe dali, nas montanhas além da Passagem Sepulveda. Um dia, aquele fora o lar dele, assim como o dela. E voltando agora, Philippa sentia-se subitamente tomada por um senso de peregrinação e de destino.

– Quer se registrar no hotel primeiro? – Charmie perguntou quando o carro aproximou-se de Century City. – Talvez você queira se refrescar antes de enfrentar os tubarões.

Embora ainda possuísse uma casa em Beverly Hills, ela a fechara antes de ir

para a Austrália para tomar posse da mansão herdada. Seria mais simples, por ora, hospedar-se em um hotel. Mais tarde, depois que a confusão entre a Starlite e a Miranda fosse solucionada, depois que ela descobrisse quem era Beverly Burgess, refletiria sobre o que fazer em seguida: voltar para Perth ou permanecer ali.

– Não, obrigada, Charmie – disse ela, com a ansiedade revelada em sua postura, no modo como se sentava ligeiramente para a frente no banco, com a mão apoiada na maçaneta da porta, como se estivesse pronta a saltar para fora. – Quero ir direto para o escritório – disse e virou-se para Ricky. – Depois que o carro nos deixar, vá para o hotel para fazer o *check-in*. Faça uma reserva de almoço para as 13 horas.

– Sim, senhorita Roberts – disse ele, e Philippa acrescentou mais baixinho:

– Bem-vindo à Califórnia, Ricky. Estou feliz que tenha vindo conosco.

O prédio que abrigava a matriz das Indústrias Starlite erguia-se em impressionantes quarenta andares acima do Bulevar Wilshire, em uma região tomada por falhas geológicas. Philippa nunca deixava de se maravilhar com o otimismo dos habitantes de Los Angeles – os arranha-céus ficavam cada vez mais altos conforme o Grande Terremoto se aproximava. Era quase como se dissessem à mãe natureza: “Venha, sacuda-nos, nós a desafiamos”.

– Bem, Charmie – disse ela ao saírem da limusine diante do prédio de tijolos e vidros, onde uma fonte de bronze esguichava uma hortênsia de água. Philippa estreitou o olhar até o alto do prédio e notou como as janelas cor de âmbar refletiam o sol forte da manhã. – Estamos perto da hora da verdade. Vamos subir direto, sem anunciar. Vamos observar atentamente a reação de todos quando me virem. Se uma tomada estiver sendo planejada, e se isso envolver alguém de dentro da Starlite, essa pessoa vai acabar se denunciando ante a minha aparição repentina.

As Indústrias Starlite ocupavam os andares superiores do prédio, com os escritórios executivos bem no alto. Philippa e Charmie saíram do elevador, entrando na recepção tranquila, decorada em tons suaves, com iluminação indireta, enfatizando o logo da Starlite, grande e imponente atrás da recepcionista. Havia um mostrador de vidro onde estava toda a coleção das edições dos livros de Philippa, com as diversas capas duras e de bolso: *Programa de beleza e dieta Starlite*, *A dieta Starlite de 1 hora* e quatro livros de receitas Starlite. Todos fizeram parte das listas dos mais vendidos internacionalmente, e um livro pessoal e muito bem estudado de Philippa intitulado *Hiperinsulinemia: sua causa, detecção e controle por meio da dieta* que vendera muito bem.

A recepcionista, que estava acomodada entre um vaso enorme e um pinheiro de Natal, era uma jovem que não trabalhava na Starlite há muito tempo e não conhecia Philippa.

– Senhora Charmer! – disse ela. – Disseram-me que a senhora tinha ido para o leste para as festas de Natal. – ela a saudou e pegou o interfone. – Deixe-me avisá-los que a senhora está...

Mas Charmie a interrompeu:

– Não, não faça isso – e ela e Philippa passaram pelas portas duplas.

Só depois que saíram, a recepcionista subitamente se deu conta de quem era a outra mulher. A foto de Philippa estava nas capas dos livros no mostruário de vidro.

A placa na porta dizia: HANNAH SCADUDO, DESIGN DE MODA. Philippa e Charmie entraram em um escritório grande e iluminado onde artistas sentavam-se diante de computadores e mesas de desenho em um ambiente de trabalho barulhento e agitado. Pessoas apressavam-se para lá e para cá, telefones tocavam, papéis espalhavam-se no chão acarpetado, rolos de tecido estavam empilhados do chão até o teto, e o cheiro forte de café e de *donuts* amanhecidos permeava o ambiente. Uma onde sísmica de tempo assaltou Philippa. Design de moda sempre foi o seu departamento favorito, desde que resolveram criar uma linha de roupas dedicada a mulheres maiores, comercializada por meio de uma cadeia de lojas chamada *Tamanho Perfeito*. O departamento de Hannah sempre foi excitante, com a criatividade emanando como uma corrente elétrica. Estar ali enviou Philippa de volta no tempo, para os dias em que discutiam os desenho de Hannah nas cabines turquesa de uma farmácia Cut-Cost. Aquele sonho longínquo hoje era realidade; elas o tornaram real. Estaria agora correndo o risco de ser estilhaçado?

O escritório de Hannah parecia ser o que restara de um tornado de uma loja de departamentos. Tecidos, estampas, vestidos costurados pela metade, desenhos e fitas métricas estavam por toda parte, enquanto o tampo da mesa de Hannah não podia ser visto por causa dos enormes catálogos, pilhas de contas, cartas, copos descartáveis parcialmente cheios de chá e embalagens de chiclete às centenas.

Quando Philippa viu a amiga no canto, dobrando um tecido mole sobre um manequim tamanho 46, com um ar de concentração no rosto, as palavras que Hannah lhe dissera há trinta anos ecoaram em sua mente: “Sabe, se mudar esse decote careca para um em V, você perderia uns cinco quilos”. Philippa sentiu uma pontada de amor misturada ao medo, e pensou: *Por favor, Hannah, não seja você.*

Não seja o traidor entre nós.

Charmie disse:

– Oi, Hannah.

E Hannah Scadudo virou-se e surpreendeu-se:

– Ah, meu Deus! – e se segurou de leve no manequim para se equilibrar; depois se apressou para Philippa, com as mãos esticadas e um sorriso no rosto. – Philippa! Meu Deus! Que surpresa maravilhosa!

Abraçaram-se, mas não antes de Philippa notar uma centelha de medo nos olhos da amiga.

– Olá, Hannah – disse Philippa, percebendo que a mulher que conhecia há tantos anos (e Hannah sempre lhe pareceu inalterada, intocada) havia mudado durante sua ausência.

O rosto tinha ossos malares altos, e os olhos tinham uma leve aparência asiática. Ela sempre alegara que devia ter algo nativo-americano em alguma parte da sua ancestralidade e que, talvez, esse fosse o motivo por ela ser tão *bem conservada*. Mas hoje, naquela manhã de dezembro com o sol de Los Angeles passando pela janela do teto ao chão, Hannah Scadudo subitamente parecia ter cada minuto da sua idade verdadeira.

Há algo errado aqui, Philippa pensou.

Lágrimas surgiram nos olhos de Hannah quando ela disse:

– Nem sei dizer o quanto estou feliz! Ah, Philippa, senti tanto a sua falta!

A última vez em que haviam se visto foi há seis meses, quando Hannah e o marido Alan foram visitá-la na Austrália.

– Também senti saudades – disse Philippa em um tom baixo, desejando subitamente estar em qualquer outro lugar que não ali, fazendo aquilo.

– Charmie! – Hannah exclamou. – Todos pensávamos que estivesse em Ohio. Por que não nos contou? Nunca tivemos segredos antes.

Philippa disse:

– Temos segredos agora, Hannah?

De novo, uma centelha de medo nos olhos castanhos de Hannah. Mas ela sustentou o sorriso.

– Philippa, o que quer dizer com isso? – indagou ela.

– Onde se pode arranjar uma bebida por aqui? – disse Charmie de repente.

Andaram pelo corredor até a saleta executiva, que estava deserta e que, depois que Philippa fechou a porta, ficou abençoadamente silenciosa. Um bar com espelhos cobria uma parede, de frente para a janela que dava para uma vista

espetacular dos arranha-céus modernos e das palmeiras. Charmie foi direto para ele, pegando a garrafa de gim Bombay Sapphire e um copo.

– O que vão beber, senhoras?

– Nada para mim – disse Hannah. Ela esticou as mãos trêmulas diante do corpo e acrescentou:

– Café demais!

– Quero uma Perrier – disse Philippa e se acomodou no sofá de couro. – Hannah, é bom ver você – disse. – Como estão as crianças?

As *crianças* eram adultos com crianças próprias. Philippa era madrinha da segunda filha de Hannah, cujo nome do meio era Philippa.

Enquanto Hannah falava sem parar, atualizando Philippa com as novidades familiares "Jackie está se saindo maravilhosamente bem em Santa Barbara, e sempre pensamos que ela não tivesse ambições", Charmie servia as bebidas e as levava para o grupo no sofá. Entregando a água de Philippa e experimentando o gim forte, sentou-se perto de Hannah e disse:

– Esther está apaixonada. De novo.

– Sim, eu sei – disse Hannah. – Jackie me contou. Ela diz que Esther e o namorado andam pelo campus como dois irmãos siameses.

A filha de Hannah tinha a mesma idade da de Philippa; as duas cresceram juntas e agora frequentavam a mesma universidade.

– É a sua vez de ser vovó, Philippa! – completou Hannah.

Enquanto bebericava, ela olhou para as duas amigas através da claridade com ciscos de pó que se espalhava pela sala. Hannah com seu cabelo castanho curto, invariavelmente vestida em tons de bege e marrom, parecia um pardal ao lado da colorida Charmie, com sua túnica verde e bijuterias extravagantes de plástico amarelo, seu cabelo loiro esvoaçando, capturado por um lenço no alto da cabeça. E Philippa sentiu uma repentina pontada de nostalgia pelos velhos tempos, pela carga de lembranças que as três partilhavam.

– Como se sente em estar de volta? – Hannah perguntou com um sorriso tranquilo.

– Não sei ainda, pois estou sob os efeitos da viagem.

– Conte a novidade a Hannah – disse Charmie, com as pulseiras de plástico se chocando nos pulsos.

– Que novidade, Philippa?

Antes que Philippa pudesse responder, Charmie disse:

– Ivan Hendricks acredita ter encontrado a irmã de Philippa.

– Verdade? – Hannah perguntou. – Ele tem certeza desta vez?

– Não, não temos certeza. Ivan voltou antes de nós; ele vai investigar um pouco mais. Ela vive em um resort chamado Star's. Você conhece?

– Já ouvi falar. Sabe Julianna Livingstone, a socialite? Encontrei-a no Spago há cerca de uma semana e, enquanto conversávamos, ela disse ter recebido um convite para o baile de Natal no Star's. Pelo que entendi é uma honra.

– Por que ela foi convidada? Ela conhece a proprietária?

– Acho que não. Ela disse que não faz a mínima ideia do porquê de ter sido convidada. Mas alguém como Julianna está em toda lista de convidados da cidade; pelo menos naquelas que contam. Então é por isso que você voltou! – Hannah disse com um traço perceptível de alívio. – Porque Ivan pode ter encontrado sua irmã!

Philippa subitamente se sentiu muito cansada. Queria ir para o hotel para se deitar.

– Voltei, Hannah, porque temos um problema – disse.

Hannah olhou de relance para Charmie e depois para Philippa.

– Que tipo de problema?

– Vou pedir uma reunião especial da diretoria, Hannah. Quero encontrar todos os meus executivos e espero relatórios departamentais individuais, e depois examinarei as contas da corporação. Charmie me alertou a respeito de uma discrepância alarmante que necessita de investigações.

Philippa manteve o olhar em Hannah e pensou ter percebido uma ligeira mudança na cor do rosto dela.

– Você não detectou discrepância na sua área, detectou, Hannah?

– Não, nada. Quero dizer, que tipo de problema?

– Erros, discrepâncias nos números para as quais não se tem explicação. Notas fiscais, talvez, de companhias inexistentes?

Hannah começou a mexer na pulseira no pulso.

– Não, não reparei em nada irregular. Se tivesse, eu teria relatado. Ora, pelo amor de Deus – disse com uma risada. – Você está me deixando nervosa! Do que se trata tudo isso?

– Explicarei na reunião da diretoria, quando eu tiver mais fatos.

– Alan e eu estamos planejando uma festa de Natal dentro de poucos dias, e você tem de vir. Talvez Esther e o namorado possam vir de carro com Jackie e o namorado dela. Você também, Charmie, se não for para Ohio.

– Não posso prometer – disse Philippa. – Não faço ideia de como será minha

agenda. Mas o que sei é que em quatro dias realizarei a reunião da diretoria, em Palm Springs.

– Palm Springs! Por que não aqui?

– Porque o Star's fica em Palm Springs, e não sei quanto tempo ficarei lá. Mas Palm Springs é muito bonita nesta época do ano – Philippa sorriu. – Acho que uma viagem no deserto lhe fará bem. Para tirá-la desse caos.

A porta se abriu e um homem entrou.

– Hannah, aqui está você – disse ele. – Eu a procurei por... – ele notou Philippa e abriu um amplo sorriso. – Philippa! Que bom ver você! Que surpresa maravilhosa!

Alan Scadudo era o marido de Hannah e diretor financeiro das Indústrias Starlite. Eles faziam parte da empresa pelo mesmo tanto de tempo que Philippa e Charmie; eram os membros fundadores da empresa.

– Voltou de vez? – perguntou, prendendo Philippa em um abraço apertado. Alan tinha a altura de Philippa, 1,72 metro, que ele aumentava com um salto de quatro centímetros. Ele também fizera implante no cabelo, e quando estava perto, Philippa conseguia ver os pontinhos na cabeça.

– Philippa diz que temos problemas, Alan – disse Hannah rapidamente. – Ela está convocando uma reunião emergencial.

– Sim, essa perturbação da Miranda Internacional.

– O que conseguiu descobrir, Alan?

– Não muito, na verdade. Falei com o presidente da companhia pelo telefone, Gaspar Enriques, que me garantiu que as intenções deles são totalmente amigáveis. Mas, quando perguntei se ele assinaria um acordo de suspensão de compra, ele se recusou. Muito educadamente, claro.

– Isso não me parece muito amigável. Você suspeita de uma tentativa de tomada de posse?

– É o que parece.

– Alan – disse Philippa. – Quero que vá para o Rio de Janeiro imediatamente e encontre Enriques pessoalmente. Veja o que consegue, tente descobrir qual o interesse da Miranda na nossa empresa. E faça com que ele assine esse acordo.

– Sim, claro, Philippa. O que você quiser. Vou hoje mesmo.

– E mais uma coisa, Alan. Estou convocando uma reunião de diretoria para daqui quatro dias. Quero que todos participem. Alguém indisponível?

– Estamos todos aqui, a não ser Ingrid – disse Hannah.

Ingrid Lind era a compradora responsável pela linha de roupas; ela trabalhava

diretamente para Hannah.

– Ela está em Singapura em uma viagem de aquisições. Ela é essencial? Não creio que ela volte antes de duas semanas.

– Quero a presença de todos, inclusive de Ingrid. Ligue para ela. Quero todos os livros contábeis, todos os orçamentos, relatórios de ganhos e perdas dos últimos cinco anos, além de notas fiscais e recibos de pagamento. Dê início a uma auditoria interna, Alan, e traga os resultados para a reunião.

– Do que se trata? – ele perguntou.

– De 1 milhão de dólares – disse ela, fazendo um sinal para Charmie. – Nesse meio tempo, nós vamos para o hotel para descansar.

Hannah levantou-se e perguntou:

– Quando vai para Palm Springs?

– Charmie e eu vamos nos hospedar no Marriott Desert Springs amanhã à noite. É lá que teremos nossa reunião.

E até lá, pensou ela infeliz, *descobriria quem eram seus amigos e quem eram os traidores*.

14

Hollywood, Califórnia, 1958

PHILIPPA LEVANTOU O OLHAR do seu trabalho e viu que ele entrara na farmácia novamente – o homem com o olhar atormentado.

Ela não sabia o que havia nele que prendia tanto a sua atenção; nunca trocaram uma palavra sequer, ela não sabia quem ele era, onde morava ou o que fazia. Mas a aparência dele a intrigava. Nem tanto as calças cáqui, o suéter largo e as sandálias, o cabelo preto desgovernado, o rosto bonito; tudo isso que junto o tornava um tanto irreal, como que saído de um filme. Era mais o homem em si que a atraía, a boca que parecia nunca ter sorrido, os olhos que pareciam fitar um mundo diferente e perturbador. Ele entrava na farmácia Cut-Cost todas as sextas-feiras para comer o especial de 99 centavos, sempre sozinho, andando com indiferença ou parado relaxado, em uma corrente infindável de cigarros ao se sentar encurvado diante de um café de duas horas, olhando através da fumaça como se procurasse por respostas ou se tentasse se esquecer delas.

Philippa o notara pela primeira vez três meses atrás, quando trabalhou no balcão de alimentos para cobrir a garota de sempre, que ficara doente, e vinha observando-o todas as sextas à tarde desde então, com uma curiosidade crescente. Agora, enquanto estocava a prateleira com soluções de permanente, Toni olhou para ele e observou que havia um quê de solidão em seu rosto; pressentiu que algo ou alguém o magoara um dia e que ele carregava essa dor como um fardo invisível. Não sabia precisar a idade dele, mas o seu rosto era marcado, portanto devia estar perto dos quarenta. E quando viu que ele contava o troco exato na compra do almoço, e como ele aceitava os refis de café até que a garçonete dissesse que ele teria de pagar novamente, Philippa pensou que ele precisava de alguém que o curasse, que cuidasse dele.

– Philippa? Senhorita Roberts!

Ela girou sobre os calcanhares.

– Sim, senhor Reed?

Reed, o gerente da loja, o homem que havia contratado Philippa quatro anos atrás, considerava-a uma boa empregada, responsável, alegre, que nunca ficava doente. Contudo, ela costumava ser um pouco distraída; ele às vezes tinha de repetir seu nome várias vezes antes de conseguir a atenção dela.

Philippa tentava se livrar dessa tendência; ela sabia que o senhor Reed e os outros a consideravam surda ou distraída. Eles não sabiam que Philippa não era seu nome real. Um dia, quando uma mulher entrou na loja com uma garotinha dizendo "Comporte-se, Christine", Philippa virou-se, pensando que a mulher dirigia-se a ela.

– Preciso que você fique no balcão de sorvetes, Philippa – anunciou o senhor Reed. – Dora teve de ir para casa, disse que não se sentia bem.

Antes de sair do departamento de cosméticos, Philippa parou diante do mostruário da Revlon para se olhar no espelho. Aquilo não a incomodava antes, mas ultimamente desejava que seu rosto não fosse tão atarracado. Mas pelo menos seu cabelo era bonito, grosso e castanho e, preso em um rabo de cavalo, caía além dos ombros. Ela usava batom e algumas vezes esmalte, mas não se permitia nada muito além disso. Estava guardando dinheiro.

No dia em que rasgou as fotos dos pais e as jogou na baía, Philippa partiu de San Francisco. Saiu direto do Fisherman's Wharf para a estação de ônibus da linha Greyhound, onde comprou uma passagem só de ida para Hollywood. Seus sonhos e esperanças fizeram a longa viagem com ela, bem guardados em um baú invisível. Compartimentos desse baú invisível também transportavam a determinação de se tornar alguém. *Você nunca será alguém*, dissera-lhe a Madre Superiora. Mas Philippa mostraria a ela, e a qualquer outra pessoa, que ela estava errada.

Quando chegou a Hollywood, andou pelas ruas procurando pelo glamour que esperava encontrar, as estrelas de cinema, os cenários dos seus filmes prediletos. Em vez disso, encontrou estacionamentos de trailers, fachadas modestas de lojas e palmeiras, alamedas intermináveis de palmeiras. Acabou em uma rua atrás do Teatro Chinês Grauman, onde casas recolhiam-se atrás de gramados que chegavam até as calçadas. Todas as casas tinham amplas varandas e telhados inclinados; Philippa depois ficou sabendo que aqueles eram os bangalôs californianos e que tinham sido construídos pouco antes da virada do século. Uma delas tinha uma placa "Aluga-se quarto" na janela da frente.

A senhoria se chamava senhora Chadwick.

– Tenho outros quatro inquilinos – ela explicou, resfolegando para subir –, duas professoras que trabalham na Hollywood High, uma moça que trabalha em uma agência de viagens e o senhor Romero, que diz ser roteirista dos estúdios, mas eu nunca ouvi a máquina de escrever dele. O senhor Romero a convidará para tomar um drinque no quarto dele, mas não ficará magoado se recusar. Ele não oferece perigo. Você disse que tem dezessete anos?

– Sim – respondeu a Philippa de dezesseis. – Tenho a minha certidão de nascimento se...

– Não é necessário.

No alto das escadas, a senhora Chadwick olhou a garota de alto a baixo.

– Você parece comer bem – disse. – Ah, não se preocupe, não quero parecer crítica. Também tenho bom apetite, e devo confessar, sei cozinhar muito bem. Meus inquilinos não morrem de fome, posso lhe garantir. Bem, aqui está o seu quarto. Cinco dólares por semana, um mês adiantado. O banheiro fica no fim do corredor.

O quarto era pequeno, mas iluminado e arejado, com palmeiras logo diante da janela. Philippa conseguia ler o letreiro H-O-L-L-Y-W-O-O-D nas colinas ao longe.

Naquela mesma tarde, ela foi procurar emprego. Nos poucos restaurantes em que tentou uma vaga recebeu recusas imediatas. “O uniforme não vai caber” diziam eles. Mas ela teve sorte na farmácia Cut-Cost no Bulevar Hollywood, pois os funcionários usavam aventais grandes, portanto não importava o fato de ela estar com sobrepeso. Cut-Cost era uma daquelas farmácias modernas que vendiam outras coisas além de remédios, como roupas íntimas e cafeteiras, e também tinha balcões de lanches e de sorvete. Fora contratada por 75 centavos por hora para fazer tudo, desde varrer o chão até servir no caixa. Ou vender os cones de sorvete, para onde se direcionou enquanto estava de olho no homem atormentado que fumava sem parar no balcão de lanches.

No dia em que conseguiu o emprego na Cut-Cost, Philippa desceu a rua até a Hollywood High School e matriculou-se nas aulas noturnas. Em um ano obteve o diploma que teria recebido na Santa Brígida. Hoje em dia, frequentava as aulas noturnas na faculdade local, com a esperança de um dia obter o bacharelado. Quando outros funcionários da Cut-Cost olhavam para Philippa, ou quando os outros inquilinos da senhora Chadwick travavam conversas, viam uma jovem determinada, tranquila, reservada e que trabalhava duro. Às vezes, a senhora Chadwick sentava-se na varanda do bangalô e ouvia a máquina datilográfica

enquanto Philippa, no quarto, fazia seus deveres e se perguntava o que a motivava tanto.

Uma mulher aproximou-se do balcão de sorvetes e pediu duas bolas de baunilha, e quando Philippa olhou para o cabelo ruivo escuro, pensou em Frizz e perguntou-se se a velha amiga ainda estava em Nova York. As duas trocaram correspondência com frequência no começo, e foi estranho endereçar o envelope para Christine Singleton e abrir cartas para Philippa Roberts. Frizz lhe contara tudo sobre a sua vida em Manhattan, como dividia um apartamento com outras três atrizes aspirantes enquanto trabalhava em uma lanchonete para se sustentar, sempre terminando as cartas com "Sinto tantas saudades, Choppie. Espero poder reencontrá-la um dia". Mas, depois de um tempo, as cartas se encurtavam e se espaçavam até que, para tristeza de Philippa, Frizz deixou de escrever de vez. A última carta dela, que havia chegado um ano antes, era praticamente um bilhete dizendo "Não sei se vou dar certo aqui. Talvez a minha mãe tivesse razão". Philippa respondeu à carta, pedindo a Frizz que viesse para Hollywood, mas ela nunca recebeu uma resposta.

Limpando a colher de sorvete, virou-se e se assustou ao vê-lo ali, o desconhecido de rosto atormentado, lendo a lista de sabores atrás dela. Ele carregava um caderno em espiral, um cigarro estava penso nos lábios. O coração de Philippa deu um salto; nunca esteve tão perto dele assim. Ele era tão bonito, em seu modo sombrio de queixo duro que ela gostava.

Estava para perguntar em que podia ajudá-lo, quando dois adolescentes que vinham passando o tempo perto das revistas olharam para Philippa. Um deles disse:

– Olhe a gorda que colocaram no balcão de sorvete.

E o amigo disse:

– É o mesmo que deixar um rato cuidando de queijo!

O riso deles foi subitamente interrompido pela voz do homem, que se virou para eles e replicou:

– Isso foi muito rude da parte de vocês, não acham?

Os garotos lançaram-lhe um olhar assustado e começaram a dizer alguma coisa, quando ele voltou a interrompê-los:

– Por que não vão para outro lugar encher o saco?

Com isso, eles começaram a sair, dizendo um palavrão por cima dos ombros. Ele se voltou para Philippa e disse:

– Garotos idiotas.

Quando ele a fitou com seus olhos muito escuros que pareciam penetrá-las, ela sentiu como se a atingisse na alma.

Ela tentou pensar em algo para dizer, de maneira a agradecer, quando ele disse com um meio sorriso:

– Ah, que diferença faz, uma bola de baunilha.

Philippa serviu com habilidade, oferecendo-lhe uma bola extra, e ele pegou o cone e deixou a moeda no balcão de vidro. Ela acreditou ter visto uma centelha nos olhos pretos quando ele disse:

– Continue com isso e vai levar a empresa à falência.

Ela o viu ir embora, confusa com seus sentimentos repentinos. Passaram-se alguns minutos antes que ela percebesse que ele havia esquecido o caderno sobre o balcão. Apressou-se para fora, mas, quando olhou de um lado e do outro do Bulevar Hollywood, ele não estava mais ali. Ela resolveu ficar com o caderno e devolvê-lo na próxima vez que ele fosse lá.

Havia um nome escrito na capa: Rhys.

Philippa fitou-se no espelho do banheiro. “Isso foi muito rude”, ele disse. Ele a defendera. Quando os garotos a ofenderam, ele a defendera. Mas havia mais naquilo. Era o modo como ele olhava para ela, ou melhor, para *dentro* dela.

Ele era alto, tão bonito, parecia tão seguro de si. E, contudo, contudo...

Algo o incomodava.

Quando Philippa voltou para o quarto e tentou se acomodar para seus estudos – naquela noite seria Psicologia Básica –, ela teve dificuldades para se concentrar. Não conseguia tirá-lo da cabeça. Olhou para o caderno em espiral que ele tinha deixado sobre o balcão. Não o abriu até então, mas agora, cheia de curiosidade, finalmente o abriu e leu a primeira página. Parecia ser um tipo de poema:

Esmalte cor lavanda.
Anões na lua.
Ervilhas cantoras.
Fim da Ressurreição bem quando você precisa dela...

Ela virou as páginas. “A existência vem antes da essência”, ele escreveu. “Nós nos criamos depois de nascermos. Deus foi inventado como uma desculpa, alguém a quem culparmos. Sem Deus, *nós* somos responsáveis. E *nós* temos a bomba”.

Philippa subitamente sentiu-se triste. Visualizou o rosto bonito, com as sombras melancólicas, as roupas negligenciadas, o cabelo preto bagunçado e os olhos negros expressivos. Que dor ele carregava? Quando ele perdera as esperanças?

Ela foi para a janela e olhou para as luzes de Hollywood brilhando em meio ao nevoeiro da noite. Ouvia o barulho do trânsito constante no Bulevar Hollywood, onde os notívagos, os carros-patrulha, os turistas amontoavam-se regularmente indo para um lado e para o outro.

Philippa não se permitiu pensar em garotos nos últimos quatro anos – ou em homens, agora que já tinha vinte anos. Do instante em que fugiu do colégio Santa Bárbara, seu caminho foi determinado; seu objetivo, estabelecido: tornar-se *alguém*. Ela ainda não sabia muito bem quem ela seria, ou qual o seu propósito, mas ela sabia que isso um dia lhe seria claro e ela o reconheceria quando ele chegasse. E, nesse meio tempo, iria se preparar. Comprometeu-se com o trabalho árduo e com o sacrifício; preenchia o tempo com o trabalho e com a escola, deixando poucas horas livres. Quando tinha algum tempo livre e a mente desviava-se em sonhos, ela se disciplinava a voltar para a realidade. Não poderia haver amantes em sua vida, homem algum; eles só a decepcionariam.

De vez em quando, pensava em Johnny. Embora soubesse que o dia em que não sentiria mais raiva dele chegaria, quando o sentimento de traição finalmente se aplacaria, por enquanto ela ainda não podia perdoá-lo pelas mentiras e por abandoná-la.

Quando ouviu a música tema do programa *The Lucy-Desi Comedy Hour* atravessar o chão, ela percebeu que a senhora Chadwick havia terminado seu trabalho na cozinha e que tinha se acomodado para assistir a televisão. Philippa voltou para a mesa, onde tentou estudar. Deixou a lição de lado e pegou um caderninho de capa floral. Comprou-o na loja Hallmark no bulevar e também uma canetinha de ouro falso. A primeira coisa que escreveu foi “Acredite em si e conquistará tudo o que quiser”.

Philippa pensava nesse caderninho como sendo seu guia espiritual, sua Bíblia escrita por ela mesma. Nos vários meses desde a primeira inscrição, ela escreveu “As atitudes são mais importantes do que os fatos.”, “Pense em derrota e você será derrotado; pense em sucesso e você será bem-sucedido.”, “Conquista quem acredita que pode.”.

E ela pensou em como eram diferentes as suas anotações daquelas que Rhys escrevera.

Ela estava desempacotando as cestas de Páscoa e os coelhinhos de chocolate envoltos em papel dourado. O senhor Reed sabia que Philippa era a única a quem ele podia confiar aquela tarefa, porque qualquer outro da equipe comeria o estoque antes que ele chegasse às prateleiras. Philippa, ainda que com sobrepeso, nunca tocava em doces. Era sexta-feira, e ela estava atenta ao balcão de lanches enquanto organizava as cestas, tomando cuidado para que nenhuma cor se repetisse em sequência, deixando a prateleira mais atraente e dando a impressão de que havia maior variedade na loja do que realmente havia.

E então ela o viu.

Apressou-se pelo corredor com o coração aos pulos. Ele tinha acabado de se sentar no banco de sempre junto ao balcão quando ela se aproximou, puxando o caderno do bolso gigante do avental rosa e dizendo:

– Com licença? Senhor Raice?

Quando ele não se virou, ela deixou o caderno no balcão perto do braço dele e disse:

– O senhor esqueceu isto aqui na semana passada, senhor Raice.

Ele se virou e olhou para ela, olhos negros novamente a atravessando.

– É R*ii*ce – disse ele baixinho.

– Como disse?

– O nome, pronuncia-se *Riice*.

– Ah... – ela sentiu o rosto queimar. – Senhor Rhys...

– Não, senhor não – ele levantou o canto da boca o que podia ser o indicativo de um sorriso. – Apenas Rhys.

– Sim, bem, você o deixou aqui e pensei que poderia ser importante...

– Importante? – repetiu ele, olhando para o caderno como se não fizesse ideia do que era aquilo. – Palavras. Apenas palavras – ele voltou os olhos escuros para ela novamente; eles se demoraram em seu rosto por um momento, como se tentasse ler algo, depois, novamente a impressão de um sorriso, e ele se voltou para o café.

Era uma daquelas noites perfumadas e aromáticas de maio quando Los Angeles parecia envolvida em veludo quente. Philippa trabalhou até tarde porque duas garotas haviam ficado doentes, e, ao se apressar para casa, seus pensamentos se concentravam na tarefa que deveria entregar na noite seguinte, em sua aula de História da Arte. Quando alguém saiu de um prédio de apartamentos um pouco à

frente, ela não estava prestando muita atenção. Mas, quando ele passou debaixo da luz da entrada e ela viu quem ele era, ela parou.

Rhys.

Ele andou pela calçada em um passo casual, com o caderno na mão e um cigarro na boca. Philippa subitamente viu-se seguindo-o, ficando um pouco para trás para que ele não a notasse. Quando ele chegou ao Bulevar Hollywood, foi para o ponto de ônibus iluminado e ficou lá, estreitando o olhar ante a fumaça para os sinais em neon ao longo da rua. Philippa ficou atrás da proteção da entrada do Banco da América, perguntando-se aonde ele ia àquela hora. Havia trânsito na rua, mas não tantos pedestres, apenas alguns turistas passando pelo átrio deserto do Teatro Chinês Grauman. Um ônibus chegou poucos minutos mais tarde, indo para o Bulevar Sunset, e Rhys subiu no ônibus para depois se afastar.

Philippa voltou para o prédio de apartamentos de onde ele tinha saído e leu os nomes nas caixas de correio.

Lá estava: “Número 10 – Rhys”.

Ela saiu na noite seguinte, direto da aula de História da Arte e chegou à rua de Rhys bem quando ele saía do prédio. Ela o seguiu novamente e o viu subir no mesmo ônibus. Quando repetiu aquilo por três noites, nas quais ela não tinha aula, ela se perguntou se ele ia para algum trabalho, porque era sempre à mesma hora, no mesmo ônibus.

Na sexta noite, ela resolveu faltar na aula de Literatura Inglesa e segui-lo. Philippa subiu no ônibus dois pontos antes do de Rhys e sentou-se no fundo para que ele não a visse. Como de costume, ele esperava na parada Hollywood. Ao vê-lo se sentar, largado perto de uma janela, ela desejou que a corrida não fosse muito longa nem que ele fizesse baldeação, pois já era tarde e a cidade, tarde da noite, a assustava.

Quando o ônibus parou na Sunset Strip, Rhys desceu; Philippa o viu entrar por uma porta simples com uma placa que dizia *Woody’s*.

Na semana seguinte, Philippa apressou-se para casa depois das aulas noturnas e entrou no ônibus antes de Rhys, observando-o entrar no Woody’s, até que, por fim, em uma noite em que não tinha aula, ela criou coragem para descer dois pontos depois do Woody’s e caminhar de volta. Hesitou na calçada antes de se aproximar da porta lisa de madeira, perguntando-se o que haveria do outro lado, questionando-se, na verdade, se deveria bater ou simplesmente entrar.

Seu dilema foi solucionado quando um casal de aparência estranha virou a

esquina e entrou, apenas puxando a porta e entrando. O homem vestia um suéter, calças cáqui e sandálias; a mulher vestia um collant preto e um suéter largo, o rosto coberto por um pó branco e rímel pesado nos cílios. Philippa percebeu que eram *beatniks*[1]; já tinha visto alguns na TV, mas aquela era a primeira vez que via um pessoalmente.

Com medo, mas pensando em Rhys, ela puxou a porta de madeira e entrou. Teve de esperar até os olhos ajustarem-se à escuridão, apesar de estar vindo da rua à noite. Enquanto esperava, ouviu barulhos peculiares e sentiu cheiros desconhecidos. Os sons, ela percebeu depois de um momento, eram de bongôs batendo em um ritmo irregular; o cheiro era de uma fumaça meio enjoativa e pungente, misturada com aroma de café. Quando os olhos ajustaram-se à luz fraca, ela viu uma escadaria levando a uma sala cavernosa lotada com mesinhas e cadeiras.

Abriu caminho devagar pela escada, temendo que alguém subisse e a mandasse embora. Com a ajuda das muitas velas flamejando nas mesas, ela notou que as paredes eram de tijolos sem pintura, e nada estava pendurado nelas. O piso era de madeira e estava tomado por bitucas de cigarro; as mesas eram pequenas, as cadeiras pareciam desconfortáveis. O lugar estava repleto de homens barbados, e de mulheres sem batom e muita sombra nos olhos.

Enquanto abria caminho até uma mesa vaga e apertava-se atrás dela em uma cadeira cambaleante, Philippa sentiu a excitação aumentar. Entrara em um mundo maravilhoso e proibido, um mundo de pernas para o ar, onde nada era normal, como se as regras tivessem de ser quebradas. A luz das velas e o ritmo dos bongôs pareciam atravessar sua pele e invadir seu corpo, eletrificando-o com uma sensação de aventura audaciosa. A cabeça de Philippa nadava com o cheiro da fumaça, que não parecia o mesmo dos cigarros normais; ela viu que todos bebiam café e conversavam, enquanto um homem no pequeno palco batucava os bongôs. Olhou ao redor, tensa, excitada, sua pulsação acompanhava o ritmo do tambor. Tentou ver se encontrava Rhys na multidão, mas a sala estava muito escura e esfumaçada. Ela mal conseguia distinguir alguns rostos pálidos no brilho irregular das velas, as pessoas que pareciam descontentes, perdidas de algum modo, como se só saíssem à noite quando o mundo normal e real dormia. E então ela viu Rhys subindo no palco e acomodando-se em um banco alto. Ninguém bateu palmas ou deu atenção à sua presença; simplesmente continuaram a fumar e a beber café.

Rhys começou a falar.

– Nenhuma solução é possível, portanto, a ação é impossível. A existência

precede a essência. Somos solitários porque perdemos Deus. Agora, temos a Bomba. Não somos nada além de sacos de carne. Nós nos criamos, sim, mas por quê? Não há propósito. Nascer, respirar, morrer. Nenhum planejamento, só o caos. Não há razão para nada. Temos a Bomba. Não haverá amanhã.

Philippa olhou para os rostos das pessoas ao seu redor, viu a intensidade com que agora olhavam para Rhys, como se sentiam atraídos pela tristeza dele. E, de repente, quis se levantar e dizer: “Não, você está errado”.

Quando ele terminou, as pessoas estalaram os dedos em vez de baterem palmas. Quando ele saiu do palco, Philippa perguntou-se se ele a vira ou se talvez iria até a mesa dela. Mas Rhys desapareceu. Ela tomou uma xícara de café horrível e ouviu um guitarrista muito estranho até, por fim, ir embora, perturbada pelo que tinha visto e ouvido.

Philippa foi para o Woody’s de novo depois daquela vez, pegando um ônibus mais tarde para que Rhys não a visse e sentou-se na parede mais distante para ouvi-lo recitar sua estranha e triste filosofia. E naquela noite, ele olhou direto para ela.

Enquanto recitava sua poesia melancólica, ele manteve os olhos fixos nela como se ela fosse a única pessoa na sala lotada, como se ele estivesse mandando uma mensagem diretamente para ela, seus olhos negros pareciam dizer: “Vê? Não estou certo?”.

Mais tarde, uma linda mulher subiu no palco e o beijou. Bem na boca. Eles conversaram por um instante: Philippa o viu rindo. A mulher voltou para a mesa, e Rhys abriu caminho até onde Philippa estava.

Ele não se sentou. Ficou de pé, olhando para baixo em meio à escuridão esfumaçada, depois disse:

– Não deveria estar aqui. Este lugar não é para você.

– Eu queria ver o que você fazia.

Ele riu de leve e sentou-se. Inclinou-se para a frente sobre os cotovelos, e ela viu duas velas minúsculas nos olhos negros. Ocorreu-lhe que Rhys não teria problema algum em hipnotizar as pessoas.

– Você é jovem – disse ele. – Não na idade. Não sei quantos anos você tem. Mas no espírito e na alma. Você é um espírito jovem, altamente magoável. Não sabe de coisa alguma ainda e talvez nem devesse. Vá embora desse lugar. Volte para o lugar onde você pode ser jovem.

– Eu queria conversar com você.

Ele balançou a cabeça.

– Deixe-me arranjar alguém para levar você para casa – disse ele. – Está tarde, e há muitos espíritos predatórios nas ruas. Joe, o tocador de bongô, vai levá-la para casa de carro. Não quero que se machuque por ter vindo me ver.

– Deixe-me ficar.

Ele esticou a mão e encontrou uma mecha de cabelo que havia escapado do rabo de cavalo. Amparou-o e pareceu examiná-lo à luz da vela. Depois o enroscou atrás da orelha com gentileza.

– Vou buscar o Joe.

Philippa não conseguia dormir. Tinha de ver Rhys. Tinha de lhe contar o quanto ele estava errado; que *existia* esperança, que existia um futuro. Também se sentia movida em um nível mais profundo, mais instintivo: a necessidade de estar com ele, talvez de tocar...

Esperou até ficar tarde, quando tinha certeza de que ele teria voltado do Woody's, depois se apressou pela rua deserta e subiu até o número 10, com o coração acelerado. Do lado de fora da porta dele, aguçou os ouvidos.

Bateu.

Nenhuma resposta.

– Rhys? – chamou-o.

Tentou a maçaneta. A porta abriu-se com facilidade e afastou-se dela.

– Rhys? – ele não estava lá.

O apartamento mostrou-se uma surpresa. Não havia prateleiras, mas havia livros empilhados em torres por todo o chão. A única mobília era um colchão manchado com uma colcha de algodão e uma mesinha com uma velha máquina de escrever Remington sobre ela. Roupas saíam de uma mochila de lona, como se ele tivesse acabado de se mudar; cinzeiros transbordavam com bitucas de cigarro e cinzas; garrafas de uísque vazias lotavam o chão. E, mais estranho, não havia nada nas paredes a não ser um retrato de Jesus em uma moldura de plástico, debaixo da qual estava escrito *Sapatos fritos*.

Philippa olhou os pertences dele ao seu redor. Os LPs – Miles Davis e Thelonious Monk, Woody Gurthie, baladas da depressão, e um disco que era, enfim, um longo poema intitulado "Tentativa de descrição de um jantar para promover o impeachment do Presidente Eisenhower". E seus livros, todos sobre filosofia oriental, Zen Budismo e existencialismo. Por algum motivo, Rhys tinha quatro cópias de *O estrangeiro,* de Albert Camus. Havia revistas *Life* espalhadas

pelo chão, abertas em uma série de fotos mostrando a polícia secreta soviética sendo atacada por rebeldes húngaros. Uma página havia sido rasgada: uma foto de Marilyn Monroe em um vestido de noiva alimentando o noivo, Arthur Miller, com uma fatia de bolo.

Philippa foi até a máquina de escrever e viu que um rolo de papel pardo, do tipo usado pelos açougueiros, estava enfiado nela; nenhuma separação de páginas, apenas uma sequência de fluxo de pensamentos. Olhou para as últimas coisas escritas por Rhys: "Nesta cidade de papel machê, temos de zombar dos descrentes que zombam da nossa busca pela exclusiva solidão da não vida, a singularidade da unicidade com o sempre, a essência do não nascido ciclo da eternidade".

Na margem, ele escreveu: "O jovem espírito veio à velha cidade de papel machê".

E, de repente, ele estava ali, na soleira da porta.

– Então você veio – disse ele com suavidade, fechando a porta atrás de si.

Ele lhe ofereceu o cigarro que fumava. Não se parecia com um Chesterfield ou um Winston, mas ela reconheceu o cheiro do Woody's.

– O que é? – perguntou.

– Baseado – disse ele, apagando-o em um cinzeiro. – Maconha.

Ela balançou a cabeça.

– Quero conversar com você – disse ela.

Ele a fitou.

– Fale, então.

– Rhys. Você está infeliz...

– Todos somos infelizes. Acho que você também é – disse ele, devagar, chegando perto dela. – Você é determinada e obstinada por causa de alguma coisa ou de alguém. Mas, no fim, vai ser magoada. Por mim, imagino – esticou a mão e a tocou no rosto. – Não deveria ter vindo.

– Por que você acredita nessas coisas tristes? – perguntou ela, vendo o seu reflexo nos olhos negros, como se estivesse olhando para o fundo de dois poços fundos. A mão dele foi para a orelha; ela o sentiu tracejar o contorno do seu rosto. – De onde você vem, Rhys? O que o deixou assim?

– Não vim de lugar algum. Estou aqui, agora, e isso basta. Eu me inventei.

– Isso não faz sentido.

Ele sorriu.

– Este é um mundo em que carpinteiros ressuscitam, e você diz que eu não faço sentido – a mão dele foi para debaixo do queixo, devagar, com gentileza. –

Existimos. É isso. Depois da existência, vem a essência. Nós nos criamos, a cada segundo, a cada minuto. E depois, morremos.

O toque dele a incendiava; ela estava tendo dificuldade para respirar.

– Você faz parecer como se não houvesse sentido em nada.

– E não há. A vida é sem sentido. *Nós* não fazemos sentido.

– Alguém um dia me disse que eu não valia nada – disse ela, com lágrimas nos olhos. – A Madre Superiora me disse que eu não seria ninguém. Mas ela estava errada. E você está errado, Rhys. A sua atitude está errada.

Ele balançou a cabeça, os olhos escuros estavam tristes.

– A existência é a dor que é real – disse ele, tracejando com a ponta do dedo pescoço abaixo, debaixo da gola dela. – Existimos. Ponto. E como ou por quê existimos não é importante. A humanidade é um acidente. Não temos um propósito. Você e eu não temos um propósito, juntos ou separados. Simplesmente *somos*.

– Isso é tão triste.

– Não, não é triste – disse ele com um sorriso. O dedo dele agora tracejava o contorno dos lábios. – Simplesmente *somos*. Apenas *existindo*. Nascemos, respiramos, morremos.

– E você não acredita em nada?

– A crença é apenas uma palavra.

– Por que desistiu desse jeito, Rhys? O que tirou a luta de dentro de você? Quando eu era pequena e as outras crianças caçoavam de mim porque eu era gorda, eu corria para o meu pai. E sabe o que ele me disse? Meu pai me disse que os vencedores enfrentam e os perdedores apenas se deitam e aceitam. Não seja um perdedor, Rhys – a voz dela interrompeu-se, emocionada. – Por favor, não...

Ele inclinou a cabeça e apoiou a boca sobre a dela. Trouxe-a para o seu abraço, pressionando-a com gentileza, como que para ela se acostumar à sensação de tê-lo próximo, as mãos explorando o cabelo, os ombros, as costas conforme ele a beijava deste ou daquele modo, e depois com a língua, com tanto carinho que Philippa quis chorar. Como ele conseguia ser tão triste e tão amoroso? Agarrou-se a ele; queria segurá-lo dentro de si até que ele se curasse.

Ele subiu a mão por dentro da blusa para soltar o sutiã. Quando lhe tocou os seios, ela arfou.

– Está tudo bem? – murmurou ele.

Ele segurou-lhe o rosto entre as mãos e a fitou por tanto tempo com um sorriso triste e doce de alguém que se despedia. Desabotoou-lhe a blusa e beijou-

lhe os seios, os mamilos.

Ela queria dizer as palavras certas, mas não as conhecia; queria tocá-lo, mas não sabia onde. Ele a tomou pela mão para guiá-la, e quando ela o segurou, ele emitiu um som rouco na garganta.

– Rhys – sussurrou.

Ele disse:

– Temos a noite toda. A primeira vez tem de ser a melhor, porque não pode haver uma primeira vez depois desta.

Ele a levou para a cama e a despiu, devagar e beijando-a, tocando-a, enquanto ela descobria um modo de acariciá-lo, de retribuir os beijos com paixão. Ele a ensinava, e ela aprendia, mas ela só perceberia isso muito depois.

Mais tarde, ele sorriu para ela.

– Então, há uma tigresa na cidade de papel machê.

Ela moveu as mãos pelos ombros nus dele. Surpreendera-se ao descobrir que ele era musculoso.

– Eu te amo, Rhys.

Ele a beijou na ponta do nariz.

– O seu mundo é diferente do meu mundo. O seu objetivo e o meu não podem se unir. Você jamais entenderá... – ele se deteve. Beijou-a com profundidade. Depois disse: – *Eu* jamais entenderei.

– O que aconteceu com você, Rhys? – perguntou. – Foi há muito tempo?

– Muito tempo? Quando eu era pequeno, algo terrível aconteceu comigo. Algo inenarrável. Mas devia acontecer. Ou nunca aconteceu. Não sei.

– Deixe-me ajudar você. Deixe-me melhorar tudo para você.

Os cantos dos olhos dele se dobraram em um indício de um sorriso.

– Quero escrever por um tempo – disse ele com suavidade. – E você precisa dormir. Quando acordar, eu a levarei para casa.

Ele a cobriu com uma manta. Enquanto Philippa cochilava ao som da máquina de escrever, ela pensou: *Através do meu amor, você vai se curar*.

---

[1] Os *beatniks* foram um movimento sociocultural nos anos 1950 e princípio dos anos 1960 que subscreveram um estilo de vida antimaterialista, na sequência da 2ª Guerra Mundial. (N.T.)

15

A DOUTORA ISAACS NÃO conseguia se livrar da impressão de que havia algo de estranho naquele caso. Na superfície, tudo parecia normal: Carolyn Mason, 24 anos, tinha ido à clínica do Star's para uma consulta de pré-natal.

– Vim para cá para descansar, doutora – a jovem explicou no começo do exame. – A minha obstetra me disse para consultar um médico enquanto estivesse aqui, só para garantir.

Para garantir o quê?, Judith perguntou-se ao retirar as luvas e se afastar da mesa de exames. Até onde podia determinar, aquela era uma gestação saudável, simples e sem complicações. Carolyn Mason estava no sexto mês de gestação; a amniocentese na 16ª semana não havia descoberto má formação no feto, que era uma menina; e a própria Carolyn não reclamara de desconforto ou mal-estar. Tampouco parecia preocupada com a condição da criança. Tinha chegado à clínica alegre e confiante, tagarelando a respeito da beleza do Star's e de como ela adoraria poder ficar para o Natal, mas que tinha de voltar para casa em poucos dias. Então, o que cutucava a mente de Judith, lançando um alarme silencioso de que, contrariando todas as evidências, aquele era um caso diferente?

Ao abaixar as pernas de Carolyn dos apoios, disse:

– Pode se vestir agora, senhorita Mason.

– Está tudo bem, doutora?

– Tudo está ótimo. Você e o bebê estão indo bem.

– Ah, eu sei – disse Carolyn sorrindo. – Sinto-me bem. E este é um bebê muito especial.

Ao lavar as mãos na pia, Judith perpassou o olhar no prontuário de Carolyn. Ele continha poucas informações: a paciente era uma modelo que vivia em North Hollywood, tinha excelente saúde, era solteira e aquela era sua primeira gestação.

– Não estou ganhando muito peso, estou, doutora Isaacs?

– Não. Algum ganho de peso é esperado. Não tente dieta drástica alguma.

Vocês duas precisam de alimento.

Carolyn passou um suéter de tricô pela cabeça e disse:

– Eu me inscrevi na Starlite, tudo bem?

– O que sua obstetra disse?

– Ela me disse que tudo bem eu cuidar do meu peso, contanto que o fizesse de maneira segura, como me associar à Starlite. Eles têm um programa de acompanhamento de peso especial para gestantes, sabia? Mas estou ficando louca! Sou doida por hambúrgueres! Royal Burgers. Sabe, o especial de churrasco? Ouvi na TV um tempo atrás que a mulher que era a dona da cadeia Royal Burgers... Qual era o nome? Beverly Highland! ... ainda está viva. Como Elvis, sabe? Que loucura... Por que uma mulher desejaria estar morta? Ainda mais quando ela tem de tudo.

Judith não sabia, visto que não prestava muita atenção aos tabloides sensacionalistas.

– Você tem sorte de viver aqui, doutora! – Carolyn comentou entusiasmada ao amarrar as botas. – Não que eu não goste do meu trabalho, gosto muito! Mas viver o ano inteiro em um cenário tão maravilhoso! Aposto como encontra muitas pessoas famosas.

Judith sorriu e disse:

– Sim, encontro – pensou no senhor Smith em uma das suítes particulares do fim do corredor, e a quem ela iria ver em poucos minutos. Não o tinha visto desde a primeira visita, na noite passada.

– Há quanto tempo mora aqui, doutora?

– Na verdade, cheguei ontem. Carolyn, posso lhe fazer uma pergunta? O pai do bebê está aqui com você?

– Ah, sim. Eles não me deixariam vir sozinha. Eles não me deixam ir sozinha a parte alguma!

– Eles?

– O pai do bebê e a esposa dele. Nós vamos juntos para todo lugar – Carolyn riu. – Não é o que está pensando, doutora. Não estou tendo um caso com um homem casado nem estou envolvida em um relacionamento a três, nada disso. Eu lhe disse que este bebê é especial. Bem, o pai é especial também. Não só é casado com outra mulher, como é o meu irmão.

Judith lhe lançou um olhar questionador.

– É um pouco complicado – disse Carolyn. – E só Deus sabe o que acontecerá depois que o bebê nascer! Meu irmão e eu somos muito próximos, e

não há algo que eu não faça por ele. Por isso, quando ele e a esposa tentaram engravidar por anos e anos, e no fim, depois de três abortos, descobriram que ela jamais conseguiria levar uma gestação até o fim, eu me ofereci para carregar o bebê – Carolyn fez uma pausa. – Os médicos fizeram uma fertilização *in vitro*, é o que eles chamam de bebê de proveta, usando o esperma do meu irmão e o óvulo da esposa dele. Eles implantaram o embrião em mim, e depois eu recebi algumas injeções de hormônio para que a gravidez pegasse. Não é maravilhoso, doutora? – acrescentou Carolyn radiante. – Vou dar à luz a minha própria sobrinha!

Depois que a moça saiu, Judith procurou por Zoey, a enfermeira, perguntando-se por que ela demorava tanto. Ela entrara na clínica logo cedo, com um uniforme amarrotado, dizendo que teria de ir ver um dos hóspedes em um dos chalés. A atitude dela havia se mostrado tão reservada que Judith percebeu que teriam problemas de relacionamento.

Judith parou diante do espelho do banheiro para ver como estava antes de seguir pelo corredor para visitar o senhor Smith. Ajeitou o cabelo, depois ficou parada. Quando foi que fez aquilo pela última vez antes de ver um paciente – praticamente se enfeitando? Judith percebeu com um desconforto crescente que não reagia ao senhor Smith em um nível paciente-médico, mas em um nível mais básico: homem-mulher. Também sabia que não havia um motivo profissional real para que ela fosse vê-lo; o doutor Newton, o médico dele, viera ao Star's pela manhã, passando praticamente uma hora com ele. E, ao ir embora, o doutor Newton informou que voltaria pela noite para vê-lo novamente.

Ainda assim, ela se lembrou, ao se certificar de que o jaleco estivesse limpo e sem vincos, que, enquanto o doutor Newton não estivesse ali, ela era responsável pelo senhor Smith.

Não estava conseguindo deixar de pensar nele. Não só por ele ser um famoso ídolo do cinema; era pelo homem em si, aqueles olhos perscrutadores, o barítono escocês ressonante, o modo como ele parecia tão sincero quanto a querer saber sobre ela, de onde ela vinha, por que estava lá, mesmo estando com dor evidente. Judith lembrou-se do que Zoey lhe dissera na noite passada quando a recebeu no Star's: "Algo neste lugar deixa as pessoas românticas". Judith se perguntou se era só isso mesmo – que a atmosfera do Star's de alguma forma intoxicava as pessoas.

Realmente havia visto alguns hóspedes aparentemente apaixonados quando passou pelo saguão na noite anterior. E, depois, quando jantou com sua nova empregadora, a senhorita Beverly Burgess, e com Simon Jung, Judith percebeu algo entre eles. Foram duas horas agradáveis; Simon Jung mostrou-se um anfitrião

perfeito, gracioso, sustentando boa parte da conversação, enquanto a senhorita Burgess pareceu contente em apenas ouvir. Para surpresa de Judith, Beverly apareceu com enormes óculos de sol que escondiam praticamente todo o seu rosto. Uma indisposição ocular, ela disse vagamente. Judith saiu do jantar sabendo praticamente nada sobre a nova chefe.

A não ser por uma coisa: que Simon Jung evidentemente estava atraído por Beverly, mas que Beverly, por algum o motivo, afastava-se dele.

– Então, doutora – disse o senhor Smith depois que ela terminou de lhe medir a pressão –, tem gostado daqui até então? Estão mantendo-a ocupada?

Ela fechou a maleta médica e sentou-se. O sol invernal entrava pelas janelas, formando quadrados quase ofuscantes no carpete rosado. Seu paciente, o lendário senhor Smith, com seu sotaque escocês e seus pijamas de seda com monograma, estava sentado na cama com um olhar questionador. O que poderia lhe dizer? Que até então tinha cuidado de duas torções provocadas por partidas de tênis e um caso moderado de gripe. Isso, além de ter examinado uma jovem que estava carregando o feto implantado da esposa do irmão e de ter garantido a Frieda Goldman de que a cliente dela, Bunny Kowalski, estava bem o bastante para receber visitas. A agitação de Frieda e o modo como ela segurava a pasta de couro, fizeram Judith imaginar se a senhora Goldman estava ali para fechar um daqueles acordos cinematográficos astronômicos dos quais lia a respeito.

– Estão me mantendo ocupada o suficiente – respondeu. – Decerto não estou entediada.

– Está tratando de alguém famoso? Além de mim, quero dizer.

– Sabe que não posso falar de outros pacientes. Ou está apenas me testando para ver se eu seria capaz de contar o seu segredo?

– Admito estar preocupado. Não que *você* conte, mas que o segredo vaze. Diga a verdade, Judith. O que acha de um homem da minha idade fazer esse tipo de operação? Quero dizer, tamanha vaidade, para começar, tentando fazer o relógio andar para trás. Não combina com a imagem que as pessoas fazem de mim – homens *de verdade* não recorrem a medidas tão desonestas como lipoaspiração. Recorrem?

– Por que não? – disse ela. – Se isso o ajuda a se sentir melhor consigo.

– Doutora – disse o senhor Smith ao dobrar a coberta para trás –, pode me ajudar até a janela, por favor? Sinto que por causa da pressão desta bandagem, vai ser difícil para eu caminhar.

Ela passou o braço pela cintura dele e o ajudou a atravessar o quarto. Apesar de estar perto dos setenta, Smith estava em excelente forma; Judith conseguia sentir o corpo firme e atlético debaixo do pijama de seda. Ele também exalava um perfume suave e caro, a assinatura de um homem que, apesar de estar com dor em um hospital, era meticuloso quanto à sua higiene pessoal. E, de novo, ela experimentou uma pontada sexual vaga e perturbadora.

– Reconhece algumas dessas pessoas, doutora? – perguntou Smith ao olharem pela janela e verem hóspedes apreciando a manhã na floresta de pinheiros. – Veja aquele camarada ali embaixo, por exemplo, aquele que está fazendo pose. Ele é Larry Wolfe, o roteirista. Eu o encontrei uma vez. Um maldito arrogante – olhou para Judith com um sorriso. – Fica surpresa em me ver falar assim?

– Não faço ideia de quem seja Larry Wolfe.

– Que bom para você. Se ele soubesse disso, morreria. Ouvi dizer que Larry Wolfe está se preparando para assumir o lugar de Deus; ele já falou para Deus que era hora de dar lugar a outro.

Smith continuou a olhar para a floresta de pinheiros coberta de neve.

– Lembro-me da primeira vez em que vi neve – disse ele com suavidade, com um traço de nostalgia na voz. – Foi há muitos anos, quando eu era apenas um garoto e meu pai me levou para pescar no Vale Liffey. Raramente nevava lá, mas no inverno de que me lembro, nevou – ele sorriu para Judith. – Liffey fica na Tasmânia, onde nasci. Depois fui criado na Escócia, mas Tassie é meu lar verdadeiro. A Tasmânia era o lar de Errol Flynn também, sabia? Um dia fizemos um filme juntos; Flynn era o pirata bom, eu era o mau, mas eu era o melhor espadachim. Fico atônito em ver quantas pessoas ainda não sabem onde fica a Tasmânia – ele lançou um olhar brincalhão para Judith. – Você sabe, doutora?

– Não é uma ilha ao sul da Austrália?

– Um milhão de pontos para você. E por isso você recebe... – ele fez uma careta de repente.

– Dor?

Ele se apoiou nela.

– Nada... com que eu não consiga lidar.

Ao ajudá-lo a se sentar em uma cadeira, ela disse:

– Não há necessidade de representar o papel do pirata por aqui.

Ele sorriu em meio à dor e, no breve instante antes de se sentar, enquanto se segurava a Judith e o rosto dela estava a centímetros do seu, ele disse:

– Sabe com quem você se parece? Com a adorável Jennifer Jones quando ela

atuou com Gregory Peck. Você tem o mesmo tom, a mesma expressão vulnerável.

Judith percebeu a leve camada de suor na fronte dele, as linhas de dor ao redor dos olhos. Ela o acomodou em uma cadeira, depois foi para a maleta médica e a abriu.

Enquanto a via preparar uma seringa, Smith disse:

– Está se perguntando por que fiz essa cirurgia aqui no Star's, em segredo, em vez de em um consultório em Beverly Hills, recuperando-me em casa? – ele fez uma pausa e enrolou a manga para que Judith pudesse lhe aplicar uma injeção.

– Isso melhorará o seu desconforto – disse ela. – Por favor, continue o que estava dizendo.

– É porque esta cirurgia tem de permanecer em segredo. Homens com o meu tipo de reputação não têm permissão para recorrer à cirurgia plástica. Sempre estive em forma; exercito-me todos os dias. Mas a natureza estava começando a caçoar de mim, e quando vi que nem dieta nem um sem-número de abdominais me ajudariam desta vez, decidi recorrer a um gesto desesperado. Só rezo para que ninguém descubra.

– Seria tão ruim assim? As pessoas fazem lipoaspiração a toda hora hoje em dia.

– Temo que isso afete a minha imagem. E também – ele abaixou a manga –, francamente, com o modo com que as mulheres irão se relacionar comigo depois. Fico imaginando se uma mulher com quem eu quisesse me envolver me enxergaria como um homem menor por ter me rebaixado a uma tática tão pouco máscula como a cirurgia plástica.

– Creio que está sendo muito duro consigo. Os homens também fazem cirurgias plásticas; as mulheres não detêm o monopólio.

– Não na minha geração, doutora. Isso é uma novidade absoluta para mim. E muito embaraçosa.

Naquele instante, a porta foi aberta, e uma Zoey taciturna entrou carregando lençóis dobrados.

– Vim fazer a sua cama, senhor Smith – disse, sem olhar para Judith.

A enfermeira trabalhou em silêncio, enchendo o ambiente com uma hostilidade palpável. Smith lançou um olhar questionador a Judith e disse:

– Que lugar admirável para um hospital. Até um minuto atrás, eu me esquecera completamente que estava em uma clínica, me recuperando de uma cirurgia. Olhe para esse quarto e para o cenário lá fora – ele gesticulou para a janela. – Se todos os hospitais pudessem ser assim...

Ele olhou para Zoey, que esticou os lençóis e enfiou as dobras nos cantos com uma ferocidade que o fez olhar curioso de volta para Judith.

– Conhece a lenda desse lugar, doutora? – perguntou ele, tentando diminuir a tensão do ar. – Apesar da minha idade, não estive aqui quando Dexter Bryant Ramsey foi assassinado. Eu só tinha dez anos na época. Mas muitas celebridades estavam aqui – Gary Cooper, os Fairbank, até mesmo Hearst supostamente estava entre os hóspedes. Houve uma grande festa naquela noite, com uma lista de convidados que mais se parecia com a realeza de Hollywood. Porém, curiosamente, quando a polícia chegou no dia seguinte, todos tinham ido embora e estabelecido álibis em outros lugares para a noite da morte de Ramsey. Aqueles eram os anos dourados de Hollywood.

Ele fez uma pausa, olhou pensativamente para Judith, depois continuou mais seriamente.

– Marion Star foi o meu primeiro amor, sabe. Eu tinha catorze anos, e seus filmes tinham acabado de chegar à Tasmânia. O filme era *A Rainha do Nilo*. Um vislumbre daqueles olhos acabrunhados, e eu me perdi. Nunca consegui encontrar uma mulher que se comparasse a ela.

O olhar dele seguiu para Zoey, enquanto ela se movimentava com uma eficiência que chegava a ser caricata. Esvaziou cestos de lixo, encheu a jarra de água e depois desapareceu no banheiro com uma braçada de toalhas limpas.

– É fã de cinema, Judith?

– Quando eu era mais nova – disse ela, detendo-se antes de completar: *e eu era loucamente apaixonada por você*. Ela notava como os raios de sol da manhã entravam pela janela e capturavam os fios grisalhos do cabelo dele. – Não temos uma sala de cinema em Green Pines.

– Os filmes de hoje me assustam – disse ele. – Não há limites nem regras. Houve uma época em que a Indústria era policiada de perto. Já ouviu falar da *Hays Office*[1]? Willie Hays nos dizia o que podíamos ou não fazer nos filmes. Lembra-se de como nos anos 1940 e 1950 as pessoas dormiam em camas de solteiro, mesmo sendo casadas? A regra era que as camas tinham de ficar afastadas pelo menos 45 centímetros. Se duas pessoas eram exibidas em uma mesma cama, uma delas tinha de estar completamente vestida; não apenas de pijama, mas com roupas normais. E também o homem sempre tinha de estar com um pé no chão. É surreal isso, pensando agora.

Ele fez uma pausa e pousou seus olhos azuis-escuros nela de um modo que fez Judith pensar que ele tentava encontrar uma maneira de lhe dizer algo. Algo

pessoal. Isso fez seu coração dar um salto. E depois ele disse:

– O *Hays Office* era o responsável pela moral da sociedade. Sabia que o fim da peça *Um bonde chamado desejo*, de Tennesse Williams, foi mudado? Na peça de teatro, Stella volta para Stanley, mesmo ela sabendo que ele violentara a sua irmã – disse Smith enquanto Judith via um gavião de cauda vermelha pousar no ramo de um pinheiro do lado de fora da janela dele. – Mas, no filme, Stella o abandona. Hays disse que era melhor para a moral do público. Claro que, na época, não diziam a palavra *estupro*. Nos jornais, chamavam de ataque criminoso. Nos anos 1950, uma mulher podia ser chutada e surrada e jogada escada abaixo, e os jornais publicariam que ela *não* havia sido atacada criminalmente. Sabia, Judith, que Marion Star foi a responsável pela criação do *Hays Office*? A Legião da Decência, na verdade, foi estabelecida como uma reação aos filmes dela.

– Eram tão ruins assim?

– Eram maravilhosos. Mas o mundo passava por uma depressão, e havia aqueles que se ressentiam com o estilo de vida um tanto generoso de Marion. Portanto, eles a consideraram imoral. Hoje, os filmes dela são considerados clássicos; revigorantes e divertidos, lembrando-nos de uma era mais cavalheiresca de filmes. Hoje, estão produzindo – ele estremeceu – *Rambo*.

Zoey saiu do banheiro, jogou as toalhas e os lençóis usados em um cesto e saiu calada. Smith disse para Judith:

– Pressinto... Hum... Discórdia entre você e a sua enfermeira. Algum problema?

– Não sei. Como está se sentindo agora? A medicação surtiu efeito?

– Para falar a verdade, sim. Pode me ajudar a voltar para a cama, por favor?

Enquanto Judith o ajudava a andar, novamente passando o braço pela sua cintura, ele disse:

– Contou-me que foi casada por catorze anos. Ainda é?

– Nos divorciamos no ano passado.

– Lamento muito ouvir isso. Vocês tiveram filhos?

– Prefiro não falar sobre isso.

Ele parou antes de subir na cama e a fitou.

– O que foi? – perguntou. – O que há de errado?

– Não há nada errado.

– Ah, é uma senhora muito durona, imagino – disse ele. – Dura por fora para esconder algo vulnerável por dentro?

Ao ajudá-lo a se ajeitar e puxar as cobertas, ela disse:

– Por que as mulheres só podem ser duras por fora? Não posso ser dura por inteiro? Morda-me e descobrirá que sou uma sola de sapato até a espinha dorsal.

Ele balançou a cabeça.

– Você tem um centro suave. Consigo ouvi-lo em suas palavras. Está nas pupilas dos seus olhos. Quer me falar a respeito?

Judith sentou-se na beira da cama.

– Nunca sei o que dizer quando as pessoas me perguntam se tenho filhos. Queria acreditar que eu já tivesse ensaiado uma resposta, mas não tenho nenhuma. Eu tive uma criança: uma menina. Ela morreu há dois anos. Mas toda vez que me perguntam se tenho filhos, não sei como responder. Devo dizer não, como se ela nunca tivesse existido? Ou digo sim, mas que ela está morta, e depois tenho de me submeter a perguntas e explicações?

– Não estou pedindo que explique.

– Não, mas quer saber, eu não vou lhe contar. Kimmie está morta e não há nada a fazer.

– É por isso que está se enterrando aqui, em meio à neve e aos pinheiros e às estrelas de cinema?

– Agora já conhece o meu segredo.

– Sabe de uma coisa? Acabei de perceber... O que lhe disse sobre o meu problema, do motivo que me levou a fazer a cirurgia aqui; eu nunca contei o real motivo ao doutor Newton. Eu disse a ele que queria me recuperar em paz, em um lugar tranquilo, longe de telefonemas e de interrupções. Não contei a ele que me envergonhava disso e que odiaria que o meu segredo fosse descoberto. Mas eu lhe contei o real motivo, Judith, e você é a única pessoa no mundo a saber disso. Não é interessante?

– Mesmo assim, eu não posso lhe contar a respeito de Kimmie – disse ela com suavidade.

– E eu não estou lhe pedindo que faça isso.

Ela encontrou o olhar dele e ficou surpresa em ver um desafio ali, um que não combinava com a textura da voz dele. Ele, subitamente, tinha os olhos de um oponente, e eles a fitavam diretamente como se dissesse: é a sua vez.

Ela se afastou desse olhar, do desafio daqueles olhos. Recusava-se a aceitar o desafio de ser mulher. Desde a morte de Kimmie e do subsequente divórcio de Mort – um divórcio cheio de rancor e acusações –, Judith sentiu seu coração endurecer devagar, como se estivesse petrificando-se com o tempo. Ela dizia para si que a sua capacidade de amar morrera com Kimmie e que Mort matara seu

desejo sexual. Nos dois anos que se seguiram, Judith olhou para cada homem com quem se deparava, mesmo o gentil Simon Jung, com uma indiferença alarmante.

Até agora.

– Você tem filhos? – perguntou.

– Nunca me casei nem estabeleci uma família. Mas ainda há tempo.

– Sabe, senhor Smith – disse ela –, não é justo. Os homens podem ter filhos praticamente a vida toda, podem postergar a criação de uma família até realmente desejarem ter uma. Mas as mulheres ficam restritas a um determinado número de anos.

– Isso deve compensar o fato de que só as mulheres têm filhos – disse ele. – Não foi Erica Jong que disse algo a respeito dos homens se ressentirem das mulheres porque elas podem tocar a vida trabalhando e se divertindo, ao mesmo tempo em que criam pequenos seres humanos em seu corpo?

Ela lhe lançou um olhar de surpresa.

– O senhor é um *feminista*, senhor Smith? Não deixe ninguém saber disso, ou vai acabar com a sua reputação de grande amante.

– Pelo contrário. Para um homem ser um verdadeiro amante, ele deve compreender as mulheres, como os amantes lendários fizeram: Casanova, Errol Flynn. Conheci Flynn, ele não era um mau caráter. Ele era bondoso, generoso e carinhoso com as mulheres. Ele as amava genuinamente.

– E o senhor? – Judith percebeu que começava a flertar com ele, mas não conseguia se conter. – Isso faz com que o senhor pareça fútil e infiel, senhor Smith.

– Não, nada de fútil nem de infiel. Quando amo uma mulher é com devoção e paixão. E, quando ela está comigo, ela pode ter a certeza de que é a única pessoa na minha cabeça.

Uma visão subitamente formou-se na mente dele: as mãos desfazendo a trança castanha e grossa que caía pelas costas dela, soltando o cabelo e trazendo-o para a frente, por sobre os ombros e os seios nus. Isso o surpreendeu. Quando foi a última vez que sentiu esse tipo de desejo por uma mulher?

E agora aquela trança comportada o enlouquecia, o modo como ela se ajeitava contra o casto jaleco branco. Havia notado anteriormente como a ponta da trança estava presa por um elástico simples, e como resvalava a parte baixa das costas, apontando para nádegas firmes e atléticas. Em sua mente, ele se viu tocando-a lá também.

– Ouvi dizer que é comum os pacientes se apaixonarem por seus médicos –

comentou. – Mas o contrário também acontece? Os médicos se apaixonam por seus pacientes?

Seus olhos voltaram a se encontrar, e Judith subitamente ficou imaginando como seria ser beijada por aquele homem.

– Somente aqueles que se deixam levar por conversa mole – disse ela, levantando-se de chofre da cama antes que ele conseguisse ver a pulsação acelerada em seu pescoço.

– Janta comigo, Judith?

–Nunca janto com meus pacientes, senhor Smith. Além disso, terá voltado para casa antes mesmo que perceba o tempo passar. O doutor Newton disse que lhe dará alta em poucos dias.

– Sei disso. No dia depois do baile. Vai ao baile de Natal, Judith? Talvez me dê a honra de me acompanhar?

– Veremos como se sente até lá – respondeu ela. *Como nós dois nos sentiremos...*

– E jantar? Qualquer coisa servida no restaurante pode ser trazida para cá. O galeto é excelente aqui, assim como o carré de cordeiro.

Ela visualizou imediatamente: uma mesa posta para dois perto da lareira, velas flamejando, vinho brilhando em taças de cristal. Mas ela sabia que aquilo não seria apenas comida e amizade, pelo menos não para ela. Para Judith seria uma armadilha que a faria se apaixonar novamente. E isso era algo que ela estava determinada a não deixar acontecer de novo.

---

[1] Organização americana que promulgava um código moral para os filmes, o qual foi suplantado em 1966 pelo sistema voluntário de classificação. (N.T.)

16

QUANDO DANNY MACKAY VESTIU o blazer de pele de camelo e virou-se para ver o reflexo no espelho, ficou chocado. Foi apenas um choque momentâneo, e o vendedor nem percebeu. Isso acontecia toda vez que Danny via seu reflexo em uma das vitrines ao longo da Rodeo Drive. Ele olhava para si e via-se diante de um desconhecido, com uma barba curta, cabelos escuros e óculos de aro de tartaruga.

Era um logro do qual tinha de se lembrar constantemente – não era mais o reverendo Danny Mackay, idolatrado por milhões, a um passo da Casa Branca. Danny quase havia se entregado na manhã em que descarregou o Toyota barato de Quinn e comprou um Jaguar novinho em folha. Não havia sido a compra em dinheiro que quase o delatara – os vendedores de carro de Beverly Hills estavam acostumados com transações extravagantes –, foi quando chegou a hora de preencher a papelada. Mas Danny ajeitou sua trapalhice com um sorriso e saiu dirigindo de lá com uma gargalhada.

De lá, ele parou na Louis Vuitton para comprar um conjunto de malas; depois uma breve parada para comprar o Rolex de 15 mil dólares que havia prometido a si; e agora lá estava ele na Bragg da Rodeo, adquirindo um guarda-roupa completo, desde cuecas de seda até um sobretudo de cashmere. Usando sempre dinheiro.

Ao despir o blazer – que tinha uma etiqueta de 40 mil dólares – e entregá-lo ao vendedor, dizendo “vou levar”, ele olhou para o desconhecido do espelho e pensou: *Renasci, um fantasma pode se safar de qualquer coisa.*

Voltando a vestir a jaqueta de couro que tinha comprado antes, Danny moveu o olhar para a jovem vendedora, que fingia ajeitar os artigos no balcão de lenços e luvas atrás dele. Ela vinha observando-o pela última meia hora. Danny sabia que estava bonito e sabia que ela estava pensando na mesma coisa. Lançou-lhe um daqueles sorrisos preguiçosos e sensuais, e ela corou; mas não desviou o olhar.

Ao observar os seios fartos, pensando que não havia nada de inocente no modo como ela colocou o arranjo dourado natalino no suéter, ele concluiu que era uma verdadeira pena não ter tempo para conhecê-la melhor, pois ele tinha uma passagem de primeira classe para a Austrália e tinha de ir para o aeroporto. Além disso, não queria desperdiçar seu poder renovado transando com uma vendedora. Danny sempre soube que o seu prazer no sexo estava de alguma forma conectado com a sua paixão pela violência; os dois pareciam caminhar juntos. Sua esposa, *sua viúva*, poderia confirmar isso. Levar aquela vendedora para a cama agora poderia diminuir a sua vontade de punir Beverly Highland. Pior, levar aquela garota para a cama poderia levá-lo a matá-la depois, enfraquecendo seu poder ainda mais. E ele estava poupando esse poder para quando encontrasse Beverly, ou melhor, Philippa, que era como ela se chamava agora.

Saiu da loja e destrancou o carro para deixar que o atendente da loja colocasse suas compras no porta-malas. Começou a garoar, fazendo com que as luzes amareladas de Natal ao longo do Bulevar Wilshire ficassem fora de foco, e enquanto Danny esperava que as compras fossem guardadas, viu uma moça andando lentamente pela calçada, olhando as vitrines. Ela tinha sobrancelhas arqueadas e um nariz arqueado, como se tentasse erguer-se acima do resto do mundo. Um homem negro em um uniforme de motorista andava atrás dela; em um braço carregava pacotes, com o outro segurava um guarda-chuva, protegendo-a da chuva enquanto ele mesmo se molhava.

Danny sorriu. Aquilo sim era jeito de viver.

Quando tudo foi acomodado no porta-malas e o atendente afastou-se com uma gorjeta de cem dólares, Danny colocou-se atrás do volante do seu luxuoso carro e sentiu um novo poder tomá-lo. *Dinheiro era o verdadeiro afrodisíaco* , ele pensou. Abriu o porta-luvas e pegou a foto de jornal de Philippa Roberts, sob a qual Quinn escrevera “Esta é Beverly Highland?”. Embora o rosto não fosse exatamente com o que se lembrava de Beverly, sabia que ela teria alterado a aparência. Bisturis de cirurgiões plásticos não eram novidade para Beverly. Ela os usara uma vez antes para enganar Danny e o mundo; ela faria isso novamente. Agora, ele se divertia com a ideia de não matá-la no fim das contas, mas de fazer algo muito pior, como retalhar o rosto dela, deixando-a com cicatrizes que cirurgia alguma fosse capaz de eliminar. Talvez ele também pudesse arranjar para que ela nunca mais apreciasse o sexo; isso sim era uma perspectiva divertida. Mas primeiro tinha de encontrá-la.

Depois disso, Danny teria a liberdade e o poder para fazer o que quisesse.

Porque não pararia com Philippa. Desde o momento em que saiu da casa de Otis, Danny acrescentou alguns nomes à sua lista secreta. Encabeçando-a estava o desgraçado que venceu a eleição que Danny supostamente teria vencido três anos antes: o Presidente dos Estados Unidos. Depois de cuidar dele, Danny tinha planos para os outros que o desertaram quando o escândalo estourou durante as primárias da eleição, com manchetes do tipo “NOME DE MACKAY LIGADO A BORDEL EM BEVERLY HILLS”, “MACKAY, DONO DE REVISTA PORNÔ”, e fotografias arrancadas do passado, de Danny e Bonner em uma velha banheira com a esposa de um fazendeiro do Texas, de Danny com uma lata de cerveja na mão, segurando a virilha para a câmera. Tudo orquestrado pela vadia Beverly. Ela passara anos maquinando uma armadilha elaborada, tudo com o objetivo de fazer Danny ajoelhar-se diante dela, implorando para ser salvo. A vagabunda o fez rastejar, só por causa de um aborto idiota que ele a obrigou a fazer tanto tempo atrás que ele nem se lembrava. E depois, mesmo quando ele suplicou e ela o jogou para os lobos, todos abandonaram Danny: sua esposa, o pai dela, aquele senador metido a besta... Bem, a lista era infinita. Agora, com sua nova invisibilidade, Danny podia aplicar a sentença de morte a cada um deles.

Depois de conduzir o Jaguar no trânsito complicado do Natal, Danny parou para observar o endereço na Rodeo Drive que causara sua destruição três anos e meio atrás e que o levou a *cometer suicídio* na cadeia: a loja masculina Fanelli, com um logotipo em forma de borboleta na fachada. Atrás das janelas do segundo andar estava o lugar que a polícia alegou ser onde Danny gerenciava um prostíbulo; um estabelecimento sobre o qual Danny nada sabia, porque ele havia sido administrado por Beverly Highland. A loja já não se chamava Fanelli, a borboleta não estava mais lá, e uma lista ao lado da entrada mostrava quais negócios ocupavam os escritórios; os mesmos que, menos de quatro anos atrás, estavam os quartos projetados para sexo ilícito. Mas apagar as provas não diminuía o crime. Quando ele a encontrasse, ele a lembraria daquele endereço e da borboleta com a qual ela zombara dele.

Danny ligou o rádio do carro e saiu para o trânsito novamente, fazendo um Cadillac frear abruptamente. Danny riu ao se misturar ao tráfego.

A autoestrada de San Diego parou completamente quando a chuva ficou mais forte e os californianos do sul tentavam lidar com ela. Parado atrás de um caminhão, Danny sentiu os nervos se contraírem; tamborilou no volante, o joelho subindo e descendo. Desejou poder pegar a pistola e atirar em todos os motoristas ao seu redor. E bem que teria feito isso se achasse que isso abriria o seu caminho.

Tinha de chegar ao aeroporto; tinha de ir para a Austrália para encontrar Philippa. A necessidade de puni-la crescia nele como uma lava vulcânica; se não se mexesse logo, Danny sabia que explodiria.

Quando viu os motoristas saindo da estrada e pegando caminhos alternativos, Danny decidiu fazer o mesmo, saindo da sua faixa e seguindo pelo acostamento, a fim de passar na frente dos outros carros. Ignorou as buzinas raivosas e saiu pela rampa de acesso, cantando pneus no Bulevar Century.

Um farol vermelho o deteve novamente, fazendo-o aspirar o escapamento dos outros carros e desejar que pudesse livrar o mundo das pessoas inúteis. Danny estava apenas se divertindo com a visão de um mundo menos povoado, tendo apenas um número suficiente para servi-lo, quando sua atenção foi capturada por algo.

Uma placa em um prédio alto: Indústrias Starlite.

A matriz da empresa que Beverly possuía sob o nome de Philippa Roberts.

Quando o farol ficou verde, Danny deu uma guinada repentina, mesmo estando na pista central, avançou rua abaixo e freou na faixa proibida de estacionar logo em frente. Não acreditava na própria sorte. Que golpe de mestre! Claro! Por que perder tempo vasculhando o oeste da Austrália quando poderia obter o endereço dela ali?

A providência divina, meu bom homem, disse para si ao entrar no saguão. *Isso não foi um acaso, você foi trazido para cá.*

Riu suavemente ao entrar no elevador, vendo-se na parede espelhada e pensando que garanhão lindo ele era. Desde a cueca de seda até a jaqueta de couro, ele era um modelo de revista. *A imagem faz o homem,* mentalizou. *Aparente poder, e você terá poder. Vista-se com milhares de dólares e as pessoas o respeitarão* . Afinal, Danny não era um Zé Ninguém. Além de ter chegado perto do Salão Oval, ele havia escrito um best-seller nos anos 1960, *Por que Deus levou os Kennedy?*; tinha ido ao Vietnã ao estilo Bob Hope e hipnotizou as tropas; viveu em coberturas em Houston e em Dallas; teve todas as mulheres que quis. Danny com frequência surpreendia-se ao pensar no quanto havia progredido desde aquele tempo em que era apenas o filho maltrapilho de um meeiro pobre do oeste do Texas, quando viviam em casebres feitos de papelão; não teve sequer um par de sapatos até ter doze anos. Os sapatos de pele de crocodilo que usava agora deviam custar mais do que o inútil do seu pai ganhara a vida inteira. E Danny conquistou isso apenas vendendo religião.

Olhando para a imagem no espelho do elevador, lançou seu sorriso langoroso

e sensual que o tornara famoso.

– Deus pode ser subornado – sussurrou, recitando as palavras do pregador que colocou Danny na estrada da fama e da fortuna.

”, disse Billy Bob Magdalene na noite em que flagrara os dois jovens de 22 anos, Danny e Bonner, tentando roubar parte da coleta de um dos seus despertares religiosos. Ele os interceptou na mira da espingarda, enquanto tentavam sair; Bonner urinou nas calças, mas Danny manteve a calma. “Deixe-me contar a vocês dois, malandros, o que é esse negócio de religião”, dissera Billy Bob de volta ao seu trailer. “Primeiro, eu lembro o pessoal que Deus está bravo com eles e que marcou em sua agenda o dia em que vai massacrá-los. Depois, eu meio que sugiro que tenho favores especiais com o Senhor, como se Ele me ouvisse. Depois, deixo escapar que, por uma pequena quantia, posso sussurrar algumas palavras no ouvido de Deus em defesa deles. Nunca falha. Eles vêm para a minha tenda como pecadores temerosos e saem daqui totalmente confiantes.”

Aquele foi o começo da ascensão de Danny ao poder, quando ele e Bonner juntaram-se à trupe itinerante de Billy Bob Magdalene em seus despertares religiosos. Mais tarde, obviamente, largaram o velho pregador no meio do deserto perto de Odessa e mudaram o nome do show para DANNY MACKAY TRAZ JESUS.

E o mundo não o tinha amado por isso? Não se congregaram nas tendas de Danny para ouvir seus discursos sobre o fogo do inferno? Não lhe enviaram seus dólares aos montes até que o Ministério da Boa-Nova valesse bilhões? E aquela vaca da Beverly não havia estragado tudo, ludibriando-o para que adquirisse um prostíbulo chamado Butterfly, para depois chamar a polícia?

Ela iria pagar. Ela tinha de pagar.

Quando o elevador chegou ao último andar, Danny entrou na recepção como se fosse o dono do lugar.

– Olá – disse para a moça atrás do balcão.

Ela levantou o olhar do livro que lia e, quando viu Danny, um olhar trespassou sua expressão, um que ele já tinha visto milhares de vezes antes, uma reação, ele sabia, cujas raízes não vinham da cabeça, mas das pélvis delas. Rapidamente fechando o livro e lançando um sorriso charmoso, ela disse:

– Em que posso ajudá-lo, senhor?

– Estou procurando por Philippa Roberts.

– A senhorita Roberts não se encontra, senhor. Posso anotar um recado?

Ele apanhou o passe de imprensa de Otis.

– Quero fazer um artigo sobre a senhorita Roberts; gostaria de entrevistá-la. Será que poderia me fornecer o endereço dela?

– Lamento, mas não tenho permissão para divulgar tal informação. Mas, se quiser, posso passar uma mensagem para o secretário dela.

– Seria ótimo, benzinho – disse ele, passando para o sotaque texano. Recostou-se no balcão, olhando-a apreciativamente, depois disse: – Alguém já lhe disse que seus olhos são lindos? Entrevistei Cher uma vez, que tem belos olhos. Mas os seus deixam os dela no chão. Sabia disso?

– Eu... Hum... Obrigada – disse, corando.

Danny sorriu. Sabia que no minuto em que saísse de lá, ela pegaria um espelho da bolsa para inspecionar os olhos.

– Tem certeza de que não pode me contar o endereço da senhorita Roberts? Isso me pouparia um trabalho danado. E eu mencionaria você no artigo. Gostaria de ver seu nome no jornal? Eu poderia contar para o mundo a respeito dos seus lindos olhos...

– Eu me meteria em apuros...

– Eu sei, benzinho, entendo perfeitamente. E que o diabo me carregue por colocá-la em uma situação assim. Esqueça o que lhe pedi. Além disso, estou muito mais interessado em você agora do que na senhorita Roberts.

Ele virou lentamente, observando a recepção de bom gosto, o mostruário de vidro com livros, a luz suave, e música tranquila fluindo de alto-falantes escondidos. Uma coisa ele tinha de admitir a respeito de Beverly Highland, ela havia aprendido o que era classe.

O olhar dele repousou sobre uma caixa de doces natalinos ao lado do telefone da recepcionista. Sorriu e disse:

– Isso aí não é meio proibido, considerando-se que esse lugar trata de dietas e coisas assim?

Ela corou e disse:

– Bem, eu não estou em dieta.

Ele passeou pelo corpo dela com os olhos, depois disse:

– Posso ver que não e nunca pense em fazer. Importa-se se eu me aproveitar?

– O que disse?

Ele pegou um doce em forma de bengalinha com listras brancas e vermelhas.

– Posso pegar um?

– Ah, sim, claro.

– Sabe, benzinho – disse ele, movendo o doce entre os lábios, sugando-o. –

Gosto de coisas doces. Fico me perguntando se me daria a honra de jantar comigo um dia desses.

Ela corou ainda mais.

– Eu adoraria.

– Infelizmente, tenho um voo marcado para a Austrália hoje à noite para entrevistar a senhorita Roberts em Perth.

– Ah, mas a senhorita Roberts não está na Austrália. Ela está aqui.

Ele a encarou.

– Ela está aqui? Quer dizer, em Los Angeles?

– A senhorita Roberts voltou hoje pela manhã. Na verdade, ela acabou de sair. Ela voltou para o hotel.

– Mas que surpresa agradável... Onde imagina que eu possa encontrá-la?

– Bem, a senhorita Roberts se registrou no hotel Century Plaza, mas terá de se apressar, porque amanhã ela vai para Palm Springs.

– Palm Springs? Sabe onde em Palm Springs?

– Sinto muito, mas eu não sei.

– Obrigado, benzinho. Você foi de grande ajuda – ele piscou. – Eu ligo mais tarde.

Danny não teve sorte com as recepcionistas do hotel Century Plaza.

– Não posso lhe fornecer o número do apartamento dos hóspedes – um jovem em blazer lhe disse –, mas se quiser deixar uma mensagem...

Danny andou pelo vasto saguão por alguns minutos, tentando decidir o que fazer, quando viu o restaurante e percebeu que estava na hora do almoço, uma ideia surgiu. Seguindo um impulso, aproximou-se da recepcionista, que disse:

– Pois não, senhor, posso ajudá-lo?

– Espero que sim, senhorita. Eu deveria me encontrar com amigos para o almoço, e a minha secretária confundiu os horários. Por isso não sei se a reserva foi feita para a uma ou para as duas horas. Será que poderia me dizer?

– Claro. A reserva foi feita no nome de quem?

Ele já ia dizer Beverly Highland quando se lembrou de que ela usava outro nome.

– Roberts. Philippa Roberts.

A recepcionista consultou a lista das reservas, depois disse:

– Ah, sim. A reserva da senhorita Roberts é para uma hora.

Danny acomodou-se em uma cadeira de brocado cor-de-rosa, escondido atrás

de folhas de fícus e observou cada um que entrava no restaurante.

Quando a viu, um raio o atravessou. Só podia ser ela; ela era idêntica à foto de jornal que ele apanhara na casa de praia de Quinn. Ali estava ela, a poucos metros dele, Beverly Highland, a mulher que o humilhara, que o obrigara a se ajoelhar e implorar, e depois o destruíra. Por causa daquela mulher, Danny se pendurou na ponta de uma corda em uma cela, morreu e voltou à vida com meio cérebro. Foi só o ódio que sentia por ela, sua paixão ardente em vê-la sofrer, que o fez atravessar aquela prova de fogo.

Como ela parecia inocente, como parecia serena e refinada, com seu cabelo castanho na altura dos ombros, em seu terninho discreto e com uma pasta na mão. Ela não se parecia com uma viúva negra. E não havia muita semelhança com a mulher que se sentara no seu quarto de hotel naquela última noite, com o cabelo platinado, preso em um coque banana, que lhe conferia um ar de vilã, toda fria, impassível, mortífera. Agora, com seu novo disfarce, ela parecia suave, quente e inofensiva. Mas era uma fachada que não enganava Danny. Ela podia tentar enganar as pessoas o quanto quisesse, tentando-as convencer de que era outra pessoa, mas Danny sabia quem ela era – ela era a mulher que o matara.

E ali estava ela, quase ao seu alcance...

Mas ele se conteve. Ainda não, não agora. Queria saborear; queria fantasiar sobre as muitas maneiras com que iria puni-la; queria se excitar ao ponto em que o prazer de torturá-la seria simplesmente sublime.

Ao observá-la se movimentar no restaurante, Danny sentiu a excitação sexual dentro de si aumentar. Percebeu que teria de descarregar um pouco dessa energia no fim das contas; se não o fizesse, não seria capaz de continuar sob controle.

Ele voltou para o balcão de registro e solicitou um quarto para uma noite. Depois se misturou à multidão diante do hotel que se aglomerava debaixo de guarda-chuvas à espera dos seus carros. Quando entrou no Jaguar, Danny tomou a direção de Beverly Hills debaixo da chuva, carregado de energia e poder. Estava pensando na vendedora da Bragg na Rodeo, de seios fartos e com o enfeite dourado. Ela não sabia, mas estava para ter a melhor noite da vida dela. Talvez a *última* noite da vida dela.

17

Hollywood, Califórnia, 1958

PHILIPPA VOMITOU NO BANHEIRO. Aquela era a sétima vez seguida naquela manhã, e um dos outros inquilinos já havia alertado a senhoria. Por isso, quando Philippa saiu, a senhora Chadwick estava a sua espera.

– O que foi, meu bem? – perguntou a mulher. – Você não comeu nada no café da manhã ao longo da última semana. Então, como pode estar vomitando?

– Deve ser alguma coisa que eu comi ontem à noite.

– Venha, querida, quero conversar com você.

Foram para o apartamento da senhora Chadwick, onde mobília clara e moderna ao estilo dinamarquês equilibrava-se em pernas finas de metal e onde a cozinha dispunha dos mais modernos equipamentos disponíveis. O aparelho de televisão, ligado no *Dragnet*, era o ponto central da sala e tinha um trio de panteras negras dispostas sobre ela.

– Posso lhe fazer uma pergunta pessoal? – perguntou a senhora Chadwick. – Quando menstruou pela última vez?

Philippa mostrou-se surpresa. Por que ela queria saber uma coisa daquelas?

– Não me lembro. Acho que não no último mês. Talvez dois.

A senhora Chadwick suspirou.

– Querida, você está grávida. Não sabia disso?

– Grávida?! Ah, não, não pode ser. Não sou casada.

A senhoria suspirou mais uma vez. Aquela não seria a primeira inquilina a ter ilusões sobre a realidade da vida.

– Você tem família? Um parente em algum lugar?

Philippa pensou em Johnny em San Quentin e balançou a cabeça.

– Hum... – a senhora Chadwick murmurou. Vez por outra, ao longo dos últimos quatro anos, ela se perguntava a respeito da pacata inquilina, o motivo da

moça não ter amigas da mesma idade, nenhuma família, de nunca falar sobre suas origens. Mas a senhora Chadwick orgulhava-se em ser uma proprietária que não era intrometida; contanto que o aluguel fosse pago regularmente e o inquilino fosse asseado e silencioso, ela se mantinha ao largo. Gostava de Philippa Roberts; tão doce e confiável. Sempre ajudando com a louça à noite, algo que não precisava fazer, e às vezes trazendo coisas da loja, como caixas de doce abertas que não podiam mais ser comercializadas ou frasquinhos de perfume que derramavam e que seriam jogados fora. A senhora Chadwick apreciava esses pequenos presentes, e a companhia ocasional da moça quando ela não tinha aulas à noite. Às vezes, elas se sentavam e assistiam juntas a programas como *Adivinha o que ele faz?*, e dividiam uma bacia de pipoca amanteigada. E Philippa era uma moça sensata, nem um pouco parecida com as garotas que agiam como tontas atrás daquele tal de Elvis. Por isso, a senhora Chadwick achava que aquela era uma boa hora para interferir.

– E quanto àquele seu namorado? – perguntou. – Aquele com quem você vinha saindo? – a senhora Chadwick tinha dúvidas a respeito desse namorado. Ele nunca telefonava, nunca aparecia; ela quase suspeitava que não houvesse namorado algum e que Philippa o inventara, a não ser pelo fato de a garota mostrar sinais óbvios de estar apaixonada e de sair na maioria das noites. E, claro, agora aquilo. Portanto, existia um namorado, mas a senhora Chadwick não conseguia deixar de pensar que havia algo de suspeito naquele relacionamento, algo que a fazia acreditar que, quando ele soubesse da novidade, não passaria automaticamente a distribuir charutos.

– É verdade? – Philippa perguntou à senhora Chadwick. – Tem certeza? Quero dizer, a respeito da minha gravidez?

– Bem, não sou médica, querida, mas você tem todos os sinais – a senhora Chadwick pousou as mãos nos quadris largos e olhou para a garota com empatia. Homens. Sabia tudo sobre eles, e teve a sua cota. – Tenho de lhe fazer outra pergunta pessoal. É o único modo de ter certeza. Você tem se deitado com o seu namorado?

Philippa sentiu o rosto arder.

– Sim – confirmou. – Tenho.

– Bem, querida, então é verdade que vai ter um filho e é melhor contar para o seu namorado.

– Sim – Philippa disse, experimentando um misto de medo e excitação ao mesmo tempo. Um bebê. O bebê de Rhys. – Tenho de contar imediatamente para

ele.

A senhora Chadwick, porém, pousou a mão sobre o braço de Philippa.

– Preste atenção, querida. Às vezes, os homens... bem, eles não reagem a esse tipo de notícia do modo como esperamos que reajam. O que estou tentando dizer é que... – *O que estou tentando dizer é que o senhor Chadwick casou-se comigo só porque eu estava grávida. Ele não gostou, mas se casou. Eu tive sorte. Tivemos um casamento até que decente, até que um ataque cardíaco o levou.* – Só se lembre, querida, que a notícia pode ser difícil para ele. Se ele não reagir bem, dê alguns dias a ele, para que se acostume, deixe-o se sentir à vontade, como acontece com um sofá novo. Tudo vai terminar bem, você vai ver.

– Vai ficar tudo bem, senhora Chadwick – Philippa disse com os olhos brilhantes. – A senhora não conhece o Rhys. Ele é um homem amoroso. Este bebê pode ser exatamente o que ele precisa para dar uma guinada na vida.

Enquanto Philippa saía apressada, a senhora Chadwick pensava: *já ouvi essa também...*

Philippa primeiro foi para o quarto, onde na noite anterior havia embrulhado um presente para entregar para Rhys. Era o caderninho de capa floral no qual ela tinha escrito pensamentos inspiradores. Nos dois meses em que o via, ela testemunhou mais da tristeza dele e do fatalismo; ele era carinhoso e amoroso na cama, era um amante lento e atencioso, sempre a fazia se sentir especial. Mas em seguida ele voltava para a máquina de escrever onde o rolo de papel saía todos os dias, coberto por uma filosofia derrotista. Ela até tentou alcançá-lo, fazê-lo perceber o seu valor, mas sem resultados. Quem sabe aquele caderninho, que continha a filosofia dela – "Acredite e seja bem-sucedido" e "Sempre se lembre de que você é especial" – ajudasse-o. Ela não tinha dúvidas de que Rhys consideraria tais homilias como algo simples, mas ele precisava de ajuda, de um modo ou de outro. Ela ainda não sabia que evento inenarrável havia acontecido na infância dele, mas ela sabia que as raízes da sua baixa autoestima e a crença de que ele e todas as outras pessoas não tinham valor estavam fadadas.

Tantas vezes ela tentara conversar com ele depois de fazerem amor, quando estavam deitados no colchão e ele brincava com seus cabelos. Mas ele só ria de leve e a afagava, como se ela fosse uma criança que tivesse acabado de dizer algo extremamente ingênuo. Ela não conseguia fazer com que ele a levasse a sério. Mas agora estava esperando o bebê dele. Uma parte dela, outra dele. Talvez isso o fizesse perceber que havia, sim, um futuro.

Quando ela entrou na rua dele, percebeu que havia andado tão rápido que

quase correu. Mal conseguia esperar para contar a novidade. Talvez a senhora Chadwick estivesse certa e Rhys não recebesse bem a novidade, ou talvez ele ficasse extasiado e pedisse Philippa em casamento. Independente do que acontecesse, aquilo mudaria a vida dele de um jeito ou de outro. Ele terminaria o livro que escrevia, o enviaria a um editor e viveria para o amanhã, para o futuro do filho.

Ao subir as escadas do prédio do apartamento dele, pensou ter ouvido o barulho do escapamento de um carro. E, quando entrou no prédio, viu o senhor Lazlo, o proprietário, subindo os degraus de dois em dois. Ao alcançar o apartamento de Rhys, viu diversos outros inquilinos batendo na porta dele, chamando-o pelo nome.

Philippa abriu caminho e usou a chave que Rhys havia lhe dado. A primeira coisa que notou ao entrar foi o cheiro pungente de fumaça – mas não da costumeira maconha. Era outra coisa.

Então, ela o viu encurvado sobre a máquina de escrever, com uma nódoa avermelhada e estranha na têmpora.

E ela viu a arma no chão, ainda fumegante.

– *Mein Gott!* – exclamou o senhor Lazlo, e subitamente todos os inquilinos ficaram agitados.

Alguém chamoua polícia, outro ligou para uma ambulância, enquanto Philippa caminhou lentamente para a frente, fitando os olhos fechados, a expressão de paz no belo rosto de Rhys. Ela gentilmente o afastou da máquina de escrever; a cabeça dele pendeu de maneira pouco natural. Ela olhou para a última coisa que ele havia escrito: “Não há mais palavras”.

O quarto pareceu se inclinar.

Ela viu homens entrando; eles nadavam na água de suas lágrimas. Um entorpecimento, como o da novocaína, foi subindo desde seus pés, espalhando-se por todo o seu corpo, enquanto ela permanecia de lado vendo homens uniformizados levarem embora o homem que ela amava: homens em azul-escuro com distintivos; homens de branco com insígnias médicas nas mangas, abrindo uma maca. Alguém com uma caderneta e uma caneta aproximou-se e lhe fez perguntas. Ela viu que ele tinha uma espinha no queixo.

– Aquela é a namorada – disse alguém, e Philippa reconheceu pelo sotaque que era o senhor Lazlo. – Ela entrou *depois* do som do tiro. O senhor Rhys se matou. *Mein Gott*.

Quando Rhys estava sendo levado, com um lençol por cima do rosto, seu

braço caiu e Philippa viu a mão quadrada e forte, que tantas vezes tinha explorado seu corpo, que havia escrito palavras tão tristes, e que, no fim, disparara uma arma.

As pessoas continuaram aproximando-se dela, proferindo palavras, mas ela continuou onde estava. Depois que Rhys se foi, ela ouviu o senhor Lazlo dizer:

– Ele tinha um irmão em Sacramento. Vou telefonar para ele. Sim, ele vem pegar as coisas dele.

Philippa andou até a máquina de escrever, pegou o fim do papel e começou a desenrolá-lo. As palavras não faziam sentido, ela não conseguia lê-las. Mas, finalmente, ela chegou em: "... perdiz pequena e roliça nesta cidade de papel machê. Seu rosto, com a redondeza doce de um querubim, ela era um anjinho puro, quando abriu a boca para falar, luz saiu de lá. Sua alma é jovem. Ela tem uma longa estrada antes que a sabedoria a entalhe. Ela dorme em meus braços como uma codorninha quente...".

Quando se deu conta, a chuva caía sobre ela, e as luzes pareciam correr por seu corpo, e ela estava vagamente ciente das luzes dos carros e dos outros pedestres e de alguém lhe perguntando algo.

Ela passou pela pensão da senhora Chadwick e continuou andando. Na Hollywood com a Vine, casais sentavam-se em cafés e tomavam sundaes de caramelo. A banca de jornal na Cohuenga estava fechada. A livraria Cherokee Books estava escura. Palmeiras respingavam a chuva; para onde tinha ido a luz do sol? Um mendigo pediu dinheiro. Crianças fugidas amontoavam-se debaixo do toldo da Golden Cup, procurando por alguém que tomasse conta delas.

Em seguida, Philippa retornou para a pensão e subiu os degraus da entrada e as escadas internas até seu quarto, mal percebendo que as roupas estavam encharcadas, o guinchar dos sapatos molhados, a vozinha em seu abdômen que continuava perguntando: *Por quê? Por quê? Por quê?*

Philippa despertou com o som dos dentes tiritando. Na verdade, seu corpo todo chacoalhava como se ela estivesse com frio, porém, ela percebeu que ardia.

Olhou ao redor, descobriu que estava em seu quarto, na sua cama, com uma camisola, mas não se lembrava de ter ido parar lá. Viu as roupas amontoadas no chão – a blusa e a saia que vestira para dar a boa notícia a Rhys – e o caderninho com capa floral na escrivaninha, ao lado do trabalho de História no qual vinha trabalhando para a nota de meio de semestre. Passou-lhe pela cabeça que talvez repetisse naquela matéria.

Perguntou-se quanto tempo teria ficado na cama e tremeu mais, tanto que se

alarmou.

Lembranças da longa caminhada sob a chuva voltaram-lhe em fragmentos, mas nenhuma lembrança de Rhys. Do que havia descoberto ao destrancar a porta e entrar no apartamento dele. Não, não pensaria naquilo.

Agora ardia de febre. Sentia-se terrivelmente mal.

E foi então que a cólica começou.

A senhora Chadwick tinha se servido da novidade chamada Califórnia Dip, presente em qualquer evento social da atualidade, e serviu-se generosamente do molho, a cada batata frita que mergulhava na tigela. Estava acomodada confortavelmente em uma poltrona aconchegante, com os pés em pantufas macias e assistia ao *I Love Lucy*, seu programa predileto. Lucy acabara de dizer: "Ricky, você é impossível" e Ricky lhe dissera: "Você que é impossível, acontece que eu sou bem possível" quando ouviu um barulho do lado de fora da porta.

A senhora Chadwick considerava-se bem moderna; ela tinha um daqueles controles remotos com os quais se podia deixar o aparelho no mudo com o toque de um botão. E foi o que ela fez. Ao prestar atenção, ouvindo a chuva que vinha castigando o sul da Califórnia há três dias, ela achou ter ouvido outro som. Era como se alguém estivesse batendo, mas muito de leve.

– Quem é? – perguntou, aborrecida por estar sendo importunada. Todos os seus inquilinos sabiam que não deveriam incomodá-la na hora da "Lucy", mesmo se ela estivesse vendo capítulos repetidos.

As batidas continuaram.

– Ora, pelo amor de Deus! – ela disse e se levantou para ver quem era.

Philippa estava ali, de camisola, branca como farinha.

– Senhora Chadwick – disse ela em uma voz fraca. – Não me sinto bem.

Em seguida, ela levantou uma mão manchada de sangue.

– Ai, meu Deus! – a senhoria exclamou. Segurou Philippa bem quando ela estava para desmaiar no chão e a levou para dentro. Ao ajudar a garota a entrar no quarto, ela viu sangue na camisola de Philippa e mais ainda caindo em gotas no chão. – Jesus amado! – disse ela. – O que aconteceu?

Philippa começou a chorar.

– Ele está morto – disse ela. – Ele se matou com um tiro. Se eu tivesse chegado um minuto antes, eu poderia tê-lo salvado. É tudo culpa minha.

Sem entender sobre o que ela falava, a senhora Chadwick acomodou-a na cama, depois ergueu a camisola. Quando viu o sangramento, disse:

– Vou chamar um médico.

Mas Philippa, com surpreendente força, subitamente segurou o pulso da senhora e disse:

– Não. Não faça isso. Os médicos têm de fazer relatórios.

– Querida, você está tendo um aborto!

– Por favor. Não chame um médico. Eu não preciso... de um registro... disso.

A senhora Chadwick hesitou e depois concordou com relutância que aquele era um dos momentos das mulheres que deviam permanecer para sempre em segredo. Portanto, arregaçou as mangas e se pôs a trabalhar. Ficou ao lado de Philippa a noite inteira, durante todo o processo doloroso parecido com um parto, com dores, sangue e tudo o mais. Mas não chamou um médico. Ainda não. Respeitou o desejo de Philippa, por enquanto. Mas, se a coisa saísse do controle, havia um telefone bem ali, se necessário.

A coisa toda, porém, pareceu seguir seu curso, e a senhora Chadwick colocou todas as toalhas em um saco plástico e fechou-o com um nó. Depois lavou Philippa e a vestiu com uma das suas camisolas de flanela e a deixou dormir. E pensou a respeito da vida, por um instante, como ela não era nada parecida com a da TV, depois voltou para a sala e viu que o sol nascente derramava fachos de luz em sua mobília. Perguntou-se pela primeira vez como o seu casamento com o senhor Chadwick teria terminado se o bebê *deles* tivesse vivido.

Na tarde seguinte, Philippa abriu os olhos e a primeira coisa que disse foi:

– Era menino ou menina?

– Não era possível saber, minha criança – disse a senhora Chadwick com gentileza, mergulhando uma torrada em um ovo meio cozido e oferecendo-o para Philippa. – Era uma coisinha de nada. Nem parecia um bebê ainda.

– Senhora Chadwick – disse Philippa, lúcida pela primeira vez em muitas horas –, eu não consegui ajudar Rhys. Ele não me levou a sério.

– Não fale, querida, apenas coma.

Ela empurrou a mão da senhora Chadwick.

– Não, eu preciso lhe contar. Havia uma garota na escola que eu frequentava, pobre Mouse... Ela tentou mudar de aparência e quase se cegou. E depois também havia Frizz, que sempre detestou a própria aparência, acreditando nas outras garotas, que diziam que ela tinha cabelo feio. Até mesmo Amber, que devia se odiar muito, para ser tão cruel e se obrigar a vomitar.

A senhora Chadwick assentiu, mesmo não fazendo ideia sobre o que Philippa estivesse falando.

– E agora Rhys – disse por fim. – Ele também se odiava. Tentei fazer com que ele se enxergasse de modo diferente, que gostasse de si, que se aceitasse como ele era, mas tudo o que ele via era a morte. Ele estava condenado. Não consegui atingi-lo.

– Estou certa de que você fez o que pôde, querida.

– Ajude-me, por favor – pediu Philippa.

Ela foi para a janela e viu o novo alvorecer banhar Hollywood Hills. Perguntou-se se não nascera perto dali; o arquivo da escola dizia simplesmente "Hollywood". Talvez a mãe verdadeira ainda estivesse por ali em algum lugar, não muito longe naquele momento, observando o mesmo nascer do sol lavado pela chuva.

– Rhys não me levou a sério, em parte porque sou gorda – disse ela. – Ele me chamou de perdiz roliça, de codorna, de criança com alma jovem. Ninguém leva a sério uma garota gorda – ela se virou para a senhora Chadwick. – Mas vou mudar isso. Terei de mudar, se quiser influenciar as pessoas e ajudá-las de alguma maneira. As Mouses e as Frizzes e os – sua voz ficou entrecortada – os Rhyses do mundo. Vou ficar magra, virarei alguém a quem as pessoas darão ouvidos. Alguém importante. E nunca mais serei gorda.

18

– ESTOU LHE DIZENDO, Sylvie, foi o melhor sexo de toda minha vida.

Os olhos de Frieda Goldman arregalaram-se. Ela estava em uma das salas de massagem do salão Starlite na academia do Star's, esticada sobre uma toalha e tentando relaxar, enquanto Marcel, um francês genuíno, espalhava óleos essenciais de cravos, jasmim, lavanda e manjericão em seus músculos tensos. Marcel tinha formação em aromaterapia na França, onde levavam a sério o tratamento do estresse e de indisposições de menor gravidade com as fragrâncias. Frieda decidiu beneficiar-se de tal serviço antes do jantar marcado com Bunny; estivera tão ansiosa, que dormiu muito mal na noite anterior, e embora tivesse passado a manhã ocupada com telefonemas de negócios e fazendo contatos, o trabalho não havia surtido seu costumeiro efeito terapêutico.

Syd Stern telefonou.

– Conseguiu que ela assinasse? – perguntou ele de pronto.

– Hoje à noite sem falta – Frieda lhe prometeu, com a boca cheia de restos de um tablete de Mylanta.

Visto que Frieda raramente bebia antes do pôr do sol e que havia parado de fumar há muito tempo, ela decidiu ir à academia para tentar relaxar seus ossos cansados de 53 anos de idade. Enquanto Marcel fazia milagres com os dedos – óleo de cravos no pescoço para relaxar os músculos e de lavanda nas têmporas para dor de cabeça –, a paz de Frieda foi perturbada pelas duas mulheres passando no corredor ao lado, que discorriam sobre sexo e pararam diante do seu cubículo.

Houve o som de alguém subindo em uma balança e mexendo no medidor metálico. E depois:

– Estou falando sério, Sylvie. O *melhor* sexo que já tive.

Frieda tentou não escutar. Precisava pensar; seus nervos estavam em um estado em que ela acreditava que, caso ela fosse uma arma, dispararia.

– Mas como você consegue fazer sexo com um desconhecido? – Sylvie

perguntou.

– É uma tarefa difícil, Sylvie – disse a outra mulher –, mas alguém tem de fazer – e as duas deram risadas.

– Mas, sério, como acontece? Quero dizer, você paga diretamente para ele ou o quê?

Mais uma vez, alguém subindo na balança, o medidor sendo arrastado, o som da balança travando e um "Ai!" sussurrado.

– Ah, não, nada grosseiro assim. Tudo é feito com muita discrição. Você precisa fazer com que a gerência tome conhecimento que está sozinha aqui e que gostaria de companhia para a noite. Logo em seguida, eles telefonam para você e a informam que você terá um acompanhante para o jantar. Então, vou até o restaurante e lá está um homem lindo, perto dos trinta, à minha espera. Lindo mesmo: cabelos escuros, ombros deste tamanho, e que me trata como se eu fosse a rainha de Sabá. Temos um jantar agradável, alguns poucos drinques, jogamos um pouco de conversa fora, e depois eu pergunto se ele gostaria de me acompanhar em uma saideira no meu quarto.

– E? E? – Sylvie perguntou.

– E você pode imaginar o resto.

– Mas como você faz para *pagar*?

– Aparece na sua conta do hotel. Como serviço de quarto.

– Sabe quanto vai custar?

– Não faço ideia. E, para ser sincera, Sylvie, não me importo. Por sexo como aquele, eu pago qualquer coisa. E estou falando da *noite inteira!*

Alguns segundos de silêncio atônito.

– Mas isso não a faz se sentir culpada? Isto é, e quanto a Gary?

– O que tem ele? Tudo o que ele sabe é que toda vez que passo uma semana no Star's volto feliz e mais fácil de lidar. Não existe nada melhor para dar ânimo a um relacionamento!

Elas riram e afastaram-se, enquanto Frieda continuava sob os dedos de Marcel, pensando no jovem de smoking que olhara para ela na noite anterior, quando havia chegado, e no qual esbarrou novamente naquela manhã no saguão do Castelo. Mais uma vez, ele lhe lançara um daqueles sorrisos sensuais e, para total surpresa de Frieda, ela sentiu uma fisgada na pélvis. Será que foi *ele* o acompanhante da amiga de Sylvie? Como seria fazer sexo com *ele*? E a noite inteira... Ela não conseguia sequer imaginar.

Sexo! Frieda pensou, quase rindo em voz alta. Quando foi a última vez em

que *ela* fez sexo?

Elas voltaram, Sylvie e a amiga, do que quer que tivessem feito no fim do corredor. E agora Frieda ouvia o som da água no bebedouro enquanto as duas continuavam a conversar:

– A propósito, sabia que Larry Wolfe, o roteirista, está aqui? O homem é um espetáculo. Juro que o lugar dele é *diante* das câmeras, não atrás delas.

– Ouvi dizer que ele está aqui para escrever um roteiro sobre a história de Marion Star. Veja bem, sou jovem demais para me lembrar disso, mas o amante dela foi assassinado aqui, no famoso banheiro. Já viu esse cômodo? *Muito* perverso.

Frieda, mais uma vez, tentou não prestar atenção. O projeto mais recente de Larry Wolfe não lhe interessava; o papel de Marion Star não era algo que Bunny pudesse representar.

– Ei, sabe em quem esbarrei hoje de manhã? Jay Stonehocker. Você sabe, aquele diretorzinho de segunda, que fatura milhões com aqueles filmes horríveis de caratê? Enfim, começamos a conversar, e ele me contou que Syd Stern, aquele com ar de Spielberg, está cuidando de um novo projeto, uma série de filmes de aventura estrelando uma mulher, uma espécie de Indiana Jones feminina. Ele está procurando alguém para o papel.

Subitamente, Frieda ficou alerta.

– Sabe quem seria perfeita para o papel? – perguntou Sylvie. – A minha sobrinha. Ela está estudando para ser atriz. E meu marido e o Syd são assim, ó. Eles jogam golfe juntos, sabe... Ele daria uma olhada nela, se eu pedisse. Na verdade, acho que vou telefonar para ele.

Frieda levantou-se e saiu de lá antes que Marcel conseguisse esfregar óleo de manjericão atrás dos seus joelhos.

– Você está bem, Bunny – garantiu Judith Isaacs ao fechar a maleta. – Está pronta para enfrentar o mundo novamente.

– Graças a Deus – disse Bunny. – A minha agente está aqui, ela telefonou há alguns minutos, pouco antes de você chegar. Ela está doida para me ver. Era para jantarmos hoje, mas ela insiste em me ver imediatamente.

– Sim. Falei com a senhora Goldman pela manhã. Ela estava muito preocupada com você, mas eu garanti que você estava bem e não havia motivo para que você não se encontrasse com ela.

– Fico me perguntando por que ela está aqui – Bunny disse ao fechar o

roupão e pegar um copo de suco de laranja. – Frieda disse que tem algo importante para discutir comigo. Normalmente, ela não é tão misteriosa assim, por isso imagino que seja algum contrato. Estou *rezando* para que seja um contrato!

Ao pegar o frasco de vitaminas ao lado da cama, Bunny olhou de relance para a fotografia que estava no meio da bagunça de lenços de papel, xarope para tosse, pastilhas para garganta e remédio para dormir. Era uma foto de Bunny com o pai, o industrial rico que estava pagando pela sua estada prolongada no Star's. A foto havia sido tirada há quatro anos, quando o senhor Kowalski levou a filha para um cruzeiro ao redor do mundo para comemorar o seu vigésimo primeiro aniversário. Estavam parados no deque do navio, sorrindo pouco à vontade para a lente, tentando parecer um pai e uma filha próximos e amorosos. Bunny estava relativamente magra na foto, porque estava recém-saída de uma dieta rígida em um spa muito caro, só mais um dos muitos em que ela passara a adolescência. Mas ela recuperou todo o peso, e talvez até tenha ganhado uns quilos a mais durante o cruzeiro.

E o pai não se mostrou nada satisfeito com isso.

Na verdade, desde que conseguia se lembrar, o pai de Bunny mostrava-se descontente com ela por um motivo ou por outro. Bernie Kowalski, o homem a quem ela nunca conseguia agradar, não importando o que ela fizesse. Às vezes, ele a fitava com uma expressão que parecia dizer: *Como alguém como eu, rico, sofisticado, poderoso, pôde produzir uma coisinha tão pobrezinha?*. Seu papel em *Crianças de novo*, embora elogiado pela crítica e bem recebido pelo público, envergonhara-o. Quando Bunny não levara o prêmio de melhor atriz coadjuvante, ele dissera que era uma coisa boa, porque, então, ela talvez recobrasse o juízo e desistisse desse insano sonho de Hollywood.

Mesmo quando era mais jovem, ela nunca conseguiu agradá-lo. Ele a encarava como se, de algum modo, ela o tivesse desapontado. Bunny, porém, não tinha culpa pelo modo como Deus a criara. Na escola sempre a chamaram de Pirralha, mesmo ela não sendo tão baixa assim, mas porque sua forma *sumarenta* fazia com que ela parecesse mais baixa do que era na verdade. No quinto ano, ela foi a primeira garota a ter seios. Mas todos diziam que foi sua aparência de bonequinha Kwepie que a tornou famosa no último filme, e que por isso deve ter recebido a nomeação.

– Pois muito bem, então você vai fazer carreira por ser gorda e atrapalhada? – questionou o pai quando ela lhe mostrou as críticas. – E quantos papéis como esse você acha que vão aparecer? Minha filha não vai se degradar aceitando os papéis

de esquisitonas que as atrizes decentes rejeitam.

Quando viu que Judith estava preparando-se para sair, Bunny disse:

– Deve ser divertido trabalhar aqui, doutora Isaacs – retardou-a, querendo ficar na companhia da médica um pouco mais. Bunny teve tão pouca companhia nos últimos meses que, às vezes, a solidão a fazia querer gritar.

– Não sei se a palavra *diversão* é a mais adequada – disse Judith com um sorriso, já com a mão na maçaneta. – Mas confesso que é interessante.

– Deve lidar com muitas pessoas superfamosas. O doutor Mitgang, o médico do resort anterior a você, me disse que muitos famosos vêm aqui para fazer cirurgias plásticas em segredo. Já viu algum deles? Como se sente com isso?

Judith pensou no senhor Smith. O que poderia dizer a Bunny? Que, por algum estranho motivo, uma parte física e íntima dela estava reagindo a ele, enquanto sua mente a mandava se afastar?

– Lamento, mas isso é algo que não posso comentar.

– Ah, sim, claro. Puxa, eu não gostaria se você falasse de mim para as pessoas.

Um tabloide estava na mesa de centro, e Bunny apontou para ele, dizendo:

– Sabe, só as pessoas na fila do caixa dos supermercados leem isso. Mas eu gosto de me atualizar sobre as fofocas do ramo. Eu estive em uma edição desse jornal, sabe... – Bunny disse, falando rápido para esconder o medo. Frieda já estava para chegar. Ficaria brava quando descobrisse que ela vinha guardando um segredo? Que, na verdade, vinha mentindo? E Bunny não conseguia nem imaginar como o pai reagiria quando descobrisse o que ela fizera.

– Eles publicaram um artigo a meu respeito quando recebi a indicação para o Oscar. Foi a respeito da dieta radical que fiz antes das filmagens. Perdi nove quilos em cinco semanas. Nada saudável, não? Um monte de mulheres escreveu para mim querendo saber o meu segredo. Mas tudo o que fiz foi morrer de fome. Literalmente. Nenhuma comida passou pelos meus lábios em 35 dias. E depois disso, fiquei doente. É a história da minha vida: morrer de fome e adoecer. Recuperei todo o peso depois que terminamos de filmar. – Bunny fez uma pausa, tentando pensar em algo para acrescentar, algo que retardasse a partida de Judith. Estava tão nervosa. – Existe alguma dieta específica a recomendar, doutora?

– Considero o programa da Starlite muito bom.

– É, eu como as refeições congeladas deles.

– Se tiver algum problema, é só me chamar – disse Judith, saindo em seguida.

Bunny fechou a porta e virou-se, dando uma olhada na suíte que ocupava no

último mês. O lugar havia sido decorado no que se chamava *grande estilo*. No quarto, que mais se parecia com um vestiário francês de senhoras do passado, havia uma cama de dossel com cortinas de algodão grosso e brilhante e uma colcha, travesseiros, almofadas e lençóis combinando, tudo em marfim salpicado com flores em tons pastéis. *O quarto de uma menininha*, Bunny concluiu. Cheio de rococós até nos abajures graciosos e nos laços das almofadas. As cortinas das janelas eram do mesmo rosa-claro que algumas das flores do dossel, o carpete era em um tom azulado que também aparecia no tecido. A sala era mobiliada com três namoradeiras de brocado azul e rosa, arranjadas ao redor da lareira, com uma mesinha de centro feita de madeira de bordo, cujos pés ornamentados repousavam sobre um tapete extravagantemente floral, digno de Maria Antonieta. Querubins roliços com abajures sobre as cabeças e retratos de pessoas com perucas brancas complementavam a decoração espetacular.

Aquela era a suíte que Bunny ocupava desde a sua chegada ao Star's. Mudou de quarto por enfado, e ela descobria a cada mudança que nenhum dos quartos do Star's era igual a outro. Uma pessoa podia se hospedar quantas vezes quisesse e nunca teria a mesma experiência repetida.

Estava na hora de se preparar para receber Frieda.

Ao abrir as torneiras em forma de cisne para encher a banheira, Bunny sentia-se tanto excitada quanto temerosa. Frieda certamente reagiria bem ante a sua novidade. Mas seu pai, a quem mais temia, era outra coisa. E ele tinha prometido vir buscá-la em alguns dias, levando-a para casa a tempo de passar o Natal. Sendo *casa* um apartamento em um complexo que havia se transformado em condomínio nos anos 1970, de quatro quartos estéreis em Century City, no trigésimo andar, onde Bernie Kowalski pendurara o chapéu quem sabe alguns dias no ano.

Com o vapor a envolvê-la, Bunny lembrou-se da última vez em que viu o pai – uma semana antes da cerimônia do Oscar, quando ela implorou para que ele a acompanhasse ao Auditório Shrine e ficasse com ela na plateia. Bernie Kowlski não quis tomar parte daquilo, acreditando que fazer filmes não fosse algo honesto, que atrizes não passavam de prostitutas. De certa forma, ela ficou contente por ele não ter ido, porque, no fim, acabou sem a estatueta; mais tarde, ela ficou ainda mais feliz por ele não ter ido à festa pós-entrega de prêmios com ela, onde as pessoas flanavam ao redor das atrizes magras e elegantes, mas ignoraram a fofa Bunny. Claro que Bunny não pretendia competir com convidados ilustres como Madonna e Michael Jackson, ou com qualquer um dos outros rostos que poderiam preencher cinco anos de edições da *National Enquirer*. E Bunny nem esperava ter

recebido o convite para tais festas, como a festança de Kevin Costner, a que diziam ser tão exclusiva, que os convidados tinham de telefonar após a premiação para saberem da localização secreta. Mas, afinal, *ela* recebeu uma indicação e uma crítica favorável – polegares erguidos tanto de Siskel quanto de Ebert –, portanto ela acreditava que um pouquinho de admiração se voltasse para seu lado. Mas não, ela ficou de lado, sozinha, empanturrando-se de canapés exclusivos de Wolfgang Puck sem nem sentir seu sabor, desejando estar em qualquer outro lugar – até mesmo com o pai – do que ali.

Frieda chegou enquanto Bunny terminava de se maquiar no banheiro.

– Pode entrar! – exclamou ela. – Está aberta!

Frieda entrou e parou ante a decoração agressiva, depois, ao fechar a porta, perguntou:

– Você está bem?

– Estou terminando de me arrumar. Sinta-se em casa.

– Minha casa nunca foi assim! Apresse-se, querida, temos de comemorar. Trouxe uma garrafa da sua bebida predileta: Mandarine Napoleon.

– Frieda, isso custa caro.

– Então vamos ficar bêbadas com algo caro!

– Afinal, do que se trata tudo isso?

– Vou esperar você sair daí – Frieda franziu a testa ao ver dois querubins despejando água sobre uma deusa em uma fonte. – Tenho uma surpresa para você.

– E *eu* tenho uma surpresa para você!

Frieda andou entre uma mesa coberta com uma toalha que chegava até o chão e um pedestal de mármore com um busto romano sobre ele. Aquela decoração era magnífica.

– Prontinho... – Bunny finalmente disse do quarto. – Aqui vou eu!

Bunny saiu do quarto, e Frieda virou-se para olhar.

– E então? O que me diz? – perguntou Bunny, dando um giro. Vestida em um vestido branco colado com alças finas e costas decotadas, Bunny parecia alta; a cintura era fina, os seios de tamanho médio, pernas delgadas, cabelos loiros longos, nariz empinado, queixo esculpido e lábios voluptuosos. Era Bunny, mas não era Bunny. A exuberância foi-se, toda a simplicidade tinha sido apagada; ela era o retrato do glamour sensual e arrasador. Ela se parecia, na verdade, com muitas outras atrizes em Hollywood. – O que acha? – perguntou animada, continuando a virar devagar para que Frieda observasse cada detalhe de meses de cirurgia plástica. – Fiz tudo o que tinha direito, mais até do que Cher, aposto!

Lipoaspiração, retirada de costelas e dos dentes molares. Ninguém mais vai poder me chamar de gorda e desajeitada. Nada de personagens cômicos e simpatiquinhos para mim! Bem, o que me diz, Frieda? Está surpresa?

E então ela se virou e se deparou com Frieda caída no chão, desmaiada.

19

O CORVETTE CONTORNAVA AS curvas sinuosas da estrada em alta velocidade, os pneus cantando no asfalto, o corpo azul metálico entrando e saindo nos círculos de luz dos postes de rua.

Hannah Scadudo segurou o volante em desespero, com o olhar fixo em cada curva fechada à frente. Conforme o Corvette mudava de pista, o corpo de Hannah preparava-se para o impacto que poderia acontecer a qualquer momento e esmagar a fibra frágil que formava o carro e a ela mesma junto. Corria contra o tempo, apressando-se para alcançá-lo e ultrapassá-lo como um cavalo fugitivo, segurando com as rédeas as horas e os dias que escapavam dela. Quatro dias, Philippa havia dito. Em quatro dias aconteceria uma importante reunião de diretoria com relatórios de todos os membros e um exame extensivo da contabilidade da empresa.

O que Philippa esperava encontrar? Por que, de fato, tinha regressado? Uma discrepância na contabilidade não significava necessariamente que um crime tivesse acontecido; poderia simplesmente significar a necessidade de uma auditoria e a execução de ajustes para consertar o erro. E aquela questão referente à Miranda Internacional, aquilo também poderia ter sido administrado da Austrália. E no que se referia à pretensa irmã em Palm Springs, Ivan já havia encontrado *irmãs* antes e Philippa nunca se apressou para investigá-las. Certamente não do outro lado do mundo. O retorno inesperado e não anunciado de Philippa só podia significar que ela suspeitava de algum tipo de trapaça na empresa, que alguém de dentro era traidor. O pé de Hannah afundou no pedal do acelerador. Quatro dias. Seria tempo suficiente?

Quando os enormes portões de ferro da propriedade em Bel Air subitamente foram relevados pelas luzes dos faróis, ela esticou a mão em direção ao para-sol e apertou o botão do controle infravermelho, apressando o carro esporte pelos portões antes mesmo de eles terem terminado de abrir, arranhando a porta do

passageiro. Ao chegar ao topo da longa entrada de carros e embicando na entrada rotatória diante da casa, ela pisou nos freios, fechou os olhos e apoiou a testa no volante.

Sentindo o coração galopar no peito, Hannah lembrou-se do que o doutor Freeman havia lhe dito depois de sua última avaliação física quanto a diminuir o ritmo, lembrando-a que a mãe dela, Jane Ryan, morrera aos 48 anos de ataque cardíaco, seis anos a menos do que a idade de Hannah. Mas Hannah não podia desacelerar agora; não havia tempo.

Philippa, *Philippa*, lamentava sua mente. *Por que você tinha de voltar* justo *agora?*

Hannah levantou a cabeça e olhou para a casa, uma mansão elegante de estilo mediterrâneo, construída nos anos 1940. Ela tinha dezesseis quartos, uma piscina interna, uma pista de boliche e valia oito milhões de dólares. Luzes natalinas de bom gosto reluziam nas janelas do andar de baixo; luzes prateadas piscavam nas árvores e arbustos emolduravam a impressionante entrada em arco. Era uma casa bonita, convidativa, mas Hannah não conseguia entrar. Ainda não. Tinha de se acalmar, de compor algo semelhante à normalidade; ou os outros poderiam desconfiar.

Será que Philippa suspeitava dela? Foi por isso que ela voltou de repente sem avisar ninguém? Hannah sentia-se traída. Charmie fez todos acreditarem que tinha ido para Ohio, como costumava fazer naquela época do ano, para passar o Natal com o filho e com a família dela. Em vez disso, foi sorrateira para a Austrália e trouxe Philippa de volta. O fato de Charmie não ter contado seus planos a Hannah, não confiar nela depois de quase trinta anos de completa partilha, sem segredos, magoava Hannah profundamente. Isso significava que Charmie e Philippa, suas melhores amigas, já não confiavam nela.

Enquanto estava no carro, tremendo mais de medo que de frio, percebeu que o que ela mais temia em Philippa descobrir a verdade era o que aquilo acarretaria à amizade delas.

Antes de sair do carro, Hannah rapidamente deu uma olhada em sua aparência no espelho retrovisor. Seu cabelo castanho muito curto estava perfeitamente no lugar, os grisalhos disfarçados por luzes; os pequenos brincos de argolas de ouro refletiam as luzes de Natal, fazendo-a parecer mais jovem do que os seus 54 anos – assim ela esperava. Mas o que Hannah procurava era o rosto prático de sempre. A situação era delicada demais agora, perigosa demais para arriscar-se a se denunciar.

Uma empregada a recebeu na porta de entrada:

– Boa noite, senhora – ela estendeu as mãos para receber o casaco e a bolsa de Hannah.

– Boa noite, Rita. O senhor Scadudo está em casa?

– Não, senhora.

– Encontre a senhorita Ralston e peça a ela que venha me encontrar na biblioteca, por favor.

A biblioteca era um cômodo com painéis escuros, de piso de ladrilhos espanhóis, móveis de couro e um candelabro de ferro com velas que lançavam luzes trêmulas nas peças de arte mexicana e pré-colombiana. Hannah foi direto para o bar e preparou um Bloody Mary bem forte.

A senhorita Ralston entrou, uma mulher muito eficiente, em seus sessenta e poucos anos, que nunca havia se casado. Já fazia quase dez anos que era secretária particular de Hannah; cuidava da agenda pessoal bastante atribulada dos Scadudo, e era recompensada com um salário generoso e um carro novo a cada dois anos.

– Boa noite, senhora Scadudo – a senhorita Ralston cumprimentou, apoiando uma prancheta, um bloco de notas amarelo e uma pilha de correspondência sobre o bar.

Há muito tempo Hannah tentara fazer com que as duas se tratassem de maneira informal, usando o primeiro nome, mas foi desejo da senhorita Ralston manter o relacionamento delas cerimonioso.

Quando Hannah levou o Bloody Mary aos lábios, percebeu que as mãos tremiam. Ficou imaginando se a secretária notara.

– A organização da festa vem transcorrendo muito bem, senhora Scadudo – relatou a senhorita Ralston, pegando uma caneta e consultando o bloco de notas. – O responsável pelo bufê veio de manhã, e depois de inspecionar a cozinha, disse que não haverá problemas com as sobremesas especiais que a senhora requisitou. Há espaço mais do que suficiente para a equipe dele trabalhar. Reconfirmei o pedido com a floricultura...

Enquanto a senhorita Ralston revisava os incontáveis detalhes da iminente festa natalina dos Scadudo, Hannah mal conseguia ficar parada. Estava ansiosa para subir e ficar sozinha para dar um telefonema. Um telefonema urgente, de vida ou morte.

– Quase todos confirmaram presença – prosseguiu a senhorita Ralston em seu tom eficiente. – Somente três casais disseram que não podem vir. Isso faz com que a lista de convidados fique em 175.

Hannah levantou o copo e surpreendeu-se em ver que ele já estava vazio. Esforçando-se para firmar as mãos, preparou outro, com um pouco mais de vodca dessa vez, e tentou não virá-lo em um só gole. Olhou rapidamente para o relógio.

Por que Philippa marcou a reunião em Palm Springs? O que havia de errado com o escritório da Starlite, tão perto e conveniente para todos? Ir a Palm Springs demandaria um dia de viagem; já que o trajeto era de pelo menos duas horas para ir e outras tantas para voltar.

Ela nos quer em terreno neutro, pensou Hannah. *Ela quer nos tirar da familiaridade e da segurança dos nossos escritórios, fazer-nos sair para onde não teremos vantagens. Ela quer ver se podemos sobreviver fora do nosso ambiente corporativo confortável.*

Hannah ficou chocada com seus pensamentos. Pareciam tão cínicos, tão severos. Mas não era isso o que a súbita aparição de Philippa em Los Angeles parecia? Como se todos da Starlite, seus amigos, fossem criminosos?

Ah, Deus, Hannah pensou ao secar o copo. *Faça com que seja apenas a situação com a Miranda Internacional a responsável por trazê-la de volta. Não permita que seja a outra coisa – não até que eu tenha cuidado daquilo*.

A senhorita Ralston prosseguia dizendo:

– A decoração especial da árvore de Natal que encomendou da Sacks está pronta, senhora Scadudo. E o pinheiro Ponderosa de 6,5 metros foi reservado para a manhã da festa.

Hannah parou de beber, percebendo que a secretária olhava para ela, à espera de uma resposta para uma pergunta que ela não tinha ouvido. Havia tanto a fazer – a festa de Natal, seus filhos e suas respectivas famílias vindo para as festividades, a surpresa especial a planejar para Alan...

Ela abaixou o copo num ímpeto e disse:

– Sim, está tudo perfeito, senhorita Ralston, obrigada. Vou subir por alguns minutos – consultou o relógio novamente. – O senhor Scadudo deve chegar logo – disse. – *E eu tenho de dar um telefonema antes disso* – pensou consigo. – Portanto, se não precisa de mim por enquanto...

Antes que a senhorita Ralston conseguisse dizer algo, Hannah saiu da biblioteca.

Ela subiu a grande escada em curva e seguiu pelo corredor que dava para a suíte principal, onde se certificou de fechar as grandes portas duplas atrás de si.

Acendeu as luzes e recostou-se contra as portas, tentando se acalmar. Estaria mesmo sentindo uma pressão no peito, ou seria apenas a sua imaginação?

Apressando-se pelo carpete fofo, apanhou o telefone que ficava na escrivaninha ornamental Luís XV e, com mãos trêmulas, discou. Percebendo que tinha discado o número errado, desligou e ligou novamente. Enquanto ouvia o telefone chamar, temeu não conseguir ouvir o que dissessem, visto que seu coração batia alto em seus ouvidos.

Então alguém atendeu o telefone.

Falando baixinho para que ninguém a ouvisse, ela disse:

– Precisamos fazer a transferência imediatamente. Philippa suspeita de algo. Ela voltou a L.A. E convocou uma reunião de diretoria. Ela vai olhar *tudo*. Por favor, precisamos cuidar disso o mais rápido possível, antes que ela descubra.

Ela ouviu a resposta. Em seguida, a linha ficou muda. Reprimindo um soluço de choro, desligou e olhou ao redor no quarto.

Não lhe pareceu estranho subitamente relembrar, após todos aqueles anos, em outro quarto, pertencente à outra casa, um quarto bem menor do que este, com uma cama de casal apertada, colcha de *chenille* barata, tapete puído no chão e uma cômoda de segunda mão que Alan mesmo reformara. Aquele quarto da mansão em Bel Air tinha uma imensa cama circular, com dossel de cetim caindo do chão como do tipo visto nos contos de fada. O carpete era tão alto que as passadas ficavam marcadas; a mobília era toda importada, feita sob encomenda. Não havia comparação entre aquele quarto menor e desanimador de anos antes e essa suíte que poderia receber uma realeza. E ainda assim Hannah desejava estar naquele outro.

Enquanto lágrimas queimavam em seus olhos, Hannah pensou que nunca havia se sentido tão impotente, tão encurralada. Em quatro dias a diretoria seria reunida e os registros da empresa seriam examinados. E cada membro, inclusive Hannah e seu marido, teriam de estar preparados para dar satisfações.

O pânico ameaçou tomar conta dela de novo, incitando-a a atravessar o quarto em direção a um quadro impressionista que estava pendurado em uma moldura dourada. Empurrando-o de lado e iluminando um pequeno cofre de parede escondido atrás dele, Hannah rapidamente girou a combinação, fazendo diversas tentativas até acertar. Quando o cofre se abriu, ela tirou uma caixa de metal trancada, uma pequena pasta de couro com fivelas de metal, embrulhos com envelopes presos por uma fita e, por fim, bem do fundo do cofre, uma pasta de couro verde-escuro, tão bem lustrada que ela pôde ver seu reflexo nela.

Ela foi para a cama e esvaziou o conteúdo da pasta sobre a colcha de cetim. Era uma pilha de cautelas de ações em várias cores, cada uma denotando um

diferente valor de face. As mais valiosas, as cautelas prateadas, valiam mil quotas cada. Hannah espalhou-as para poder visualizar seu nome em cada uma delas. Estavam todas datadas e assinadas, as primeiras tinham mais de mais de vinte anos. Todas juntas totalizavam 100 mil quotas das Indústrias Starlite.

As pessoas já não ficavam com as cautelas, claro, mas Hannah gostava das suas, que representavam somente uma porção de sua parte da corporação, porque aquelas eram especiais. Eram presentes de tantos anos, dadas por seu marido em seus aniversários e aniversários de casamento; as cautelas de mil quotas vieram de Philippa. Combinadas, elas não se tratavam apenas de dinheiro ou de uma parcela da empresa que valia centenas de milhões; para Hannah, elas simbolizavam uma parte importante da sua vida, talvez a mais importante. E agora ela teria de abrir mão delas.

Sentia quase como se estivesse vendendo um filho.

Como as coisas chegaram a este ponto?, pensou infeliz, lembrando-se do quartinho rústico no Vale San Fernando, onde ela e Alan passaram tantas noites arrebatadoras fazendo amor. Desejou voltar para lá, na cama de segunda mão que rangia, deitados um nos braços do outro, perguntando-se de onde viria o dinheiro para pagar a parcela seguinte da hipoteca. Hannah pensou que daria qualquer coisa – a casa em Bel Air, as criadas, até seu precioso Corvette – para desfazer a confusão em que estava metida.

Mas não havia como voltar. O desastre que vinha fervilhando estava para estourar, e ela se sentia impotente para impedir isso.

Quando o telefone tocou, ela deu um salto. Olhou para o aparelho por um instante. Seria possível que...?

Correu para atender.

– Alô?

– Oi, mãe! – disse uma voz alegre. Era a filha mais jovem, Jackie, ligando da universidade.

Hannah forçou-se a parecer alegre.

– Jackie, meu bem, que bom que ligou. Está tudo bem?

– Está tudo ótimo, mãe! Vincent e eu decidimos nos casar.

– Ah... que maravilha... – Hannah pousou uma mão no peito. Seu coração estremeceu por um instante, depois voltou ao ritmo normal.

– Quero o casamento para junho, no jardim, e ele tem de ser absolutamente o maior casamento que o mundo já viu! – informou Jackie. – Esther vai ser a madrinha principal e quatro das minhas amigas da irmandade serão as outras

damas de honra, além de Sue e de Polly. E adivinhe! Os pais de Vincent vão nos dar uma viagem ao sul da França como presente de casamento! Eles têm uma mansão lá, e Vincent e eu pensamos que...

Enquanto ouvia o discurso animado de Jackie, os olhos de Hannah viajaram pela coletânea de fotos nos diversos porta-retratos sobre a escrivaninha, sobre a cômoda, e o criado-mudo. A maioria trazia fotos dos filhos: quando eram bebês, ou começando na escola, usando fantasias de Halloween, completando o ensino fundamental, o ensino médio e finalmente a faculdade. Mas também havia fotos mais antigas, de uma Hannah muito jovem, timidamente de mãos dadas com Alan, o amor reluzindo nos olhos dos dois. No seu criado-mudo, havia um retrato de Alan, tirado há apenas dois anos, com uma dedicatória que dizia: “Para Hannah, meu amor hoje e sempre”. E, por fim, havia uma foto em preto e branco de três moças doidas fazendo caretas para a câmera – Hannah, Charmie e Philippa –, em seus vinte e poucos anos, desesperadas, sem um tostão, e lutando, mas cheias de esperanças. Hannah sempre pensou em Philippa como sendo a cola que as unia.

Aindaa ouvindo o falatório da filha pelo telefone, olhou para as fotos e soube que lutaria para acertar tudo novamente. Nunca fora do tipo que faz as coisas do modo mais fácil só para fazer logo; era isso o que tinha feito de Hannah, Philippa e Charmie amigas inseparáveis desde o começo. Todas estiveram determinadas a superar suas falhas e dominar o mundo. Mas aquela luta era mais do que só salvar a amizade das outras duas. Também seria por Alan e pelos seus filhos, para que eles continuassem a sentir orgulho dela. Hannah um dia ouviu a filha dizer para as amigas: “Minha mãe é a maior designer de roupas que já existiu. Ela foi a primeira a dar a oportunidade às mulheres maiores de usarem cores vibrantes e estampas audaciosas. Ela as liberou das cores escuras e das roupas largas.”. Hannah não queria destruir isso.

Assustou-se de repente quando, ao olhar para os seus objetos preciosos espalhados pelo quarto, eles começaram a desaparecer, um a um: uma fotografia da cômoda, o conjunto de canetas da escrivaninha, o abridor de cartas de cabo de ametista. Uma piscada e um objeto sumia. Os objetos da sua vida, as coisas que a tornavam Hannah Scadudo, desaparecendo uma depois da outra, como se estivesse presa em um episódio de *Além da imaginação*. Esfregou os olhos e olhou novamente. Tudo estava ali ainda, como antes; era apenas seu medo e sua imaginação lançando aquelas preciosas recordações para o vácuo. Sua vida lentamente desvanecendo até que tudo desaparecesse e o mundo continuasse como se ela nunca tivesse existido.

– Bem, tenho de ir, mãe! – disse Jackie, lembrando Hannah que ela estava parada de pé com o telefone ao ouvido. – Vão fazer um churrasco imenso na praia. E nadar à noite, para aqueles que tiverem coragem! – Jackie estudava Biologia Marinha na Universidade da Califórnia em Santa Barbara. – Tchau. Vejo você daqui a poucos dias.

Ao desligar o telefone, Hannah tentou se animar com a novidade da filha. Jackie, a última dos seus filhos, finalmente se casaria. Completava o retrato perfeito. E, sim, eles ofereceriam o maior e mais sensacional casamento que o mundo, ou pelo menos Bel Air, já vira. Nada poderia estragar a ocasião para Jackie. Nada.

Quando Hannah ouviu a campainha no andar de baixo, sinal de que um carro passava pelos portões, ela se apressou para a janela, afastou as cortinas, e suspendeu a respiração ao observar o longo caminho de carros que subia dos portões. Após um momento, ela viu a luz dos faróis surgir de trás das árvores, iluminando os tijolos vermelhos que pavimentavam o caminho, e depois viu o para-choque brilhante da Mercedes de Alan. Ela voltou correndo para a cama e juntou freneticamente as cautelas das ações.

Apressou-se para o cofre e derrubou metade delas, tendo de abaixar-se para empilhá-las e enfiá-las de qualquer jeito. *Alan não pode saber; não pode*. Ela ouviu a porta da frente, vozes abafadas.

– Boa noite, Rita. A senhora Scadudo já chegou?

Em seguida, passos pela cerâmica branca e preta do vestíbulo.

Ela enfiou o restante das cautelas no cofre e freneticamente colocou todo o resto dentro. Não cabia. Tirou tudo de novo e tentou mais uma vez – a caixa de metal, a pasta de couro, os envelopes presos com uma fita.

Visualizou Alan vindo pelo corredor, aproximando-se das portas da suíte principal. Desajeitada, deixou coisas caírem. Olhou para as portas. Imaginou a mão dele esticando-se para a maçaneta. Finalmente, tudo coube. Bateu a porta do cofre, girou a trava e recolocou o quadro no lugar.

A porta do quarto se abriu.

– Aí está você, meu bem – Alan disse com um sorriso no rosto.

Ela se virou.

– Alan!

– Desculpe – disse ele, com o sorriso se franzindo. – Não quis assustá-la. Pensei que tivesse me ouvido chegar com o carro.

– Eu... Eu estava indo tomar banho – disse ela, afastando-se rapidamente da

parede.

Os olhos de Alan detiveram-se no quadro, que parecia ligeiramente torto. Depois olhou para a colcha, que parecia desarrumada.

– Está tudo bem, Hannah? – perguntou ele, entrando e fechando a porta. – Você está um pouco pálida.

– Estou bem – disse, indo para o banheiro e acendendo a luz. – É que foi um... Um choque ver Philippa hoje. Eu não a esperava, e você?

– Não, também não. Mas ela tinha de voltar um dia ou outro. Eu sabia que ela não ficaria enterrada na Austrália para sempre. Querida, você tem certeza de que está bem?

Ela passou a cabeça pela porta do banheiro e lhe lançou um sorriso radiante.

– Claro que estou bem! Mas vamos nos atrasar. Temos de ir para o aeroporto. Eu bem que queria que você não tivesse de correr para a América do Sul hoje à noite. Temos uma coisa para comemorar! Jackie telefonou com uma novidade maravilhosa! – disse e voltou a desaparecer no banheiro.

– O que tem a Jackie? – Alan perguntou, mas a voz dele saiu abafada pelo som da água corrente.

Ele deixou o jornal e a pasta na cama desarrumada e foi para perto do quadro. Avaliou-o por um instante, depois esticou a mão para endireitá-lo. Hannah aproximou-se por trás subitamente e passou os braços ao seu redor, apoiando a cabeça em suas costas e dizendo:

– Eu te amo, Alan. Eu te amo tanto.

– Ei – ele disse, rindo com suavidade ao se virar para abraçá-la. – Para que isso?

– Eu sou tão feliz com você – murmurou ela ao encontro do pescoço dele. – Temos uma vida tão boa juntos. Vou sentir saudades enquanto você estiver no Rio. Vai sentir minha falta?

– Sabe que sim.

– Você me ama, Alan, ama mesmo?

– Claro que eu amo, meu bem.

Ela o abraçou com força, fechou os olhos e pensou: *Não posso perder o amor de Alan, não posso perdê-lo. Se eu perder, não vou querer viver. Não depois de tudo pelo que passamos juntos, depois de todos esses anos.*

20

Vale San Fernando, Califórnia, 1959

HANNAH RYAN ACHAVA QUE o modo como os fundilhos da calça de Alan Scadudo se moldavam no traseiro dele era positivamente obsceno.

E adorava isso.

Ela tinha acabado de chegar de uma chuva torrencial, estava encharcada e pingando, trazendo o pedido de almoço da lanchonete Baumgartner. Não teve de ir longe – em dias ensolarados, o trajeto entre a Halliwell e Katz até a Baumgartner no Bulevar Ventura levava normalmente três minutos, mas em uma das raras tempestades do sul da Califórnia, parecia levar uma eternidade. Apressou-se pelo corredor entre as doze mesas de corretores, que estavam dispostas de frente para o quadro da Dow Jones, com os sapatos chiando dentro das galochas ao distribuir os sanduíches. Pegou o dinheiro conforme seguia, deparando-se com um problema ao se aproximar do senhor Driscoll. Ele, que havia encomendado rosbife quente em pão de centeio, olhou para o sanduíche com desconfiança, comentando que estava frio. Quando disse que não tinha troco e que "depois falaria com ela", ela continuou parada com a mão esticada, com água escorrendo pela manga da capa de chuva e pingando na edição do *Wall Street Journal*. No fim, ele enfiou a mão no bolso, contou o troco exato, e colocou com força na palma gelada.

E agora ela estava diante da mesa do senhor Scadudo, onde ele estava de pé com o que a jovem Hannah de 21 anos considerava o lindo franzir de um homem no rosto, lendo uma folha impressa que acabara de sair do teletipo. Estava secretamente apaixonada pelo senhor Scadudo, que estudava para obter o seu CPA[1].

– Aqui está – disse ela, entregando-lhe o sanduíche de tomate, cebola e queijo em uma baguete, com maionese extra, embrulhado em papel vegetal. – Quarenta e dois centavos, por favor.

– Obrigado – disse ele, sem olhar para ela nem pegar o sanduíche. Ela o deixou no meio da confusão da mesa dele, que estava tomada de confirmações de lançamentos e lucros. – Jesus! – ele exclamou. – A Petroquímica Internacional anunciou um desdobramento de ações de 2 por 1. Eu sabia!

Ele pôs a mão no bolso sem prestar atenção, contou as moedas e deixou cair na mão esticada dela. Quando o dinheiro, ainda quente devido ao lugar em que estava até a pouco, caiu na palma de Hannah, o desejo subiu-lhe até as orelhas e pulsou ali por alguns segundos, depois voltou a se depositar em sua barriga, onde latejava como um motor bem ajustado toda vez que estava próxima ao senhor Scadudo. Poderia ficar ali por toda a eternidade, inalando a colônia Old Spice, mas tinha outros lanches para entregar.

Ao regressar finalmente à sala dos fundos, onde desejava se aquecer e se secar, passou pela gaiola do caixa e viu a senhora Faulkner, a supervisora do escritório, conversando com uma jovem que dizia:

– É tudo tão excitante para mim! Não sei absolutamente *nada* sobre o mercado de ações!

E Hannah concluiu que devia ser uma cliente nova, já que cuidar das contas novas era uma das tarefas da senhora Faulkner.

Na sala de descanso, Hannah tirou a capa de chuva, as galochas e os sapatos e pegou uma toalha do banheiro feminino. Enquanto secava o cabelo curto castanho, mal conseguia conter a excitação. Depois do trabalho, ela tinha uma reunião com o conselheiro da Academia de Arte Greer em Glendale, uma escola pequena, mas de prestígio, que tinha um departamento de moda muito conceituado. O curso era caro, e nem Hannah, nem os pais dela, com quem ela ainda morava, poderiam pagar pela mensalidade, mas Hannah solicitara uma bolsa de estudos que, se ela recebesse, cobriria metade dos custos. O conselheiro havia telefonado na noite anterior para lhe dar boas-novas: a bolsa de estudos era sua! A reunião daquela tarde seria para preencher a papelada e para planejar uma grade horária que permitisse a Hannah continuar trabalhando na Halliwell e Katz, pois ela ainda tinha de conseguir o restante da mensalidade, motivo pelo qual insistiu para que o senhor Driscoll pagasse pelo sanduíche. Cada centavo ganho ia direto para uma poupança cuidadosamente monitorada. Hannah não tinha dormido muito bem, tamanha a sua excitação. Desde que era apenas uma garotinha, sonhava em ser designer de moda, mas não apenas para mulheres em geral. Ela queria desenhar roupas para mulheres com sobrepeso.

A própria Hannah era obesa; e era assim desde que conseguia se lembrar.

Enquanto por parte de mãe era francesa e possivelmente nativo-americana, o lado do pai era puramente irlandês, e muitos dos seus parentes eram imigrantes vindos direto da guerra, e o racionamento do velho continente ainda era uma lembrança recente. Ali, nos Estados Unidos, onde a comida era abundante, se você não se empanturrasse nas grandes reuniões familiares, você era considerado mal-agradecido, e as crianças eram avisadas de que deveriam comer até quase explodirem. Hannah não se lembrava de um dia ter sido magra; a mãe dela era gorda, bem como as tias e as primas, e a única coisa que todas elas tinham em comum era a dificuldade para encontrar roupas. Havia apenas a loja *Sobrepeso da Mônica* na Sherman Way, onde as roupas eram deselegantes e havia uma seleção medíocre.

Mas Hannah tinha um sonho. Havia uma enorme demanda por aí, e ela iria atendê-la. Tendo aprendido a costurar desde a escola primária e sendo autodidata no que se referia a tecidos, descobrindo quais vestiam bem, quais enalteciam, ela fazia roupas para si e para suas parentas, todas declarando que Hannah tinha um dom. No entanto, ela precisava ir além – precisava de um treinamento mais vasto. E a Greer oferecia isso.

O único obstáculo era o dinheiro. Por mais que a sua família não fosse pobre, eles só conseguiam sustentar a faculdade dos irmãos dela, e mesmo a bolsa de estudos da Greer e as suas economias não bastariam. Mas os problemas financeiros de Hannah estavam para acabar. E era aquilo que ela informaria ao conselheiro naquela tarde, para se certificar de que nada impedisse que eles a aceitassem.

Quando o cabelo secou, Hannah inspecionou-se no espelho. Enquanto avaliava as feições vagamente indígenas e os ossos molares pronunciados com os quais as pessoas diziam que ela seria bonita se não fosse tão gorda, Madeline entrou para ajeitar a maquiagem.

Madeline era a secretária particular do senhor Katz, detentora do cargo que Hannah havia solicitado há dois anos e que não conseguira porque lhe disseram que era jovem e inexperiente demais, tendo apenas dezenove anos e saído do ensino médio apenas um ano antes. Contudo, quando lhe ofereceram uma função *menor*, trabalhando no que eles chamavam de *gaiola* como assistente geral, por duzentos dólares ao mês, com a possibilidade de um dia ser promovida para o cargo de secretária, ela aceitou. Desde então, o posto cobiçado de trabalhar para o senhor Katz foi de quatro diferentes mulheres, sendo Madeline a mais recente. Todas as vezes, Hannah fora passada para trás porque o senhor Katz precisava de uma secretária mais experiente.

E agora Madeline estava indo embora. Hannah não fingiu lamentar ver a bela loira ir embora, porque agora o emprego seria seu; aquela seria sua passagem para entrar na Greer.

A porta da sala de descanso abriu-se e, por um instante, ela foi tomada pelo barulho do teletipo e por um grito do senhor Driscoll:

– Ai, ai! Lá vai a Kodak de novo!

A senhora Faulkner entrou e quando ela fechou a porta a sala voltou a ficar silenciosa.

– Mais um dia de gritaria, senhoras... – disse ela ao se largar em um dos sofás, ajeitando a bolsa e o saco com o almoço ao seu lado. – Aposto como serão 20 milhões até o fim do dia.

– Ah, não... isso significa trabalho extra para confirmar as compras – disse Hannah.

Ardeth Faulkner abriu o saco do almoço, retirando um enorme sanduíche de carne assada, batatinhas fritas e uma barra de chocolate e disse:

– Vi o modo como fez Driscoll pagar pelo sanduíche. Bem feito. Ele está sempre tentando passar a perna nas pessoas. Muquirana maldito...

– O dinheiro era meu – disse Hannah ao abrir a geladeira e tirar o queijo *cottage* e um refrigerante diet que tinha levado para almoçar. – Não posso bancar o almoço de um homem que ganha dez vezes mais do que eu.

– Você quer mesmo ir para aquela escola de moda, não quer?

– Ah! Não consigo pensar em nada mais que eu gostaria de fazer! – disse Hannah com animação, servindo-se. – E vou ver meu conselheiro hoje à tarde!

A porta da sala abriu-se novamente, e Alan Scadudo, o assistente de corretor por quem Hannah morria de desejo, entrou.

– Ufa! – disse ao se encaminhar para a cafeteira e encher um copo descartável. – Quanto trabalho hoje. Vamos todos ter de trabalhar até mais tarde.

– Não me importo, o dinheiro vem a calhar – disse Hannah.

Ao acrescentar creme ao café, ele se virou: um jovem de fala suave, com óculos e cabelos espessos, olhos castanhos simpáticos e o tipo de caráter que fazia as pessoas acreditarem que ele acolhia animais de rua. Ele era baixinho, mas isso não incomodava Hannah.

– É, pode ser, mas *eu* não quero trabalhar até tarde – disse ele.

Quando ele disse aquilo, o coração de Hannah encheu-se e doeu. *Ele tem um encontro*, deduziu. *Ele vai sair com alguém*.

Pouco antes de sair, ele parou e olhou para Madeline de alto a baixo, e

Hannah não deixou de perceber. O que a fez se sentir ainda pior. Tire um vestido de um cabide e o coloque em Madeline e ele ainda pareceria estar em um cabide. O senhor Scadudo obviamente apreciava mulheres magras.

Depois que ele se foi, Ardeth disse para Hannah:

– Está caída por ele mesmo, não está?

– É tão óbvio?

– Só para mim – quando ela viu Madeline olhando-se no espelho, sem dizer nada, Ardeth olhou para Hannah. Trocaram um olhar, depois o desviaram, subitamente embaraçadas por elas e por Madeline.

A secretária do senhor Katz estava deixando Halliwell e Katz em desgraça. Na verdade, tinha sido demitida.

– Ela tem... Você sabe o que aconteceu com ela – a senhora Faulkner lhe disse, puxando Hannah para um canto alguns dias atrás. E, quando Hannah disse que não sabia, Arden sussurrou:

– Está grávida! – e Madeline não era casada. – Somos uma empresa respeitável – a sexagenária Ardeth acrescentou com uma fungada virtuosa.

Madeline por fim afastou-se do espelho, olhou primeiro para Hannah, depois para a senhora Faulkner, parou como se fosse dizer algo, depois saiu em silêncio.

Hannah comeu o queijo *cottage* devagar, tomando goles do refrigerante de vez em quando, depois disse:

– A propósito, quando é o último dia de Madeline? – o conselheiro da faculdade haveria de perguntar a partir de quando aumentaria o salário de Hannah.

Ardeth descascou um ovo cozido com cuidado, mantendo o olhar cravado no ovo em vez de em Hannah.

– O senhor Katz lhe deu um mês de aviso prévio.

– Bem, eu já estou pronta! – disse Hannah, calculando que em três semanas seu salário dobraria.

A princípio Hannan não notou que a mulher de mais idade evitou olhar para ela. Só quando ela pareceu prestar atenção desmedida para o sanduíche de carne foi que Hannah pressentiu que havia algo errado. Ela esperou, e Ardeth por fim olhou para ela e disse:

– Sinto muito, Hannah, mas você não vai conseguir esse emprego.

Hannah a encarou.

– Como assim?

– O que quero dizer é que já contratei uma substituta – disse a senhora Faulkner, pondo sal no ovo. – Você a viu. A jovem que estava comigo à minha

mesa há pouco.

– Está se referindo àquela que disse que não sabia nada sobre a bolsa de valores? Pensei que ela fosse uma correntista nova! Como pode contratá-la em vez de me promover? Por certo não pode me dizer que ela tem mais experiência do que eu! Ardeth, esse cargo é meu!

– Eu sei – a mulher concordou, parecendo triste. – É só que o senhor Katz...

– Ardeth, você se lembra quando fiquei no lugar de Madeline porque ela se ausentou por duas semanas por estar doente e como o senhor Katz elogiou minha eficiência? Lembra-se de que descobri como Madeline era descuidada com os arquivos e que as cartas dela estavam cheias de erro? Ardeth, ela mal sabe taquigrafia! O senhor Katz ficou tão impressionado comigo que chegou a me dizer isso. Ele deve querer que eu fique com o cargo dela.

Ardeth ficou encarando o sanduíche como se, de repente, ele tivesse estragado, então, de repente, embrulhou-o no papel manteiga, colocou-o de volta no saco pardo e encarou Hannah.

– Escute bem, quero que saiba que não tenho nada a ver com isso. Sei que você trabalha bem e que está sendo desperdiçada como auxiliar. Mas a verdade é que o senhor Katz me disse que não quer que você seja a secretária dele.

– Não me quer! Mas por quê?

Ardeth tentou encontrar o melhor modo de contar, mas acabou dizendo:

– Ele disse... Ele acha que você é gorda demais.

Hannah a encarou.

– Sinto muito – disse Ardeth. – Sinto mesmo. Se dependesse de mim...

– Mas você não disse a ele que as minhas qualificações deveriam importar mais do que o meu peso? Não lhe disse que aquele emprego é *meu*? Está querendo me dizer que fiz essas tarefas que ninguém quis fazer, que estudei o mercado de ações, para ser recompensada assim?

– Hannah, isso é tão sofrido para eu dizer quanto para você ouvir...

– Não, não é! Ardeth, eu preciso desse dinheiro!

– Preste atenção. Você não conseguiu o emprego há dois anos por causa do seu peso. A primeira garota, aquela com quem você competia pela vaga, não foi nem um pouco bem nos testes comparando com você, mas o senhor Katz gostou da aparência dela. Ele disse que não queria uma secretária gorda.

Hannah recostou-se em estado de choque. Contraiu os lábios e esforçou-se para não chorar.

– Ele disse isso? – sussurrou. – O senhor Katz disse *isso mesmo*? Todos

acham isso, os corretores, todos no escritório? Todos eles me veem como uma garota gorda? – perguntou, subitamente olhando em retrospecto e entendendo coisas que não percebia antes: as entrevistas que fez, não receber nenhuma oferta de emprego; o entrevistador que perguntou quanto ela pesava, fazendo uma anotação na margem do papel; o senhor Driscoll acusando-a em um tom brincalhão de ter comido a caixa inteira de *donuts*, sendo que Hannah não havia comido nem mesmo um; e, finalmente, o senhor Reardon tentando convencer um cliente a comprar algumas ações, o homem perguntando "Mas é um bom investimento" e Reardon respondendo "Garotas gordas transam?".

– É assim que todos me veem, Ardeth? – perguntou em um fio de voz. – Eles olham para mim e veem uma garota gorda? Não veem quem eu sou, não *me* veem?

– Hannah, a secretária do senhor Katz lida com clientes importantes, ela é a primeira pessoa que eles veem, ela representa a empresa para o público, a aparência dela é importante – disse Ardeth, tentando parecer razoável.

– O que eu sou? Não passo as minhas roupas? Eu cheiro mal? Pelo amor de Deus, Ardeth, eu me importo com a minha aparência, sempre presto atenção ao que visto! Eu mesma faço as minhas roupas. Você mesma vive elogiando o modo como me visto – o queixo dela estremeceu. Nunca antes havia se sentido tão humilhado. – Ardeth, você age como se concordasse com ele!

– Não, Hannah. Sinceramente, não concordo. Mas, se você ao menos perdesse um pouco de peso...

– Perder peso! Você já foi gorda? Como pode saber como é? Se nunca teve de perder peso na vida, como *pode saber*?

Ardeth não tinha como responder. Era verdade que sempre foi magra e nunca teve de se atentar ao que comia; ela simplesmente deduzia que as pessoas eram gordas porque comiam demais.

– Ardeth, sou obesa desde criança. Meus pais são obesos. Sei muito bem que não como tanto quanto você come. Basta comparar o seu almoço com o meu.

– Desculpe, Hannah – disse Ardeth, desejando que o senhor Katz não a tivesse colocado naquela difícil posição.

– Me diga uma coisa: todos olham para mim e me veem como a garota gorda?. *Ah, Deus, o senhor Scadudo...*

– Deixe-me lhe dar um conselho, Hannah – disse Ardeth com firmeza e uma ponta de impaciência. – Primeiro, se quer vencer na vida, vai ter de perder um pouco de peso. A vida é assim. Segundo, tenho de ser sincera com você, se quer mesmo ser designer de moda, tem de entender que ninguém vai levar uma designer

gorda a sério. O que acha? Que vão? – concluiu com a boca cheia, depois de cravar os dentes no ovo cozido.

As mulheres estavam sentadas em cadeiras plásticas que pareciam frágeis demais para suportar o peso delas, ocupando-se com revistas e tricô, tentando disfarçar que estavam na sala de espera da Clínica de Obesidade Tarzana. Enquanto passava seus dados à recepcionista, Philippa olhava para as demais pacientes, eram oito, que variavam em idade, desde os vinte, como ela própria, até uma que ela estimava ter uns setenta. Todas obesas, algumas muito obesas. E perguntou-se o que cada uma delas havia tentado antes de ir para lá, para aquele lugar que seria a última tentativa.

Desde o ano em que perdera o bebê e decidira mudar de imagem, Philippa tentou diversas dietas de emagrecimento populares. A primeira veio de uma revista, "garantia de sucesso desde que seguida ao pé da letra". Ela começava o dia com meia toranja, uma porção de morangos e um copo de leite desnatado. No meio da manhã, Philippa tremia tanto e se sentia tão tonta, com uma camada de suor a cobrir-lhe o corpo, que já comia o almoço, consistindo de queijo *cottage* e meio pêssego. Ao meio-dia voltava a ficar trêmula e tão fraca que mal conseguia ficar de pé. Visto que seu almoço já se fora, era forçada a comer, pondo um fim na dieta.

Depois comprou o best-seller *Calorias não engordam*, do médico Herman Taller. Os alimentos necessários naquela dieta eram ricos em gordura: bifes e carne moída, bacon, sardinhas e atum conservado em óleo, fatias de queijo, ovos e manteiga para fritá-los. Além disso, ela tinha de tomar duas colheres de óleo vegetal antes de cada refeição. A dieta requeria que 65% da comida consistisse em gordura, o que equivalia a 220 gramas de carne no almoço e 340 gramas de carne no jantar, com batatas e ovos fritos e as colheradas de óleo vegetal. A dieta a deixava enjoada; ela desistiu. Até tentou o truque do suco de limão, mas isso só lhe provocou acidez no estômago. Laxativos eram outra solução popular, um experimento que durou somente meio dia. A dieta de ovos e toranjas mostrou-se tão entediante que ela a abandonou depois de uma semana. Depois disso ela simplesmente se restringiu a consumir 500 calorias por dia e quase desmaiou no trabalho. E agora, depois de quase um ano da morte de Rhys e da perda do bebê, depois de meses tentando emagrecer, ela pesava dois quilos e meio a mais. Em desespero, resolveu seguir o conselho da senhora Chadwick e procurar ajuda profissional. Infelizmente, a única ajuda disponível era a dos médicos particulares, que cobravam honorários enormes.

Ao se acomodar em uma das cadeiras para esperar ser chamada, Philippa olhou ao redor e perguntou-se a respeito das outras mulheres, quais seriam as histórias delas, o que as tinha motivado a ir até aquele lugar? A mulher com as lastimáveis calças roxas e blusa de botões e sem mangas, por exemplo – estaria ali porque o marido havia se cansado dela? A moça com a saia que não lhe favorecia e blusa amarela – estaria ela diante de um reencontro da turma da escola? Philippa tentou não encará-las, mas a curiosidade a impulsionava a furtivamente estudar suas expressões enquanto fingia ler uma revista. E em todos os rostos ela viu uma expressão em comum: o olhar de rejeição que acompanha a baixa autoestima. Que infelicidades a levaram para lá?

A cena tinha quase um toque de surreal. No mundo real, na farmácia Cut-Cost, por exemplo, onde ela ainda trabalhava, ou na faculdade West Hollywood Junior College, onde frequentava as últimas aulas noturnas para obter um diploma, as pessoas eram tão diferentes, que se misturavam. Na aula de Ciência Política, por exemplo, havia algumas pessoas de mais idade, alguns jovens que tinham abandonado a escola, hispânicos, alguns muitos obesos, outros muito magros e uma mulher muito baixinha – uma multidão, o verdadeiro equalizador. Mas ali, em uma sala pequena onde oito mulheres sentavam-se constrangidas, como se estivessem esperando por uma audição de cinema para um papel de uma mulher gorda, o efeito era chocante, para dizer o mínimo.

O ar na sala de espera parecia carregado de desculpas, oito mulheres gerando um único pensamento: *Desculpe por eu ser uma coisa tão feia de se olhar*. Elas pareciam se sentar com o olhar baixo e os ombros pensos que diziam: *Eu me odeio*. Isso fez com que Philippa pensasse em Mouse, a menininha mal-desenvolvida que quase se cegara em uma tentativa desesperada de se tornar “normal”. Mouse tinha lançado o mesmo sinal, um pedido de desculpas por ser o que era.

Philippa observou fascinada enquanto uma mulher muito larga, em um vestido verde abacate nada atraente, fazia com selvageria uma enorme túnica ali mesmo, criando uma estampa em zigue-zague laranja e marrom com tamanho zelo nervoso que as agulhas azuis não passavam de um borrão. Outra mulher terminava a última das três barras do doce Musketeers, e, quando ela abriu a bolsa para guardar a embalagem usada, Philippa viu outras embalagens. Eram o resultado de uma semana, Philippa perguntou-se, ou apenas de uma única manhã?

Subitamente, entristeceu-se por todas elas. Queria dizer alguma coisa, acabar com qualquer processo inexorável que estivesse em andamento naquela sala de

espera. Contudo, ela não fazia ideia do que dizer. E lhe ocorreu que aquelas mulheres estivessem, de alguma forma, condenadas, assim como Rhys estivera, arremessando-se na direção de alguma forma grotesca e sutil de autodestruição, e sua ansiedade aumentou.

Naquele instante, a porta do consultório abriu-se e uma moça saiu, praticamente correndo. Seu rosto queimava e seus olhos lançavam chispas de fogo. Quando ela bateu a bolsa no balcão da recepcionista, todas levantaram o olhar, assustadas. Uma conversa acalorada desenrolou-se entre ela e a recepcionista.

– Não foi esse preço que me passou pelo telefone!

A recepcionista, envergonhada, tentou dizer em um tom baixo:

– Existe um valor adicional pelos cardápios semanais.

– Mas o médico não fez *nada*! Nenhum exame. Ele nem mesmo mediu a minha pressão! Mal me olhou no rosto e não quis responder às minhas perguntas. Pelo amor de Deus, fiquei menos de dez minutos ali dentro!

– Lamento, senhorita Ryan, mas...

– E, além disso, tenho de pagar pela passagem de ônibus porque moro em Woodland Hills. Ida e volta! Não posso pagar por isso! – enquanto remexia na carteira com mãos trêmulas, a bolsa caiu. Batom, lápis de olhos, pó compacto, um pacote de balas e uma quantidade absurda de moedas de um centavo esparramaram-se em todas as direções. Enquanto Philippa, que estava sentada próxima ao balcão da recepcionista, ajudava-a a juntar seus pertences, ela disse:

– Se esperar por mim, eu posso lhe dar uma carona para casa.

– Se não for fora do seu caminho, eu gostaria muito – disse Hannah, que tinha os olhos brilhando com lágrimas que começavam a brotar.

Philippa foi chamada a entrar um minuto depois.

O consultório do doutor Herh não se parecia com nenhum outro que ela tivesse visto. As paredes estavam cobertas por fotos de mulheres gordas e magras – Philippa percebeu, ao olhar mais atentamente, que eram fotos do tipo antes e depois – acompanhadas por cartas de agradecimento emolduradas. Havia desordem por todos os lados; uma pilha de periódicos médicos parecia prestes a cair no chão; plantas e quinquilharias pareciam ter sido dispostas por algum decorador distraído; e as persianas que permitiam uma vista parcial do Bulevar Ventura estavam empoeiradas. Quando o doutor Herh entrou por fim no consultório, ele dominou o ambiente com sua dimensão um tanto galhofante. Ele era imenso, com sobrancelhas espessas, bochechas gordas e um jaleco que mal se

fechava na altura do abdômen.

Ele segurou sua mão na sua imensa pata e, dando-lhe um aperto vigoroso, disse:

– Então, Philippa, você quer emagrecer! Bem, você veio ao lugar certo. Não existe outra dieta na face da Terra melhor do que a que eu inventei. Veja essas fotos – disse ele, apontando para as fotos das mulheres gordas e magras nas paredes. Muitas delas tinham escrito: “Com meus profundos agradecimentos” ou “Eu não poderia ter conseguido sem o senhor”. O doutor Herh disse: – Essas são as minhas garotas. Não são lindas?

Algumas das *garotas*, Philippa notou, tinham muitos anos a mais do que ele.

Ele abriu a pasta dela e leu as folhas que ela havia preenchido na sala de espera.

– Vejo aqui, Philippa, que você tem 1,72 metros e pesa 95 quilos – observou ele. – Isso equivale a um sobrepeso de 27 quilos, de acordo com o gráfico da *Metropolitan Insurance*. Quantos anos você tem?

– Vinte e um.

Ele a observou por cima dos aros dos óculos.

– Diz aqui que você só janta. É verdade?

– Sim.

– E isso não me surpreende! – ele exclamou, assustando-a. – Veja, menina, não é necessariamente comer demais que provoca a obesidade, mas comer errado. E todas vocês, garotas, tem culpa nisso. Mas não se preocupe, criei a dieta perfeita que garantirá que você chegue ao peso que tem de ter. Não é uma dieta comum, eu asseguro. Levei muitos anos para planejá-la e aperfeiçoá-la. Estou certo de que já tentou dezenas de dietas antes; todas vocês já passaram por isso. É como um passatempo para vocês. Mas o atrativo da minha dieta é que você não terá de contar calorias – ele se inclinou para a frente e fixou o olhar nela. – Mas o que você tem de fazer é seguir a dieta *ao pé da letra*. Entendido?

– Sim, doutor.

– Pois bem, vou lhe dar um cardápio novo a cada semana, que você terá de seguir exatamente, o pé da letra.

– Sim, doutor.

Ele parou e a fitou por um instante, depois disse:

– Sabe, você é muito bonita. Uma pena que seja gorda. Mas cuidaremos disso. Deixe tudo comigo – ele concluiu levantando-se, indicando que a consulta tinha chegado ao fim. Vai se dar bem com a minha dieta, Philippa. Passei anos

desenvolvendo essa dieta, e sei que ela funciona. Bem, basta olhar para essas garotas felizes – disse ele, apontando novamente para as fotos nas paredes. – Apenas certifique-se de comer exatamente o que está escrito aqui – disse ele, entregando-lhe uma folha mimeografada. – Não tente fazer nenhuma alteração. Quando você voltar na semana que vem, será pesada, e eu lhe darei o cardápio seguinte. Vê como é fácil? Se não emagrecer, é porque você trapaceou. Eu sempre sei quando isso acontece.

Ao sair do consultório do doutor Herh, Philippa deu uma olhada na folha e viu que o café da manhã consistia diariamente de frutas e de suco de frutas. O lanche da manhã era uma maçã. Na verdade, ela notou desanimada, que a dieta estava repleta de frutas. Ela já sabia que seria assolada por tremores e tonturas.

Antes de sair do consultório, o doutor Herh lhe disse:

– Uma última coisa, minha jovem. A primeira coisa, e a mais difícil, que terá de fazer enquanto for minha paciente é eliminar os doces. Entendido?

– Mas eu não... – ela começou a dizer.

Ele ergueu uma mão.

– Sei o que vai dizer, é sempre o que vocês, garotas, dizem – ele riu –, que um *donut* de manhã não vai fazer mal, ou uma fatia pequena de bolo depois do jantar. Mas você tem de evitar todos os doces: bolos, bolachas, balas, sorvete. Será difícil no princípio, ah, sei disso! Mas, se você se atentar a esse pequeno conselho, verá seu peso despencar. Agora vá, menina – disse o doutor Herh ao passar o braço pelos ombros de Philippa –, atenha-se a essa dieta e você verá resultados incríveis. Algumas de vocês chegam a perder até três quilos e meio na primeira semana. Mas apenas se não houver mudanças, substituições, nada de rearranjar a ordem do que você for comer. Entendido?

Philippa lia a lista de almoço para o quinto dia – hambúrguer grelhado – e perguntou-se como grelharia um hambúrguer na chapa de aquecimento elétrico da sala dos funcionários da Cut-Cost.

Mas ela só disse:

– Sim, doutor.

E saiu.

A moça que havia derrubado a bolsa a esperava e, em vez de irem direto para Woodland Hills, elas resolveram atravessar a rua e ir até a farmácia Cut-Cost para comer alguma coisa no balcão de almoço.

Ela lhe disse que seu nome era Hannah Ryan, e assim que se sentaram em uma das cabines cor turquesa no fundo da farmácia, bem ao lado do corredor de

produtos para jardim, ela bateu a bolsa na mesa de novo, do mesmo jeito que fez no balcão da recepcionista e disse:

– Eles não têm o direito de cobrar tanto assim! Estou tão furiosa! Pensei que me ajudariam! Eu tinha *tanta* certeza. Tentei de tudo, até mesmo aquela horrível dieta da toranja com ovos, mas nada funciona! Estou desesperada, sabia? – disse ela, olhando fixamente para Philippa.

– Sim, eu sei como é – respondeu Philippa, e depois confessou seu descontentamento com a consulta com o doutor Herh.

– Ele ficou me chamando de *mocinha* – disse Hannah. – Detesto isso. Aposto como se voltássemos lá agora, ele não me diferenciaria de Mamie Eisenhower, então, por que temos de ir lá? O que ele tem a nos oferecer? Essa dieta idiota se parece com qualquer dieta de baixa caloria – ela desabafou, indicando o papel mimeografado que parecia uma infindável repetição de ovos, queijo *cottage*, vagem e frutas. – Então por que estamos pagando aquela quantia exorbitante?

– Pelo incentivo – respondeu Philippa. – Nós contratamos um policial. O doutor Herh vai nos obrigar a seguir a dieta. É pela pesagem semanal, por outra pessoa que não nós mesmas, que estamos pagando. O comprometimento, de algum modo extraordinário, com outra pessoa, porque não parecemos conseguir nos comprometer conosco, acho. Nós detestaríamos ter de ouvir um sermão do doutor Herh se não emagrecermos e ficaremos extasiadas com um elogio quando conseguirmos. É por isso que estamos pagando.

– Acho que você tem razão – disse Hannah, em um tom mais calmo. – Sozinha, nunca me dou bem com as dietas, acabo sempre desistindo. Sei que preciso de policiamento, ou de encorajamento, não sei. E de um cardápio semanal, imagino. Ai, caramba, é que é tão caro... Mas não existe alternativa, existe? Tentei fazer parte de uma academia em Reseda, e eles me colocaram em uma dieta horrível de gérmen de trigo e suco de cenoura e depois me obrigavam a fazer meia hora de exercícios. E isso também era caro, por isso, desisti. Tenho de ser cuidadosa com o meu dinheiro se quero ir para a Greer.

Quando a garçonete chegou para anotar os pedidos delas, vestindo um uniforme turquesa desbotado com um lenço engomado no bolso da blusa, Philippa pensou na sua farmácia Cut-Cost na colina em Hollywood, onde ela ainda trabalhava, depois de cinco anos, como estoquista, porque não podia ser promovida para garçonete, uma vez que os uniformes só vinham em tamanho pequeno. Philippa e Hannah tinham pedido a salada do *chef* Cut-Cost e dois copos de chá gelado. Quando ficaram sozinhas novamente, Hannah explicou a Philippa

sobre a sua ambição de se tornar designer de moda e da sua vontade de ir para a Academia de Arte Greer.

– Mas não posso fazer isso a menos que eu perca dezoito quilos em cinco meses. Droga...

Ela balançou a cabeça, e Philippa notou pela primeira vez as argolinhas de ouro sob o cabelo castanho curto de Hannah. Notou com fascinação que as orelhas de Hannah eram furadas; Philippa não conhecia ninguém com orelhas furadas.

– Tenho tantas coisas contra mim – lamentou-se Hannah ao pegar o canudo do contêiner de plástico da mesa, rasgando a ponta da embalagem de papel, e desembrulhando-o. – Hereditariedade, para começar – explicou. – Todas as mulheres da minha família são obesas. Minhas avós e bisavós eram obesas. Droga! Eu era um bebê gordo! É por isso que não entendo como a dieta do doutor Herh pode funcionar com qualquer pessoa. Isto é, eu estava esperando algum tipo de dieta sob medida, sabe, uma em que ele analisasse cada uma de nós e nos entregasse uma dieta mais apropriada? Uma das mulheres na sala de espera contou que foi magra a vida inteira até ter dois filhos. Ela engordou treze quilos de uma vez e não consegue emagrecer. Mas o metabolismo dela não é diferente do meu? Ela não teria mais facilidade para perder esses quilos? Eu conhecia uma garota na escola, Maria Monokandilos, da Grécia. Ela desandou no ensino médio e engordou. Ficou mais gorda que eu até. No ano seguinte, ela arranjou um namorado, voltou a comer normalmente, e a gordura simplesmente derreteu. Por isso, você entende, os nossos casos são diferentes. Droga – repetiu, subindo e descendo a embalagem no canudo. – E que nome horrível o daquele lugar. Clínica de Obesidade Tarzana. É degradante, parece um castigo. Deveria ter um nome mais encorajador.

Philippa alinhou a colher, a faca e o garfo sobre o guardanapo de papel, depois disse:

– Que tal... Sociedade das Belas e Adoráveis?

Hannah riu.

– Jovens Princesas da América! – ela sorriu. – Desculpe. Só eu falei. Estou tão brava...

– Está tudo bem. Você só disse as mesmas coisas que estão na minha cabeça.

– Você é casada, Philippa?

Uma imagem surgiu na mente dela: Rhys debruçado sobre a máquina de escrever como se estivesse dormindo, a mancha escura na sua têmpora como uma nódoa de cinzas que se recebia na testa na quarta-feira de cinzas – uma benção

final. Depois que se recuperou do aborto espontâneo, voltou ao apartamento de Rhys, mas não havia nenhum vestígio dele ali. O senhor Lazlo contou que o irmão tinha ido apanhar os pertences de Rhys. Levou o corpo dele para algum lugar mais ao norte, com isso não havia nem mesmo um túmulo no qual ela pudesse se despedir. Era como se Rhys e o bebê jamais tivessem existido.

– Sou solteira e moro em uma pensão – respondeu. – Esse é um dos meus problemas. A minha senhoria é uma excelente cozinheira e fica magoada se não comemos o que ela prepara. Não tenho coragem de recusar a comida dela, pois ela é como uma mãe para mim. Acho que a mãe que eu nunca tive.

Quando as sobrancelhas de Hannah ergueram-se em uma pergunta muda, Philippa acrescentou:

– Fui adotada quando era bebê. Não sei quem são os meus pais verdadeiros.

– Você não tem família?

– Não. Não tenho irmãos nem irmãs, nenhum parente.

Hannah não conseguia imaginar como seria isso, já que a sua família era tão grande que às vezes ela imaginava ser parente de metade da população mundial. Ela reconhecia um parente em um instante, sua megafamília divida-se em dois tipos de genes, os rapazes herdando a propensão dos Ryan para o adultério; as garotas, os olhos dos índios LaCross.

– Quando eu era criança, era humilhante ser gorda – confessou Hannah. – A turma escolhia os times, e eu era sempre a última. E, quando o professor me colocava em um dos times, todos gemiam.

Philippa lhe contou sobre o colégio interno, sobre Amber vomitando.

– Acha que tudo se resume a isso? – Hannah disse quando as saladas e os chás chegaram. – Quero dizer, tudo se resume a sexo? As garotas querem ser magras para agarrar os rapazes, não é isso? – perguntou, pensando em Alan Scadudo e em como as calças se ajustavam às nádegas dele. Às vezes, quando ela se permitia observá-lo, também notava um volume na frente. – Os homens só querem mulheres magras? Se ao menos eles não enxergassem a gordura como os daltônicos não enxergam as cores!

As duas riram e começaram a comer.

– Sinto-me melhor – disse Hannah depois de colocar muito açúcar no chá e molho demais na salada de alface. Ela atacou a comida com o prazer que lhe fora ensinado desde a infância. – Você viu que o doutor Herh não é nem um pouco magro – disse ela entre garfadas. – Ele não tem de ser. É homem. Os homens não se preocupam com as mesmas coisas que nós. Fico imaginando se eles se

preocupam com alguma coisa.

– Imagino que eles tenham as suas inseguranças – disse Philippa, visualizando Rhys.

– Você deve estar certa. Acho que se preocupam com a altura, ou com a perda de cabelo, ou se são bons de cama – explicou enquanto o senhor Scadudo aparecia de novo na sua cabeça. – Tem um homem onde eu trabalho. Ele deve ter a minha idade, talvez um ou dois anos a mais. Ele é baixinho, mas isso não parece incomodá-lo, e eu gosto de homens baixos. Ele é muito tranquilo e gentil. Estuda à noite para o exame de CPA. Fantasio com ele o tempo todo, mas não acho que ele sequer note a minha existência. Acha que ele vai me notar quando eu for magra?

De repente, a salada pareceu verde demais. As cores não eram naturais debaixo das luzes fluorescentes da farmácia. Hannah empurrou o prato para o lado e pegou o chá gelado, segurando o copo com ambas as mãos como se ele fosse um buquê de noiva.

– Quando eu estava no ensino médio e não tive nada sequer parecido com um namorado, minha prima apiedou-se de mim e me arranjou um encontro às cegas. Ela e o namorado me buscaram, e então, fomos para a casa do Ernie, ele ia entrando no carro, cumprimentando e tal, mas ele me viu, a expressão dele desmoronou de um jeito que praticamente deu para ouvi-la bater na calçada. E eu percebi quando ele hesitou um segundinho apenas antes de entrar, como se pensasse “preciso sair daqui imediatamente”.

Ela pescou o limão do copo e ficou brincando com ele com uma colher.

– Ele deu prosseguimento ao nosso *encontro*. Garoto de coragem. Fomos para o drive-in Reseda para ver um filme estrangeiro chamado *La Strada*, que nenhum de nós entendia, e minha prima e o namorado tiveram a audácia de ficarem se beijando na nossa frente. Ernie não me dirigiu palavra alguma nem olhou para mim; fingiu estar interessado no filme. Quando ele e o namorado da minha prima foram para a lanchonete durante o intervalo, eu ouvi Ernie dizer: “Puxa, Don, você não me disse que a prima da sua namorada era...” Não ouvi a última palavra, mas claro que posso deduzir qual foi.

– Que horrível – disse Philippa.

– E quanto a você? Alguma sorte com os rapazes?

– A minha sorte foi pior do que a sua. Nunca fui a um drive-in.

Hannah inclinou-se para a frente e sussurrou:

– Tenho 21 anos de idade e ainda sou virgem. Claro, não sou casada, mas ainda assim sinto como se tivesse fracassado. Talvez existam alguns rapazes legais

na Greer – disse enquanto se recostava novamente. – Se um dia eu ingressar lá. Deus do céu, estou começando a me odiar. Estou começando a acreditar em todos os anos de propaganda antigordura. Talvez o resto do mundo esteja certo, talvez eu seja apenas gorda e imprestável.

– Não, não é não – garantiu Philippa. – Não diga isso.

– Foi assim que o doutor Herh nos tratou. Nos fez sentir culpadas. Como aquelas mulheres que aguardavam lá conseguem tolerar isso?

– Hannah, quando eu tinha doze anos, quase me sujeitei a um ato humilhante porque eu acreditava que merecia, eu me achava imprestável. Mas, no último minuto, eu me defendi. Aquelas mulheres simplesmente não aprenderam a fazer isso, não encontraram um modo de acreditar nelas mesmas.

– Não posso voltar para aquela clínica horrenda. Não tenho como pagar. Se eu for lá, jamais conseguirei pagar pelo curso. Mas, se eu não perder peso... Ai, que droga! – disse Hannah, olhando para o balcão de vidro onde havia pedaços de torta meio passados em pratos brancos. – Vou esbanjar e comer um pedaço de *cheesecake*. É isso o que a minha mãe sempre faz quando está triste. E você? Aquele é meu.

– Não posso comer *cheesecake* – disse Philippa. – Não posso comer nada doce. Meu corpo reage de uma maneira esquisita. Não sei por quê.

– Talvez você tenha uma desordem metabólica, como diabetes, sabe? Viu? É por isso que o doutor Herh deveria ter pedido um exame de sangue ou algo assim, para ver as necessidades individuais de cada um. Que cretino.

Enquanto esperavam pela torta de Hannah e pelo café de Philippa, Hannah disse:

– Sabe, se você trocasse esse decote redondo por um em V, você perderia uns cinco quilos.

Quando Philippa lhe lançou um olhar intrigado, ela disse:

– Desculpe, não quis que isso parecesse um insulto. Design de moda é o meu hobby. Faço isso desde que era criança. Uma criança gorda. Aprendi há muito tempo a fazer roupas que emagrecem – ela corou um pouco. – Acho que não me pareço com uma designer de moda, pareço? Isto é, designers de moda não são obesas. Mas sabe o que Coco Chanel disse? Ela disse que se você se vestir de qualquer jeito, as pessoas vão se lembrar das roupas. Mas, se você se vestir bem, elas se lembrarão da mulher. Sabe o que eu acho que ficaria bem em você? Porque, na verdade, o vestido é bonito. É só que o decote redondo achata o rosto. Aqui está – disse ao tirar uma corrente grossa dourada com um medalhão pesado na

ponta, um objeto redondo com um tipo de escultura de pássaro nele. Passou-o pelo pescoço de Philippa e o ajeitou no peito dela. – Pronto! Isso suaviza a curva do decote, puxa as linhas para baixo, faz você parecer mais magra em cima. Lenços e colares pesados conseguem esse efeito.

Philippa virou-se e tentou ver o reflexo na divisória plástica da cabine.

– Você tem razão, faz diferença mesmo. Tentarei me lembrar disso – disse e começou a tirar o colar.

– Pode ficar – disse Hannah. – Não custou caro. E, pode acreditar, que não é ouro de verdade!

– Mas é lindo. Não posso aceitar.

– Philippa, você fez com que eu me sentisse melhor só por me ouvir. Não tenho com quem conversar. Minhas amigas são todas magras, e minha família não vê problema em ser gordo.

Ao olhar para o sorriso de Hannah e sentir o peso do medalhão *puxando as linhas para baixo*, fazendo-a parecer cinco quilos mais magra enquanto só continuava lá sentada, Philippa subitamente experimentou uma estranha sensação, uma que não a atingia desde o seu décimo terceiro aniversário, quando Frizz a tinha surpreendido com uma festa no dormitório à meia-noite. Nove garotas entraram, levando presentinhos, e a esperta Frizz, sabendo da dificuldade de Philippa com doces, tinha, de alguma maneira, conseguido entrar na cozinha e preparar uma torta de aniversário feita com uma lata de bacon processado. Tinha até velas. Philippa sabia que ela e Hannah Ryan seriam boas amigas.

– Ei, vamos nos encontrar aqui de novo, daqui a uma semana, nessa mesma hora. Pelos próximos sete dias, nós vamos seguir a dieta do doutor Herh e a seguiremos religiosamente. Se sentirmos que vamos desistir, ligamos uma para a outra. Na semana que vem, nós nos pesamos naquela balança ali – ela propôs, apontando para a entrada da farmácia. – Nós nos incentivaremos. Você não precisa voltar para a clínica, mas eu vou e pego o cardápio da semana que vem e passo para você. Com isso você poupará dinheiro. O que me diz?

– Ah, sim! – disse Hannah, e duas coisas formaram-se em sua mente: o maravilhoso campus cheio de carvalho da Academia Greer, e o maravilhosamente traseiro esculpido de Alan Scadudo.

---

[1] Sigla de *Certified Public Accountant*, um exame cuja aprovação é necessária para se habilitar à certificação como Contador Público Certificado dos Estados Unidos. (N.T.)

21

– MUITO BEM, AQUI estão os fatos acerca do homicídio não solucionado de Dexter Bryant Ramsey – disse Andrea ao ler as suas anotações para Beverly Burgess. – A vítima foi alvejada uma vez na cabeça, embora testemunhas fizessem relatos conflituosos a respeito do número de tiros que ouviram. Os criados relataram que havia pelos menos trinta convidados na residência na hora do crime, todavia, nenhum deles estava presente quando a polícia chegou. A polícia só foi notificada aproximadamente catorze horas após o assassinato. A arma nunca foi encontrada. E – ela olhou de relance para Beverly Burgess – Ramsey foi castrado depois de morto. Tenho todos os dados?

Beverly estava conduzindo Andrea em um tour particular pela ala do Castelo que havia sido preservada exatamente do modo como era há setenta anos. Os tours eram oferecidos uma vez ao dia aos hóspedes, no período da tarde, e eram conduzidos por um guia que os excitava com histórias extraordinárias conforme espiavam os quartos onde as lendas um dia ficaram. O ar do corredor era carregado pelo odor de velho e de mofo de rosas esmagadas e de perfume antigo; a mobília era escura e pesada; pinturas a óleo de pessoas mortas perfilavam-se nas paredes. Era uma atmosfera propícia aos mistérios não solucionados e à tragédia romântica.

– Sim, acredito que esses sejam os fatos – concordou Beverly. – Como aquela ala não tinha aquecedor central, ela e Andrea estavam vestidas de acordo: Andrea vestia um suéter de gola alta, saia de tweed e botas; Beverly usava uma jaqueta de bombardeiro de raposa preta e calças de cashmere. Ela também usava os óculos de sol gigantescos, apesar de estarem em um ambiente fechado.

Andrea folheou suas anotações.

– E uma das criadas do andar de cima declarou ter visto uma pessoa correndo para fora da casa logo após o tiro. Ela disse que não sabia se era um homem ou uma mulher – ela olhou para Beverly. – A polícia acreditou que fosse Marion, mas podia ter sido qualquer um, não? Um dos convidados talvez.

Beverly concordou.

– E aqui está a ala onde os convidados passaram aquela noite – disse ela ao passarem por portas fechadas. – Eles pernoitaram nestes quartos. E tiveram acesso ao banheiro onde Ramsey foi morto – ela continuou enquanto empurrava uma porta que se abriu silenciosamente, revelando um quarto oriental formidável com mobília laqueada preta, tatames, travesseiros de seda, abajures de papel de arroz e um par de quimonos japoneses de seda magníficos, emoldurados em vidro e pendurados na parede.

– Sinistro! – disse Andrea, falando com suavidade, como se temendo incomodar o ocupante do quarto; só que não havia ocupante algum. Ninguém dormia naquele quarto desde 1932, na noite da morte de Ramsey.

Quem, dentre os famosos convidados de Marion, dormiu nesta cama?, perguntou-se ela. *Clark Gable? Cary Grant? Eles estavam na lista, não estavam?*

Ela foi até a janela, parcialmente coberta por uma cortina rendada, e olhou para a floresta de pinheiros no meio do inverno que cercava o Castelo. A neve caíra durante a noite, cobrindo tudo com uma brancura fresca, ofuscante, e o brilho do sol era tão intenso e claro, que Andrea conseguia ver Palm Springs e as outras comunidades do Vale Coachella abaixo, estendendo-se em partes verdes e arenosas até o vasto deserto além dali.

Ela virou-se para Beverly, que inspecionava um vaso de porcelana azul. Lá estavam os imensos óculos escuros novamente, aqueles que ela tinha usado na noite anterior quando se conheceram. “Um problema na vista”, Beverly havia explicado. Por que, então, Andrea tinha a estranha sensação de que Beverly escondia-se por trás deles?

Na verdade, ficou claro para Andrea que Beverly Burgess escondia-se de modo geral; como proprietária do resort, ela tomava muito cuidado para *não* ficar no centro das atenções. Motivo pelo qual Andrea surpreendera-se pela manhã ao receber um telefonema da misteriosa senhorita Burgess, oferecendo-se pessoalmente para mostrar a Larry Wolfe e a sua assistente os cômodos particulares de Marion Star. Larry, obviamente, não tinha interesse algum, suas primeiras palavras enquanto comia ovos mexidos e bacon foram:

– Vou ver como é o esqui daqui. Talvez eu jogue tênis. Ou use a piscina.

Em outras palavras, ele iria atrás de Carole Page, que o deixara babando no saguão do bar na noite anterior depois de afirmar que preferia ficar sozinha.

Assim, Andrea juntou-se à senhorita Burgess no escritório dela onde Beverly estava ocupada repassando o cardápio do dia com o *chef* principal. Andrea

surpreendeu-se ao ver como Beverly sentia-se à vontade no comando; ficou claro que era uma mulher acostumada a dar ordens. Mas quem era ela de verdade? De onde viera? Qual a sua história? E como tinha conseguido comprar um lugar como a mansão Star's Haven e depois convertê-la em um resort de luxo? Subitamente, pareceu uma ironia para Andrea que Beverly Burgess, uma mulher misteriosa, acabasse indo morar no lar de outra mulher misteriosa.

– Acredita que alguém encobriu a verdade? – perguntou Andrea. – Isto é, com todos os convidados que estavam aqui na grande festa de Marion, todas as celebridades hollywoodianas famosas, e que não estavam aqui quando a polícia chegou. E o fato de a polícia só ter sido chamada catorze horas após o assassinato ter sido cometido, muito depois de outras pessoas terem vindo e ido embora: o diretor do estúdio de Ramsey, dois grandes produtores, um advogado dos estúdios e o irmão de Ramsey. Todos receberam telefonemas de alguém logo cedo e fizeram o longo trajeto de Los Angeles até a estrada, montanha acima, para cuidar do que quer que fosse necessário antes da chegada das autoridades – ela fez uma pausa. – É como retirar a arma da cena do crime e adulterar as provas do assassinato.

Saíram do quarto oriental e continuaram pelo corredor, guiando-se por uma planta da casa desenhada por Simon Jung, que mostrava a localização dos escritórios, do salão de baile, dos restaurantes, das lojas, do anfiteatro de quarenta lugares, a clínica e os quartos dos pacientes. Outra ala abrangia as suítes particulares, onde a gerência e a equipe permanente vivia e, no terceiro andar, as suítes ultraluxuosas de hóspedes. Andrea parou no meio do corredor e franziu o cenho. Olhou para o teto.

– Estranho – comentou.

Beverly a fitou.

– O que é estranho?

– O andar imediatamente acima de nós – ele não aparece na planta. O que há lá em cima?

– Apenas cômodos vazios – explicou Beverly. – Nós os usamos como depósito. Não havia motivo para incluir o andar na planta.

Andrea a encarou e estava para comentar alguma coisa quando Beverly abriu portas acolchoadas com botões de cobre e entrou em uma parte de opulente e ultrajante *art déco*. Pêssego claro e verde água eram as cores dominantes no imenso quarto cujas paredes estavam cobertas por murais incríveis de carros de corrida, de cães de caça e de raios, tudo dando a ideia de velocidade. A cama de

Marion ficava em cima de um tablado, e quatro estátuas serviam como colunas de cama – nus delgados ao estilo de Ertè com longos cabelos cascateando pelas costas.

– Incrível – sussurrou Andrea ao olhar ao redor bem devagar. – Como alguém conseguiria dormir em um lugar assim?

Beverly apertou um botão próximo à porta, e o piso começou a se mover.

Ou foi o que pareceu. Andrea instintivamente segurou-se às cortinas da cama enquanto o chão rolava debaixo dos seus pés, deixando-a suspensa em um piso de vidro transparente.

– Isso não faz o meu tipo! – disse ela com uma risada ao olhar para o cômodo abaixo onde havia uma imensa piscina, cheia de água esverdeada transparente.

Andrea caminhou com cuidado indo para o centro, achando a sensação tanto assustadora quanto hilariante, como se estivesse andando no ar.

– O senhor Jung me mostrou isso na noite passada. Dá para imaginar? As pessoas daqui de cima podiam observar os nadadores lá embaixo, e as pessoas lá embaixo podiam ver o que quer que estivesse acontecendo nesse quarto. Daria uma cena incrível em um filme.

Enquanto observavam os poucos hóspedes irem de um lado para o outro na piscina, sem saberem que eram observados, Beverly disse:

– Posso lhe perguntar uma coisa, senhorita Bachman? – ela voltou aqueles óculos escuros para ela e Andrea viu dois reflexos de si olhando de volta. – Quando o senhor Wolfe escrever o roteiro a respeito de Marion Star... Ele será justo com ela?

Andrea não sabia como responder; a pergunta era inesperada. Ela, por certo, não poderia contar à senhorita Burgess as instruções que Larry havia lhe passado naquela manhã: “Veja o que descobre sobre a coleção pornô de Marion. Ouvi dizer que ela tinha uma coleção de filmes e livros obscenos. Também consiga o que puder a respeito das orgias e das festas regadas a ópio de que ouvimos falar que ela dava. E quanto àquela história com o time de futebol da USC, quando ela os entreteve no quarto, descubra como ela o fez. Quero dizer, o time inteiro ficou no quarto de uma só vez, observando uns aos outros enquanto a fodiam, ou ela os chamou um de cada vez?”.

– Isso é importante? – perguntou Andrea.

Beverly caminhou até a lareira, que era mais alta do que ela, e passou a mão pela moldura *déco* que incluía mulheres nuas, sóis e planetas. Daquela distância, Beverly, tão delgada e elegante, parecia a Andrea como uma mulher de trinta. Só

quando se estava perto dela é que se viam as linhas finas ao redor da boca, as rugas na testa, os fios prateados iluminando o cabelo castanho cortado curto. Andrea estimava que Beverly estivesse com mais de quarenta, perto dos cinquenta, e imaginou se ela já havia sido casada. Uma mulher como aquela, de refinamento e riqueza óbvios, por certo deveria ter um passado interessante. E, no entanto, até onde Andrea sabia, Beverly Burgess parecia não ter passado algum.

– É importante? – ecoou Beverly. – Sim, é. Eu detestaria ver a história de Marion vítima de sensacionalismo. Eu odiaria vê-la... ver a história dela ser explorada e trivializada. O senhor Wolfe fará um trabalho honrável?

A perplexidade de Andrea aumentou. Por que Beverly se importaria?

– Eu contribuo bastante em cada projeto do senhor Wolfe – disse ela. *Na verdade, eu faço todo o trabalho.* – Verei o que poderemos fazer.

Ela sentiu os olhos de Beverly observando-a por detrás daqueles óculos. Era como se eles a possibilitassem olhar dentro das pessoas; Andrea tinha a estranha sensação de que Beverly sabia do seu real relacionamento com Larry. Mas claro que ninguém poderia saber de nada porque Andrea esforçara-se muito para esconder a verdade. Envergonhava-se agora em ver em retrospecto o quanto havia sido ingênua dezessete anos atrás, o quanto fora ávida por atenções, como um cachorrinho sem orgulho algum.

Quando Andrea ficou sabendo que Larry havia vencido a competição de roteiros e levado a melhor nota na classe, ela não se surpreendeu. Era um bom roteiro; Andrea em pessoa o transformara para que assim ficasse. O que a surpreendeu foi o fato de ele não ter telefonado, e que ela teve de ficar sabendo pelo jornal da escola.

Andrea não se sentia segura o bastante para ligar para um rapaz, mesmo já tendo 25 anos de idade. Não tinha qualquer experiência naquilo, e a mãe sempre lhe ensinara que era uma coisa que as meninas decentes não faziam. No entanto, depois que dias e semanas se passaram sem que ela tivesse notícias de Larry, Andrea finalmente conseguiu juntar coragem para discar o número dele.

– Oi, Alice! – disse ele. – Uau, você ficou sabendo... Não é demais? Eu não teria feito sem você. Contei para todo mundo. Estou feliz que tenha ligado, perdi o seu número. Eu estava louco para encontrar você. Que tal se a gente saísse para comemorar?

O coração de Andrea estava na garganta, a sua virgindade à espreita em algum lugar. Até mesmo seus pés eram como duas nuvens, e ela sabia que nunca mais tocaria o chão.

– Sim – respondeu. – Eu adoraria. Onde?

– Que tal no nosso lugar de sempre, no Ship's? Você está livre?

Nosso lugar de sempre... Você está livre... Era como se eles estivessem em um relacionamento. Era assim com as outras pessoas; assim era o amor. Quanta excitação! O desejo súbito e intenso!

Larry atrasou-se 45 minutos, mas Andrea não se importou. Decidiu que o amor significava perdão, e desejo sexual significava paciência. Ao ouvir a buzina e correr para o carro dele, ela pensou que o esperaria para sempre.

Em vez de irem direto para o Ship's, eles foram para Malibu, onde ficaram sentados no carro vendo as ondas quebrando na praia iluminada pelo luar. Um verde fluorescente flutuava na água, fazendo com que a curva interna de cada onda brilhasse esplendorosamente. O Chevrolet estacionado ao lado deles tinha janelas embaçadas e estava balançando.

Ouviram a estação KRLA e Larry contou-lhe a seu respeito, enquanto ela prestava ávida atenção, tentando ignorar o Chevrolet. Larry comia um pacote de amêndoas açucaradas e cobria tudo relacionado ao assunto Larry Wolfe. Andrea perguntava-se desenfreadamente se ele a tinha levado até lá para namorarem. Será que seria beijada pela primeira vez? Será que iria além, como o casal do carro ao lado? Muitas garotas perdiam a virgindade em carros, ela bem sabia; talvez uma estivesse sendo perdida naquele mesmo instante, naquele carro oscilante. Quando Larry esticou o braço longo atrás do seu banco, o coração dela deu um salto. Ele daria o primeiro passo!

– O motivo pelo qual eu a trouxe aqui, Alice...

– Andrea.

– É para lhe contar uma ótima notícia. Vendi o roteiro para um produtor. Ele quer fazer um filme com esse trabalho.

– Ai, Larry, que fantástico!

– É, sim, mas, infelizmente, eles estão pedindo algumas correções.

– Correções? Em que partes?

Ele sorriu timidamente.

– Bem, para dizer a verdade, eu não sei porque não li.

– Você não leu? Quer dizer que entregou o roteiro sem nem ver o que eu tinha feito?

– Ei, confiei em você.

Andrea estava confusa. Trabalhou com tamanho afinco naquele roteiro, ficando até tarde acordada, faltando ao trabalho, bebendo litros de café enquanto

agonizava quanto ao enredo, aos personagens, ao ritmo... Ela quis realizar um bom trabalho, fantasiando com a imensa gratidão dele, talvez até abraçando-a e dizendo que ela era maravilhosa. Trabalhou tanto e devotou tanto do seu tempo no roteiro dele (porque necessitava de muito empenho), que não teve tempo de fazer um bom trabalho no próprio roteiro, e, como resultado, recebeu uma nota medíocre. E agora ele admitia que sequer o lera.

– Vai me ajudar? – Larry perguntou. E, quando ela hesitou, ele disse: – Deixa para lá, entendo. Ei, eu ainda lhe devo um jantar. Vamos lá, vamos comemorar.

Foram ao Ship's que, por ser noite de sexta-feira, estava lotado com universitários e cinéfilos. Larry parecia não conseguir ficar parado. Dava uma mordida no hambúrguer e depois saía apressado para falar com alguém que acabava de entrar ou que estava para sair. Andrea, sentada sob as luzes fortes e ouvindo todo o tumulto da multidão, sentia as correntezas da vida movendo-se em círculos ao seu redor enquanto as pessoas passavam, riam e chamavam-se uns aos outros. Ela deixou seu bife esfriar enquanto observava seu incrivelmente lindo acompanhante encantar as pessoas das outras mesas. Ela colocou pão de uvas passas na torradeira e acidentalmente o deixou queimar porque não conseguia despregar os olhos de Larry. A energia dele era contagiante; sentia-se mais apaixonada a cada minuto que passava, desejando que a noite não terminasse e que aquela não fosse a última que passava com Larry. Quando ele voltou para a mesa deles para terminar o hambúrguer, Andrea ouviu-se dizer que adoraria ajudá-lo com a reescrita do roteiro.

Andrea, contudo, descobriu que concordar em ajudar Larry não significava necessariamente trabalhar *com* ele, que era o que ela desejava, mas sim pegar o roteiro e reescrevê-lo sozinha. Mas não se importou. Estava apaixonada. Por fim, havia um homem de verdade na sua vida, e a perspectiva de reencontrar-se com ele incentivou sua criatividade na máquina de escrever.

Encontraram-se novamente no Ship's, onde torradeiras individuais em cada mesa eram a sensação entre o povo universitário local. Andrea preparou torradas de pão de levedura enquanto explicava a Larry o que havia feito com o roteiro.

Ele a agradeceu com eloquência e prometeu telefonar.

Não telefonou. Isto é, somente três meses mais tarde quando, mais uma vez do nada, o telefone de Andrea tocou, e ela atendeu ouvindo a voz das suas fantasias sexuais dizendo: "Ei, sou eu", como se tivessem ido ao Ship's apenas na noite anterior.

– Sinto muito mesmo por não ter ligado, mas andei ocupado. Pedi demissão

do meu emprego no Spaghetti Factory e arranjei um apartamento em Hollywood na avenida Fountain.

Ele lhe contou o progresso do roteiro.

– Eles imaginam que a data do lançamento seja em algum dia durante o verão. Mas imagina só! Eles querem que eu escreva a sequência da história.

– Puxa, Larry, que maravilha.

– Cara... Eu só não consigo suportar a ideia de fazer isso sem você, sabe? Gosto de pensar que você e eu somos como uma equipe. O que me diz de se juntar a mim e sermos sócios?

Andrea não conseguia acreditar no que tinha acabado de ouvir: equipe, sócios... Era quase um pedido de casamento.

– Sim – respondeu tão rápido que ficou surpresa consigo. – Sim, quero ser sua sócia.

– Então, perceba, senhorita Bachman – Beverly disse por detrás dos imensos óculos de sol. – Marion Star foi traída. Por Hollywood; pelos homens que a usaram. Eu gostaria de que o filme do senhor Wolfe a defendesse.

Andrea, que sabia tudo a respeito de traição, ficou se perguntando por que Beverly Burgess parecia tão fervorosa quanto a isso. Será que Beverly também tinha sido traída, em algum momento da vida, por um homem?

– Verei o que posso fazer – disse Andrea, perplexa com a defesa passional de Beverly Burgess em relação a uma mulher que sequer conhecia.

Cresci ouvindo os sons sexuais vindo do quarto dos meus pais... As palavras em tinta esmaecida diziam.

Meu pai, Earl Winkler, tinha um apetite voraz; o dever da minha mãe era simplesmente aquiescer.

Andrea lia o diário de Marion Star no cômodo pequeno e tranquilo, que fazia as vezes de biblioteca no Castelo, chamado de Salão Chinês, onde Marion Star costumava se entreter com jogos de Mah-Jong. Ela e seus convidados – Mary Pickford e Clara Bow costumavam estar entre eles – vestiam-se em quimonos de seda e passavam a noite jogando. A atração especial do cômodo era uma escultura de jade de vinte centímetros em um mostruário: assemelhava-se a um pênis ereto, e dizia-se que fora um presente de Alla Nazimova, uma atriz exótica do cinema mudo, para Marion Star. Os hóspedes do Star's iam ao Salão Chinês para comer com os olhos o exótico brinquedinho erótico ou para escrever cartas em uma das várias escrivaninhas espalhadas. Ou simplesmente para ler, como Andrea estava

fazendo, enroscada em uma poltrona de couro, profundamente envolvida na história de Marion.

Não consigo me lembrar da aparência da minha mãe quando ela não estava grávida. O corpo dela estava sempre distendido e inchado, sempre escondido por vestidos enormes. Fico me perguntando se ela já fora magra; teve belas curvas, foi feminina? E me lembro de que ela sempre claudicou, e sempre estava tão cansada, que eu fazia grande parte dos afazeres domésticos, além de cuidar dos meus irmãos e irmãs, porque mamãe estava sempre muito exausta. Depois que Joey nasceu, ouvi mamãe implorar a papai que a deixasse em paz. Ele não a atendeu, e ela teve três outros bebês depois de Joey. Ela tinha 38 anos quando morreu em decorrência de complicações de um aborto espontâneo. Foi no ano em que fugi de casa. Eu tinha quinze anos e sabia tudo a respeito de sexo. E do seu poder.

Foi só alguns anos mais tarde que descobri que o aborto de mamãe não fora um acidente da natureza. Ela o provocara.

Um casal entrou sussurrando no Salão Chinês, atrapalhando Andrea ao passarem diante dela, encaminhando-se para famosa peça de jade. O homem murmurou:

– Ouvi dizer que John Barrymore um dia... – disse abaixando a voz. – Aqui mesmo, neste quarto – e a acompanhante dele deu uma risadinha.

Andrea virou a página e continuou a ler.

No dia em que conheci o famoso diretor de cinema Dexter Bryant Ramsey, eu tinha dezessete anos, e fazia 32 °C em Los Angeles, e eu estava para morrer de frio, presa em um imenso bloco de gelo.

Assim que cheguei a Hollywood, consegui um quarto no Abrigo Exército de Salvação para Mulheres, na rua Gower. A minha colega de quarto, Greta, estava tentando entrar na indústria cinematográfica; foi ela quem me alertou a respeito dos sofás de elenco. "Todos os homens nesse negócio só querem saber de uma coisa", dissera ela. Greta trabalhava no Coconut Grove e conseguiu um emprego para mim lá como atendente de chapelaria. Não trabalhei nisso por muito tempo, pois logo fui promovida para trabalhar no espetáculo. O Grove apresentava espetáculos de solo fabulosos, que consistiam basicamente em expor garotas praticamente nuas em carros alegóricos elaborados. Elas não dançavam nem faziam nada. O único talento requisitado era ficar sentada ou parada em um pose sedutora.

Na noite em que Ramsey salvou a minha vida, eu deveria passar em um

carro formado por um bloco de gelo, completamente nua. Eles me garantiram que eu ficaria bem, já que o buraco no centro seria aquecido por uma espiral elétrica escondida. Eu não queria fazer aquilo, estava com medo. Mas me disseram que eu não deveria reclamar, já que seria a estrela do show. E tampouco gostei da nudez, mesmo que as outras garotas não fossem usar nada além de umas poucas margaridas.

Por isso subi a escada e me abaixei para o gelo. Estava com medo. E estava muito frio. Greta fez-me sentir melhor quando disse que, mesmo o gelo sendo transparente, não se podia ver nada de verdade. O espetáculo começou, e o carro alegórico foi empurrado. A plateia ficou ensandecida quando me viu. Os homens literalmente saltaram dos seus lugares quando perceberam que eu não vestia nada. O problema foi que o nosso carro causou tamanho furor, que ninguém notou o quanto eu tremia. O aquecedor elétrico não funcionou, e eu estava começando a congelar. A minha cabeça chegava quase no alto do buraco em que eu estava, mas, quando tentei gritar, ninguém ouviu porque a orquestra tocava e os clientes estavam gritando e assobiando.

O carro fez uma leve curva, e eu fiquei ainda mais apavorada. Meus pés estavam dormentes, e a minha pele começava a queimar onde tocava o gelo. Comecei a gritar. Tentei sair, mas não havia espaço suficiente para que eu mexesse os braços. O público estava lá – eu os via através do gelo – rindo e batendo palmas, excitado com o espetáculo, e eu percebi horrorizada que iria congelar até a morte antes que o show terminasse.

E então, subitamente, um homem galgou o carro, atrapalhando as outras garotas em suas margaridas. Ele abriu caminho até o topo do bloco de gelo e se esticou, pegou-me pelos braços e me puxou para cima, rapidamente me envolvendo com o casaco pesado que estava vestindo. A multidão foi à loucura. Eles devem ter pensado que aquilo era parte do espetáculo. Lembro que ele se apressou entre as mesas, carregando-me, e depois seguiu para uma saída lateral. Em seguida entramos em uma limusine preta, e eu não conseguia deixar de tiritar os dentes. Mas ele me ofereceu conhaque de um cantil de prata e ficava dizendo: “Pronto, pronto, você vai ficar bem”, em um tom profundo e adorável. E então, ele envolveu meu rosto entre suas mãos e pareceu me avaliar. Ele disse “Cristo” e eu explodi em lágrimas.

Naquela hora eu não sabia que o meu salvador era um dos homens mais poderosos de Hollywood. Eu vira seus filmes em Fresno; Dexter Bryant Ramsey era conhecido pelos seus espetáculos de orçamentos absurdos com muitos

figurinos e cenários e milhares de figurantes. Quando despertei na manhã seguinte na casa dele em Benedict Canyon, em uma cama enorme com lençóis de cetim com monogramas, ele me levou o café da manhã – caviar e champanhe – e me garantiu que eu dormira sozinha, que ele passara a noite no quarto de hóspedes. Ele se sentou na beira da cama e disse: "Você é muito bonita, sabia disso?" e depois ele disse o que imagino ser o que toda garota de dezessete anos sonha ouvir: "Vou fazer de você uma estrela.".

Dexter passou a me levar para todos os cantos depois daquilo: para uma sessão espírita na casa de Rodolfo Valentino cujo guia espiritual, Pai Preto, falou conosco; para barcos de apostas ancorados no litoral de Santa Mônica, bem no limite de quatro quilômetros e meio da costa; para as noites de terça no Trocadero e tardes de domingo assistindo a partidas de polo na erma Brentwood. Ele me apresentou a um mundo que eu jamais sonhara ser possível, onde um vestido de noite bordado à mão de 3 mil dólares era usado apenas em uma festa para depois ser descartado; um mundo onde carros tinham tapeçaria de pele de raros leopardos-da-neve e os assentos das privadas eram feitos de ouro maciço.

Ramsey me recriou. Ele contratou o melhor maquiador de Hollywood para criar um look, *um homem que aprimorara seus talentos preparando as mais caras prostitutas de San Francisco para os seus clientes abastados. Ele e Ramsey decidiram que eu seria um símbolo sexual. Assim como Mary Pickford esforçou-se para manter a imagem de inocência virginal – tanto dentro quanto fora das telas –, eu fui criada para cultivar uma aura de sexualidade pungente e de imoralidade. Foi nesse momento que Ramsey me deu o meu novo nome, Marion Star, porque ele disse que Gertrude Winkler não remetia a uma mulher exótica. Para todos os lugares a que íamos – festas, restaurantes, lançamentos de filmes –, Ramsey observava a reação dos homens perante mim e tomava nota. Depois, quando voltávamos para casa, ele me instruía quanto ao modo de andar, como falar. Toda vez que eu perguntava quando ele me colocaria em um dos seus filmes, ele dizia "Seja paciente".*

Mas a paciência, quando se tem dezoito anos, é uma palavra desconhecida. Eu queria ser atriz, mas, talvez o que eu mais quisesse, era que o meu belo Dexter Bryant Ramsey fizesse amor comigo. E, durante todo aquele tempo, por mais que eu morasse com ele, ele jamais tocou em mim, por isso eu começava a imaginar se um dia ele o faria.

Andrea fechou o diário. Sentia um impulso repentino de ir ver como a autora

daquele diário extraordinário era. Lembrando-se do pequeno anfiteatro no segundo andar, onde os filmes de Marion eram passados continuamente. Apanhou suas coisas e saiu.

Andrea conseguiu digerir exatos dez minutos do *Hábitos perversos* antes de ter de sair em completo desgosto.

A cena que a levou a sair mostrava Marion, de dezenove anos, completamente nua em uma banheira cheia de champanhe. Estava cercada por homens, todos completamente vestidos. Sua personagem era supostamente uma jovem *liberal* que se excitava ao zombar dos homens. Mas, quando a câmera aproximou-se para os close-ups, quando Marion obviamente deveria parecer pudica e conspiratória, via-se uma pontada de medo em seus olhos.

Andrea enfrentou o frio da noite em fúria, seguindo o caminho estreito que levava do Castelo para o seu bangalô, inclinando-se para a frente para encarar o vento gélido da montanha, enquanto pensava no que aprendera com Beverly Burgess, com o diário de Marion Star, com o filme. Agora entendia perfeitamente porque Beverly mostrava-se tão ferrenha para que Marion fosse tratada com decência pelo roteiro de Larry. Estremeceu ao se lembrar do *Hábitos perversos*. Quanta exploração! Aquela pobre garota, com apensas dezenove anos, usada, manipulada, prostituída pelo homem que amava.

Andrea teve de se conter para não procurar Beverly e dizer: “Não se preocupe. Larry não é o roteirista, eu sou. E cuidarei para que a verdadeira história de Marion seja contada.”.

Mas ela ainda não podia contar a verdade para Beverly, não até que visse o clímax dos meses de cuidadosa orquestração da sua vingança contra Larry. O senhor Yamato estava programado para chegar de Tóquio em quatro dias, trazendo com ele um financiamento generoso para o filme de Larry. Iriam se encontrar no Star’s; Andrea tinha de ter uma proposta pronta. Mas nem o senhor Yamato, nem Larry sabiam que ambos teriam uma surpresa.

Por causa do que Larry enfim lhe fizera oito meses atrás.

Um vento soprou com tanta força, que Andrea teve de virar de costas. E, enquanto fitava brevemente o Castelo, vendo-o através da nevasca incessante, acreditou ter visto, lá no andar que não aparecia na planta, uma figura parada em uma das janelas, observando-a

22

DAQUELA VEZ ATENDERAM AO telefone no primeiro toque; a ligação estava sendo esperada. Ela se passava em uma linha especial, porque o número era especial; somente duas pessoas no mundo tinham acesso a ele.

– Philippa está hospedada no Hotel Century Plaza – disse uma voz. – Mas amanhã ela parte para Palm Springs. Ela está convocando uma reunião emergencial da diretoria. Todos estarão lá.

– Ela sabe de alguma coisa?

– Acredito que não... Nada concreto.

– Certifique-se de que isso continue assim. Continue a segui-la; não a perca de vista. E, caso não tenha uma arma, compre uma.

DIA: TRÊS

23

Vale San Fernando, Califórnia, 1959

– FAZ OITO MESES que não tenho um orgasmo – anunciou Shirley subitamente.

O folhear das revistas e o tricotar das agulhas silenciaram-se enquanto todas as outras mulheres na sala de espera olharam para ela.

– Não sei se o problema é com o meu marido ou comigo – continuou Shirley, falando com uma urgência que fazia parecer que ela estava correndo para apanhar um ônibus e queria dizer tudo antes de sair dali. Shirley pesava 131 quilos; fazia um mês que frequentava a Clínica de Obesidade Tarzana.

– Dick e eu costumávamos ter uma boa vida sexual. Nunca tive dificuldade para ter prazer, mas agora... nada.

As suas companheiras a fitavam. Vinham conversando amigavelmente nos últimos minutos desde que Philippa havia entrado na sala de espera e perguntado:

– Oi, mais alguém está tendo tantas dificuldades quanto eu nessa dieta?

E todas se puseram a falar. Mas as confissões até então se restringiram a um plano seguro e não ameaçador: uma disse que gostaria de vestir roupas mais bonitas, outra queria aparecer bem nas fotografias. O comentário de Shirley rompeu uma regra de acanhamento, e ninguém sabia o que dizer.

Na verdade, algumas nem sabiam sobre o que estavam falando, como a senhora Percy, que tinha setenta anos e sofria tanto com artrite que suas mãos mais pareciam caranguejos.

– Eu não sabia que as mulheres os tinham – disse ela.

Pareceu que ela tinha falado em nome de todas, porque se seguiram acenos de concordância.

– Bem, nós temos, querida, e eu daria tudo para saber o que está acontecendo comigo – disse Shirley. – Isto é, Dick e eu ainda fazemos sexo sempre que

podemos, mas depois de cinco filhos e acumulando peso com cada um deles, cá estou eu: um balão inflável diante de um problema. Tentei perguntar a *ele* sobre isso – disse ela, direcionando seu coque enorme na direção do consultório do doutor Herh –, mas ele só disse para eu não me preocupar com isso.

Ela refletiu um instante, fitando um pôster na parede que mostrava uma mulher obesa prestes a enfiar uma fatia enorme de bolo na boca, com um letreiro que dizia: “Pense primeiro!” Depois falou um pouco mais baixo:

– Acho que sou eu. Quero dizer, não gosto da minha aparência. Quando vou para a cama, sinto-me imobilizado. Estou ficando inibida por causa da minha gordura.

Cassie Marie falou em seguida:

– Sinto cólicas horríveis todos os meses. Tão dolorosas, que às vezes nem consigo sair da cama. O meu ginecologista disse que eu poderia melhorar se perdesse um pouco de peso – Cassie Marie pesava 86 quilos; apenas cinco minutos antes ela havia dito que queria emagrecer para aparecer melhor nas fotos.

– Eu trabalho em uma farmácia – disse Philippa, e oito pares de olhos compreensivos voltaram-se para ela como se dissessem “Vá, garota, desabafe”. – Principalmente no departamento de cosméticos. Umas moças estavam com dificuldade para decidir que tipo de pó compacto comprar um dia desses, por isso me ofereci para lhes dar alguns conselhos. Depois de cinco anos, entendo bem de cosméticos – ela deu de ombros. – Mas elas só me encararam e depois foram embora, olhando-se como se estivessem achando alguma coisa engraçada.

– Claro! – exclamou Shirley. – Como uma garota gorda pode saber alguma coisa a respeito de qualquer coisa! Ainda mais quanto a parecer bela!

Murmúrios de concordância percorreram a sala, e Philippa pensou em como Rhys lhe dava um tapinha na cabeça toda vez que tentava lhe dizer alguma coisa. Será que ele teria lhe dado ouvidos se ela tivesse sido magra? Ele estaria vivo se ela não tivesse aqueles 27 quilos a mais?

A única que estava calada até então era Bobbie Ziegler, que trabalhava no Banco da América no fim da rua. Então ela disse:

– A minha mãe morreu quando tinha 45 anos. Ela pesava 113 quilos. Eu tenho 44 e peso 104. Estou com medo.

– Acho que todas temos medo de um modo ou de outro – disse Cassie Marie, e voltou a atacar a túnica marrom e laranja em zigue-zague com a agulha de tricô.

Philippa consultou o relógio. Fazia uma semana desde a sua primeira consulta à Clínica de Obesidade Tarzana e temia ter de enfrentar o doutor Herh.

Exatamente como havia previsto, sua primeira semana na dieta tinha sido um pesadelo de mãos trêmulas, tonturas e muito suor. Em alguns momentos no meio da tarde, chegou a acreditar que desmaiaria, de tão mal que se sentia. Mas estava determinada a seguir o cardápio do doutor Herh, determinada a perder peso. Quando as dores de estômago e a diarreia ficavam intensas demais, ela pensava em Hannah Ryan, sua nova amiga, sofrendo do mesmo modo, e, com isso, comia exatamente o que estava escrito no cardápio, e nas horas estabelecidas. Mas, ao fim de sete dias, Philippa tinha perdido somente meio quilo.

Agora perguntava às outras como a primeira semana delas tinha sido, e todas alegavam resultados expressivos. Millie Fink disse que perdera incríveis três quilos e meio. Sabendo que o doutor Herh a acusaria de trapacear, Philippa temia a consulta. Ficou se perguntando se Hannah tivera algum sucesso. Não tinham se falado desde o encontro na Cut-Cost da semana anterior; voltariam a se encontrar em seguida, depois da consulta de Philippa, e se pesariam na balança da farmácia.

O doutor Herh cravou um olhar severo nela, embora ainda houvesse um brilho neles, para demonstrar que se importava com ela, como um pai, e que entendia as fraquezas femininas.

– Minha jovem, você andou trapaceando.

– Não trapaceei – garantiu Philippa. – Eu segui a dieta exatamente.

– Hummm, duvido disso – disse ele. – A sua cabeça está em outras coisas; rapazes, provavelmente. É esse o problema com vocês, garotas. Não se concentram. Não se dedicam a nada. Já disse, Philippa, você andou trapaceando na minha dieta.

– Mas não fiz isso!

Ele riu.

– Não tem como me enganar, minha jovem. Os fatos falam por si só. Você deveria ter perdido mais do que meio quilo esta semana. A média de perda de peso é de dois quilos e meio. Por isso, pode me contar – disse ele, inclinando-se para a frente tal qual um tio em que ela pudesse confiar. – O que você fez? Parou para tomar sorvete a caminho de casa?

– Doutor Herh, segui o seu cardápio exatamente como ele está escrito. A bem da verdade, eu gostaria de lhe perguntar por que me sinto tão mal.

As sobrancelhas bastas curvaram-se para baixo, e os olhos dele tornaram-se sombrios.

– Você não deveria se sentir mal com a minha dieta. Você deveria se sentir

saudável. Humm – repetiu ele. – O que quer dizer com “sentir-se mal”?

Quando ela descreveu os sintomas, ele disse:

– Você já foi testada para ver se tem diabetes?

– Não. Pelo menos acho que não.

– É uma possibilidade remota, mas esse pode ser o seu problema. Toda aquela fruta... Frutose é um tipo de açúcar, sabe. Está bem, vamos nos garantir. Aqui está o cardápio da segunda semana. Se a fruta a incomodar, bem, então substitua por um legume. Veja como se sente. Ao sair, marque uma hora com a minha enfermeira para um exame de tolerância de glicose.

– Estou lhe devendo uma! – disse Hannah ao se acomodarem na cabine, quando Philippa lhe entregou o cardápio da semana seguinte. A superfície da mesa estava grudenta, mas elas viam as marcas de que um pano úmido tinha sido passado. – Perdi 1,8 quilo! – exclamou Hannah. – Eu não fazia ideia! Obrigada, Philippa. Sinto vontade de comemorar – seus olhos se estreitaram para o balcão de sobremesas e viu o *cheesecake*, mas voltou a olhar para Philippa. – Acho que eu não deveria fazer isso, não é?

Philippa sorriu.

– Você tem razão – disse Hannah, quase saltando no assento, os brincos em forma de argolinha balançando com seu entusiasmo. – Fazer dieta com uma amiga é muito mais fácil! Fiquei tentada a trapacear a semana inteira, mas continuei a pensar em você, sentada diante da mesa farta da sua senhoria, contentando-se com o queijo *cottage* e uma carne de hambúrguer. Concentrei-me no dia de hoje, em subir naquela balança com você. Sabe de uma coisa? Eu não queria desapontar *você*. Não é estranho? Eu não queria que você pensasse que eu era uma causa perdida. Por isso segui em frente. Um quilo e oitocentos gramas!

Visões de Alan Scadudo dançavam em sua mente.

– Mas agora temos de descobrir qual é o problema com você – disse ela, acalmando-se. – Não senti náuseas nem tonturas; na verdade, nunca me senti tão bem. E se você tiver diabetes?

– Então cuidarei disso. Você não teve problema algum mesmo?

– Ah, bem, a minha mãe está brava comigo – confessou Hannah. – Ela encara a minha dieta como um insulto pessoal porque temos o mesmo tipo de corpo, atarracado. Ela acredita que se eu não amo o meu corpo, obviamente não amo o dela. De alguma forma, eu a estou insultando.

Ela passou os olhos no cardápio da segunda semana do doutor Herh.

– Repolho terça e quinta de novo, estou vendo. O quanto quiser. Grande coisa. Podemos comer uma fatia de pão integral por dia agora. Isso é bom. Ainda muita fruta, porém... – ela olhou para Philippa. – O que vai fazer sobre isso?

– Ah, vou seguir. Posso comer mais legumes e diminuir as frutas. Talvez o exame de sangue revele alguma coisa.

Naquela noite, Philippa pegou seu caderninho com capa de tecido, aquele que quis dar a Rhys na esperança de que a sabedoria ali contida o salvasse, e escreveu: "Ninguém é obeso de propósito".

Depois escreveu a respeito das outras mulheres da clínica, referindo-se a elas como *irmãs*. Começou a lista com Shirley e seus medos sexuais, e a senhora Percy, que esperava melhorar sua artrite perdendo peso, e Cassie Marie, com suas cólicas debilitantes. Acrescentou Rhonda, uma telefonista que queria ficar bonita para o casamento da filha, a fim de não envergonhá-la. Millie Fink, a dona da loja de animais, que aos cinquenta anos havia acabado de se divorciar e estava ansiosa para voltar a namorar; Thelma, que acreditava que o marido a traía. E a muito tímida Dottie, que, depois de muito encorajamento por parte das outras, fez a tocante confissão de que fazia anos que o marido não a procurava.

Ao se recostar e contemplar a lista, mal percebendo a música tema de *Dragnet* que vinha da sala de estar da senhora Chadwick, Philippa percebeu que estava começando a entender algumas das mais sérias e ocultas decorrências da obesidade. Entre as quatro paredes da sala de espera do doutor Herh, ela sentira as correntes da raiva, do medo, da infelicidade, da depressão, e, pior, da derrota.

Durante a segunda semana, Philippa perdeu 1,8 quilo e os desagradáveis efeitos colaterais, ainda que presentes, foram imensamente reduzidos. Quando, porém, foi para a consulta no sábado seguinte e tentou explicar isso ao doutor Herh, ele disse:

– O seu exame de sangue veio normal. Você não tem diabete nem hipoglicemia, absolutamente nenhum problema de sangue. Quero que volte a comer a dieta baseada em frutas.

– Mas ela me faz sentir horrível, doutor, eu mal consigo trabalhar. As pessoas na farmácia já notaram.

– Isso está na sua cabeça, minha jovem. Confie em mim. O seu corpo se ajustará, e depois você me agradecerá por eu ter sido rigoroso com você.

Contudo, quando Philippa foi se pesar na semana seguinte depois de uma

semana de fome constante, de vontade de comer e de se sentir tonta, ela ficou devastada ao descobrir que perdera somente setecentos gramas.

Ela se juntou aos agora rostos conhecidos e cumprimentou-os, tentando esconder seu desapontamento.

– Estão tendo dificuldades com essa dieta? Acho que não consigo digerir frutas. E não estou perdendo tanto peso quanto vocês.

– Eu também venho tendo problemas – comentou Shirley, olhando de lado para a enfermeira, que, naquele momento, estava pesando alguém do lado de fora do seu balcão. – Não consigo comer toranja. Sinto uma queimação horrível no estômago. Contei isso ao doutor Herh, mas ele disse que é a minha imaginação. Por isso eu continuo comendo.

– O meu problema é o espinafre – disse Cassie Marie, sua túnica marrom e laranja estava quase pronta, tamanha a velocidade com que tricotava. – Não consigo digeri-lo. Mas o como porque temos de comer, não é?

– Sabe qual é o meu verdadeiro problema? – disse a recém-chegada Miriam, que pesava mais de 130 quilos e fazia ponto cruz em um tecido esticado em um bastidor. Ela vinha à clínica há seis semanas, mas teve de trocar o seu horário das quintas para os sábados. – Gosto de petiscar. Sou assim, fazer o quê? Mas não temos permissão para comer lanches nessa dieta. Ah, bem, perdi treze quilos até então, e estou muito animada com isso. Mas ela é tão entediante. E fico com fome entre as refeições.

– Mas existem coisas boas nessa dieta – disse a senhora Percy otimista, com as mãos tortas sobre o colo. – Não temos de contar calorias. Sempre detestei isso. É tão chato.

Quando Philippa e Hannah encontraram-se na Cut-Cost, a amiga tinha emagrecido mais um quilo, e estava extasiada.

– É *você*! – disse ela. – É *tudo* por *sua* causa! Philippa, você estava certa ao dizer que precisamos de um vigilante. Eu só queria que as coisas estivessem melhores para você.

– Elas vão melhorar assim que eu descobrir qual é o meu problema – disse Philippa.

– A propósito, uma das minhas primas, que é mais obesa do que eu, gostaria de se juntar a nós na semana que vem. Você se importa?

Philippa não se importava nem um pouco. Na verdade, ela estava pensando em convidar as *irmãs* Shirley e Cassie Marie da clínica para as reuniões na Cut-Cost.

– Acho que elas podem se beneficiar com uma ajudinha *externa* – disse com um sorriso.

Philippa percebeu com assombro que a dieta se tornara o centro da sua vida. Só conseguia pensar em comida. No passado, antes do regime, ela conseguia passar o dia inteiro sem comer, sem sentir fome até o fim de tarde, quando, só então, procuraria alguma coisa para jantar. Mas agora, começando o dia com um copo de suco, uma torrada e uma fruta, ela estava faminta às nove horas da manhã. E passaria as três horas seguintes concentrada do queijo *cottage* e no ovo cozido que estavam à sua espera na geladeira dos funcionários. O jantar era a melhor refeição da dieta do doutor Herh, porque ele permitia 170 gramas de carne – sempre especificando que tipo de carne, como costela de cordeiro em um dia, carne de hambúrguer no outro – e quantidades ilimitadas de verduras e legumes. Philippa percebeu-se tirando vantagem dessas quantidades ilimitadas, estendendo o jantar pela noite, mordiscando cenouras e vagens enquanto estudava e fazia os deveres de casa.

Hannah levou a prima no encontro seguinte na Cut-Cost, e três das pacientes da clínica de obesidade acompanharam Philippa. Elas tiveram de se sentar na cabina maior e se espremeram. Partilharam segredos e confidências e saíram de lá declarando que se sentiam muito melhor do que ao saírem das consultas com o doutor Herh. Na semana seguinte, todas as oito irmãs da clínica de obesidade quiseram segui-la até a Cut-Cost, e a prima de Hannah, que havia começado a dieta e perdido encorajadores 1,3 quilo, trouxe duas amigas. Tiveram de transferir o encontro para o Denny’s, no fim da rua, porque as mesas individuais podiam ser juntadas para acomodar o grande grupo. Hannah prontificou-se a datilografar os cardápios para aquelas que não iam à clínica, porque tinha acesso a uma boa máquina de escrever elétrica no trabalho.

Durante a quinta semana, depois de perdido só mais setecentos gramas, Philippa notou que apesar de o doutor Herh supostamente apresentar um cardápio novo a cada semana, tudo não passava da mesma coisa de sempre: um ciclo monótono e sem inspiração de queijo *cottage*, legumes, verduras e frutas, com poucas porções de pão ou carne, mas *sempre* pão integral, e *sempre* carne de hambúrguer ou costela de cordeiro. Diante do principal problema que o grupo de encontro partilhava, a fome constante – “eu preferia morrer a ter de viver assim” uma delas disse, ameaçando desistir até que todas a convencessem a continuar –

uma noite Philippa resolveu se sentar e dissecar a dieta da Clínica de Obesidade Tarzana.

E tudo se resumia a uma dieta de emagrecimento-padrão restringida a 1200 calorias.

Qual, então, era a mágica da coisa? O que fazia dos cardápios do doutor Herh tão especiais e tão eficientes?

Analisando ainda mais a dieta e compreendendo que todos os alimentos se encaixavam em cinco classificações – frutas, legumes e verduras, laticínios, carne e pão – Philippa depois a analisou mais a fundo. Consultando um quadro de calorias que tinha comprado, descobriu que apesar de as porções de comida dentro de cada grupo alimentar serem de diferentes tamanhos – como meia xícara de beterraba permitida no almoço em um dia e uma única cenoura no dia seguinte – os valores calóricos eram os mesmos.

– As calorias já estão contadas para nós – contou para o grupo, que tinha crescido para catorze pessoas, no sábado seguinte. Elas ocupavam metade do salão do Denny's e almoçavam saladas e queijo *cottage*, enquanto Philippa as encantava com uma conversa sobre sua descoberta. – Esse é um dos motivos pelos quais a dieta do doutor Herh é tão fácil. Não precisamos contar as calorias.

– Mas ainda existem problemas com ela – disse Hannah; ela continuava a ter dificuldades com a exigência de repolhos. Passara por uma situação constrangedora com o senhor Scadudo e a máquina de teletipo; ela rezou para que ele acreditasse que a máquina fora a responsável por aquele barulho rude.

– Sei disso, por isso empreguei a fórmula um pouco além – concordou Philippa. – Pensei: e se você comer vagem em vez de repolho no jantar, contanto que as calorias sejam equivalentes? Quero dizer, por exemplo, o que aconteceria se, em vez de comer a exigida meia toranja no dia três, eu comesse uma laranja? E por que os legumes ilimitados no jantar não podem ser distribuídos ao longo do dia? Faz sentido, não faz?

Por isso, decidiram fazer uma experiência.

No dia seguinte, Hannah chegou na Halliwell e Katz uma hora antes, quando ninguém estava lá. Usando a máquina elétrica no escritório da nova secretária do senhor Katz, ela datilografou os cinco grupos alimentares e listou abaixo os alimentos permitidos da dieta com as porções específicas. A lista dos pães era a mais curta, contendo simplesmente: pão integral, uma fatia. A mais longa era a dos legumes e verduras ilimitados, que incluía vinte substituições. Copiando as anotações de Philippa, Hannah depois datilografou quanto de cada grupo era

permitido por dia, como duas fatias de pão, três frutas, duas escolhas de carne e peixe da lista, e assim por diante. Depois de reler, percebeu que Philippa estava certa; ainda era a dieta do doutor Herh, só que mais flexível e mais conveniente. Além de possibilitar uma variedade.

Ela levou as cópias para o grupo no sábado seguinte, quando dezesseis mulheres encontravam-se na Cut-Cost para se pesarem e depois seguiam para o Denny's para o que agora chamavam de *encontro de almoço*. Todas concordaram em tentar a dieta modificada para ver o que acontecia.

Mas ainda havia o problema da depressão e do desânimo. Para algumas, a perda de peso não era suficientemente rápida; para outras, os resultados não traziam a felicidade ou as soluções para os seus problemas conforme o esperado. Muitas do grupo operavam segundo o pensamento de "Se ao menos eu perdesse peso, então... Eu conseguiria tal emprego; me casaria; ficaria rica; seria feliz...". Outras se viam sobrecarregadas pelo peso do ódio que sentiam de si. Miriam não suportava mais enfrentar a balança, vendo o mecanismo parar na marca dos 136 quilos, por isso ela pegou o seu trabalho de ponto cruz e voltou para casa. Thelma disse que desistiria e procuraria um conselheiro matrimonial. A senhora Percy disse que era velha demais e simplesmente desistiu.

Enquanto Philippa e Hannah davam uma olhada na seção de lingerie da loja Sobrepeso da Mônica, olhando desconfiadas para sutiãs e cintas, os únicos itens que Hannah não conseguia fabricar sozinha, Philippa disse:

– Falta alguma coisa. A dieta só não basta. Precisamos de alguma outra coisa, algo que nos ajude a continuar quando sentirmos que estamos desistindo.

Pararam diante da cinta da Playtex, toda branca e grossa e parecendo ajuizada. O novo tipo de lingerie rendada que estava sendo lançada demoraria muito a chegar à loja Mônica.

– Notei uma coisa – observou Hannah, perguntando se deveria se arriscar a comprar outra cinta. Ela tinha o tamanho médio nacional, quatro delas, porque todas as mulheres, mesmo as magras, jamais sonhariam em sair sem uma cinta. – Quando você dá um dos seus discursos encorajadores ao grupo, sabe, do tipo acredite em si e tal, elas sempre saem se sentindo animadas e dispostas a conquistar qualquer coisa. Mas, no sábado seguinte, elas estão novamente desanimadas. Por que não escrever algumas palavras de encorajamento para que possamos levá-las conosco, como fazemos com o cardápio?

Assim, Philippa escolheu algumas frases inspiradoras do seu caderninho e as entregou a Hannah, que as datilografou em cartõezinhos de 7 x 12 centímetros

durante o horário do almoço. Quando o senhor Scadudo passou ao seu lado e comentou sobre a “esforçada jovem senhorita Ryan” com um sorriso, Hannah corou e percebeu que ele talvez tivesse acabado de flertar com ela pela primeira vez.

* * *

No encontro de almoço no Denny’s, onde a garçonete, já acostumada com o grupo grande, pacientemente distribuía as saladas e os pratos dietéticos, Hannah entregava os cardápios para aquelas que não vieram da clínica, e Philippa passou adiante os cartões 7 x 12, com três frases datilografadas:

Acredite em si.

Você é especial.

Você pode modificar a sua vida modificando a sua atitude.

Cassie Marie disse:

– Usei a minha porção de toranja como sobremesa. Salpico um pouco de canela em meia toranja e deixo debaixo da grelha por um minuto. O gosto é *um escândalo*.

Outras subitamente compartilharam receitas que vinham experimentando, todas perfeitamente dentro dos limites da dieta, mas sobre as quais tinham medo de admitir. Hannah, pensando que o milagre dos pães e dos peixes havia começado assim, tomou nota das receitas para datilografá-las e distribuí-las na semana seguinte.

Philippa reduziu o seu consumo de frutas para uma maçã por dia. Perdeu 1,8 quilo na primeira semana e 1,2 quilo na segunda. E comeu legumes o dia inteiro.

Quando Ardeth Faulkner abriu o arquivo ao lado da mesa de Hannah, lançou-lhe um olhar oblíquo e disse:

– Nunca a vi comer tanto antes. Pensei que estivesse tentando perder peso. Você jamais vai emagrecer se comer continuamente de jeito.

Hannah estava fazendo um lanchinho, comendo cenouras e talos de aipo de uma caixinha plástica. Ela estava quase no fim da segunda semana da dieta experimental e já tinha perdido 1,8 quilo. Mas não disse nada. Estava encarando o senhor Scadudo, que se inclinou sobre a mesa com o telefone na orelha, falando animadamente sobre umas ações que tinham acabado de subir dois pontos. Ao que

tudo indicava, ele possuía algumas daquelas ações. Ardeth dizia algo a respeito de "comer continuamente e engordar", e tudo em que Hannah conseguia pensar era no dia em que finalmente o senhor Scadudo a notasse como uma mulher magra. Pensou que ele tinha lábios bonitos. Ainda que a experiência dela em beijar fosse limitada a um baile desafortunado no ensino médio chamado Sonho Tropical, ao qual foi acompanhada pelo desajeitado primo Alvin, sua imaginação lhe dizia que um beijo poderia ser muito agradável com um homem que soubesse o que estava fazendo. Por isso, ignorou Ardeth e continuou a mastigar a cenoura, observando as calças se ajustando sobre belas nádegas.

O encontro do sábado seguinte havia sido transferido para a casa de Hannah porque seis participantes que vinham sendo bem-sucedidas perdendo peso trouxeram amigas, e o Denny's já não acomodava a todas. Lá, concordaram que a dieta experimental, mesmo que eficiente, ainda era cansativa. Philippa se pôs a trabalhar e acrescentou mais variedades, incluindo morangos (meia xícara) e abacaxi (um quarto de fruta), e pão de forma, só para quebrar a monotonia do pão integral.

Na semana seguinte, ela conseguiu perder mais 1,8 quilo, Hannah perdeu setecentos gramas, e o grupo, que já totalizava 22 pessoas, estava tão animado com a dieta, que Philippa precisou de cinco minutos para fazer o grupo se aquietar.

Philippa acabou comunicando ao doutor Herh que estava abandonando a clínica. O fato de Dottie e Millie Fink e outras já o terem abandonado não pareceu incomodá-lo, já que sua sala de espera continuava tão cheia como antes, com novas pacientes esperançosas.

– Bem, sem rancores – disse ele amigavelmente. – Vocês, garotas, sempre pensam que podem fazer isso sozinhas. O que não percebem é que precisam de alguém para mantê-las na linha, para garantir que não trapaceiem.

– Mas eu tenho emagrecido, doutor Herh. E melhorei a dieta.

– Ah, disso eu duvido, minha jovem. Todos se acham peritos hoje em dia.

Quando ela tentou lhe mostrar a lista datilografada, ele a dispensou com um gesto e disse:

– Você vai voltar. Garanto. Estará sentada nessa cadeira novamente e não vai demorar.

Em uma tarde de novembro quando o mercado de ações estava muito agitado e o escritório Halliwell e Katz no Bulevar Ventura estava frenético, Ardeth

Faulkner aproximou-se de Hannah e disse:

– *Sabe, querida, não vai querer extrapolar nessa dieta que está fazendo. Você está bem assim. Deveria parar agora. Não vai querer emagrecer demais.*

Em seguida, Renata, a telefonista, aproximou-se e disse:

– Você está perdendo muito peso. Tem de prestar atenção à sua saúde.

E Hannah pensou: *Parar? Aos 79 quilos?*

Ela tinha mais onze quilos para perder.

Do outro lado das Montanhas Santa Mônica, Sheri, a garçonete que ganhava o dobro de Philippa só porque cabia no uniforme, aproximou-se dela na prateleira de remédios para resfriado, onde Philippa estocava caixas de aspirinas em fileiras bem ordenadas, e disse:

– Você está doente? Está ficando tão magra... Você deveria procurar um médico.

Na reunião do sábado seguinte, em que 29 mulheres de todas as idades, tamanhos e tipos marcharam pela porta da cozinha da confusa mãe de Hannah para subirem em uma balança e exclamarem suas conquistas, Hannah e Philippa dividiram as histórias chocantes de tão parecidas. Shirley disse:

– Elas gostam quando estamos gordas para nos desdenharem! – Shirley perdera 9,5 quilos, e a cunhada parou de falar com ela. Em compensação, recuperou os orgasmos.

Hannah foi trabalhar uma manhã, e quando se apressava pelo corredor, o senhor Driscoll, que um dia tentara não devolver o dinheiro de um almoço, segurou-a pelo pulso e disse:

– Está bonita, garota.

Àquela altura, Philippa estendera a lista de pães, acrescentando meio *bagel* e metade de um pão de cachorro-quente; à lista de laticínios acrescentara trinta gramas de queijo cheddar; a lista de carnes incluía uma costela de porco e uma salsicha. A variedade tornava a dieta mais fácil de ser seguida, e ela começou a chamar essas porções alternativas de *substitutos*. Ninguém mais no grupo parecia entediado; não havia mais problemas com repolhos indigestos ou frutas que as deixassem trêmulas. E toda vez que os ânimos baixavam, elas liam os pequenos aforismos de Philippa, como “Pense e você assim será”, e continuaram a emagrecer.

Assim como Hannah. Puxando o pulso que o senhor Driscoll segurava, ela seguiu seu caminho de volta à gaiola, onde notou, pela primeira vez, que o senhor

Scadudo a observava.

Quando Philippa já tinha emagrecido dezenove quilos, abordou o senhor Reed, seu gerente na Cut-Cost, para conseguir uma promoção e um aumento salarial, dizendo que já estava lá há seis anos e que merecia, além do que, o jaleco cor-de-rosa agora nadava ao seu redor. Ele recusou, e ela se demitiu, entregando-lhe o jaleco.

Hannah foi para uma agência de empregos e preencheu fichas. Emagrecera dezessete quilos e ainda queria perder mais cinco. Uma semana de pois, ela fez uma entrevista para um cargo de secretária de alto escalão com a McMasters e Filhos na Sherman Way em Reseda. Ofereceram-lhe 450 dólares por mês se começasse dali duas semanas. Era mais do que a secretária do senhor Katz ganhava. Detestou ter de deixar o senhor Scadudo, mas ela precisava daquele dinheiro se queria ir para a Greer. Permitiu-se pensar um dia sobre o assunto. O traseiro de Alan perdeu.

Hannah e Philippa decidiram procurar um apartamento para morarem juntas no Vale, uma vez que todas do grupo, que já ultrapassava a marca de trinta pessoas, moravam em Encino, Tarzana ou Woodland Hills. Philippa conseguiu um emprego como gerente assistente na Fox' Drugstore, na White Oak, em Encino, e finalmente pôde dizer à senhora Chadwick que se mudaria da pensão.

A senhora Chadwick, que já tinha antecipado aquilo depois de ver Philippa perder os primeiros dez quilos, deu um abraço nela e também um poodle de pelúcia azul com um laço amarelo no pescoço e disse:

– Você vai longe, querida. Só não se esqueça de mim. Eu iria gostar de uma visita de vez em quando.

A primeira reunião de sábado que tiveram no apartamento delas, na rua Collins, atrás do Bulevar Ventura, recebeu 34 mulheres. Muitas estavam juntas desde as cabines turquesa da Cut-Cost, meses atrás; os demais eram amigas e parentes que se uniram a elas desde então. Todas estavam consideravelmente mais magras e mais felizes.

Era uma noite abafada no Vale, o ar estava carregado pelo aroma das flores de laranjeiras. As mulheres sentavam-se em cadeiras, no sofá, no chão, ou ficavam de pé apoiadas nas paredes; todas já tinham se pesado, Philippa entregou o cardápio para as novatas; Hannah distribuiu as receitas e a mensagem inspiradora mais recente (*Levante a cabeça e deixe que as pessoas percebam o quanto você é especial), e a atmosfera estava carregada de vivacidade,* de expectativa e de

visões de sucessos surpreendentes.

– Precisamos de um nome – disse a prima de Hannah. Ela estava com o grupo desde o começo, havia perdido catorze quilos e conhecido um homem. – Não podemos continuar a nos referirmos a nós como *o grupo*.

Outras também se pronunciaram, preenchendo o ar já quente e perfumado com sugestões. Foi só depois de um ou dois minutos que Philippa percebeu que a campainha estava tocando.

Ela foi atender e viu uma jovem com sobrepeso parada ali, com um bebê apoiado no quadril e uma bolsa de lona enorme pendurada no ombro oposto. O cabelo cor de palha formava uma nuvem atordoante ao redor de sua cabeça sob a luz da entrada, e a brisa noturna agitou uma imensa bata amarelo-limão ofuscante. Philippa acreditou que ela tivesse ido para se juntar ao grupo. Mas quando estava para convidar a recém-chegada a entrar, algo nela a deteve e a fez encarar.

A mulher da soleira também a encarava. Depois disse:

– Choppie?

– Frizz?

– Meu Deus! – elas disseram em uníssono.

E se abraçaram o quanto puderam, levando em conta o bebê e a bolsa grande.

Riram e choraram e disseram coisas ao mesmo tempo:

– Quando...

– Como...

– Eu escrevi...

– Você parou de escrever...

– Como me encontrou? – perguntou Philippa.

Frizz respondeu:

– Eu ainda tinha o seu endereço em Hollywood. Então fui até lá e sua senhoria me disse que você tinha se mudado.

– Frizz, não consigo acreditar! Venha, entre!

– Não, você tem companhia, e meu marido está esperando...

– Marido!

– Eu me casei. Temos um bebê. Este é Nathan.

Frizz esticou o bebê gorgolejante, e Philippa o pegou no colo, atônita com a onda de emoções que a invadia, fazendo-a se sentir subitamente carinhosa, tonta e atordoada. Um dia havia calculado: da hora em que a senhora Chadwick lhe contou que ela estava grávida até o aborto, doze horas se passaram. *Tive um bebê por 12 horas. Fui mãe por meio dia.*

– Está visitando a Califórnia ou o quê? – perguntou, temendo segurar o bebê de Frizz por tempo demais.

– Nós nos mudamos para cá! Ron, o meu marido, foi transferido pela empresa. Moramos em Tarzana, na avenida Hacienda. Ah, Choppie, isso não é maravilhoso? Meu Deus, você está ótima!

– Assim como você. Está loira! Olhe para esse cabelo!

– Descobri um modo de alisá-lo e me livrar daquela cor pavorosa que eu costumava ter.

Philippa notou que embora Frizz tivesse engordado bastante, ela tinha um lindo rosto.

– Você está verdadeiramente ótima, Frizz – disse, sendo sincera.

– Aprendi a me maquiar na escola de teatro. Sou tão boa nisso, que até consigo fazer uma feiosa como eu ficar apresentável!

– Você nunca foi feia – disse Philippa, notando tardiamente que debaixo da maquilagem, Frizz tinha um olho roxo. No antebraço havia um hematoma verde-amarelado do tamanho de um polegar. – O que aconteceu, Frizz?

– Ora, sou uma desastrada! Caí em uma escada!

Bem nessa hora, uma voz masculina de dentro Ford velho estacionado gritou:

– Ei, gorda! Vamos! Não tenho a noite toda!

– Quem é ele? – perguntou Philippa.

Frizz forçou uma risada, bastante envergonhada.

– É o meu marido, Ron. Eu era magra quando o conheci, mas desde que tive o bebê engordei.

Philippa olhou para a velha amiga. Gorda foi como o marido a chamara.

– Ah, bem – disse Frizz, esticando os braços para pegar o bebê. – Ele está certo. Sou uma vaca gorda.

– Frizz, por favor, entre.

– Não – recusou ela, mas seu rosto, quando olhou para além de Philippa, para a sala cheia de mulheres alegres conversando, revelou a expressão de alguém pedindo para ser resgatada. – Você está com visitas.

– É o meu grupo de dieta.

– Sério? Um grupo de dieta? Que boa ideia. Funciona? Acho que sim: olhe para você, sua vara!

– Por que não se junta a nós?

– Acho que não – Frizz disse ao lançar um olhar nervoso e rápido em direção ao carro na calçada.

– *Estávamos tentando encontrar um nome para o grupo – disse Philippa*.

– Ei, lembra-se do nosso grupo, as Starlets? Você sempre foi boa com nomes e em unir as pessoas, fazendo com que elas falassem. Mas não pode chamar esse grupo de Starlets, claro.

– Precisamos de algo que soe bem – disse Philippa, desejando que Frizz ficasse, desejando que ela levasse sua antiga alma divertida e aquele bebezinho para o grupo.

– Que tal *Starlight* – disse Frizz, cantarolando um trecho de *Stella by Starlight*.

– Ei, gorda! – gritou a voz do carro. – Agora!

– Tenho de ir. Aqui está o número do meu telefone – Frizz disse ao pressionar um pedaço de papel na mão de Philippa. – Ligue para mim. Mas espere até terça, ok?

– O que acontece na terça?

– É quando Ron vai estar fora da cidade.

– Ah, Frizz... – sussurrou Philippa com suavidade.

– Sabe, prefiro que não me chame mais assim. Quero dizer, Frizz não sou mais eu, não é?

– Não, não é – disse Philippa. – Desculpe. – E então perguntou-se como se tratariam, visto que trocaram de nome seis anos antes. – Você se chama Christine Singleton agora?

– Não. Fiz isso por um tempo, mas parei de usar o Christine quando me casei e precisei da minha certidão de nascimento. Pedi uma cópia dela. Acho que o meu nome legalmente ainda é Philippa – não é estranho? –, mas todos os meus amigos em Nova York me chamam por um apelido que eu meio que gosto. É uma alteração no meu nome de casada, que é Charmer. Eles me chamam de Charmie.

24

POR SER UM PRISIONEIRO VIP – ele praticamente havia sido o presidente dos Estados Unidos, pelo amor de Deus –, Danny ficou com uma cela especial só para si e lhe foram concedidos certos privilégios, como ficar com as próprias roupas, incluindo a gravata e o cinto. Era a gravata e o cinto que ele usava agora, amarrando-os à instalação de luz no teto para criar uma espécie de forca. Amarrou-a bem firme ao pescoço, acertou o relógio para a hora combinada e, quando ouviu passos vindo pelo corredor, chutou o banquinho debaixo de si.

Ficou atônito com a rapidez com que a forca eliminou o seu suprimento de ar apertando as veias vitais do seu pescoço. Um segundo depois de oscilar no espaço vazio, quando estava pendurado apenas pelo pescoço, Danny entrou em pânico. Ai, Jesus, não sabia que seria assim! Mesmo sabendo que a ajuda estava bem do outro lado da cela e que o doutor Fortunati cortaria a forca, abaixando-o, uma parte mais profunda e primitiva sua assumiu o controle. Ele se debateu e se balançou na ponta da forca, as pernas chutando, as mãos agarrando freneticamente o torniquete ao redor do pescoço.

O ar estava preso em seus pulmões. Não importava o quanto ele lutasse para inspirar, nada passava pela traqueia. *Meu Deus*, pensou ele. *Estou me matando! Vou morrer de verdade!*

Danny ergueu-se da cama, acordando com o próprio grito estrangulado.

Coberto de suor, os lençóis emaranhados, ele olhou freneticamente ao redor do quarto, tentando se lembrar de onde estava, de *quem* ele era.

Aquele se parecia com um quarto de hotel; um quarto caro. Mas que hotel? Em qual cidade? Levantou-se e foi abrir as cortinas; a luz forte do sol o cegou.

Onde diabos eu estou?

Tentou pensar. *Que dia era? Que* ano *era?*

Rapidamente afastou-se das cortinas, temendo ser visto, embora ainda não entendesse por que deveria ter medo. Onde diabos estava Bonner? Por que não

estava ali cuidando dele? Danny refez o caminho até a cama e mexeu no relógio sobre o criado-mudo. Era meio-dia.

Percebeu com um choque que estava nu. Normalmente dormia com shorts, às vezes de camiseta, mas nunca completamente nu. A cabeça latejava, como se estivesse com uma ressaca, mas muito pior. E então descobriu que o pênis estava dolorido. Como *aquilo* podia ter acontecido?

Danny afundou o rosto nas mãos e tentou forçar a memória a voltar. Pressionou as palmas nos olhos até senti-los doer, como se pela dor conseguisse se lembrar.

Então, de súbito, lembrou-se. Tudo lhe voltou à memória. Estava em uma suíte do Hotel Century Plaza, e estava em L.A. porque estava perseguindo Beverly Highland, que agora usava o nome de Philippa Roberts.

Tinha acabado de ter um sonho ruim. Um pesadelo muito realista. Jesus... Nunca conheceu tamanho terror em sua vida.

Ao ir até o bar da suíte e se servir de um Jack Daniels, lembrou-se dos últimos momentos gélidos de terror, pendurado pelo cinto, quando percebeu ter cometido um erro: que os passos no corredor do lado de fora da cela não pertenciam a Fortunati, mas a alguma outra pessoa e que o horário acertado estava, de alguma forma, dando errado. Enquanto Danny dançava na ponta da sua forca de cinto e gravata e via a escuridão aproximar-se pelas laterais, ele percebeu que agira cedo demais e que, de fato, estava se matando.

Mais tarde Fortunati chegou e fez manobras de ressuscitação, declarou a sua morte e retirou seu corpo da cadeia do condado. E Danny foi libertado.

Um tremor o sacudiu com tamanha força, que ele derramou um pouco do drinque. Esticando a mão para o guardanapo de papel, viu o jornal no bar. Não se lembrava de tê-lo comprado nem lido, e quando viu a data, ficou imobilizado. Era a data do dia seguinte. O que significava que ele tinha perdido a consciência novamente, e daquela vez por 24 horas, das quais não se lembrava de absolutamente nada.

Danny tentou voltar nas horas, reconstruir seus movimentos, mas tudo continuava em um branco absoluto. Suas últimas lembranças eram de ter visto Philippa Roberts no restaurante do hotel para almoçar, e de depois ter dirigido até Beverly Hills para convidar a vendedora peituda para jantar. Mas o que aconteceu depois disso? Ela aceitou? Foram a algum lugar? E ele transou com ela, como pretendia? Matou-a? Mas onde? O que fez com o corpo? Certificou-se de não deixar testemunhas?

Danny não fazia ideia. Sua mente era uma tela em branco. Tudo por causa de um mal-sucedido falso suicídio. Tudo por causa de Fortunati.

Bem, Fortunati pagou espetacularmente bem pelo seu erro. Os jornais relataram que o doutor Fortunati, a esposa e os quatro filhos morreram por terem inalado fumaça demais antes de serem queimados quase a ponto de impedir o reconhecimento dos corpos em um incêndio que se alastrou misteriosamente na mansão em Holmby Hills no meio da noite, destruindo completamente a casa e a garagem que abrigava a coleção de carros antigos de Fortunati. Eles, porém, não morreram por terem inalado fumaça; foram queimados vivos, todos os seis, inclusive o bebê de seis meses de idade. Eles foram amarrados e forçados a testemunhar enquanto Bonner ia de quarto em quarto queimando a casa. Isso foi logo depois de Danny e Bonner terem se divertido com a senhora Fortunati e com a filha de doze anos, claro.

Bonner – Jesus. Subitamente ele se lembrou, Bonner estava morto. Mas como?

Eu o matei. Matei meu melhor amigo.

Danny começou a chorar abertamente. Não queria estar onde estava, queria voltar atrás, enrolar os anos para trás como um tapete velho e se encontrar no começo, antes da fortuna e do poder, antes das pregações nas tendas, antes da magricela fujona, Rachel, que agora era Philippa Roberts; antes que ela entrasse em sua vida. Queria estar descalço e ser pequeno de novo, com a idade de antes de saber que seus trapos eram uma desgraça, quando ele não sentia vergonha do pai analfabeto e rastejante, quando o mundo inteiro, e o sol, e as estrelas rodeavam uma bela mulher, sua mãe, aquela que ele chamava de Rosa do Texas.

– Desculpe, mãe – chorou nas mãos. – Não quis decepcioná-la. Tentei ser alguém. E quase cheguei ao topo. Quase tive o poder.

De repente, Danny estava se lembrando do dia em que aprendeu a respeito do poder. Ele e Bonner tinham dezenove anos e viviam se divertindo em San Antonio; os dois se embriagaram com um amigo e decidiram roubar a caixa de coleta da igreja local. Na verdade, a ideia foi do terceiro garoto, e Danny e Bonner foram atrás dele. Saindo da igreja, os três rapazes pararam para urinar nos degraus, e a polícia os flagrou. Enquanto o outro rapaz saiu ileso, Danny e Bonner tiveram de cumprir pena. Foram enviados para realizar trabalhos forçados, enquanto o amigo se safou por ser filho do chefe de polícia.

Poder. Danny ficou pensando no poder durante aqueles dias difíceis na estrada, antes de ele e Bonner conseguirem fugir. Era aquilo o que o poder fazia

por você. Você falava, e o povo dançava. Você levantava um dedo, e as pessoas se mexiam. Você mexia os pauzinhos, dava as ordens. Poder, poder de verdade. E foi ali, enquanto suava debaixo do sol inclemente do Texas e dos olhos de um guarda mal-encarado, ruim e com uma espingarda, que Danny tomou a decisão de que, um dia, seria alguém com poder.

Foi pouco depois disso, enquanto a feia e jovem Rachel ocupava-se abrindo as pernas no estabelecimento de Hazel para sustentar Danny, que ele se deparou com o livro que mudou a sua vida. Ele ainda o tinha. Danny foi até a mala e o retirou de lá, um volume velho, surrado, que ele praticamente memorizara. As partes importantes estavam sublinhadas. *O homem que vai ser príncipe deve estar livre da moral e da ética; deve ser parte leão e parte raposa*. *O homem que tenta ser bom o tempo todo está fadado à ruína; portanto um príncipe, para sobreviver, precisa ser outra coisa que não o bem. A única maneira garantida de possuir uma cidade conquistada é destruindo-a*. Na margem, Danny escreveu: "Isso vale para as pessoas também!".

Era *O Príncipe*, de Maquiavel, e aquela era a bíblia de Danny.

Ler as velhas palavras conhecidas de alguma forma confortou Danny; elas o lembraram de quem ele era, qual era o seu propósito na vida.

Apanhá-la e puni-la como nunca antes havia punido alguém na vida. O que ele fez com os Fortunati, o que fez com o filho do chefe de polícia, eram piquenique comparado ao que faria com Rachel/Beverly/Philippa.

Revigorado e encorajado novamente e sem se preocupar com o que poderia ter acontecido com a vendedora peituda com quem obviamente passara a noite anterior, Danny foi para o telefone e pediu para que o serviço de quarto lhe trouxesse panquecas com muita manteiga e calda de bordo, ovos mexidos, linguiças apimentadas e um bule de café. Nada lhe abria o apetite como Maquiavel!

Depois ligou para a recepção e pediu para falar com o quarto de Philippa Roberts. Disseram-lhe que a linha estava ocupada.

Ela ainda estava ali. Ainda não tinha partido para Palm Springs.

Danny foi para o bar e serviu-se de outro drinque. Riu de leve para si. O terror da noite diminuíra; sentia-se confiante como antigamente. Voltou para a porta de correr de vidro que se abria para um balcão e olhou para Los Angeles, um tipo de cidade inventada que poderia ter sido criada para ser cenário de filmes. Não era um lugar para ser levado a sério.

Danny riu de novo. E daí que não conseguia se lembrar das últimas 24 horas?

Isso só o deixava um dia mais próximo do seu encontro com Philippa Roberts.

25

“PARA FAZER COM QUE um homem a note”, Hannah escreveu, “você tem de ser sensual, e ser sensual significa vestir-se bem”. Ela parou e olhou pela janela sobre a mesa da cozinha para ver alguns dos moradores do prédio divertirem-se na piscina. Era primavera, a atmosfera da tarde estava serena, e flertes sérios estavam em andamento enquanto os solteiros que viviam no complexo de cinquenta apartamentos reuniam-se no jardim central com latas de cerveja e rádios portáteis. Hannah vinha tentando escrever a dica semanal de moda para a Starlite, mas não conseguia se concentrar. Para ela também era primavera, e seus pensamentos lascivos continuavam voltados para Alan Scadudo.

Fazia quase um ano desde que pedira demissão da Halliwell e Katz e conseguira um emprego melhor na McMasters e Filhos; onze meses, para ser mais exata, desde que o viu pela última vez. Surpreendia-se por ainda sentir tantas saudades dele, e em como as suas fantasias a respeito dele continuavam aparecendo. Ela poderia estar datilografando uma carta comercial ou preparando um cheque de dividendos e via-se fazendo amor com ele, tentando imaginar a sensação de tê-lo dentro de si. Claro que Hannah só conseguia ir até onde a imaginação permitia, porque, embora tivesse quase 23 anos de idade, ela ainda vivenciaria uma relação sexual. Não fazia ideia de como seria.

Por mais que o sexo vivesse em sua mente nos últimos tempos, ela não tinha ninguém com quem conversar a respeito. Por certo, não com a sua mãe, que aceitou a magreza de Hannah, mas que agora vinha tendo problemas cardíacos; tampouco poderia conversar com suas primas, nenhuma delas saberia manter segredo, mesmo que disso dependesse a vida delas. Ela, às vezes, conjecturava se poderia conversar com Philippa, que também não tinha namorado. Mas Philippa não parecia nem um pouco interessada nos homens; nunca falavam sobre suas vidas sexuais.

Havia, porém, alguns membros do clube que falavam. Na verdade, com muita

frequência era sobre isso que discorriam nas reuniões das segundas-feiras; perguntou-se se aquele era um grupo especialmente supersexuado. Engraçado como aconteceu de os grupos da Starlite variarem tanto em suas características, Hannah ponderou. O das segundas era orientado para o sexo e os homens; o das quartas se dedicava a receitas, o das sextas à noite exigiam particularmente de Charmie e das suas demonstrações de maquiagem. E também havia o grupo especial das quintas, que era bem pequeno porque era a noite dos *Intocáveis* na TV e todas as americanas não conseguiam se separar de Robert Stack. A Starlite cresceu a ponto de expandir além do grupo das tardes de sábado, consistindo agora em onze grupos – um para cada noite da semana, três aos sábados, três aos domingos – com um total de 342 membros. Em apenas um ano.

Foi o boca a boca que provocara esse aumento. Uma prima ou uma amiga, ou até mesmo uma desconhecida, olharia para um membro e diria: “Como emagreceu tanto?”, e elas ouviriam sobre a dieta que era simples e divertida de seguir, uma dieta que permitia petiscos durante todo o dia, se isso lhe apetecesse, ou que você poderia alterar para acomodar as suas necessidades e estilo de vida. Também havia o refúgio semanal, escapando de maridos e filhos, com mulheres no mesmo barco, conversando e rindo, ou simplesmente tirando um peso de cima dos ombros, ao mesmo tempo em que conseguiam algumas dicas de moda e de beleza, além de uma carta semanal contendo um pequeno discurso motivacional para ajudá-la a atravessar a semana. Quando ela ouvia isso, a prima ou a amiga ou a desconhecida diria: “Como posso me associar?” e foi assim que tudo começou.

Com efeito, havia uma lista de espera, e Philippa, Hannah e Charmie – se Ron estivesse fora da cidade – teriam de se sentar e tentar encontrar uma maneira de seguir a partir dali. Naquele momento, Hannah tinha quatro grupos, Philippa, quatro, e Charmie, três. Mas quando Ron estava na cidade, Hannah e Philippa tinham de assumir as turmas de Charmie. Tudo isso exigia muito porque também havia necessidade de um tempo para escrever as dicas de moda e as cartas de Philippa, o que demandava pesquisa para manter as notícias atualizadas, ao mesmo tempo em que continuavam em seus empregos na Fox’s e na McMasters e Filhos. O que deixava pouco tempo para uma vida pessoal, como os homens e o sexo.

Ou Alan Scadudo.

Hannah tentou datilografar outra frase, mas não estava conseguindo. Fazia um ano que não o via, mas seu interesse nele não diminuíra em nada. O problema era que, já que não trabalhava mais na Halliwell e Katz, como poderia se deparar com ele? *Tinha* de vê-lo...

Percebendo como já estava tarde – ela, Philippa e Charmie deviam se encontrar uma hora antes da reunião de sábado à noite –, Hannah obrigou-se a cuidar da dica de moda referente a "Como atrair o olhar masculino", lembrando-se mais uma vez do seu objetivo: ingressar na Academia de Arte Greer, em Glendale.

Ainda que a Greer tivesse oferecido sua bolsa de estudo e vaga para outra pessoa, Hannah continuava determinada a seguir uma carreira como designer de moda. E agora que trabalhava em um excelente emprego bem remunerado por mais de um ano, poupando grande parte do salário mensal, logo poderia pagar a mensalidade integral sozinha. Mas haveria sacrifícios. Depois que começasse a frequentar a faculdade, teria de diminuir seu envolvimento com a Starlite, talvez até sair completamente. E, se não teria tempo para a Starlite, como teria tempo para encaixar uma vida amorosa?

Não, disse a si enquanto datilografava furiosamente, tentando fazer sentido com aquelas teclas. Esqueça Alan Scadudo. Você não precisa dele. Ou do seu traseiro perfeito.

– Onde está Charmie? – Philippa perguntou, indo até a porta para olhar pela quinta vez na última hora. – Ela está atrasada e ficou encarregada de trazer os panfletos.

Ela e Hannah estavam no salão de festas do prédio delas, arrumando as cadeiras, ajeitando café, chá e refrigerantes dietéticos para a reunião de sábado à noite.

– Acho que eu não deveria tê-la incubido disso – disse Philippa ao ajeitar as cópias da sua última mensagem inspiradora. – "Acredite em si mesmo e você poderá conquistar qualquer coisa" – que ela havia escrito em seu caderninho há alguns anos. Ela e Hannah sabiam como Charmie era pouco confiável.

Não que fosse culpa dela; era algo relacionado ao marido, embora nem Philippa nem Hannah soubessem exatamente o quê. Frizz, que agora insistia em ser chamada de Charmie, não era confiável porque ela nunca sabia quando Ron estaria fora da cidade. Ele era distribuidor de uma empresa de autopeças e nunca sabia de um mês para o outro para qual região seria designado. As ordens chegavam, e o chefe dele ligaria, mandando Ron arrumar as malas e ir para San Diego, ou Bakersfield, ou até mesmo bem para o norte, em Portland, no Oregon, e ficaria afastado por alguns dias, às vezes até por semanas seguidas. Charmie apareceria, então, em cada uma das reuniões, vivaz e animada, contribuindo com o seu talento para o estilo e seus conhecimentos de cosméticos, o qual obtivera nos

dois anos em que estudara teatro em Nova York. “Projete autoconfiança”, ela diria para as senhoras inseguras, “e você *será* confiante!”. Ela faria sessões de maquiagem, trazendo seu próprio arsenal de cosméticos, e daria demonstrações sobre como “afinar essa bochechas de bebê e ressaltar os malares dignos de modelos”. Quando estava lá, Charmie era um sucesso. Contudo, ela só podia estar presente quando Ron estava fora da cidade, porque ele detestava o clube da dieta; por algum motivo, conhecido só por ele, ele não queria que a esposa fizesse parte daquilo.

O que era estranho, tanto Philippa quanto Hannah pensavam, era que sempre que tinha a chance, Ron Charmer humilhava a esposa diante dos outros, tirando a comida dela e dizendo: “Você está gorda demais”, ou chamando-a de gorda ou redonda em público. Às vezes, Charmie confessara certa vez, ele chegava a dizer que sentia aversão por ela pelo fato de ser tão gorda. Mas toda vez que tentava emagrecer, ele ficava furioso e a obrigava a parar.

Naquela noite perfumada e deliciosa que clamava por romance e sexo, com os sons das risadas e da água chapinhando na piscina próxima dali e do chiado inebriante de um churrasco enlouquecendo-as, Philippa confiou à amiga a tarefa de buscar os panfletos que mandaram imprimir. E agora parecia que Charmie não chegaria. De novo.

Philippa esteve tão preocupada que tentou abordar o assunto com Charmie. Isso foi seis meses atrás, quando Charmie apareceu em uma reunião com o braço esquerdo engessado, dizendo ter tropeçado na calçada. “Que desajeitada que sou.” Isso fez Philippa pensar em outras ocasiões quando Charmie subitamente apareceria depois de ter sumido por vários dias com um curativo na cabeça, confessando: “tropecei no tapete”, ou com uma bandagem no tornozelo: “torci no jardim”. No entanto, quando Philippa tentou perguntar sobre isso, Charmie virou o rosto orgulhoso para ela, como querendo dizer: “seja minha amiga e não me faça contar nada”. E Philippa não a pressionou.

Naquela noite quente, Charmie acabou chegando a tempo para a reunião, flanando com um vestido púrpura largo tipo bata, rodopiando ao seu redor para esconder o peso que não perdeu desde que se tornou parte do grupo. Como de costume, apesar de agitada, com seu cabelo loiro esvoaçante preso por um lenço, a maquilagem de Charmie estava impecável. Era uma combinação curiosa: o lindo rosto de Charmie e o corpo desproporcional. Charmie ensinou a Philippa e Hannah a fazer a maquiagem da mesma maneira, mas elas nunca chegavam ao mesmo resultado. Havia magia nos dedos de Charmie no que se referia a colorir

maçãs do rosto e iluminar a testa, um truque cosmético sutil que surtia o impressionante efeito de afinar o rosto.

– Desculpe o atraso! – declarou ao entrar no salão vazio. – Jesus, que trânsito! Aqui estão os panfletos, Philippa, e, ah, eles estão maravilhosos. Olá, Hannah!

Apressaram-se para aliviá-la do peso da caixa de impressos.

– Onde está o bebê? – perguntou Philippa. Charmie às vezes levava Nathan para as reuniões, onde o menino de dois anos era mimado pelas muitas *titias*.

– Hoje ele está com a babá – explicou ela. – Ele estava agitado. Ah, Philippa, tive uma ideia *maravilhosa*! Ouça com atenção: vou fazer desenhos com os tipos de rosto, você sabe, rostos redondos, ovais e assim por diante. Depois vou distribuí-los e, quando eu fizer as demonstrações de maquiagem, as associadas podem colorí-los de acordo com as próprias necessidades. Não é uma boa ideia?

– Adorei – elogiou Hannah. – Pode fazer uma demonstração comigo? Meu rosto é tão quadrado...

– Ah, sim, claro, com esses malares de dar inveja. Cinquenta milhões de mulheres gostariam de ter essa sorte! – Charmie tirou uma pasta grossa da bolsa enorme e a deixou na mesa de carteado, onde os outros papéis a serem entregues estavam. – Aqui está a dica de beleza da semana – disse. – Quase não consegui terminar, com o bebê tendo febre e tão irritadinho.

– Mas ele está bem agora? – perguntou Philippa, lendo o que Charmie tinha datilografado. “Dica de Beleza de Hoje: se usar pó facial, use-o solto, ao invés do tipo compacto, que contém cera (por isso é compacto) e que pode se acumular no rosto, criando uma camada muito grossa.”

– Ele está bem agora – respondeu Charmie. – Pensei em fazer a demonstração de hoje falando do contorno das bochechas com blush, mas não sei se tenho o suficiente comigo, e esse grupo é o maior de todos. Hannah, já viu os panfletos? Ficaram muito mais elegantes do que imaginei.

Elas abriram a caixa e retiraram os livretos, que Philippa escrevera e projetara. As capas eram azuis com estrelinhas brancas, e dentro havia conselhos como “Espere o melhor e consiga o melhor” e “Saiba o que quer”. Também continha “O plano de quatro passos para o sucesso” de Philippa, que era:

Determine o seu objetivo.

Estabeleça prioridades.

Decida que sacrifícios está disposto a fazer.

Mãos à obra.

– Estes panfletos estão maravilhosos! – elogiou Hannah. – Sabe, quando olho para eles, não acho que devamos cobrar cinquenta centavos. Um dólar parece mais razoável, considerando o que elas receberão.

Fora necessário começar a cobrar taxas quando o grupo de sábado aumentou a ponto de ter de ser transferido para o salão de festa do prédio. O zelador cobrava uma taxa pelo seu uso, e já que Philippa e Hannah ofereciam café, chá e refrigerantes dietéticos, além das despesas decorrentes das cópias dos cardápios, da carta semanal de Philippa e das dicas de moda de Hannah, elas perceberam que estavam começando a perder dinheiro. Estabeleceram a taxa de um dólar por pessoa por reunião. Agora, não só estavam cobrindo os custos, recebendo 1 300 dólares por mês em taxas, como também já estavam começando a lucrar.

– Estamos recebendo cada vez mais telefonemas – disse Philippa ao abrir as cadeiras de metal e colocá-las ao redor das mesas de carteado. Como estava quente, ela vestia um short, o primeiro de toda a sua vida. Comprara-o um ano antes, em seu vigésimo segundo aniversário, direto do cabide da JC Penney, como qualquer outra pessoa. – Ligações de todos os cantos. Há um grupo de vinte pessoas em Northridge que ouviu falar sobre o clube da dieta e quer que a gente vá até lá para começar um grupo.

– A minha prima Nancy – disse Hannah ao começar a fazer café –, que perdeu catorze quilos com a gente, disse que as professoras da escola dela estão todas interessadas, além das mães das escoteiras e os membros do seu clube de senhoras. Mas elas estão em Torrance. Ela diz que garante um público de cinquenta pessoas e nos oferece o lugar para as reuniões.

– Não temos como cuidar disso – disse Philippa.

–Os grupos também estão ficando grandes demais – acrescentou Charmie. – Não tenho como fazer demonstrações faciais em quarenta mulheres!

Um ano antes, quando aquilo ainda era uma reunião semanal informal, as mulheres conversavam basicamente a respeito de dietas e da perda de peso. Philippa desviou o foco delas, muito concentrado no regime, pedindo que Hannah desse alguns conselhos sobre como escolher roupas que as enaltecessem (“Evite saias pregueadas”) e Charmie, a respeito de beleza (“Não deixe uma ponta da sobrancelha mais alta do que a outra”). O objetivo era tirar a ênfase do peso e focar mais na mulher como um todo. A ideia foi aceita, mas agora se deparavam com problemas de logística porque os grupos estavam se tornando muito grandes e difíceis de administrar.

– Talvez tenhamos de limitar o número de associações – sugeriu Hannah,

refletindo se quarenta copos descartáveis bastariam para aquela noite. – Sabe, dar um basta agora e dizer “já chega”.

– Isso não seria justo – disse Philippa. Afinal, como poderia negar o sucesso e a felicidade que ela mesma encontrou com o clube Starlite a tantas outras mulheres desesperadas? Como poderia entrar em uma loja de departamento, vasculhar as tantas araras, experimentar um vestido sem odiar o reflexo do espelho e se deleitar com essa liberdade de escolha – a moda era tão vasta para as mulheres magras –, como poderia vivenciar tamanha liberdade e dizer a outras que sofriam do mesmo modo que um dia ela sofreu, “Não, você não pode ter isso”?

Pensou em algumas das suas colegas antigas, como Cassie Marie, que recentemente se casara em um vestido tamanho 40, ou em uma garota chamada Juliet, que pesava mais de 130 quilos e estivera perto de cometer suicídio, mas que agora vestia manequim 46 e tinha voltado para a escola. A cada sucesso da Starlite, Philippa pensava em Rhys. A cada associada que a abordava dizendo “Eu costumava me odiar, mas olhe para mim agora”, aquele lindo rosto adormecido voltava para a sua lembrança.

Não, não fecharia as portas para ninguém.

– Ai, meu Deus, as pessoas estão começando a chegar e ainda não está na hora – disse Charmie. – Acham que teremos panfletos suficientes?

– Sim, teremos – respondeu Philippa. E percebeu surpresa que uma visão começava a tomar forma em sua mente. Não estivera ali um segundo atrás, mas estava agora, tomando forma a cada respiração, como uma imagem em uma televisão se aquecendo.

Enquanto a sala murmurava com vivacidade e Hannah acomodava-se na primeira mesa para registrar os associados, com Charmie ao seu lado, recebendo o dinheiro e distribuindo os panfletos, Philippa pegou o bloco de notas no qual escrevera algumas observações a serem feitas em seu discurso de abertura, virou para uma folha em branco e começou a escrever rapidamente. Enquanto Cassie Marie colocava a balança em uma antessala que servia como bar quando festas eram oferecidas e pesava cada uma das associadas, registrando sua perda ou seu ganho de peso, Philippa sentou-se em uma das mesas com um olhar de profunda concentração no rosto e escreveu com energia frenética, a caneta voando sobre a página conforme a nova visão em sua mente tornava-se mais clara, mais evidente, com espaços sendo preenchidos e detalhes surgindo. Subitamente ficou tão animada que a caneta voou de sua mão e ela teve de pegá-la antes que caísse.

O salão de festas logo lotou e estava tomado por uma conversa animada a

respeito da dieta: “perdi 1,8 quilo...”, “estou vestindo manequim número 42...”, “estou deixando a minha porção de pão para a noite...”, “demoro um tempão para comer uvas congeladas...”, “Charmie tem razão, sombra azul devia ser proibida...”. Philippa só ouvia parcialmente, parte de seu cérebro estava sendo usado para capturar as novas ideias antes que elas evaporassem, e a outra parte maravilhava-se com o fato de o seu pequeno grupo ter aumentado tanto em apenas onze meses.

Tentou convencer a senhora Chadwick a participar, não tanto pela perda de peso, mas pela companhia. A televisão era tudo o que a sua antiga proprietária tinha, e Philippa entristecia-se em pensar nisso, desejando recompensá-la por tudo o que ela lhe fizera. Mas a senhora Chadwick era feliz assim, servindo refeições abundantes para os seus inquilinos contentes e depois se retirando para se sentar diante do televisor, para uma noite com o *Armstrong Circle Theater*.

Dottie, que um dia havia acreditado que o marido a traía, mas que reconquistou suas atenções após emagrecer dezoito quilos, aproximou-se de Philippa e disse:

– Muitas associadas trouxeram amigas, não temos cadeiras para todas!

Philippa fitou Dottie, depois baixou o olhar para o bloco de notas e viu, atônita, que havia preenchido quatro páginas com letra quase ilegível. E a mão estava com câimbras.

– Registre-as e peça para que fiquem de pé ao longo das paredes – disse. – Nós passaremos uma folha para a inscrição de novos grupos.

– Novos grupos! – exclamou Dottie. – Como vamos administrar isso?

Pensando na visão excitante que acabara de ter, Philippa sorriu e disse:

– Daremos um jeito.

Em seguida, pediu licença para dar início à reunião. As últimas a assinarem a presença e a se pesarem foram se acomodar nas cadeiras ou se recostar nas paredes; a sala fervilhou por alguns instantes, como uma colmeia quando as abelhas vão se assentar antes do anoitecer, e depois se fez silêncio.

Philippa fez uma pausa momentânea ao olhar para todos os rostos esperançosos voltados para ela, como flores, pensou, seguindo o sol. Seu coração batia rápido. Queria despejar a novidade sobre o vislumbre que teve do futuro e de como estava ansiosa em voltar para casa para dar os primeiros passos a fim de tornar isso possível. Não havia segundo algum a perder! A voz dela foi clara ao se apresentar, ao apresentar a equipe, e dar uma breve explicação sobre o que era a Starlite.

– Está na hora de nos livrarmos dos mitos e das suposições que acompanham

a gordura – disse. – A sociedade equipara a gordura com a estupidez, e nós não somos estúpidas. Temos de nos despir da nossa imagem antiga – continuou a jovem magra que era a inveja das mais pesadas no meio da multidão; ela não parecia ser alguém que tinha emagrecido 27 quilos! – E temos de dar um basta nas pessoas que tiram vantagem de nós, que nos rebaixam, que nos fazem sentir inúteis. Ralph Waldo Emerson um dia disse "Conquista aquele que crê". Toda mulher nesta sala pode conquistar o que quiser. Acredite em si, e você conseguirá qualquer coisa!

Quando os aplausos diminuíram, uma das associadas ergueu a mão, pôs-se de pé e disse:

– Acho que devemos começar as reuniões com uma prece. Sei que muitas de nós pertencem à igreja Nossa Senhora da Graça...

– E muitas de nós não! – rebateu Becky Baumgartner.

Enquanto todas riam, Philippa notou alguém chegando atrasado – um homem que nunca tinha visto pessoalmente, mas que reconheceu de pronto como sendo Ron Charmer.

E um calafrio de medo a percorreu.

Olhou ao redor procurando por Charmie, mas sua amiga estava nos fundos, preparando os cosméticos para a sua apresentação.

Outras associadas levantaram-se para falar:

– Quando eu pesava 94 quilos, a primeira coisa que eu fazia quando entrava em um lugar cheio de pessoas era olhar ao redor para ver se havia alguém mais obeso do que eu – disse Rhonda, uma das iniciantes da Clínica de Obesidade. – Se não houvesse ninguém, se eu fosse a mais obesa, então eu sabia que não me divertiria. Mas, se houvesse alguém mais pesado do que eu, eu me sentia aliviada. Que Deus me perdoe, mas eu até me sentia envaidecida.

Enquanto as pessoas expressavam empatia ante a confissão de Rhonda, elogiando-a pela coragem de admitir tal coisa, Philippa mantinha o olhar fixo em Ron Charmer. Não gostou da sensação que teve ao vê-lo passar pela sala em silêncio, um homem magro em um camiseta justa, com tatuagens em ambos os braços e uma rigidez na expressão do rosto que lhe enviava sinais de alarme até o cérebro.

Outra mulher levantou-se e disse:

– Só quero dizer que a Starlite permitiu-me ter uma vida normal novamente. Eu era tão obesa que, um dia, meu marido e eu fomos a um restaurante e eu tive de me acomodar em uma mesa com cadeiras porque eu não entrava na cabine

reservada – um murmúrio de compreensão atravessou o salão. – Estava tudo bem até a hora de irmos embora. Levantei-me, e a cadeira veio junto. Todos no restaurante riram. Desejei morrer naquela hora.

Todas bateram palmas, e ela se sentou, mas Philippa continuou a observar Ron Charmer, que conseguiu abrir caminho até a frente.

Quando Charmie apareceu, limpando as mãos em uma toalha, preparada para fazer a sua demonstração, ela sorriu para Philippa, sentou-se e depois olhou para o salão. Quando viu o marido, congelou:

– Ai, Deus meu, é o Ron – disse, empalidecendo por debaixo da maquiagem.

Ele caminhou em sua direção e a pegou pelo braço, provocando-lhe uma careta de dor. O salão silenciou-se a não ser pelo barulho dos ventiladores.

– A babá me contou onde você estava – disse ele em um tom baixo, mas que todos ouviram.

– Por favor, não – Charmie disse, tentando se soltar.

Philippa viu como ele a apertava. E depois o ouviu dizer:

– ... este show de horrores.

E puxou Charmie, levantando-a e deixando a cadeira cair para trás ao mesmo tempo.

Hannah se levantou.

– Ei, espere aí...

– Está tudo bem – disse Charmie. – Ele tem razão, é melhor eu ir – virou-se para Philippa com um olhar intensamente envergonhado e disse:

– O bebê está com febre. Tenho de ir. Desculpe se causei...

Mas Ron já a puxava para a porta, Charmie tropeçando após uma das sandálias de borracha ter escapado do seu pé.

Hannah estava nua. Enquanto Alan Scadudo a deitava nos lençóis de cetim, ela se via, a pele brilhando febril, o corpo magro pela primeira vez na vida. Alan ajoelhou-se entre suas pernas, abrindo-as com gentileza. Ele também estava nu, os ombros musculosos e pelos espalhados pelo tórax. Ele estava afagando seus seios e murmurava: “Você é linda”. Hannah o segurou e o guiou para si. Não conseguia esperar, queria passar os braços e segurar aquelas nádegas...

Acordou em um impulso, encontrando-se enroscada nos lençóis amarfanhados, a camisola retorcida na cintura. Aquele era o seu sexto sonho erótico em um mês. Não havia mais dúvidas, ela tinha de juntar coragem para ir procurá-lo.

Ligou para Charmie e exclamou:

– Socorro!

Levou duas horas para escolher a roupa certa. Mesmo sendo magra agora, ela ainda operava segundo o *olho gordo*, certificando-se de que o suéter tivesse mangas *raglan*, o que emagrecia, e gola rolê larga; a saia tinha pregas costuradas e uma ligeira forma em A, sapatos de salto com tiras nos calcanhares eram a regra.

Quando Charmie chegou com seu kit de maquiagem profissional, Hannah disse:

– Vou atrás de um homem. Deixe-me igual à Elizabeth Taylor.

– Você é mais bonita do que ela. Acalme-se, você ficará maravilhosa.

Enquanto Charmie fazia sua transformação artística, Hannah quis perguntar o que aconteceu depois que Ron marchou com ela para fora da reunião da Starlite na outra noite. Mas tanto ela quanto Philippa sabiam que não deviam tocar no assunto delicado do marido de Charmie; as duas respeitavam o seu desejo de privacidade.

Quando a amiga ficou espetacular, Charmie disse:

– Vá pegá-lo.

Hannah experimentou um momento de hesitação, como se os 23 anos se sentindo inferior tivessem voltado. Mas então se viu no espelho: a cintura fina, pernas longas, seios fartos. Lembrou-se do lema da Starlite – "Acredite em si mesmo" – e deu um forte abraço em Charmie antes de sair apressada.

Parecia estranho entrar na Halliwell e Katz como ex-funcionária; ainda mais estranho aproximar-se do balcão e esperar ser notada. Ardeth Faulkner apressou-se com seu sorriso falso e disse:

– Posso ajudá-la?

Mas quando reconheceu Hannah, sua expressão ficou séria. Duas reações ficaram nítidas, uma atrás da outra: primeiro, surpresa agradável; depois, ressentimento lembrado. Hannah deixou Ardeth assumir as funções chatas que ela havia feito por três anos na empresa.

– Estou aqui para ver o senhor Scadudo – disse Hannah impassível. – Ele está?

– Alan demitiu-se há seis meses. Ele não trabalha mais aqui.

Hannan escondeu seu desapontamento. Não permitiria que Ardeth a esmagasse duas vezes em uma mesma vida.

– Saiu é? Para onde ele foi?

– Ele foi para uma empresa de contabilidade. Ele recebeu seu CPA e, de

repente, não éramos mais bons o bastante para ele – disse Ardeth, sugerindo que muitas pessoas que saíam pensavam que a Halliwell e Katz já não servia para elas.

Hannah voltou para o escritório da McMasters desnorteada e desapontada. Postergou por tempo demais e agora o tinha perdido! Como poderia encontrá-lo? E se ele tivesse saído do Vale? Ou da Califórnia?

Consultou o relógio de pulso e sentiu uma pontada de pânico. Tinha duas horas até o almoço, duas horas longas e impossíveis em que o rastro de Alan poderia se perder antes que ela tivesse a chance de até mesmo começar a procurar por ele. Atacando seu trabalho com vontade, para fazer o tempo passar mais rápido, Hannah mentalmente formulou um plano de ação. Simplesmente pegaria o catálogo telefônico do Vale e telefonaria para todas as empresas de contabilidade listadas. Se isso não fizesse Alan Scadudo aparecer, então ela passaria para a lista telefônica de Los Angeles e de todo o sul da Califórnia que conseguisse alcançar. A bem da verdade, tomou essa decisão ao espiar a sala do chefe e ver que ele ainda não tinha vindo trabalhar. Para que esperar a hora do almoço?

Pegando a lista telefônica que mantinha debaixo da mesa, abriu-a nas páginas amarelas, procurando pela parte dos contadores, quando o telefone tocou.

– Droga – murmurou, depois atendeu o mais alegremente que pôde. – Bom dia, escritório do senhor McMaster.

– Olá – disse uma voz que a teria derrubado se ela não estivesse sentada com o peso da lista telefônica no colo. – Lembra-se de mim? Alan Scadudo.

Impossível. Só podia ser outro sonho, embora aquele não fosse muito erótico. Beliscou o braço.

– Olá, senhor Scadudo.

Ele explicou que havia acabado de falar pelo telefone com o seu corretor de ações na Halliwell e Katz – Hannah poderia ter se estapeado na testa; claro, ele tinha uma conta lá, o senhor Driscoll teria sabido lhe dizer onde encontrá-lo! – e que Driscoll mencionou tê-la visto na gaiola um tempo atrás, falando com Ardeth.

– Por isso, bem... Fiquei pensando onde você andava e acabei ligando para Ardeth e ela me disse que você perguntou por mim. Eu lembrei que você tinha se transferido para a McMasters.

Hannah murmurou alguma coisa, e pelo resto da vida ela não saberia dizer o que tinha sido, e não acreditou em seus ouvidos quando Alan perguntou se ela gostaria de sair com ele um dia desses.

– Sei lá, cinema, ou jantar, ou alguma coisa assim. Você está livre?

Toda vez que Charmie ia a uma das reuniões da Starlite, ela deixava seu garoto, Nathan, com a senhora Muncie, no fim da rua, que também tinha dois filhos pequenos. Ao dirigir pela avenida Hacienda, sentindo-se particularmente contente com o grupo daquela noite – seis novas associadas e uma pessoa do jornal local fazendo um artigo –, ela não notou de pronto, ao dirigir diante da própria casa, o carro na entrada. Mas, ao parar poucos metros adiante, olhou para trás e viu que o marido estava em casa.

Ron deveria estar em Santa Barbara pelos dois dias seguintes.

Subitamente teve um mau pressentimento. Quando ele a tirou da reunião no sábado da semana anterior, Charmie, durante todo o caminho silencioso de volta para casa, temeu ser castigada. Ron, porém, só lhe disse alguns desaforos, embebedou-se e caiu na cama. Na manhã seguinte, ele partiu com a maleta simplória. O bilhete na mesa da cozinha dizia: “Desculpe por ontem à noite, querida. Não sei no que eu estava pensando. Volto na sexta.”.

Todavia, o carro dele, estacionado na entrada escura, pareceu-lhe uma ameaça. Resolvendo deixar Nathan com os Muncie um pouco mais, estacionou e entrou em casa.

Ele estava na cozinha, tirando restos de carne de uma carcaça de frango frio que encontrou na geladeira, uma coxa em uma mão, uma lata de cerveja na outra. Charmie via, pela postura dele, que aquela não era a primeira.

– Oi – disse ela, do modo mais tranquilo que conseguiu, temendo se entregar. Ainda que não a tivesse castigado no sábado, ele gritou com ela, ordenando que se afastasse daquele “show de horrores” e, com isso, ela prometeu nunca mais voltar para o Starlite. Mas ele *nunca* voltava antes de uma viagem. – O que aconteceu? Por que já está em casa?

Ele ergueu os olhos embaçados.

– Onde *cê tava*? Por que o moleque não *tá* em casa? – perguntou com fala arrastada.

Um tremor percorreu a espinha dela. Antigamente, na época de Nova York, quando ele não bebia tanto e eles namoravam, Ron provocava tremores na espinha de Charmie – mas tremores de outra natureza. Ela o considerava excitante, em um jeito rude, franco, dispensando o mundo como quem tira um fiapo da manga. Ele tinha acabado de sair do serviço militar e não estava interessado em nada, só queria comemorar a liberdade – do uniforme e das continências de que ele tanto caçoava. Eles gargalhavam, faziam amor e faziam coisas doidas naquelas primeiras semanas, nos braços um do outro como um refúgio contra a rejeição dos pais: o

pai de Ron tinha tanto tempo para o filho quanto a mãe de Charmie para ela. Eram o bálsamo um do outro. Por um tempo. Mas, em seguida, Charmie engravidou, e Ron mudou. Ele teve de arranjar um emprego e rapidamente demonstrou seu descontentamento. Ele não queria um filho, e eles tiveram muitas discussões quanto a um aborto. Charmie nunca soube como conseguiria manter o bebê, mas uma centelha de esperança a fez continuar – a esperança de que o bebê mudasse Ron e que o fizesse enxergar que nem todas as famílias eram abusivas como a dele.

A primeira vez em que ele bateu nela foi quando ela voltou do hospital para casa com o bebê.

– Então? – perguntou, levantando-se da mesa, batendo a cerveja e a coxa de frango no tampo. – Fiz uma pergunta. Onde *cê tava*?

– Ron, você está bêbado...

Ele a estapeou no rosto.

– *Cê tava* com aquelas vacas gordas de novo, né? *Não é?*

– Por favor, não...

Mesmo Charmie pesando mais do que ele, ele era mais forte. Segurando-a dolorosamente pelo braço, ele disse:

– *Tá* na hora de *cê* aprender uma lição.

– Ron, você...

– Vamos! – berrou ele. – Anda! – e a empurrou pela porta.

Ele a empurrou pelo corredor, gritando:

– Entra aí! Vou mostrar quem é o chefe aqui! Jesus, como é que fui casar com uma porca que nem você!

Ela começou a chorar. Ele a empurrou novamente, e ela caiu contra a parede, machucando o ombro em um prego sem quadro.

– Por favor! – implorou. – Desculpe.

– Entra aí! – disse ele, dando-lhe um chute na coxa que a fez cair para dentro do quarto, aterrorizada pelo que aconteceria em seguida.

Ele já lhe fizera aquilo uma vez, em um hotel de beira de estrada da Rota 66, quando atravessaram o país. Ela não informou o nome verdadeiro ao médico da cidade próxima.

– Vamos – ele ralhou, puxando-a pela bata rosa e lilás. – Tire esse trapo!

– Por favor, não podemos... – disse ela.

Outro tapa no rosto a silenciou.

Ela tentou se despir devagar, para conseguir tempo, para ver se o álcool

conseguiria nocauteá-lo para a inconsciência. Já havia se salvado desse modo antes. No entanto, lá estava ele, de pé, cambaleando, encarando-a com os olhos vermelhos e cheios de raiva.

Depois de tirar todas as roupas, ela tentou se cobrir. Estiveram nus juntos muitas vezes; no início, tomavam banho juntos. Mas agora, enquanto estava parada tremendo e não fazia nenhum movimento para se despir, ela sentiu a vergonha cobri-la até acreditar que seria capaz de morrer.

– Na cama – ordenou ele.

– Não, Ron, *por favor*. Eu prometo que...

Ele a empurrou, derrubando-a sobre a colcha.

– Deus, como você é gorda! – gritou ele ao começar a tirar o cinto.

– Ron! Não! – ela tentou se afastar dele, mas ele correu para a cabeceira da cama, segurou-a pelos pulsos e os ergueu acima da cabeça. Enquanto ela soluçava e implorava para que ele parasse, ele os prendeu unidos com o cinto, depois prendeu o cinto na grade de ferro da cabeceira.

Ela chorava com tanta intensidade que as lágrimas escorriam por trás da garganta, fazendo-a tossir. Ela não viu o que Ron fez em seguida, mas ouviu o som do zíper abaixando e sentiu o colchão cedendo com o peso quando ele se colocou entre as suas pernas.

Fechando os olhos com força e cerrando os punhos, ela esperou o ataque doloroso. E, quando ele veio, com força brutal, ela cerrou os dentes para não gritar. Enquanto ele investia contra ela, cobrindo-a com o cheiro da cerveja e com os seus grunhidos, Charmie sentiu uma onda de náusea tão intensa, que temeu passar mal. Virou a cabeça de lado.

Daquela vez não durou tanto quanto na da Rota 66. Quando ele chegou ao fim e se afastou dela, ela rezou para que aquilo tivesse acabado, que ele voltasse para a cerveja e a deixasse em paz.

Mas ele estava longe de terminar. Em completo terror, ela o viu soltar seus pulsos; havia uma expressão no olhar dele que ela nunca vira antes. E acreditou que daquela vez ele a mataria.

Segurando-a pelos cabelos, ele a arrastou da cama e, sem dizer nada, puxou-a para fora do quarto e seguiu pelo corredor. Abrindo a porta do armário, jogou-a para dentro, lançando-a sobre uma profusão de botas velhas e outras tranqueiras. Quando caiu sobre uma raquete de tênis quebrada, ela sentiu um dor lancinante nas costelas e ouviu o som abafado de algo se quebrando.

– Espere... – disse ela quando a porta foi fechada. – Não, por favor, não me

deixe aqui!

Mas a porta já tinha sido fechada, e ela ouviu a chave ser passada na tranca.

– Ron! – gritou ela. – Não me deixe aqui!

A lâmpada de dentro do armário já tinha queimado há muito tempo, mas mesmo que estivesse funcionando, ela não teria como alcançar o interruptor. Ele a jogara em cima de tantas tranqueiras que não havia espaço para ela se mover. E também havia a dor excruciante em seu peito a cada respiração. Mas não era pior do que a dor que sentia entre as pernas. Lá embaixo, não era tanto a dor física, mas a dilaceração da sua alma.

– Ron, por favor – ela choramingou. – Estou me sentindo mal. Estou morrendo. Não me deixe aqui...

E então ela ouviu a porta da frente bater, o som da partida do motor do carro e depois ele descendo a rua.

Alan levou Hannah para o Parque Oceano Pacífico, um parque de diversões construído em um píer, onde se misturaram à multidão que aproveitava as luzes da noite mormacenta, com o ar salgado e a diversão desinibida e tresloucada. O encontro deles começou de modo tímido; não se tocaram ao caminharem, ouvindo as chamadas dos vendedores, vendo rapazes arrastando imensos bichos de pelúcia que conquistavam para as adoradas namoradas. O romance os cercava como uma névoa doce e pulsante. Eles falaram um pouco da vida deles.

– Sabe, Hannah, eu sempre gostei de você – confessou Alan enquanto comiam salsichas no espeto, cobertas com mostarda. – Mas nunca consegui juntar coragem para falar contigo. Quando a senhora Faulkner contou-me que você tinha perguntado por mim, fiquei surpreso. Isso me deu a confiança de que eu precisava para ligar para você. Se não fosse assim, eu nunca teria ligado – ele lhe deu um apertão promissor na mão, depois a soltou.

Hannah sempre soubera que Alan Scadudo era baixo, mas não percebera até então que, na verdade, era mais baixo do que ela. Mas ela não se importava; debaixo daquela camisa de algodão justa e das calças também justas, havia a insinuação de um grande físico.

Comeram a salsicha, depois compraram raspadinhas em cones de papel, uma de cereja, outra de limão. Quando elas ficaram derretidas demais e os cones pareciam prestes a desabar, jogaram o resto fora e compraram algodão doce. Nenhum dos dois estava com fome; o apetite deles era de outra natureza. Ambos, porém, eram tímidos demais para dar o primeiro passo, e por isso a comida era um

tipo de substituto.

Resolveram passear de teleférico, indo de uma ponta do píer até a outra, mas conforme andavam no pequeno cestinho suspenso por cabos de aço por sobre o oceano, Hannah ficou tensa e Alan passou o braço sobre os ombros dela. Ela permitiu que o braço ficasse lá. Em seguida, foram para a montanha-russa, e quando o carro deles desceu a caminho da escuridão do pacífico, Hannah gritou e segurou-se em Alan, e ele deixou a mão escorregar para o seio dela, onde continuou pelo resto do percurso. No polvo, ele se mostrou um pouco mais audaz com a sua exploração enquanto as caçambas balançavam perigosamente no ar e desciam novamente. Como Hannah não protestou, ele experimentou uma incursão debaixo do suéter dela, os dedos explorando o elástico do sutiã. Mas foi na xícara maluca que ele conseguiu escorregar a mão para debaixo do sutiã, espalmando um seio firme e volumoso. Conforme a xícara deles subia e descia, a mudança rápida da força centrífuga os fazia primeiro pender para um lado, depois para o outro. Com Hannah segurando-se com força a Alan, e Alan segurando firme o seio dela, eles logo ocuparam-se com beijos. Quando ela abaixou a mão para segurar a ereção dele, ele pensou que explodiria ali mesmo no brinquedo.

Quando o brinquedo parou, eles desceram cambaleando, mais por conta da excitação sexual do que por terem sido lançados de um lado para o outro. Alan manteve o braço firme ao redor da cintura de Hannah conforme avançavam pela multidão, sem prestar atenção às luzes, à música do órgão, ao cheiro do cachorro-quente ou à fumaça dos geradores. Chegaram ao abrigo da foca, onde as pessoas jogavam peixes na água mal-cheirosa, e Hannah conseguiu se afastar de Alan com um sussurro:

– Volto já.

Ele a viu desaparecer dentro de uma construção com uma pequena placa luminosa sobre a porta: MULHERES. Quando saiu minutos depois, ele viu imediatamente que ela havia tirado o sutiã, e quando ele percebeu como os seios sedutores balançavam debaixo do suéter, ele pensou que sua cabeça explodiria.

– Ai, meu Deus – ele disse sôfrego, pegando-a pela mão. – Venha!

A entrada da casa maluca era sensualmente convidativa, uma passagem com uma abertura vermelha acortinada com um buraco preto no meio. Alan conseguiu arranjar um dólar para os ingressos, e depois os dois entraram, ainda pendurados um no outro como se ainda estivessem na xícara maluca, como dois gêmeos siameses.

Pararam um instante para ajustarem a vista à escuridão. O barulho lá dentro

era quase ensurdecedor; era difícil definir se ouviam música gravada, risadas ou disparos. Ao seguirem as passadas verdes luminosas pintadas no piso, passaram por um casal abraçando-se nas sombras, beijando-se tresloucadamente.

Havia coisas bobinhas na casa, mais engraçadas do que assustadoras, mas Hannah pendurou-se em Alan mesmo assim, e ele a protegeu valorosamente contra esqueletos pendurados, corpos decapitados e do piso escorregadio por conta dos refrigerantes derramados. Chegaram aos espelhos desengonçados e riram de como estavam engraçados, todos trêmulos e sem forma definida, mudando conforme se mexiam. Mas, quando Alan viu o quanto um o deixava alto, mais alto até do que Hannah, ele não aguentou mais.

Passou os braços ao redor dela e começou a beijá-la até deixá-la sem ar. Hannah não resistiu. Cambalearam e caíram ao encontro de uma parede. Beijando-se avidamente e agarrando-se sofregamente, caíram para dentro e meio que ricochetearam de uma parede de vidro para a outra do labirinto conforme ele apertava aqui e ela agarrava acolá, sem perceberem as centenas de imagens que criavam deles mesmos, enquanto uma luz estroboscópica no alto os fazia parecer atores em um antigo filme do cinema mudo.

Caíram ao encontro de uma parede transparente; Alan subiu a saia dela. Ela o ajudou freneticamente abaixando a calcinha, enquanto as pessoas por perto, meio cegas e confusas pela luz estroboscópica, tateavam como toupeiras em meio ao labirinto de espelhos. Ele abaixou o zíper da calça e a penetrou em duas giradas do globo; Hannah enroscou uma perna ao redor dele enquanto batiam contra a parede, e Alan conseguiu fazer o suéter dela subir acima dos seios. Para os passantes do outro lado da transparência, que riam e batiam o nariz contra o vidro, os quais não sabiam estarem lá, Alan e Hannah pareciam apenas mais um casal abraçado beijando-se desvairadamente.

Tudo terminou em poucos minutos. Alan deu uma investida vigorosa e Hannah gritou. Em seguida, ela já abaixava a saia, alisando-a, e abaixava o suéter antes que alguém visse, e ele subia o zíper. Abraçaram-se, prestes a cair.

– Deus! – exclamou ele, rindo. – É por isso que chamam esta casa de maluca! – ele a fitou e a beijou novamente, profunda e longamente. – Hannah, vamos nos casar – disse ele.

Ela mal conseguia respirar. Sentia um calor grudento correr pelas pernas; nada antes parecera tão bom.

– Não é muito repentino? – disse sem ar.

– Nos conhecemos há três anos. Eu consideraria isso um noivado bem longo.

Uma dúzia de pensamentos passou voando pela mente dela, com a velocidade da xícara maluca: Academia Greer, seu negócio de design de roupas, seu envolvimento crescente com a Starlite, o desejo de ser independente. Mas só conseguia pensar em Alan.

– Sim – respondeu. – Sim, vamos nos casar.

– Me diga uma coisa – disse ele, alguns minutos mais tarde quando saíam apressados da casa maluca, ansiosos por algum lugar mais reservado. – O que em mim a atraiu mais?

A mão dela escorregou pelas costas até apertar as nádegas perfeitas.

– O seu sorriso – respondeu ela.

Philippa estava exausta, mas também se sentia energizada, tão excitada que não conseguia ficar parada. O relógio no fogão da cozinha lhe dizia que ela tinha trabalhado praticamente a noite inteira. O alvorecer logo começaria; ela supunha que deveria ir para a cama para descansar um pouco, porque agora que o velho senhor Fox havia passado boa parte da administração da farmácia para ela, Philippa tinha de estar descansada para o trabalho. Mas não conseguiria dormir.

Deu uma olhada na bagunça que fizera no apartamento e riu para si. Havia anotações, diagramas e fotos recortadas de revistas jogadas por todos os lados. Tendo pegado emprestado os lápis de cor e os blocos de desenho que Hannah usava para desenhar seus modelos, ela usou cada matiz de azul até se tornarem tocos, deixando borradas ilustrações coloridas espalhadas em todo o apartamento como almofadas decorativas. E ela gastou quase metade da fita da máquina de calcular, a coluna de números enrolando-se para fora da máquina e caindo no chão. A seção do Vale nos classificados do *Los Angeles Times* estava dobrada cuidadosamente ao lado do telefone, pequenos círculos indicavam onde Philippa marcara lojas para alugar. Logo de manhã começaria a dar telefonemas. Porque depois da noite desvairada trabalhando, mexendo em números, calculando e colocando tudo no papel, em cores agressivas, as imagens que vinham atormentando-a por dias, ela agora sabia que seu esquema daria certo.

Ela iria transformar a Starlite em um negócio de verdade!

Indo até a geladeira e pegando um pote com queijo *cottage* e pêssegos, Philippa olhou novamente para o relógio. Hannah ainda não havia voltado do seu encontro com Alan. Sorriu. Ao que tudo levava a crer, sua colega de apartamento finalmente tinha encontrado o amor.

O telefone tocou, sobressaltando-a, e ela se apressou para atender. Àquela

hora, um telefonema só podia ser alguma emergência.

– Philippa! – exclamou a voz resfolegante de Hannah. – Adivinha! Eu me casei!

– *O quê?*

– Alan e eu. Nós dirigimos até Las Vegas! Ah, Philippa! Nós nos casamos!

Philippa não conseguia acreditar.

– Ainda não contei para a minha mãe – disse Hannah. – Ai, meu Deus, ela queria que eu tivesse um casamento pomposo. Mas Alan e eu simplesmente não conseguiríamos esperar. Ah, Philippa! Estou tão feliz! Voltaremos para casa dentro de alguns dias. Ai, meu Deus, você não vai acreditar!

Depois que desligaram, Philippa sentiu-se ainda mais feliz e energizada do que antes. Um casamento em Las Vegas! Que delícia, que fora do comum!

E depois: Charmie! Ela tinha de contar para Charmie!

O telefone tocou e tocou na casa dos Charmer sem que ninguém respondesse, o que era estranho; Philippa sabia que Ron estava viajando e que Charmie assumira a reunião das quartas à noite. Mas ela já deveria estar em casa. Era tão tarde, que já estava quase amanhecendo. Onde ela poderia estar?

Discando novamente sem obter resposta, Philippa sentiu um súbito calafrio de medo. Aquilo de não atender não se parecia com Charmie, que tinha sono leve. Se ela não estava em casa, então onde estaria? E onde estava o bebê?

Vestindo uma jaqueta, Philippa pegou as chaves do carro e saiu correndo.

– Charmie? – Philippa chamou ao apertar a campainha. – Charmie?

Ela aguçou os ouvidos, mas não ouviu nada de dentro da casa. A avenida Hacienda estava tranquila a não ser pelo som dos jornais batendo nas varandas ao serem entregues por um menino de bicicleta. Já amanhecia por sobre os antigos carvalhos perfilados na rua. Philippa olhou para a entrada dos carros. O de Hannah estava ali, mas o de Ron não.

Tocou a campainha de novo, depois bateu à porta.

– Charmie? – Bateu. – Frizz, está me ouvindo?

Por fim, tentou a maçaneta e a descobriu destrancada. Conforme a porta se abria, ela chamou:

– Frizz? Você está em casa? Frizz?

Ela entrou, depois viu um vaso quebrado e uma cadeira caída de lado; ficou mais alarmada.

– Frizz! Charmie! Você está bem?

Prestou atenção. Pensando ter ouvido um som, seguiu para o corredor, parando para ouvir. Sim, havia um barulho abafado, uma batida leve.

– Charmie? – chamou novamente. – Onde você está?

O quarto principal estava vazio; ela viu os lençóis revoltos, o cinto amarrado na cabeceira de ferro. Seguiu o som até um armário. Aguçou os ouvidos, ouviu um arranhão do lado de dentro. Tentou abrir, mas a porta estava fechada, mas notou um chaveiro antigo em uma mesa próxima.

Quando abriu a porta e encontrou Charmie, nua e apertada, toda cercada por um monte de tralhas, exclamou:

– Ai, meu Deus – e abaixou-se para pegá-la.

– Philippa? – disse Charmie, fraca. – Me... ajude... por f-favor.

Ela gritou quando Philippa tentou passar o braço ao seu redor. Charmie respirava superficialmente, segurava as costelas; Philippa correu para o banheiro e voltou com um roupão, ajudando-a a vesti-la.

– Vou chamar um médico – disse.

Mas Charmie não quis, segurou-se a Philippa para se equilibrar. Seu rosto estava inchado, os olhos estavam com hematomas negros e azuis, o lábio superior estava cortado.

– Nada de médico. Por favor, só... me ajude até a... cozinha... Água.

Philippa começou a protestar, mas depois, lembrando-se do seu pedido feito à senhora Chadwick para que não envolvesse um médico, ajudou a amiga a ir até a cozinha.

– Meu Deus – sussurrou Philippa ao acomodá-la em uma cadeira. – O que houve?

– Ron. Ele me pegou voltando da reunião – explicou, aceitando o copo de água. Depois de tomar tudo, disse:

– Meu Deus, como dói. Devo ter ficado horas naquele armário. Que horas são? Por que veio aqui?

Philippa encheu uma toalha com gelo do congelador e entregou-a a Charmie para que ela a colocasse sobre o rosto. Depois, colocando uma chaleira para ferver, pegou xícaras e saquinhos de chá, com as mãos trêmulas de tanta fúria, falou com uma calma que não sentia para não perturbar Charmie:

– Hannah ligou. Ela e Alan Scadudo foram para Las Vegas e se casaram. Tentei ligar para você, mas ninguém atendeu.

– Las Vegas! Jesus... – ela fez uma careta. – Ai, meu Deus, Philippa, sinto-me péssima.

Philippa encontrou aspirina no banheiro, além de um frasco de iodo e alguns *band-aids*, e fez o que pôde para cuidar dos cortes no rosto de Charmie. Quando o chá ficou pronto, ela pôs as xícaras na mesa e sentou-se de frente para a amiga.

– Quer me contar a respeito do que houve?

– Não.

– Tudo bem – disse Philippa, embora com dificuldade, pois desejava ajudar a amiga.

– É só que... – Charmie começou a falar. – Ai, meu Deus, que confusão. Como isso foi acontecer?

Com o som da porta se abrindo, as duas ficaram paradas, e então Ron entrou cambaleando na cozinha. Ele estava horrível e fedia a uísque.

– Ah, querida – disse ele ao ver o rosto inchado da esposa. – Ai, meu Deus, sinto muito. O que eu fiz?

Ele caiu de joelhos e enterrou o rosto no colo dela, soluçando como um bebê.

– Desculpe! Eu não sabia o que estava fazendo! Perdão... Prometo que nunca mais faço isso. Como pude machucar você? Eu te amo.

Quando ele levantou o rosto marcado de lágrimas, Charmie afagou a cabeça dele.

– Vou compensar você, eu juro. Que tal irmos para algum lugar legal? Que tal se eu, você e o garoto formos para a Disneylândia? Você sabe como ele ama o Mickey Mouse. Podemos fazer isso?

– Sim, claro.

– Preste atenção, estou falando sério dessa vez. Vou parar de beber. Vou para as reuniões do AA, faço qualquer coisa. Nós pertencemos um ao outro, meu bem, não é?

– Está tudo bem – disse Charmie. – Pode ir agora. Vá dormir. Conversamos mais tarde.

Ele saiu tropeçando para a cama, sem nem notar que Philippa estava ali.

– Charmie, você não pode permitir que ele faça isso com você – disse ela.

– Fique fora disso, Philippa, por favor – disse Charmie cansada, mudando o gelo para a outra face. – Você não entenderia.

– Mas por que deixa que ele a machuque assim?

– Você não sabe, Philippa – disse ela, respirando de leve por conta da dor nas costelas. – Você nunca teve um homem. Nunca se apaixonou.

– E estar apaixonada é isso? Ficar trancada em um armário?

– Deixe-me dizer uma coisa. A primeira vez que Ron fez uma coisa assim

comigo, eu fui para a casa da minha mãe. Sabe o que ela disse? Que não ia me deixar entrar porque não era conveniente. Sempre fui isso para ela, uma inconveniência. Tenho certeza de que, se o aborto estivesse legalizado em 1937, eu não estaria aqui agora.

– Mas isso não é motivo para você continuar com um marido abusivo.

– Philippa, eu não sou uma inconveniência para o Ron. Ele me ama. Ele *precisa* de mim.

– Charmie, preste atenção – disse Philippa rapidamente, cheia de medo. – Eu vim trabalhando em uma ideia incrível para a Starlite. Vai ser grande e sensacional. Mas preciso da sua ajuda. Não posso fazer isso sozinha. Há tantas coisas que podemos fazer juntas...

– Não vou voltar, Philippa.

– Não pode estar falando sério!

– Eu não preciso da Starlite. Não sou obcecada em ser magra como você ou a Hannah. O meu marido gosta de mim do jeito que eu sou.

– Mas ele a chama de gorda! Ele a humilha em restaurantes, na frente dos seus amigos! Charmie, você não entende? Ele está usando a gordura como uma arma contra você! Ele a mantém subordinada mantendo-a obesa. Ele faz com que se sinta inútil para que você acredite merecer o abuso dele.

– Recebi o que mereci!

Horrorizada, Philippa a fitou.

– Ron me proibiu de voltar para a Starlite – Charmie disse, desviando o olhar. – Mas fui lá, pelas costas dele. Mereci o que recebi.

– Charmie! Isso não é verdade! Ninguém merece ser tratado assim.

Charmie de repente se levantou, segurando as costelas e fazendo uma careta de dor.

– Não quero mais falar sobre isso. Isso é assunto particular e não é da sua conta.

– Talvez não, Charmie, mas sou sua melhor amiga. Lembra-se quando enfrentamos Amber...

– Ah, pelo amor de Deus, pare de viver no passado!

– Mas é importante se lembrar do passado. Como eu e você éramos...

– Eu disse para parar!

Philippa tentou manter o controle.

– Por favor, venha comigo agora. Eu ajudo você. Vamos juntas pegar o seu filho e vocês podem ficar comigo e com Hannah. Tenho tantos planos para a

Starlite e preciso da sua ajuda.

– Você não precisa da minha ajuda, Philippa. Nunca precisou da ajuda de ninguém. Hannah e eu a seguimos como um par de cachorrinhos fiéis enquanto você discorre as suas asneiras “Se você acreditar, você será”. Jesus! Acha mesmo que as pessoas acreditam nisso?

Philippa a encarou. Começou a tremer. *Estou perdendo Frizz. Assim como perdi Rhys*.

– Por favor, Frizz. Sei que está ferida...

– Não me trate com superioridade! E pare de me chamar assim! Apenas pegue o seu corpinho magrelo e saia daqui, deixe-me viver a *minha* vida. Ok?

– Charmie...

– Vá embora – disse ela cansada, saindo da cozinha e seguindo para o quarto, de onde os roncos de Ron eram ouvidos pela porta fechada. – E me faça um favor, Philippa. Ok? Não ligue mais para mim. E não volte aqui.

26

JUDITH ATENDEU AO TELEFONE no primeiro toque e disse:

– Doutora Isaacs.

Quando ouviu a voz do outro lado, sentiu-se gelar de pronto.

Olhando de relance por sobre o ombro para Zoey, que limpava a sala de cirurgia onde Judith tinha acabado de realizar uma operação de pequeno porte, abaixou a voz e disse:

– Como me encontrou?

Ao ouvir a voz assustadoramente conhecida do outro lado, ela ficou olhando para os instrumentos operatórios recém-lavados secando ao lado da pia e tentou se recompor. Judith foi para o Star's para se esconder, para fugir. E agora, em seu terceiro dia apenas, ele a havia encontrado.

– De nada adianta – disse, mantendo o olhar em Zoey, tentando se certificar de que a enfermeira não a ouviria. – Não temos mais nada a dizer um para o outro.

Jamais haveria uma fuga do passado? Estava fadada a arrastá-lo para onde quer que fosse, como o fantasma de Jacob Marley[1] e suas correntes?

Judith perguntou-se se fora um erro vir para o Star's; afinal, talvez a reclusão na montanha não a protegesse. O anonimato de um hospital em uma cidade grande teria sido melhor – o Hospital Geral de Massachusetts ou o Cedars-Sinai em Los Angeles...

– Sim, estou aqui ainda – disse. – Não deveria ter telefonado...

Uma luz piscou no painel acima da porta da sala estéril. Cada uma das lâmpadas indicava o quarto de um paciente, e aquela que piscava era a do senhor Smith. Judith ainda não o tinha visto naquela manhã.

Zoey percebeu a luz piscante, e Judith esperou até que ela saísse da clínica antes de falar ao telefone:

– Não quero que me telefone novamente aqui. Não tenho nada para lhe dizer agora nem nunca mais – percebeu um tremor em sua voz. – Por favor, não faça

isso comigo – disse. – Estou tentando recomeçar a vida. Deixei o passado para trás.

Ela fez uma pausa para ouvir, a mão segurando firme o aparelho.

– O que quer de mim? – perguntou. – Não, não pode vir aqui! Por favor, deixe-me em paz!

Levantou o olhar e assustou-se ao ver Zoey parada na porta.

– O senhor Smith está pedindo que vá até lá.

– Sim, obrigada, Zoey. Desculpe – disse para seu interlocutor, recobrando seu tom profissional –, mas não tenho tempo para conversar agora – desligou, percebendo tarde demais que não havia se despedido, fazendo com que aquela conversa parecesse suspeita. – Estarei com o senhor Smith se precisar de mim – disse para Zoey ao pegar a maleta médica.

– E se receber um telefonema, doutora?

Judith perguntou-se se Zoey teria ouvido a sua conversa. O seu relacionamento com a jovem enfermeira só piorara desde a sua chegada. Judith descobriu outros problemas na clínica: suprimentos estéreis que tinham passado da validade, prateleiras empoeiradas, o registro mal feito no livro de narcóticos – e a tensão entre a médica e a enfermeira só aumentou. Judith questionava-se se poderia confiar em Zoey.

– Se houver uma emergência, pode me chamar – respondeu.

Ao seguir pelo corredor, tentando não pensar no telefonema e em como ele a incomodara, se concentrou no senhor Smith, imaginando o motivo de ele querer vê-la. Havia feito sua ronda na noite anterior e saiu quando a visita começou a parecer mais longa que o necessário. Ele lhe perguntara se ela gostava de esquiar, e quando ela disse que sim, ele lhe contou sobre as incríveis pistas na Europa, dizendo:

– Você iria adorar lá, Judith – e aquilo quase pareceu um convite.

E naquela manhã, Smith foi acompanhado pelo doutor Newton, que passou dez minutos com ele e relatou a Judith que a incisão estava cicatrizando a contento. Então, por que ele queria vê-la?

Quando bateu à porta, um jovem a abriu, e Judith levou um choque. O quarto estava lotado de flores e balões, bichinhos de pelúcia, cestos de frutas, caixas de chocolate. Sentados no sofá e nas poltronas arrumadas próximas à lareira, estavam três homens separando o que parecia ser uma montanha de cartas.

– Entre! – Smith a chamou da cama, que estava coberta de cartas e cartões. – Fui encontrado!

– É o que parece. Mas pensei que não quisesse receber visitas – disse, olhando para os homens perto da lareira e notando os pratos de sanduíche e as xícaras de café na mesa entre eles. Ela ficou se perguntando por que Zoey não lhe contara sobre aquilo tudo.

– Eles não são visitantes, doutora – disse Smith, erguendo-se na cama fazendo com que cartões e envelopes caíssem no chão. – São a minha equipe.

Os três homens – o publicitário de Smith, o secretário e outro empregado pessoal – foram apresentados a Judith; eles a cumprimentaram rapidamente e voltaram a atacar a tarefa de selecionar a correspondência.

– O que *é* tudo isso? – perguntou ela, deixando a maleta de lado e cheirando um buquê de cravos. Os arranjos de flores variavam desde simples botões de rosa em vasos até buquês elaborados que ficavam no chão em cestos de vime. Judith conseguiu ler alguns dos nomes nos cartões dos presentes: casal Paul Newman, Gerald e Betty Ford, Bob Mackie. Um enorme urso panda de pelúcia usava uma gravata borboleta coberta por assinaturas. Havia cestos com laranjas, peras e mangas; caixas de madeira cheias de estilo com comida requintada e garrafas de vinho, e diversas caixas douradas de chocolate Godiva.

Smith apanhou algo em sua mesa de cabeceira e entregou a Judith.

– A notícia se espalhou – disse ele em um tom que ela ainda não tinha ouvido; a voz de um homem tentando controlar a raiva.

Ela percebeu surpresa que ele lhe entregava um popular tabloide de supermercado. A manchete principal dizia:

LENDA DO CINEMA FAZ CIRURGIA SECRETA ABAIXO DA CINTURA.

– Ah, meu Deus... – disse ela.

– E só fiz a cirurgia há cinco dias – disse ele zangado.

Judith abriu na página do artigo e passou os olhos com desalento. Junto do artigo estavam diversas fotos de Smith quando era mais jovem e vigoroso, em cenas de filmes em que representara piratas, Robin Hood e heróis elegantes. A única foto da atualidade era uma em que ele estava desarrumado, nada atraente, em um infeliz truque de má iluminação.

– Mesmo o artigo explicando que fiz lipoaspiração no abdômen – disse ele –, a manchete obviamente sugere às pessoas que a minha cirurgia tenha sido de uma natureza mais íntima. As pessoas lerão isso e se perguntarão o que um homem poderia fazer que envolva o sexo? Eu estava preocupado com a minha vaidade, mas isto é muito pior! Como acha que a história vazou, doutora?

– Não faço ideia – disse, percebendo que abaixo de seu aparente controle externo jazia fúria. – O Star's tem uma política de privacidade para proteger seus hóspedes, e os funcionários são obrigados a manter segredo, especialmente no que se refere aos pacientes da clínica. No seu caso, somente a alta gerência – Beverly Burgess e Simon Jung – sabem quem o senhor é de verdade. A recepção não sabe quem é o senhor Smith.

– Bem, a telefonista reportou uma média de vinte ligações por hora para mim.

Judith o encarou.

– Então *ela* sabe quem o senhor é.

– Sim, e eu já falei com o meu advogado a respeito disso. Vamos processar esse jornaleco. Depois de todos esses anos de esforço para preservar a minha vida pessoal, desde a década de 1940 nos meus primeiros filmes, isso acaba acontecendo! Sabe, doutora – disse ele –, isso pode lhe parecer estranho, vindo de uma lenda das telas, mas, no fundo, sou uma pessoa reservada. É algo com que me debati a vida inteira: meu desejo de ser ator contra a minha necessidade de privacidade. Nem sempre foi um equilíbrio fácil de conseguir. Todos os romances que tive foram perseguidos pelos jornalistas. Mas isto vai além da decência e do bom senso.

– Não sei o que dizer. Sinto-me péssima a respeito.

– Não é culpa sua – disse Smith, jogando o tabloide no chão desgostosamente. – Imagino que histórias como a minha acabem vazando – ele fez um gesto amplo abarcando o quarto. – E veja no que resultou! Eu não fazia ideia de que tantas pessoas se importassem comigo.

– Claro que se importam – disse ela, sentindo a raiva aumentar. *Como a história tinha vazado?* – E se eu estivesse lá, no mundo real – continuou – e ficasse sabendo da sua internação, eu também teria lhe enviado um cartão. É por isso que queria me ver?

– Pensei que devesse tomar conhecimento.

Ela avaliou o rosto dele e viu as linhas de preocupação afundarem na testa e ao redor da boca.

– Importa-se se eu pedir à sua equipe que nos dê alguns minutos?

– Por quê? Meu médico já me viu hoje.

– Eu sei, mas ele não está aqui, portanto o senhor está sob os meus cuidados, e o senhor me parece perturbado.

– E você não ficaria se o seu segredo fosse publicado em um lixo como esse? Ainda mais com uma manchete com tamanha insinuação espalhafatosa? – ele

gesticulou para que os outros saíssem.

Depois que se retiraram, levando a pilha imensa de cartas com eles para continuarem a separá-la, Judith segurou o pulso de Smith e olhou para o relógio.

Ele começou a se acalmar.

– Nada disso a deslumbra, não é? – perguntou, enquanto ela contava sua pulsação. – As flores, os presentes.

– Muito pelo contrário, senhor Smith, estou impressionada.

– Não, estou me referindo à parte do *showbiz*. Nada disso a faz querer desmaiar.

– Já vi flores em hospitais antes – disse ela. – Abra a boca – pediu e inseriu um termômetro debaixo da língua dele.

– Doutora, você me acha irresistível, admita – disse ele, retirando o termômetro da boca. – Está loucamente apaixonada por mim, e desde que tinha doze anos.

– Catorze. Agora, por favor, fique de boca fechada. Uma infecção é a nossa maior preocupação, por isso preciso monitorar a sua temperatura atentamente – ela se sentou na beira da cama, rolou a manga dele e passou a fita do medidor de pressão ao redor de um bíceps muito bem desenvolvido.

Vendo que a pressão dele estava normal, ela retirou o aparelho e leu a temperatura do termômetro, fez uma anotação no prontuário e disse:

– Está tudo bem.

– Quanto profissionalismo, não?

– Bem, afinal, *sou* uma *médica*, não?

Quando ela começou a se levantar, ele a segurou pela mão e disse:

– Fique um instante, por favor.

E ela se surpreendeu com a descarga que sentiu quando ele a tocou. Ela sentiu suas defesas, sua fachada profissional cuidadosamente mantida, começarem a sucumbir. Tinha medo de ficar. Temia enfraquecer e que ele adivinhasse como ela estava começando a se sentir em relação a ele.

– Muito bem, se é o que quer – disse ela. – Posso ficar alguns minutos.

– Tome um drinque comigo. Faz horas que não tomo analgésico.

– Sinta-se à vontade, mas eu ainda estou trabalhando.

Alcançando o roupão de seda castanho aos pés da cama, Smith conseguiu vesti-lo e depois se pôs de pé. Mas Judith notou que ele se retraiu de dor e que, quando se levantou, empalideceu. Ela se aproximou e o firmou.

– Vou ficar bem – disse ele, pousando a mão no abdômen. – Eu não fazia

ideia de que seria tão doloroso. Apenas me vire na direção do bar e eu ficarei bem.

Depois que ele se serviu de uma dose de conhaque Napoleon, Smith sentou-se em uma das poltronas desocupadas pelos seus funcionários e indicou outra para que Judith o acompanhasse.

– Quero sua opinião sobre uma coisa – disse ele. – Estão me pedindo para fazer uma série na televisão. O que acha? Devo aceitar?

– Por que está pedindo minha opinião? – ela balançou a cabeça quando ele lhe ofereceu um prato de bolachinhas amanteigadas.

– Biscoitos *sablé* – disse ele, mordendo um. – O meu maior ponto fraco... Estou lhe perguntando porque valorizo a sua opinião. Você não se parece com nenhuma outra mulher que já conheci, sei que será sincera.

Quando ela lhe lançou um olhar cético, ele disse:

– Isso não foi uma cantada, Judith, mas a verdade. Entenda, você é a única médica com quem já me consultei. No mundo exterior, eu jamais teria ido procurar uma médica, mas aqui eu não tive escolha, fiquei à sua mercê. Isso a torna única.

– Não sei se compreendo.

– Conheci muitas mulheres intimamente, Judith, mas não importava o quanto nos tornávamos íntimos, sempre mantive meus segredos, o meu mistério. Faz parte do meu charme – ele sorriu, e Judith notou que ele havia corado de leve, aumentando o seu charme. – Mas, com você, doutora, não tenho segredos. Pelo menos no que se refere à natureza de quem sou. E também você é a única mulher que já me viu vulnerável. A não ser por minha mãe, e isso já faz muito tempo, nunca permiti que mulher alguma me visse com dor. Nenhuma mulher jamais teve esse poder sobre mim.

– Não sinto ter poder algum sobre o senhor, senhor Smith.

– Eu sei... – ele lhe lançou um olhar perscrutador. – E isso a torna ainda mais incrível. Não está aqui para me manipular, mas para me deixar confortável. Você cuida dos meus interesses, sem motivos secundários. E isso a transforma em uma mulher muito especial.

Ela não queria ouvir aquilo. Ao mesmo tempo que queria ouvir.

– Senhor Smith, o senhor deveria ter se consultado com médicas no passado, e então saberia que não sou nada especial.

– Duvido muito – rebateu ele. – Então, devo fazer?

– Fazer o quê?

– A série televisiva.

– Não sei o que dizer. Assisto bem pouco à TV.

– O que faz para se divertir?

– Leio livros, em grande parte. Levo uma vida muito pacata e entediante.

– Do que está fugindo, Judith?

Ela desviou o olhar.

– Estávamos falando de você.

– Vi em sua expressão quando entrou aqui que algo a aborreceu. O que foi?

– Recebi um telefonema perturbador, mas não quero falar a esse respeito.

– Então me fale da sua filha.

– Não.

– Eu queria ter tido filhos, sabe. Mas, quando eu era mais moço, ter uma família jamais me ocorreu, nunca pareceu adequado ao meu estilo de vida. E eu tinha a imagem de playboy a zelar – ele sorriu. – Casamento sempre esteve fora de consideração.

– Mas está pensando em se casar agora.

Ele a fitou surpreso. Ela não fez uma pergunta, mas uma declaração.

– Sim – respondeu. – Para falar a verdade, sim. Como soube?

– Não sabia. Foi apenas um palpite. Algo a ver com as nossas conversas, imagino. Então, quem é a felizarda?

– Ainda não decidi. Que tal você? Você se casaria comigo, Judith?

– Se eu não estiver muito ocupada nesse dia.

– Sou muito rico. Tenho casas em Beverly Hills, Palm Beach, Manhattan e em Roma. Tenho saúde, como pode ver, e sou razoavelmente bem apessoado. E agora bem magrinho – disse ele, tocando o abdômen. – Poderia ser uma vida divertida...

Ela riu, depois voltou a ficar séria.

– Nunca mais vou me casar, senhor Smith. Não vou mais ter filhos.

– Está dizendo que não pode.

– Que não quero.

– Bem... – disse ele, silenciando-se e fitando-a.

Judith olhou ao redor do quarto bagunçado, para as cartas e os cartões, para as cestas de frutas, os buquês com laços vermelhos desejando que ele se recuperasse prontamente. Devia haver milhares de pessoas representadas ali, pensou ela. Mais até, quando viu uma carta assinada “Com todas as nossas orações e desejo de melhora, da cidade de Escondido”.

Judith tentou visualizar a vida de Smith – as casas que ele acabara de mencionar, e em como elas deviam ser elegantes. Um homem que filmou 54 filmes

de sucesso e recebeu dois Oscars devia ser muito rico e devia ter uma legião de fãs e amigos. *Que existência glamourosa*, Judith pensou subitamente contrapondo à sua vida simples e sem atrativos: a infância em San Jose, seguida pela faculdade de Medicina, depois se acomodando em um casamento tranquilo com Mort em uma pequena comunidade nas montanhas, onde a única pessoa famosa que Judith conheceu foi a Miss Califórnia do Norte de 1979.

– Eu a entristeci – disse ele baixinho.

Ela olhou para Smith. Quantos quartos femininos, ou mesas e armários, aquelas belas feições agraciavam? Quantos corações femininos ele tocou e ainda era capaz de tocar? Muitas das cartas com desejo de pronta recuperação foram escritos em papéis de carta femininos.

– Não, não me entristeceu – disse ela. – Eu só estava pensando em uma coisa.

– Pode me contar se quiser. Sou um ótimo ouvinte.

Ela fitou os olhos azuis, que tinham rugas de sabedoria e de idade ao seu redor, e depois para os ombros, que ainda eram largos, as mãos, firmes e fortes. Judith subitamente desejou não ser a médica dele, mas uma mulher com a liberdade de se entregar a ele. Queria ser arrebatada, abraçada e amada por aqueles braços masculinos e ouvir o barítono escocês lhe dizer que tudo ficaria bem, que ele a manteria a salvo, e que a amava.

Assustada com esses pensamentos e percebendo que as faces estavam coradas, ela se levantou e disse:

– Preciso ir, tenho outros pacientes para ver.

Ele se levantou com ela, com menos esforço do que antes, com menos sinais de dor.

– Por favor, jante comigo hoje, Judith.

Deus, como ela adorava o modo como ele pronunciava seu nome, tirando-o da mediocridade e conferindo-lhe um verniz aristocrático, ainda fazendo parecer que gostava de pronunciá-lo. Maravilhou-se ao ver como ele estava ereto, alto. Pensou no ex-marido, Mort, que aos 46 já dava sinais de idade e da ação da gravidade – a barriguinha, os ombros começando a pender. Mort era do tipo artista quase antissocial, que povoava as comunidades montanhosas; passava dias em seu estúdio úmido, encurvado sobre blocos de argila ou de madeira, criando esculturas maravilhosas que permaneceriam imutáveis por toda a eternidade, enquanto o seu criador tornava-se corcundo, menor, mais baixo. O senhor Smith, por outro lado, era a encarnação de uma vida de conquistas atléticas. Judith lembrava-se de ter visto uma foto dele no *Los Angeles Times* de dois anos atrás, quando, aos 67, ele

jogava polo em uma partida beneficente.

Ela adoraria poder jantar com ele. Mas ele partiria do Star's em três dias. Não voltaria a vê-lo. Qualquer atração que crescia entre eles não poderia se desenvolver em nada mais. Ele tinha uma vida glamourosa, suas quatro casas e planos para se casar e ter filhos. Não havia lugar, naquele quadro reluzente, para uma médica comum de uma cidade pequena.

– Não estou pedindo isso porque estou solitário, Judith – disse ele, parando ao lado dela. – Eu gostaria que jantasse comigo porque aprecio sua companhia. Mais do que isso, quero arrancar a tristeza que carrega dentro de você. Talvez curá-la, de certo modo, do mesmo modo em que está ajudando a me curar. Por favor, me dê essa oportunidade.

Ela estava para dizer sim quando o telefone tocou, assustando a ambos.

– Com licença – disse ele.

Era o advogado dele, e Smith passou a discutir o artigo do tabloide pelo telefone, os termos do processo, e Judith preparou-se para sair.

Smith disse:

– Espere – e abaixou o telefone.

Ele retirou um botão de rosa vermelho de um vaso Erté e aproximou-se dela.

– Para você pensar em mim – disse baixinho, colocando o botão na lapela do jaleco dela.

---

[1] Jacob Marley é personagem do livro *Um conto de Natal*, de Charles Dickens. (N.T.)

27

INGRID LIND ASSISTIU À Dança do Deus Tigre e depois o levou para o seu quarto de hotel, onde fizeram amor. Era uma espécie de tradição sua, ao fim de cada viagem atribulada de negócios, recompensar-se deleitando-se em Singapura com comida (os restos do banquete de *tandoori* curry estavam espalhados pelas mesas de sua suíte), com joias (uma farra de compras agregou uma rara jade negra à sua já vasta coleção) e, por fim, recompensava-se com sexo. Na última vez em que estivera em Singapura, Ingrid foi ao festival de Aniversário do Deus Macaco e também foi para a cama com um dos celebrantes – um jovem malásio de pele acobreada que a maravilhara com sua ginástica sexual. O Deus Tigre, embora não tão criativo na cama, demonstrou mais permanência, a ponto de que agora, enquanto o sol equatorial passava pela janela, iluminando o quarto de hotel com sua luz estimulante, Ingrid sentia-se mais contente e revigorada do que há muito tempo.

E foi por isso que, quando o telefone tocou, ela resolveu não atender. Queria relaxar nos lençóis revoltos e reviver os belos momentos passados com o Deus Tigre, que estava profundamente adormecido ao seu lado, com o longo cabelo preto espalhado pelo travesseiro, quase chegando ao chão. Os dançarinos masculinos eram de longe os melhores amantes...

No fim, sem conseguir dispensar a insistência do toque do telefone, atendeu-o.

– Pois não? – disse, afastando o longo cabelo loiro do rosto e vasculhando a mesinha de cabeceira até encontrar o maço de cigarros.

– Ingrid – disse a voz do outro lado. – Sou eu, Alan.

– Ah... Olá, Alan – acomodando o telefone na curva do pescoço, pegou um Galloise, acendeu-o com seu isqueiro de ouro Dunhill e assoprou a fumaça na direção dos raios de sol que atravessavam sua cama.

Ingrid estava hospedada no Raffles, um dos hotéis mais luxuosos e históricos

do mundo. Um dos benefícios de ser a compradora de uma corporação tão rica quanto as Indústrias Starlite, e um dos motivos pelos quais Ingrid gostava tanto do seu emprego, eram as viagens, que a levavam ao redor do mundo em busca de tecidos e tendências para as lojas Tamanho Perfeito da Starlite. Percorrendo desde o norte da África, onde escolhia turbantes e faixas de cabeça marroquinos, passando pelo Egito por causa do algodão e do linho egípcio, Paquistão pelo batique, Índia pela seda, até acabar em Singapura, concluindo o cruzamento de importações e exportações do sudeste asiático, que abastecia a linha da Tamanho Perfeito Internacional com acessórios exóticos como bolsas de répteis, joias esmaltadas e perucas de cabelos humanos.

– O que foi, Alan? – perguntou, recostando-se nos travesseiros e soprando fumaça para os ventiladores no teto. A manhã já estava quente. Era sempre quente em Singapura, onde a temperatura raramente ficava abaixo de 20°C, mesmo à noite, o ano inteiro.

– Estou ligando do Rio.

– Hum, a coisa da Miranda Internacional. Fiquei sabendo.

– Preste atenção. Philippa voltou.

– Sim, eu sei.

– Sabe? Como?

– Então, qual é o problema?

– Ela convocou uma reunião emergencial da diretoria para daqui a três dias e quer que todos estejam presentes.

– Lamento, não estarei de volta a tempo.

– Bem, sugiro que volte.

– Do que se trata tudo isso?

– Ela encontrou uma discrepância na contabilidade. Uma bem grande.

Ingrid franziu a testa.

– No meu departamento?

– Não. No de alimentos. Mas volte imediatamente mesmo assim. Já.

Ela fechou os olhos e mentalmente o mandou para aquele lugar...

O Tigre espreguiçou-se ao seu lado, inspirando profundamente, esticando os braços longos. Ingrid rolou e esticando a mão, afagou-o. Ele gemeu suavemente.

– Ingrid? – disse a voz impaciente de Alan. – Alguém está aí com você?

– Sim, um mercador de seda! Tchauzinho! – despediu-se com uma risada. Assim que desligou, foi envolvida imediatamente pelos braços do Deus Tigre.

Contudo, um minuto depois, Ingrid dizia a seu acompanhante que fosse para

casa. Por mais que tentasse não deixar o telefonema de Alan incomodá-la, ele a incomodou.

Quando o dançarino malásio foi-se, Ingrid foi para o banheiro e parou por um bom tempo debaixo do chuveiro frio, lavando os efeitos da farra da noite anterior na rua Arab no bairro malásio, onde, com um grupo de americanos, assistiu à fascinante procissão em comemoração à virilidade do Deus Tigre. O grupo turbulento comeu vegetais em folhas de bananeira e bebeu drinques singapurianos autênticos, e depois Ingrid resolveu levar o principal dançarino para o seu quarto no Raffles.

Desligando o chuveiro e envolvendo seu cabelo naturalmente loiro em uma toalha felpuda, vestiu um sarongue malásio feito exclusivamente para ela, com um batique pintado à mão muito caro. A maioria das roupas de Ingrid era feita sob medida, porque Ingrid era uma mulher volumosa – não obesa, porém de estatura, tendo 1,85 metros de altura e pesando 81 quilos. Tendo enfrentado dificuldades para encontrar roupas que lhe caíssem bem em boa parte dos seus 36 anos, Ingrid desenvolveu um olhar aguçado no que caía bem e era confortável para mulheres grandes, motivo pelo qual foi recrutada por Hannah Scadudo sete anos antes para trabalhar na divisão de roupas das Indústrias Starlite. Na época, Ingrid tinha 29, era solteira, ambiciosa e possuía muitos apetites, os seus três mais vorazes eram: comida, pedras preciosas e sexo. Ingrid inspecionou o estoque da Tamanho Perfeito e declarou ser necessário maior variedade, algo mais exótico para fazer a moda da Starlite se destacar em relação à das outras lojas com artigos de numeração maior que vinham brotando em todos os lugares. E assim, com a criatividade de Ingrid, Hannah Scadudo criou uma linha nova e mais cara chamada de Tamanho Perfeito Internacional, que se revelou um sucesso. Túnicas ao estilo dos beduínos e vestidos típicos egípcios, acentuados por joias volumosas foram bem recebidos pelas mulheres mais largas que consideravam as roupas soltas e esvoaçantes mais atraentes e confortáveis, como também luxuosas e distintas. A moda mais cara de Ingrid logo foi abocanhada, o que tornou a Tamanho Perfeito Internacional uma divisão muito rentável, fazendo com que Ingrid se tornasse indispensável em bem pouco tempo. A sua fluência em diversas línguas e sua beleza escandinava alavancaram o seu sucesso, uma vez que as suas viagens a levavam principalmente a países com predominância de mulheres com cabelos escuros, onde as loiras eram raras e valorizadas, especialmente entre os homens de negócios, que sempre se mostravam ávidos em travar acordos com Ingrid. No Cairo, um exportador egípcio abastado chamado Ahmed Rasheed, certa vez

arrancara um fio de seus cabelos, pagando-lhe cem dólares por esse ato.

Isso foi antes de ela o convidar para a sua suíte no Hilton do Nilo, onde fizeram amor a noite inteira.

Ingrid ligou para o serviço de quarto e pediu chá *oolong* e uma porção de frutas frescas, depois foi até a janela e entreabriu as cortinas rendadas. A manhã despertava na Enseada de Singapura, suave e opalina, fazendo o céu assemelhar-se ao interior de uma concha de ostra. Ingrid acendeu outro cigarro e recostou-se contra o batente da janela para ver as palmeiras e os jardins exóticos que abarcavam o hotel famoso e centenário. Quando viu um lampejo verde e vermelho de um papagaio que passou voando, percebeu que não queria abandonar aquele lugar belo e pacífico. Mais especificamente, não queria deixar para trás os melhores presentes de Singapura: a melhor culinária do mundo; ouro, prata, rubis e esmeraldas em quantidade suficiente para saciar até mesmo ela; e, por fim, homens pequenos, escuros e sexualmente artísticos que apreciavam loiras majestosas.

No entanto, a voz de Alan continuava a invadir a sua mente como uma música aborrecida. Não queria receber ordens dele; ele não era o seu chefe. Somente Philippa e Hannah tinham autoridade sobre ela, e, com elas, Ingrid pensou presunçosa, era fácil de lidar.

Um hóspede do hotel mergulhou na piscina logo abaixo, atravessando a água verde-azulada com suavidade, o corpo passeando logo abaixo da superfície reluzente. Ingrid desejou poder juntar-se a ele; e o teria feito, se não fosse pelo telefonema de Alan. Agora que a parte do trabalho da sua viagem havia terminado e que os novos tecidos estavam a caminho dos Estados Unidos, Ingrid ansiava por passar mais alguns dias aproveitando o paraíso asiático. Prometeu a um inglês rico, um banqueiro, que voaria para Kuala Lumpur com ele naquele mesmo dia para explorar as cavernas Batu. E também havia o senhor Chang, proprietário do famoso restaurante Jade House, com quem ela planejara uma excursão para Brunei. Ele dizia ser amigo do sultão. Mas agora parecia que teria de mudar de planos. *Todos* os planos, inclusive o acordo financeiro secreto que vinha tecendo com o banqueiro e com o senhor Chang.

Tudo teria de esperar por causa de Philippa...

Quando sentiu um leve tremor de medo atravessá-la, Ingrid rapidamente o controlou. Não havia com que se preocupar... Ainda. Mas mesmo assim, exasperava-a pensar em como as coisas vinham se desenrolando bem afinal, em como estava próxima da independência financeira e com isso, pronta para sair da

Starlite, só para ter seus planos atrapalhados pelo retorno inesperado e fora de hora da presidente da companhia. Ingrid desejou que Philippa tivesse se enterrado no oeste australiano para sempre, à espera do amante que nunca voltaria dos mortos. Por que Philippa se interessou tão de repente? E mais importante, ela teria como ser detida a tempo?

Rapidamente apagando o cigarro, Ingrid pegou o telefone, discou e ouviu o telefone do quarto ao lado tocar. Quando o assistente atendeu, ela disse:

– Aconteceu uma coisa, temos de voltar para os Estados Unidos imediatamente. Cancele o restante dos meus compromissos sociais aqui em Singapura com as desculpas de praxe e reserve passagens de volta para Los Angeles. Avise o hotel que partiremos antes do esperado. Ah, envie uma garrafa de Glenlivet para o senhor Chang, com os meus cumprimentos. E Steve, quem quer que seja o seu acompanhante, livre-se dele.

Philippa precisou de um minuto para perceber que estava diante de um horror.

Uma revista em sua mesa estava aberta em uma propaganda que dizia: "Passei para o manequim 38 em apenas 29 semanas!" com duas fotos de antes e depois, uma mostrando a senhora D., de Des Moines, no Iowa, quando ela pesava 136 quilos e a atual, com 56. Não era a imagem de 136 quilos que Philippa considerou um horror, mas a magra; como, perguntava-se ela, uma mulher conseguiria emagrecer 80 quilos em 29 semanas? Isso equivalia a uma perda semanal de 2,7 quilos, o que não só era difícil de acreditar como também extremamente perigoso. Seria uma mentira?

– Este é um dos nossos maiores concorrentes – disse Hannah Scadudo quando ela lhe entregou uma folha com os resultados do centro de emagrecimento. – As pessoas consideram a perda rápida de peso muito atraente. E como vê aqui, eles anunciam com orgulho que não é necessário exercitar-se, não existem reuniões de participação, nenhuma palestra para ouvir. Em outras palavras, eles estão sugerindo que *não são* a Starlite – concluiu Hannah.

– Mas essa dieta é letal, Hannah – disse Philippa. – Nesse ritmo de perda de peso, essa mulher não pode ter perdido simplesmente gordura, ela também deve ter perdido massa muscular, e não apenas os músculos do esqueleto, mas também o cardíaco. Como fazem isso? Como essa empresa consegue se safar com uma alegação tão ultrajante? – Philippa olhou as informações e encontrou a resposta. – Meu Deus, eles injetam hormônios de gravidez nas clientes. Com isso elas perdem

muita água, muita glicose e músculo cardíaco, mas ainda retém a gordura.

– Mas, no fim, você parece magra.

O assombro de Philippa aumentou ao longo da manhã, desde que Hannah chegara ao escritório com os braços carregados de informações sobre os concorrentes da Starlite. No curto tempo em que Philippa estivera na Austrália, houve um estouro na indústria das dietas nos Estados Unidos, com centros de emagrecimento multiplicando-se como cogumelos em cada cidade, remédios sem prescrição, pós para mistura sendo vendidos aos milhões, mais e mais médicos publicando auxílio em casos de desordens alimentares, supermercados estocando milhares de produtos light.

– Aqui está mais um forte concorrente – disse Hannah, abrindo um arquivo e entregando cópias de anúncios, destaques dos programas, análises de custos e estatísticas. – Você vai perceber que essa empresa baseia seu sucesso em tornar o regime fácil. Os clientes têm de ir aos centros uma vez por semana e compram toda a sua comida lá; tudo já vem preparado ou congelado, o que elimina o trabalho do preparo ou da medição das porções. Ótimo para pessoas que não têm muito tempo ou que não querem ter muito trabalho na cozinha.

– Outro golpe descarado na Starlite – murmurou Philippa. Enquanto observava a carga impressionante de leitura espalhada em sua mesa descrevendo os vários tipos de programas de dieta – desde alimentar-se somente com líquidos até grupos baseados nos Obesos Anônimos –, ela percebeu que a competição da Starlite era muito maior do que imaginava. E, quando ela pensou nas centenas de livros sobre dieta que viu em uma livraria local naquela manhã, indicando uma demanda crescente do público por uma perda de peso mais rápida, mais moderna, ela começou a temer que a Starlite estivesse em perigo de se transformar em um clichê, ou pior, em um dinossauro.

O interfone tocou. Era a recepcionista informando Hannah de uma ligação importante.

– Vou atender no meu escritório – disse ela, levantando-se rapidamente.

Mas Philippa interveio:

– Pode atender aqui – e pegou o telefone, entregando-lhe o aparelho.

Hannah hesitou, depois pegou o aparelho.

– Hannah Scadudo – disse com cautela.

Para seu alívio, ela ouviu dizer:

– Senhora Scadudo, olá, sou da Galeria Emerson.

Por um segundo, temeu que fossem as pessoas retornando a ligação

apavorada que ela fizera na noite anterior. Pediu para encontrá-los pessoalmente o quanto antes, e eles ainda não tinham ligado de volta. Procuraria falar com eles novamente à noite, para tentar, uma vez mais, acelerar as coisas. A reunião de diretoria seria dali a apenas três dias; por certo eles seriam razoáveis...

– Espero que tenha boas notícias para mim – disse ela ao telefone, desejando que Philippa não detectasse seu nervosismo.

– Para falar a verdade, temos, sim, senhora Scadudo. Encontramos um vendedor que concorda com o seu preço.

– Encontrou? Que maravilha. Quando posso esperar que seja entregue? É uma surpresa para o meu marido, entende, então...

Ela parou para ouvir, depois disse:

– Sim, claro, perfeito. Vou falar com o meu banco para que o valor seja transferido imediatamente. Obrigada. Sim, Feliz Natal para você também.

Hannah desligou e caminhou até o aparador onde pegou a bolsa.

– Era da galeria na qual eu vinha procurando a escultura de Freundlich de que lhe falei na minha última carta – explicou para Philippa ao abrir a bolsa, pegando o frasquinho de remédios e colocando um na boca, engolindo-o sem água.

Quando Philippa lançou-lhe um olhar questionador, Hannah sorriu e disse:

– Estou com dor de cabeça.

Em seguida, escondeu o frasquinho no fundo da bolsa, para que ninguém lesse o rótulo. O remédio tinha sido prescrito pelo doutor Freeman, que a instruíra a tomar um toda vez que sentisse o coração dando cambalhotas, como agora, pulando em todas as direções como se tentasse sair da caixa torácica. De vez em quando, o coração de Hannah arremetia em um assustador gorjeio, estremecendo em vez de bater, e Hannah parava de imediato, imaginando se daquela vez ele não recomeçaria. Sua mãe vivenciara os mesmos sintomas antes de morrer de um ataque cardíaco aos 48 anos. Ela não procurou um médico por causa do problema, com isso não se beneficiou das medicações.

“É a sua imaginação”, o pai de Hannah dizia toda vez que a mãe reclamava de um desconforto no peito. “Vocês, mulheres, estão sempre reclamando de alguma coisa.”

E com isso a senhora Ryan acabara aprendendo a ficar calada sobre o seu mal-estar, até que, no fim, calou-se para sempre.

– E eles encontraram? – perguntou Philippa. – Como disse que a peça se chamava?

– Fênix. É uma peça magnífica de bronze de Helmut Freundlich, um dos

artistas prediletos de Alan. Eu temia não consegui-la, mas a galeria encontrou um vendedor. Por 65 mil dólares! – ela pousou a mão no peito e disse sem fôlego. – Espero que Alan goste!

Enquanto Hannah continuava perto do aparador, esperando que a medicação começasse a surtir efeito, que seu coração se acalmasse, inspecionou-se no espelho, fingindo ajeitar o cabelo. Estava vestindo uma das peças importadas de Ingrid Lind – uma bonita túnica marrom com um cinto de cordão e joias de cobre que combinavam com seus malares altos e os olhos indígenas. Embora não tivesse mais problemas de peso, era uma política sua nunca desenhar nada para outras mulheres que ela mesma não usasse. Por isso, ela vestia modelos da Tamanho Perfeito, apenas em tamanho reduzido.

Hannah avaliou o colar pesado de cobre que repousava no profundo decote V. E acreditou vê-lo levantar de leve a cada batida esforçada do coração. *Não posso seguir os passos da minha mãe,* pensou em desespero, muito ciente de que tinha ultrapassado em seis anos a idade com que a mãe morrera. *Tenho tanto pelo que viver – ver o casamento de Jackie, meus filhos e netos, a aposentadoria de Alan depois da qual, finalmente, faremos um cruzeiro ao redor do mundo...*

Pensou em como ela e Alan fizeram amor na noite anterior, antes de ele pegar o avião para o Rio. Teria sido sua imaginação, ou o amor dele fora mais atencioso, mais passional do que nos últimos anos? Foi quase como se eles fossem jovens amantes novamente em vez de um casal perto de seu trigésimo quinto aniversário de casamento. Alan mostrou-se tão carinhoso e gentil, que seus temores de que ele suspeitasse de algo por fim foram apaziguados. Por certo, ela foi rápida em guardar as cautelas das ações no cofre na noite anterior antes que Alan visse. Porque, se ele descobrisse o que ela estava planejando, isso destruiria tudo entre eles.

Ricky entrou com uma bandeja trazendo um serviço de chá, torradas Melba e pêssegos fatiados. Também trazia uma cópia da última edição do *The Wall Streel Journal,* que colocou diante de Philippa.

Hannah viu o belo homem pelo espelho, apreciando o corte perfeito das calças e da camisa, a bela gravata e as abotoaduras, o modo como o cabelo preso em um rabo de cavalo repousava entre as omoplatas. Quando percebeu o olhar especial que se passou entre ele e Philippa, ela se perguntou mais uma vez se havia outro tipo de relacionamento entre eles além do profissional.

– O senhor Hendricks telefonou, senhorita Roberts – informou ele. – Ele está em Palm Springs e começou a pesquisar sobre a senhorita Burgess. Disse que lhe entregará um relatório amanhã, no Marriott Desert Springs.

Tantas coisas para pensar! A diminuição nas matrículas da Starlite, a ameaça de uma tomada da empresa, o furto de 1 milhão de dólares, e a possibilidade de que Ivan Hendricks pudesse, depois de anos de busca, ter finalmente encontrado sua irmã.

– Obrigada, Ricky – disse Philippa ao passar os olhos pelo artigo que ele lhe trouxera. – Ah, Senhor... – disse ela um momento depois. – A Miranda Internacional comprou mais 2% das ações da Starlite. Estão próximos do controle acionário da empresa. Só rezo para que Alan consiga travar um diálogo entre nós e a Miranda. Quero saber quem eles são e por que estão atrás da minha empresa. Sobretudo, quero saber qual o ponto fraco deles para poder encontrar um modo de impedi-los de controlar a empresa.

– Mas Philippa, mesmo que eles comprem todas as ações públicas, ainda assim não poderão nos afetar – disse Hannah. – Ainda teremos o controle.

– Não são as cotas públicas que me preocupam – disse Philippa, olhando para a amiga. – Se a Miranda chegar a um de nós, é só o que basta.

Hannah mudou de posição, ainda pouco à vontade.

– Com *nós* você está se referindo a mim, Alan, você e Charmie. Nós temos o controle majoritário. E qual de nós você acredita que a Miranda pudesse abordar?

– E Ingrid – acrescentou Philippa. – Não se esqueça dos 5% dela.

Apesar do enorme sucesso que a Starlite alcançou com a moda internacional de Ingrid, a vivaz senhorita Lind ainda era um ponto de discórdia entre os executivos da Starlite. Quando Hannah quis trazer a jovem para a empresa há sete anos, Alan se opôs tanto, a ponto de Ingrid tornar-se a causa da pior briga do casal. Mas Philippa interveio; Hannah e Ingrid venceram. Todavia, Alan continuou a demonstrar publicamente seu descontentamento em relação à principal compradora de Hannah, plantando, assim, a semente da desconfiança na mente de Philippa.

– Confio em Ingrid – disse Hannah. – Confio que nenhum de nós venderá – acrescentou, tentando parecer convincente, apesar da imagem das suas próprias cautelas de ações espalhadas na cama, prontas para serem transferidas para seus novos donos.

– Vou sair agora – disse Philippa ao se levantar e apanhar a bolsa e a pasta. – Ricky, por favor, pegue um táxi de volta ao hotel e feche a nossa conta. Preciso ir a outro lugar, antes de partirmos para Palm Springs. Tenho de ver uma coisa.

Quando as portas de vidro fecharam-se atrás de Philippa, bloqueando o som

do trânsito da movimentada rua Beverly Hills, uma jovem atrás do balcão da recepção disse:

– Olá, bem-vinda à Starlite.

Philippa ensaiou o que iria dizer.

– Obrigada. Não sou associada, mas estou pensando em me tornar. Tudo bem se eu der uma olhada?

A recepcionista devia ter uns vinte anos, era magra, bem vestida e trazia um crachá com o nome de Mandy.

– Claro. Enquanto eu lhe mostro o nosso espaço, posso lhe explicar os diversos aspectos do programa Starlite.

Philippa foi conduzida até a parte principal do clube, um grande salão com cadeiras confortáveis ordenadas em um grupo intimista. A sala era decorada em tons suaves de azul, com música ambiente tocando em um volume agradável. Adjacente à sala de reuniões estavam as salas de ginástica, as salas de massagem individuais, o spa e a sauna, cabeleireiro e salão de beleza, tudo decorado em tons agradáveis de azul, com plantas em vasos e luz suave. Tudo era muito tranquilo, muito reservado. Um lugar para relaxar e ser agradado.

– Temos três grupos diários em horários convenientes, que incluem reuniões sobre a dieta e aulas de beleza e moda – explicou Mandy ao conduzir Philippa. – Também oferecemos aulas adicionais de aeróbica e tratamentos de beleza pessoal como limpeza de pele, manicure, pedicure e depilação.

Quando a recepcionista passou a falar em mais detalhes sobre como a dieta funcionava, como os grupos eram realizados, Philippa sobressaltou-se com o silêncio do lugar. Havia apenas algumas mulheres no spa; somente uma sala de massagem em uso; e a professora de aeróbica estava esperando que a sua turma chegasse. E o fato de que apenas três grupos diários eram oferecidos – um de manhã, um à tarde e um à noite – também não pareceu conveniente para Philippa. E quanto às mulheres que só tinham disponibilidade após o horário do trabalho, ou no almoço, ou talvez bem à noitinha? Mais perturbador era saber que havia vaga em todos os três horários, todos os dias, exceto aos sábados, que estava lotado.

Aquele clube Starlite na Roxbury Drive em Beverly Hills expressava a visão de anos atrás de Philippa; havia sido considerado revolucionário na época, um lugar de beleza e elegância, onde as mulheres podiam aproveitar alguns momentos de paz do estresse da vida diária, travar novas amizades e trocar empatia com quem enfrentava os mesmos problemas, onde podiam aprender a melhorar e a gostar de

si, ganhando autoestima. Revolucionário, e com tanta demanda em seus anos de ascensão, que os novos clubes não abriam com a rapidez necessária. Por que, então, aquele clube estava vazio? As necessidades das mulheres mudaram?

Lembrou-se do que Charmie havia dito:

– As pessoas têm pressa hoje em dia, querem resultados imediatos. Não estão interessadas em gastar o tempo e a energia exigidos em programas como o nosso. Funcionou há muitos anos porque as donas de casa tinham tempo. Mas agora temos de atrair a mulher profissional, que frequentemente também é mãe solteira. Elas precisam de flexibilidade, além da oportunidade de ser espontânea.

Ao ouvir a conversa animada de vendedora de Mandy, tentando convencer aquela potencial cliente de que "você vale o tempo e o esforço necessário para obter os resultados de um programa como o nosso", Philippa começou a reconhecer o problema e também vislumbrar um modo de solucioná-lo. A Starlite tinha de se atualizar.

Ao agradecer a recepcionista e sair com uma brochura brilhante, Philippa já visualizava as mudanças que aconteceriam. Sentiu sua antiga animação retornar, a excitação de enfrentar um desafio.

Contudo, havia obstáculos. Philippa tinha de descobrir quem estava roubando a companhia, e com rapidez. Também a ameaça da Miranda Internacional tinha de ser detida. Pois uma vez que a Miranda tivesse o controle, então todos aqueles anos, todos os seus sonhos e suas visões e o trabalho árduo, tudo poderia ser perdido.

Philippa apressou-se para a limusine, deu instruções para o motorista levá-la de volta para a matriz da Starlite, depois pegou o telefone e ligou para a linha direta de Hannah. Enquanto o carro se afastava da calçada, nem Philippa nem o motorista perceberam o Jaguar preto seguindo-os.

28

Tarzana, Califórnia, 1963

– SABE DO QUE você precisa, Philippa? Você precisa de um homem; o que quero dizer é que você é uma mulher saudável de 25 anos... Você nunca, isto é... sabe... – ele ergueu as sobrancelhas para ela duas vezes – fica com tesão?

Ela sorriu e balançou a cabeça para o primo de Hannah.

– Max, não vou discutir isso com você de novo. Especialmente nesta linda manhã diante de tantas pessoas.

Uma pequena multidão havia se juntado na calçada diante de um estabelecimento comercial em Canoga Park. Era uma manhã agitada de novembro, com o sol brigando com as nuvens cinzentas. Até então, o sol vinha vencendo. Max, nem tanto.

– Estou falando sério, Phil – disse ele, seguindo-a enquanto ela caminhava na direção em que Hannah e Alan estavam. Alan segurava o bebê; Hannah lidava com sua barriga de oito meses de gestação, visto que já estava grávida do segundo filho.

– Não quer se sentar? – perguntou Philippa.

– Estou bem – respondeu Hannah, mudando de posição enquanto esfregava a coluna lombar. – A cerimônia já vai começar, não?

– Sim – Philippa olhou sobre o ombro. – Não é incrível? Nosso trigésimo salão!

Esses eram os frutos de sua visão de dois anos antes, da noite em que Hannah tinha se casado. Na noite em que Charmie saíra da Starlite.

Hannah deu um abraço rápido em Philippa.

– Ah, não – disse ela. – Lá vem Max de novo. E ele está com aquela expressão maluca. Quer que eu o mande embora?

Philippa riu.

– Sei lidar com Max!

– Família... – disse Hannah com um suspiro. Quase metade da multidão que se juntou naquela manhã para comemorar a inauguração do trigésimo salão Starlite pertencia ao enorme clã de Hannah.

A única convidada da *família* de Philippa era a senhora Chadwick, em seu melhor vestido de domingo e um chapéu novo com cravos de seda, chorando ao contar às pessoas que conhecia Philippa desde que ela era apenas uma atendente em uma farmácia:

– Sempre soube que ela seria um sucesso.

E o sucesso de Philippa consistia em possuir trinta salões Starlite, cada um deles operando em sua capacidade máxima de oitocentas associadas, em um total de 2400 mulheres.

Uma colunista havia escrito: “Onde mais as mulheres podem se afastar do estresse da família e do emprego e aproveitar uma hora e meia de autoaperfeiçoamento entre amigas, emagrecendo com uma dieta que é tanto interessante quando bem-sucedida, aprender sobre moda e técnicas de maquiagem, sendo compreendidas e recebendo inspiração por meio de conversas estimulantes? Esta escritora pode lhe dar a resposta por experiência própria: somente no ambiente seguro, reservado e tranquilo dos agradáveis e chiques salões da Starlite! Façam um favor a si, garotas, e venham conferir!”.

No meio da multidão que aguardava a cerimônia do corte da fita azul da inauguração do trigésimo salão, estavam as seis conselheiras que trabalhariam naquele local; entre elas, Cassie Marie, cuja energia exaltada um dia se voltara para comer Snickers e tricotar túnicas agressivamente. Uma conselheira da Starlite tinha de ser graduada do programa de emagrecimento; antes de começarem a trabalhar, elas tinham de participar de um programa intensivo de treinamento de seis semanas. Os salários eram baseados no tempo em que estavam na empresa e no número de grupos que conduziam, além de existirem incentivos com participação nos lucros e a oportunidade de ascensão na carreira, chegando à posição máxima de coordenadora de área, que pagava mais e oferecia maior prestígio. Até então, os trinta salões estavam espalhados no sul da Califórnia, mas Philippa vinha planejando expandir a Starlite em todo o estado e, assim que possível, nacionalmente.

Se ao menos Charmie fizesse parte de tudo isso, Philippa pensou quando mais dois floristas estacionaram os furgões e começaram a descarregar buquês e guirlandas com fitas que diziam “Sucesso” e “Parabéns”. Contudo, desde aquela

noite há dois anos, quando Philippa encontrou sua melhor amiga trancada no armário, maltratada e machucada, elas nunca mais se viram ou se falaram.

Philippa tentou diversas vezes restabelecer a amizade. Enviou bilhetes, telefonou e chegou a ir à casa de Charmie uma vez, só para não ser atendida, ainda que ela tivesse sentido a presença de alguém dentro da residência. No fim, enviou um buquê de flores – cravos, as flores favoritas de Charmie – com um bilhete que dizia: “Por favor, vamos ser amigas”. Charmie, porém, não respondeu. E isso foi há um ano.

Pensando agora em sua melhor amiga e desejando que ela estivesse ali, Philippa foi forçada a se lembrar uma vez mais da sua solidão. O que mais a incomodava quanto a Max e à sua insistência de que ela precisava de alguém era o fato de ele estar certo.

Tirou da cabeça tais pensamentos negativos. Afinal, como podia se sentir sozinha? Com sua nova casa nas colinas em Encino, com uma linda vista do vale e o novo escritório da Starlite em Encino a lhe ocupar a mente e gastar a sua energia, não havia tempo para solidão. Philippa ficava ocupada de manhã até a noite, procurando novos pontos para novas lojas e transformando-os em salões, contratando e treinando consultoras, comprando novos equipamentos e garantindo que tudo corresse às mil maravilhas. Estava em constante movimento, de Thousand Oaks até Escondido. Quando não estava na estrada ou checando um dos 29 salões, estava trabalhando a toda velocidade no escritório, com a ajuda da sua equipe, recebendo centenas de ligações das associadas com perguntas: “Quiabo pode ser considerado um vegetal mesmo não estando na lista?”, “E quanto a bebidas dietéticas?”, “Mel pode ser usado como substituto do açúcar refinado?”. Ou com sugestões: uma receita de lasanha falsa feita com berinjelas e queijo *cottage*, ou um molho delicioso feito com iogurte desnatado e caldo de mariscos. Tudo tinha de ser pesquisado, testado, depois incorporado aos enormes arquivos da Starlite até serem passados às associadas nos folhetos semanais. E também havia as cartas pessoais que chegavam aos montes ao escritório da Starlite, de mulheres que só queriam agradecer e descrever como a Starlite havia transformado a vida delas. Palavras como “pária”, “mal amada” e “aberração” saltavam daquelas páginas e eram seguidas por “popular”, “apaixonada” e “promoção no emprego”. Eram cartas elogiosas. E toda vez que Philippa falava com um grupo, as associadas ovacionavam com entusiasmo, fazendo com que ela soubesse que tinha muitas amigas.

Também havia homens em sua vida. Quando dispunha de tempo, tinha

encontros com homens.

Seria *aquele*, perguntou-se, o perfil de uma mulher solitária?

E quando às vezes sentia-se tão sozinha que considerava a ideia de telefonar para Johnny em San Quentin ou escrever para ele, ela se lembrava do quanto era ocupada e de quantos amigos tinha e de como o seu sucesso vinha crescendo, e dizia a si que não precisava de Johnny, que não precisava de ninguém. Sua vida era completa, e ela era mais feliz do que muitas pessoas pareciam ser.

Ocasionalmente, permitia-se pensar em Rhys. Precisou de muito tempo para ter a coragem de ler o livro dele, *Buscas*.

Quando o irmão de Rhys levou o corpo dele de volta ao norte da Califórnia, também levou o rolo de papel de embrulho com todas aquelas palavras datilografadas e o submeteu à opinião de um editor. No ano anterior, ele encabeçou a lista dos mais vendidos e foi aclamado como sendo "o último romance da Geração Beatnik". E, quando Philippa conseguiu finalmente lê-lo, releu as palavras que lera na noite em que o encontrou morto:

Seu rosto, com a redondeza doce de um querubim, ela era um anjinho puro, quando abriu a boca para falar, luz saiu de lá. Sua alma é jovem. Ela tem uma longa estrada antes que a sabedoria a entalhe. Ela dorme em meus braços como uma codorninha quente...

Ao se aproximar da fita azul que flutuava na brisa matutina, à espera da atenção do grupo reunido, Philippa viu seu reflexo na vitrine: uma jovem alta e magra com saia de lã e uma jaqueta curta com botões enormes, o cabelo castanho avermelhado preso em um coque banana e um casquete *à la* Jackie Kennedy na cabeça. Sorriu porque estava contente com o que via. Aquela não era a infeliz e obesa Christine Singleton que tinha de comprar suas roupas na Fofuchas da Charlene na rua Powell. Aquele não era mais o rosto redondo de querubim ou a codorninha de Rhys. Agora era uma mulher no comando; uma mulher a caminho de um enorme sucesso. Uma mulher que, definitivamente, não era solitária.

Cortou a fita, os flashes estouraram, e todos entraram, onde as mesas de comida aguardavam – nada engordativo. Todos os pratos seguiam as receitas oficiais da Starlite; ovos cozidos com molho de tomate; salada de pepinos marinados, cogumelos e aspargos; sanduíches de frango frio em pão de centeio; vegetais em molho de iogurte. As bebidas eram refrigerante dietéticos, café, chá e leite desnatado salpicado com noz moscada. A única concessão pecaminosa era o champanhe, que todo o grupo pareceu atacar de uma só vez.

Enquanto todos parabenizavam Philippa, um apressado Max entrou, gritando:

– Deus do céu! Atiraram no presidente!

O salão tinha uma televisão de 21 polegadas, e Max se precipitou para ligá-la enquanto o grupo se juntava.

A tela da TV ganhou vida, mostrando as palavras PLANTÃO DE NOTÍCIAS, e uma voz dizia:

– Interrompemos este programa...

– Meu Deus, meu Deus... – dizia Max ao mudar de canal. Todos os canais tinham boletins semelhantes; por fim, um deles mostrava um repórter parado em um gramado diante do que parecia ser um hospital, e ele dizia com voz séria:

– Ainda não temos notícias sobre as condições do Presidente Kennedy, que foi trazido para Hospital Parkland aqui em Dallas logo após ser alvejado enquanto participava de uma carreata pela cidade.

A sala silenciou-se enquanto todos fitavam a tela, atordoados.

– Como podem ver atrás de mim, uma multidão está se juntando do lado de fora do hospital – prosseguiu o repórter, com voz emocionada.

A câmera lentamente percorreu a cena. As pessoas avolumavam-se no gramado diante do prédio de treze andares. Estavam de pé ou ajoelhados em silêncio; muitas choravam. Uma voz vinha de algum lugar fora da cena, dirigia-se à multidão com o poder da oratória de um pregador. A câmera continuou a se mover, como se procurasse a origem daquela voz, até se deter em um ônibus velho com uma placa na lateral *Danny Mackay traz Jesus*. Um rapaz estava de pé no capô do ônibus, com os braços esticados, clamando:

– Irmãs e irmãos em Cristo, juntem-se a mim para orar pelo nosso amado presidente.

Philippa viu que a multidão virava-se para ele, com os rostos admirados e esperançosos, como crianças à espera de um líder. Quando ele falou, ela sentiu a força de seu espírito através do televisor.

– Não sei o que está se passando no interior daquele prédio, meus irmãos e minhas irmãs – disse o jovem pregador. – Temos de erguer a voz a Deus e permitir que ele saiba que não queremos que Ele tome John Fitzgerald Kennedy para o Seu peito hoje. Sabemos quem o mundo culpará pelo que aconteceu hoje! – Danny gritou. – Eles culparão o Texas! Mas o Texas não atirou no nosso amado presidente. O demônio o fez!

Enquanto alguns dos convidados saíam do salão, outros se sentaram nas cadeiras em estado de choque, ou fizeram como Hannah e começaram a chorar silenciosamente. Philippa continuou a ouvir a voz instigante do jovem pregador de

despertares religiosos.

Ele tinha uma bela voz. Que comandava. Que persuadia. Assim como era belo e controlador. Lágrimas desciam pelo rosto bonito enquanto ele clamava para o mundo:

– Temos de mostrar ao Senhor como amamos aquele homem deitado no hospital.

Philippa começou a sentir o poder dele sair pela tela da TV e atingi-la. Danny Mackay disse:

– Ofereçamo-nos para tomar o lugar do nosso amado presidente.

E a multidão gritava:

– Amém!

Philippa começou a estremecer. Danny disse:

– Prometamos retornar ao caminho da retidão pelo bem de John Kennedy!

E os olhos dela encheram-se de lágrimas. Danny estava de pé com o sol às costas, os braços esticados, o corpo magro estremecendo de paixão e magnetismo, e ele gritou:

– Prometam ao Senhor aqui, neste instante que limparão suas almas e abraçarão o amor e o perdão e que trilharão um novo caminho daqui por diante.

O sermão continuou brotando espontaneamente do jovem que, por acaso, estava no lugar certo na hora certa para fazer história. Enquanto o jovem Danny Mackay, em seu ônibus amassado, assentava o terreno para sua eventual subida à fama e à fortuna, Philippa já não prestava mais atenção. Ele a tocou. Abriu um daqueles lugares escuros e fez a luz entrar. E, de pronto, ela soube o que tinha de fazer.

Tinha de encontrar o pai. Tinha de fazer as pazes com Johnny Singleton.

– Johnny Singleton – disse ela ao telefone pela terceira vez, impaciente. Desde que discara aquele número, Philippa foi transferida duas vezes, e agora aquela pessoa não lhe servia de ajuda tal qual as outras duas antes. – Ele é prisioneiro – repetiu. – Sou filha dele.

– Sinto muito, senhorita – o rapaz do outro lado disse. – Mas não temos nenhum Johnny Singleton aqui. Qual é a data do encarceramento dele?

Ela sabia lhe dizer o ano, mas não o mês, nem mesmo uma data aproximada. Ao ser colocada em espera pela terceira vez, Philippa começou a pensar se Johnny tinha sido solto. Afinal, nove anos tinham se passado desde o seu telefonema no Fisherman’s Wharf.

Por fim, o homem voltou a falar:

– Quem a senhorita disse que era mesmo?

O coração de Philippa deu um salto; o tom dele alarmou-a.

– A filha dele. Por quê?

– Se é um membro próximo da família, senhorita, teria sido informada.

– Informada? Informada de quê?

Uma pausa, e depois:

– Apenas... Informada.

– Não entendo. Ele foi solto?

– Lamento, senhorita, mas não posso lhe dar mais informações sem verificarmos a sua identidade. Se entrar em contato por carta, com um pedido escrito...

– Por favor, conte-me onde ele está!

Mas ela não conseguiu mais informação alguma. Quando desligou, teve uma sensação muito ruim.

– Uma loucura esse assassinato de Kennedy – o investigador particular disse ao rabiscar alguma coisa no bloco de notas diante dele. A barriga era tão grande que ele tinha de esticar o braço para alcançar a escrivaninha. Havia uma mancha desbotada verde na gravata, e Philippa ficou imaginando há quanto tempo ela estava lá. – Fez com que as pessoas, do nada, quisessem procurar velhos amigos, velhos amores – disse ele. – Para pedir desculpas, imagino, para fazer as pazes, para acertar as contas. A morte dele fez as pessoas perceberam como podemos morrer de repente, assim – ele disse estalando os dedos. – Se Kennedy pôde morrer assim tão repentinamente, então o que dizer de nós, pobres mortais? Meu telefone não para de tocar, com as pessoas procurando por outras pessoas – ele parou e lançou um olhar de esguelha que ela não apreciou. Encontrou o senhor Dixon nas páginas amarelas. – Então está procurando seu pai, não? Muito bem, deixe-me lhe dizer o quanto isso vai lhe custar.

Philippa viu quando o senhor Dixon anotou alguns valores. Depois de sua conversa inútil com o oficial da prisão, Philippa tentou decidir para quem se voltar e como localizar Johnny. Ela brigava contra um medo desconhecido em seu íntimo: o de que Johnny não tivesse sido libertado, mas que tivesse deixado San Quentin de outro modo. Morto.

– Pelo que ele foi preso? – Dixon lhe perguntara no começo da entrevista.

– Não sei – respondeu ela. – Isso importa?

– Pode importar. Afinal, San Quentin é uma prisão de segurança máxima, corredor da morte, câmera de gás. Se o guarda mostrou-se tão reservado quanto me contou... – ele deu de ombros de modo significativo, deixando a sugestão pairar no ar. – Eu poderia escrever para as autoridades do presídio – disse Dixon, tirando o charuto da boca e emitindo um arroto que passou por Philippa com um resquício de cheiro de cebola e mostarda. – Mas isso levaria tempo – por conta de toda a burocracia. Tenho um amigo no *Times*. Vou falar com ele logo de manhã para procurar os arquivos, e ver o que consigo descobrir. Devo ter alguma novidade até amanhã à tarde. Aqui estão os meus honorários – disse ele empurrando o bloco de notas pela mesa. – Adiantados – acrescentou.

Dixon, conforme prometido, passou-lhe as informações na tarde seguinte. Philippa saiu do escritório sujo de frente ao Bulevar Colorado em Pasadena, onde ele se gabava de oferecer orgias todos os Réveillons para que, na manhã seguinte, eles pudessem ver o Desfile do Torneio das Rosas[1] "daquela janela mesmo, a melhor vista da cidade".

Ela não abriu o grande envelope pardo na presença dele, mas, em vez disso, dirigiu até o Parque Reseda. Apesar de ser sábado, poucas pessoas estavam sentadas nos gramados ou foram até o lago. Um retraimento lúgubre parecia ter dominado o Vale San Fernando nos oito dias que se seguiram à morte de Kennedy. O trânsito parecia mais leve, as aglomerações nas lojas, menores, e agora o parque, que estava sempre cheio de pessoas fazendo piqueniques, parecia estranhamente deserto. Os balanços e os escorregadores estavam vazios; não havia barcos no lago. Um senhor de idade alimentava os patos, mas seus movimentos pareciam inconstantes, como se ele não visse um sentido real naquilo.

Philippa escolheu um banco debaixo de uma velha árvore, cujas raízes saltavam da grama e eram tão grossas como os próprios galhos. Sentou-se por um longo momento, fitando o envelope que Dixon lhe entregara.

Ele não comentou o seu conteúdo, apenas disse:

– Aqui está – e empurrou o envelope para ela, como se não quisesse mais envolvimento algum com aquilo.

Ocorreu-lhe que tinha a vida de Johnny no colo, como ele a segurara tantos anos antes. Philippa abriu lentamente o envelope.

Os recortes de jornal eram cópias presas por um clipe de papel, em ordem cronológica, começando em 1950. Falavam de homicídios sensacionais que o jornal nomeou de Chacina de Nob Hill, e que o começo dessas mortes aconteceu poucos dias depois de Johnny tê-la levado para a escola Santa Brígida.

Ela leu as reportagens uma a uma: sobre a investigação policial das mortes, a pista anônima recebida pelo promotor, a prisão subsequente de Johnny, seu julgamento, sua condenação; como tudo isso aconteceu enquanto Philippa estava na Santa Brígida, esperando que seu pai fosse buscá-la, seus dias de espera lentamente transformando-se em medo e raiva, até que a carta da Itália chegou. Quando pensou como tudo aquilo deve ter sido para ele, caçado e enjaulado como um animal, alegando inocência quando ninguém acreditava nele, seu lindo Johnny sozinho e abandonado...

Lágrimas caíram sobre as páginas, borrando a tinta. Quando o vento varreu o parque, ela sentiu novembro se transformando em dezembro, primeiro o calor, depois o frio, como se o vento estivesse tentando se definir. Só restavam cinco páginas, e ela, subitamente, ficou com receio de continuar a ler.

Viu a primeira delas e leu aquilo que ela sabia estar se aproximando, mas cuja confirmação não queria: Johnny havia sido condenado à câmara de gás. A folha seguinte tinha diversas notícias do *Times* de vários dias, todas narrando as complexidades legais que retardaram a sua execução. Aqueles recortes eram dos anos em que ela crescia no colégio interno, divertindo-se com Frizz, sem saber que Johnny estava no corredor da morte, sem saber que, a despeito da sua angústia, ele, de algum modo, conseguiu providenciar para que as cartas chegassem de diversas partes do mundo, sempre alegres, sempre falando dos dias melhores que estavam por vir.

Ela virou para a primeira das três últimas páginas, datada de um mês após sua fuga de Santa Brígida. Quando leu a manchete: “Johnny Singleton, assassino condenado pela Chacina de Nob Hill, morre hoje à noite na câmara de gás”, ela deixou o envelope e as duas últimas páginas escorregarem do colo. Não conseguiria lê-las; sabia que elas conteriam uma narrativa detalhada da execução de Johnny. O vento levantou-as e carregou-as para longe.

Philippa permaneceu no banco até que a escuridão começasse a tomar conta do parque, levantando folhas caídas, engolfando-a até que ela não mais conseguisse enxergar. Então, levantou-se mecanicamente e, de algum modo, localizou o carro estacionado. Só havia um lugar em que ela queria estar naquele momento. Saiu dirigindo, deixando Johnny para trás.

Quando as luzes do parque se acenderam, lançando fachos que iluminaram a grama e a lagoa, uma das páginas fotocopiadas flutuou até a água e aterrissou virada para cima, brevemente, permitindo que se lesse: “Johnny Singleton recebe a suspensão da execução no último minuto, devido a investigações de novas provas

surgidas quanto à Chacina de Nob Hill". Um pato apareceu nadando, e acreditando ter encontrado seu jantar, bicou o papel até ele afundar na água, a tinta desaparecendo.

A última página do relatório de Dixon foi levada pelo vento até se chocar contra um tronco, onde ficou colada por um momento, a luz do poste batendo nela onde se lia: "Verdadeiro assassino da Chacina de Nob Hill confessa; Johnny Singleton recebe perdão total e é libertado hoje de San Quentin". E então o vento tirou o papel do seu repouso e o levou embora de vez.

Quando Philippa tocou a campainha do número 325 da avenida Hacienda, mentalmente ensaiou qual seria sua fala de abertura, o que diria para que Charmie a ouvisse antes de bater a porta na sua cara. *Isto é importante, Charmie. Preciso falar com você. Por favor, antes de me mandar embora, me escute!*

Bem quando estava para tocar uma segunda vez, a porta abriu-se abruptamente e um garotinho de quatro ou cinco anos apareceu, com sons de um desenho animado bem alto atrás dele. Ele era magro e de aparência engraçada, e segurava um sanduíche; havia uma mancha de gordura ao redor da boca.

– Nathan? – perguntou ela, inclinando-se para sorrir na altura dele. – Lembra-se de mim?

Ele a encarou com olhos arregalados, depois se virou e correu para dentro da casa, gritando:

– Mamãe! Tem uma mulher na porta! Ela está de vestido vermelho!

Quando ela ouviu a voz de Charmie respondendo "Já vou!", Philippa sentiu um nó na garganta. *Por favor, Charmie, me escute. Você é a única pessoa com quem posso falar a respeito de Johnny. Só me conceda alguns minutos e, depois, não a incomodo mais. Estou tão triste...*

A porta abriu-se mais, e Charmie, limpando as mãos cheias de farinha em um pano de prato, com o rosto afogueado pelo calor do forno, disse:

– Pois não?

Antes que Philippa pudesse dizer qualquer coisa, Charmie exclamou:

– Choppie! – e envolveu Philippa em um abraço com cheiro de gengibre e canela. – Meu Deus, é você! Ah, Philippa...

– Charmie, eu sinto muito...

– Fique quieta. A culpa é minha. Eu estava muito confusa. Você só estava tentando me ajudar. Estou *tão* feliz que esteja aqui!

– Johnny está morto, Charmie. Meu pai. Ele foi *executado*.

– Ah, Philippa... – disse Charmie, ao passar o braço pelos ombros dela e conduzi-la até o sofá.

– Por que a vida tem de ser tão difícil às vezes? – perguntou-se Philippa.

– Conte-me a respeito do seu pai.

Conversaram sobre Johnny por um tempo, depois sobre o passado, rememorando a última noite no escritório da Madre Superiora quando leram seus arquivos. Sentaram-se na sala de estar bagunçada de Charmie, envolvidas pelos aromas de assados, enquanto Gaguinho e Patolino faziam Nathan rir do outro lado da parede fina. Gradualmente, Philippa e Charmie aprofundaram-se em águas mais turbulentas sobre o que acontecera entre elas dois anos antes.

– Sinto muito, de verdade, pelo modo como a tratei – desculpou-se Charmie. – Sei que estava tentando ser minha amiga. Mas as coisas melhoraram, de verdade. Ron não está bebendo tanto hoje em dia. Ele quase não bate mais em mim. Estamos bem. Vamos superar isso.

– Você pode voltar para a Starlite, Charmie? Falei a verdade quando disse que precisamos de você. Ando tendo problemas que só você pode resolver.

– Sabe, fiquei tentada diversas vezes a ir a um dos salões. Tenho uma amiga que se inscreveu no ano passado. Ela não parava de falar sobre o maldito grupo. Ela perdeu 22 quilos e aprendeu a se vestir bem. Fiquei com inveja dela. E de você e de Hannah. Claro, posso voltar. Eu adoraria. Mas só quando Ron estiver fora.

Os desenhos terminaram, e o garotinho veio correndo. Quando ele perguntou: “Você é a minha tia Philippa?”, ela bagunçou o cabelo alaranjado e disse com suavidade:

– Charmie, resolvi procurar a minha família verdadeira. Quero descobrir quem são os meus pais. Talvez eu tenha irmãos e irmãs. É algo que eu deveria ter feito há muitos anos.

---

[1] O *Rose Parade* é o desfile anual mais popular dos Estados Unidos, celebrado sempre no Ano Novo, exceto quando este cai no domingo. Nesse caso, o torneio é celebrado na segunda-feira seguinte, 2 de janeiro. (N.T.)

A LINHA PARTICULAR TOCOU, interrompendo uma reunião importante. A chamada foi atendida em um escritório reservado, longe de ouvidos alheios.

– Philippa fez uma reserva no Marriott de Palm Springs – foi o relatório. – Ela já está a caminho.

– Entendo. Então estamos quase sem tempo.

Um exótico papagaio verde e vermelho com a cara amarelo-claro remexeu-se em seu poleiro e emitiu um guincho agudo. Quando o pássaro se calou:

– Conseguiu providenciar os arranjos?

– Não se preocupe, os arranjos especiais foram feitos. Está tudo pronto.

– Conseguiu a arma?

– Sim.

– Muito bem, estou a caminho.

30

– VOU MATAR VOCÊ! – Carole gritou ao correr atrás de Larry.

A briga chamou a atenção de diversos observadores que abriam caminho na neve até o teleférico da pista de esqui. Um deles, um colunista de uma revista de fofocas que estava no Star's para passar o feriado de Natal, fez uma anotação mental sobre Larry Wolfe, o roteirista vencedor do prêmio da Academia, que parecia estar tendo um caso escondido com Carole Paige, uma atriz com mais de quarenta, mas ainda bela, cuja carreira dizia-se estar enfrentando problemas.

Carole parou de perseguir Larry tempo suficiente para se abaixar, apanhar um pouco de neve e formar uma bola. Estava sem fôlego de tanto rir. Larry deu início à guerra de bolas de neve. Carole vinha saindo do prédio principal do Star's, onde máquinas de limpar neve sempre mantinham os caminhos limpos, e estava se encaminhando para a floresta de pinheiros quando uma bola bem mirada a acertou em cheio entre os ombros. *Que seja Larry*, ela pensou, e, ao virar-se e ver que, de fato, era o homem que ela tinha esperanças de seduzir, saiu em disparada atrás dele fingidamente zangada.

Ela vestia um casaco de lince canadense que chegava aos tornozelos, com um chapéu de zibelina estilo cossaco – em um efeito que a aproximava de Julie Christie em *Doutor Jivago*. Ela sabia que o estilo tinha saído de moda nos anos 1960, mas, *nela*, sabia que ainda funcionava, destacando seus cabelos claros e os olhos azuis. E, quando viu o modo como os olhos de Larry subiam e desciam pelo seu corpo, ela soube que seu plano de sedução estava funcionando.

Compactou a neve nas mãos, inclinou-se para trás e lançou a bola. Larry abaixou a cabeça e começou a correr atrás dela, esforçando-se através da neve, rindo, tentando recuperar o fôlego no ar rarefeito da montanha. Carole virou-se e começou a correr, mas não se esforçou muito. Ele a segurou e os dois caíram sem ar na neve. Enquanto se debatiam, riram, Larry prendendo as mãos de Carole acima da cabeça dela. Em seguida, ele falou sério:

– Deixe- me ir ao seu quarto hoje à noite.

Carole sentiu o coração dar um pulo engraçado dentro do peito.

– Não...

– Sim – replicou ele, posicionando-se sobre ela, sem se importar com os andarilhos a caminho do teleférico que tentavam não encarar as personalidades famosas cabriolando na neve.

– As pessoas estão olhando! – disse ela.

– Não me importo. Diga que posso ir para o seu quarto à noite – Larry não se lembrava da última vez em que se sentira tão excitado sexualmente. Na noite anterior, quando jantavam enquanto Andrea lia o diário de Marion Star, acreditou que Carole estivesse interessada. Ao acompanhá-la até o bangalô e sugerir entrar para uma saideira, ela, porém, o abandonou perdido na neve, deixando bem claro que o único homem por quem ela se interessava *daquele modo* era o marido.

– Deixe-me ir até o seu bangalô – insistiu ele ao prendê-la na neve, desejando poder transar com ela ali mesmo. – Serei discreto, prometo. Ninguém saberá.

Ele sentiu que ela começava a fraquejar, o corpo amolecendo debaixo do dele. O colar de pérolas rosadas que ela sempre usava tinha caído para trás e repousava no pescoço, aninhado no colarinho do suéter de angorá branco. *Por que não a notara antes?*, ele se perguntou, sentindo a excitação se intensificar. E logo soube: era porque deduziu que ela dava as suas voltinhas por aí e que estava disponível para qualquer um.

– Por favor – disse, empurrando-o e sentando-se para retirar a neve da roupa. – Não vim para cá para trair o meu marido. Eu lhe disse ontem à noite que sempre saio de férias quando concluo uma filmagem, portanto, estou aqui para descansar, e só.

Larry sentou-se, as lentes espelhadas do seu Ray-Ban refletindo a brancura da neve. Com o vento da montanha agitando seus cabelos negros, o maxilar quadrado que emoldurava o sorriso irresistível e a pele do capuz em sua parca do Alasca reluzente com flocos de neve, Carole pensou que ele parecia um explorador audacioso do Ártico. Sentiu a força dele quando se debateram brevemente; conseguia imaginar o corpo musculoso escondido pela pele, e entendeu por que ele tinha tantas conquistas. Mas ele não a excitava. Ele não era Sanford, seu dínamo sexual, seu marido viril, que transformava em maratonas os seus encontros sexuais. Carole sabia que não havia modo algum de qualquer homem se igualar a Sanford, nem mesmo o sensual Larry Wolfe. O que tornava a sua situação um tanto irônica: estava ali para se forçar a fazer sexo com um homem que sabia que

não seria tão bom quanto o seu marido a fim de manter o marido. Aquilo praticamente provocava nela uma dor de cabeça.

– Tem certeza de que não quer que eu vá ao seu quarto? – insistiu ele. – Eu lhe darei um prazer que você jamais sentiu.

– Por favor – repetiu ela, com um pouco menos de convicção. Não queria desencorajá-lo por completo. – Não posso.

Ele se levantou, assomando-se sobre ela, e disse:

– Bem, então vou nadar. A piscina é aquecida. Gostaria de se juntar a mim?

Ela meneou a cabeça, e ele se afastou.

Ao observá-lo se afastar entre os pinheiros, Carole sorriu para si. Ele estava praticamente fisgado. Só o que restava fazer era puxar a linha e o papel de Marion Star seria seu.

A minha festa de apresentação, por assim dizer – Andrea leu no diário de Marion –, *foi realizada no Éden, a fazenda de Dexter no Vale. Foi um feito inacreditável; toda a realeza hollywoodiana participou: Cecil B. de Mille, Gloria Swanson, o casal Douglas Fairbanks, Chaplin. Dexter não mediu despesas: quando nos sentamos para jantar, as mulheres encontraram ao lado dos seus lugares marcados frascos de perfume feitos com as flores da fazenda. Quando os convidados desdobraram os guardanapos, encontraram notas de cem dólares neles. Um empregado trouxe uma bandeja com joias caras e perfumes para que as senhoras apreciassem, e depois do jantar, elas rolaram os dados para determinar a ordem em que poderiam escolher os itens da bandeja. O ardiloso Dexter colocou uma pedra de esmeralda bruta entre as joias e se divertiu em ver que nenhuma das damas a escolhera.*

Foi nessa noite que ele me apresentou como Marion Star. Dexter passou dois anos me criando. Ele dizia que a imagem era importante. Harlow tinha os cabelos platinados, os de Clara Bow eram ruivos – ela até tinha mandado tingir seus dois cachorros para que combinassem com ela –, por isso ele decidiu que eu deveria ser morena. Ele queria que eu passasse a ideia de combustão espontânea. A ideia era fazer com que os homens acreditassem que explodiriam em chamas se fizessem amor comigo.

Foi também nessa noite que Dexter anunciou que eu estrelaria seu filme seguinte, Hábitos perversos. *Isso foi uma surpresa tanto para mim como para os demais ali reunidos. Chorei ao perceber que um dos meus dois sonhos se tornaria realidade.*

Quanto ao meu segundo sonho, que o grande Dexter Bryant Ramsey fizesse amor comigo...

Uma vez que a minha imagem seria a de uma máquina de sexo com apetite voraz, mesmo eu tendo apenas dezenove anos, Dexter insistiu para que eu saísse com um grande número de homens. Eu não tinha permissão para ter um amante fixo; era importante que o público acreditasse que eu era a personagem que logo representaria em Hábitos perversos *– ou seja, uma mulher que necessitava de diversos homens para satisfazer sua avidez sexual. Odiei aquilo, mas confiava em Ramsey. Ele tinha a idade do meu pai, era muito belo e distinto, por isso eu fazia o que ele me mandava fazer. O que incluía ir para a cama com homens de quem eu não gostava. Alguns eu até odiava. E também incluiu três abortos realizados por um cirurgião que estava em débito com Ramsey.*

Dexter enterrou o meu passado em Fresno e contou ao mundo que eu era a filha única de um abastado plantador de chá no Ceilão. Eu fugi, ele contou às colunas de fofocas, porque fui forçada a me casar com um velho marajá. Se alguém acreditava nisso ou não, pouco importava. Minhas escapadas sexuais se tornaram material diário nas revistas de cinema. O público as devorava. O que jamais consegui entender era como Dexter permitia que eu saísse com homens estranhos. Não só permitir, como também orquestrar os meus encontros. *Por dois anos, ele foi o meu mentor, meu protetor, meu amigo, meu ídolo – até mesmo meu pai, de certo modo. E agora que ele não só permitia, como me empurrava para esses homens, me assustava de certa maneira. Contudo, toda vez que eu chorava ou lhe dizia como eu me sentia mal com isso, ele me abraçava e me confortava, dizendo que tudo aquilo era pela minha carreira, e que, um dia, eu seria a maior estrela de Hollywood.*

Quando meu filme, Hábitos perversos, *estreou, ele quase provocou um tumulto. Estávamos em 1925, o filme era mudo, e realmente não era necessário som para que entendessem quais eram as minhas intenções naquela tela. Em seguida, filmei* Sherazade, *atuando com Valentino, o maior amante das telas na época, e juntos ateamos fogo no mundo. Metade da população nos condenou, a outra metade queria ser como nós. As mulheres queriam ser eu, os homens, ir para a cama comigo. Nos quatro meses que se seguiram à estreia de* Sherazade, *o estúdio relatou que eu recebia semanalmente mais cartas de fãs do que Mary Pickford.*

Havia se passado quase três anos desde meu resgate do gelo por Dexter Bryant Ramsey; eu era a maior estrela feminina de Hollywood; eu podia ter tudo

o que desejasse. Mas tudo o que eu desejava era Dex. Ele, porém, estranhamente, não me queria.

Até oito meses antes, Larry Wolfe acreditava que a maior excitação da vida seria ganhar um Oscar. Agora, porém, já tendo conquistado a estatueta tão cobiçada, ele decidiu que a grande excitação era ter uma mulher que não o desejava. Ao dar braçadas vigorosas na piscina aquecida privativa no jardim coberto do bangalô que dividia com Andrea, sem sunga e, portanto, descobrindo que a sensação era excitante, pensou em Carole Page e na brincadeira na neve de pouco antes. Mais uma vez, ela deixou claro que não estava interessada em ir para a cama com ele. E isso só o excitou ainda mais.

Terminando a última chegada, suspendeu-se na beira da piscina e percebeu que tinha uma ereção. Nenhuma surpresa, já que vinha pensando na esquiva Carole Page. *O que fazer para levá-la para a cama?*

Os três bangalôs do Star's foram projetados para oferecer máxima privacidade. Cada um deles tinha dois quartos imensos em cada lado da sala de estar, onde havia um bar, uma pequena cozinha e uma lareira. A piscina, ainda que pequena, era aquecida e fechada por paredes altas. A neve assentava-se no alto dessas paredes, e as estrelas salpicavam o céu negro acima, enquanto o ar montanhoso era cortante como o vidro. Larry, porém, ainda que nu, estava aquecido por conta dos aquecedores externos e do vapor que se erguia das águas verdes da piscina. Ele apanhou a toalha e notou um movimento do outro lado das portas deslizantes que davam para a sala. Havia uma camareira lá dentro, limpando o que restava do jantar de lagostas encomendado anteriormente.

Larry a considerou até que bonitinha e, sem dúvida, ficaria atordoada caso ele lhe dirigisse a palavra. Um dobrar de dedo, e ela iria para a sua cama, desejosa e pronta. Nada estimulante. Larry reconhecia as mulheres disponíveis a quilômetros de distância. Até a pobre Andrea, pensou ele ao prender a toalha na cintura estreita. Sabia que fazia dezessete anos que Andrea era apaixonada por ele. Ele via aquele olhar de cachorrinho pidão nos olhos dela com bastante frequência. Mas ela não tinha a mínima chance. Nem com ele, nem com ninguém. Na indústria cinematográfica, mesmo atrás das câmeras, a aparência contava muito. E Larry pensava com certa frequência que Andrea devia estar atrás de uma porta quando a aparência foi distribuída por Deus.

Quando ele abriu a porta deslizante e a fechou depois de entrar, a camareira olhou de relance para ele, corou violentamente e quase derrubou a bandeja. Larry

lançou-lhe um sorriso de lado e gesticulou na direção da porta, dando a entender que ela deveria sair o mais rápido possível. E foi o que ela fez. Em seguida, ele foi para o banheiro adjacente ao seu imenso quarto e subiu pela escada elétrica.

Pela porta entreaberta da sala, ele conseguia ver os livros de Andrea espalhados sobre a mesa de centro de vidro: *O assassinato de Dexter Bryant Ramsey; Marion Star: a tragédia de Hollywood*; e *A era da orgia*. Tinha de admitir: ela era aplicada no que se referia a pesquisar uma história. Por alto, perguntou-se o que ela havia descoberto no diário pelo qual ele pagou uma quantia astronômica. Era melhor ser algo muito bom; o senhor Yamato estava vindo de Tóquio com seu talão de cheques por causa dele.

Larry não conseguia acreditar na própria sorte. Pouco depois da cerimônia de premiação da Academia, Andrea mencionou que havia lido a respeito de um homem de negócios japonês que era aficionado por Marion Star; ele colecionava todos os filmes dela e tinha centenas de fotografias da atriz espalhadas pela casa. Coincidentemente, um diário tinha sido encontrado em Star's Haven, e a proprietária, Beverly Burgess, estava colocando-o a leilão.

– Acho que você deve dar um lance e depois fazer com que o senhor Yamato fique sabendo que você pretende fazer um filme a respeito – sugeriu Andrea. – Aposto como ele vai ficar ansioso por patrociná-lo.

Foi nessa hora que Larry teve a ideia de, além de escrever o roteiro, produzir o filme.

E por que não?, pensou ele enquanto subia os degraus da escada elétrica, sentindo as nádegas e as coxas enrijecerem e a força espalhar-se pelo seu corpo. Assim como um dia pensou que qualquer idiota conseguia escrever um roteiro de cinema, o mesmo parecia valer para a produção. E, mais uma vez, a pobre Andrea apresentou-se, sem nem mesmo desconfiar. Mas a consciência de Larry não se incomodava. Ele acreditava que o mundo estava dividido entre os que davam e os que tomavam. Andrea, definitivamente, era uma doadora, o que, no caso dela, era o mesmo que ser uma perdedora.

Quando o suor começou a brotar em seu corpo e ele sentiu o coração começar a bater forte, Larry dispensou os pensamentos referentes a Yamato e a Marion Star. Seu corpo clamava por novas visões de Carole Page. O que ele mais queria no momento era sexo. Com uma mulher específica. E ele tinha de encontrar um modo de conseguir.

Do lado de fora, na passagem fracamente iluminada e coberta de neve,

Andrea escolhia seu caminho com cuidado até o bangalô. Foi pelo seu próprio lado, entrando direto no quarto. Após deixar suas coisas de lado e tirar o casaco, foi para a sala, onde um fogo crepitava na lareira de pedras. Aguçou os ouvidos e reconheceu o som familiar da escada elétrica funcionando. Aproximou-se silenciosamente da porta aberta e observou-o sem que ele a notasse.

Aquela não era a primeira vez que via o corpo dele. Trabalharam muitas vezes na praia em Malibu, com Larry tomando sol e nadando enquanto Andrea, toda atarefada, datilografava furiosamente em uma máquina manual. E mais uma vez lembrou-se do quanto esteve estupidamente apaixonada, o quão cega tinha sido.

Momentaneamente voltou para um verão mágico de onze anos atrás, quando ela e Larry estavam em uma locação no Novo México para a filmagem do seu roteiro mais recente. O diretor, Andrea bem se lembrava, mostrou-se todo exigente e irritável, exigindo reescritas de última hora. Com isso, Andrea passou boa parte do tempo em um trailer sufocante, transpirando sobre uma máquina de escrever. Seria uma recordação assombrosa se não fosse pelo assistente do diretor, um jovem com calvície prematura, óculos de lentes grossas e um incrível senso de humor. A resposta de Santa Fé por um Woody Allen. Seu nome era Chad McCormick.

Andrea lembrava-se de que Larry envolvera-se com uma das figurantes, uma aspirante a estrela que disse três falas mal e porcamente; os dois passaram o tempo inteiro fazendo passeios em Chaca Canyon, em Albuquerque, e até mesmo em Yuma, comprando cerâmicas indígenas, comendo *chilli* e tacos e fazendo amor, enquanto Andrea alterava o roteiro. Ela estava para entregar os pontos quando Chad McCormick chegou batendo à sua porta.

Chad jamais havia ido a Hollywood, nem mesmo era da *indústria*, o que impressionou Andrea. Ser um aspirante de diretor em uma cidade infestada de tubarões significava que era necessário se juntar aos tubarões. Chad, porém, era um homem gentil, de fala suave, atencioso e, o que mais surpreendia, honesto. Depois da primeira margarita juntos na cantina, eles passaram muitas noites sob o luar do sudoeste, falando sobre tudo o que lhes passava pela cabeça. Na primeira vez em que Chad a beijou, quando Andrea estava com 31 anos de idade, ela acreditou que o deserto inteiro tivesse trovejado com o som de foguetes.

Também foi a primeira vez em seis anos que Andrea pôde perguntar-se, *Larry quem mesmo?*

E, em uma noite, depois de muitos beijos e nada mais, Chad confessou que a amava e que queria se casar com ela.

Quando a filmagem terminou, Andrea e Chad retornaram para Los Angeles atravessando o Grand Canyon, onde passaram cinco noites no Yavapai Lodge, fazendo amor debaixo de mantas indígenas, sem que Andrea confessasse a Chad que ele, na verdade, estava tirando a sua virgindade. Lembrava-se de ter flutuado de volta para casa, com a cabeça nadando com joguinhos de garota, como pensar em como soaria seu novo nome – Andrea McCornick – e que nome dariam aos filhos. O sonho, contudo, foi esmagado ao voltar para casa, para um Larry taciturno e mal-humorado, que ficou emburrado por uma semana antes de lhe contar qual era o problema.

– Está acabando com o nosso time – ele disse.

E embora Andrea o tivesse assegurado de que ainda continuariam a trabalhar juntos depois que ela e Chad se casassem, a petulância de Larry só aumentou até ela ouvir um ultimato não proferido: case-se e nós rompemos.

Infelizmente, o seu vício ao Larry era muito maior do que a sua necessidade de Chad. No fim das contas, acabaram se afastando, e Larry voltou a ser alegre como antes.

Todavia, ele não continuaria alegre por muito tempo, ela pensou agora, afastando-se do *David* de Michelangelo na escada elétrica. Não depois do que ele aprontou oito meses atrás.

Tudo aconteceu na noite da premiação da Academia. Larry recebeu a indicação para o prêmio de Melhor Roteiro Original; a competição era acirrada, mas eles acreditavam ter boas chances de vencer. A certa altura dos dezessete anos que passaram juntos, Andrea sacrificou sua identidade por causa de sua veneração cega a Larry. O nome dele foi o único a aparecer nos créditos, portanto a indicação ao Oscar era unicamente para Larry Wolfe. Mas Andrea não se importava; a vitória dele também era a sua vitória. Além do quê, ele garantiu que diria ao mundo em seu discurso que não teria feito nada sem Andrea Bachman. Ela fantasiou que ele até a chamasse para irem juntos ao palco. Ela ficou imaginando, enquanto estavam sentados na segunda fileira de poltronas, atrás de Kevin Costner e de Jeremy Irons, se alguém já tinha feito aquilo antes no Oscar. Ousada, Andrea pegou a mão de Larry e deu-lhe um aperto. A estrada de dezessete anos os levara até ali. Se eles vencessem... Se eles vencessem...

E Larry venceu. Seu nome foi lido em voz alta, a plateia bateu palmas, e a música tema dos vencedores foi tocada quando ele subiu ao palco para o seu discurso de agradecimento. E ninguém batia palmas com mais entusiasmo do que Andrea; ela até tinha lágrimas nos olhos. E foi nessa hora que ele fez o discurso de

agradecimento.

E ele agradeceu a todos no mundo.

Exceto a ela.

Andrea ficou lá, atordoada. Larry chegou a agradecer o barbeiro que lhe cortava os cabelos – e a plateia riu da piada –, depois ele ergueu a estatueta e saiu marchando triunfante com a jovem atriz curvilínea que lhe entregara o prêmio.

E Andrea continuou sentada lá.

Ele não a mencionou.

Ele não a mencionou.

Foi nesse instante que seus olhos subitamente abriram-se. Também foi o momento em que percebeu que já não amava mais Larry Wolfe; que, na verdade, não o amava já há algum tempo.

E foi então que ela começou a formular o plano de vingança.

Em grande estilo.

31

Vale San Fernando, Califórnia, 1966

CHARMIE SÓ HAVIA AVANÇADO seis metros dentro do ártico glacial da farmácia Cut-Cost quando o viu. Um homem com o carrinho lotado de batatinhas fritas Laura Scudder em tamanho gigante. Ele devia ter uma dúzia de saquinhos e um pacote de balas dietéticas. Contudo, não foi a sua excentricidade alimentar que chamou sua atenção, mas o homem em si. Ele era tão... *másculo*.

Ela devia ter encarado, pois ele a fitou com um sorriso envergonhado e disse:

– É para a festa de aniversário do meu filho – e apontou para os sacos imensos no carrinho de compras.

Quando ele passou ao seu lado, Charmie murmurou:

– Parabéns.

E um punhado de observações agradáveis ficou registrado: que ele era alto, espadaúdo, grande, forte e assombrosamente bonito. E jovem, talvez tivesse a sua idade, 29 anos mais ou menos. Como uma idiota, ficou observando-o empurrar o carrinho até o caixa, vagamente tentando calcular quantas crianças seriam necessárias para comer quatro quilos de batatinhas, e depois se conteve, lembrando-se que, sim, ele era uma belezura, mas obviamente tinha família e *ela* era uma mulher casada. E *grávida*.

O que a fez se lembrar do motivo de estar na farmácia, onde o ar-condicionado era mantido em uma temperatura próxima à necessária para congelar Mercúrio. Ao seguir para a seção de higiene feminina e cuidados para os pés, Charmie desejou que não houvesse fila de espera no balcão de medicamentos; talvez, se pegasse os seus remédios e pagasse rapidamente, conseguiria voltar a tempo de dar uma última olhada no senhor bonitão antes que ele saísse de sua vida por completo.

Estava com sorte. Os únicos clientes da farmácia eram dois garotos

adolescentes que ficavam se empurrando um ao outro diante da janelinha sussurrando: "*Eu* não vou comprar, compre *você*". Charmie pediu seus remédios e teve de resistir ao impulso, enquanto pagava, de dizer: "E uma caixinha de preservativos para estes meus dois amigos aqui".

Quando saiu da loja, a fornalha do verão a atingiu como um bloco de cimento. Sentiu o corpo subitamente se expandir com o calor, do mesmo modo como o sentira se contrair de frio quando entrou na farmácia. Parou para vasculhar a imensa bolsa à procura dos óculos de sol.

A bolsa de tecido foi feita sob medida para combinar com a túnica customizada. Nada mais de batas desajeitadas para Charmie; hoje em dia suas roupas vinham das agulhas ágeis de Hannah. Afinal, ela era uma espécie de executiva, ganhando um belo dinheiro como consultora de cosméticos da Starlite; era importante que se vestisse à altura. A túnica era feita de algodão egípcio tingido em um tom amora, com pesponto dourado ao redor do decote quadrado e das mangas volumosas. O lenço combinando que prendia seu cabelo esvoaçante sugeria a atualmente em voga aparência cigana, e os brincos longos feitos de contas douradas e algumas sementes gigantes conferiam um ar étnico, fazendo com que o resultado final fosse um casamento entre a África e a rua Carnaby[1].

O conjunto poderia ter uma etiqueta com um preço bem elevado em uma das melhores lojas de Los Angeles, mas Hannah limitava sua criatividade para vestir as amigas e parentes. Ela não tinha tempo, dizia para todos, para levar a moda a sério; seus três bebês, e outro a caminho, faziam com que ela não tivesse.

Quando escorregou os enormes óculos de sol sobre o nariz, ela olhou de relance para o outro lado da rua, onde ficava o novo escritório da Starlite. A empresa vinha crescendo tão rapidamente que aquele era o quarto endereço em três anos. E, mesmo estando há poucos meses na construção – que, por algum motivo misterioso, parecia um chalé suíço –, Philippa já dizia que o espaço parecia pequeno novamente.

Charmie teve de lutar contra a tentação de atravessar a rua e contar a boa notícia às amigas: estava grávida, após sete anos! Era uma surpresa tão maravilhosa! Mas não podia se arriscar. Embora tomasse cuidado e trabalhasse na Starlite apenas quando Ron estava para além de Santa Bárbara em viagens de trabalho, e jamais trabalhava no dia posterior à sua partida ou anterior à chegada previstas, ainda assim o risco estava sempre lá. Ela vinha conseguindo manter a paz no seu casamento até então, com algumas poucas recaídas de vez em quando, como na vez em que ele esteve sóbrio por tempo suficiente para notar as roupas

caras em seu armário e bater nela até que ela confessasse tê-las comprado em um bazar por um preço bem modesto e prometer que aquilo não se repetiria. Ron havia jogado fora as roupas, e Charmie mancou por um mês, mas estava aliviada por ele não ter encontrado a caderneta da poupança de sua conta secreta, na qual depositava todo o seu salário da Starlite. O dinheiro seria de Nathan, para pagar a faculdade. Todavia, apesar de tais incidentes, havia harmonia suficiente a ponto de eles passarem bons tempos juntos na praia, na Disneylândia, nas montanhas, como uma família normal. E também, claro, para fazerem outro bebê. Assim, apesar da notícia incrível que quase a fazia explodir de felicidade, Charmie decidiu esperar mais alguns dias, deixando para contar quando Ron estivesse em Fresno, onde ele ficaria por três semanas.

Enquanto vasculhava o estacionamento com o olhar, tentando se lembrar de onde tinha estacionado o carro, Charmie se perguntou se Philippa tivera sorte para encontrar outro investigador particular. Nos três anos em que vinha procurando pela família, Philippa não tivera sorte com os detetives. *Defectivos* era como Charmie os chamava. Homens que pareciam saídos do mesmo molde. Levavam o dinheiro dela embora, faziam um monte de promessas e, no fim, diziam que não puderam fazer nada, ficando com o dinheiro. Charmie sequer sabia se eles tentaram localizar a família de Philippa. Era um caso desafiador, ela bem sabia; Philippa não tinha muitas informações em que se basear: nascida em Hollywood, em 1938. Localização exata, desconhecida. Nome da mãe, desconhecido. Mesmo assim, com a quantia que ela já havia gastado, alguma informação deveria ter sido descoberta. Da última vez em que Charmie e Philippa conversaram, um mês antes, Philippa disse-lhe que dispensaria o último fracassado e procuraria por alguém novo. Charmie ficou perguntando-se se a amiga já tinha encontrado alguém, mas não arriscava nem um telefonema para ela. Até onde Ron sabia, em três anos, a esposa não mantinha nenhum tipo de contato com a Starlite ou com as antigas amigas.

Ao caminhar sobre o asfalto tórrido, sentindo as sandálias de couro grudarem um pouco a cada passo, Charmie não viu de pronto o homem sentado no Mustang conversível azul de capota abaixada, com a testa coberta de suor enquanto ele devorava as batatinhas fritas. Estava a apenas três carros de distância quando percebeu que era *ele*, aquele da farmácia; sorriu, e ele retribuiu o sorriso, envergonhado, e depois disse algo que ela não entendeu.

– O que disse? – perguntou ela, aproximando-se e vendo que o banco do passageiro do Mustang estava tomado pelos sacos gigantescos de batatinhas. –

Não ouvi o que disse.

– Eu disse: acho que você descobriu o meu segredo.

Charmie viu as migalhas de batatinhas na frente da camiseta, onde peitorais delineavam-se de maneira promissora. Sentiu os dedos coçarem de vontade de tirar as migalhas dali.

– E que segredo seria esse?

Ele levantou um dos saquinhos e sorriu timidamente.

– Não tenho filho. Comprei isso para mim mesmo.

– E o que há de errado com isso? E daí que você gosta de batatinhas?

– Bem, é que eu tenho um problema. Compulsão alimentar. Acho que é assim que chamam.

Ele tinha um corte de cabelo bem curto, estilo militar, que enfatizava o porte de jogador de futebol americano do pescoço e dos ombros. Ele parecia um tipo da força aérea, concluiu Charmie. Ou talvez fosse halterofilista. Pelo que tinha visto na farmácia e pelo que conseguia ver agora. Bom Deus, o modo como as calças se ajustavam nas coxas! Ele parecia estar em excelente forma.

– Você não se parece com um compulsivo alimentar – observou ela.

– É que eu... Bem, eu me exercito bastante, acho – covinhas surgiram em suas bochechas quando ele sorriu.

Charmie queria ficar ali para sempre, mas, percebendo que praticamente tinham exaurido o assunto das batatas fritas, disse:

– Bem, boa sorte – e começou a se afastar.

– Eu tento fazer regime, mas nada parece funcionar – disse ele. – As dietas são muito entediantes, sabe?

Oh, ou, foi o que Charmie pensou. Ele lhe dera uma abertura, e agora vinha a parte complicada. Ela sempre levava livretos da Starlite consigo, prontos para serem entregues a qualquer um que demonstrasse interesse; os livretos listavam os ramais da matriz, além dos 48 endereços dos salões espalhados pela Califórnia. O único problema era que, toda vez que ela explicava que trabalhava para a empresa, sempre havia uma centelha no olhar da pessoa que parecia dizer: *Você?*. Charmie era a primeira a admitir não ser exatamente uma propaganda ambulante da dieta da Starlite; nos seis anos desde que apareceu na soleira da casa de Philippa, quando a reuniãozinha acontecia na sala de estar dela, Charmie não emagreceu um quilo sequer. Mas, normalmente, superava a reação com autoconfiança; que pensasse o que quisessem, o programa Starlite falava por si só.

No entanto, pensar que aquela mesma centelha pudesse passar pelos olhos

daquele homem a enchia de tamanho horror que ela quase não mostrou o panfleto. Mas também não queria se afastar, e não havia nada mais que pudesse mantê-la ao lado do Mustang como se fosse uma adolescente em vez de uma mulher casada de 29 anos, mãe de um menino e, em breve, de outro bebê. Contudo, ele não parecia estar querendo se livrar dela. Afinal, ela já estava se afastando quando ele puxou mais conversa. Olhando de esguelha para o dedo anelar dele e não encontrando aliança alguma, ela disse:

– Talvez você esteja precisando disto – enfiou a mão na bolsa e pegou um dos livretos, que agora era formado por cinquenta páginas e tinha uma capa brilhante.

– Ah, sim, Starlite – disse ele, aceitando o livreto. Ela notou os nós dos dedos, as unhas bem limpas e aparadas. Militar, definitivamente. – Já ouvi falar.

– É mesmo? A sua... esposa é associada? – ela não acreditava que tinha dito aquilo.

Ele riu.

– Não sou casado. Então, acha que isso pode me ajudar? Eu preciso perder uns nove quilos...

De onde? Dos dedos dos pés?

– Sim, isso definitivamente o ajudará – ela se preparou para o pior. – Eu garanto.

Mas quando ele desviou o olhar do livreto para ela, Charmie não viu o costumeiro *É mesmo? Então por que você não é magra?* nos olhos dele. Em vez disso, as covinhas afundaram-se ainda mais com um sorriso sincero quando ele disse:

– Talvez eu tente. O que devo fazer?

– Bem, no momento os salões são exclusivos para mulheres, mas estamos começando a formar grupos para homens nas academias de ginástica. Na Victor's da rua Sherman Way, por exemplo...

– Conheço o lugar.

Os olhos dela desviaram-se para os bíceps dele. *Uau*.

– Eles têm grupos aos sábados. Para ser mais conveniente para os homens que trabalham de segunda a sexta-feira. – Bom Deus, será que ela estava sendo óbvia demais? Só faltava pedir um relatório de todos os minutos da rotina dele...

Ele deu de ombros. Aqueles como os de Atlas...

– Isso não faz diferença para mim, sou autônomo. Sou eu quem decide quando devo trabalhar.

– Verdade?

Fazendo o quê? Treinando os mariners durante o dia e lutando com dobermans em seu tempo livre?

Ele deu mais uma risada que não combinava muito com o seu tamanho.

– Sou investigador particular.

Ela quase deixou a bolsa cair.

– Você é *o quê*?

– Por favor – ele ergueu as mãos em um gesto defensivo. – Não sou nenhum Peter Gunn.

Quando conto às pessoas o que faço para viver, elas começam a ter essas noções estranhas de que...

– Não, não, espere... – ela o interrompeu. – Tenho uma amiga que está à procura de um investigador particular. Isto é, você costuma procurar pessoas desaparecidas?

– Boa parte do meu trabalho consiste nisso. Quem a sua amiga está procurando?

– Ela foi adotada e quer encontrar seus pais verdadeiros. Mas ela desconhece qualquer tipo de registro.

– Pode ser um desafio – disse ele. – Mas gosto de desafios. Ficarei feliz em conversar com ela se você quiser.

Charmie não conseguia acreditar naquilo. Lá estava Philippa, sentada no escritório do outro lado da rua, desencorajada porque os homens que ela encontrou nas páginas amarelas demonstraram ser desonestos e falsos, e aqui, do nada, estava uma rapaz que não só não era maltrapilho, tampouco mal-cuidado, mas que tinha o corte de cabelo de John Glenn[2] e a constituição física de um G.I. Joe.

Americano dos pés à cabeça, limpo e imaculado. Por certo Philippa poderia confiar *nele*.

– Se dispuser de um minutinho... – Charmie ouviu-se dizendo. – Ela está bem ali, naquele edifício que parece um chalé suíço.

– Claro – respondeu ele. – Eu não tinha planos para as próximas horas a não ser devorar essas batatas. Por que eu não a sigo até lá? Qual é o seu carro?

E dois minutos depois, ela saía do estacionamento da Cut-Cost para atravessar o Bulevar Ventura e entrar no estacionamento da Starlite, sem se recordar que Ron estava em casa, assistindo a uma luta e cuidando de Nathan.

Uma bela discussão acontecia na Starlite.

– Mas que droga, Alan – Philippa reclamou ao entrar no escritório e jogar um memorando na mesa dele. – Pedi para que não tocasse mais nesse assunto. Não vou contratar pessoas de fora para trabalhar como conselheiras na Starlite e já deixei isso muito bem claro.

Ele fechou a cara ante o memorando. Aquela era a terceira vez em um ano que ela descartava a sua ideia e ele não estava pronto para desistir.

– Estou lhe dizendo, Philippa, que você está deixando passar uma ótima oportunidade de aumentar os lucros. Com terapeutas treinadas, ora, mulheres com diplomas pelo amor de Deus, podemos cobrar três ou quatro vezes mais do que cobramos atualmente pelas mensalidades.

– Alan, as minhas conselheiras têm de passar pelo programa – disse ela com calma. – Elas têm de saber o que é ser obesa e a luta que é emagrecer. As minhas associadas não vão querer contar seus problemas para alguma mulher magra que não pode, de maneira alguma, entendê-las.

– As terapeutas são treinadas para entender! – ele replicou.

– Concordo com Alan – disse Hannah, que estava sentada no canto do escritório bagunçado dele, escolhendo tecidos. Embora Hannah tivesse seu próprio escritório, onde escrevia suas dicas semanais de moda, ela gostava de trabalhar no escritório de Alan sempre que podia. – Acho que é uma boa ideia contratar profissionais. Os lucros subiriam aos céus.

– Ah, Hannah... – disse Philippa com exasperação. – Já se esqueceu de como era perseguida? Você se lembra de Ardeth Faulkner, que foi magra a vida inteira, e lhe perguntou: “Por que você não faz regime?”. Lembra-se como não gostávamos de falar com a enfermeira magricela do doutor Herh? Se contratarmos pessoas que nunca passaram pelo que passamos, o número de associações *despencaria*, e não subiria. Não vê isso?

– Preste atenção, Philippa – disse Alan, levantando-se e dando a volta na mesa. Ele começou a usar sapatos mais altos e agora já era mais alto do que a esposa. Mas ainda não era mais alto do que Philippa. – Quando me convidou para assumir a contabilidade da Starlite, você disse que ouviria os conselhos financeiros que eu tivesse a lhe oferecer. Estou garantindo, isto seria uma ação inteligente.

– Não vamos fazer isso. Não só pelo bem das nossas associadas, como também pelo das nossas conselheiras. Muitas das mulheres que empregamos não conseguiriam encontrar outros empregos. E uma das coisas importantes que elas

têm a oferecer é a empatia delas, porque eram obesas como o resto de nós, e isso não é algo que se consiga por meio de um diploma universitário. *Você* está disposto a contar para as quase quatrocentas conselheiras que empregamos atualmente que elas já não são mais necessárias?

Alan recuou. De novo.

Philippa saiu marchando do escritório dele, quase derrubando a sua secretária, Molly. Irritava-a o modo como Alan, por causa dos lucros, estava disposto a se esquecer do objetivo principal da Starlite, a sua origem, como tudo teve início. E Hannah! Se Alan dissesse que o céu era verde, ela concordaria com ele!

– Está tudo bem, senhorita Roberts?

Ela forçou-se a se acalmar.

– Sim, está, Molly. Essa é a correspondência de hoje? Vamos repassá-la o mais rápido possível, tenho um compromisso hoje à tarde.

Molly lançou um olhar intrigado para a patroa antes de se apressar até o escritório. Nunca a vira tão irritada. Todos ouviram a discussão entre Philippa e o senhor Scadudo – aquilo não era característico da senhorita Roberts. Molly ficou imaginando o que haveria de errado.

– Estes são os pedidos para que a Starlite abra salões em outros estados, senhorita Roberts – disse a jovem e eficiente Molly ao colocar uma pilha de cartas diante de Philippa. Já há algum tempo, Molly concluíra que tinha um emprego privilegiado. Sua chefe, ainda que exigente, era generosa em seus elogios e apreciava um trabalho bem feito, os escritórios eram atraentes, com mobília confortável e um sistema de ar-condicionado que nunca falhava. – E estas – prosseguiu ela, colocando outra pilha ao lado da primeira – referem-se a perguntas sobre a dieta.

Deixando as preocupações de lado, Philippa leu uma carta da primeira pilha:

“Quando Starlite virá a Orlando, na Flórida?” Depois pegou outra. “Detesto cozinhar e não sou muito boa nisso. Existem pratos congelados permitidos na sua dieta?”

Ao ler essa última carta, sua mente vagou para seu outro problema: por algum motivo misterioso, ela estava engordando.

Deixou a carta de lado e pegou outra que continha uma receita de bolo de cenoura bem engordativo que de jeito nenhum seria permitida na dieta Starlite. Deixou-a de lado.

Por que estava engordando? Na verdade, deveria ter perdido peso porque

havia acabado de sair de uma semana de um resfriado bem forte durante o qual comeu menos do que de costume, basicamente frutas e chá de limão com mel. Quando fez a pesagem semanal, ela esperava ter perdido e não ganhado peso.

Estava consultando o relógio, pois sua consulta com o médico seria dali a poucas horas, quando Charmie entrou intempestivamente em seu escritório, sem ser anunciada.

– Philippa! – declarou em seu costumeiro modo resfolegante. – Trouxe alguém para conhecer você!

– Charmie! Não pensei que a veria antes da semana que vem. O que...

– Não vai acreditar o que encontrei.

Charmie olhou para Molly que se enrijeceu e disse em um tom de pergunta:

– Se não precisa mais de mim, senhorita Roberts...

Philippa disse:

– Obrigada, Molly, continuaremos depois. Pode, por favor, trazer um refrigerante diet para mim e outro para a senhora Charmer?

– Traga *três*! – corrigiu Charmie – Não vai acreditar nisso! – disse virando-se para Philippa. – Eu estava na Cut-Cost do outro lado da rua e conheci este homem – largando a bolsa, Charmie foi até a porta e a abriu. – Pode entrar!

Um homem jovem, grande e bem desenvolvido deu um passo desajeitado para dentro do escritório, parecendo preenchê-lo com seu tamanho e masculinidade. E enquanto Philippa o cumprimentava, ele esticou a mãozorra e disse:

– Ivan Hendricks, investigador particular.

Philippa lançou um olhar surpreso para Charmie que sorriu e disse:

– O que eu lhe disse?

Foram direto ao ponto. O senhor Hendricks pegou um bloco de notas e uma caneta e fez uma série de perguntas pessoais em um tom impessoal e profissional. Ele assentia e anotava a história que Philippa lhe contava, enquanto Charmie permanecia sentada, sugando o refrigerante pelo canudo, com os olhos fixos em Hendricks como se ele fosse um pedaço de bolo.

– O que me diz, senhor Hendricks? – perguntou Philippa no fim, quando terminou de lhe contar tudo.

– Eu gostaria de dar uma olhada nos arquivos de que já dispõe, mas este parece ser um caso bem direto – disse ele.

– Vai aceitá-lo?

Charmie foi para a beira da cadeira até ele dizer:

– Sim, eu adoraria.

Ótimo, ela voltaria a vê-lo.

– Veja bem, não estou fazendo promessas, senhorita Roberts – explicou Ivan Hendricks. E, enquanto ele seguia delineando seus métodos investigativos e seus honorários, Charmie levantou-se e começou a andar.

Parou diante da janela que dava para o Bulevar Ventura, onde palmeiras balançavam e o asfalto parecia prestes a derreter em poças de piche que prenderiam os carros como dinossauros. Ela ouvia a voz de Ivan Hendricks, que era forte como o seu físico, quando viu um carro conhecido reduzir a marcha no farol vermelho e depois sair quando ele mudou para verde.

Ron. Só podia ser Ron. Bem na frente da Starlite.

O que ele fazia na rua?

Só podia ter saído para comprar cerveja.

Teria visto seu carro?

Pressionando a testa no vidro, tentou ver se seu Volvo estava visível da rua.

Estava.

– Philippa – disse subitamente. – Desculpe-me, senhor Hendricks. Philippa, acabei de me lembrar de um compromisso – pegou a bolsa. – Tenho de ir.

Philippa chutou os sapatos e andou pelo piso de linóleo, agradecendo a sensação boa sob seus pés cansados. O dia fora agitado, começando com Ivan Hebdricks, o investigador particular, e terminando com a consulta médica. Ao abrir a geladeira e tirar os ingredientes para uma salada, avaliou os dois vereditos daquela tarde. O de Handricks: “Não vejo por que eu teria problemas em localizar seus pais”. O do doutor Stahl: “É um mistério para mim o motivo do seu ganho de peso”.

Girando os ombros para se livrar da rigidez e da tensão, foi para o pátio, onde o pôr do sol espalhava feixes de vermelho, laranja e amarelo sobre a piscina raramente utilizada, e riu para si. Concluiu que, se tivesse de resumir sua vida em duas palavras, elas seriam: *família* e *obesidade*. Cansada, perguntou-se quando não esteve motivada por uma ou outra coisa.

Ouviu o telefone tocar na casa e entrou para atender. Era Hannah dizendo que Charmie estava mal no hospital. Hannah não sabia o que tinha acontecido. A senhora Muncie, babá de Charmie, foi até a casa e encontrou Charmie surrada, ferida gravemente. Ninguém sabia do paradeiro de Ron.

Alguns minutos mais tarde, enquanto Philippa colocava seu novo Lincoln no

trânsito do Bulevar Van Nuys, Philippa juntou as peças do que deveria ter acontecido. Primeiro, Charmie aparecendo quando ninguém a esperava, e depois, parada próxima à janela anunciando que precisava ir embora, saindo apressada.

Philippa parou no estacionamento do hospital, apressou-se a entrar e foi direcionada para o quarto de Charmie. Para sua surpresa, o quarto era particular, e Philippa sabia que o plano de saúde não cobriria aquilo. E logo concluiu que Ron já devia estar se sentindo culpado pelo que tinha feito.

– Puxa, Frizz – disse, sentando-se ao lado da cama e tentando não chorar ao ver o soro intravenoso, os curativos. – Você faz qualquer coisa para chamar a atenção, heim? Cá estava eu pensando em fazer uma festa grandiosa para o seu trigésimo aniversário, com dançarinos e tudo o mais. Lembra-se de Jamie, o manobrista bonitinho da Churrascaria Monty's? Ele iria sair de dentro de um bolo. Você tem de estar bem para... – sua voz se interrompeu de emoção.

– Eles lhe contaram? – sussurrou Charmie por entre lábios inchados. – Perdi o bebê.

Philippa a encarou.

– Bebê?

– Eu ia... fazer uma surpresa. Eu estava grávida... Philippa, sinto como se estivesse morrendo...

Philippa inclinou-se para a frente e apertou o braço da amiga.

– Você não vai morrer. Tudo vai ficar bem, você vai ver. Você vai superar isso, pode acreditar. Precisamos de você, Charmie. A Starlite precisa de você. As associadas a amam, sabe disso. Quando você faz as demonstrações de maquiagem... Merda.

O olhar de Charmie passou para Philippa e suas bochechas pareceram se mover. Sorrir parecia um esforço muito grande, e só o que ela conseguiu fazer foi uma careta.

– Não acredito... Você disse a palavra que começa com M.

– Não nos desaponte, Charmie. Por favor, não *se* desponte.

Quando os olhos de Charmie recaíram sobre o rosto de Philippa, estavam sem expressão, sem emoção.

– Sabe o que a baixa autoestima faz com as pessoas – disse Philippa baixinho. – Eu mesma sofri com isso, lembra? E se lembra da Mouse, que se considerava sem atrativos...

Charmie levantou uma mão para silenciá-la.

– Sim, está bem, você se lembra da Mouse. Cá estou eu de novo, passando

sermão, fazendo meus discursos animadores. Mas, por dentro, estou arrasada, Charmie. Não sei como ajudar, como fazer você entender. Preste atenção, você não pode ficar pensando no bebê que perdeu, tem de pensar no filho que tem agora, Nathan, ele tem sete anos e entende o que está acontecendo. Sei o que está pensando, que não entendo nada disso. Mas vou lhe contar uma coisa que nunca contei a ninguém. Tive um bebê um dia, Frizz, em Hollywood e o perdi em um aborto espontâneo. Um dia você me disse que eu não sabia o que era amar um homem. Mas eu sei.

Os olhos de Charmie permaneceram em Philippa, semicerrados, escondendo o que se passava dentro deles, mas ela estava ouvindo.

A princípio, Philippa falou um pouco sobre Rhys, pronunciando seu nome pela primeira vez em oito anos. Depois de um tempo, sua história fluiu com um pouco mais de naturalidade, até Rhys tomar forma naquele quarto de hospital, e ela o enxergar ali, todo belo, sério e sombrio, sorrindo ironicamente para ela como se dissesse: “Não me importo. Vá em frente e me use como um mau exemplo”..

– Ele se considerava tão pouco que pôs um fim à própria vida. E é isso o que você está fazendo, Charmie. Está se matando lentamente. Um dia desses, Ron a matará.

Charmie apenas a fitava, sem dizer nada.

– Preste atenção ao que eu digo, está bem? Pelo menos desta vez. E não seja Charmie. Seja Frizz. Vamos sonhar juntas como um dia sonhamos. Vamos fazer planos para o futuro. A Starlite pode ser fabulosa, sabe disso. E também sabe o quanto a Starlite precisa de você, de suas ideias, de sua energia. Apenas pense em tudo o que poderemos conquistar se você se juntar a nós em tempo integral. Lembra-se da sua ambição de fazer teatro? Bem, a Starlite é o seu palco. Vi como você atua na frente das associadas. Fique boa e venha se juntar a nós de uma vez por todas, Frizz.

Charmie esticou-se debaixo dos lençóis brancos. A dor se fez evidente em sua expressão. Ela abriu a boca e, com horror, Philippa viu que faltavam dois dentes.

– Lembra? – disse Philippa. – Quando se meteu em apuros por brincar na aula da irmã Imaculada?

Mas Charmie não sorriu. Seu rosto não se mexeu.

– Vou deixar você dormir agora. – Philippa inclinou-se para beijá-la na testa. – Volto amanhã.

Ao se levantar, ouviu um sussurro.

– O que foi? O que disse?

– Não venha.

– Charmie, não vou permitir que me afaste dessa vez.

– Por favor... Se você me ama... – ela inspirou dolorosamente. – Deixe-me descansar. Deixe eu me curar. Preciso... ficar sozinha. Não venha me visitar. E não deixe Hannah vir...

– Não vou deixar você.

– Sim, você vai porque estou pedindo. Tenho de... pensar... – a mão de Charmie moveu-se sobre a colcha e encontrou a de Philippa. Ela lhe deu um aperto frouxo, fazendo saltar a veia em que estava o acesso do soro. – Por favor – sussurrou. – Deixe-me fazer do meu jeito.

Uma voz distante dizia:

– A hora da visitação termina em dez minutos.

Charmie abriu os olhos e olhou ao redor. O luar entrava pelas venezianas da janela do hospital como a claridade da manhã. Sua mente estava confusa. Não sabia há quanto tempo estava ali ou quantos dias atrás Philippa a visitara. Ao levantar a cabeça e olhar ao redor, viu que o quarto estava repleto de flores e bichinhos de pelúcia das suas amigas da Starlite. Tinha uma lembrança vívida de Ron visitando-a, ajoelhando-se ao lado da sua cama e soluçando, implorando perdão. E dela afagando-lhe os cabelos e sussurrando “shh”, como se fosse ele quem estivesse precisando de consolo.

Charmie procurou pela dor em seu corpo para ver se seus ferimentos tinham sarado. Não sentiu dor, apenas um vazio, como se a sua própria vida tivesse se esvaído junto com a do bebê – um aborto duplo.

Pensou no pobre Nathan, com apenas sete anos de idade. Ele foi levado para Hannah depois que a senhora Munice encontrou... Fechou os olhos... Depois do que Ron lhe fez dessa vez.

Começou a chorar silenciosamente. Nada mudou no fim das contas. O mal ainda habitava dentro dele. E daquela vez, seu garotinho presenciou tudo; pobre Nathan, gritando o tempo inteiro enquanto Ron a surrava.

Por fim, sua mente clareou. Lembrou-se de que seu filho estava seguro com Hannah porque Ron partiu para a sua viagem até Fresno. Charmie jurou que Nathan nunca mais voltaria para aquela casa na avenida Hacienda. Nem ela.

Fraca, mas já sem o soro, saiu da cama e vestiu-se com dificuldade. Ficou atenta aos sons do outro lado da porta, maquiando-se com cuidado, e outra lembrança lhe veio à mente: Ivan Hendricks, o homem que ela conheceu na Cut-

Cost... Há quantos dias mesmo? Philippa disse que ele estava trabalhando no seu caso? Charmie não se lembrava. Não importava. Nada mais importava.

Espiando pelo corredor e vendo que as enfermeiras do balcão estavam ocupadas com as visitas, Charmie pegou um dos vasos de flores que alguém lhe enviou, passou a bolsa pelo braço e andou pelo corredor, frágil, porém com a confiança que conseguia sentir, apesar da fraqueza, como se fosse uma visitante a caminho de ver um paciente.

O Valley Memorial era um lugar sempre cheio; por estar tão próximo da rodovia, onde tantos acidentes aconteciam, era muito procurado por pacientes. Havia dois táxis estacionados na frente.

Quando entrou em um deles e informou seu destino ao motorista, ele a fitou intrigado.

– Tem certeza? Muito bem, dona – disse com um dar de ombros.

Enquanto o táxi seguia pelo Bulevar Sunset, com as luzes de Hollywood passando pela janela, ela mentalizou mais uma vez:

Não vou voltar para Ron, não vou voltar para aquela casa esquálida. Acabou. Acabou tudo.

O táxi começou a subir uma estrada sinuosa pela colina, cruzando com alguns carros pelo trajeto.

– Tem certeza, dona? – o motorista perguntou novamente, fitando a passageira pelo espelho retrovisor com um olhar duvidoso. Claro que já havia levado muitas pessoas até lá, turistas na maioria das vezes, mas nunca ninguém saindo de um hospital.

– Sim, tenho certeza – respondeu ela.

Enfim chegaram. Ela viu o domo logo adiante, os telhados esverdeados iluminados por luz elétrica e também pela lua cheia. O estacionamento do Observatório Griffith Park estava lotado; todos estavam ali para assistir ao mais recente espetáculo do planetário: *Próxima parada: Marte*. Um vento frio soprou, mas ela não sentiu frio. Não sentiu nada.

Saiu do táxi, deixando o vaso de flores para trás, andou pelo asfalto e lentamente subiu os degraus ao lado do prédio principal, que conduzia ao telhado dos telescópios. Devagar ela subiu, degrau a degrau, fraca por ter passado tantos dias no hospital, até o topo onde os telescópios estavam direcionados para as estrelas. Ficou contente em ver que o telhado estava vazio. Algumas vezes, casais de namorados subiam para namorar como se a vida dependesse daquilo. Contudo, naquele instante, com o espetáculo acontecendo, ela tinha o telhado só para si.

Ficou lá, olhando para a cidade, o vento açoitando seu cabelo loiro cujas raízes cor de vinho começavam a aparecer. Segurou-se ao muro de pedra que chegava à sua cintura, tensa, e inspirou fundo, inclinando-se para a frente para olhar o concreto logo abaixo. Por fim, recuou um passo e gritou o mais alto que pôde:

– Ron Charmer, onde quer que esteja: *vá se foder!*

Cinco minutos mais tarde, voltava a entrar no táxi, tendo pedido ao motorista que a esperasse. Quarenta minutos depois, estava parada na soleira de Philippa, dizendo:

– Muito bem. Vamos deixar a Starlite sensacional.

---

[1] A rua Carnaby está localizada no bairro londrino de Soho, tendo se tornado extremamente popular e associada à modernidade, liberdade criativa e bom gosto durante os anos 1960. (N.T.)

[2] John Glenn foi o primeiro astronauta norte-americano a entrar em órbita da Terra. Atualmente, o nome G.I. é um termo genérico para designar os militares das Forças Armadas norte-americanas, especialmente as forças de terra. General Joe Colton foi o homem que deu origem ao codinome G.I. Joe, que é uma franquia de figuras de ação norte-americana produzida pela empresa de brinquedos Hasbro e cujas aventuras já foram publicadas por diversas editoras norte-americanas, inclusive DC Comics e Marvel Comics. (N.T.)

32

FRIEDA GOLDMAN ESTAVA DEPRIMIDA. Deprimida, frustrada e muito brava.

Sentada na sala de estar da choupana, que mais parecia um pavilhão de caça de algum milionário, fitava melancólica o lindo sol de fim de tarde atravessando os pinheiros, e pensava o quanto detestava a neve. Saiu para caminhar pela manhã para permitir que as camareiras limpassem os aposentos e, ao voltar, encontrou todas as janelas abertas. Isso fez com que se lembrasse de Jake, seu falecido marido, vindo do leste, e que costumava dizer:

– Californianos! No verão trancam as janelas; no inverno, as escancaram!

Jake amava a neve. Ele teria adorado o Star's.

Frieda também teria adorado o Star's, se seu acordo com Syd Stern tivesse vingado. Como Bunny pôde fazer *aquilo*?

Na verdade, porém, Frieda não podia condenar a garota. Não após ter perdido o Oscar e o tratamento recebido depois da premiação; um diretor de elenco chegou a dizer que o filme dela fora apenas um caso de sorte, que ela não receberia mais papel algum e que deveria procurar um circo. Bem, Bunny não se juntaria a circo algum agora, não com seu visual fabuloso. Frieda sabia que tinha sido necessário muita coragem para tomar a decisão de se submeter a uma transformação tão radical, com tantas cirurgias. Só a lipoaspiração, nas coxas e no abdômen, era dolorida e debilitante. Pobre Bunny, passar por meses de tortura – até mesmo arrancando os últimos molares, dentes perfeitamente saudáveis, para afinar o rosto – só para descobrir que nada daquilo teria sido necessário. Não só desnecessário, mas toda a agonia e solidão lhe custaram um dos trabalhos mais promissores da história cinematográfica recente. E, além disso, uma vez que a reação de Frieda ante a mudança atordoante de Bunny foi cair dura no chão, Bunny agora se remoía de medo ante a possível reação do pai: Bernie Kowalski, tão grande, tão importante, e um horror para a filha.

Frieda levantou-se, foi até o bar e serviu-se de suco de laranja com uma dose generosa de vodca.

Que manhã horrorosa tinha sido aquela. Primeiro, tendo de ligar para Syd para contar sobre a metamorfose de Bunny, e Syd dizendo:

– Que bom, isso é ótimo, Frieda, fico contente que ela esteja linda, mas não posso mais escalá-la. Lamento.

E, em seguida, o telefonema para a concessionária da Lamborghini para cancelar seu pedido do Diablo de 200 mil dólares. E ainda faltava voltar para o Castelo para devolver o casaco de marta de 12 mil dólares.

Frieda recusou-se a fazer isso. Ficaria com o casaco.

Também ficaria com a choupana, por mais um ou dois dias. Na verdade, teve a intenção de sair do hotel pela manhã para voltar para o seu escritório em Los Angeles, arregaçando as mangas para fechar novos contratos. Contudo, ao passar pelo saguão magnífico que a fazia se lembrar do castelo de Cinderela e olhar para os objetos pessoais de Marion Star, ouvir as canções natalinas, ver as luzes, sentir o calor das enormes lareiras – e ver seu sorridente rapaz de smoking passar –, Frieda percebeu que havia algo de instigante naquele lugar.

Era engraçado o fato do Star's ser tranquilo e agitado ao mesmo tempo. Não entendia bem como. Havia muitos hóspedes passando de um lado para o outro, entrando nas lojas, especulando a respeito de quem teria matado Ramsey, ou bebericando seus drinques ao lado das lareiras, mas a atmosfera era suave; a grande atividade pacata dos ricos distintos. Lembrou-a da vez em que se hospedara no Plaza de Nova York com Jake. O restaurante Palm Court do Plaza era assim – lotado, mas estranhamente silencioso. E ali no Star's havia um tipo de magia na atmosfera, algo vagamente sedutor, tanto que Frieda viu-se perguntando na recepção se poderia ficar com a choupana um pouco mais quando não tinha intenção alguma de permanecer outro dia. Portanto, lá estava ela – sentada em uma choupana dos anos 1930, com chifres sobre a lareira e tapetes de pele no chão, e paredes de toras de verdade, lustradas até brilharem; uma choupana que Marion Star construiu para seus hóspedes mais aventureiros, e onde se dizia que Douglas Fairbanks um dia havia se hospedado – e Frieda sentia-se deprimida.

Partiu seu coração ver o belo rosto de Bunny ir da alegria para a surpresa e terminando em lágrimas conforme ela lhe explicava o propósito da sua visita. Bunny chorou tanto que, a certa altura, pareceu prestes a arrancar toda a sua nova beleza para se tornar feia novamente. Frieda tentou consolá-la, mas o que poderia dizer? Que agora Bunny se parecia com dúzias de jovens mulheres do cinema, que

ela já não era única e teria *muito* mais dificuldade para arranjar um papel, porque a competição foi multiplicada aos milhares?

Indo para a janela e olhando para fora novamente, Frieda pensou se não deveria visitar Bunny. Contudo, não havia mais nada a dizer. Bunny estava infeliz porque a sua surpresa não fora bem-sucedida e porque isso estragou o contrato suculento com Syd Stern. Mas também porque o pai chegaria em dois dias para levá-la para casa, e ela estava aterrorizada com a reação dele em relação à sua mudança de aparência.

– Frieda, em toda a minha vida, jamais consegui agradá-lo – lamentou-se ela. – Ele sempre olhou para mim com desapontamento. Pensei que, sendo bonita, ele finalmente me apreciaria! Mas e se ele olhar para mim como *você* o fez e pensar que me pareço com qualquer outra atriz de Hollywood!?

Frieda não soube o que responder. Porque era verdade; Bunny agora era um clone de Hollywood.

Quando viu que as sombras começavam a se esticar pelo terreno conforme o dia morria, os seus pensamentos voltaram-se para a noite que se aproximava. O que faria no jantar? Ligaria para o serviço de quarto? Pensar em comer sozinha na choupana não a apetecia. Poderia tentar falar com Bunny, porém ela insistiu em ficar sozinha. Claro que ainda havia os três restaurantes do Castelo...

O Castelo... Onde lindas pessoas pareciam flanar sob as luzes dos candelabros e entre eles...

Por céus! De onde vieram tais pensamentos!...

Frieda o visualizou novamente, o homem de tez perfeita em seu smoking, e o modo como ele lhe sorrira pela manhã, assim como havia sorrido duas vezes antes. Quando pensava nele agora, lembrando-se dos lindos olhos castanhos como chocolate, aquela sensação esquisita e adolescente em seu íntimo retornou. E a fez sorrir. Agentes teimosas e de queixo protuberante de 53 anos de idade não se iludiam pensando que poderiam se misturar a lindos homens de vinte e poucos anos que pareciam a versão latina de George Raft[1].

A menos, claro, que o rapaz recebesse para fazer tal coisa.

Seu coração pulou em uma batida, e ela ficou subitamente nervosa. Porque, de pronto, percebeu que o faria.

– Não acredito nisso – murmurou ao pegar o telefone e discar para o restaurante principal, aquele com carpete verde-escuro e cabinas altas e um pianista que só tocava Chopin e Mozart. O restaurante que não mostrava os preços no cardápio.

– Alô, sou Frieda Goldman – disse. – Estou hospedada no...

– Sim, senhora – diz a voz muito bem educada de um homem do outro lado da linha. – Tenho o número do seu quarto. Como posso ajudá-la?

Como faziam aquilo? Como sabiam o número das acomodações dos hóspedes?

– Eu gostaria de fazer uma reserva para o jantar de hoje. Às oito horas?

– Certo, senhora...

– Mas, eu... Hum, tenho um pequeno probleminha – ela não conseguia acreditar. Estava mesmo fazendo aquilo. – Não gosto de jantar sozinha. Eu fiquei imaginando se...

– Sim, senhora. Verei se consigo encontrar outro hóspede que também...

– Na verdade – interrompeu, apertando o aparelho com tanta força que sentia a pulsação nos dedos. Aquilo era ridículo. A coisa toda dos acompanhantes; não podia ser verdade. – Eu não quero jantar com outro hóspede – respirou fundo. – Ah, bem, não importa...

– Compreendo, senhora. O hotel pode providenciar um acompanhante para jantar com a senhora, se preferir.

Ela prendeu a respiração. Puxa...

– Sim, ok... Isso seria muito bom...

– A senhora prefere um cavalheiro?

Ela franziu o cenho. *Em vez do quê? Um porcalhão?* Mas logo ela percebeu que ele se referia ao sexo do acompanhante.

– Sim, um cavalheiro seria ótimo – disse e desligou rapidamente, pensando: *Frieda Goldman, você não pode estar falando sério!*

Judith Isaacs entrou no saguão aquecido onde o porteiro e as moças que recebiam os casacos a cumprimentaram com a camaradagem típica dos colegas de trabalho, mesmo aquele sendo apenas o seu terceiro dia no hotel. Ao passar pelo aviso luminoso sobre o baile de Natal, que aconteceria dali a dois dias – depois do qual o senhor Smith deixaria o hotel –, ela viu Simon Jung ao lado de uma das grandes lareiras envolvido em uma conversa com Robert De Niro. E perguntou-se quanto tempo levaria para se acostumar a ver tantas celebridades.

Ao chegar à clínica do segundo andar, retirando a jaqueta e sacudindo a longa trança, ouviu Zoey ao telefone na sala subestéril.

– Sim, senhorita Kowalski – dizia a enfermeira. – Irei imediatamente. Não se preocupe.

Vendo Judith aparecer na porta, o sorriso de Zoey evaporou e ela desligou.

– Aconteceu alguma coisa enquanto estive ausente? – perguntou Judith, sentindo adagas de ressentimento sendo lançadas pelo olhar da enfermeira. Naquele mesmo dia, perguntou a Zoey se ela sabia de alguma coisa a respeito da história do senhor Smith no tabloide e da operação secreta dele.

– Sei que jornais de fofocas como esse pagam uma fortuna pelas histórias sensacionalistas das estrelas de cinema – disse, atenta à reação de Zoey.

A enfermeira colocou-se na defensiva.

– Por que está me perguntando isso?

– Porque bem poucas pessoas no hotel sabem que ele está aqui. E sabem menos ainda o motivo de ele estar aqui.

– A história pode ter vazado do consultório do doutor Newton – disse Zoey, afastando uma mecha de cabelo do rosto.

Judith, porém, já havia pensado naquilo e entrado em contato com o doutor Newton em Palm Springs. Ele estava furioso, tendo ele mesmo acabado de ver o tabloide, gritando com Judith que nem ele nem ninguém de sua equipe tinha qualquer ligação com o ocorrido. Em seus 29 anos tratando das celebridades, aquela era a primeira vez que algo parecido acontecia.

– Isso aconteceu no seu *front*, doutora – disse ele, quase sugerindo um envolvimento de Judith, mesmo ela não sendo funcionária do Star's na época em que o tabloide recebeu a história.

O assunto foi deixado de lado, mas a atmosfera glacial piorou entre Judith e a enfermeira. Não se falaram a tarde inteira, mesmo quando engessaram um tornozelo fraturado.

E agora Zoey só disse:

– Você recebeu um telefonema.

Judith logo ficou alerta. *Será que* ele *voltou a ligar?*

– Quem era?

Ela deu de ombros.

– Ele não informou o nome – disse Zoey, observando as feições de Judith.

– Estou certa de que a pessoa voltará a ligar – Judith disse, tentando parecer despreocupada e já se virando para sair. Mas, quando Zoey abriu o armário de medicamentos e pegou a caixa de Valium, ela disse:

– O que vai fazer com isso?

– Bunny Kowalski ligou. Ela está incomodada a respeito de alguma coisa e não consegue dormir. Ela quer algo que a acalme, por isso vou levar alguns destes

para ela.

– Não me lembro de ter visto Valium prescrito no prontuário dela.

– E não está.

Judith encarou Zoey. Notou que o colarinho do uniforme tinha uma marca marrom de queimadura de ferro de passar.

– Você está me dizendo que você prescreve remédios para os pacientes? – perguntou ela bem devagar.

– Caramba, é só um pouco de Valium – Zoey deu de ombros.

– E desde quando você está autorizada a prescrever medicamentos?

Zoey fitou o teto, como se estivesse lidando com uma criança de três anos de idade.

– Doutora Isaacs, faz dois anos que distribuo esse tipo de medicação – disse com indícios de paciência forçada. – Na verdade, sou mais do que uma enfermeira por aqui, sou como uma assistente de médico. O que quero dizer é que nem sempre o médico está disponível – ela desafiou Judith com um olhar descarado. – Ou médica.

– Você é enfermeira, senhorita Larson. Só pode dar medicamentos de acordo com as ordens médicas. A senhorita não tem permissão legal de prescrevê-los.

– Eu já disse, há dois anos faço isso. O doutor Mitgang...

– Não me importo com o que o doutor Mitgang fazia – Judith estendeu a mão.

O olhar de Zoey parecia explosivo ao largar a caixa de remédio na palma da mão de Judith e bater em retirada.

– A propósito – disse Judith e Zoey parou na porta. – O advogado do senhor Smith vai processar o tabloide. E vai exigir uma soma exorbitante por danos morais. Imagino que eles queiram cooperar e acabem divulgando a fonte da história.

Zoey continuou ali por um segundo, depois saiu.

Enquanto Judith pegava o prontuário de Bunny e discava para o quarto dela, Zoey teve de parar no corredor estreito do lado de fora da saleta para se recompor.

Que direito tinha aquela vaca de falar com ela daquele jeito? A clínica era sua; ela mesma a montou antes de Simon Jung ter contratado um médico, e a administrava já há dois anos sem nenhuma reclamação. E ninguém, nem mesmo um médico – ainda mais uma medicazinha de alguma cidadezinha nas montanhas que estava fugindo de alguma coisa – lhe diria o que fazer. Na verdade, ela lamentaria ter sequer tentado.

Frieda entrou no restaurante como se avançasse em uma zona de guerra, olhando para um lado, depois para o outro, pronta a se esquivar de qualquer bala. Será que cada uma daquelas pessoas no salão sabia o que ela estava fazendo? O *maître d'hôtel* aproximou-se e disse:

– Posso ajudá-la, senhora?

– Frieda Goldman – informou ela, olhando para os candelabros reluzentes e para as cabines íntimas, pensando que não se sentia nervosa assim desde o baile na escola Sequoia Junior High quando teve esperanças de que Marvin Pormorsky a chamasse para dançar.

O *maître* a conduziu até uma cabine de canto, onde um jovem de smoking imediatamente levantou-se. Frieda mal podia acreditar. Era ele, o rapaz do saguão.

Começaram a conversar. Seu nome era Raoul. Sem nenhum sobrenome.

– Você tem sotaque – observou ela, perguntando-se o que fazer com as mãos. Fazia... Quanto tempo mesmo desde que saíra com um homem? Afinal, aquele não era um jantar de negócios, não era uma reunião. Estava ali apenas por um motivo. Assim como ele.

– Sou de Cuba – ele abriu um sorriso realmente radiante. – Mas sou dos cubanos bons.

Puxa vida, como ele era lindo...

Frieda começava a sentir uma coisa que não sentia há anos. E achou que o restaurante estava mais quente do que precisava estar. E o barulho não aumentou um pouco? Não, ela percebeu. Era ela. Todos os seus sentidos estavam mais aguçados: as luzes pareciam mais claras, o pianista tocava a polonesa mais alto, e o cheiro da comida...

As pessoas no cubículo ao lado tinham pedido Chateaubriand, que estava sendo preparado para eles em uma mesa auxiliar com três garçons a servi-los: um para trinchar a carne tenra e suculenta; outro para dispor o purê de batatas em um círculo artesanal em cada prato; e o terceiro mexendo em um molho aromático sobre a chama azulada. Os garçons trabalhavam como se tivessem coreografado, depositando fatias finas de pão de queijo e tigelas de prata com vegetais na manteiga fumengantes na mesa com um floreio, como se a atuação deles fosse metade da gostosura do banquete.

Frieda desviou o olhar. Enquanto Raoul lhe contava uma história sobre o Star's – "Permaneceu desocupado por mais de cinquenta anos, completamente mobiliado..." –, Frieda viu-se pensando nas pessoas de casa: Sandy, sua

governanta, reclamando por cuidar dos seus três cachorros esquimós bagunceiros; sua secretária, Ethel, com seus problemas de adenoide, fungando seguidamente como em uma desaprovação contínua; sua filha, a metida ambientalista; Princess, de três anos, um fenômeno biológico para a sua idade. E, de repente, imaginou todas ali na porta do restaurante, encarando Raoul e ela, com as bocas escancaradas em sinal de choque.

– Desculpe – disse abruptamente, apanhando a bolsa. – Acabei de perceber que não estou com fome. Não sei o que estou fazendo aqui.

– Alguma coisa errada?

– Eu... Eu recebi notícias desapontadoras hoje e nem sei por que permaneci hospedada no Star's. Eu deveria ter ido embora pela manhã e voltado para casa. Lamento se tomei o seu tempo, mas eu não quero... Isso não está certo... – levantou-se. – Eu gostaria de voltar para a choupana, se não se importar.

– Entendo – disse ele, também se levantando. – Talvez queira que eu a acompanhe? O caminho pode ficar bem gelado e escorregadio, à noite.

Ela o encarou. Ele interpretou mal suas palavras.

Sua surpresa aumentou ainda mais. Não, ele interpretou muito bem. Ela só não sabia o que estava dizendo.

– Obrigada – disse ela. – Eu gostaria da companhia.

Ele cuidou de tudo, explicando ao *maître* que mudaram de ideia quanto ao jantar, pegando seu casaco de pele e ajudando-a a vesti-lo, amparando-a pelo cotovelo ao descerem os degraus escorregadios. Frieda havia se esquecido de como era ter a atenção de um homem, ser cuidada, sentir-se feminina.

Raoul vestiu um casaco longo preto que o deixou ainda mais elegante, a ponto de outras mulheres virarem para olhá-lo, deixando Frieda com uma sensação de posse. Ela queria dizer: "Ele é meu".

Caminharam em silêncio na noite fria.

Quando passaram por Larry Wolfe, que não os cumprimentou, parecendo concentrado em seu destino, Raoul disse:

– Ele é o famoso roteirista. Li em algum lugar que ele vai produzir um filme sobre Marion Star. Deve ser bem interessante.

Frieda murmurou um vago "sim". Não poderia estar menos interessada no projeto Star de Wolfe.

Quando chegaram à choupana dela, Raoul educadamente ficou um passo atrás enquanto Frieda procurava pela chave na bolsa.

– Obrigada por me acompanhar – disse ela. – Estou certa de que eu teria me

perdido!

– Vou esperar até que esteja segura dentro da choupana.

– Puxa, como estou com frio... – disse, imaginando por que falara aquilo e logo compreendendo muito bem o motivo.

– Estas choupanas têm lareiras – Raoul respondeu a contento. – Um bom fogo é perfeito para uma noite como esta.

– Sim – concordou ela, pegando a chave e encarando-o, sabendo o que estava acontecendo. – Desde que se saiba acender uma lareira. *Eu* não sei.

– Eu ficaria contente em fazer isso por você, se quiser.

– Obrigada – disse ela, notando como os olhos dele eram grandes e escuros e como começava a se perder neles, perguntando: *E por que não?* – Eu gostaria muito – e lhe entregou a chave para que ele abrisse a porta.

Lá dentro, ela se livrou do casaco e o observou acender a lareira. Ele ainda usava o sobretudo, como se pretendesse sair assim que o fogo estivesse crepitando. Enquanto trabalhava, ele mantinha a conversa em um tom leve.

Frieda serviu-se de um drinque e ficou em silêncio.

Quando ele terminou e as chamas esforçavam-se por entre as toras, Raoul levantou-se, limpou as mãos na calça e disse:

– Pronto. Agora ficará aquecida a noite toda.

Frieda pensou: *Quem foi que escreveu esse diálogo?*

– O fogo está alto – disse ele de modo sugestivo. – Queimará a noite toda para você, sem nunca se apagar.

A noite inteira. *Onde ouviu algo semelhante?*

– Obrigada...

Mas em vez de ir para a porta e se despedir, como ela esperava, ele continuou parado, sorrindo, observando-a com aqueles enormes olhos cubanos.

E então ela entendeu. Era a sua vez de agir.

Alguns pensamentos estranhos vieram-lhe à mente. Pensou em Jake, que morrera dezesseis anos antes por causa de um câncer de próstata.

“Case-se novamente, Frieda”, disse ele enquanto esteve internado no Cedars-Sinai. “Ou pelo menos divirta-se depois que eu me for.”

E também pensou na filha, que parecia ter a noção esquisita de que viúvas, ou mulheres com mais de cinquenta, deveriam ficar em casas de repouso. Pensou em Bunny, parecendo muito desanimada ao ouvir que o contrato com Syd Stern fora para os ares por causa das suas múltiplas cirurgias.

– Gostaria de tomar um drinque? – perguntou baixo, quase temendo a

resposta, sendo ela sim ou não.

– Gostaria, sim, obrigado – respondeu ele e despiu o sobretudo.

Sentaram-se no sofá diante da lareira. Havia uma paz entre eles, mas não muita.

– Você é uma mulher muito encantadora – disse ele, com o rosto iluminado pelas chamas.

– Por que diz isso? – Frieda perguntou.

– Muitas pessoas, quando digo que sou cubano, pensam que sou comunista. Você apenas me disse que meu sotaque é bonito. Gostei disso.

– Conte-me a respeito de Cuba – pediu ela, e ele a atendeu.

Enquanto ele falava, Frieda começou a relaxar. Fitou as chamas e o ouviu, subitamente contente por ter feito a reserva para o jantar.

Quando a mão dele a tocou no ombro, ela não recuou nem mesmo pensou. Apenas virou-se para ele e sorriu. Ele era tão jovem, tão belo...

E, quando a beijou, o fez com tanta ternura que surpreendeu Frieda. Ela esperava sofrer um ataque de homem.

Ele tirou o copo da mão dela e a puxou para seus braços. No início, ela se sentiu constrangida, estava desacostumada a braços masculinos após tantos anos. Mas os instintos retornaram, com uma imensa onda de desejo. Raoul beijou-a com doçura, sem forçar, sem agressividade, com gentileza e carinho. Era como se, na verdade, ele entendesse seus medos e incertezas e pressentisse que qualquer incursão repentina em outras partes do seu corpo a colocaria em estado de alerta. Demorou um pouco para que os dedos se movessem pelos seus cabelos, depois descessem pelo rosto até a garganta, chegando ao colarinho da blusa.

Quando o primeiro botão foi aberto, ela arfou profundamente. A mão parou, mas ele continuou a beijá-la, e Frieda derreteu-se ao seu encontro. Ele prosseguiu com os botões até ela sentir uma mão, tanto dura quanto suave, insinuar-se debaixo do sutiã e amparar um seio.

Então, a lenta gentileza transformou-se em urgência, conforme ela se aventurou na exploração, descobrindo o peito firme, o abdômen duro e... uma ereção bem firme.

Raoul murmurou algo em espanhol, deslizou a blusa dela pelos ombros e abriu o sutiã. A mão escorregou para baixo da saia, e ele começou a beijá-la onde não era beijada em anos.

Tão bom...

Ele se afastou um pouco, sorrindo, e ergueu-se para se despir. Mas Frieda

esticou a mão, fazendo aquilo por ele, deslizando o paletó do smoking e a camisa, revelando o torso magnífico; depois foi a vez das calças.

Ele a ergueu do sofá. Beijaram-se de pé por um bom tempo, os dois nus, com a ereção rija comprimida contra as coxas dela.

– Depressa – disse ela em um sussurro.

Ele sorriu novamente e a conduziu até o tapete de pele de carneiro diante da lareira e deitou-a. Beijando-a com suavidade, sussurrou:

– Vamos aproveitar...

E então ele a penetrou, firme e vigorosamente com toda a sua juventude. Frieda arfou. O que *era aquilo*? Ah, sim, sim, sim...

Ele se demorou muito. Bem quando ela acreditou que estavam chegando ao fim, ele subitamente diminuía o ritmo para depois acelerar novamente até ela pensar mais uma vez que estavam quase lá. Em seguida, ele desacelerava novamente.

O último pensamento coerente que ela teve foi que ele não poderia continuar fazendo aquilo indefinidamente. Nenhum homem conseguiria.

Mas ele continuou, até que ela cravou as unhas nas costas dele e exclamou:

– Agora!

Quando sentiu um tremor começar das pontas dos pés, ondulando pelas pernas, Frieda cerrou os olhos e pensou: *Ai, meu Deus...*

Quando uma onda a assolou...

Uma imagem...

De Larry Wolfe.

– Ai, Deus! – ela exclamou.

Deixou-se cair para trás, arfando. Ele não rolou de lado, mas continuou ali, só para se certificar. E, quando ela começou a rir e depois repetir “Ai, meu Deus”, ele a fitou intrigado.

– Raoul – disse Frieda. – Ai, ai, ai – ela se apressou a sair debaixo dele e correu para o telefone ao lado do sofá.

Discou rapidamente, depois disse:

– Lisa, querida! Sim, sou eu, Frieda. Venha para o Star’s amanhã de manhã, logo cedo. Sim, para o Star’s, em Palm Springs. Saia da 111 depois do Tênis Clube. Lisa, traga tudo o que tiver!

Ela desligou e ligou novamente.

– Sam, Frieda. Preste atenção, preciso que venha para o Star’s imediatamente. Logo cedo, antes do amanhecer. O quê? Não me interessa. Cancele. Você está me

devendo, Sam, lembra? Sim, Star's. Conto assim que você chegar. Ah, Sam, traga Jeanine.

Enquanto Frieda dava outros telefonemas, discando freneticamente, distribuindo ordens para pessoas do outro lado, Raoul a observava completamente confuso. Quando ela começou o quinto telefonema, ele pegou a camisa para se vestir, mas ela tocou no ombro forte e suado e sussurrou:

– Pode ficar?

– Pelo tempo que desejar – disse ele, intrigado.

Ela piscou e discou outro número.

– Bunny! Frieda de novo! Parece que você andou chorando. Preste atenção... O quê? A doutora Isaacs lhe trouxe Valium? Não tome! Quero que fique alerta. Bunny, ouça, tenho de lhe perguntar: alguém já a viu assim? Quero dizer, quem sabe das suas cirurgias plásticas? Só os médicos? Perfeito! Bunny, guarde esse Valium e aperte os cintos! – exclamou Frieda superanimada, sorrindo para Raoul. – Espere até ouvir a ideia que acabei de ter!

Ao começar a contar a Bunny o plano que lhe viera à mente, mas deixando de lado como ele havia surgido, Frieda manteve os olhos fixos em Raoul, que estava deitado e nu, jovem e belo, e excitado sobre o tapete de pele de ovelha – uma estátua grega deitada.

E subitamente entendeu por que tinha ficado no Star's.

---

[1] Geroge Raft, ator americano famoso pelo seu papel em *Scarface*, de 1933. (N.T.)

33

DANNY MACKAY ESTAVA SENTADO tamborilando os dedos no volante do seu novo Jaguar enquanto esperava do lado de fora do edifício na Wilshire onde os escritórios da Starlite ficavam. Seguiu Philippa Roberts e seus dois acompanhantes até ali, após terem fechado a conta no Hotel Century Plaza. Eles logo deveriam aparecer; a recepcionista lhe disse que a senhorita Roberts logo iria para Palm Springs.

Estava escurecendo e as luzes natalinas decorando o prédio no Bulevar Wilshire estavam começando a piscar em tons branco-prateados. De algum lugar ali perto, Danny conseguia ouvir a melodia "We Three Kings" enquanto compradores e trabalhadores se apressavam pelas calçadas, com os braços carregados de embrulhos e expressões determinadas. Danny odiava o Natal; a data o deixava nervoso. Lembranças de sua mãe, que fora tão linda e que morrera tão jovem, sempre lhe voltavam à mente nessa época do ano como uma adaga afiada.

Por fim, sua impaciência foi recompensada quando uma conhecida limusine branca alongada saiu da caverna do estacionamento subterrâneo. Uma das janelas dos passageiros estava aberta alguns centímetros; ele viu o perfil dela. Parecia Beverly. Era Beverly.

Conforme seguia a limusine até a autoestrada 10 indo para o leste na direção de Palm Springs, Danny agarrou o volante em deliciosa antecipação pelo que faria a ela. E seria logo – não faltava muito.

– Telefonista – disse Alan Scadudo com impaciência ao telefone –, o que aconteceu com a minha ligação para Los Angeles?

Quando a resposta veio em uma língua que ele não entendia, ele quase berrou que não falava aquele idioma.

– Desculpe-me, senhor. Ainda estou tentando – disse a voz agora em inglês. – Todos os circuitos estão congestionados.

– Por favor, continue tentando. É urgente.

– Sim, senhor. Aviso assim que conseguir completar a ligação.

Alan desligou e praguejou. Era vital que falasse com Philippa imediatamente. Tinha um mau pressentimento quanto àquela visita ao Rio e ao seu encontro com o presidente da Miranda Internacional. Havia alguma coisa estranha ali; Gaspar Enriques era estranho. O velho se mostrou alegre demais, cooperativo demais, e rápido em prometer que deixaria de comprar as ações da Starlite agora que já possuía 8% delas, ainda assim recusando-se amigavelmente a assinar o acordo de suspensão de compra que Alan levava consigo.

Consultou o relógio. Seu visitante importante bateria à porta do quarto de hotel a qualquer instante.

Mas que dia!, Alan pensou ao seguir para a janela e fitar a cálida noite brasileira. O dia havia sido bem quente, fritando a cidade, chegando perto dos 40°C, estabilizando agora em úmidos 22°C. Afrouxou a gravata e agradeceu a Deus pelo ar-condicionado do hotel. Estava hospedado no Caesar Park, na avenida Vieira Souto, onde seguranças no telhado patrulhavam a vicinal praia de Ipanema com binóculos, a fim de impedir que os hóspedes fossem vítimas dos trombadinhas, garotos que roubavam tudo em que pudessem pôr as mãos. Foi naquela mesma praia que Alan encontrou Gaspar Enriques.

Enriques revelou-se um daqueles velhos cavalheiros aristocratas vistos nas praias brasileiras que gostavam de provar sua virilidade desafiando o oceano. Alan teve de esperar na praia enquanto o septuagenário brasileiro mergulhava nas ondas quebradiças, depois correu no mesmo lugar na areia por meia hora, com os pelos brancos do peito magro respingando água salgada a cada salto enquanto ele e Alan tentavam ter uma conversa de negócios no meio da multidão, do barulho, dos insetos. Alan não viera preparado para a praia; trajava terno de lã azul escuro e uma camisa de seda Armani muito cara, sentindo-se ridículo de meias com as barras da calça erguidas e carregando uma pasta. Logo, porém, descobriu durante o decorrer daquela reunião que aquilo não era incomum em Ipanema; viu outros tipos executivos encontrando-se com outros tipos de clientes na praia, todos com roupas informais, todos carregando pastas.

O verdadeiro problema de uma reunião em um lugar como aquele, para Alan, era que ele não podia usar seus sapatos especiais com a camada interna aumentada, portanto estava reduzido aos seus 1,67 metros originais. Outro problema era o vento – ele desarrumava seu cabelo meticulosamente penteado, expondo as raízes dos implantes para o mundo inteiro.

E mesmo assim, as mulheres o fitavam com interesse – aquelas criaturas de peles morenas, aristocráticas, de seios fartos e cujas pernas pareciam alcançar as axilas. Estavam praticamente nuas, usando suas tangas – o biquíni fio dental originado no Rio e que nem parecia estar sendo usado. Todas aquelas beldades tinham um modo de olhar para um homem, meio de esguelha, clandestinamente, que o fazia derreter ali mesmo na areia – ainda mais esse Alan Scadudo de 55 anos de idade que há muito tempo não recebia esse tipo de olhar, aliás, nunca o recebera. Mais de uma vez teve de pedir para que Enriques repetisse o que havia dito.

Depois de uma tarde inteira passada na praia com o velhote, comendo sanduíches de ricota, Enriques conversando amigavelmente em um inglês impecável, contando a Alan cada detalhe sobre a Miranda Internacional e sua crescente operação de exportação de castanhas, tudo o que Alan conseguiu foi uma dor de cabeça enorme e queimaduras de sol. Muito pouco foi feito. Agora que pensava em retrospecto a respeito da reunião, começava a encará-la como uma charada, como se o velho Gaspar estivesse representando um papel, dançando na ponta das cordas da marionete de alguém, já que nada de concreto fora dito ou feito. E agora, enquanto os ponteiros do seu relógio aproximavam-se da meia-noite, e ele esperava ansiosamente pelo seu importante visitante, a apreensão de Alan só aumentou. Definitivamente, não se podia confiar na Miranda Internacional. Philippa tinha de ser alertada imediatamente.

Quando houve uma batida à porta, Alan apressou-se em atender, só para ver o garçom entrando com o carrinho do serviço de quarto. Alan deu um passo para o lado enquanto o homem entrava empurrando o carrinho e, com floreios, arrumava a mesa. Enquanto fazia isso, comentava sobre o calor, a umidade, os últimos resultados das partidas de futebol. Quando o garçom notou uma bonequinha esculpida a mão ao lado do telefone, ele sorriu e disse:

– Ah, acredita na sorte de Iemanjá, a rainha do mar? Ela é muito poderosa, senhor, uma deusa de muita, muita sorte.

Alan comprou a diminuta estatueta na volta da praia; era uma bugiganga para Hannah, e custou, depois de pechinchar, menos do que um dólar americano. Mas ele não disse nada, estava ansioso para que o homem saísse logo.

Quando se viu sozinho novamente, supervisionou o banquete que havia sido servido: uma combinação de peixes e camarões, chamado vatapá, muito bem condimentado com páprica e pimenta, com guarnição de batata e feijão, acompanhado por creme de ovos e café preto carregado de rum e açúcar. Enquanto

esperava a chegada de seu visitante, Alan perguntou-se o que o havia possuído para ter pedido um prato tradicional brasileiro quando um simples hambúrguer teria servido muito bem. Dobrou um guardanapo sobre a comida exótica revoltante e empurrou o carrinho.

Estava para checar as horas novamente quando o telefone tocou. A telefonista completou sua ligação para Los Angeles.

– Hannah? É você, meu bem? Graças a Deus. Pensei que esse maldito telefone nunca fosse funcionar.

– Alan? Você está bem? Como foi com a Miranda? – ela perguntou na ligação entrecortada. – Conseguiu se encontrar com o senhor Enriques?

– Estou bem, querida. Mas, Hannah, alguma coisa estranha está acontecendo aqui – disse Alan. – Encontrei-me com Enriques e agora preciso falar com Philippa. Imediatamente.

– Ela saiu há pouco. Está a caminho de Palm Springs.

Alan mordeu o lábio.

– Ela está no carro da empresa? Coloque-me em uma linha de conferência. Preciso falar com ela imediatamente.

Enquanto Hannah o colocava em espera e apressava-se para encontrar o número da limusine na lista de telefones, ela sentiu sua ansiedade aumentar. Ficou no quarto a tarde inteira e boa parte da noite, esperando por um determinado telefonema. Quando o telefone sobre a mesa Luís XV tocou, ela literalmente deu um pulo da cama.

Eles deveriam ter ligado para arranjar um encontro no qual ela entregaria as cautelas de ações em troca de dinheiro. A transação tinha de acontecer antes da reunião da diretoria em Palm Springs, marcada para dali dois dias. O tempo estava se esgotando.

Discando o número da limusine, Hannah viu a bolsa do outro lado do quarto. Seus remédios estavam lá e, de repente, precisava deles; seu coração estava começando a sapatear atrás do esterno.

– Ricky, sou eu, Hannah – disse ela quando a ligação foi atendida. – Estou com Alan na outra linha. Ele está telefonando do Rio e quer falar com Philippa.

Hannah apenas ouviu enquanto Alan falava, a voz indo e vindo como se estivesse sendo carregada por ondas.

– Tem alguma coisa errada aqui, Philippa – disse ele, parecendo estranhamente agitado. – A Miranda é uma empresa pequena. Eles lidam com castanhas, pelo amor de Deus. Tenho certeza de que eles não dispõem do dinheiro

necessário para a compra das ações da Starlite.

– O que descobriu a respeito de Enriques? – perguntou Philippa, a voz abaixando um pouco quando a limusine passou pelo desfiladeiro Banning.

– Ele foi agradável e educado, mas pouco esclarecedor. Ele não disse muita coisa, apenas que admira a corporação Starlite e que gostaria de possuir algumas ações. Ele insiste em negar que não haverá tomada de poder, mas se recusa a assinar um acordo de suspensão de compra. E mais uma coisa, Philippa: o homem parece não poder tomar nenhuma decisão sozinho, mesmo sendo o dono da maldita empresa. Juro que ele é a fachada de outra pessoa.

– Por que diz isso? – perguntou Hannah, interferindo na conversa. Seus olhos voltaram-se rapidamente para o cofre na parede, onde estavam guardadas as cautelas das ações.

– Porque, quando lhe perguntei o que ele achava da ideia de ir para Los Angeles para uma reunião, ele disse que depois me telefonaria. Bem, ele me telefonou aqui no hotel há pouco e disse que ficaria feliz em ir. Perguntei se ele tinha de consultar alguém antes de tomar tal decisão, e ele disse que não, alegando apenas ter de pensar a respeito. Mas juro, Philippa, que ele falou com alguém antes, alguém que deseja ficar nos bastidores. E acredito que seja essa pessoa quem esteja orquestrando a tomada do controle da empresa. Eles estão canalizando fundos para a Miranda, e acredito que estejam planejando nos pegar desprevenidos.

Era o que Philippa temia. E também estava preparada para isso.

– Muito bem, Alan. Preciso pensar a respeito. Volte imediatamente. E traga Enriques com você. Estou ansiosa para falar com ele.

Philippa desligou, deixando Alan sozinho com a esposa na linha.

– Quando chegará em casa, querido? – perguntou Hannah.

– Assim que Enriques puder partir.

– Alan, estou preocupada.

– Não fique, meu bem. Tudo vai dar certo, tenho certeza.

– Vai voltar a tempo para a festa? Pensei em anunciarmos o noivado de Jackie.

– Claro, não se preocupe. Ei, estou trazendo uma coisa para você – disse ele. – Uma surpresa especial. E não tem nada a ver com o Natal.

– Apenas volte. Eu te amo.

– Também te amo.

Alan estava desligando quando ouviu uma batida à porta. Seu visitante,

finalmente.

O homem era alto e tinha uma calva navalhada que refletia as luzes do corredor. Ele usava um terno de linho branco, sapatos de pele de cobra bem polidos e anéis de ouro em quase todos os dedos. Gaspar Enriques o enviou até Alan como uma espécie de favor especial. Alan comentou durante a reunião na praia que esperava comprar um presente especial para uma senhora, algo singular, não encontrado nas lojas comuns.

– Conheço o homem perfeito para isso – Enriques lhe disse.

Alan ofereceu um drinque ao visitante, mas o homem preferiu ir direto ao ponto. A peça que ele trazia era um raro e antigo crucifixo na ponta de uma corrente de ouro. A cruz e a figura de Cristo eram feitas de ouro e estavam incrustadas com pedras brasileiras água-marinha, topázio, ametista e granada.

– Mas o que torna essa peça inestimável, senhor Scadudo, é que a princesa Isabel a usava quando assinou a Lei Áurea, nossa declaração de libertação de 1888, alforriando os escravos – informou o visitante que não havia se apresentado. – Quando comprar este colar, senhor Scadudo, não estará comprando apenas ouro e pedras preciosas, mas também um pedaço da história brasileira.

Alan o ergueu para a luz. Era requintado; bastante delicado e muito bem trabalhado. Acreditou quase sentir a paixão da história dentro dele. Sentiu um tremor percorrê-lo ao imaginar a reação dela; ela, certamente, não estaria esperando um presente como aquele.

Quando o homem lhe disse o preço, Alan hesitou um momento. Não esperava pagar tanto. Mas acabou cedendo, porque ela valia a pena. E aquilo compensaria pelo tempo em que ficaram afastados.

Hannah desligou o telefone e retorceu as mãos. Havia tanto em que pensar. Tirar as cautelas das ações, verificar os arranjos para a festa de Natal, Jackie vindo para casa com seu noivo, a reunião de diretoria em Palm Springs, e claro, a surpresa que tinha para Alan. Rezava para que a escultura de Freundlich chegasse a tempo.

Olhou pela janela do quarto, de onde ela enxergava os jardins atrás da casa já sendo preparados para a grande festa de Natal. Hannah rezava para que tudo corresse bem, por ela e por Alan, por Jackie e por Vincent.

Sentindo o coração dar cambalhotas no peito, Hannah apressou-se pelo quarto para onde estavam seus remédios. Nem mesmo Alan sabia que ela os tomava; não queria causar alarde. Agora, tudo o que lhe restava fazer era esperar

pelo telefonema.

* * *

Assim que desligou o telefone, Philippa narrou a conversa que tivera com Alan para Charmie, que estava no assento da frente, de costas para o motorista, com as pernas esticadas e a cabeça apoiada no console da TV e videocassete, a túnica amarelo-limão escorregando para o piso da limusine.

– O que vai fazer? – perguntou ela, deixando de lado o livro que vinha lendo.

– Algo que eu odeio e que pensei que nunca teria de fazer. Charmie, está na hora da pílula de veneno – Philippa pegou o telefone de novo e apertou as teclas de um número. Depois de um instante, disse:

– Ralph? É Philippa. Acabei de falar com Alan no Rio... – depois de recontar a conversa para ele, ela disse:

– Venha me ver pela manhã em Palm Springs. Estarei hospedada no Marriott Desert Springs. Quero que faça duas coisas: primeiro, abaixe o nosso gatilho contra uma tomada de poder de 20% para 10%. Depois rascunhe uma cláusula permitindo que os detentores das ações da Starlite comprem ações por um valor menor do que o do mercado. Assim que a Miranda chegar aos 10%, a segunda medida será acionada. Isso, pelo menos, irá retardá-los um pouco e dificultará a tomada do poder, certamente tornando-a mais dispendiosa. Temos um investidor amigo em que podemos confiar, só para garantir? Ótimo. Até logo, então.

Charmie suspirou, pensando nos velhos tempos em que ela e Philippa administravam a Starlite de uma sala de estar e a única medida legal que tinham de tomar era anotar os nomes das associadas em um bloco de notas.

– Bem que eu queria encontrar um modo de saber quem está atrás de Enriques e por que eles estão tentando roubar a empresa de você – disse.

Philippa pensava em Ivan Hendricks que, no momento, estava investigando alguma informação a respeito de Beverly Burgess em Palm Springs.

– Quando virmos Ivan amanhã, vou pedir que ele investigue a Miranda para nós.

Charmie ficava animada em saber que Ivan estava de volta na vida delas, ainda mais quando se lembrava do único encontro explosivo deles; jurava que o corpo definido dele havia deixado uma marca permanente no dela.

– Com um pouco de sorte, Ivan terá informações a respeito da Caanan Corp – disse ela, imaginando se um dia haveria uma segunda chance para eles. E, se

houver uma ligação entre a fictícia Caanan e a Miranda Internacional, ele pode nos contar quem está por trás disso tudo.

Philippa olhou para fora do carro e tudo o que viu foi escuridão. O sol tinha se posto há duas horas; ela e seus acompanhantes entraram no deserto árido, onde somente um ocasional outdoor ou uma construção destacava-se na escuridão. Os faróis dos carros vindos da direção oposta da estrada pareciam flutuar como espíritos desprovidos de corpo. O momento pareceu surreal a Philippa; ela, Charmie e Ricky pareciam deslizar no meio da noite em uma cápsula do tempo espacial. Não ouviam o motor do carro ou o rolar dos pneus no asfalto. O bar estava estocado com comida e bebida; o aquecedor afastava o gelo da noite desértica, a cortina do teto solar estava recuada, permitindo uma ampla visão das estrelas. Philippa sentia-se curiosamente segura, protegida do mundo e dos seus perigos.

Desconhecia que um Jaguar preto os seguia desde Los Angeles e estava logo atrás deles agora.

Pegando a caneta, tentou voltar ao trabalho que vinha executando para aproveitar o tempo durante a viagem de Los Angeles a Palm Springs quando o telefonema de Alan a interrompeu. Escrevia em sua mesa de colo de couro marroquino, com impressão de ouro antigo, um presente de aniversário de sua filha Esther, que a comprou com o dinheiro recebido no emprego de verão no Parque Nacional das Sequoias. A viagem no Lincoln era tão suave que a letra de Philippa era clara e legível: “Passo 52: Coma somente quando tiver fome. “Passo 53: Exercite-se por meia hora três vezes por semana”.

Ainda estava pensando no que descobriu ao visitar o salão Starlite naquela tarde. Pensou que não vinham acompanhando a mudança dos tempos. *Não mantivemos os olhos e os ouvidos atentos para as necessidades dos nossos associados. Estamos parados no tempo, enquanto outras empresas brotam ao nosso redor e atendem às necessidades que parecemos estar ignorando.*

Virando outra página, escreveu: “Pipoca. Tortillas. Molho (comer o quanto quiser?). Um copo de vinho por dia. Necessidade de obter valores calóricos e nutricionais. Observar as últimas tendências alimentares e projetar um cardápio para os anos 1990. Observação: Possível porta-voz nacional? Celebridade? Por que não lançamos o nosso vídeo de exercícios? Um com algum tipo de apelo sexual, com homens lindos fazendo aeróbica, para que as mulheres gostem de assistir”.

Então olhou para Ricky, que estava dormindo com a cabeça apoiada na

janela. Ao estudar o perfil jovem e forte, o modo como o cabelo loiro sedoso caía sobre o rosto, Philippa pensou no dia da Copa Melbourne, à qual assistiram juntos na TV e sua égua, a Bela Boneca, vencera, e com que impulsividade abraçou-o, e como ele retribuiu o abraço apertado, um tanto a mais do que o necessário, no corpo rijo e nos beijos ardentes que subitamente despertaram todos os seus desejos que ela acreditava terem afundado com o *Philippa*. Por isso, era-lhe grata. Ricky a conduziu de volta à vida.

Todavia, para onde iriam dali? Se ela decidisse ficar em Los Angeles, ele também ficaria ou haveria de querer voltar para a Austrália? E, se ele ficasse, como Esther reagiria ao fato de a mãe ter um amante somente cinco anos mais velho do que a própria filha?

Philippa apertou um botão e fez a janela deslizar para baixo, permitindo a entrada de uma golfada de ar frio e cortante. Era bom. O deserto era bom. As estrelas eram tão tridimensionais como uma animação da Disney. Mal se viam os picos íngremes das montanhas contra o pano de fundo das estrelas; o silêncio era celestial. Quando viu uma estrela cadente cruzar o céu negro, desaparecendo na escuridão que ela supunha ser o cume do Monte San Jacinto, ela pensou no Star's e ficou imaginando o que encontraria lá. Encontraria uma mulher com um rosto igual ao seu? Olharia para Beverly Burgess e acreditaria estar olhando para um espelho? Philippa sentiu o vento do deserto cortar seu cabelo e pensou: eu e a minha irmã partilhamos as mesmas lembranças fetais subconscientes? Aninhamo-nos no ventre de nossa mãe ou competimos pelo espaço? Que segredos de embrião sussurramos uma para a outra? Somos gêmeas fraternas ou idênticas? Fraternas significaria que nos desenvolvemos do mesmo óvulo, mas idênticas significaria que viemos do mesmo ovo, um ovo que deveria ter sido apenas uma pessoa. Portanto, seríamos como duas metades de um único ser.

– Ei? – Charmie disse, desgrudando os olhos do livro. – Por que estamos diminuindo de velocidade?

Philippa apertou um botão para abaixar a divisória do carro e ver o que estava adiante.

– Ai, meu Deus! – exclamou.

Charmie virou-se e fitou uma parede sólida que parecia atravessar a estrada. Não havia nada do outro lado – nenhuma estrela, nenhuma montanha, nenhum farol. E rapidamente engolia os carros na frente deles.

A limusine reduziu a velocidade rapidamente, depois tremulou e deu uma guinada. Charmie gritou; Philippa levou a mão à frente para se equilibrar, e Ricky,

que foi subitamente acordado, amparou-a quando ela caiu em seus braços.

Dentro do Jaguar, a mente de Danny estava contraída como um punho cerrado, prestes a socar algo; estava se animando ao pensar nas coisas que faria com Philippa. Era importante manter os pensamentos vivos; eles lançavam sangue nas veias de um homem e lhe davam a força para fazer o que era necessário. Um dia ele teve o mundo nas mãos, e então tudo lhe foi arrancado – por *ela*, pela cadela que estava na limusine da frente.

Beverly Highland. O mundo acreditava que ela estivesse morta. E ela pensava que ele estava morto. Danny sentiu uma vibração percorrê-lo. Era muito embriagador – ela não sabia que ele estava vivo. Não fazia ideia do que a esperava. Ela se considerava a salvo, pensava que tinha se safado. Mas iria pagar. Ah, sim. Danny gostava de imaginar a expressão no rosto dela quando ele a apanhasse. Ele lhe daria uma amostra daquilo pelo que ele tinha passado – a penduraria em um cinto de couro, para que chutasse e lutasse em busca de ar, sentindo-se borrar, o pânico e o terror...

Danny esticou a mão para ajustar o retrovisor e se olhar no espelho. Deu aquele sorriso charmoso que encantara multidões. Sabia que ainda era bonito, ainda tinha o poder sobre as pessoas apenas com a sua aparência. Danny se esforçou muito para obter aquele visual, como Nicolau Maquiavel aconselhou há mais de 450 anos: *As multidões são sempre impressionadas pela aparência, e o mundo é feito de multidões.* Quando Beverly visse o seu rosto novamente, ela voltaria a rastejar. Desta vez, ela suplicaria pela sua vida. Danny ficava excitado só de pensar nisso.

Quando voltou o olhar para o para-brisa, viu a limusine dela desaparecer de repente em uma parede sólida que estava atravessada na pista.

– Jesus Cristo! – exclamou ele, e afundou o pé no freio, fazendo o Jaguar derrapar.

DIA: QUATRO

DESTA VEZ A LIGAÇÃO não foi de longa distância nem aconteceu por meio de uma linha especial. Não obstante, a conversa foi cautelosa, conduzida reservadamente, e sem a interrupção de um papagaio grasnante.

– Você chegou – disse o interlocutor.

– Não foi fácil. Quanto tempo temos?

– Não muito.

– Vamos dar início, então. A propósito...

– Pois não?

– Certifique-se de trazer a coisa.

35

Vale San Fernando, Califórnia, 1970

A JOVEM SECRETÁRIA DE Philippa, Molly, foi a primeira a notar a Mercedez-Benz preta de janelas escuras que acabava que estacionar em frente ao escritório da Starlite no prédio em estilo chalé suíço. Ela olhou pela janela e disse:

– Olha só! Parece que temos uma visita importante!

Kitty, a telefonista, desviou a atenção do trabalho.

– Quem é?

– Não sei. Mas é alguém importante – comentou excitada Molly. – Aposto como é uma estrela de cinema!

Desde que Philippa apareceu no programa *The Tonight Show*, Molly antecipou um desfile de celebridades na Starlite.

– Venha ver!

Philippa estava na sala de Charmie, discutindo um plano para introduzir uma linha especial de cosméticos Starlite, quando ouviram alguém correndo pelo corredor.

– O que está acontecendo? – perguntou Philippa, abrindo a porta e espiando para fora para ver uma aglomeração de mulheres ao redor da janela da recepção, inclusive Kitty, que abandonou sua central telefônica que não parava de tocar.

Molly afastou-se do grupo e aproximou-se dela explicando:

– Uma visita misteriosa acabou de chegar, senhorita Roberts! Há um carro preto logo ali na frente, com motorista e tudo mais!

– Não dá para ver quem é – Colleen, a assistente de Hannah, disse por sobre o ombro. – Acho que é um gângster!

Philippa e Charmie foram até a janela bem quando Mildred dizia:

– O carro está indo embora! Caramba, estão indo embora! Não vão entrar no fim das contas!

A aglomeração dissipou-se desapontada e todas voltaram ao trabalho. Quando Philippa chegou à sua sala, depois de desviar-se de arquivos e caixas de estocagem deixadas no corredor, ela pensava que não estava com ânimo para sair àquela noite, mesmo o programa sendo uma sessão de filmes *noir* dos anos 1940. Ficou imaginando se Keith suportaria mais um cancelamento.

Keith era o homem com quem vinha saindo nos últimos seis meses, um engenheiro de 43 anos que trabalhava na McDonnel Douglas. A lista de qualidades de Keith era tão longa e impecável quanto uma pilha de roupas recém-lavadas e passadas. Ele era asseado, educado, agradável, atencioso, de aparência razoável, ria com facilidade e ganhava bem. Dirigia um Cadillac modelo novo, enviava flores para a mãe todos os anos em seu aniversário e era ingênuo o bastante para confessar ter votado em Nixon. Partilhava do interesse de Philippa por filmes antigos, que era no que se baseavam os encontros deles.

Keith sempre abria as portas para ela, sabia como se vestir, como escolher um vinho, e Philippa sentia-se à vontade com ele. Mas não havia nenhuma centelha naquele relacionamento. Ela até foi para a cama com ele, para ver se isso explodiria os fogos de artifício, mas Keith se mostrou tão educado e condizente na cama como era em todo o resto. Durante a relação, ele ficava dizendo:

– Está tudo bem? Tem certeza de que é isso o que você quer?

Ele mais parecia um garçom.

Se Philippa tivesse de descrevê-lo com apenas uma palavra ela seria *pontual*. Keith era a pessoa mais precisa, mais pontual que ela já conhecera, mesmo fazendo amor. Ela sentia como se ele sempre prescrevesse um número exato de investidas dentro de alguns minutos determinados e depois acabava a coisa toda, as suas mãos exploravam seu corpo como se ele fosse um dos seus projetos de engenharia, executando manobras precisas, de maneira previsível e dentro do prazo.

Philippa não se mostrou especialmente desejosa em ir para a cama com ele. A coisa simplesmente evoluiu, de um boa-noite para um beijo na porta de casa, depois um segurar de mãos no cinema e assim acabaram entre os lençóis dele, que rescendiam a sabão em pó. Tanto Keith quanto a sociedade pareciam olhar para ela de viés como se dissessem: *Para que está se guardando?* Para Philippa, as coisas pareciam ter mudado enquanto ela não estava olhando; os tempos em que as garotas resguardavam suas virtudes transformaram-se nos dias em que elas, para provar sua liberdade, entregavam-se para qualquer um que desejassem.

Uma coisa que Keith havia lhe ensinado sobre sexo, porém – e a lição fora muito importante –, foi que o relacionamento entre homens e mulheres *não era*

como foi o seu relacionamento com Rhys. Como o sorumbático beatnik foi seu primeiro e único amante, Philippa deduziu que sexo paradisíaco, enlouquecedor e titilante fosse a norma, que fosse o que todos vivenciavam. Keith abriu seus olhos para o mundo real. Dez minutos depois de irem para a cama tudo terminava. Com Rhys durava a noite inteira, e Philippa não duvidava nem por um minuto que era com *ela* que ele estivesse fazendo amor. Com Keith, ela ficava com a estranha sensação de que se escapulisse dali para comer um *donut* e tomar um café, voltando a tempo para o clímax, ele jamais perceberia que ela estivera ausente.

Keith a pediu em casamento. E a parte assustadora era que ela estava considerando essa ideia.

Voltou para sua sala e fechou a porta, vendo a opressiva quantidade de correspondência que a esperava. Sua mesa estava bagunçada com os restos da festa-surpresa que os outros organizaram para comemorar seu trigésimo segundo aniversário. Havia um cartão de aniversário da senhora Chadwick, escrito com caligrafia trêmula, lembrando a Philippa que sua antiga senhoria estava avançando nos anos. Também havia o último relatório de Ivan Hendricks. Ele vinha seguindo todas as pistas dos nascimentos em Hollywood no ano de 1938 na data em que Philippa nasceu. Ele estava verificando os registros de nascimento dos condados, dos hospitais, e conversando com advogados que cuidavam dos casos de adoção.

"Mas a senhorita pode ter nascido em casa", escreveu ele. "E a adoção pode ter sido realizada em dinheiro, sem qualquer registro. Não se preocupe, senhorita Roberts, algo vai acabar aparecendo."

E ela pensou que se ao menos Johnny estivesse vivo, ele poderia lhe dar algumas informações necessárias.

– Ele voltou, senhorita Roberts! – disse Molly, entrando em um rompante. – O carro preto voltou e, desta vez, o motorista *está saindo*!

Philippa foi até a janela e, afastando a cortina de lado, viu uma Mercedez-Benz preta reluzente, com as janelas escurecidas para impedir que se enxergassem os passageiros. E o motorista, com toda certeza, vinha caminhando para a porta de entrada da Starlite.

Ele era um homem grande com a cabeça completamente calva que se ligava diretamente aos ombros sem se importar com um pescoço, fazendo com que os lóbulos das orelhas se acomodassem sobre o colarinho duro da camisa – um tipo de inimigo de James Bond, associou Philippa quando ele entrou em sua sala. Ele estava impecavelmente vestido em um terno cinza, embora o paletó tivesse um volume um tanto suspeito, e falava mecanicamente, como se tivesse ensaiado o

que dizer:

– Trabalho para uma pessoa que gostaria de participar do seu programa.

– Sim, claro – disse ela, fazendo um gesto para que Molly trouxesse o pacote de novo associado. – Posso lhe fornecer uma lista de endereços para que ela possa escolher o salão mais convenien...

– Sem salão – interrompeu ele. – Tudo será feito de maneira particular.

– Lamento, mas o programa Starlite não foi feito nesse esquema. A sua empregadora terá de se juntar a um grupo.

– Isso não será possível.

Philippa olhou de relance através da cortina rendada de seu escritório para as janelas escuras da Mercedes. Sentiu-se observada. Quem estava ali? Alguém famoso? Ou só alguém que não queria ser visto; da segurança nacional, talvez?

Voltou-se para o motorista, que ela agora notava, tinha olhos muito bonitos para um homem tão compacto: de um verde-claro reluzente rodeado por cílios espessos negros.

– Muito bem – concedeu. – Isso é muito irregular, mas não vejo porque não podemos nos adaptar.

Quando Molly retornou com uma pasta de capa lustrada e as brochuras dos novos associados, Philippa preencheu o formulário de inscrição, explicando:

– Segundo o nosso programa, os associados se pesam semanalmente e discutem com o grupo e um conselheiro os problemas e as dúvidas que possam aparecer. No fim do encontro, são distribuídos panfletos, e novos cardápios são oferecidos para aqueles que conseguem atingir certos níveis de perda de peso. Por exemplo...

– Isso tudo já está entendido – ele foi abrupto, porém educado ao fazê-lo.

– Muito bem. A matrícula custa trinta dólares e existe uma mensalidade de vinte dólares depois disso. Se a sua empregadora desejar, ela pode enviar o pagamento para este escritório.

Para sua surpresa, ele tirou duas notas do bolso e entregou o valor da matrícula para ela.

– Por favor, diga à sua empregadora que não posso garantir que a dieta funcione nesses termos – disse ela, preenchendo um recibo. – A Starlite baseia-se em grupos de apoio. Não é apenas uma questão de contagem de calorias, mas muito mais.

– A pessoa para quem trabalho entende isso.

– Também é necessário que ela se pese uma vez por semana, em um dia de

sua escolha, de preferência pela manhã. Normalmente, o conselheiro do grupo anota o ganho ou a perda de peso neste livreto, mas neste caso...

– Entendemos – a boca dele abriu-se em um sorriso, e Philippa teve a repentina ideia de que se abrisse a camisa dele, encontraria botões embutidos no peito com etiquetas de ANDE, FALE, SORRIA, AJA AMIGAVELMENTE, MAS SEJA FIRME...

Ao juntar todos os papéis, ela disse:

– Preciso saber se isto é para um homem ou para uma mulher. A dieta é diferente para cada um.

– Levaremos os dois tipos.

Ela lhe lançou um sorriso.

– Cobrindo todas as bases, não? Muito bem, aqui está.

Tanto ela quanto Molly observaram-no ir embora, e as duas se perguntaram, por diferentes motivos, se ele voltaria.

– Insulina – sentenciou o doutor Steinberg. – Esse é o seu problema.

Aquele era o quarto especialista que Philippa procurava em muitos anos e, na verdade, não esperava resultado algum. Eles sempre tiravam amostras do seu sangue, faziam exames, faziam um longo histórico do seu passado e dos seus hábitos alimentares e, no fim, davam de ombros, sem ter uma resposta. Portanto, quando o doutor Steinberg fez seu diagnóstico com uma única palavra, ela ficou confusa:

– O que disse?

– Você sofre de uma condição rara chamada hiperinsulinemia, senhorita Roberts, o que significa que você tem insulina demais na sua circulação sanguínea. Na verdade, o seu problema é o oposto do de um diabético, que não consegue produzir insulina alguma. Os sintomas imitam a hipoglicemia, mas o seu problema não é nível baixo de açúcar no sangue, mas altas taxas de insulina no sangue. É por isso que você sente tremores assim que come algo doce. Ao ingerir açúcar, seu corpo produz insulina demais, resultando em tremores, tonturas e sudorese.

Ele esperou até que ela assimilasse a nova informação, depois continuou:

– As pessoas com hiperinsulinemia costumam ser obesas por causa das duas ações principais da insulina – ele disse antes de enumerá-las com a mão direita. – Primeiro, a insulina acelera a conversão dos açúcares em gordura acumulada; segundo, a insulina retarda a quebra da gordura acumulada em energia. Portanto,

como pode ver, a insulina é um fator engordativo. Eu até tenho uma paciente diabética que se recusa a tomar insulina porque ela diz que assim acaba engordando.

De repente, Philippa entendeu coisas que antes não faziam sentido. Não conseguir comer sobremesas; os cafés da manhã açucarados no colégio interno que sempre a deixavam tonta até o meio da manhã; a dieta carregada de frutas do doutor Herh que ela não suportava e com a qual ela não perdia tanto peso quanto as demais pacientes. E agora, até mesmo uma coisa que o doutor Herh lhe dissera um dia fez todo sentido: “Não é necessariamente o excesso de alimentação que engorda, é a alimentação incorreta.”.

– Quando teve aquele resfriado, você disse que tomou muito suco de laranja e chá com mel – continuou o doutor Steinberg. – As frutas contêm muito açúcar. Ah, sei que é o chamado açúcar natural, não a coisa branca refinada, mas a frutose exerce o mesmo efeito no pâncreas. E, quanto ao mel no chá, as pessoas não entendem como o mel age. Ele é quase tão nocivo quanto o açúcar refinado, porque é refinado de certa forma – pelas abelhas –, mas ainda assim é açúcar puro. Uma coisa de que o seu organismo não necessita.

Philippa subitamente sentiu-se animada. Ali estava a resposta para o mistério de uma vida inteira.

– O que posso fazer, doutor?

– Mantenha os níveis de insulina baixos comendo proteína e carboidratos complexos, que demoram mais tempo para serem digeridos do que os carboidratos simples – ele sorriu. – Mas claro que você já sabe isso. Pelas nossas conversas, sei que você fez muitas pesquisas quanto à nutrição humana. Além disso, quando sentir tremores, não coma nada doce. Um diabético que está tendo uma reação à insulina pode fazer isso porque o açúcar estabilizará a insulina que ele injetou. Mas, para você, isso só estimulará o pâncreas a produzir ainda mais insulina. Quando sentir tremores, coma proteína: um ovo ou um pedaço de frango.

Ele deu a volta na mesa, pousando um braço paternal ao redor dos seus ombros, acompanhando-a até a porta.

– Outra coisa que pode fazer é evitar as refeições grandes – disse ele. Ficaria surpresa em saber quantas pessoas com sobrepeso dizem que só comem uma vez por dia. Normalmente essa é uma péssima ideia. Mas digamos que você esteja em uma dieta de 1500 calorias e as reserve para uma única refeição. Uma grande refeição dispara uma descarga imensa de insulina do pâncreas. Refeições pequenas não provocam isso. Pegue essas 1500 calorias e espalhe-as durante o dia. Com

isso, você, na verdade, produzirá *menos* insulina naquele dia. E manterá seu peso controlado e você se sentirá ótima – disse ele com uma piscadela. – Confie em mim. Sei o que estou falando.

Molly disse:

– Ele está aqui de novo, o carro misterioso!

E as garotas do escritório juntaram-se na janela da frente na esperança de ter um vislumbre da fama.

– Aposto como é Elizabeth Taylor – disse Mildred. – Li que ela engordou bastante para o papel em *Quem tem medo de Virgínia Wolf?* e agora está tendo dificuldade para perder esses quilos.

Philippa levantou o olhar do *Los Angeles Times*. Ela vinha tentando escrever um livro cujo título poderia ser *Hiperinsulinemia e como controlá-la*, certa de que havia outras pessoas como ela sofrendo com um problema que nem sabiam o que era ou como contorná-lo. No entanto, não estava conseguindo se concentrar por causa da primeira página, que a distraiu com as histórias dos horrores do Vietnã e das fotografias de crianças chorando sobre os corpos dos pais mortos. Um protesto imenso estava sendo organizado em Century City para a semana seguinte; ela pediu que Keith a acompanhasse, mas ele recusou o convite, dizendo que haveria um festival sobre Bogart de um dia inteiro em Santa Bárbara que ele não poderia perder. Mas ela e Charmie iriam e juntariam suas vozes ao protesto.

Quando ela viu a silhueta escura do carro do outro lado da janela acortinada, dobrou o jornal e deixou-o de lado. Depois de um instante, o motorista entrou. Exatamente uma semana depois, na mesma hora. Ocorreu-lhe que isso impressionaria Keith. O motorista não se sentou. Ele desdobrou um papel e disse:

– Temos algumas perguntas. Os seguintes itens não constam na lista de substitutos da dieta. Gostaríamos de saber como eles podem ser incorporados à dieta, se é que podem.

Philippa leu o papel datilografado: codorna, patê de *fois gras*, caviar, conhaque, vários tipos de pão. Nada parecido com a lista de compras de um associado normal da Starlite.

Ela escreveu as respostas na mesma folha. A codorna pode ser assada, cozida ou grelhada *sem a pele*. Evite caviar – excesso de sal. O mesmo vale para o patê. A porção de pães aumenta em uma troca na quarta semana, desde que a exigência de perda de peso inicial esteja sendo obtida. Se frutas não estiverem disponíveis, ou não forem toleradas, podem ser substituída por duas porções de legumes. Álcool

não é permitido.

Ela lhe deu a carta semanal, a intitulada “Acredite em si mesmo”, o lema da Starlite, e, para o caso do cliente ser do sexo feminino, as páginas com dicas de moda e maquiagem.

Depois que ele saiu, Molly e as outras juntaram-se à janela, tentando descobrir quem era, e não poucas queriam saber se o motorista era solteiro.

A Mercedes reapareceu com uma regularidade estupenda depois disso – toda segunda-feira às dez horas, sempre estacionando na frente, o motorista sempre descendo com uma lista datilografada de perguntas incomuns.

Na quinta manhã, Philippa perguntou:

– Posso perguntar como o seu empregador está se saindo?

– A dieta está surtindo algum sucesso – foi a resposta limitada.

Ao fim do segundo mês, Charmie conseguiu arranjar um modo de, por coincidência, estar sempre na sala de Philippa, principalmente para espiar o motorista fortão. Não conseguira progresso algum com Ivan. Depois de alguns flertes sutis – “Admiro um homem que adora batatas fritas” –, ela parou de tentar. Ele não revelava nada da sua vida particular, mas não mordia a sua isca, portanto ela chegou à conclusão de que ele tinha uma mulher em algum lugar. No entanto, houve vezes em que ela o flagrou olhando-a de certo modo, e parecia que estava prestes a lhe dizer algo...

Embora não estivesse mais comprometida, tendo se divorciado de Ron, manteve o nome de casada, gostando do som de Charmie Charmer – “como uma dançarina exótica”, ela dizia às pessoas. E então se perguntava o que o motorista sem pescoço gostava de fazer para se divertir.

Quando ela leu a mais recente lista de perguntas, disse:

– Pato de Long Island! Kiwi! – olhou para Philippa. – O que é kiwi?

– Penso que nosso cliente misterioso tenha paladar apurado.

As duas olharam para o motorista, mas ele nada disse.

Ao fim de quatro meses, o motorista anunciou que o peso desejado havia sido alcançado com sucesso. Portanto, Philippa entregou-lhe a dieta de manutenção e desejou boa sorte ao empregador dele.

– Quem você acha que era? – perguntou Charmie, um pouco desapontada. – Agora jamais saberemos...

Contudo, quando um carro esporte MG estacionou na frente duas semanas mais tarde e Charmie viu quem saía dele, correu para a sala de Philippa e disse sem fôlego:

– Philippa! Você nunca vai adivinhar quem está aqui! Paul Marquette! O *senador* Paul Marquette! *Ele* era o nosso cliente misterioso! Eu o vi pessoalmente uma vez. Puxa, Philippa, você tem de vê-lo. Ele é como um sundae de chocolate. Eu o comeria com uma colher!

– O que a faz pensar que ele seja o nosso cliente misterioso?

– Ora, o que é isso? Por dezesseis semanas seguidas uma Mercedes preta dirigida por Conan, o Bárbaro, estaciona, pega um cardápio da dieta, e vai embora. Então Conan anuncia que a dieta foi um sucesso e agora isso, do nada? Senador Marquette, Philippa! Um *senador* dos Estados Unidos!

– Mas até onde sei, o senador Marquete não tinha problemas de peso – Philippa tentou se lembrar da última vez em que o viu em um noticiário. Algum tempo atrás ele esteve envolvido em uma tragédia: a morte misteriosa do filho, fazendo com que Marquette desistisse de uma eleição para o Senado.

– Talvez a esposa dele fosse obesa – disse Charmie, olhando de relance para o corredor. – Aí vem ele!

Uma agitada Molly acompanhava o senador até a sala de Philippa, que se levantou para cumprimentá-lo.

Ele envolveu a mão dela em um aperto firme e disse:

– Não tenho como dizer o quanto estou contente em conhecê-la, senhorita Roberts.

Charmie o comparou a um sundae de chocolate. Ela estava errada. Paul Marquete não tinha a perfeição de um sundae. Philippa percebia, ao vê-lo pessoalmente, que ele não era o homem absolutamente lindo que a imprensa mostrava. Na vida real, a perfeição tinha falhas, as feições não eram tão regulares. O senador era mais atraente do que belo, concluiu Philippa, como um primo de primeiro grau de Cary Grant. Ela apertou a mão dele e disse:

– É uma honra, senador. E, devo acrescentar, uma grata surpresa.

Ele vestia calças brancas e um suéter branco com gola em V sobre uma camisa azul; o cabelo estava revolto por ele ter dirigido um conversível e ele carregava uma garrafa de vinho.

– A honra é toda minha, senhorita Roberts, eu lhe asseguro – disse ele em uma voz profunda e culta cujo lugar seria os palcos. – Espero não ter vindo em uma hora inconveniente. Eu gostaria de lhe entregar isto, da nossa reserva especial.

Ela aceitou a garrafa e leu o rótulo: “Chardonnay, Chateau Marquette, 1953”. Uma etiqueta dourada em relevo acrescentava: “Vencedor do Prix d’Or, Paris,

França, 1960”.

– Não sei o que dizer, senador – disse Philippa. – Isto estaria relacionado a certo carro misterioso que vem nos visitando?

O sorriso dele alargou-se.

– Sim. Essas visitas semanais foram organizadas por mim. Será que poderíamos trocar umas palavras reservadamente, senhorita Roberts?

Charmie anunciou:

– Estou de saída. Com licença – e saiu, não sem olhar significativamente para Philippa.

Quando Paul Marquette acomodou-se, Philippa considerou que ele exalava polidez política por cada poro, apesar da roupa casual. O cabelo negro tinha fios grisalhos nas têmporas, e ela se lembrava de ter lido que ele devia ter quarenta e poucos anos.

– Eu não sabia da sua ligação com a Vinícola Marquette – disse ela.

– É de onde vem a minha riqueza – explicou ele com um sorriso. – Daí e de um quilômetro e meio no Bulevar Wilshire que meu avô comprou em troca de uma carroça e uma mula – ele riu. – A típica história de Los Angeles! Quantas vezes não ouvimos as pessoas dizerem que o avô delas teve a oportunidade de comprar a esquina da Wilshire com a Crenshaw, mas que a deixou passar? Bem, *meu* avô comprou.

Ele se calou e pareceu avaliá-la. Os olhos dele eram escuros como os de Rhys, ela reparou, mas não eram desesperançados como os dele; em vez disso, os de Marquette eram repletos de calor e vida como se desejasse abraçar o futuro. Ela queria saber a respeito das visitas semanais da Mercedes. Para quem tinha sido a dieta? Não para ele, que estava alto e magro como aparecia nos noticiários.

– Os Marquette sempre foram realizadores – disse ele em um tom baixo. – E foi isso o que as suas cartas semanais me lembraram. Que sou um homem de ação. Mas... eu havia me esquecido disso.

Ele fez uma pausa, como se estivesse ensaiando um discurso difícil.

– Não sei o quanto sabe a meu respeito, senhorita Roberts. Durante a minha última campanha política, meu filho morreu. Era meu único filho, e eu estava sofrendo demais para dar continuidade, por isso retirei-me da campanha.

– Sim, eu me lembro – disse ela, querendo acrescentar que teria votado nele.

Ele prosseguiu:

– Fiquei recluso, buscando conforto na bebida e na comida. Engordei dezoito quilos. Quando resolvi, no ano passado, voltar à vida política, descobri que não

conseguia emagrecer. Tentei de tudo – ele olhou para ela.

E por intermédio dela. Ninguém mais tinha feito aquilo depois de Rhys.

– Imagino que ouça isso com bastante frequência – disse ele. – Fui aos melhores especialistas, mandei montarem uma academia na minha casa, até passei algum tempo em um spa na Flórida. Nada adiantou. E, então, certa noite eu a vi em um programa na TV. Você me fez perceber que eu não estava abordando o verdadeiro problema: o fato de eu estar me culpando pela morte de Todd. Entenda, senhorita Roberts, a mídia manteve segredo sobre a morte dele. Não foi um acidente, ele se suicidou.

Ele parou de falar por um tempo, durante o qual Philippa notou o reflexo dourado da aliança na mão esquerda, e ela se lembrou de que ele era casado com uma bela socialite de Washington.

– Fiquei emocionado pela franqueza com que contou a Johnny Carson sobre o suicídio do seu amigo, e sobre como se culpava, como se sentia responsável por não tê-lo salvado – disse Marquette. – Soube imediatamente que você entenderia exatamente pelo que eu passava. Com isso resolvi testar o seu programa, e foi então que encontrei o meu caminho de volta.

Ele se levantou e enfiou as mãos nos bolsos; um homem desacostumado a confissões pessoais.

– Não foi tanto a dieta, mas as suas cartas inspiradoras semanais – disse ele. – "Pense em derrota e será derrotado; pense em sucesso e será bem-sucedido." Palavras segundo as quais um político deveria se orientar, ou qualquer pessoa que queira crescer na vida. Comecei a levar seus conselhos em consideração – ele sorriu. – Sabe qual é a minha preferida? "Não é o tamanho do cachorro em uma luta, mas o tamanho da luta no cachorro."

– Lamento muito, mas essa frase não é originalmente minha. O presidente Eisenhower disse primeiro, e eu a conheci por intermédio do meu pai.

– No fim, eu mal conseguia esperar para que a semana passasse e eu recebesse a carta seguinte. Eu tinha a sensação de que você falava diretamente comigo.

– Muitas associadas da Starlite disseram-me o mesmo, senador.

– Gosto da brochura que incluiu, com informações aos novos membros. Você fala de si. É difícil acreditar que um dia você pesava 27 quilos a mais do que pesa hoje. Mas sabe, saber disso me ajudou. Para mim, estar com dezoito quilos a mais... Eu me sentia uma aberração. Mas eu não conseguia evitar. Eu estava tão dilacerado com a morte de Todd, que me voltei para o uísque e o macarrão. Anulei minha vida social, não atendi aos telefonemas dos amigos. Refugiei-me em minha

casa, bebi e comi. Como se isso pudesse trazer Todd de volta.

Enquanto ele continuava a narrar o seu declínio, descrevendo como se afundou na culpa e na autopiedade, Philippa olhava para o rosto que não era belo, mas definitivamente atraente, e pensava: *Este não é um homem que se chafurda na tristeza*. *Um homem como Paul Marquette sofre em silêncio, com galanteria e nobreza*. *Ele ergue o queixo firme para o mundo enquanto o coração estremece e murcha*. Philippa não conseguia visualizá-lo com uma garrafa de uísque; ele não era Ray Milland do filme *Farrapo humano* indo de casa de penhores em casa de penhores, batendo nas portas fechadas só para descobrir que era feriado judaico e que eles não lhe dariam dinheiro para comprar bebida. E quanto ao excesso de comida? Philippa visualizava Paul no Estádio dos Dodgers, com a camisa de mangas curtas enroladas, pronto para lançar a primeira bola, rindo ao aceitar um cachorro quente cheio de mostarda de algum garoto sardento. Paul Marquette comia de maneira saudável, patriótica. Ele não se lançava em autopiedade em um prato cheio de nhoque com molho pesto.

– Eu a choquei – observou.

– Nada a respeito de pessoas e comida me choca, senador. Ouvi todo tipo de história. Vivenciei algumas delas também. Certa vez, quase me ajoelhei para receber uma costela de porco.

– É isso o que a torna especial – disse ele. – É o que torna a Starlite especial. A empatia e a compaixão das pessoas que passaram pelo mesmo inferno. Foi isso que me deu forças para continuar no programa. Primeiro porque você afastou a minha vergonha e depois me deu algo em que acreditar: eu mesmo.

Um silêncio caiu sobre eles, carregado de uma conexão e, para surpresa de Philippa, de atração sexual. Ela se aventurou pelo olhar negro de Paul e sentiu os joelhos enfraquecerem.

– Então cumpri minha missão – concluiu ela. – O que o senhor conquistou foi exatamente o que me propus a fazer há doze anos. Quando eu crescia, eu me sentia uma pária por causa da minha aparência, e eu sei que muitas garotas também eram infelizes. Eu não queria que a Starlite fosse apenas mais um programa de dieta, porque há mais por trás da busca pela felicidade e do autorrespeito do que apenas ser magro. A minha amiga Charmie nunca emagreceu, mas ela acredita tanto em si mesma que você nem percebe o tamanho dela.

– É verdade – disse ele pensativamente.

Philippa esperou que ele dissesse algo mais, e quando ele não o fez, ela se sentiu desconfortável sob o olhar perscrutador dele e disse:

– Vou guardar esse vinho para uma ocasião especial, senador.

– Por favor, me chame de Paul. E você tem de ir conhecer a vinícola. Eu mesmo farei um tour com você.

– Terei de tirar os sapatos e pisotear as uvas?

Ele riu; uma risada profunda e grave de um ator shakespeariano.

– Hoje em dia é tudo muito automatizado, sinto informar, com homens de avental branco e pranchetas fazendo todo o trabalho. Muito entediante. No entanto, a história é bem interessante. A vinícola foi fundada pelo meu avô, François Marquette, em 1882, o que faz da Marquette uma das vinícolas mais antigas da Califórnia. Nós não só superamos a Lei Seca, como tivemos muito lucro nessa época. Entenda, não foi produzindo vinho, mas enviando as uvas para a Costa Leste, onde as pessoas faziam o vinho em suas banheiras. Meu avô era muito astuto. Ele vendia tonéis de suco de uva com um aviso pintado nelas que dizia: “Não acrescente levedura ou o conteúdo fermentará”.

Philippa riu.

Marquette a fitou por outro longo instante, por fim se levantou e disse:

– Já tomei muito do seu tempo. Vim para agradecer pelo que fez por mim. Salvou a minha vida. E a minha carreira política. Minha confiança voltou, e vou concorrer ao senado na próxima eleição. Obrigado.

Seus olhares encontraram-se e sustentaram-se quando ele completou:

– Foi um prazer conhecê-la. E espero, de verdade, que aceite o meu convite para que eu possa lhe apresentar a vinícola. Em breve.

36

VOCÊ É CHRISTINE Singleton?

– Sim! Como soube?

– Sou sua irmã, Beverly Burgess. Meu nome costumava ser Beverly Highland, mas antes disso eu me chamava Rachel Dwyer. Seu sobrenome também é Dwyer. Somos gêmeas. Venho procurando por você há tanto tempo, nem consigo acreditar que finalmente a encontrei.

– Também estive procurando por você. Isso não é maravilhoso? Estamos juntas novamente, depois de todos esses anos.

– Mas existe perigo.

– Perigo? Do quê?

– Não sei, mas pressinto algo... por perto. Houve uma época em que estive envolvida com um homem horrível, Christine, um homem chamado Danny Mackay. Ele está morto, mas a lembrança dele ainda me atormenta. Tenho estado segura, mas temo agora que o meu passado me alcance novamente de alguma forma. E isso destruirá a nós duas. Você precisa ir embora, Christine. Tem de se afastar e nunca mais voltar.

– Não! Acabamos de nos reencontrar...

Beverly acordou em um rompante.

Ainda na cama, ouviu os barulhos do Castelo, perguntando-se sobre o motivo de sonhar com a irmã agora, depois de tanto anos. Há muito tempo, quando ainda tinha esperanças de encontrar sua gêmea, Beverly sonhava com o reencontro praticamente todas as noites. Mas, quando a esperança acabou, os sonhos sumiram. Até agora. Beverly assustou-se com o conteúdo do sonho, com o realismo, com a intensidade da emoção.

Levantou-se, envolveu-se no roupão e foi para a janela, de onde via os pinheiros cobertos de neve e as rochas de granito que envolviam a construção. Abaixo, a aurora começava a brotar sobre o deserto.

O que aquele sonho significava? Por que sonharia com a irmã agora? E por que, agora que estava acordada, o medo terrível que a sobrepujara no sonho ainda a gelava? Sabendo que não conseguiria dormir mais, pegou o telefone e solicitou o serviço de quarto, pedindo chá com torradas.

Ao calçar chinelos felpudos e seguir para a sala contígua, onde acendeu as luzes para afastar a melancolia do pesadelo, Beverly considerou telefonar para o apartamento de Simon Jung para ver se ele estava acordado e, quem sabe, se gostaria de juntar-se a ela para o café da manhã. Mas não o fez, contendo-se mais uma vez para não se envolver com o gerente geral. Não queria arriscar perder a amizade dele. Como poderia contar a ele sobre o que temia sem revelar seu passado? E se revelasse, qual seria sua reação? Ela lhe devia demais. Não conseguiria ter montado o Star's sem o toque especial de Simon; muitas das ideias inovadoras e originais foram dele, como oferecer toalhas resfriadas nas piscinas durante o verão. Simon, porém, representava mais do que isso para ela; ele era mais do que apenas o homem que gerenciava o hotel.

Enquanto esperava que o café da manhã fosse trazido até o quarto, Beverly caminhou pela saleta que era confortavelmente mobiliada com estofados em capitonê e almofadas espessas de veludo; nas paredes estavam penduradas cenas pacatas do interior. Houve uma época, não muito tempo atrás, em que suas paredes estiveram cobertas por cartas de pessoas famosas e certificados e prêmios emoldurados; na época em que uma Beverly Highland envolvia-se com obras de caridade e levantamento de fundos. Hoje, porém, o que adornava as paredes pertencia a Beverly Burgess, que havia nascido apenas há três anos e meio. Não havia muito, mas sua lembrança mais querida era o cardápio emoldurado do Amanhã, o restaurante na rua Barão da Torre, no Rio de Janeiro, onde conheceu Simon Jung. Aquelas poucas semanas no Brasil, onde caminharam pelas praias de Ipanema e Copacabana sob o luar, discutindo os planos para o novo resort, estavam entre as mais caras lembranças de Beverly.

Ao lado do cardápio havia uma foto dela e de Simon no alto do Pão de Açúcar, com a vista de tirar o fôlego do Rio ao fundo. Sorriam e estavam à vontade, mas havia um espaço evidente entre eles, pois estavam em uma pose pensada.

Beverly mentiu para Simon. Ofereceu-lhe um passado inventado, motivos falsos para explicar sua fortuna, desculpas pelo fato de nunca ter se casado. Mas hoje ela temia que Simon descobrisse quem ela era de verdade. Otis Quinn, o jornalista de tabloides, vinha para o Star's – chegaria no dia seguinte. Ele exporia

as suas mentiras? Seria isso que marcaria o fim da sua amizade com Simon? Ele a julgaria antes que tivesse a chance de explicar sobre o lugar chamado Butterfly, onde mulheres pagavam para fazer sexo, e sobre o homem chamado Danny Mackay, que ela levou ao suicídio?

Beverly foi para o banheiro, um cômodo feito em mármore preto com instalações douradas. Ao deixar a água correr pela banheira, tirou o roupão de cetim, observando rapidamente seu reflexo em um dos espelhos. Ainda estava em boa forma; esforçava-se para tal, atentando aos exercícios físicos e à alimentação. Mas havia uma marca: uma pequena cicatriz no interior da coxa direita, logo abaixo dos pelos pubianos, a única prova da tatuagem que ela mandou remover: a tatuagem de uma borboleta.

Enquanto a água quente enchia a banheira, Beverly pensou novamente em Simon.

Estaria ele interessado em alguma mulher em especial? A ela restava apenas especular, uma vez que suas vidas particulares nunca foram discutidas nos dois anos e meio em que estavam juntos. Quem Simon entretinha em seu apartamento ou qual quarto ele visitava não era da alçada de Beverly. Mas ela já havia notado como algumas das hóspedes olhavam para Simon e a atenção que ele retribuía para elas.

Ao colocar o dedo na água para testá-la, Beverly começou a sentir que relaxava. O alvorecer espalhava-se pela montanha, afastando as sombras do seu pesadelo. Se existia uma ameaça – se o Star's estivesse ameaçado –, ela lutaria. E talvez, pensou ao ver o novo dia pela janela, o sonho inesperado sobre a irmã fosse algum tipo de bom presságio. Um sinal de que ainda havia motivos para ter esperanças.

Philippa saiu para o balcão da sua suíte no Marriott Desert Springs e viu um novo dia iluminar o deserto. Momentos antes, testemunhara um fenômeno incrível: assim que o sol nasceu atrás dela, o Monte San Jacinto, que se erguia bem à sua frente, subitamente iluminou-se de um vermelho vivo, como se os declives estivessem pegando fogo. Ela ardeu por aproximadamente trinta segundos; e no instante seguinte o fogo sumiu e só sobrou uma montanha comum coberta de neve.

O ar do deserto era frio e cortante, mas tão transparente que alguém poderia imaginar que o ar da lua seria assim, se houvesse ar na lua. Philippa sentia-se incrivelmente viva a cada respiração, como se o oxigênio puro, refrigerado pelas

montanhas cobertas de neve envolvendo o deserto, estivesse enchendo os seus pulmões. A Starlite podia estar ameaçada, mas ela iria enfrentar o desafio com energia e determinação. Independente da estratégia usada pelo seu adversário – a pessoa misteriosa por trás de Gaspar Enriques –, Philippa também tinha as suas.

A primeira era uma tática conhecida como "pílula de veneno", uma ação planejada para tornar a Starlite menos desejável para quem quer que estivesse considerando assumir o controle. A segunda opção de estratégia, caso necessário, seria chamar um cavaleiro branco, alguém amigo da Starlite que comprasse grandes quantidades de ações, impedindo assim que a Miranda obtivesse o controle acionário. Ralph Murdock, o advogado da empresa, já tinha três empresas listadas, se assim fosse necessário. Quem quer que estivesse por trás de Enriques e da Miranda não tomaria a Starlite sem uma boa briga.

Estremeceu dentro do roupão. A manhã estava fria, mas ela tremia mais devido ao efeito residual do estranho sonho que teve do que por causa da temperatura invernal.

Não conseguia se lembrar do sonho, somente que ele a tinha assustado. Acordou abruptamente com o coração acelerado. Seu impulso tinha sido sair da espaçosa cama *king size* e ir para o outro lado da suíte, onde Ricky dormia em um quarto idêntico ao seu, separado do dela por uma grande sala de estar, para se enroscar no calor e na força dele. No entanto, olhou para a outra cama *king size* na qual Charmie dormia e soube que não seria certo. Ela e Ricky já não estavam mais sozinhos na privacidade da mansão em Perth.

Nesse instante, Ricky foi para a varanda, trazendo uma papelada e uma xícara de café do carrinho do serviço de quarto. Ele usava uma camiseta desbotada, uma lembrança da época em que trabalhara na tripulação de uma réplica de um barco a vela do século XVII; na frente havia o retrato do barco, *Sea Hawk*, e na parte trazeira os dizeres "Navegar não é passear no jardim".

– Já cuidei de boa parte disto aqui, Philippa, mas destaquei alguns que talvez você prefira olhar – explicou ele, entregando-lhe uns papéis. Ele passou a viagem separando os faxes recebidos no escritório antes de saírem de Los Angeles. Na maioria eram de pessoas que ficaram sabendo do regresso de Philippa e que enviaram pedidos para donativos, convites para angariação de fundos e solicitações de discursos. Ricky lidava com grande parte da correspondência. As mais especiais, como o pedido de Oprah Winfrey para que Philippa aparecesse em seu programa com Jenny Craig e Richard Simmons, ele destacava para que a própria Philippa considerasse o que fazer.

Ela pegou as cartas e entregou-lhe o caderno que sempre mantinha na mesinha de cabeceira; ele continha algumas das anotações para o livro *O plano Starlite de beleza e perda de peso em 99 passos*.

Seus dedos tocaram-se, e ele a fitou; seus olhos encontraram-se.

Mas ele voltou a entrar, lendo as anotações. “Passo 60: petiscos engordam. Passo 61: pare para respirar entre as garfadas. Passo 62: espere 20 minutos antes do segundo prato. Passo 63: urine antes de se pesar.”

Ricky olhou para Philippa e perguntou-se se ela seguia aquelas regras a fim de manter aquela incrível boa forma. Notou que ela ainda o fitava. Como a desejava! O modo como o roupão de cetim entreabria-se na altura dos joelhos, revelando uma panturrilha torneada e bronzeada; a maneira como o colarinho recaía entre os seios, quase que o desafiando a se aproximar para afastar o tecido e escorregar a mão dentro; o desalinho dos cabelos castanho acobreados, o ar sonolento ainda ao redor dos olhos...

Percebendo que estava começando a se excitar, deixou os pensamentos de lado e foi trabalhar.

Ao ver Ricky acomodar a máquina de escrever elétrica sobre a mesa da sala de jantar, ela notou que ele não tinha se barbeado, por isso havia uma sombra de pelos loiros em seu maxilar. Embora o cabelo estivesse bem penteado e preso no rabo de cavalo, ela percebia a sensualidade do visual casual – os jeans rasgados, a camiseta que parecia ter vivenciado muitos verões.

Fazia apenas um mês que havia sentido pela primeira vez os lábios dele sobre os seus, os braços fortes ao seu redor? Ainda se surpreendia com a sua repentina desinibição. Depois de meses de um relacionamento formal, um único beijo impulsivo a despiu de suas reservas. Pensar no modo como fizeram amor sob a luz do sol de verão que banhava a sala de estar – as mãos dele, fortes e calejadas pelos anos de navegação, explorando seu corpo com tanta gentileza, a boca acariciando-a e, finalmente, a maneira impetuosa com que ele a penetrara, levantando-lhe o quadril do chão a cada investida enquanto ela o apertava internamente... Ao vê-lo trabalhar na máquina de escrever e perceber como as mangas da camiseta se ajustavam aos bíceps desenvolvidos, uma onda de desejo a atravessou. Momentos depois de terem feito amor apaixonado e impulsivo em seu carpete, continuaram deitados nos braços um do outro, exaustos, surpresos, e ela o sentiu enrijecer novamente ainda dentro dela. A segunda vez foi ainda mais surpreendente do que a primeira.

Philippa permitiu-se observá-lo um minuto mais – desejando, ansiando –,

depois se forçou a recuar, com um profundo suspiro, enchendo os pulmões com a claridade do deserto, e lembrando do seu propósito ali. Mais tarde, quando tivesse terminado seu trabalho, exploraria esse novo relacionamento surpreendente com Ricky, mas naquele instante, ainda havia muito a fazer para desperdiçar tempo com suas fantasias. Ivan Hendricks estava para chegar a qualquer instante com seu relatório sobre Beverly Burgess.

Por coincidência, Charmie também estava pensando em Ivan. Vestindo uma túnica Ruth Norman de estampa vermelha, dourada e preta em seda, combinando com pulseiras das mesmas cores, Charmie estava tentando escovar os cabelos, que insistiam em ficar eriçados por causa do ar seco, como uma nuvem sobre os ombros, esvoaçando e estalando a cada escovada. Queria ficar bonita para Ivan. E ele estava para chegar a qualquer instante!

Pensar nele atrapalhou seu sono; Ivan a visitou em seus sonhos eróticos, deixando-a febril. Ela acreditara ter superado aquilo; fazia muito tempo desde a última vez em que o vira. O homem com quem vinha saindo no último ano, um corretor de ações abastado de Pacific Palisades, era tão atraente e excitante – a viagem no verão passado para o sul da Espanha foi ideia de Sam – que ela nem se lembrava de Ivan Hendricks.

Mas depois de vê-lo em Perth... Quando Ivan entrou na sala de Philippa apenas quatro dias antes, Charmie acreditou que seu coração fosse parar. Ele lhe deu a mão, e ela sentiu um tipo de corrente elétrica subir pelo braço, e a lembrança retornou em detalhes vívidos que lhe tiraram o fôlego – a lembrança de uma manhã incrível, quando estave assando biscoitos de caramelo e recebeu a maior surpresa de sua vida.

Charmie tinha acabado de colocar uma assadeira de brownies no forno e lambia a espátula quando ouviu um carro se aproximar da entrada.

Indo para a janela da cozinha para espiar, ficou surpresa ao ver Ivan sair do carro, trazendo um embrulho grande e achatado. Ele nunca fora até a sua casa; nem imaginava que ele sabia seu endereço. Ele caminhou pela entrada, olhou para a esquerda e para a direita, e depositou o embrulho nos degraus da frente; ele estava para se afastar quando Charmie abriu a porta, surpreendendo-o.

– Senhorita Charmer! – exclamou ele. – Não pensei que estivesse em casa! Liguei e caiu na secretária eletrônica. A mensagem dizia que estava ausente.

– Sempre ligo a secretária quando estou cozinhando – disse com um sorriso, levantando as mãos sujas de farinha, agitada com a visita repentina. – Impede que

eu suje o telefone com massa – riu. – Os benefícios da tecnologia moderna. Por favor, entre.

Ele hesitou.

– Estou interrompendo...

– Por favor. Eu insisto.

Ele levou o pacote para dentro.

– Isto é para você – disse, timidamente.

Enquanto Charmie puxava a fita e abria o papel pardo, tomando cuidado para não sujar de farinha o conteúdo, estava ciente de que Ivan estava parado ali, observando-a. Era um dia quente de verão, e ele usava uma camisa havaiana enfiada em calças brancas. Os botões de cima da camisa estavam abertos, e ela vislumbrava um punhado de pelos escuros no peito.

Quando o papel caiu, Charmie arfou. Ela segurava uma litografia emoldurada e olhou para Ivan.

– Como sabia? – perguntou.

Ele corou até as raízes dos cabelos de corte militar.

– Eu a ouvi comentar com a senhorita Roberts que gostava desse artista, que estava montando uma coleção porque o estilo dele combinava com sua casa nova. Mencionou essa pintura em particular. Por isso, quando a vi, resolvi comprá-la para você.

– Não sei o que dizer. É tão... tão linda! Obrigada! – disse com suavidade.

Fitaram-se.

– Bem, é melhor eu ir.

– Por favor, fique e tome um café – disse Charmie, apressando-se para a cozinha para que ele não tivesse a oportunidade de recusar. – Os brownies foram para o forno agora a pouco – disse por sobre o ombro. – Devem ficar prontos a qualquer instante.

– Então... como está o seu filho? – Ivan perguntou ao entrar na cozinha. Olhou ao redor como se perguntasse "*Onde* está o seu filho?".

Charmie virou-se e quis dizer: "E quanto a você, Ivan? Você tem filhos, ou uma esposa?" Em vez disso, respondeu:

– Nathan está com o pai. Ron pode ter sido um marido horrível para mim, mas é um bom pai para o nosso filho. Depois do divórcio, Ron pediu demissão e foi para Oregon, onde abriu uma loja de iscas para peixe no rio Rogue. Todos os verões ele e Nathan passam algumas semanas juntos, pescando. É bom. Para os dois.

Ivan assentiu, como se soubesse de tudo. Mas não disse coisa alguma, não deu a entender se entendia do assunto de filhos e ex-cônjuges.

– O cheiro dos brownies está delicioso – disse ele depois de um instante, ao aceitar a xícara de café e misturar creme nele. Mesmo sendo convidado para se sentar, ele permaneceu de pé.

– Eba! – exclamou ela, abrindo o forno para dar uma olhada nos brownies. – Dificilmente permitido no programa Starlite! Eu jamais conseguiria me comprometer com um regime. Estou fadada a ser gorda para sempre, suponho.

Ela o sentiu se aproximar.

– Por favor, não diga isso. Você é uma linda mulher. É perfeita do jeito que é.

– Ora! – disse ela nervosa, limpando as mãos no avental que usava por cima da túnica. Era uma das peças importadas do Marrocos de Hannah, feito de algodão macio e tingido de bege e vinho. Em vez de botões na frente, havia ilhoses e cavilhas de madeira. – Acho que me pegou desprevenida. Você é a última pessoa que eu imaginaria na minha cozinha!

Ele estava perto o suficiente para que ela conseguisse sentir a colônia que se misturava sedutoramente ao aroma dos brownies. A cozinha, subitamente, ficou mais quente.

– Estou contente por você estar em casa – disse ele baixo. – Eu só ia deixar o quadro e ir embora – ele fez uma pausa, e o modo como os olhos passearam pela sua túnica fazia parecer que ele a explorava com as mãos. – Acho que você e eu nunca ficamos sozinhos antes.

Isso não foi culpa minha, pensou ela.

– Você é sempre tão profissional – disse ela, recostando-se no balcão da cozinha porque suas pernas estavam começando a ficar estranhas. – Aparece sempre na hora marcada, entrega seu relatório a Philippa e depois desaparece – ela sorriu. – Como o Zorro.

Ele se aproximou um passo. Ela viu confusão no olhar dele, como se ele estivesse debatendo-se com uma decisão.

– O cheiro do brownie está maravilhoso.

– É uma receita minha – explicou ela, mal conseguindo encontrar a própria voz. – Eu coloco caramelo...

– Posso experimentar a massa?

Ela o encarou.

– Sim, claro... – mas, quando estava para pegar a tigela em que misturara a massa, Ivan subitamente a segurou pelos ombros e lambeu o canto dos seus lábios.

Charmie ficou imobilizada. Não sabia que havia massa ali.

Aquela foi a coisa mais excitante que um homem já havia feito com ela.

E logo ele a beijou na boca.

Os braços dela subiram para envolvê-lo pelo pescoço; ele a puxou para si.

– Meu Deus... – disse ele, tentando beijá-la em todos os lugares ao mesmo tempo, entrelaçando os dedos em seus cabelos. – Faz tanto tempo que eu a quero.

– Ivan, ah... – ela arfou.

Ele era tão bom, tão certo. A boca era perfeita, os beijos ávidos e sensuais, bem como ela sempre havia imaginado. Ela percorreu o corpo dele com as mãos, banqueteando-se nos músculos que há tanto tempo queria tocar.

Ele explorou os seios, atrapalhando-se com as cavilhas de madeira nos ilhoses até que os puxou com força, para ter acesso debaixo do sutiã. Charmie deu um grito, que ele abafou com a boca.

Apressando-se para despir a camisa dele, puxou-a para fora do cinto. Moveu os lábios pelo tórax e desceu pelo abdômen firme.

Quando ele colocou a mão em suas costas para abrir o fecho do sutiã, ela gemeu, descendo a mão, para afagá-lo, mal conseguindo envolvê-lo de tão largo que ele era.

Ivan suspendeu os seios das meias taças de renda e pressionou-os ao seu torso nu. Havia um jarro de caramelo no balcão da cozinha; mergulhando os dedos no jarro, espalhou caramelo nos mamilos para sugá-los.

Cambalearam até a mesa da cozinha, derrubando panelas e potes, a paixão crescia, e seus movimentos mostravam-se mais frenéticos enquanto se beijavam e se agarravam, tentando descobrir um ao outro de uma vez só. E estavam tão envolvidos que, enquanto Ivan apressadamente erguia a túnica acima das coxas e ela tentava abrir o cinto dele, nem ouviram o telefone tocar.

Contudo, uma voz alta vindo da secretária eletrônica soou:

– Oi, Charmie! Sou eu, Sam. Eu só queria dizer que tivemos uma noite fantástica!

– Ai, meu Deus! – ela disse enquanto se afastava de Ivan, antes de correr pelo corredor.

Antes que conseguisse apertar o botão de mudo, Sam ainda conseguiu dizer:

– Que tal voarmos até San Francisco no próximo final de semana? Podemos ficar no St. Francis e nunca deixar o quarto. Passaremos o fim de semana inteiro...

Ela voltou para a cozinha e olhou para Ivan, que estava abotoando a camisa e colocando-a para dentro da calça.

– As desvantagens da tecnologia moderna... – disse ela, fechando a túnica sobre os seios com vergonha. – Ah, Ivan... Eu sinto muito...

Ele parecia ter recebido a pior notícia da vida dele. Depois se aproximou e segurou-lhe o rosto entre as mãos.

– Não foi para isso que eu vim aqui – disse com suavidade. – Pensei mesmo que você não estivesse em casa. Isso não pode dar certo. Não posso dizer por que, e não vou mais voltar aqui. Mas acredite quando digo que você é uma linda mulher e que a desejei desde a primeira vez em que nos vimos. Você é uma mulher de verdade, Charmie, que abraça a vida. Nunca gostei de mulheres magras; elas parecem tão frágeis, e isso faz com que eu me contenha. Não gosto de sentir costelas e ossos do quadril e da clavícula quando estou fazendo amor. Quando abraço uma mulher, não quero abraçar um esqueleto, quero carne, substância. Quero você – ele sorriu e a tocou no cabelo. – E prometo, vou sempre me lembrar disso – e a beijou no canto da boca que antes esteve sujo de massa.

Charmie acabara de escovar os cabelos quando Ivan entrou na suíte.

– Fique à vontade – disse Philippa. – Gostaria de uma xícara de café? Você toma com creme, certo?

– Obrigado – ele olhou para Charmie. – Olá – disse de modo comedido.

Ele também pensava naquela manhã na cozinha dela; vinha pensando desde que se reencontraram em Perth.

– Lamento, senhorita Roberts – antecipou ele quando Philippa entregou-lhe a xícara de café. – Não consegui nenhuma informação a respeito de Beverly Burgess. Ninguém sabe algo sobre ela e, quando tentei vê-la, aquele cão de guarda dela, Simon Jung, interferiu. Beverly Burgess é mais bem guardada do que a idade de Zsa Zsa Gabor.

– Subiu até o Star’s novamente?

– Jantei lá ontem. Muito elegante, mas foi muito bom ter uma conta para as despesas. E também quase congelei os lóbulos das orelhas... Fiz algumas perguntas casuais por ali, mas não consegui nada de substancial. E mesmo eu tendo ficado lá até o último teleférico descer, a senhorita Burgess não apareceu.

Philippa refletiu um segundo e disse:

– Eu gostaria de poder vê-la antes de abordá-la a respeito do anúncio do jornal. Se ela não for a minha irmã, acho que vou conseguir saber. Eu detestaria ter de chegar dizendo “Oi, sou Christine Singleton. O seu anúncio diz que você está procurando por mim.” Pelo menos não até eu saber quem ela é e por que está

interessada em mim.

– Bem, vai haver o baile de Natal amanhã à noite – ponderou Ivan. – Imagino que essa mulher apareça, já que é a anfitriã. Talvez consiga dar uma olhada nela nessa ocasião.

Philippa foi para a porta de correr da varanda e olhou para o dia que ficava mais claro; até havia alguns hóspedes tomando café da manhã ao lado da piscina.

– Ivan, onde exatamente fica o Star's?

Ele foi para a varanda ao lado dela, e o vento do deserto os golpeou nos cabelos e nas roupas.

– Ali – disse apontando para a frente. – Aquele cume mais alto do San Jacinto. Vê aqueles dois picos menores logo abaixo? E a depressão entre eles? É ali que o Star's está. Aninhado nessa depressão.

Philippa ficou olhando para esse ponto onde uma faixa branca jazia confortável entre os dois picos íngremes. Não havia sinal de que houvesse um resort fabuloso ali; tudo o que ela enxergava era neve.

– E pensar que talvez eu esteja olhando para minha irmã agora...

Quando Ivan ouviu a esperança na voz dela, teve de dar-se um coice mental no traseiro. Em momentos como aquele, ele sempre se aproximava perigosamente de lhe contar o que sabia: a verdade. Mas prometeu manter silêncio, e Ivan Hendricks sempre mantinha suas promessas.

– E quanto a Caanan Corporation – prosseguiu ele, voltando para a sala e olhando de relance para Charmie antes de se servir de uma fatia de abacaxi do carrinho do serviço de quarto. – O endereço é falso, não há nada ali a não ser uma loja vazia. Coloquei um homem para observar, mas duvido que nosso amigo apareça. Muito provavelmente quem está atrás da Caanan falsa sabe que estamos atrás dele. Quando será a reunião da diretoria?

– Depois de amanhã.

– Provavelmente terá suas respostas, então.

Respostas que temo ouvir, Philippa pensou.

– Ivan, preciso que encontre informações a respeito de uma empresa fixada no Brasil. Pode fazer isso por mim? É muito importante.

– Quer que eu vá para a América do Sul?

– Você pode?

– Você não é de pedir muito, hein, senhorita Roberts? – ele disse, mas sorria ao falar. Deu de ombros. – Ok. Qual o nome da empresa?

– Miranda Internacional. Eles estão tentando tomar o controle da Starlite.

Tenho de encontrar um modo de detê-los.

– Brasil, hum? – disse ele, olhando para Charmie, mesmo sem que ela tivesse dito algo. – Claro, posso ir. Quando quer que eu parta?

Quando Hannah apressava-se para seu escritório, a bolsa parecia mais pesada do que de costume. Mas claro que ela sabia que isso era só a sua imaginação; o acréscimo da chave de um pequeno cofre não faria diferença alguma.

E ainda assim, ela a sentia ali, puxando o seu braço tal qual uma criança agitada, como se quisesse que ela se esquecesse daquela loucura, voltasse para o banco, recuperasse as cautelas das ações e as guardasse novamente no cofre da parede do seu quarto, lugar a que pertenciam. Hannah, porém, sabia que não havia volta. Àquela altura no dia seguinte, ela já não teria 5% das ações da Starlite. Sua parte pertenceria à pessoa cujo telefonema finalmente havia sido feito, alguém que concordou com a sua oferta e que apanharia as cautelas no lugar marcado.

E depois disso, o que aconteceria? Philippa teria de saber a verdade, decidiu-se assim que entrou no escritório.

Contarei tudo o que fiz a Philippa e depois pedirei demissão.

– Senhora Scadudo – sua secretária disse. – O secretário da senhorita Roberts acabou de telefonar de Palm Springs. A reunião da diretoria foi transferida para um lugar chamado Star’s.

Hannah olhou para o pedaço de papel. A reunião seria dali a dois dias, mas as cautelas de ações já teriam sido transferidas e ela já teria recebido quase um milhão em dinheiro por elas. Agora, ela torcia para que Alan não abrisse o cofre e descobrisse que as cautelas não estavam mais ali quando ele voltasse do Rio.

– E a senhorita Lind voltou de Singapura – acrescentou a secretária antes de se afastar.

Ingrid veio da sala de projetos, muito bem vestida em um terno azul marinho, blusa de seda branca e sapatos de salto baixo. O cabelo loiro estava meticulosamente preso em um coque baixo na altura da nuca, onde um laço azul marinho emoldurava as linhas firmes do pescoço e da mandíbula.

– Bem-vinda ao lar! – exclamou Hannah, recebendo a amiga com um abraço. – Como foi a viagem?

– Exaustiva e revigorante! – Ingrid respondeu com uma risada. Ela assomava Hannah, na verdade assomava qualquer um. – Tome, trouxe isto para você. Não é o seu presente de Natal, apenas um suvenir de Singapura.

Hannah arfou ao abrir a caixa de presente e ver que ela continha uma corrente

de ouro extraordinária com um pingente de jade.

– Ingrid! Você não devia ter se incomodado!

– Acredite em mim, foi isso o que pensei quando o comprei – replicou Ingrid ao pegar o maço de Gauloises da bolsa e depois acendê-lo. – Comprei-o em Poh Heng, onde os preços são calculados com um ábaco e baseados no peso do colar e no preço do ouro. Depois disso veio o exaustivo regatear. Levei uma hora apenas para pagar!

Hannah deu-lhe mais um abraço rápido e disse:

– Foi muito gentil da sua parte. Obrigada.

– O que achou da seda Kashimiri que enviei dessa vez? – Ingrid perguntou ao caminharem para a barulhenta sala de projetos, onde pessoas trabalhavam nas mesas de desenho e nos manequins de costura.

– Nunca vi cores como aquelas – disse Hannah entrelaçando o braço no de Ingrid. – O verde-água é maravilhoso! Já coloquei todos para trabalharem nele. Temos algo de verão em mente: saídas de praia, xales para festas, esse tipo de coisa – Hannah falava com entusiasmo para encobrir sua preocupação. Em menos de 48 horas ela já não estaria mais trabalhando com Ingrid. E muito provavelmente nem seriam mais amigas.

Ingrid soprou a fumaça acre do cigarro no ar, recebendo alguns olhares dissimulados dos projetistas.

– Fale-me a respeito da reunião emergencial da diretoria para a qual tive de voltar antes. Alan parecia aborrecido ao telefone.

– Ele estava aborrecido porque Philippa o mandou para o Rio e ele não queria ir.

– Não entendo por que ele está reclamando. No Rio encontram-se os melhores frutos do mar do continente sul-americano, e nada supera o Brasil nas ametistas – Ingrid não mencionou os homens, que no Rio também era excepcionais.

– Sinto que Alan não pensa como você! – Hannah desejava que Alan e Ingrid não antagonizassem tanto um com o outro. O desgosto imediato e recíproco quando Ingrid começou a trabalhar lá há sete anos em nada havia se abrandado.

Hannah prosseguiu, explicando a ameaça representada pela Miranda Internacional e acrescentou que Philippa ordenou uma auditoria em todos os departamentos.

– Uma auditoria interna! Para quê?

Hannah desviou o olhar.

– Ao que tudo leva a crer, ela encontrou discrepâncias nos valores.

– Ah... – Ingrid disse ao parar para olhar sobre o ombro de um desenhista, em cuja mesa havia a ilustração de um vestido de noite. – Você disse Palm Springs? Isso me agrada. O deserto é um lugar maravilhoso para encontrar boas joias de prata, turquesa e pedras semipreciosas.

– Não creio que seja exatamente no deserto. Vamos nos encontrar na montanha, em um lugar chamado Star's.

O rosto de Ingrid iluminou-se.

– No Star's! Ora, ora. Parece que minhas férias abortadas em Singapura não serão um completo fiasco no final das contas.

Subitamente ficou intrigada com a perspectiva do que o Star's oferecia em matéria de comida. E de homens.

– Acho que essa será uma reunião muito interessante... – Ingrid disse depois de um momento.

37

A SALA DE ESTAR de Bunny estava uma bagunça, com malas abertas e seus pertences espalhados. Mochilas de lona vazias em meio a metros de tecido, caixas de perucas, sapatos espalhados e até mesmo um manequim de costureira. Frieda e seus companheiros de olhos cansados tinham pouco mais de 24 horas para executar um milagre.

– Este! – disse Frieda por fim, pegando um rolo de veludo chocolate escuro. – É este! Perfeito!

Jeanine, uma senhora de cabelos brancos de olhos pequenos atrás de óculos de aro de metal, gemeu e disse:

– Eu temia que você escolhesse esse.

– Você consegue, querida – encorajou Frieda. – Já a vi fazer milagres.

– Está bem, está bem – disse Jeanine ao pegar o tecido das mãos de Frieda e desdobrá-lo sobre o manequim, olhando-o com desconfiança. Então, pegando alfinetes da almofadinha que trazia no pulso, ela logo começou a fazer a sua magia, como os animaizinhos amigos de Cinderela. Dentro de poucos minutos o esboço de um vestido de noite começava a tomar forma.

Ainda que a equipe chamada às pressas por Frieda reclamasse da tarefa para a qual fora convocada, nenhum deles se recusou. Na verdade, todos concordaram que aquele era um golpe de mestre de Frieda e estavam felizes em poder participar; felizes também com o pagamento, de todos os três, e pela oportunidade de se livrarem de favores devidos, no caso de dois deles. Quando lhe perguntaram como ela tivera a ideia, Frieda apenas sorriu Ela, por certo, não podia lhes contar sobre a maratona sexual com Raoul, que terminara pouco antes do amanhecer, há poucas horas. Eles começariam a ter visões de Faye Dunaway e William Holden em *Rede de intrigas* – Dunaway tendo relações sexuais com Holden, ele por baixo, ela por cima, enquanto trocavam estratégias sobre os índices de audiência.

Não foi assim entre ela e Raoul. Quando se dispuseram a fazer amor, foi isso

o que fizeram: amor. E isso foi depois da brilhante ideia que lhe ocorrera ao ter o mais incrível orgasmo da sua vida, quando o rosto de Larry Wolfe surgiu em sua mente.

Raoul. Frieda não se sentia tão revigorada em anos.

Agora que o tecido tinha sido escolhido, Frieda concentrou-se nos esboços que Sam desenhava no seu bloco. Folheou-os, descartando a maioria, e disse:

– Este é o que mais se aproxima, mas ainda não está bom o suficiente.

– Você tem de entender – disse Sam. – Não vi Bunny metamorfoseada – disse, exagerando na ênfase da última palavra. – Estou trabalhando às cegas. Onde está ela, afinal?

– Eu a mandei para baixo, para o cinema.

– Ela fez implantes nas bochechas? – perguntou ele, com um pedaço de giz pairando acima do esboço mais recente. Sam era o homem mais redondo que Frieda conhecia, com um abdômen enorme, cabeça redonda e mãos e pés rechonchudos. Ele a fazia se lembrar do homem dos pneus Michelin. E também era praticamente o homem mais talentoso que conhecia; todos os estúdios usavam o trabalho de Sam, bem como diversas delegacias do sul da Califórnia.

– Não, nada nas bochechas.

– Queixo? Pelo que me lembro, o queixo de Bunny era como o de Andy Gump[1].

– Acho que o queixo foi aumentado – observou Frieda.

Helen saiu do banheiro com uma peruca em uma cabeça de manequim.

– O que me diz, Frieda?

Ela franziu o cenho.

– Não passou nem perto. Tem de ser... Não sei... Um pouco mais sedutora ou algo assim. Está muito anos 1990. E a cor não está certa.

– Você quer preto, não quer?

– Não sei. Ela nunca fez um filme em cores. Escuro. Apenas escuro.

A porta da sala de estar abriu-se, e Bunny entrou, com os olhos vermelhos após ter ficado acordada a noite inteira, desde o repentino telefonema de Frieda. Quando ela lhe contou a novidade, Bunny imediatamente saiu da depressão e começou a fazer planos. Acreditou que Frieda viria imediatamente para o seu quarto, para discutir a estratégia. Foi engraçado, porém; Frieda lhe disse: “Estarei aí daqui a pouco”, mas só apareceu horas depois. Bunny poderia jurar que ela estava com alguém na choupana se não a conhecesse bem.

– Querida! – disse Frieda, dando um salto. – Ao que você assistiu?

– *Robin Hood* e *Hábitos perversos*. Frieda, vou acabar cega de tanto ficar olhando para aquela tela!

– Mostre-nos alguma coisa.

Todos sentaram-se e esperaram até que Bunny entrasse na pele da personagem, Helen, Sam e Jeanine encarando-a, mal acreditando naquela transformação. Quando Frieda disse que Bunny tinha feito cirurgia plástica, eles não esperavam por *aquilo*. Ela estava uma beldade; Sam não se aguentava de ansiedade por desenhá-la em seu bloco; Helen, queria voltar para as perucas; e Jeanine, pensava no vestido que tinha de ser modelado. Agora todos eles sabiam para quem estavam trabalhando. Quando Bunny atravessou a sala e jogou a cabeça de lado, gesto característico da atriz, a pequena plateia bateu palmas e gritou com entusiasmo.

– Muito bem, vamos indo! – exclamou Frieda, pegando a bolsa e levando Bunny pelo braço. Não havia um minuto a perder; o baile de Natal seria na noite seguinte.

– Para onde vamos?

– De volta ao cinema!

Bunny riu cansada. Onde é que Frieda conseguiu tanta energia de uma hora para a outra? Não fazia diferença; era o resultado que contava. E, quando Bunny lembrou-se do plano secreto que ela e seus quatro comparsas estavam tramando, quando imaginou a sensação que provocaria no baile na noite seguinte, seu cansaço desapareceu e ela foi seguindo Frieda apressada para encher a cabeça com mais algumas horas de Marion Star.

A rainha Cleópatra deleitava-se na enorme banheira de mármore repleta de leite de cabra que mal lhe cobria os seios. Ao passar uma esponja pelo corpo, o leite ondulava, ocasionalmente expondo-lhe os mamilos. Ela convidou duas criadas a despirem-se e juntarem-se a ela. Ao fazerem isso, a câmera fechou o zoom nas pernas delas para mostrar as roupas caindo no chão de mármore e, depois, pés delicados subindo os degraus da banheira; a música tornou-se erótica e sensual, insinuando o que aconteceria na banheira entre a rainha egípcia e as duas criadas.

Andrea tinha visto o bastante, como no caso de *Hábitos perversos*, o qual abandonou no meio do dia anterior. Pegou seus pertences e saiu do pequeno cinema, passando por cima das pernas de Frieda Goldman e de Bunny Kowalski ao sair. Já que era um dos filmes falados de Marion, ela foi assistir na esperança de ver algo mais digno, mas logo percebeu que era apenas mais um filme de

exploração produzido para provocar a curiosidade lasciva do público.

Andrea voltou para o Salão Chinês e acomodou-se na poltrona de couro. Levou o diário de Marion consigo. Marion escrevera:

Os filmes falados chegaram, e Hollywood foi tomada pelo pânico. A pergunta não proferida era: Quem vai conseguir fazer e quem não vai? Muitos de nós tinham vozes horríveis, muitos de nós simplesmente não sabiam atuar. Portanto, muitos atores e atrizes famosos eram famosos simplesmente porque apareciam bem nas telas, não porque sabiam atuar. Meu querido Dexter disse para eu não me preocupar, que eu me sairia bem em filmes falados. Ele falou que estava desenvolvendo um projeto especial, exclusivamente para mim, com som e vozes e tudo o mais. Isso me assustou. Eu tinha 22 anos de idade e ainda era insegura.

Mas sobrevivi, fiz sucesso nos filmes falados. Nem todos conseguiram. Pobre John Gilbert – fico me perguntando se ele foi vítima de alguma sabotagem, como alguns alegam. E meu doce Rudy. Valentino jamais sobreviveria nos filmes falados; seu sotaque italiano era tão forte que ninguém o compreendia. Entrei em luto com o mundo quando ele faleceu. Ele foi um amigo muito especial e um amante esmerado. Depois de sua morte, Rudy foi rotulado pelos homens que o chamavam de afetado. *Mas isso ou foi pelas inseguranças deles ou a inveja falando, porque eles não poderiam estar mais errados. Meu querido Rudy era um sensualista absoluto e ele sabia – ah, como sabia – agradar uma mulher.*

Mas fiz sucesso nos filmes falados. Na verdade, o público ficou enlouquecido com a minha voz. A revista Variety *disse que ela lembrava a maciez de uma pele de marta. Em 1929, Ramsey produziu e dirigiu o filme de maior orçamento de todos os tempos,* A Rainha do Nilo*, e eu fui a estrela. Foi para esse filme que ele me fez aperfeiçoar a jogada de cabeça que acabou se tornando a minha marca registrada. Quando* A Rainha do Nilo *foi lançado, provocou sensação.*

E também me tornou a atriz mais bem paga do mundo e um verdadeiro fenômeno em Hollywood. Por conta disso, Ramsey calculou que era hora de nos tornarmos amantes.

Não houve um crescendo romântico, nada para entrarmos no clima, nada dos artefatos atmosféricos que ele usava nos filmes. Tínhamos acabado de jantar, e ele disse: Vamos para a cama. Em retrospecto, fico imaginando se ele foi me moldando para que eu ficasse à sua altura. Um homem como Dexter Bryant Ramsey não ia para a cama com qualquer uma. Ele teve romances com mulheres

distintas, com títulos. Gertrude Winkler, a filha de um vendedor de sapatos de Fresno, não estava à altura dos padrões elevados de Ramsey. Mas eu agora era Marion Star, agora podia agraciar a sua cama.

Muito estranho que, depois de todos os homens com quem me relacionei, eu estivesse nervosa na minha primeira vez com Dexter. Fui tímida, como uma noiva, e quase relutei em despir a camisola. Por isso, Dexter o fez por mim. Na verdade, ele a arrancou do meu corpo. Literalmente. Isso me surpreendeu e assustou um pouco. E, quando fizemos amor – como alguém pode chamar aquilo de fazer amor? –, foi quase como um ataque. Eu era jovem demais e, apesar da minha experiência no quarto, ainda era ingênua demais para entender, naquela época, que depois de ter tido poder ao estilo Svengali[2] sobre mim por cinco anos, Ramsey ainda necessitava exercer seu domínio.

Tornamo-nos o rei e a rainha de Hollywood depois disso. Todos nos idolatravam, não havia nada que não pudéssemos ter. Governávamos o mundo do nosso ninho de amor no Monte San Jacinto e dávamos festas em que somente as pessoas muito especiais eram convidadas.

Foi lá, em Star's Haven, que dei à luz a nossa filha. Dexter obrigou-me a abortar minhas outras gestações, mas, visto que aquela era dele, ele me permitiu manter o bebê. Eu a batizei de Lavínia, em homenagem à personagem em Hábitos perversos.

Andrea fechou o livro; era a última página do diário. Olhou para a foto ampliada que dominava a sala: o rosto de Marion, sombrio e ardente, com olhos esfumaçados que exalavam sensualidade e tristeza.

E, de repente, Andrea questionou-se: Marion Star desapareceu em 1932. *Seria possível que ela ainda estivesse viva?*

– Como anda o seu projeto? – Carole perguntou enquanto assistia Larry mergulhar na piscina. Não estavam nadando em uma das piscinas reservados dos bangalôs, mas na imensa dentro do Castelo, onde os hóspedes sentavam-se em ilhas de mármore dentro da água ou caminhavam pela ponte romântica que era uma réplica da Ponte dos Suspiros de Veneza.

– Que projeto? – Larry perguntou ao imergir, sacudindo o cabelo escuro para longe dos olhos.

Ela riu, acreditando que ele estivesse brincando.

– O projeto Marion Star!

– Ah, esse – ele se ergueu para fora da piscina. Aquele era o seu quinto

mergulho; não o fazia pelo próprio prazer, mas para expor seus músculos para Carole, como que para dizer: *Consegue imaginar o que este corpo faz na cama?* Saindo da piscina, sentou-se ao lado dela, esticou a mão e tocou-a na garganta. – Você usa isto *sempre*? – perguntou, referindo-se ao colar de pérolas que Sanford lhe dera antes de ir para o Star's. Ela estava usando biquíni, e o colar não combinava muito com o traje.

– O tempo inteiro – respondeu.

Ele sorriu.

– Mesmo na cama?

– Vamos, Larry, fale do seu roteiro. Quem está pensando em escalar para o papel de Marion?

– Por quê? Está interessada?

Ao passar as mãos pelos cabelos platinados, ela viu que o olhar dele estava fixo em seus seios.

– Poderia ser um papel desafiador.

– Para alguém de 25 anos de idade!

– Bem... Com a iluminação certa e maquiagem...

– E George Lucas nos efeitos especiais.

Ela levantou-se, pegou a toalha e a loção, e foi andando para um dos vestiários particulares; fechou a porta, mas não a trancou.

– Ei! – disse Larry, correndo atrás dela. – Eu só estava brincando! – ele bateu à porta. – Pare com isso, Carole, relaxe.

– Vá embora!

Dessa vez ele forçou a entrada e a pressionou contra o corpo.

– Isso é tão importante assim para você? Quer mesmo o papel?

Ela pôs as mãos no peito dele para empurrá-lo.

– Saia!

– Escute aqui – disse ele, segurando-a. O cubículo mal comportava duas pessoas, ele não teve dificuldade alguma em passar o braço ao redor dela. – Eu pedi desculpas. Pensei que aceitasse brincadeiras.

– Eu estava falando sério, Larry – disse ela, tentando se soltar dele. – Eu poderia fazer esse papel.

– Ok, se está falando sério – ele a empurrou contra a parede e começou a beijá-la.

Ela o empurrou novamente, dessa vez sem muito empenho.

Ele puxou o biquíni que caiu no chão.

– Está bem, vamos falar sobre isso – disse com voz rouca.

Carole sabia que o fisgara, mas aquele não era o lugar certo. Precisava ter uma garantia escrita, uma assinatura.

– Aqui, não – disse ela sem fôlego.

– Aqui...

– Larry, vou gritar.

Ele riu.

– O que quer? Champanhe e rosas?

Quero meu marido.

– Por que não? Se vou ter meu primeiro caso, não tenho o direito de que ele seja perfeito?

Ele a fitou longamente, a mão apertando o seio.

– Ok – disse ele. – Podemos aproveitar a noite inteira. Só você e eu.

– Amanhã à noite – disse ela. – Depois do baile de Natal, venha até o meu bangalô.

Andrea tinha o bangalô só para si, já que Larry, pelo que podia deduzir, devia estar em algum lugar tentando seduzir Carole Page. Estava à máquina de escrever, trabalhando na proposta que ela e Larry mostrariam ao senhor Yamato quando ele chegasse dali dois dias. Um esboço que Andrea estava tornando tão suculento que ela sabia que o senhor Yamato iria adorar.

O acordo com o homem de negócios de Tóquio havia sido ideia sua, embora acreditasse ter sido dele. Depois da humilhação da cerimônia de premiação, quando Larry não reconheceu a contribuição de Andrea em seu trabalho – diabos, sua *inteira* responsabilidade no suposto trabalho dele –, seu primeiro impulso foi marchar até o palco, denunciá-lo na frente de todos e depois sair dali. Mas ao ver Larry sorrir para as câmeras e dizer com franqueza que, sim, ele era um escritor talentoso, Andrea decidiu se conter e ganhar tempo.

Fingiu que tudo continuava como antes enquanto procurava o modo certeiro de se vingar. A ideia surgiu-lhe poucas semanas depois, quando tomou conhecimento sobre o senhor Yamato, listado como o quarto homem mais rico do Japão, e que idolatrava Marion Star. Ele era um colecionador ávido e muitas vezes divertia convidados em festas recitando um diálogo inteiro de um ou de outro filme dela, impecavelmente, sem erro algum. Quando Andrea lembrou-se de ter ouvido que o diário de Marion Star tinha sido encontrado durante a reforma da mansão Star’s Haven, seu plano de vingança nasceu. Foi daí que ela começou sua

campanha para fazer Larry se interessar pela história de Marion Star, plantando em sua mente a sugestão de que ele poderia querer escrever aquele roteiro e fazer com que Yamato bancasse o filme. Depois de orquestrar o encontro dos dois homens, o que mais uma vez Larry acreditava ter sido ideia sua, ela o convenceu de que, já que aquele filme teria uma bilheteria garantida, seria inteligente da parte dele colocar um pouco de dinheiro próprio no projeto.

Ela não visava simplesmente à humilhação pública; também buscava a ruína financeira de Larry.

Andrea foi para o bar e serviu-se de um drinque, que desceu muito bem com a antecipação da expressão no rosto de Larry na noite seguinte, quando lhe daria o seu *presente* de Natal no baile. Estava tudo arranjado, seu plano seria colocado em ação.

Em pouco mais de 24 horas, seria uma mulher livre, cuidando apenas de si pela primeira vez em dezessete anos. E sabia exatamente o que faria com essa liberdade. A primeira coisa seria pesquisar se Marion Star ainda estava viva e também descobrir o que havia acontecido com Lavínia, a filha dela.

Em seguida, ela pensava em procurar por Chad McCormick, a quem não via desde o breve porém mágico caso, no Novo México, onze anos atrás. Ouviu dizer que ele estava morando em Los Angeles agora e que não era casado.

---

[1] Andy Gump era a personagem de uma tira de quadrinhos, popular até o fim da década de 1950; seu queixo era afundado, como o de Noel Rosa. (N. T.)

[2] Svengali é o nome de uma personagem de ficção no romance *Trilby*, de George du Maurier, datado de 1894. O romance criou o estereótipo de um hipnólogo de mau caráter que persiste no tempo. (N. T.)

38

Beverly Hills, Califórnia, 1975

A CASA NA COLINA estava tão iluminada que mais parecia o Parthenon à espera dos turistas. Uma fila de carros passava pelos imensos portões de ferro; à entrada, criadas cumprimentavam os convidados que chegavam, recebendo os casacos e os xales, e entregando às senhoras pequenos arranjos de buquês de rosas de inverno. A festa foi organizada nos jardins elevados nos fundos da casa nova de Philippa, onde, debaixo de um toldo listrado, uma banda tocava. Quando os convidados apareciam no terraço de pedras expondo-se ao ar fresco da noite, eles eram recebidos pela vista estupenda devido ao declive partindo da casa até o canyon. Luzes como que de fadas reluziam nas árvores; fachos de holofotes eram lançados do chão para cima, iluminando arbustos e estátuas; a enorme piscina brilhava com sua água azul límpida. Debaixo de um copado maravilhoso foi disposto um banquete: longas mesas vergavam sob o peso de peças enormes de presunto com mel, rosbife mal passado, cada um deles com um *chef* em dólmãs brancos prontos a servir com facas de trinchar; travessas de cristal com saladas artisticamente preparadas; e *réchauds* com acepipes fumegantes. Rapazes em paletós vermelhos e calças pretas circulavam entre os convidados com bandejas de canapés.

Todos comiam e bebiam sem reservas, porque aquela festa não era exatamente *gratuita* – era um evento para angariar fundos para uma caridade pessoal promovida por Philippa em benefício dos órfãos vietnamitas. As pessoas estavam dispostas a assinar cheques polpudos pela oportunidade de dançar sob as estrelas e beber na companhia das celebridades no terraço extravagante que, segundo diziam, havia sido projetado em homenagem a um dos jardins de Versalhes.

Philippa movia-se entre os convidados, trajando um simples vestido de noite

amarelo pálido com uma estola de pele por conta da noite fria, parando para conversar com as pessoas que conhecia e para se apresentar àqueles a quem não conhecia – astros de cinema que viviam nas propriedades vizinhas, políticos, algumas pessoas do alto escalão das universidades e dos centros médicos, administradores de grandes empresas, médicos, advogados, artistas e escritores. Uma mistura, mas uma mistura abastada. Sendo a presidente de uma grande empresa como as Indústrias Starlite, que agora tinha ações na Bolsa de Valores de Nova York, Philippa apreciava poder, por fim, oferecer uma festa com convidados classe A.

Ao lado do prefeito e da esposa juntos à piscina, onde fontes esguichavam água nas duas pontas, seu olhar subiu para o terceiro andar da mansão estilo Tudor, onde uma luz filtrava-se pela janela de um dos quartos. Sentiu-se arrebatada por uma ansiedade indescritível. Era lá que gostaria de estar; lá em cima, onde seu coração já estava.

Philippa aprendera ao longo de sua gradual ascensão ao sucesso e à fortuna, a arte de parecer interessada enquanto a mente concentrava-se nas coisas verdadeiramente importantes. Sorrindo para o prefeito e para a esposa, seu olhar desceu da janela e passou rapidamente pelas portas francesas que se abriam para o terraço, por onde os convidados passavam; ela procurava pelo rosto que mais desejava ver naquela noite. Ele ainda não tinha chegado. Prometeu vir, mas ainda não estava ali.

Quando voltou a atenção para o prefeito e para a esposa dele, que a observava atentamente, Philippa vivenciou um dos estranhos vislumbres que vinha tendo. Não era um fenômeno físico, mas mental e sempre repentino, em que subitamente via-se fora de si e era transportada para a beira da multidão, de onde analisava a cena com um olhar objetivo. Surpreendia-se, naquele breve segundo antes de voltar a si, ao pensar que tudo aquilo – a mansão, os convidados, os garçons – era seu. Cumpria o juramento feito de um dia ser alguém. O que Johnny Singleton pensaria de sua boneca agora?

Philippa era rica porque a empresa era rica. Existiam quase seiscentos salões Starlite em todo o país, com planos de expansão para a Europa. A Starlite também tinha subsidiárias, como a Produtos Naturais de Beleza Starlite, uma divisão de cosméticos administrada por Charmie; Alimentos Starlite, que oferecia alimentos congelados, sobremesas de baixa caloria, margarina diet e pães integrais, tudo isso em embalagens azuis com o logo da estrela no canto; e o último acréscimo, as lojas Tamanho Perfeito, uma cadeia de lojas espalhada pelo país que oferecia as criações

de moda de Hannah Scadudo.

– Quero modelos tamanho grande – Hannah instruíra a agência de publicidade quando a nova linha foi lançada. – As nossas clientes vão querer ver as roupas como elas ficariam nelas mesmas, não em varetas ambulantes. – A utilização de modelos voluptuosas nas propagandas e também nos catálogos da Tamanho Perfeito para encomenda por correio foi uma ideia revolucionária; Hannah acreditava que os outros produtores de roupas de tamanho grandes ofendiam suas clientes ao usarem modelos magras, como se, com isso, dissessem que aquelas eram as únicas mulheres em quem as roupas ficariam bem. E ela estava certa. A moda Tamanho Perfeito estava pegando e começava a deixar para trás os adversários já estabelecidos.

No entanto, o maior sucesso da Starlite era o livro que Philippa havia lançado quatro anos antes. *O programa de beleza e de dieta Starlite* estava agora na sua décima segunda reimpressão e ainda constava da lista dos livros mais vendidos. Com uma breve introdução sobre a história do programa seguido por depoimentos pessoais de algumas das graduadas no programa, o livro oferecia um plano de dieta em um formato simples e fácil de seguir, com a filosofia positiva de Philippa e um capítulo escrito por Hannah e outro por Charmie: “Vestindo-se como magra” e “Conexão cosmética”.

Philippa também escreveu um livro menor chamado *Hiperinsulinemia: sua causa, detecção e controle por meio da dieta*, que, embora não fazendo parte da lista dos mais vendidos, ainda apresentava um índice de venda estável para um público seleto.

E, quando a sede da Starlite transferiu-se para a nova torre espelhada na Wilshire, Philippa decidiu mudar de casa, saindo de Encino e comprando aquela mansão em Beverly Hills.

Ao deixar o prefeito e seguir para os demais convidados, Charmie aproximou-se, com uma taça de vinho em uma mão e uma trufa de chocolate na outra. Sua estonteante túnica em lamê dourado, com bordados belgas feitos à mão no decote e nas mangas – uma das mais recentes e extravagantes criações de Hannah – reluzia como diamante nos arbustos de oleandros naquela ponta da piscina.

– A festa está sendo um sucesso, Philippa! – disse ela com seu entusiasmo costumeiro. – Eu sabia que você conseguiria!

Comendo a trufa e deixando o guardanapo na bandeja de um garçom que ali passava, ela ajeitou os cabelos na parte de trás, unidos por um lenço de lamê

dourado, e analisou o traseiro do garçom. Estava pensando em Ivan Hendricks. Elas o convidaram para a festa, porém ele declinou com educação.

– Veja esse meu filho! – disse ela, achando Nathan, agora um adolescente de catorze anos, parecendo bem pouco à vontade em um smoking, como se tivesse sido obrigado a vesti-lo por quatro homens parrudos; ele observava o conteúdo do bufê, comendo tudo o que via pelo caminho.

Charmie temia que a infância dele tivesse deixado cicatrizes permanentes – a brutalidade que ele havia presenciado, o alcoolismo do pai –; Nathan, porém, tornava-se um jovem inteligente e agradável que recentemente anunciara a decisão de tornar-se um pesquisador genético quando crescesse. Não se passava nem um dia sem que Charmie não se assustasse pensando sobre como salvou a ele e a si antes que algo pior acontecesse.

Quando percebeu Philippa olhando para a janela do terceiro andar, disse:

– Por que não sobe?

– Não posso abandonar os meus convidados.

– Falando nisso, quando a estrela chegará? – perguntou Charmie, referindo-se ao senador Paul Marquette.

– Em breve – respondeu ela. – Ele não deve demorar.

Depois da visita dele ao seu escritório há quatro anos e meio, Philippa e Paul tornaram-se amigos. Toda vez que ele estava em L.A., ele fazia questão de visitá-la, reservando algum tempo para jantarem e conversarem. Quando ele voltou à corrida pelas eleições no Senado e venceu, ele disse em seu discurso de vitória, para 50 milhões de espectadores, que devia seu regresso à Starlite, especificamente à Philippa Roberts.

– Hannah me disse que você teve notícias da senhora Chadwick hoje – comentou Charmie ao subirem os degraus até o terraço superior, onde mais convidados chegavam. – Como está a velha garota? Já acomodou-se?

– Ela está de olho em cada um dos homens solteiros em Leisure World!

A senhora Chadwick, que agora contava com mais de setenta anos, finalmente confessou a Philippa:

– Estou pensando em vender a casa. As pessoas já não querem mais morar em pensões, elas querem apartamentos. Eu gostaria de morar perto da minha irmã e da família dela no Arizona.

E Philippa a ajudou a vender a velha casa em Hollywood e comprar um apartamento em uma comunidade de aposentados ativos na periferia de Phoenix.

Agora Philippa lembrava-se de ter ficado nos degraus da entrada da casa,

vendo a velha mobília clara com pernas de metal fino sendo levada pelo caminhão do Exército de Salvação. Ela teve a sensação de que o tempo passava por ela, como a correnteza de um rio. *Lá se vai 1957*, ela pensou. E, quando o sofá gasto de cor de água-marinha apareceu, Philippa lembrou-se de ter se sentado nele e contado tudo sobre Rhys para a senhora Chadwick.

Aquilo parecia ter sido em outra vida. E ela pensou: meu filho estaria com dezessete anos agora.

– Ora, ora! – exclamou Charmie quando chegaram ao terraço. – Veja quem finalmente chegou!

Quando Philippa viu Paul, seu coração deu um salto. Sempre se excitava ao vê-lo. Aos 47 anos, Paul Marquette parecia estar no auge da sua atratividade. Ele e Francine chegaram ao terraço como se fossem aristocratas franceses na corte de Luís XV, recebendo as atenções de todos ao redor. Francine, Philippa notou, trazia seu costumeiro sorriso glacial.

Philippa havia sido apresentada à senhora Marquette quando visitou a vinícola depois do convite de Paul. Eles viviam em uma casa de fazenda simples de estilo espanhol, e Francine recebeu Philippa com uma graciosidade e uma cordialidade muito bem ensaiadas. Quando Francine lhe disse: "Você fez tanto pelo meu marido, senhorita Roberts, quando nenhum de nós conseguia mais ajudá-lo", Philippa notou uma centelha subjacente de rivalidade. E perguntou-se como a elegante Francine lidou com o luto pela perda de Todd. Ao que tudo indicava, macarrão e álcool não foram o seu ópio.

– Bem-vindos à minha casa – disse Philippa, cumprimentando-os com um aperto de mão.

– Estamos contentes por estar aqui – disse Paul, enquanto a esposa sorria e cumprimentava outros no terraço com um aceno de cabeça. Francine Marquette tinha o talento singular de parecer sempre a anfitriã, a encarregada, em todos os lugares para onde fosse, mesmo quando era a convidada na casa de outra pessoa.

– Paul, tenho uma coisa para mostrar – disse Philippa sorrindo graciosamente para Francine. – Para vocês dois.

– Pode ir, Paul – disse Francine. – Estou vendo alguns velhos amigos que não encontro há muito tempo. – Seus modos eram o de uma mulher determinada a provar àqueles que a rodeavam que permitia que o marido se afastasse com qualquer outra mulher sem se sentir ameaçada. Ela lançou um breve olhar condescendente a Philippa antes de se misturar à multidão.

Mais uma vez, Philippa teve de combater uma pontada de ciúme. Francine

era, afinal, a esposa de Paul. Enquanto ela não passava de uma amiga. Uma boa amiga, que ocasionalmente encontrava-se com o senador em eventos de caridade ou inaugurações em galerias de arte. Philippa e Paul tinham uma relação de amizade respeitável e franca; nem mesmo os tabloides poderiam sugerir qualquer coisa. Muitas vezes ela desejou perguntar durante seus jantares, o que ele tinha visto em Francine. Seu charme francês e a frieza aristocrática dela pareciam não combinar, mas talvez Francine fosse calorosa na vida privada.

Ao entrarem na casa, onde os convidados estavam espalhados na sala de estar conversando, Paul disse:

– É tão bom vê-la novamente, Philippa. Que linda a sua casa.

– Ainda custo a acreditar que ela seja minha! – disse passando o braço pelo dele, repousando a mão na curva do cotovelo. – Como tem passado, Paul? – perguntou com leveza, desejando poder dizer algo mais.

Philippa conhecia Paul muito superficialmente: que faculdade havia frequentado (Direito na UCLA), quais seus interesses (velejar, música clássica, arte florentina), seus livros, filmes, comidas e cor prediletos. Não sabia, porém, nada mais profundo, nenhum segredo. Toda vez que participavam de algum evento público ou que jantavam juntos em algum restaurante, Philippa mantinha uma conversa leve e charmosa, enquanto o senador a entretinha com as histórias do Capitólio. Conversavam sobre dietas ou sobre a mais recente descoberta nutricional, como “Qual a sua opinião sobre Pritinik?”, ou falavam sobre os eventos mundiais ou apenas sobre um filme.

Philippa contou quase tudo sobre a sua vida para Paul, inclusive seu caso com o niilista Rhys. As duas únicas coisas das quais o poupara foram o aborto espontâneo ocorrido há muito tempo e o pai gângster que morreu na câmara de gás. Philippa suspeitava que Paul tivesse cultivado algum tipo de imagem rósea sua, imaculada, visualizando-a como uma típica garota americana que só fazia o bem, indo de um colégio interno católico direto para a sede da empresa. Ela sabia que o seu interlúdio com Rhys em nada tinha manchado sua imagem; na verdade, apenas havia acrescentado a dimensão certa para torná-la ainda mais interessante, mas certificou-se de proteger Paul dos aspectos mais deprimentes da sua vida, não pelo seu bem, mas pelo dele.

Philippa desejava poder confessar que o amava.

Contudo, Paul Marquette estava em um casamento de muita projeção com uma socialite e subia na carreira política. O caminho de Paul para a presidência, Philippa bem sabia, seria pavimentado pelo charme, pela elegância, e pelas

ligações de Francine. Francine Marquette levaria Camelot de volta para a América.

Portanto, os sentimentos românticos de Philippa permaneceriam resguardados.

Ao começarem a subir os degraus para o andar superior, Paul perguntou:

– Alguma novidade quanto ao investigador particular?

– Para falar a verdade, tive notícias maravilhosas na semana passada.

Ivan Hendricks cobriu todas as pistas de que dispunha nos últimos anos. Ele praticamente verificou todos os nascimentos de meninas em Hollywood nas datas próximas ao nascimento de Philippa.

– Trinte e sete anos – disse ele. – Muitas lembranças já foram esquecidas, e muitas pessoas já não estão mais aqui para contar algo.

No fim, restando-lhe três pistas que ainda não havia seguido, ele refez seus passos e partiu do zero. Depois de localizar duas – uma mulher estava casada e morando em Bakesfield e a outra se mudou para o Alasca – a Ivan restou apenas uma.

Aquele foi um dos poucos relatórios que ele fez pessoalmente. Vindo até a casa e sentando-se no terraço, parecendo pouco à vontade no ambiente rico, Ivan equilibrou seu corpo maciço na frágil cadeira de jardim e disse:

– Consegui descobrir que uma moça chamada Naomi Dwyer deu à luz gêmeas no Hospital Presbiteriano de Hollywood. Continuei investigando e, por fim, descobri o nome do advogado que cuidou da adoção de uma das gêmeas. Não foi fácil encontrá-lo. De qualquer forma, encontrei Hyman Levi e fiz com que ele me contasse tudo. Ele disse que a mulher chamada Dwyer ficou com um dos bebês – e não sabia para onde eles foram depois –, mas que o outro bebê ficou com um casal de sobrenome Singleton por uma quantia de mil dólares.

Philippa ficou atordoada. Johnny a havia comprado por mil dólares. Em 1938, aquela era uma quantia muito grande. Depois perguntou:

– Tenho uma irmã?

– Gêmea, senhorita Roberts. E, desde que ela ainda esteja viva, acho que posso localizá-la.

Philippa subiu a escada com Paul e disse:

– Ivan está no Novo México agora, seguindo uma pista que alguém lhe deu de que os Dwyer viveram em um estacionamento de trailers. Consegue imaginar isso, Paul? Uma irmã gêmea! E talvez meus pais ainda estejam vivos. Talvez, em algumas semanas, eu participe de uma reunião familiar em Albuquerque!

Viraram em um corredor acarpetado com antigos quadros de caçada e de uvas

em taças espaçadas pelos lambris estilo Tudor. Philippa comprou a casa mobiliada, que continha muitas obras de arte curiosas. Ela parou diante de uma porta e bateu antes de entrar em um quarto mobiliado com uma cama de dossel rendado e móveis laqueados brancos com decalques florais. O papel de parede era do Ursinho Puff e da sua turma; o tapete grosso amarelo estava tomado por brinquedos. Uma jovem babá uniformizada estava sentada a uma mesa diminuta dispondo pratinhos e xicarazinhas de chá. Uma garotinha estava sentada com ela, usando um vestido de algodão rosa-claro e franzia a testa ante o aparelho de chá em miniatura. As duas viraram-se com a entrada de Philippa e de Paul.

– Aqui está, Paul – anunciou ela com um sorriso. – Esta é Esther, minha filha.

A babá levantou-se, um tanto desajeitada visto que a cadeira era muito pequena, e pegou a garotinha de cinco anos pela mão.

– Esther, diga olá para a sua mamãe e para o amigo dela – disse ela com um sotaque inglês.

– Como vai, Esther? – perguntou Paul. – Você é uma linda menina.

Os dois enormes olhos castanhos o observaram sem piscar. Um cabelo escuro emoldurava o rosto redondo e os olhos escuros com cílios longos.

– Ela não sorri? – perguntou ele.

– Não, mas sorrirá.

– Sabe alguma coisa sobre ela?

Philippa meneou a cabeça.

– Ela foi resgatada por um médico americano durante a queda de Saigon. Ele a encontrou chorando sobre o corpo de uma mulher, que deduzimos ser a mãe. Ele não conseguiu fazer com que ela falasse, por isso a chamamos de Esther, que também era órfã na Bíblia.

– Ela fala inglês?

– Ainda não. Mas foi-lhe explicado que esta seria a casa dela e que agora sou a mãe dela. Será tudo muito difícil para nós duas no começo, mas daremos um jeito – ela sorriu para a menina. – Não é mesmo, Esther?

Philippa olhou para Paul.

– Darei a ela todo o amor que eu puder e a farei feliz o quanto puder. Tenho tantas lembranças felizes do meu pai adotivo. Johnny foi bom para mim, tão carinhoso e amoroso. Farei isso com Esther.

Os dois retiraram-se, silenciosamente fechando a porta ao saírem, e Philippa disse:

– Ainda não estou certa quanto à babá. A princípio pensei em contratar uma

vietnamita para cuidar de Esther, por causa da barreira do idioma. Mas depois me perguntei se isso não retardaria a assimilação de sua nova vida. Não é uma decisão fácil de tomar.

– Nenhuma das decisões sobre os filhos é – ponderou ele.

Ela queria perguntar sobre Todd, o filho dele. Sabia que ele se suicidara, mas por que ele o fizera, ou como, Paul jamais havia contado, e Philippa jamais perguntaria.

– Não tenho como agradecer à altura por você ter usado a sua influência em Washington para me ajudar – disse ela. – É tão difícil para alguém solteiro adotar crianças, mesmo as tão necessitadas órfãs de guerra como Esther. Eu jamais teria conseguido sem você.

– De certa forma, então, ela é nossa, não? – disse ele.

Philippa o encarou.

– Desculpe – disse ele. – Eu não deveria ter dito isso.

Continuaram a avançar pelo corredor, que, de alguma forma, parecia mais longo do que quando passaram há poucos minutos. Os sons da festa subiam pelo terraço.

– Desculpe – repetiu Paul. Ele parou e a encarou. – Philippa – ele estava tão perto que ela enxergava os pontinhos escuros nas íris azuis dele –, quero tanto abraçá-la, fazer amor com você. Deus! – disse ele apaixonadamente. – Quero beijar você.

Philippa percebeu que ele falava sério e que no instante em que ele a tocasse, eles se perderiam para sempre. Rapidamente, obrigou-se a pensar em duas imagens – Francine e a menina no quarto – e disse:

– Não, Paul. Não podemos.

– Por que não?

– Porque isso não serve para nós. Temos a nossa amizade, porém, o que quer que queiramos a mais, não pode se realizar. Você tem a sua vida com Francine e seu sonho político, e agora eu tenho Esther, que vai precisar de todo o meu amor e atenção.

Ele pareceu angustiado, mas sua voz saiu calma, controlada:

– Está brava?

– Não.

– Vai ao menos me dizer como se sente a meu respeito?

Ela hesitou.

– Não.

– Ainda podemos ser amigos?

– Ah, sim – respondeu com alívio. Estava para enlaçar o braço dele novamente, quando se conteve. Não deveriam mais se tocar. – Paul, mais uma coisa antes que voltemos para a festa. Fui forte agora. Mas não serei mais. Da próxima vez...

– Não haverá uma próxima vez, Philippa. Eu prometo.

E ela soube que aquela era uma promessa que ele manteria.

39

AO SAIR DO ESTACIONAMENTO do Rainbow Springs Lodge e seguir para o sul na Palm Canyon Drive, Danny sentiu sua fúria e sua frustração aumentarem. Aquele era mais um lugar que poderia riscar da sua lista dos possíveis hotéis em que Philippa poderia estar hospedada.

Ele a seguia na noite anterior, vindo de L.A. até Palm Springs; não a perdia de vista. A poucos carros de distância na estrada, a limusine dela avançava sendo seguida pelo seu carro, enquanto ele se divertia com os possíveis cenários das coisas que faria com ela, quando, do nada, uma parede se materializou no meio da estrada, engolindo a limusine de Philippa e todos os outros veículos que a atravessaram. Danny pisou fundo no freio, e quase colidiu nos outros carros que foram parar no acostamento da estrada, onde ele fitou, atordoado, a tempestade de areia que avançava.

Depois de se recompor, voltou a ligar o motor do Jaguar e, como outros motoristas, entrou com cuidado na tempestade de areia, porque não havia qualquer outra direção a seguir. Foi como dirigir no inferno – o carro balançava e sacudia como se estivesse sendo estapeado pelo vento forte, o barulho aflitivo da areia raspando ao longo do veículo, estragando a pintura. Danny avançou como uma lesma, sem conseguir ver as luzes dos faróis dos carros no espelho retrovisor. Ele ficou preso na nuvem de areia cegante e assustadora que se lamentava ao seu redor, como se estivesse carregada das almas dos espíritos atormentados que pereceram no deserto.

Ele acreditava que aquilo jamais teria um fim, que o mundo inteiro estava sendo consumido pela areia, quando, de repente, o Jaguar emergiu em uma noite clara, onde as estrelas zombavam e os motoristas estacionavam para supervisionar os estragos em seus carros. Danny, porém, não se importava com o Jaguar. Afundou o pé no acelerador e acelerou pela estrada, na esperança de alcançar a limusine branca.

Mas ela tinha escapado.

Então, cá estava ele percorrendo metodicamente todos os hotéis de Palm Springs, à procura de Philippa Roberts, com a fúria aumentando a cada *não* recebido nas recepções.

Existiam centenas de hotéis, pensões e estacionamentos de trailers e, até então, Danny fazendo-se passar por um jornalista amável, com seu cabelo tingido, barba falsa, óculos com aro de tartaruga e credenciais falsas, eliminara apenas uma fração deles. Tratava do assunto sistematicamente, imaginando que uma mulher com a fortuna de Beverly, andando por aí em uma limusine com motorista, só se hospedaria em hotéis com três ou mais estrelas. Mas ele também pensou, sabendo o quanto ela desgostava de ostentar e de ir a lugares muitos frequentados, que ela gravitaria em torno de lugares pequenos, elegantes e de bom gosto.

O Rainbow Springs Lodge era um exemplo perfeito disso, tipicamente luxuoso e discreto, sem nada obviamente hoteleiro, sem placas indicativas, apenas uma ornamental fonte de estilo espanhola borbulhado no meio de uma pavimentação de pedras, folhagem vicejante e papagaios dispendiosos, como se fosse uma propriedade particular. O tipo de lugar em que você teria de nascer sabendo onde ficava a recepção, e, depois de localizá-la, não veria estantes com cartões-postais nem recepcionistas jovens e animadas em blazers de uniforme. Um assistente da gerência com um nariz longo e grandes sobrancelhas deu a Danny o trigésimo sexto *não* do dia.

E agora ele dirigia ao longo da Palm Canyon Drive, batendo o punho cerrado no volante. A vadia estava em algum lugar naquela rica extensão de deserto, em algum lugar em meio àquelas malditas palmeiras, fontes e campos de golfe. Mas onde? *Onde*?

Quando o estômago roncou, percebeu que estava ficando tarde e que passara o dia inteiro sem comer. Parando no primeiro restaurante que viu – o Rosita’s, um estabelecimento mexicano com o esperado piso de tijolos e cactos pouco inspiradores plantados em vasos –, Danny decidiu sentar-se no pátio, onde os fregueses eram continuamente agraciados com uma névoa suave de água. Havia uma seca acontecendo na Califórnia, a água estava sendo racionada desde Eureka até San Diego, mas Palm Springs refrescava seu exterior com água.

Quando pediu *enchilladas* de queijo com taco de carne, feijão frito, arroz e uma cerveja, a garçonete disse:

– Sabe, você me parece familiar. Vem sempre aqui?

Danny a tratou com um dos seus sorrisos lânguidos para disfarçar o susto que

ela lhe dera. Aquela era a única coisa que temia – que, apesar da barba e dos óculos, seu rosto ainda fosse reconhecível. Afinal, ele já apareceu em milhões de aparelhos de televisão e foi estampado em pôsteres e broches de campanha política. Puxa, aquela garota de uniforme rendado poderia ter sido uma das Garotas Danny, o exército feminino jovem que marchou pelo país, batendo de porta em porta para entregar panfletos de “Danny Mackay para presidente”.

– Não – ele disse, olhando-a de cima a baixo. Ela não era feia de olhar, devia ter uns vinte e poucos anos, e vestia um daqueles uniformes idiotas de garçonete que consistia em um corpete com elásticos, cintura marcada e saia ampla com uma dúzia de anáguas. – Nunca estive aqui antes, moça.

– Você tem sotaque do sul – observou ela, reagindo ao sorriso e ao modo como ele a fitava. – De onde você é?

– Ah, de todos os lugares.

– Sei que conheço você de algum lugar – disse ela de modo educado. – Não se preocupe, vou acabar lembrando.

Mas Danny estava preocupado, mesmo comendo a *enchillada*, os tacos e os feijões. E, quando ela lhe trouxe uma segunda e uma terceira caneca de cerveja, ele percebeu como ela observava seu rosto, franzindo o cenho em sinal de concentração. Mesmo acreditando que isso não fosse do seu feitio, sua cautela aguçou-se.

E se ela o reconhecesse? E se dissesse de repente “Ei, você não é Danny Mackay?”. E se ela não tivesse lido os jornais nem assistido ao telejornal e não soubesse que o homem em quem votaria três anos atrás, mas que saiu da disputa por causa de um escândalo, supostamente morreu na cadeia?

Jesus Cristo... Isso seria desastroso. Ela poderia dar com a língua nos dentes.

E arruinaria seus planos.

E quando ela voltou e perguntou o que ele gostaria para a sobremesa, ele se fez valer do seu charme normalmente reservado para as mulheres de classe e disse:

– Bem, depende do que estiver oferecendo...

Ela o encontrou uma hora mais tarde, quando terminou seu turno. Ele parou o Jaguar e ela entrou, com as saias bufantes e a bolsinha tilintando com as moedas das gorjetas.

– Uau! Que carrão!

– E então, doçura, para onde vamos? – perguntou ele.

Ela o encarou bem por um minuto, depois inclinou a cabeça e disse, timidamente:

– Sabe, quanto mais eu olho para você, mas eu tenho certeza de que o conheço de algum lugar. Isso está me deixando louca!

– Bem, por que não damos uma volta de carro, quem sabe assim eu não consigo refrescar a sua memória?

Decidiram admirar o pôr do sol e subiram até a colina deserta das Montanhas Santa Rosa, passando por uma trilha de terra, longe das luzes, das construções, das outras pessoas. Ele sabia que o carro a estava excitando, sentia a animação sexual crescendo ao seu lado. Danny teve anos de experiência para aprender a saber quando uma mulher estava pronta.

Estacionou o Jaguar e os dois ficaram admirando o vale abaixo, onde algumas poucas luzes começavam a aparecer no entardecer.

– Adivinha o que eu trouxe? – perguntou ela, pegando duas garrafas de cerveja da bolsa.

– Só um segundo, meu bem – disse ele quando ela se pôs a abri-las. – Aqui não! Este tecido é muito carro. E não tem nem quatro dias de uso – ele sorriu e deu uma piscadela. – Vamos sair e tomar um pouco de ar.

Um cheiro forte de sálvia foi trazido pela brisa, e, quando o vento mudou de direção, conseguiram ouvir os uivos dos coiotes ao longe. O deserto abaixo estava começando a mudar de cor; aquele seria mais um estupendo pôr do sol. Danny e a garota recostaram-se contra o capô quente enquanto bebiam a cerveja e comentavam como estava difícil ganhar a vida naqueles dias. Ela tinha vinte anos e começava a se desiludir. Ele lhe contou que estivera aqui e acolá, havia feito isso e aquilo e tido um pouco de sorte em alguns investimentos, o que o possibilitou adquirir aquele carro.

O sexo começou de maneira casual, com um beijo desajeitado entre dois desconhecidos que não sabiam nada um do outro. Mas depois que o calor acendeu-se, começaram a trabalhar juntos, os dois experientes naquilo que estavam aprontando. Danny abaixou o corpete da garota e despejou cerveja sobre os seios para depois lambê-los. Ela deu uma risadinha e remexeu-se, enfiando a mão dentro das calças dele. Danny foi bem rápido depois disso, pois tinha pressa. Beverly estava em algum lugar naquele vale, e ele tinha de encontrá-la. Aquele pequeno desvio fazia-se necessário, porém. A garota acabaria percebendo quem ele era e contaria por aí. De nada serviria a ele que as pessoas começassem a desconfiar que, no fim das contas, Danny Mackay estava vivo.

Quando ele terminou, deixando-a resfolegante sobre o capô do Jaguar, com as anáguas viradas para o céu, Danny abriu a porta do passageiro e pegou uma

coisa do porta-luvas.

– Uau! – disse ela sem fôlego, pondo-se de pé e procurando pela calcinha. – Isso foi incrível!

Ela estava de costas enquanto procurava nas moitas de sálvia e na areia.

– Eu bem que gostaria de me lembrar quem você me... – Lembrei! – ela estalou os dedos. – Você é igualzinho ao meu primo Al de Oklahoma – ia dizendo quando se virou e sentiu uma dor aguda no rim.

Ela olhou para a adaga cravada na cintura marcada do uniforme. Depois Danny a puxou para fora; ela deu um grito e caiu no chão.

Enquanto limpava a faca na saia dela, Danny disse:

– Puxa vida, quem diria? Aqui estava eu pensando que você me delataria e você só estava pensando no primo Al. Isso só serve para lembrar que até eu cometo erros de vez em quando! – continuou ele ao se por atrás do volante.

Ele dirigiu na direção do pôr do sol, com os pneus traseiros levantando poeira e pedriscos sobre o corpo dela.

40

– ZOEY LARSON ESTÁ conosco há mais de dois anos, doutora Isaacs – disse Simon Jung. – Na verdade, foi ela quem montou a clínica. A senhorita Larson veio com forte recomendação de um cirurgião plástico em Santa Mônica. Ela o ajudou a montar a clínica e foi sua enfermeira auxiliar por seis anos.

– Não estou duvidando das habilidades técnicas dela, senhor Jung – disse Judith. – Mas sim da ética dela. Eu simplesmente não confio nela.

Estavam sentados na sala do senhor Smith. A noite caiu, lançando sombras escuras nos cantos não iluminados pelas lâmpadas, e um serviço de chá de prata aguardava esfriando na mesa de centro. Até ali, o senhor Smith não tinha se pronunciado.

– A senhora não tem provas de que ela tenha entregado a história aos tabloides – continuou o senhor Jung. A despeito da tensão no ar, e da raiva evidente de Judith, o gerente geral do Star's permanecia imperturbável e gentil. A reunião foi ideia dele; foi ele quem tinha ido à suíte do senhor Smith como um embaixador chegando para informar o Rei Fahd que a Arábia Saudita receberia todos os jatos de que necessitava. Ele se apresentou muito bem vestido, como de costume, com seu sotaque suíço refinado e garantias suaves para a doutora Isaacs e o senhor Smith de que a situação do artigo no tabloide estava sendo averiguada. Mas até onde Judith podia ver, Jung não trazia nada além de belas palavras, bem ensaiadas de diplomacia.

– Não, não tenho provas – disse ela. – Mas sei que foi ela quem fez!

– Doutora Issacs, a senhorita Burgess e eu estamos perturbados com esse incidente e ansiosos para descobrir o que aconteceu, porém já conversei com a senhorita Larson e ela insiste em dizer que não está envolvida nesse assunto. Se, por acaso, puder me fornecer algo mais substancial... – a voz dele interrompeu-se em um ponto de interrogação.

– Não tenho provas, é apenas um pressentimento que eu tenho – disse Judith,

aborrecida por suas palavras soarem tão insensatas. O que estaria por trás daquele olhar suíço inteligente? Estaria Jung pensando que estava lidando com duas mulheres briguentas, que aquela era apenas uma briguinha para mostrar quem mandava mais entre uma médica poderosa e sua enfermeira ressentida? Olhou para Smith, que estava sentado na terceira poltrona que formava o conjunto diante da lareira. Ele estava vestido para a ocasião com calças e suéter e um lenço de seda marrom no pescoço. Judith concluiu que aquela era uma tremenda transformação desde os dias de pijama; ele já não se parecia mais com um paciente, um homem que se submeteu há pouco tempo a uma cirurgia e que esteve confinado à cama, mas um homem de poder e dinheiro, um homem absolutamente no controle. Ficou perguntando-se o que *ele* pensava das suas acusações.

– Senhor Jung, quando me ocorreu que o tabloide deve ter recebido a história *antes* que a operação fosse realizada, visto que a edição foi impressa dois dias antes de o senhor Smith chegar aqui, verifiquei no cadastro da clínica e vi que o doutor Newton havia agendado a cirurgia há mais de um mês – disse ela. – Zoey já sabia há quatro semanas que ela seria realizada.

– Bem como a equipe do doutor Newton. E também como a sua equipe – disse ele para o senhor Smith.

Smith não respondeu.

– Doutora Isaacs – disse o senhor Jung. – A senhorita Burgess quer ser justa nesta questão. Nós compreendemos a sua preocupação, mas, ao mesmo tempo...

– Não querem despedir Zoey baseando-se apenas na minha palavra.

– Afinal, o doutor Mitgang jamais teve reclamação alguma, e nenhuma outra história como essa vazou antes. No entanto, fique segura de que se houve envolvimento de algum funcionário do Star’s, nós assumiremos total responsabilidade. Mas até então, não temos provas concretas do envolvimento da senhorita Larson.

– Investiguem-na, então! Descubram se ela teve algum depósito grande na conta bancária. Ou...

– Doutora Isaacs – disse Jung tranquilamente, consultando as horas de modo muito sutil. Ele se esticou para ajeitar uma almofada, estendendo o pulso o bastante para que o punho da camisa muito bem engomada permitisse uma espiada no relógio. O gesto foi feito muito sutilmente, com a habilidade perfeita de um homem que conhecia muito bem o valor do seu tempo. – Posso lhe sugerir que a senhora está se mostrando envolvida muito pessoalmente nessa questão?

– Minha preocupação não é pessoal, senhor Jung, é profissional – disse ela

com exasperação. – Os direitos de um dos meus pacientes foram violados, e isso me deixa extremamente envolvida. Estou furiosa com o ocorrido e acredito que a minha enfermeira esteja envolvida. O fato é simples assim.

Quando o senhor Jung começou a responder, Smith disse repentinamente:

– Isto não nos levará a lugar algum. Sugiro que esperemos para ver o que o meu advogado descobre. Ele viajou para Chicago hoje cedo para se encontrar com os advogados do tabloide. Talvez eles cooperem e nos forneçam a fonte dessa história. Até lá, discutir não resolverá nada.

Jung levantou-se com suavidade e elegância, como se tivesse sido ele quem terminara a conversa.

– Concordo plenamente – disse. – Isto é, se a doutora Isaacs não tiver nenhuma objeção. Nesse meio tempo, a senhorita Burgess e eu ficaríamos honrados se vocês dois jantassem conosco esta noite.

Smith fez um gesto de dispensa com a mão.

– Não estou apto a ter companhia ainda, mas, por favor, agradeça a senhorita Burgess por mim. Judith?

Ela também recusou a oferta.

Depois que o gerente geral retirou-se, Judith aproximou-se de Smith, fitando-o com preocupação.

– Está se sentindo bem? Posso fazer alguma coisa?

– Tire esse jaleco estéril e jante comigo. Como uma amiga e não como minha médica.

– Pensei que não quisesse companhia.

– Você não é companhia, Judith. É puro deleite.

Ela se virou, sentindo o coração fazer seu galope costumeiro de quando estava próxima dele.

– Eu adoraria jantar com você. Deixe-me ver primeiro se alguém precisa de mim.

Ao discar o número da clínica, Judith sentiu a exasperação crescer. Estaria Simon Jung certo ao sugerir que ela estava precipitando-se em suas conclusões? Seus sentimentos pelo senhor Smith estariam obscurecendo seu julgamento? Afinal, só porque a mulher era mal-humorada e tinha hábitos desagradáveis não significava que fosse desonesta.

Mas assim que Zoey respondeu “Clínica” e Judith ouviu o barulho de goma de mascar, suas dúvidas sumiram. *Só podia* ter sido Zoey. Uma enfermeira descuidada com os instrumentos estéreis e que distribuía medicamentos para quem

os pedisse não estaria aquém de vender informações confidenciais de um paciente se o preço fosse bom.

– Aqui é a doutora Isaacs. Alguém perguntou por mim?

– Não, mas você recebeu um *daqueles* telefonemas, doutora. Nenhum recado, como sempre.

Pensando ter detectado uma ponta de maldade na voz da enfermeira, Judith disse:

– Obrigada. Estarei com o senhor Smith, caso alguém precise de mim.

– É mesmo? Com o senhor Smith?

Judith desligou, tremendo de raiva. Aquela situação era intolerável. Zoey tinha de ir embora.

– Estou tão furiosa – disse ela. – Toda vez que vejo aquela matéria horrorosa, sinto vontade de gritar.

– Sabe, Judith, começo a acreditar que esteja matando dragões por minha causa. Veja se essa não é uma reviravolta de papéis. Uma dama vindo ao *meu* resgate.

– Por que eles não o deixaram em paz? Que interessa a eles se alguém se submete a alguma cirurgia?

– Há um paradoxo nesta situação que poderá alegrá-la – disse ele, apontando para uma pilha de cartas ao lado da cama. – Cartas de homens me perguntando sobre o procedimento que fiz, quais os seus resultados, quem era o cirurgião e quanto custou. Em outras palavras, doutora, tornei-me uma espécie de porta-voz da lipoaspiração abdominal nos homens! – riu com descrença. – Por ser forçado a me expor, por assim dizer, abri o caminho para que outros falem sobre isso e que admitam que gostariam de fazer a mesma cirurgia. Eles acreditam que se um homem conhecido pela sua boa força física, como eu, considera aceitável recorrer à cirurgia estética para corrigir certas imperfeições, então está tudo bem para os homens comuns também. Desse modo, o artigo do tabloide promoveu algo de bom.

– Sabe o que eu acho? Que você está tentando me alegrar.

Fitaram-se através do quarto.

– Chamarei o serviço de quarto e pedirei o jantar para nós dois – disse ele.

Quando tirou o avental branco e o dobrou sobre uma cadeira, Judith experimentou a curiosa sensação de se sentir nua, mesmo vestindo blusa e calça. Era a retirada da sua camada protetora, do seu escudo profissional contra uma intimidade com o senhor Smith. Agora estava vulnerável; não era uma médica, era

uma mulher, uma mulher que já havia amado e perdido duas pessoas na vida e que não suportaria perder uma terceira.

– Para onde irá depois que receber alta? – perguntou, indo para a janela para observar a noite cair sobre o deserto mais embaixo. Ao ver as luzes de Palm Springs e de Cathedral City começarem a brilhar, ficou imaginando quantos casos amorosos estavam sendo consumados naquele exato instante, quantos encontros ilícitos aconteciam, que paixões poderosas estavam ganhando vida conforme o sol se punha.

– Para a minha casa na Flórida, para concluir a minha recuperação – respondeu ele. – Devo começar a gravar um filme dentro de alguns meses em Roma. Depois disso, quem sabe? Talvez eu leve em consideração aquela série televisiva sobre a qual lhe falei.

Uma casa na Flórida... Gravação em Roma... Era uma vida que lhe era difícil sequer imaginar.

– Vai ao baile amanhã à noite? – perguntou ela.

Ele foi até o bar e serviu dois copos de conhaque. Entregando-lhe um, disse:

– Depende.

– De quê?

– De eu conseguir uma dama que me acompanhe.

– Posso lhe fazer uma pergunta? – disse ela, olhando para o copo de conhaque nas mãos, vendo que o líquido tremulava. – Preciso saber. Acredita em mim ou em Zoey?

Ele apoiou as mãos nos ombros dela, virou-a de frente e a fitou diretamente nos olhos.

– Em você, claro. Duvidou disso? Primeiro, porque você tem muita certeza do que diz. Mas também porque sei que a minha equipe não deixou a história vazar e acredito na integridade do doutor Newton e nas pessoas do consultório dele. Afinal, tratar de celebridades secretamente é o sustento deles; eles perderiam muito com uma transgressão tola. Mas depois do que você me contou sobre essa sua enfermeira...

– Ela não é minha – replicou Judith, mal conseguindo respirar por causa da proximidade dele.

– Engraçado essa tal de primeira impressão. Eu a conheci na manhã em que cheguei. A senhorita Larson acomodou-me neste quarto. E lembro-me de ter pensando que estava feliz pelo doutor Newton estar trazendo a própria enfermeira para a operação. Isso não é interessante? Não sei o que a senhorita Larson tinha

que não me deixaria contente caso ela tivesse acompanhado a cirurgia.

Seus olhos encontraram-se por um instante, e ela sentiu o calor das mãos dele atravessar a sua blusa. Quando ele começava a inclinar a cabeça para baixo na direção dela, eles foram interrompidos por uma batida suave à porta. Smith a soltou com relutância e foi atender.

Um garçom entrou empurrando um carrinho coberto com uma toalha branca, com um vaso com um narciso branco e uma garrafa de champanhe Cristal em um balde gelo.

– Do que se trata? – perguntou Smith. E leu o cartão que acompanhava o carrinho: "Com os cumprimentos de Simon Jung". – O que me diz, Judith? – perguntou ele ao se aproximar dela à janela depois que o garçom retirou-se. – Devemos aceitar a oferta de paz dele?

– Eu pareço mais aborrecida com esse incidente do que você.

– Pode ser – disse ele, aproximando-se da janela e assim os ombros tocaram-se enquanto eles observavam a noite entre os pinheiros. – Tenho muito mais anos de experiência com a imprensa; aprendi a receber notícias sensacionalistas com mais presença de espírito. Ou talvez eu esteja tão aborrecido quanto você, apenas o demonstre de maneira diversa – virou-se para observá-la e ficou enfeitiçado por uma pequena pinta atrás do lóbulo esquerdo dela. – A sua abordagem é mais direta. Você extravasa o seu descontentamento enquanto eu, silenciosamente, contrato um advogado.

Ela o fitou e perguntou-se como aqueles intensos olhos azuis jamais atravessaram a tela. Ele era carismático nos filmes, mas na vida *real*...

Afastou-se da janela e disse:

– Eu teria uma úlcera se não desse vazão ao que penso.

Então, o jantar foi servido quando dois garçons entraram sorrindo e murmurando:

– Boa noite, *madame, monsieur*.

Enquanto um arrumava a mesa e servia, o outro percorria a suíte, acendendo luzes e puxando as cortinas, acendendo a lareira com as toras diariamente reabastecidas no pequeno porta-lenhas de bronze.

Depois que saíram, Smith serviu o champanhe e puxou a cadeira para que Judith se sentasse, dizendo:

– *Madame*.

Comeram ante o calor confortável da lareira, o cristal, a prata e a porcelana imaculada reluzindo, com Smith aceitando a elegância e a comida requintada com

naturalidade, enquanto Judith, que sempre havia considerado um simples filé mignon o ápice da boa cozinha, maravilhava-se com o banquete que ele pedira: peixe-espada grelhado com manteiga e hortelã, salada de *radicchio* salpicada com queijo de cabra, pães fatiados muito finos grelhados com ervas, manteiga e queijo parmesão até ficarem crocantes; e sopa fria de morangos em tigelas de prata.

Sem saber por onde começar, seguiu a deixa de Smith pegando um pouquinho de caviar e espalhando na ponta de uma das torradas. Aquela era apenas a segunda vez que ela experimentava caviar, e ainda não tinha certeza se apreciava.

– Sabe, Judith, a primeira vez em que fui apresentado ao melhor caviar Beluga foi quando eu filmava *A princesa e os bárbaros* no Irã. O xá convidou a equipe inteira de filmagem para visitá-lo em seu palácio...

Judith ouvia fascinada. Ele falava de um mundo e de uma época aos quais ela não pertencia; na verdade, ela não era nem nascida quando *A princesa e os bárbaros* tinha sido filmado.

– Por que usa seu cabelo assim? – perguntou Smith subitamente, interrompendo-se.

Ela se surpreendeu. Trançava o cabelo desde os tempos da faculdade. Ninguém jamais comentou isso, nem mesmo Mort.

– Eu só estava imaginando como ele ficaria solto – ele gesticulou com a mão de um modo sedutor.

Ela se flagrou pensando no palácio do xá e no caviar Beluga e em todos os casos glamourosos que Smith teve pelo mundo, com condessas e estrelas de cinema e socialites abastadas. Certa vez, ele chegou perto de se casar, ela agora se lembrava, com uma herdeira considerada a mulher mais rica do país. Como ela, Judith, uma clínica geral de Green Pines, poderia competir com isso?

E subitamente ela percebeu que queria competir, queria ser a única mulher na vida dele, a única que ele permitiu ver a sua vulnerabilidade.

Ela olhou por cima da mesa e viu algo dançar no olhar dele, um desafio ao romance, à aventura.

De pronto, ficou muito excitada.

– Judith – ele disse.

Mas o telefone tocou.

Era para ela, uma emergência médica.

– Lamento muito – disse ela, desligando e pegando o jaleco. – Tenho de ir. Ocorreu um ferimento na ginástica.

Ele a deteve à porta.
– Você vai voltar?
Ela o fitou nos olhos e sorriu.
– Sim, se não for muito tarde. Eu vou voltar.

41

DANNY DEIXOU SEU JAGUAR com um manobrista do estacionamento do hotel e entrou no saguão exótico do Marriott. Ele tentara outros catorze hotéis desde que tivera de matar a garçonetezinha que o achou parecido com o primo Al. Sua urgência vinha crescendo.

Onde, naquele maldito deserto, estaria a cadela?

Ele se aproximou da recepção, mostrou a credencial de imprensa e disse:

– Olá. Tenho uma reunião marcada com Philippa Roberts. Pode, por favor, avisá-la de que cheguei? – Danny descobriu que aquela abordagem produzia resultados mais rápidos do que simplesmente perguntar se ela estava hospedada. Não faça perguntas; aja como se soubesse que ela está lá.

– Um minuto, por favor.

Ele ficou lá, tenso, tamborilando os dedos enquanto dois papagaios em um poleiro perto de um laguinho tentavam gritar um mais que o outro.

Por fim a moça voltou e disse:

– Pode atender a ligação naquele telefone ali.

Ele a encarou.

Bingo.

Foi até o telefone branco e disse:

– Senhorita Roberts?

E viu-se falando com um rapaz de sotaque australiano. Sem dúvida o jovem que ele tinha visto com Philippa. Danny perguntou-se se aquele era um dos homens que trabalharam no bordel, no Butterfly, pelo qual ele, Danny, fora preso, humilhado e destruído.

– Posso saber de que trata? – o moço perguntou. – Lamento, mas a senhorita Roberts não está ciente de compromisso algum com o senhor.

Danny passou para o charme costumeiro que normalmente lhe abria as portas.

–É que... Bem, essa foi apenas uma tática. Entenda, sou jornalista e gostaria

imensamente de entrevistar a senhorita Roberts a respeito de um artigo que estou escrevendo. Será que ela não teria alguns minutos para me dispender?

– Sinto muito, a senhorita Roberts está ocupada.

– E que tal amanhã?

– Lamento, terá de marcar uma entrevista por meio do escritório dela em Los Angeles.

– Bem, tenho um prazo a cumprir. Não vai demorar muito, prometo.

– Sinto muito – disse o australiano antes de desligar.

O que você merece não vai demorar, seu cretino, Danny pensou ao desligar. E refletiu em como agir em seguida.

Provavelmente não seria muito difícil descobrir o quarto em que estava hospedada, mas e depois? Apenas marcharia até lá e faria a maior surpresa da vida dela? Mas isso eliminaria boa parte do prazer da coisa. Além disso, a abordagem forçada era para idiotas; Danny Mackay tinha estilo, classe. Quando finalmente pegasse Beverly, ele o faria com certo traquejo, demorar-se-ia, saborearia.

Voltando para a entrada, onde jovens em camisas brancas e bermudas ajudavam hóspedes com a bagagem, Danny parou e estreitou o olhar na noite de dezembro. Pensava em qual seria seu movimento seguinte quando notou uma limusine branca estacionada na vaga temporária de visitante, adjacente à garagem subterrânea. Um homem com uniforme de motorista estava parado ao lado, com as mãos no quadril, observando o estrago na pintura.

Era o carro dela.

Danny movimentou-se de lado e disse:

– Olá. Parece que você foi pego pela mesma tempestade de areia que eu. Quase arrancou a minha pintura.

– Pois é – disse o motorista, coçando a cabeça. – O deserto pega pesado com os carros. Detesto dirigi-la dessa forma. Pega mal para a imagem da empresa.

– Empresa?

– Starlite – disse o homem, apontando para a placa com as letras STRLT2

Danny apanhou um maço de cigarros e ofereceu um.

– Obrigado – agradeceu o motorista, acendendo um deles com o isqueiro de ouro de Danny. – Eu gostaria de voltar assim que possível para L.A. Ela está horrível, não está? Detesto mesmo dirigi-la assim.

– Então porque não a leva logo para Los Angeles?

– Não posso. A minha patroa precisa do carro amanhã – ele olhou para Danny através da fumaça do cigarro. – Por acaso não conhece nenhuma oficina por aqui?

Vou ficar parado em Palm Springs por uns dias.

– Pensei que tivesse dito que sua patroa precisaria do carro.

O homem passou a mão sobre a pintura arruinada, como se aquilo doesse nele.

– Só amanhã. Ela vai estar no Star’s por alguns dias. Isso me dará tempo para consertar o carro.

Star’s? Por que o nome lhe parecia familiar?

– Desculpe, mas não conheço bem a região – disse Danny. – Boa sorte, de toda forma.

Entrando rapidamente no carro, desceu a rua e passou por trás do Clube de Campo, indo até uma parte da estrada em que o deserto erguia-se em dunas claras poucos metros depois de um gramado verdejante. Estacionou e verificou a carteira de Quinn, encontrando entre as notas, um bilhete que Quinn escreveu para si: “Reserva do quarto, teleférico da manhã”. E a data do dia seguinte.

Danny não conseguia acreditar em sua sorte. Então o pobre Otis planejara ir até o Star’s, não é? E ela também estaria lá. Que coincidência.

Não, concluiu Danny. Nenhuma coincidência ali. Quinn devia ter descoberto que ela estaria lá; talvez tivesse decidido confrontá-la no Star’s e surpreendê-la com o que sabia.

Ora, talvez Quinn não conseguisse surpreendê-la no fim das contas. Mas Beverly seria surpreendida mesmo assim.

DIA: CINCO

42

A PISTOLA PARECIA PESAR mais ali em cima nas montanhas cheias de neve do que no deserto logo abaixo. Bem enfiada no bolso do casaco, a arma parecia chamar o frio ártico para si e se endurecer ainda mais e, se fosse possível, transformando-se em gelo. Ao abrir caminho em meio à neve, com o colarinho erguido para esconder o rosto, ele se perguntou brevemente se, retirando a luva e tocando a arma com a mão nua, a pele se grudaria como cola.

Quando viu alguém mais à frente entre os pinheiros, parou e observou. Era apenas um dos funcionários do resort, um daqueles rapazes geralmente jovens e musculosos, tirando a neve do caminho que se entremeava pela floresta.

O homem com a pistola aguardou. Olhou ao redor, na esperança de avistar seu contato no local marcado. Estava ansioso por sair do frio e voltar para a sua choupana aquecida. Talvez chamar o serviço de quarto e pedir um daqueles maravilhosos desjejuns pelos quais o Star's era tão famoso.

Por fim, o camarada, que vestia um sobretudo azul-marinho com o logo de estrela de prata bordado, apanhou as ferramentas e seguiu adiante. Um momento depois, outra figura surgiu por entre os pinheiros, tão encapotada que somente os olhos estavam expostos; e mesmo esses estavam escondidos por trás das lentes reflexivas de aviador.

Os dois caminharam em silêncio até chegarem à plataforma de observação, de onde podiam ver o sol da manhã irromper sobre o deserto 2400 metros abaixo.

– A temperatura estava na casa dos 20 °C lá embaixo hoje – o primeiro disse ao enfiar a mão no bolso e sentir a arma fria. Ele acreditou que ela pudesse gelar sua mão mesmo através da luva. – Aqui em cima deve estar abaixo de 0°C.

O companheiro ficou calado por um instante. Mas depois disse:

– Tem certeza de que Philippa chega hoje?

– Verifiquei novamente minhas fontes. Ela está programada para chegar no

teleférico da manhã.

– Conseguiu a arma conforme as minhas instruções?

– Sim.

– Sabe usá-la?

– Sim... Claro que sim.

– Estou contando com você. Não temos muito tempo.

Separaram-se na plataforma e seguiram caminhos opostos. Depois de um tempo, uma leve nevasca cobriu seus rastros, como se eles jamais tivessem estado ali.

43

Londres, Inglaterra, 1985

"MINHA QUERIDA ESTHER, ESTÁ frio e chovendo aqui em Londres, e sinto muito a sua falta", Philippa escreveu. "Bem que eu gostaria de ter cedido e trazido você, mas não queria que você perdesse um mês inteiro de aulas, apesar de o senhor Berringer dizer o quanto você está se saindo bem no primeiro ano do ensino médio. Prometo que estarei em casa para o nosso aniversário...".

Não havia sido encontrado nenhum registro a respeito da órfã vietnamita que recebeu o nome de Esther pelo médico americano que a trouxera do Vietnã. Sem saber qual era sua data de nascimento, Philippa disse à criança que ela poderia escolher o dia do seu aniversário, e Esther escolheu o de Philippa. Todos os anos comemoravam juntas, e neste ano a mãe completaria 47 e a filha 15.

Philippa estava na sala de estar de sua suíte no Hilton, que tinha uma vista do Hyde Park, e escrevia cartas, ouvindo a chuva bater na janela.

"A propósito, Esther, tio Paul está vindo para a Inglaterra para me visitar", prosseguiu ela. "Embora se fizesse de misterioso ao telefone, já sei o que ele pretende me contar: que decidiu concorrer à presidência. Ele tem sido um provável candidato há muito tempo e é muito popular entre as pessoas. O que acha disso, Esther, ter um tio na Casa Branca?".

Claro que Esther sabia que Paul Marquette não era seu tio de verdade, mas apenas um bom amigo da mãe que aparecia de vez em quando na vida delas. Ele chegaria à casa delas no carro preto com o motorista gigante que nunca falava, trazendo um presente para Esther e depois levando sua mãe sem ao menos tirar o casaco ou se sentar para tomar um drinque antes, que era o que os outros amigos da mãe faziam.

Certa manhã, depois de uma das visitas de Paul, Esther a surpreendera perguntando repentinamente:

– Está apaixonada pelo tio Paul? – a menina tinha acabado de completar catorze anos, era uma beldade asiática florescente, muito popular na escola e que, recentemente, com uma vingança adolescente, descobrira os garotos.

– O tio Paul e eu somos velhos amigos – Philippa disse. – Nós nos conhecemos há muito tempo.

Um olhar cético fez-se perceber naqueles olhos amendoados, e as bochechas redondas de Esther dobraram-se em covinhas zombeteiras.

– Eu o acho muito bonito – disse Esther. – E você também acha. Sei pelo jeito como olha para ele.

Philippa parou para observar a chuva do outro lado da janela e refletiu mais uma vez sobre a guinada em sua vida desde a chegada de Esther. Os primeiros dias foram muito difíceis, como Philippa tinha previsto, por causa da barreira da língua e dos horrores que a menina havia testemunhado. Esther acordava à noite, gritando em seus pesadelos. Olhava incerta para a comida americana que era servida; não confiava em ninguém e se retraía dos toques de Philippa. Nos primeiros meses, Philippa entrava na ponta dos pés no quarto de Esther e maravilhava-se com o montinho formado na cama pela menina que se enrolava toda como um camarãozinho, a testa úmida, molhando a franja. Philippa passava a noite ao lado dela, do mesmo modo como Johnny fizera algumas vezes com ela, e ela se sentia pasma ante a imensa onda de amor que sentia pela menina.

Olhando para o relógio que colocara na mesa, assustou-se ao ver o adiantado das horas. Paul disse que chegaria às oito, dali a uma hora, portanto. Deixando a carta para mais tarde, foi para o quarto para se arrumar. Jantariam no Café au Lait, a apenas um quarteirão do hotel, onde Philippa havia feito uma reserva.

Certamente, não houve sequer uma sugestão para que jantassem na suíte. As poucas vezes em que Paul visitava Philippa quando ela estava hospedada em hotéis, tal qual quando estivera em Washington para uma conferência sobre saúde e bem-estar, e no ano anterior, quando esteve em San Francisco para uma convenção de mulheres de negócios, ele nunca ia até o seu quarto; sempre se encontravam no saguão, saíam e depois Paul dava-lhe boa noite na porta do elevador. Enquanto jantavam, mantinham a atmosfera leve, amigável e superficial. Se a conversa ameaçasse seguir rumos perigosos, ou se um silêncio fosse alongado por tempo demais, apressavam-se para consertar a situação. Dez anos atrás, quando estiveram no corredor da casa dela e Paul quase a beijara, ele tinha feito uma promessa. E a manteve. Não ficaram sozinhos depois daquilo; protegiam-se com restaurantes cheios, limusines com motoristas, lugares muito bem iluminados;

nenhuma palavra a respeito de sentimentos e desejos jamais era pronunciada.

O telefone tocou com o duplo toque insistente e curioso dos telefones britânicos, e Philippa apressou-se para atendê-lo. *Que não seja Paul cancelando em cima da hora*, pensou.

Era Paul, mas ele não estava cancelando.

– Estou aqui na recepção. Posso subir?

Philippa assustou-se. Ele estava uma hora adiantado. E nunca antes havia subido até o seu quarto.

Como ela hesitou, ele se apressou a dizer:

– É importante, Philippa. Prometo ser a imagem do recato. Cinco minutos, é tudo o que peço. Tenho algo a lhe contar e não posso me arriscar que alguém ouça. E depois sairemos para jantar. Ok?

– Claro, pode subir, Paul – disse ela.

Philippa apressou-se para o quarto com o coração acelerado. Ela sabia que só podia ser a respeito da campanha presidencial. Notícias dessa magnitude não podiam ser anunciadas publicamente. Ainda não.

Quando ouviu a batida à porta, ela levou a mão ao peito para acalmar o coração descompassado, respirou fundo e abriu a porta.

– Paul, mas que surpr...

Ele a pegou nos braços e a beijou avidamente.

– Eu te amo, Philippa – disse ele, apertando-a com tanta força que ela arquejou. – Meu Deus, como eu te amo.

Quinze anos de reservas cautelosas e de desejo sexual represado explodiram naquele momento quando deixaram-se cair sobre o carpete, as bocas encontrando-se, as línguas quentes e exploradoras. Philippa não percebia o carpete grosso debaixo dela quando Paul a abraçou. Os beijos dele pareciam queimar; a boca jamais abandonou a sua ao mover-se deste ou daquele modo, as mãos enroscadas em seu cabelo, prendendo a sua cabeça ao mesmo tempo em que o corpo a aprisionava no chão. As roupas foram parcialmente descartadas, com rapidez, os botões voando, o zíper sendo abaixado apressadamente, a calcinha quase sendo rasgada. E logo ele estava dentro dela; Philippa travou as pernas ao redor das nádegas dele para trazê-lo mais para perto, mais fundo, mais íntimo. E tracejou e apertou com os dedos os músculos rígidos por baixo da camisa.

Subitamente, no meio de uma investida, ele parou e a fitou; passou os dedos pelos seus cabelos, espalhando uma cascata de fios castanhos avermelhados ao redor da cabeça dela. Beijando-a novamente, com mais carinho, ele procurou os

seios em uma exploração mais gentil e atenciosa.

– Meu Deus, você é linda – sussurrou.

Sentou-se sobre os calcanhares e a puxou para cima. Beijaram-se longamente, depois ele se moveu de lado e, suspendendo-a nos braços, carregou-a para a cama. Deitou-a, separando-lhe as pernas e se ajoelhando entre elas. Por fim, tirando a camisa e a gravata que estava torta sobre o peito, ele se esticou sobre ela novamente, mas desta vez com languidez, movendo o corpo sobre o dela, alinhando-os ao beijá-la na boca, no pescoço, nos seios.

Uma rajada de vento fez a chuva açoitar a janela. Ela sentiu Paul penetrá-la mais uma vez, devagar desta vez, de modo que ela sentia cada centímetro seu. Quando estava fundo e começou em um ritmo gentil, e depois ao começarem a se mover juntos, ele pressionou as mãos dela acima da cabeça, afundando-a no travesseiro, e a fitou profundamente nos olhos...

* * *

Estavam deitados na cama, quentes e suados entre os lençóis revirados, tornando-se íntimos com os corpos que desejavam há tanto tempo. Por fim, Philippa riu e ergueu-se.

– Estou com fome!

Alcançou o telefone, discou para o serviço de quarto, e quando pediu que trouxessem uma bandeja de queijos e frutas, biscoitos de água e sal e Perrier, Paul arrancou o telefone da sua mão e disse:

– Cancele tudo isso. Queremos bifes *T-bone* bem grossos e mal passados. Ovos fritos moles e batatas fritas. E uma garrafa de Glenlivet.

Ele lhe lançou um olhar travesso.

– Depois queimamos as calorias... Então, a sua viagem tem sido bem-sucedida?

– Até aqui, tudo bem. Vou para Paris daqui a poucos dias, e de lá vou para Munique. A Starlite é popular entre as europeias, não tanto pelo interesse na dieta, mas pelos tratamentos de beleza. Você sabe, as saunas, os tratamentos faciais e as massagens.

Philippa percebeu que só ela falava. Não sabia muito bem o que tinha acabado de acontecer entre eles. Não houve pergunta, preâmbulo, *posso?*.. Ele se impôs, e ela aceitou. Como sempre soube que faria se ele um dia a tocasse. Mas ela queria saber: Por que agora? Por que hoje?

– No entanto, temos alguns problemas em casa – disse ela. – Hannah quer inaugurar uma nova linha chamada Tamanho Perfeito Internacional e contratou uma especialista chamada Ingrid Lind. Hannah está amando Ingrid, alegando que ela tem excelentes contatos internacionais e um bom olho para a moda e para os acessórios exóticos. Mas o problema é que Alan detestou Ingrid à primeira vista. É a primeira vez que vejo Hannah e Alan brigarem por causa de alguma coisa.

Philippa não mencionou a outra preocupação em sua mente. Hannah secretamente começou a visitar um cardiologista e estava tomando remédios. Ela descobriu por acaso ao ouvir sem querer uma conversa de Hannah com o médico pelo telefone.

– Ah! – exclamou Paul ao ouvir uma batida discreta à porta. – O jantar chegou.

Vestindo o roupão que o hotel deixava à disposição no banheiro para que os hóspedes usassem durante a estadia, ele foi para a sala e abriu a porta para um garçom sorridente que empurrava um carrinho.

Depois que a mesa foi posta e o garçom retirou-se, sentaram-se para comer.

– Espere – disse Paul. Inclinou-se sobre a mesa e abriu o roupão de Philippa, expondo-lhe os seios. – Assim está melhor – disse antes de pegar um pãozinho e passar manteiga nele.

Philippa levou o garfo e a faca para o bife, que ainda estava chiando e era completamente suculento. Ela viu Paul pelo canto do olho, reparou no modo como o roupão se entreabria toda vez que ele se movia para pegar alguma coisa, expondo os peitorais e o estômago liso.

Ele lhe lançou um amplo sorriso e levantou o copo.

– Bife e uísque! A refeição americana perfeita! – mas, quando ele foi beber, um pouco do Glenlivet derramou do copo e caiu em seu colo. – Uau! Está frio! – disse ele.

Quando ele foi pegar o guardanapo, Philippa o impediu, dizendo:

– Deixe que eu cuido disso – levantou-se da cadeira, deixando o roupão cair no chão.

Ajoelhou-se ao lado dele. Ele gemeu e afundou os dedos nos cabelos dela.

Esqueceram-se por completo dos bifes e das batatas.

Bem mais tarde, entrelaçados no sofá, Paul, espalmando um seio nu com a mão, disse:

– Philippa, tenho uma coisa para contar.

Sonolenta, Philippa murmurou:

– O quê? – a cabeça estava apoiada no ombro dele enquanto ela acariciava languidamente seu abdômen. Fizeram amor por tanto tempo que ela se sentia exausta e mais do que bem.

– Francine está me deixando.

Com isso, a mão de Philippa ficou imóvel. Como ela nada disse, ele prosseguiu:

– Não quer saber por quê?

– Ah, Paul, claro que quero... – ela se sentou.

– Decidi não concorrer à presidência. A política nunca me interessou, era na verdade o que Francine queria. A ambição era dela, e, por muito tempo, deixei que ela fosse ambiciosa por nós dois. Mas depois que o nosso filho morreu... O nosso relacionamento também morreu. Ela jamais disse nada, mas acredito que, secretamente, ela me culpe pela morte dele. Ele usava drogas, e estava fazendo terapia. Eu nunca estava por perto. Não sei. Mas ela e eu acabamos nos distanciando. Aos olhos do público, éramos o casal perfeito, mas na vida privada, tornamo-nos completos estranhos. Ela endureceu, e seu foco era a sua ambição: ver o marido na Casa Branca. Por isso, quando disse que não queria concorrer à presidência, ela providenciou os papéis do divórcio.

– Paul!

– Bem, o divórcio já está mais do que atrasado, e existem outros candidatos de que o público gosta. Dizem que o reverendo Danny Mackay vai concorrer. Ele é um pregador da televisão, adorado por milhões, e sei que o partido o apoiará. Mas e quanto a você, Philippa? E quanto a nós? Estarei livre agora.

De repente, Philippa não sabia o que dizer. Por quinze anos ela o desejou, sonhou com ele, imaginou como ele seria na cama. Mas jamais havia considerado a possibilidade de que seus sonhos pudessem se tornar realidade.

– O que você vai fazer? – perguntou ela, retardando a própria resposta. – Vai administrar a vinícola?

– Meu irmão pode administrá-la. Quero velejar, Philippa – disse ele, ficando animado. – Estou de olho em uma mansão no oeste da Austrália. Venha e fique comigo lá. Seja a minha esposa e passe o resto da sua vida comigo.

E, de pronto, Philippa entendeu que temia exatamente aquilo. Do momento em que ele entrou no quarto e a pegou nos braços, um alarme soou no fundo da sua mente avisando que algo a mais estava acontecendo naquela noite chuvosa, além de um simples encontro sexual que já estava destinado a acontecer. Ela se

levantou do sofá e vestiu o roupão.

– Não é tão fácil para mim, Paul – disse ela, afastando-se dele, de repente, muito ciente da sua nudez. – Tenho de pensar em Esther. Não posso simplesmente tirá-la da escola, separá-la de tudo o que ela conhece, dos amigos. E não posso abandonar a Starlite.

– Esther só tem quinze anos. Os adolescentes adaptam-se com facilidade. E você pode administrar a Starlite a partir da Austrália. De qualquer forma, estou determinado a fazê-la mudar de ideia – disse ele, alcançando-a.

Mas ela se afastou.

– Não é tão simples assim.

– É só você me amar. Você me ama?

Olhou para ele, para aquele homem maravilhoso com um lindo corpo que fez amor de maneira espetacular com ela.

– Claro que eu te amo, Paul.

– E eu amo você. É tudo o que importa.

E quando ele a abraçou novamente, ela soube que ele tinha razão: amavam-se e era isso o que importava.

– Sim, eu me caso com você – disse, beijando-o. – Mas preciso de um pouco de tempo para organizar as coisas.

– Claro, meu amor. Vou para a Austrália daqui a alguns dias. Esperarei por você lá. Nesse meio tempo, porém... – ele a suspendeu no colo e a levou de volta para a cama.

O céu parisiense estava cinzento e frio; pairava pesado sobre as pontas da catedral de Notre Dame e do Sena como se só as orações o impedissem de desabar sobre a cidade. Philippa, porém, estava aquecida atrás da vitrine de uma cafeteria, onde se deliciava em uma hora de descanso com croissant e café americano. Marcara um encontro com Ivan Hendricks ali, e estava à sua espera, repassando a correspondência.

Primeiro leu a carta de Esther (*Mark já era, mãe. Isso foi antes de eu conhecer Jason!*) e de Charmie (*A empresa de Nathan o está transferindo para Ohio*.). Deixou a carta de Paul para o final. Ela estava cheia de descrições vívidas da mansão em estilo grego que ele comprou na margem do rio Swan, e enviou uma foto sua ao leme de um iate de corrida de dezessete metros, com o sol e o vento batendo em sua cara, o brilho inconfundível da vitória no olhar.

Philippa levantou os olhos e viu uma figura conhecida atravessar a rua de

pedras, esquivando-se dos Citroens, cujos motoristas buzinavam impacientes. Em dezoito anos Ivan Hendricks não tinha mudado quase nada. Philippa entendia a atração de Charmie por ele. Ivan tinha um físico tentador – ela conseguia visualizá-lo diante de um porta-aviões, com binóculos pendurados no pescoço. Ivan tinha uma personalidade fácil e um senso de humor sutil, e seu trabalho de investigador era meticuloso. Assim como Charmie, Philippa muitas vezes perguntava-se a respeito da vida pessoal de Ivan.

– *Bonjour, madame* Roberts! – disse ele em um sotaque atroz, puxando a cadeira frágil que literalmente rangeu quando ele se sentou.

– Olá, Ivan – disse ela, feliz em vê-lo, mas triste ao mesmo tempo. Aquele seria o último relatório dele. A reunião familiar que imaginou que fosse acontecer em Albuquerque, dez anos atrás, jamais se concretizou. Os Dwyer, os pais verdadeiros de Philippa, pareciam se mudar como ciganos, o que dificultou o rastreamento deles. Há quatro anos, Ivan descobriu que a senhora Dwyer desapareceu depois que o marido foi morto, aparentemente por ela mesma, de acordo com as autoridades. Existia uma criança desaparecida. Na época ela tinha catorze anos.

E agora Ivan dizia:

– Encontrei provas de que uma garota chamada Rachel Dwyer trabalhava em um estabelecimento em San Antonio, no Texas, no início dos anos 1950.

– Em um estabelecimento?

Ele pigarreou.

– Em um... hum... Bordel, senhorita Roberts. Um prostíbulo. Mas ela desapareceu e não consegui mais encontrar o seu rastro.

Antes de ir embora, Ivan ainda disse:

– Mas eu não vou desistir, senhorita Roberts. Vou aceitar outros clientes e expandir a minha agência, mas não vou dar o seu caso como encerrado. Quem sabe? Talvez um dia alguma coisa apareça do nada, algo que nos conduza até a sua irmã.

Philippa caminhou longamente depois daquilo, seguindo as ruas às vezes largas, às vezes estreitas de Paris, envolvida em seus pensamentos. Quando chegou à Tuileries, os jardins amplos e formais diante do Louvre, ela caminhou em meio às árvores sem folhas e às fontes desligadas por conta do inverno. Um único vendedor de sorvetes estava tão absorto lendo o *Le Figaro* que nem percebeu o som dos passos de Philippa nos pedriscos. Duas pessoas avançavam com a ajuda de bengalas, uma apoiando a outra, com casacos longos e boinas. Philippa não

saberia dizer se era um casal, dois homens ou duas mulheres. E uma garota em uniforme escolar com tranças longas estava ajoelhada em frente a uma criança que chorava, olhando para a mão enluvada e dizendo:

– *T'as bobo à la papatte?*

Philippa ficou olhando para as árvores nuas contra o céu plúmbeo, e sentiu uma pontada de desapontamento trespassá-la tal qual uma espada. Algo desapareceu por completo de sua vida. A esperança de encontrar a família, mesmo ela tendo sido sempre tão pequena, sumira. E o último relatório de Ivan foi muito triste e desesperador: o pai de Philippa assassinado pela mãe, sua irmã gêmea trabalhando em um prostíbulo no Texas. Teria sido esse também o seu destino se os Singleton não a tivessem adotado por mil dólares? Johnny propiciara-lhe uma vida boa, a melhor que podia oferecer. E Philippa foi protegida dentro de um convento, enquanto a irmã...

Agora, onde estaria a mulher que tinha a mesma idade de Philippa e que, sem dúvida, guardava forte semelhança com ela? Estaria viva ainda, ou teria encontrado um fim trágico?

Philippa por fim aceitou o fato de que provavelmente jamais saberia a verdade e de que, talvez, jamais estivesse em seu destino saber. Era chegada a hora de parar de procurar, de parar de lamentar pelo passado e olhar para o futuro.

Subitamente, ela viu a vida passar e percebeu que estava perdendo um tempo precioso. Apressando-se de volta ao hotel, disse para uma atônita secretária:

– Cancele Munique e Roma. Houve uma mudança nos planos! – Philippa pegou o telefone e pediu que a telefonista a ligasse com Perth, na Austrália. Mal podia esperar para ouvir a alegria de sua voz quando lhe dissesse que estava indo se juntar a ele naquele instante.

Mas bem quando estava para informar o número, parou. *Não*, pensou ao desligar. *Vou até lá em vez disso*.

Paul estava lá, velejando no seu iate, o *Philippa*, treinando para a corrida Sydney-Hobart.

Não vou contar que estou a caminho, pensou animada. *Só vou aparecer. E ele vai ficar muito surpreso*.

44

ENQUANTO O VAGÃO DO teleférico passou e sacolejou pela primeira torre de suporte, os passageiros riram nervosamente e tentaram não olhar para a frente, onde cabos de aparência frágil pendiam até o alto da montanha, balançando perigosamente por cima de barrancos e ravinas, parecendo prestes a raspar os declives de granito e as pontas curvas dos pinheiros. Os passageiros também evitavam olhar para trás, onde o deserto, plano e seguro, lentamente afastava-se deles. Em vez disso, cravavam os olhares uns nos outros enquanto conversavam e sorriam, muitos ainda segurando as taças de champanhe da sala de espera do teleférico, a grande maioria sentada, mas com alguns corajosos de pé, observando as paredes montanhosas aproximarem-se enquanto o vagão do teleférico subia lentamente pela ravina estreita.

Philippa estava sentada com seu casaco de lã e um suéter por baixo, mas sentia o frio gélido pela fresta entre a barra da calça de lã e o como das botas. Charmie estava sentada do lado oposto, segurando firme um copo de gim tônica e parecia achar o chão acarpetado imensamente interessante. Ricky era um dos que estava de pé, um dos que observava a montanha enorme com algo parecido com grandes expectativas. Ele usava uma roupa de esquiador azul-marinho, comprada no Marriott, e na opinião de Philippa, ele estava maravilhoso; ela tampouco deixou de perceber os olhares admiradores que ele recebia das outras passageiras.

No entanto, ela não notou que um dos passageiros a encarava; um homem com cabelo escuro, óculos de aro de tartaruga e uma barba rala. O joelho dele subia e descia como uma britadeira enquanto ele a observava. Se ela o tivesse notado, não teria como saber que ele, ao abaixar a mão para sentir algo dentro da bota, como que para se certificar de que alguma coisa estava lá, estava tocando a faca com que na noite anterior tirara a vida de uma jovem garçonete.

Ela estava perdida em pensamentos fixos a respeito de dois assuntos: Beverly Burgess e a reunião do dia seguinte. Por um lado, ela poderia estar indo para o

Star's para encontrar a irmã; por outro, para descobrir um traidor.

Uma lembrança de muitos anos antes lhe veio à mente: Johnny dançando na cozinha em seu smoking, dizendo para uma jovem Christine: "Amigos, boneca! Sempre se lembre de que são os amigos que contam na vida. A família, os parentes, tudo bem, mas não os escolhemos. Os amigos você pode escolher."

Com isso, ela se perguntava agora se Johnny não estaria referindo-se a ele mesmo, já que não era seu pai verdadeiro, de sangue, mas, na verdade, seu melhor amigo. Teria sido aquele o modo que ele tinha encontrado de prepará-la para a verdade que um dia ele mesmo lhe contaria – um dia que, no final, nunca chegou? Ela jamais saberia. Mas ao pensar agora no amor profundo que ela e Johnny sentiram um pelo outro, na confiança, no carinho e no respeito que marcaram o relacionamento deles, ela entendeu o que ele queria dizer sobre a amizade. E isso a confortou de certa forma; se Beverly Burgess não fosse a sua irmã no fim das contas, ela ainda teria os amigos, com quem se importava muito e a quem amava demais.

Charmie, Alan e Hannah, e agora Ricky; aquela era a sua família. Era neles que ela podia confiar e com quem poderia contar. *Obrigada, Deus,* pensou ela, *por Charmie e Hannah.*

Hannah escreveu: "Querida Philippa, escrevo esta carta porque não posso encará-la e contar pessoalmente o que fiz. Quando receber essa carta, o dinheiro desaparecido terá sido restituído à Starlite, as contas estarão equilibradas, e eu terei ido embora. Lamento não poder lhe dar uma explicação; acredite em mim, é mais fácil para todos se eu não o fizer. Também lamento informar que, para restituir o dinheiro perdido, tive de vender as minhas ações da Starlite que, como você sabe, totalizam quase 5%. Se, por causa disso, enfraqueci a sua luta contra o ataque da Miranda, eu lamento de verdade. Não havia uma alternativa para mim. Estimo a nossa amizade mais do que posso expressar e levarei comigo as lembranças dos dias que passamos juntas para sempre".

Assinou simplesmente com um "Hannah", dobrou a folha ao meio e colocou a carta em um envelope, que foi colocado ao lado da bolsa na cama. Ela enviaria a carta por mensageiro para Philippa no Star's depois que tivesse feita a troca das ações pelo dinheiro.

Hannah vestiu-se com cuidado extraordinário ao se aprontar para a reunião especial, que deveria acontecer ao meio-dia, na esquina noroeste entre a La Cienega e a Wilshire. Quando finalmente entrou em contato com ela, concordando

em pagar aquele preço pelas ações da Starlite, a pessoa do outro lado da linha especificou a hora e o local onde a troca se daria. Hannah não teve direito de opinar; estava nas mãos deles. Escolheu um terninho bege de linho com pesadas joias de cobre, depois escovou o cabelo castanho curto, passou um pouco de *blush* no rosto e um delineador nos olhos indígenas.

Ao descer, surpreendeu-se ao encontrar pessoas tropeçando na entrada com cadeiras, mesas e toldos. E aí se lembrou: a festa de Natal. Ela teria de ser cancelada.

– Haverá algumas mudanças em relação à festa – disse para a secretária pessoal, a senhorita Ralston. – Explico assim que voltar – percebendo que teria de contar à senhorita Ralston que os serviços dela não seriam mais necessários, Hannah começou a entender quantas vidas seriam afetadas pelo que ela estava para fazer.

Ao passar pela entrada, viu um furgão sem identificação parar. Um jovem de camiseta e jeans subiu os degraus carregando uma prancheta; ele era da Galeria Emerson e tinha uma entrega a fazer.

A escultura; a surpresa de Natal de Alan! Como pude esquecer?

– Traga para dentro, por favor – pediu, abrindo caminho. O caminhão do florista também acabava de chegar, e os homens estavam descarregando imensos buquês natalinos de cravos brancos e vermelhos para a festa. Hannah sentiu a ansiedade aumentar. Como faria para devolver tudo aquilo?

Quando o homem da galeria entrou com uma caixa grande, perguntou:

– Quer que eu abra? Ela é meio pesada.

Hannah retorceu as mãos. Estava ficando tarde; se não estivesse no lugar marcado na hora estipulada, o acordo seria cancelado.

– Está bem – concordou incerta, sentindo a alteração conhecida no ritmo do coração, um galope descompassado que a fez subir para pegar o remédio. Engoliu uma pílula a seco, depois guardou o frasco na bolsa. Quando voltou ao andar de baixo, a escultura já estava fora da embalagem.

– Uau – disse o entregador com um assovio. – Que coisa bonita.

A senhorita Raston, que vinha orientando a distribuição das flores e das mesas, aproximou-se e disse:

– Meu Deus, senhora Scadudo, que peça maravilhosa!

A *Fênix*, como era chamada, era uma escultura feita de resina de poliéster transparente, tendo nascido de uma águia escura feita de bronze. Tinha 35 centímetros de altura e custou 65 mil dólares a Hannah. Fazia meses que Alan

tentava comprar aquela peça.

– Onde devemos colocá-la? – perguntou a senhorita Ralston, sem conseguir despregar os olhos da escultura.

Hannah teve uma ideia súbita. Era previsto que Alan chegasse do Rio naquele dia e já que havia a possibilidade de ele ir direto para o escritório antes de voltar para casa, Hannah levaria a escultura para lá agora, como uma surpresa que ajudaria a mitigar as notícias ruins que ela lhe contaria depois. Hannah tinha esperanças de persuadir Alan a ir embora com ela – vender tudo o que tinham e começar de novo em algum outro lugar.

Ao guiar o Corvette azul elétrico pelo caminho sinuoso até o portão, ciente de que aquela seria uma das últimas vezes que faria aquela rota, Hannah teve de refrear as lágrimas a fim de enxergar por onde ia.

* * *

Alan marchou pelo departamento de arte lotado, onde os projetistas e as costureiras o cumprimentaram:

– Bem-vindo de volta, senhor Scadudo.

E entrou no escritório de Hannah.

– Onde está a minha esposa? – perguntou à secretária, de modo abrupto e irritado. Ele estava cansado, sofrendo os efeitos da viagem e do fuso horário, e teria apreciado se alguém tivesse recepcionado Gaspar Enriques e ele no aeroporto. Fora obrigado a pegar um táxi e, pessoalmente, cuidar da entrada de Enriques no Hotel Beverly Hills, onde o cavalheiro brasileiro imediatamente trocou de roupa e, vestindo uma sunga, foi para a piscina.

– Sinto muito, senhor Scadudo – disse a jovem. – Ela não veio hoje. Não sei onde...

Ele deu meia volta e saiu. A porta seguinte no corredor era a de Ingrid. Ele parou e aguçou os ouvidos ante a porta fechada, querendo saber se Hannah estava ali. Quando não ouviu som algum, bateu e entrou ao mesmo tempo.

Ingrid estava do lado oposto da sala, verificando rolos de tecido com um dos projetistas principais.

– Alan! – disse ela. – Mas que surpresa! Disseram que o seu voo só chegaria às nove da noite.

– É por isso que ninguém foi nos encontrar. Chegamos às nove *da manhã*.

Ele ignorou a pessoa que estava com Ingrid e, sem ser convidado, foi até o

bar, onde serviu-se de uma dose de conhaque, e perguntou:

– Viu a minha mulher?

– Ultimamente ou de forma geral?

– Não estou com humor para brincadeiras, Ingrid.

– E eu não estou com humor para levar patadas, senhor Scadudo.

Ele a fitou. Depois, olhando para o projetista, que não fez menção de sair, disse:

– Venha ao meu escritório, por favor, Ingrid. Preciso discutir algo com você.

Ela o seguiu, fechando a porta atrás de si.

– Pois não, senhor Scadudo? Por que quer falar comigo?

Ele a observou, aquela loira alta e arrogante que dizia “senhor Scadudo” com certo desdém.

– Não sei se gosto muito da sua atitude – disse ele.

Ela sorriu.

E depois se abraçaram com impetuosidade, quase derrubando um ao outro no chão.

– Ah, Deus... – disse ele, afagando-a entre as pernas até que Ingrid gritasse. – Como senti a sua falta.

Ela o mordeu no pescoço, na orelha, nos lábios. Abriu a camisa, rasgando-a nos botões. Tropeçaram pela sala, beijando-se, arfando, devorando-se. Ele a empurrou por sobre a mesa, lançando o conjunto de canetas e o retrato de Hannah no chão.

– Vamos! – exigiu ela. – Agora!

Hannah seguiu com o Corvette no trânsito pesado das festividades, tomando cuidado para não raspar a pintura cara do carro novamente – ela logo teria de vendê-lo. Parou no banco, e agora um envelope grosso e aterrorizante estava no assento ao seu lado. Consultou o relógio. Faltavam ainda 45 minutos para ter de estar no local combinado, que ficava a apenas duas quadras. Havia tempo para parar na Starlite e deixar a escultura no escritório de Alan.

Desejou que o presente suavizasse o golpe daquilo que tinha de dizer a ele: que ela sabia que ele desfalcara a companhia em quase 1 milhão de dólares e que ela vendera as ações para juntar fundos para repor essa quantia. Não faria críticas nem acusações, nem exigiria saber o que ele fizera com o dinheiro. Só planejava lhe contar como havia descoberto, que tinha suspeitado por um tempo, e que, juntando algumas coisas que ouviu durante conversas telefônicas e depois de fazer

certas investigações nas contas da empresa, reuniu todos os fatos. No que se referia a ela, o assunto estava encerrado; ela e Alan iriam embora dali, cortariam seus laços com a Starlite e tentariam estabelecer uma nova vida para eles. Ela o amava, e era só isso o que importava.

Mas não sem algum sacrifício. Hannah sabia que aquilo selaria o fim da sua amizade com Philippa, e possivelmente colocaria a Starlite em risco – será que aquelas ações dariam o controle para a Miranda? –, mas Hannah não permitiria que aquilo interferisse na sua determinação em salvar Alan. Depois que o montante fosse devolvido, ela tinha esperanças de que Philippa deixasse o assunto morrer, sem dar continuidade a um processo. Hannah contava com os anos que passaram juntos e com o fato de que Philippa não haveria de querer que os filhos de Hannah soubessem da verdade a respeito do pai.

Não importa o que acontecerá, Hannah pensou ao conduzir o Corvette para a sua vaga demarcada no estacionamento. *Alan e eu enfrentaremos e sobreviveremos, contanto que tenhamos um ao outro. A mansão, os carros, os escritórios corporativos no último andar – nada disso importa se não tivermos um ao outro. Será como no passado, quando o nosso amor era tudo de que precisávamos*.

– Muito bem! – disse Alan ao pegar uma camisa limpa da mala e vesti-la. Riu. – Olhe para estas marcas de dentes! Até parece que fui atacado por piranhas! O que Hannah vai pensar?

Ingrid recuperou a calcinha e a levantou. Estava rasgada e sem conserto.

– Diga a ela que foi nadar no rio Amazonas.

– Ela pode suspeitar quando vir as marcas.

– Ela não vai suspeitar de nada, a tolinha. Faz anos que ela não percebe o que temos feito; não vai ser agora que ela vai começar.

– Pobre Hannah – disse Alan, ao pegar o paletó e retirar algo do bolso. – Pobre e tola Hannah. Tão crente. E agora ela está toda preocupada tentando levantar fundos para devolver o dinheiro que tomamos. Ela acha que eu não sei.

– Como ela vai fazer?

Ele deu de ombros.

– Acho que ela vai vender as ações da Starlite. Ela vem passando bastante tempo perto do cofre do quarto. Se eu a conheço bem, ela vai ser tola o bastante para vendê-las para a Miranda – entregando o controle da empresa em uma bandeja de prata. Não que isso vá fazer alguma diferença para nós – disse ele com

um sorriso ao se aproximar de Ingrid por trás, abraçando-a. – Quando a merda bater no ventilador, você e eu estaremos bem longe levando uma vida boa em Singapura. Está tudo arranjado com o senhor Chang e o seu amigo banqueiro?

Ela levou a mão para trás, atiçando-o de brincadeira, e Alan ficou excitado de pronto.

– Cuidei de tudo. Até já tenho as passagens – disse, mordendo a orelha dele. – Partiremos hoje à noite para Singapura, na primeira classe, passagem só de ida. O que é isso? – perguntou quando viu o embrulho que ele segurava.

– Um presente. Para você.

– Para mim? Quanta generosidade a desse maroto! – quando abriu, e as pedras preciosas incrustadas no crucifixo de ouro reluziram sob a luz do teto, as pupilas dos seus olhos azuis arregalaram-se como as de um gato. – Alan! – arfou. – É lindo!

Ela ergueu o cabelo, e Alan tentou prender o colar para ela, explicando a sua história:

– Uma tal de princesa de sei lá das quantas o usou ao libertar os escravos do Brasil. Ai, merda – o fecho não estava funcionando; era antigo demais. – Não notei isso antes – explicou-se. – Vou levá-lo a um joalheiro para colocar um fecho novo.

Ela se virou e lhe deu um beijo demorado nos lábios, esfregando o corpo no dele.

– Não comprou nada para a sua esposa?

Ele voltou ao paletó e pegou uma bonequinha como as de vodu, de jacarandá esculpido à mão, que custara menos de um dólar.

– Ela vai adorar isto. Hannah sempre fica feliz com essas quinquilharias baratas.

Enquanto Ingrid ria e jogava a rainha do mar no ar, e enquanto Alan segurava o crucifixo, admirando sua aquisição na luz da manhã, Hannah estava, naquele momento, do outro lado da porta, segurando a escultura Fênix. Chegou a tempo de ouvir os barulhos sexuais; ouvira cada palavra da conversa deles.

Quando o coração fez um movimento desvairado em seu peito, ela se sentiu momentaneamente tonta; e teve de esticar a mão para se equilibrar. Era cedo demais para mais um comprimido, por isso fechou os olhos e controlou a respiração, tentando mentalmente fazer com que o coração voltasse ao ritmo normal. E foi o que aconteceu no instante seguinte, quando ela exalou profundamente, aprumou os ombros e abriu a porta.

Os dois viraram-se, assustados. Hannah fez uma vistoria rápida da cena: os objetos da escrivaninha caídos no chão, o cabelo desarrumado de Ingrid, o zíper de Alan ainda abaixado.

Ela lhe lançou um olhar longo e penetrante, depois se virou e saiu.

Alan correu atrás dela, segurando-a pelo braço.

– Deixe-me explicar.

– Sabe, Alan, um pensamento estranho me veio quando vi vocês dois – disse ela com uma voz seca. – Pensei subitamente em quando o nosso primeiro filho nasceu, os planos que você e eu fizemos, as promessas que fizemos para os nossos filhos e um para o outro. Eu estava preparada para acobertá-lo porque... – ela se esforçou para manter o controle. – Porque pensei que queria protegê-lo. Não me importo mais com o que possa acontecer com você.

– Hannah, me ouça. A respeito de Ingrid. Não é o que você está pensando.

– Alan, eu ouvi tudo. E agora entendo muitas coisas que me intrigaram no passado: viagens de negócios repentinas, telefonemas não respondidos, cobranças indevidas nos nossos cartões de crédito. Você tem razão, fui uma idiota. Desde o começo.

– O que vai fazer?

– Não sei. – ela torceu a alça da bolsa. Ainda estava segurando a escultura debaixo do braço, muito bem protegida em plástico bolha. Percebeu que estava perto de chorar. – Eu estava disposta a perdoar tudo, Alan, mesmo o fato de você ter fraudado a Starlite, que equivale a roubar da nossa própria família. Eu teria perdoado tudo... – sua voz se interrompeu de emoção. – Contanto que você ainda me amasse.

– Eu amo, Hannah. Acredite em mim. Tome – ele mostrou o colar da princesa Isabel, o qual vinha segurando como se fosse um colete salva-vidas. – Comprei isto para você.

Ela olhou para o colar, depois para ele. A relação sexual animada com Ingrid bagunçou os cabelos dele e as raízes do transplante estavam aparentes.

– Fique com ele. Ou venda. Vai precisar do dinheiro para contratar um bom advogado.

– Não vai contar a respeito do dinheiro, vai?

– Philippa descobriria logo de toda maneira.

– Hannah, não faça isso com...

Ingrid subitamente saiu da sala, toda aprumada, o cabelo perfeitamente arrumado, a bolsa no ombro. Ela fechou a porta tranquilamente como se tivesse

acabado de sair de uma reunião de negócios e caminhou de modo digno pelo corredor, sem olhar nem para Hannah, nem para Alan, até desaparecer no fim do corredor onde estavam os elevadores.

– É melhor ir atrás dela – sugeriu Hannah. – Pelo que ouvi, se ela escapar, você vai acabar sem nada. E jamais a encontrará.

Ele hesitou, com um olhar dividido, depois disse:

– Merda! Ingrid! – e correu pelo corredor. – Ingrid! Espere!

A primeira coisa que Hannah fez foi parar no banco, onde devolveu as cautelas das ações ao cofre particular. Ao voltar para o trânsito da La Cienega, passando pelo local onde um homem a aguardava com as cautelas, Hannah pensou em Alan e em Ingrid, nos sons que ouviu, na conversa do outro lado da porta fechada, e sentiu-se curiosamente poderosa. Alan a tinha traído, mas, de uma maneira irônica, ela se traíra. Hannah recuou no tempo, lembrando-se de coisas pela primeira vez, e percebeu que Alan não reparou nela quando ela era a gordinha engraçada da Halliwell e Katz. Mas depois de ter emagrecido, ele a levou para uma volta no parque de diversões. Trinta anos atrás, ela percebeu, ele a levou para o parque, e foi o que continuou a fazer desde então.

E depois se lembrou da sala de espera da Clínica de Obesidade Tarzana, onde conheceu Philippa há tanto tempo; pensou no dia em que Philippa adotou Esther, que tinha a idade de Jackie, e como as duas garotas tornaram-se grandes amigas; e, por fim, Hannah pensou nos outros filhos, todos voltando para casa para passar o Natal, trazendo os netos dela. E, de repente, Alan já não lhe parecia tão importante quanto antes.

Ao chegar em casa, já tinha pensado em muita coisa, chegara a muitas conclusões e muitas decisões tinham sido tomadas. A primeira coisa que Hannah fez foi rasgar a carta que escreveu para Philippa. Depois desceu as escadas e entregou a escultura de águia de 65 mil dólares para a senhorita Ralston, dizendo:

– Isto é para você. Percebi o quanto a admirou antes.

Depois olhou para todas as flores e para a decoração e para todas as coisas que tinham de ser feitas para a grande festa de Natal, e disse para a secretária:

– Muito bem, vamos trabalhar?

45

AO PERCORRER O CAMINHO que conduzia aos chalés, onde tinha sido chamada para cuidar de uma queimadura de frio de alguém que julgara que seria engraçado esquiar de biquíni, Judith tirou a parca e a dobrou sobre o braço. O sol estava alto, o céu estava claro e o dia estava esquentando. Judith sentia-se bem, muito melhor do que há muito tempo. O dia amanheceu claro e luminoso, quase como em um dia de primavera, e o senhor Smith telefonou para dizer que lamentava que o jantar da noite anterior tivesse sido interrompido e que gostaria muito que ela se juntasse a ele para o almoço. Judith aceitou e estava ansiosa.

Dois carrinhos elétricos passaram pelo caminho, levando os hóspedes para os bangalôs, chalés e choupanas: eram os recém-chegados, a tempo para o baile de Natal daquela noite. Judith reconheceu um deles como sendo Philippa Roberts, a fundadora da Starlite. Quando Judith engravidou de Kimmie, ela engordou nove quilos e associou-se à Starlite para emagrecer. Só havia um passageiro no segundo carrinho, um homem com óculos de aro de tartaruga e barba curta escura. Ela o viu apenas por um instante, porém o achou de alguma maneira familiar.

Além daquilo, não havia muitos hóspedes espalhados pelo resort; apesar de ser uma manhã linda e quente, a maioria, ela bem sabia, já começava o elaborado ritual de se aprontar para o baile daquela noite. Embora não fosse um baile à fantasia, até parecia ser pelo tanto de preparativos que estava em progresso. Mas também se lembrou de que aquelas pessoas estavam acostumadas a serem vistas e julgadas, muitas vezes com crueldade. Como a pobre Bunny Kowalski, a quem ela não via há duas noites, quando tinha ido visitá-la em sua suíte. A jovem atriz pediu que lhe dessem Valium, mas no fim, não o tomou. Enquanto ela e Judith conversavam, Frieda Goldman, a agente de Bunny, telefonou, anunciando novidades muito excitantes que imediatamente tiraram a garota do estado depressivo em que se encontrava. Judith deduziu que Bunny estava bem, uma vez que não voltou a ligar para a clínica.

Contudo, outra pessoa havia telefonado. Mort. Seu ex-marido estava ficando insistente com o pedido de ir visitá-la no Star's. "Quero que tentemos mais uma vez", ele disse. Desde o primeiro telefonema dois dias antes, quando Judith aborreceu-se por ele tê-la encontrado ali, Mort tentou, por impressionantes dezesseis vezes, convencê-la a convidá-lo para lá. Mas sobre o que restava conversar? Depois das coisas horrorosas que se disseram, não havia mais nada a falar.

Ao virar no caminho que levava para a academia, Judith surpreendeu-se em ver uma figura saltitando na neve logo adiante. Parou e encarou. A pessoa era pequena, estava envolta em uma parca e calças de lã desengonçadas, e com um longo cabelo bem claro caindo pelas costas. Uma criança. Ali no Star's? A criança correu direto na direção de Judith com os braços imitando um moinho de vento, e, de repente, Judith ouviu a própria voz, de dois anos atrás, dizendo: "Cuidado, minha macaquinha!".

Kimmie!

Vendo uma centelha dos olhos azuis travessos e as bochechas vermelhas como maçãs, Judith correu para a frente. Mas, quando se aproximou, a imagem desapareceu e ela estava mais uma vez sozinha.

Abraçou-se com força. *Não desabe; não agora, já se passaram dois anos inteiros...*

Voltou a caminhar, com passadas mais rápidas, desejando deixar para trás a aparição. E, quando chegou ao Castelo, apressou-se pelo saguão, entrou em um dos vestíbulos acarpetados que pareciam naves de uma igreja medieval e inseriu a chave da trava do elevador. Seu apartamento era um dos quatro das torres parecidas com as da Bela Adormecida, cada um deles com acesso exclusivo pela chave particular dos elevadores.

"É a sua mente que não quer deixar para trás", o doutor Aldrich, um psiquiatra, explicou-lhe quando ela contou sobre as visões de Kimmie que ocorriam com uma frequência perturbadora. Elas aconteciam a qualquer hora, em qualquer lugar, e a alucinação, ainda que breve, sempre a deixava assustada e nervosa.

– Mas eu *não quero* continuar a vê-la, doutor – Judith discutiu. – Sou médica. Baseio-me nos fatos. Sei que a minha filha está morta.

– Racionalmente, sim, mas emocionalmente?

Judith deixou de se consultar com ele depois disso. Doze meses de terapia não adiantaram; Aldrich tinha o hábito irritante, como o senhor Smith, de instigá-

la a falar sobre Kimmie. O melhor modo de se desvencilhar do passado, Judith decidiu, era não falar sobre ele nem pensar nele, mas simplesmente deixá-lo para trás. Motivo que a levou a sair de Green Pines.

Ao se apressar para dentro do apartamento e fechar a porta rapidamente, grata por não ter encontrado alguém pelo caminho que quisesse conversar, ela foi até o telefone para ver se havia alguma mensagem.

Sua mão deteve-se no aparelho.

Alguém estivera em seu apartamento.

Olhou ao redor. Seu antecessor, o doutor Mitgang, pediu para que decorassem a suíte em tons monocromáticos em um híbrido de *art déco* e contemporâneo clássico, e Judith gostou o suficiente para deixar as coisas como estavam. Gostava das linhas simples, da ausência de badulaques, da simplicidade e da ordem do estilo. Mas agora percebia sinais de bagunça: as cadeiras Wassily clássicas não estavam perfeitamente alinhadas ao redor da mesinha de centro, do modo como Judith as tinha deixado; os jogos americanos idênticos sobre a mesa de jantar Lucite estavam tortos e borrados; a enorme pintura abstrata do chão ao teto atrás do sofá estava ligeiramente inclinada.

Deixando o telefone de lado, andou com cautela pelo quarto. Não estava uma absoluta bagunça; na verdade, para quem não estivesse prestando atenção, tudo parecia bem ajeitado, como em uma exposição. Mas Judith notou a ligeira desarrumação na colcha vinho e cinza, e o vaso solitário de orquídea na prateleira sobre a cabeceira havia sido deslocado. Mas o toque final foi o móbile Calder vermelho e preto caído no chão, como se alguém o tivesse derrubado acidentalmente e não tivesse se importado em colocá-lo no lugar.

Rapidamente discou o número da segurança do hotel e, após alguns minutos, um homem em um blazer azul-marinho com um walkie-talkie na cintura chegou. Ele olhou de relance ao redor com uma expressão intrigada.

– O que a faz acreditar que alguém esteve aqui, doutora?

– Porque só saí do quarto depois que a camareira o arrumou e sempre ajeito as coisas depois que ela sai.

Quando ele a olhou de modo estranho, ela explicou:

– Gosto que as coisas fiquem de determinada maneira. Alguém entrou aqui enquanto eu não estava e mexeu nas minhas coisas. Talvez estivessem procurando por alguma coisa. Por certo deixaram impressões digitais.

Quando ele se inclinou para examinar a moldura tubular cromada da cadeira Wassily para verificar que, de fato, havia impressões digitais, Judith disse:

– Gosto que a minha mobília brilhe. Sou muito cuidadosa quanto a isso.

– Algo foi roubado, doutora?

– Nada que eu tenha percebido – ela respondeu observando que suas joias estavam todas lá, como também a carteira com sessenta dólares. Nada havia sido levado, mas tudo tinha sido remexido.

Ela passou os braços ao redor do corpo; estava começando a tremer. Sentia-se violada.

O segurança fez um telefonema discreto, e momentos depois, Simon Jung estava dizendo:

– Isso é uma lástima, doutora – ele parecia sincero. – Tem ideia do que poderiam ter querido? Drogas, talvez?

Ela virou-se para ele.

– Está sentindo cheiro de cigarro?

Ele fungou o ar.

– Sim, bem de leve, mas acredito que sim.

– Bem, eu não fumo, senhor Jung – disse ela. – Mas sei de alguém que fuma.

* * *

Ela encontrou Zoey na sala subestéril, desembalando tranquilamente a encomenda de suturas que tinha acabado de chegar. Vendo que Zoey colocava as novas diante das antigas, sem fazer o rodízio que os equipamentos cirúrgicos necessitavam, Judith disse:

– Senhorita Larson, eu gostaria de conversar com você.

Zoey lhe lançou um olhar lento e malicioso.

– Recebeu mais uma daquelas ligações, doutora – disse com um sorriso nos lábios. – Eu disse a ele que estava passando os recados. E também disse que talvez a senhora simplesmente não quisesse falar com ele.

– Senhorita Larson, quero que pegue as suas coisas e vá embora.

Zoey endireitou-se.

– Hum?

– Está despedida. Faça as malas e pegue o próximo teleférico que descer a montanha.

– Do que está falando!?

– Meu quarto foi vasculhado enquanto eu estava fora.

– E daí?

– Acredito que tenha sido você.

Zoey apoiou-se em um quadril e cruzou os braços. Ela não estava usando uniforme, Judith percebeu, mesmo a clínica estando aberta, sendo que qualquer um poderia entrar.

– Por que eu vasculharia seu quarto?

– Não sei, talvez tivesse esperança de encontrar alguma coisa a meu respeito, algo com que pudesse me chantagear.

– Está louca. Por que está sempre tentando armar alguma para cima de mim?

– Senti cheiro de cigarro no meu quarto.

– Ah, sim, claro, e acha que eu seria burra o bastante para fumar enquanto estivesse vasculhando o quarto de alguém.

– Estou sentindo cheiro de cigarro agora, senhorita Larson, e você não está fumando.

Os olhos castanhos de Zoey piscaram. Depois ela disse:

– Como se eu fosse a única pessoa no mundo a fumar.

– O invasor também deixou impressões digitais na minha mobília cromada. Isso foi muita estupidez sua. Agora, por favor, retire-se.

– Não pode me demitir. Só o senhor Jung...

– Sou eu quem administra essa clínica, senhorita Larson, e isso inclui demitir e admitir a enfermeira. E você não é lá muito boa no seu trabalho. Violou uma das regras éticas mais importantes da sua profissão: o direito do paciente à privacidade. Vasculhou o meu quarto e entregou a história do senhor Smith àquele tabloide.

– Já disse que essa história não é culpa minha!

– Acredito que logo descobriremos o contrário. De qualquer forma, não a quero mais trabalhando aqui. Faça as malas. Já avisei o departamento pessoal. Eles deixarão pronto o cheque referente ao seu último salário.

A insolência de Zoey transformou-se em pânico.

– Escute aqui, eu pago o que você quiser – disse ela. – Recebi 30 mil dólares pela história do senhor Smith; você pode ficar com a metade. Fique com tudo. Só não me mande embora.

– Por quê? O que há de tão especial nesse emprego? É a autonomia, ser a própria chefe na maior parte do tempo? São as drogas? – Judith abriu o armarinho de narcóticos que, por lei, deveria estar trancado. – Ou são as estrelas de cinema, talvez? Gosta de ficar perto das celebridades?

– Eu... eu só gosto de trabalhar aqui – Zoey começou a retorcer as mãos, e

Judith notou o suor sobre o lábio. – Esse é o melhor emprego que já tive.

– E quanto ao cirurgião para o qual trabalhava em Santa Mônica? Aquele que tanto a recomendou? Não, espere – Judith levantou uma mão. – Acho que não quero saber. Ou ele a demitiu e lhe deu uma boa carta de recomendação para se livrar de você ou você sabia de algum segredo dele, do mesmo tipo de informação sórdida que esperava encontrar no meu quarto. Não importa do que esteja tentando se esconder, Zoey, eu não posso ajudá-la.

Quando Zoey tentou falar, Judith virou-se e disse:

– Não quero ouvir nada. Apenas saia o quanto antes. E, Zoey, pode contar que vou escrever uma carta para o comitê de enfermagem.

O senhor Smith estava ditando em um gravador quando abriu a porta.

– Entre! – disse, desligando o gravador. – Chegou uma hora antes, que agradável surpresa!

Ele vestia calças marrons e uma camisa de seda azul-clara com as iniciais bordadas no bolso. A cor dele era saudável; tudo nele parecia resplandecer. Aquele não era o homem de cara pálida deitado sentindo dor que ela conhecera há apenas cinco dias.

– Posso lhe oferecer um drinque, Judith, ou ainda está trabalhando?

Ela aceitou uma taça de vinho branco, porém não a tocou enquanto contava o ocorrido com Zoey.

– Imagino que ela tivesse esperanças de encontrar algo a meu respeito, algo sórdido que pudesse usar contra mim. Mas tudo o que eu escondia era uma pobre criança morta.

Ele esperou sem pressioná-la.

As palavras saíram com facilidade, por vontade própria.

– Sabe, Kimmie costumava fingir que estava doente para chamar a atenção. Não que não a recebesse de mim e de Mort, acho que fomos bons pais. Mas acredito que houvesse um pouco de ciúme em relação às crianças doentes... Se eu fosse chamada para tratar uma criança com catapora, eu chegaria em casa e Kimmie teria pintado bolinhas no corpo e reclamaria de estar doente também. Era uma coisa inofensiva na verdade. Ela só tinha oito anos, eu deduzi que era apenas uma fase que ela superaria – Judith foi até a janela. A luz do sol caía sobre ela como um xale ensolarado. – Apareceu uma conferência médica em San Diego. Kimmie não queria que eu fosse porque eu ficaria fora de casa por cinco dias. Mas eu queria ir. Primeiro porque eu estava querendo um pouquinho de férias. Fazia

muito tempo que eu não saía de Green Pines. Segundo porque o meu artigo sobre emergências médicas no descampado seria o tema da palestra. E, por fim, porque alguns colegas do tempo da faculdade também estariam lá. Expliquei tudo isso a Kimmie, prometendo que traria um presente do Sea World para ela.

Judith olhou para o copo de vinho na mão, como se se perguntasse como ele tinha ido parar lá. Depois disse:

– Na noite antes de eu viajar, fui chamada na hora do jantar para tratar de uma criança que tinha caído e cortado a cabeça. Por isso, quando na manhã seguinte Kimmie me disse que estava com dor de cabeça, pensei que ela estivesse fingindo. Eu disse a ela que nos divertiríamos muito assim que eu voltasse, que eu a levaria para brincar no Playland, sabe, esse tipo de coisa que a gente diz para tranquilizar uma criança. A viagem de carro para San Diego durou nove horas, e assim que me registrei no hotel, liguei para casa. Kimmie estava no hospital. Mort disse que ela desmaiou logo depois que eu saí, e que o médico que estava cuidando dela disse que ela ainda não tinha recobrado a consciência. Ele suspeitava de hemorragia intracraniana. Deixei o meu carro no hotel e voei de volta até Sacramento, onde aluguei um carro. Dirigi só quatro horas em vez das nove da ida para chegar em casa. Mas já era tarde demais. Kimmie estava morta.

Uma lembrança veio-lhe à mente, uma sobre a qual não pensava, não se permitia pensar, em muito, muito tempo: Judith e Kimmie discutindo que fantasia ela usaria no Halloween: noiva ou estrela do pop, como Madonna. No fim, Kimmie venceu e foi fantasiada de noiva.

– O que foi? – Smith perguntou. – Do que ela morreu?

– A minha filha tinha um aneurisma cerebral congênito. Um vaso sanguíneo frágil no cérebro que esperou oito anos para estourar. E escolheu o momento em que eu estava em San Diego.

– E você não conseguiu se perdoar por não ter estado lá. Judith, diga-me uma coisa: Kimmie ficou doente porque você foi para a conferência?

– Não.

– Ela teria morrido de qualquer forma, mesmo se você tivesse estado lá?

– Sim.

– Então não é culpa sua. Você não é culpada.

– Não. A minha culpa foi a de não ter estado lá em seus últimos minutos de vida. Ela pode não ter recobrado a consciência, mas era possível que ainda conseguisse ouvir e não foi a minha voz que ela ouviu – Judith visualizou Kimmie no leito hospitalar, tão brutal, sem flores nem cartões tampouco balões porque ela

não esteve lá por muito tempo, o que fez parecer que ninguém se importava. E Kimmie debaixo dos lençóis, apenas uma pequena ruga neles, o peito pequeno que já não subia nem descia.

– Você tem uma foto dela?

Judith levava uma consigo o tempo todo, em um medalhão pendurado no pescoço. Quando o mostrou, ele disse:

– Hum... Engraçadinha.

– Sim, ela era – começou a chorar e ele a amparou nos braços.

– Judith – disse ele ao abraçá-la. – Resolvi causar uma sensação esta noite e participar do baile. Você me daria a honra de me acompanhar?

46

O DIA QUE BEVERLY Burgess vinha temendo chegou por fim: Otis Quinn, o autor de *Butterfly revelado*, estava para chegar ao Star's.

Era chegada a hora de parar de tentar se enganar. Ele só podia estar vindo porque suspeitava que ela fosse a Beverly Highland que havia destruído Danny Mackay; não havia outro motivo. Ela já via o que aconteceria: ele a acusaria de ser Highland, depois a desafiaria a provar o contrário. De qualquer forma, ele sairia vencedor. Venderia a sua história para os tabloides, e ela não teria defesa. Bastava ver o que tinha acontecido ao senhor Smith.

Depois de todos aqueles anos, praticamente toda a sua vida, gastos na orquestração da vingança contra Danny Mackay, seu planejamento minucioso, sua paciência, as armadilhas complexas que havia engendrado – simulando a própria morte e, no fim, sendo recompensada quando Danny se enforcara na cadeia –, tudo estava ameaçado de ser exposto, sensacionalizado, até mesmo trivializado. O trabalho da sua vida desceria ao nível dos tabloides dos supermercados.

Afastou-se da janela e olhou para Simon Jung. Ele lhe fez uma pergunta e aguardava uma resposta. *Que homem maravilhoso*, pensou. Tão educado e refinado, e ainda sensível e gentil, sem traço de arrogância. Por que não poderia tê-lo conhecido anos atrás, em uma época mais segura? Beverly ousou por vezes ter esperanças de que, com o passar do tempo, talvez ela e Simon pudessem ter um relacionamento íntimo. Ela almejava amar novamente e ser amada.

Contudo, Otis Quinn poria um fim a esse sonho; ela sentia isso, pressentia que uma tempestade aproximava-se. Ele chegou ao teleférico matutino e acomodou-se no seu chalé. Era por isso que Simon estava em seu escritório; ele trouxe a lista dos hóspedes recém-chegados. Havia o grupo de Philippa Roberts da Austrália, que ficara com o bangalô vago depois do vencedor do prêmio Nobel, o escritor Ricardo Cadiz, ter cancelado sua reserva; também havia o costumeiro grupo de nomes famosos de Hollywood; e, por fim, Otis Quinn, jornalista

freelancer. Era uma questão de tempo até que ele a abordasse solicitando uma entrevista.

Quanto será que ele já sabia a respeito de seu passado? Sem dúvida tudo: o prostíbulo de Hazel em San Antonio, onde Beverly trabalhou desde os catorze anos; o aborto que Danny Mackay a forçou a fazer aos dezesseis; as revistas pornográficas que ela tratou de tornar propriedade do reverendo Danny Mackay, assim como o bordel para mulheres na Rodeo Drive. Mesmo se Beverly não confirmasse nada disso, e mesmo se negasse tudo, Quinn, sem dúvida, venderia a história do mesmo modo.

E ela perderia a sua chance com Simon para sempre.

– Você está bem, Beverly? – ele perguntou com tranquilidade, aproximando-se a ponto de ela sentir a fragrância da colônia Bijan. – Há algo errado?

Ela pressentia que Simon sentia-se da mesma maneira que ela, mas jamais teria certeza. Talvez se lhe tivesse contado a verdade quando se conheceram dois anos e meio atrás, eles pudessem ter tido uma chance. Mas agora era tarde demais.

Antes que pudesse responder, a secretária entrou e disse:

– Senhorita Burgess, Andrea Bachman está pedindo para falar com a senhorita. Ela não tem hora marcada.

– Está tudo bem, Marie – disse ela, pegando os óculos de sol, pensando que provavelmente eles não seriam mais necessários depois daquela noite, depois que Quinn contasse ao mundo quem ela era de verdade. – Pode mandá-la entrar, por favor.

– Estarei no salão de baile se precisar de mim – Jung disse, parando por um instante, como se fosse acrescentar algo. Mas ele se virou e saiu. Andrea passou por ele na soleira da porta.

– Olá, senhorita Bachman – disse Beverly ao se virar e colocar os óculos. – Eu esperava uma visita sua.

– Sim, claro, a senhorita sabia que eu descobriria que Marion ainda está viva – respondeu Andrea.

– Pensei que deduziria isso. Como soube?

– Foi pelo modo como o diário foi escrito. Não parece que os eventos tenham sido descritos logo após terem acontecido, mas anos mais tarde, como se vistos em retrospecto, talvez.

– Muito astuto – elogiou Beverly sorrindo. – A bem da verdade, você é uma escritora, não?

– Onde está Marion agora? E o que aconteceu com a filha dela?

– Ela está aqui. Esperando para conhecê-la.

– Qual delas, Marion ou Lavínia?

– Ela mesma lhe dirá.

Andrea sabia exatamente o que esperar: uma senhora de 86 anos vivendo do passado, como Norma Desmond, com seus vestidos estilo *melindrosa* com lantejoulas antigas, cercada por lembranças e álbuns de recortes antigos, com as cortinas de veludos fechadas não permitindo a entrada da luz do sol, enquanto esperava que Cecil B. deMille dirigisse o seu retorno.

Por isso ficou tão surpresa ao ser conduzida a uma sala de estar iluminada e decorada em tons pastéis alegres. E a senhora que caminhava com o auxílio de uma bengala, em um vestido de lã básico, mas muito bem cortado e um xale preso com um broche no ombro; não era nenhuma garotinha do jazz envelhecida tentando se ater ao passado distante, mas sim o que Andrea considerava uma grande dama, caminhando o mais ereta que a sua idade permitia, com o cabelo completamente branco preso por pentes de tartaruga. Quando cumprimentaram-se com um aperto de mãos, Andrea sentiu a pele fria e lisa por cima de ossos tomados pela artrite.

– Eu ansiava por conhecê-la – disse a senhora. – Sou Marion Star.

Andrea ficou momentaneamente sem fala. O que dizer depois de passar quatro dias lendo o diário daquela mulher, conhecendo os detalhes particulares de sua vida?

– Eu a vi no saguão, senhorita Star! – disse ela estupefata. – Sempre se senta naquela cadeira estranha ao pé da escada.

Marion riu e acompanhou suas visitas até a lareira, onde um serviço de chá foi servido sobre um baú de bronze que fazia as vezes de mesa de centro. O sol atravessava as janelas altas recaindo sobre o serviço de chá, conferindo-lhe um ar primaveril, segundo Andrea.

– Sim, aquela cadeira! – confirmou Marion. – Fez parte do meu filme *Robin Hood*, o xerife de Nottingham dispensava sua justiça maligna sentado nela! Gosto de me sentar no saguão para observar os hóspedes da minha casa. Gosto de fazê-lo de maneira anônima, e ninguém repara em uma velha senhora – seus olhos reluziram. – Mas você notou, garota esperta. Por favor, sente-se. Espero que goste de chá de ervas. Meu médico proibiu-me a cafeína.

Andrea estava enfeitiçada enquanto observava Marion, sem esforço algum, servir-se do bule de prata; as mãos, ainda que faltassem apenas quatro anos para ela chegar aos noventa, pareciam fortes e capazes.

– E aquela escadaria... – Marion acrescentou ao entregar as xícaras para Andrea e para Beverly. – Jamais me esquecerei da noite em que John Barrymore embebedou-se e decidiu descer escorregando pelo corrimão enorme. Ele acabou no meu colo ao pé da escada, e nós dois nos estatelamos no chão!

Ela voltou os olhos escuros e astutos para Andrea.

– Então leu o meu diário. E adivinhou que eu não o escrevi em 1932.

Sentada ao seu lado no sofá, e em um dia tão iluminado, Andrea viu que Marion usava bem pouca maquiagem. Não havia muita semelhança com a mulher sensual das fotografias penduradas nas paredes do saguão principal, mas os olhos de Marion ainda eram sensuais.

Andrea olhou ao redor da sala e surpreendeu-se em não encontrar absolutamente traço algum daquela que sempre estava em evidência. O armário antigo expunha louças do campo e arte popular. As paredes estavam decoradas com silhuetas emolduradas e guirlandas de ramos. Havia vasos com flores frescas em toda superfície disponível; uma pequena mesa de salgueiro servia de base para uma antiga coleção de soldadinhos de brinquedo. Mas não havia fotos da própria Marion, ou de Ramsey, de alguém daquela época; pôster algum do filme *Hábitos perversos*, lembrança alguma de *A Rainha do Nilo*.

– Não sou o que você esperava, não é mesmo? – perguntou Marion com um sorriso divertido. – Talvez esteja perguntando-se se sou mesmo Marion Star?

Andrea não pensou naquilo, mas agora que ela tocava no assunto, que provas tinha?

– Meu nome verdadeiro é Gertrude Winkler e é o que eu usava antes de conhecer Ramsey – disse Marion. – Foi ele quem me deu esse ridículo nome de Star. Quase todos nós mudamos de nome naquela época. Theda Bara na verdade era Theodosia Goodman. E o pobre Rudy, seu nome completo era Rodolfo Alfonzo Raffaele Guglielmi. Era de encher a boca, não? Ah, como eu adorava esse homem – disse saudosa. – Mas adorava Dexter Bryant Ramsey ainda mais.

Marion ofereceu um prato com pequenos sanduíches amanteigados para Beverly e Andrea.

– Sim, eu fui Marion Star – prosseguiu. – E tenho provas, caso alguém queira me desafiar. Mas quem o faria? Além disso, não tenho desejo de vir a público, como dizem hoje em dia. Estou feliz em ser Gertrude Winkler, e permitir que esta casa permaneça como um monumento a uma mulher desaparecida – ela sorriu para Andrea e recostou-se com seu chá. – Bem, agora imagino que tenha perguntas para mim, senhorita Bachman!

– Nem sei por onde começar.

– Por certo a primeira coisa que deseja saber é se matei Dexter como a polícia diz. Sim, eu matei. Matei meu amado Dexter. Eu o flagrei na cama com outra mulher naquela noite. Na *nossa* cama, com a nossa filha dormindo no quarto ao lado. Sabe como ele reagiu quando os apanhei? Ele gargalhou. Bem na minha cara. Eu tinha uma pistola em meu criado-mudo como medida de segurança. Quando a apanhei, a garota, quem quer que ela tivesse sido, saiu correndo do quarto. Mas Dexter continuou rindo, desafiando-me a puxar o gatilho. Ele era um verdadeiro homem-espetáculo. Na verdade, saiu da cama e veio em minha direção. Lembro-me das suas últimas palavras: “Não se importa se eu mijar antes de me matar?”. Por isso eu o segui até o banheiro e atirei.

Ela fez uma pausa. Depois acrescentou.

– Você tinha de ver o olhar de surpresa dele.

Andrea olhou de relance para Beverly, depois voltou-se para Marion. Ela tentou pensar em um modo de formular a pergunta seguinte, mas Marion antecipou-se novamente.

– Você quer saber a respeito da castração; não fiz isso. Quando percebi o que tinha feito, que eu tinha matado Dexter, deixei a pistola cair, corri para o quarto do bebê. Coloquei uma manta em Lavínia e corri para o meio da noite. De algum modo, entrei em um dos carros – não sei de quem era – e desci a montanha dirigindo. Não me lembro de ter feito isso nem de ter dirigido direto até Fresno, onde morava minha irmã. Fiquei sabendo de tudo muito mais tarde, claro; mas que a pistola sumiu e que alguém havia mutilado Dexter, não tive nada a ver com isso. Talvez alguém tivesse pensando que estaria me protegendo ao levar a pistola. E talvez outra pessoa tivesse decidido executar sua própria forma de vingança contra ele ao encontrar o corpo. Dexter tinha muitos inimigos. Suponho que o que quer que tenha acontecido naquele banheiro depois da minha fuga permanecerá para sempre um mistério.

– O que aconteceu depois que chegou à casa da sua irmã?

– Enlouqueci; literalmente. Minha irmã cuidou de mim e da minha filha. Livrou-se do carro e, quando a polícia a procurou para perguntar se tinha me visto ou conversado comigo, ela disse que não fazia ideia de onde eu estava. Porém, eu estava muito doente, e, no fim, tornei-me um fardo muito pesado. Aparentemente, eu delirava muito, dizia coisas incoerentes. Tentei me matar em duas ocasiões, e isso a assustou. Por isso, ela decidiu me internar em uma instituição. Fui internada com um nome falso e passei muitos anos vivendo dois infernos: aquele em que eu

tinha pesadelos matando Dexter repetidas vezes, e outro em que eu era brutalizada pelos outros internos e pelos funcionários, muitas vezes violentada, sujeitada a meses de tratamento de choque com insulina que quase me mataram. Quando minha irmã soube o que estava acontecendo, ela me tirou de lá e me levou para casa, contratando uma enfermeira para cuidar de mim.

Marion fez uma pausa para tomar o chá. Quando abaixou a xícara, ela se debateu um pouco sobre o pires.

– Acordei certa manhã e vi um pardal sentado em um galho ao lado da minha janela – disse placidamente, com o olhar fixo no açucareiro de prata. A luz do sol da primavera tomava conta do quarto e eu estava com fome, muita fome – de *waffles*, bem me lembro. Estive doente por oito anos, havia uma guerra em progresso na Europa, o mundo tinha se esquecido de Marion Star. Mas eu estava curada.

– O que aconteceu com Lavínia?

– Ela morreu de pólio em 1943. Ela era uma linda criança.

– E depois?

– Levou um tempo para que eu recobrasse minhas forças, mas, enquanto eu me recuperava, tomei diversas decisões importantes. A primeira foi deixar que Marion Star continuasse desaparecida. A segunda foi a de nunca voltar para Hollywood. De toda forma, o cinema havia mudado; tudo tinha mudado. A terceira foi deixar essa casa intacta, como estava. Eu não sabia se um dia eu voltaria para reivindicá-la. Legalmente, ela pertencia à minha irmã, por isso ela veio para cá e a fechou; fizemos com que alguém a guardasse para que não houvesse vandalismo. E, por fim, minha quarta decisão foi entrar para o comércio. Enquanto eu ganhava milhões fazendo meus filmes, eu enviava dinheiro regularmente para a minha irmã, que colocava cada centavo no banco. Quando voltei a ficar boa, tínhamos capital suficiente para montar um negócio – imobiliário, em grande parte. E, conforme o tempo passava e as minhas feridas emocionais cicatrizavam, Gertrude Winkler tornou-se muito bem-sucedida e rica. Minha irmã faleceu há muitos anos em um campo de golfe na Flórida. Na noite anterior à sua morte, ela fez sexo com um homem com a metade da idade dela.

– E foi então que colocou Star’s Haven a venda?

– Sim, eu resolvi que era hora de deixar tudo para trás. Mas eu não a venderia para qualquer um. A senhorita Burgess e eu tivemos longas conversas antes de chegarmos a um acordo a respeito da venda – ela sorriu para Beverly. – Muito bem – disse ela, de modo animado. – Conte-me a respeito desse camarada japonês que

é louco por mim e que quer investir em um filme a meu respeito.

À medida que Andrea contava a Marion sobre o senhor Yamato, que deveria chegar no dia seguinte, uma ideia começava a tomar forma em sua mente tão repentina e tão excitante que ela mal conseguia ficar parada. Ela escreveria dois roteiros. Aquele para o senhor Yamato seria sobre a jovem deusa das telas, Marion Star, mas o segundo começaria com a fuga dela na noite do assassinato, e contaria a sua batalha contra a insanidade e sua eventual recuperação e derradeira vitória após anos de abuso e exploração.

Os dois seriam filmes sensacionais, e Andrea mal podia esperar para começar.

47

– FOI AQUI, NESTE exato lugar que o corpo de Dexter Bryant Ramsey foi encontrado – disse o rapaz bem apessoado de terno azul. – Até hoje, ninguém sabe quem o matou.

Enquanto o resto do grupo que fazia o tour murmurava comentários interessados uns para os outros e diziam coisas como “Eu ouvi que...”, Danny Mackay olhava fixamente para a banheira de cristal.

Que visão excitante ela criava: o corpo nu de Beverly caído ali, exatamente como o infeliz Ramsey sessenta anos antes.

Ele chegou ao Star’s no teleférico da manhã, sentado em um banco não muito longe de Beverly. Era o mais perto que ficara dela desde o encontro de três anos e meio antes, quando ela o obrigou a implorar pela sua vida. Ela mudou; obviamente algum cirurgião plástico recebeu fortunas para mudar a aparência dela. Ela poderia enganar as pessoas, mas não enganava a ele. Aquela era Beverly sim, apesar dos seus dois acompanhantes continuarem a chamá-la de Philippa.

Por um breve instante, passou pela sua cabeça cuidar dela naquele momento, a 1800 metros de altitude, talvez deixá-la pendurada na lateral do teleférico, gritando de terror por alguns minutos antes de soltá-la. Mas isso significaria que ele seria preso, e Danny não tinha um horário disponível para a cadeia em sua agenda. Depois que concluísse o seu trabalho no Star’s, ele seguiria para a costa leste, para Washington D.C., onde faria uma visitinha a um velho amigo seu, o bastardo que havia vencido a eleição presidencial que, por direito, pertencia a Danny.

Depois de ter sido acompanhado até o chalé, Danny caminhou pelo resort, sentindo-se preencher com o poder novamente; ele descarregara um pouco dessa

energia na noite em que matou a garçonetezinha. O lugar todo estava fervilhando com os preparativos do baile de Natal. Seria o momento ideal para ter seu encontro particular com Philippa, enquanto todos estavam distraídos. Faria o que tinha de fazer, depois sairia sorrateiro.

E agora, não só o momento estava estabelecido, como também o lugar. Ali, no Banheiro Obsceno. Não poderia ser mais perfeito. Ele quase riu alto e teve de se conter. Mas sorriu; seria bom demais. Porque, naquela noite, Cinderela encontraria-se com o Príncipe Encantado, mas em vez de um sapatinho de cristal, ela ficaria com um caixão de cristal.

48

ENCONTRARAM-SE NOVAMENTE, NA MESMA plataforma de observação onde haviam se encontrado pela manhã. Já era noite, e estava frio, e a arma em seu bolso parecia um bloco de gelo.

– Onde está Philippa agora?

– No terceiro bangalô.

– Ela já entrou em contato com Beverly Burgess?

– Ela tentou, mas Burgess está ocupada com os preparativos para o baile de hoje.

– Sabe o que fazer, então?

– Sim. Uma pergunta, porém: e se Philippa não for ao baile? E se mudar de ideia e ficar no quarto?

– Então também mudaremos os nossos planos.

– Ela tem duas pessoas consigo.

– Sei disso. Eles não são problema. Está quase na hora. Pode ir.

O homem com a pistola afastou-se, deixando o seu companheiro na plataforma, uma silhueta contra as estrelas.

– Jackie, se você souber onde Esther está, por favor, me diga – disse Philippa ao telefone. – Tentei falar com ela o dia inteiro em seu apartamento, mas ninguém atendeu.

Philippa estava em um dos quartos do seu bangalô no Star's e parou de se arrumar para o baile para tentar uma vez mais falar com a filha. – Devo ter telefonado umas dez vezes hoje – disse para Jackie Scadudo, que era a melhor amiga de Esther; as duas frequentavam a Universidade da Califórnia em Santa Bárbara. – É por isso que resolvi falar com você. Pensei que talvez ela estivesse aí com você.

– Puxa, tia Philippa, eu não deveria contar nada, porque era para ser uma

surpresa.

– Surpresa? O que foi? Onde ela está?

– Esther está a caminho para encontrá-la. Quando a senhora lhe disse ontem à noite que ficaria no Star's por alguns dias, ela resolveu dirigir até aí para surpreendê-la. Ela saiu lá por volta do meio-dia. Já deve estar chegando.

Philippa suspirou de alívio, mas quase que imediatamente voltou a se preocupar.

– Ela está dirigindo sozinha? São mais de trezentos quilômetros...

– Não, o namorado está com ela. Não se preocupe. Esther já está bem crescidinha. Ei, vai se encontrar com mamãe amanhã, não vai? Mande um beijo meu para ela. Tchau, preciso ir.

– Esther está vindo para cá para me surpreender – Philippa disse a Charmie depois de desligar. – Só que ela não sabe que não pode subir a montanha sem uma reserva ou um convite.

Charmie interrompeu seus retoques finais na maquiagem – sombra cobre para coordenar com a túnica cor de damasco que vestiria para o baile – e apontou para um volumoso livro com capa de couro sobre a cama, a lista de informações sobre os serviços do resort.

– Está explicado ali que se um hóspede quer receber visitantes, pode deixar o nome da pessoa na recepção da sala de espera do teleférico na base da montanha – disse ela.

– Sabe de uma coisa, Charmie? – disse Philippa ao pegar o telefone e discar. – Estou feliz por ela estar vindo. Quem sabe quanto tempo a reunião da diretoria vai demorar? Talvez dias? E depois esse encontro com Beverly Burgess... Pode ser que demore um tempo até eu conseguir ir para Santa Bárbara. Faz quase um ano que não a vejo, e estou com saudades.

Charmie olhou para a amiga através do espelho. Philippa estava somente de calcinha e sutiã rendados; o vestido para a festa, um modelo Isaac Mizaraho cinza-claro bordado à mão, estava sobre a cama. Charmie suspeitava que Philippa fosse pedir a Ricky que subisse o zíper nas costas.

Na verdade, quando chegaram ao bangalô e viram os dois quartos, cada um com duas camas *king size*, uma planta semelhante àquela da suíte no Marriott, Charmie mais uma vez se ofereceu para ficar sozinha em um quarto, deixando o outro para Philippa e Ricky. Porém, de novo o senso antiquado de decoro de Philippa veio à tona e ela insistiu para que ela e Charmie dividissem um quarto, e Ricky ficasse com o outro. Muito decoroso, segundo Charmie. Mas até quando?

O que a levou a pensar em Ivan Hendricks. Ele devia estar no Brasil àquela altura, investigando a Miranda Internacional e Gaspar Enriques. Charmie desejou que ele tivesse vindo ao Star's com eles, desejou que ele estivesse no baile. Ela teria dobrado Ivan com o uísque de doze anos que ele tanto favorecia e depois lhe ensinaria alguns passos de dança que ele talvez ainda não soubesse.

Quando Philippa pegou seus artigos de banho e entrou no banheiro, fechando a porta atrás de si, Charmie virou-se para seu reflexo no espelho.

Ivan esteve tanto em sua mente nesses últimos dias que ela deixara de pensar em qualquer outra coisa – até mesmo na reunião de diretoria do dia seguinte e na ameaça representada pela Miranda. Ele monopolizava tanto os seus pensamentos que ela sonhava com ele, sonhos intensamente eróticos que a deixavam à beira do orgasmo. Apesar das habilidades sexuais dos homens com quem se relacionou, e Sam, o homem com quem vinha saindo e que era como dinamite na cama, Charmie agora percebia que nenhum outro homem a satisfaria como ela sabia que Ivan o faria. Na única vez em que estiveram juntos, em sua cozinha, foram interrompidos bruscamente, mas ela simplesmente sabia que, se surgisse uma oportunidade, ele faria amor com ela de um modo como nenhum outro fizera.

O tamanho dele! E aquele físico delicioso de militar, que a fazia se sentir pequena, mais feminina. Seus dotes eram tão generosos que Charmie ansiava por sentir cada pedacinho dele dentro de si.

Quando ouviu o barulho da água correndo no banheiro, fechou os olhos e escorregou a mão dentro do sutiã, tentando recriar o toque de Ivan, relembrando como ele havia lambido o caramelo dos seus mamilos.

E se jamais tivesse outra chance? E se ele fizesse seu relatório diretamente do Brasil por telefone e depois desaparecesse para o lugar em que sempre desaparecia, e dessa vez sem nunca mais aparecer? Se Beverly Burgess fosse a irmã de Philippa, então a busca chegaria ao fim. E depois que a Miranda fosse detida e o fraudador dentro da Starlite fosse descoberto, os serviços de Ivan já não seriam mais necessários.

Ela suspirou agitada, relembrado como ele abrira a túnica dela e suspendera os seios sobre o sutiã. E depois o que ela descobriu ao afagá-lo intimamente...

Charmie abriu os olhos e fitou-se intensamente no espelho. Não, estava decidido. Não permitiria que ele se afastasse. Não se importava com qualquer que fosse o motivo que os mantinha afastados. Eles tinham de ficar juntos; *pertenciam* um ao outro. De algum modo, mesmo ela não sabendo qual ainda, ela teria a sua chance com Ivan.

Philippa saiu do banheiro e jogou os artigos de toalete na cama. Charmie disse:

– Vai tentar se aproximar de Beverly Burgess durante o baile?

– Não. Quero apenas observá-la hoje, para tentar ver se consigo saber.

– E se ela for a sua irmã?

– Então será Esther a ter uma surpresa quando chegar aqui! – Philippa não entrou em detalhes sobre o retorno inesperado a Los Angeles com a filha, simplesmente disse que se tratava de uma viagem de negócios. Não queria que as esperanças de Esther elevassem-se para depois desapontá-la. O assunto *família* era profundamente sensível para ambas; era o elo especial que as unia além do amor normal entre mãe e filha – o fato de ambas terem sido adotadas.

– Falando em surpresas, o que imagina que seja o telefonema enigmático de Hannah? – disse Charmie referindo-se à mensagem de Hannah dizendo que a reunião de diretoria do dia seguinte não seria necessária. – Acredita que ela tenha descoberto algo?

É o que rezo que seja, pensou Philippa. *Rezo para que não seja simplesmente Hannah fazendo uma confissão*.

– Bem, podemos nos preocupar com a reunião amanhã – disse Charmie ao se levantar da penteadeira, a qual, no breve momento em que ela esteve ali, ficou repleta de potes, pincéis, pós e sombras. Era muita coisa e muito trabalho, mas o rosto de Charmie estava maravilhoso; a túnica damasco esvoaçante, uma visão. – Por ora... – ela estremeceu de repente.

– O que foi?

– Acabei de ter uma sensação tão estranha! O que diz o velho ditado? Como se alguém tivesse caminhado sobre o meu túmulo? – ela deu de ombros. – Deve ser o cansaço da viagem. De todo modo, como eu dizia, está na hora do baile, Cinderela!

– Estou quase pronta – disse Philippa, apanhando os brincos de pérola. – Só preciso colocar o vestido.

Charmie assentiu e saiu de fininho do quarto, deixando um rastro do perfume Passion no ar.

Um minuto depois, Ricky bateu à porta e olhou para dentro.

– A senhorita Charmer disse que você precisava de mim.

Philippa ficou momentaneamente sem fala – nunca tinha visto Ricky de smoking, e ele ficava mais sofisticado, mais experiente. Mais velho também. Com o cabelo penteado solto sobre os ombros, ele parecia ter acabado de sair de uma

propaganda da Christian Dior.

– Importa-se em subir o zíper para mim, por favor?

Ele se aproximou por trás, pousando as mãos nos ombros dela, e beijou-lhe a nuca.

– Sinto falta do tempo que passamos juntos – disse baixinho. – Estou ficando louco por estar tão perto o tempo todo, mas sem poder tocar em você. Quero você, Philippa – ele escorregou as mãos por debaixo do vestido e a trouxe para perto.

Ela se recostou nele, fechando os olhos e sucumbindo às mãos que acariciavam seu abdômen, seus seios. Sentiu a ereção dele, e, prontamente, quis fazer amor com ele.

Virou-se, e eles começaram a se beijar, com gentileza, explorando a princípio, como se tivessem de voltar a se conhecer, e depois com paixão crescente. Quando Philippa fez menção de afagá-lo, ele segurou sua mão e disse:

– Não. Deixe-me cuidar de tudo. Quero cuidar de você, Philippa. Não sou rico, não tenho contatos importantes. Tudo o que tenho é o meu amor por você. Esta é a única coisa que posso lhe dar que nenhum outro homem pode.

Lentamente, ele fez o vestido escorregar, depois a calcinha. Deitando-a na cama, levantou-lhe os joelhos e afastou-os. Ela sentiu o toque suave das bochechas dele, dos cabelos, no interior das suas coxas, os beijos quentes e demorados. Com os dedos, ele a explorou com suavidade, abrindo-a; beijou-a lá, e ela sentiu a língua dele, firme, exploradora.

Quando ela abaixou a mão e afagou-lhe os cabelos, ele segurou-lhe ambas as mãos contra a colcha, imobilizando-a. Philippa debateu-se enquanto a boca continuava a enlouquecê-la. Ela tentou libertar as mãos, queria que ele a cobrisse, queria guiá-lo para dentro de si.

Quando ele suspendeu os seus joelhos, aproximando-os do peito, abrindo-a ainda mais, ela gritou. E, subitamente, desistiu da luta; entregou-se ao prazer absoluto das habilidades amorosas de Ricky. Sentiu o corpo derreter e toda a tensão fluir para fora dela até que o universo todo se resumisse a uma sublime sensação. A língua dele a explorou mais fundo e depois saiu para tocar o clitóris. Ele fez isso uma vez atrás da outra até ela começar a sentir o avolumar de um prazer delicioso ao qual se entregou, deixando-se levar pelas ondas contínuas do orgasmo.

Depois, continuou deitada, cansada demais para se mover. Ricky abaixou-lhe as pernas e veio se sentar na beira da cama, sorrindo para ela, acariciando-lhe o cabelo. Ela retribuiu o sorriso e acarinhou-lhe o rosto.

Mas, em seguida, ele disse a coisa errada:

– Eu te amo, Philippa.

Era cedo demais, Paul Marquette ainda habitava no seu coração. Ela se sentou e o beijou de leve nos lábios.

– Por favor, não diga isso. Traz má sorte me amar.

Assim que ela disse isso, percebeu que era verdade. Não pensou nisso antes, mas os três homens que amou na vida – Johnny, Rhys e Paul – estavam mortos.

Como se lesse os seus pensamentos, ele a tocou no rosto e disse com um sorriso:

– Não se preocupe. Nada vai acontecer comigo.

* * *

Em seu chalé camuflado pelos pinheiros, Danny Mackay testava o fio da lâmina e pensava que a primeira coisa que teria de fazer seria cuidar do australianozinho de Beverly. Ninguém dispensava Danny Mackay, muito menos um garoto arrogante. E aquela faca, que já havia executado outras missões para Danny, faria aquele trabalho.

Danny nunca gostou de matar com pistolas; elas eram impessoais demais, distanciavam-no em demasia das suas vítimas. E pistolas eram muito rápidas. *Pensando bem*, ponderou ele ao colocar a faca na bainha de couro escondida por trás do cinto, *talvez eu seja rápido com o garotinho loiro*. Mas com Beverly, ele demoraria o quanto quisesse.

Consultando as horas e vendo que estava na hora de começar, inspecionou-se no espelho mais uma vez para garantir que a faca não aparecia. Ou a corda de náilon. Ou a arma. Não mataria com ela; a pistola tinha outros usos. Danny vestiu um smoking para a festa, mas não o usaria por muito tempo; em breve ele o trocaria por outra roupa, uma mais adequada para a ocasião. E quanto ao que Beverly estaria vestindo no baile, ela também não usaria aquilo por muito tempo. Ela também trocaria de vestimenta: um par de algemas e uma forca feita em casa.

Mal podia esperar para ver a expressão no rosto dela quando ela percebesse quem ele era.

Beverly teve de tentar várias vezes antes de conseguir colocar os brincos de pérola. Estava tão preocupada com Otis Quinn que não conseguia evitar o tremor das mãos. Onde estaria ele? Quinn havia chegado no teleférico da manhã, e já era

noite. Ela pensou que àquela altura ele já tivesse tentado entrar em contato. A espera a deixava uma pilha de nervos.

Motivo pelo qual se assustou ao ouvir uma batida à porta. *Quinn?*

Mas era Simon; e ele ainda não tinha vestido o paletó branco do traje a rigor. Ele entrou na sala e fechou a porta.

– Recebi o seu recado, Beverly – disse ele com um olhar preocupado. – Disse que não vai participar do baile hoje. Está se sentindo mal? Quer que eu chame a doutora Isaacs?

– Não – respondeu. – Eu só... Estou com dor de cabeça – Beverly tinha toda intenção de participar do baile, tendo decidido há tempos que aquela seria a sua *apresentação*, sua primeira aparição pública sem os óculos escuros. A decisão foi tomada baseada no fato de que fazia três anos e meio que as pessoas não viam o rosto de Beverly Highland nas telas de televisão ou nos jornais; por certa, ela disse a si, a memória das pessoas começaria a falhar. E então o *Butterfly revelado* foi publicado por Otis Quinn, e estava cheio de fotografias dela, dos tempos em que havia sido uma socialite filantropa, angariando fundos para diversas obras de caridade, e, mais especificamente, para a campanha presidencial de Danny Mackay. Agora já não podia se arriscar. Alguém no salão de baile poderia reconhecê-la.

– Detesto a ideia de você perder o baile – disse Simon, aproximando-se tanto que a obrigou a recuar um passo.

– Ainda participarei dele, de modo particular – ela apontou para a imensa tela de TV embutida em uma das paredes que recebia imagens das diversas câmeras de segurança espalhadas pelo Castelo e por toda propriedade; um sistema que possibilitava a Beverly observar o que acontecia no resort sem ter de deixar a segurança e o anonimato do seu quarto.

– Não é a mesma coisa – replicou ele.

– Não me importo – disse ela, virando-se para que ele não percebesse a mentira em seus olhos. Ela ligou a televisão, e a tela foi subitamente tomada por uma imagem branca e cinza: o salão de baile, com sua árvore de Natal de doze metros, que recebeu flocos brancos e estava decorada com estrelas prateadas – uma maravilha invernal. Alguns poucos convidados já tinham chegado e estavam se servindo no enorme bufê.

– Por favor, Simon – pediu ela. – Desça e seja o anfitrião maravilhoso que sempre é para os nossos hóspedes.

– Eu tinha esperanças de dançar uma vez com você, Beverly.

Olharam-se através do cômodo. Simon e Beverly nunca tinham dançado.

– É isso o que eu quero – disse baixinho. – Por favor.

Ele se aproximou e pousou uma mão no rosto dela.

– Deixe-me ajudá-la, Beverly. Deixe-me ficar entre você e o que quer que a esteja assustando.

Ela o fitou nos olhos e, por um instante, quase contou tudo. Mas se conteve, obrigou-se a permanecer forte por um minuto a mais, forçou-se a ser firme e manter seus segredos escondidos. Até que ele disse por fim:

– Muito bem, se é isso o que quer. Vou me preparar para o baile agora. Se mudar de ideia...

Depois que ele se foi, ela tentou se acalmar e assistir ao monitor. Contudo, logo descobriu que estava à beira de uma inquietação desconhecida. O perfume da colônia de Simon permeava a sala; ela ainda sentia as pontas dos dedos em seu rosto.

O que faria? Ficaria ali? Uma prisioneira em sua própria casa, um animal enjaulado, esperando até que Otis Quinn a expusesse? Por toda a vida havia sido uma lutadora, mas agora Beverly se via acovardada.

Pensou novamente em Simon. Pelo tempo que se lembrava, sempre esteve só, afastou os homens e o amor, confiando apenas em si, sem ter ombro algum no qual se apoiar. Simon disse que queria partilhar o seu fardo, queria ser o escudo contra o que a assustava. Será que ela não podia, finalmente, permitir-se se apoiar na força de outra pessoa? Não seria certo permitir que ele, finalmente, entrasse em sua vida, ajudando-a?

Depois de amanhã, eu posso não ter mais um lugar na vida de Simon de novo. Depois de amanhã, o mundo pode ser um lugar diferente.

Ela foi até a porta e olhou para fora no corredor. Simon já estava em seu apartamento, preparando-se para o baile. Fechando a porta silenciosamente atrás de si, com o coração saltitando, Beverly caminhou até o fim, onde parou para aguçar os ouvidos. Ouviu o barulho do chuveiro.

Testou a porta. Estava destrancada.

Beverly já estivera no quarto de Simon antes; era um reflexo curioso de outra faceta de um homem que ela conhecia e não conhecia ao mesmo tempo – Simon Jung, sempre tão asseado e meticuloso em seu porte, apreciava um estilo meio bagunçado com livros, revistas e fitas de vídeo cassete espalhadas por aí, uma mesa coberta de papéis, uma gravata marrom dobrada sobre o espaldar de uma cadeira.

Ela andou até o banheiro, onde o vapor saía pela porta entreaberta. Ouvia Simon no chuveiro, os pés raspando os azulejos, o sabonete caindo no chão com um baque. Ela espiou. Uma forma vaga estava visível através da cortina plástica.

Os banheiros do Castelo eram antigos e imensos; o *box* era descomunal, com bancos de mármore embutidos e com diversos chuveiros dispostos em diversas alturas. O chuveiro do banheiro de Simon podia ser convertido em uma sauna ou em uma enorme banheira de hidromassagem.

Enquanto despia-se lentamente, mantendo o olhar fixo na figura atrás da cortina, ela inalou o perfume pungente do sabonete Irish Spring.

Quando estava completamente nua, entrou pelo outro lado do box e afastou a cortina. Simon estava de costas para ela, ensaboando o peito e os braços, com o rosto voltado para o jato de água. Ela observou as nádegas, as pernas bem moldadas. Ele tinha os ombros de um nadador, e, contudo, ela se deu conta ao entrar, nunca viu Simon em uma das piscinas.

Ele se virou abruptamente, assustado.

– Beverly! – exclamou ele.

E ela se lançou em seus braços, encontrando-lhe os lábios com os seus como se tivessem feito aquilo centenas de vezes. A espuma cálida do sabonete escorregou pelos seios e pela barriga ao se pressionar a ele, que instantaneamente ficou excitado.

Ela sentiu as mãos movendo-se pelas suas costas, escorregadias por causa do sabonete e depois para agarrar suas nádegas. Ela segurou a ereção e a guiou por entre as suas coxas, contraindo as pernas.

A língua dele explorou a sua boca, e depois ele a afastou para beijar-lhe os seios, a língua enrijecendo os mamilos. Alcançando o frasco de xampu âmbar, ele apertou o conteúdo dourado sobre ela, espalhando-o em sua pele, massageando-lhe os seios, as costas, entre as pernas, os dedos gentilmente explorando, escorregando para dentro.

Enquanto a água cascateava sobre ele, a espuma deixando a pele deslizar sobre a outra, Simon ligou os outros jatos para que mais água quente pulsasse de diferentes ângulos, fortes e revigorantes. Beverly ajoelhou-se lentamente e o tomou com a boca. Ele fechou os olhos e gemeu.

Subitamente, ele a pegou, suspendeu-a e a deitou no banco de mármore, abrindo-lhe as pernas para penetrá-la, segurando-a firme contra si enquanto dava investidas profundas e ritmadas. Ela mordeu o seu lábio, e sugou sua língua enquanto a água quente e perfumada os banhava, fazendo seus corpos suados

movimentarem-se suavemente juntos. Beverly suspendeu os joelhos mais para o alto e enrolou as pernas ao redor da cintura dele, trazendo-o para mais fundo. Com um braço ao redor dela, segurando-a firme contra si, a boca sobre a dela, Simon desceu a mão e a afagou no ritmo das investidas. Quando ela começava a gozar, cravou as unhas nas costas dele, gritando o seu nome, e sentiu que ele se esvaziava no mesmo instante glorioso.

Carole, em seu bangalô, tentava não pensar em seu precioso Sanford ao vestir o casaco russo de zibelina. Desejava desesperadamente que ele pudesse estar ali naquela noite, que fosse seu marido dínamo sexual, aquele que sabia muito bem embrulhar um colar de pérolas, com quem ela iria para a cama naquela noite. Em vez disso, se ela desejasse o papel de Marion Star, teria de seguir adiante seduzindo Larry Wolfe. Que é o que ela queria. Porque isso alavancaria sua carreira de maneira extraordinária e faria com que ela continuasse a ser a *linda estrela de cinema* de Stanford por mais tempo.

Coincidentemente, Larry Wolfe, no bangalô vizinho, enquanto passava a colônia Paul Stuart no maxilar bem definido, pensava na mesma coisa. A não ser pelo fato de ele fazer amor com Carole Page por motivos completamente diversos. Outro nome na sua lista de conquistas. Claro que ele não se iludia em pensar que era nele que ela estava interessada, mas isso pouco importava. O resultado era o mesmo. E essa era outra prova do poder que os produtores tinham em Hollywood. Ninguém queria transar com o roteirista para conseguir um papel, mas o produtor, ah, essa era uma história completamente diferente. Carole Page seria apenas o início de uma nova carreira no quarto de Larry. E, além disso tudo, como gotas de chocolate sobre chantilly, ele se encontraria com o senhor Yamato no dia seguinte para selar o contrato do filme, entregando a proposta na qual a boa e velha Andrea vinha trabalhando nos últimos cinco dias.

Ao se olhar uma última vez no espelho, percebendo que arrasaria corações femininos aquela noite, Larry decidiu que seria magnânimo e concederia uma dança a Andrea. Só para saber o que ela estava perdendo.

Na mesma hora, no quarto do outro lado da sala de estar de Larry, Andrea vestia o terninho risca de giz com minissaia, também pensando para o baile daquela noite. Mas por diferentes motivos. Ela ansiava por aquele momento durante o baile, em que entregaria o *presente* de Larry e diria *Feliz Natal, cretino*.

No Castelo, Judith Isaacs subia o zíper do vestido preto conservador que lhe

atendera bem em tantas conferências médicas. Aguardava nervosa a noite que se aproximava na companhia do senhor Smith, vivenciando um misto de tristeza e remorso: dançaria com ele e ficaria enfeitiçada, e na manhã seguinte ele deixaria o Star's. Uma garrafa de champanhe Cristal havia sido entregue em seu apartamento um pouco antes, com um broche de flor – presentes do senhor Smith. Agora ela prendia o broche no vestido, mas deixou a garrafa fechada. Visto que Zoey desceu a montanha, Judith agora era a única funcionária da clínica no resort. Precisaria manter-se sóbria, pois deveria estar disponível para emergências.

E, quando ouviu uma batida à porta, ela soube que era Smith – ele insistiu em buscá-la para acompanhá-la ao baile, de modo muito antigo e cavalheiresco, e muito maravilhoso – e sua ansiedade aumentou. Pensou: *Por favor, não me deixe ficar apaixonada hoje...*

Mas antes de atender à porta, ela disse:

– Um minuto, por favor.

E voltou para o quarto, desfazendo a trança apressadamente, escovando o cabelo longo e ondulado, e depois voltou para a porta. E disse:

– Olá.

E ele, vendo o cabelo dela, disse:

– Ora, ora...

No apartamento do terceiro andar da torre onde querubins usavam abajures sobre as cabeças cacheadas e o tecido estampado ameaçava tomar conta do mundo, Bunny Kowalski, agora sozinha com sua agente – já que a equipe da fada madrinha havia saído há algumas horas –, olhava para o espelho de corpo inteiro, para sua figura impressionante, e perguntou:

– Quando? Quando?

E Frieda, tão satisfeita consigo, que desejou que Syd Stern estivesse ali para lamentar sua sorte, respondeu:

– Logo. Falta pouco.

A grande surpresa da noite necessitava de uma entrada no tempo certo, ela bem sabia.

Eram nove horas da noite, e o evento resplandecente acontecia a todo vapor. Simon Jung cumprimentava os hóspedes que chegavam ao saguão principal, que se transformou em uma área de recepção para o excesso de pessoas no salão de baile. Embora Simon tivesse tentado convencer Beverly a descer, ela recusou. Por

isso, ele sorriu para uma das câmeras no teto, sabendo que ela o observava em seu monitor particular. Ela lhe pediu que fosse ao seu apartamento depois do baile, pois tinha algo a lhe contar.

Carole Page chegou e movimentou-se entre as celebridades, sorrindo e acenando para as pessoas que conhecia. A última vez em que ela viu tantos rostos famosos juntos foi na festa pós-entrega do Oscar no Spago. Ela estava começando a se divertir quando Larry passou por ela com um martíni na mão. Ele lhe lançou uma piscadela marota que fez seu estômago se contrair. E depois murmurou:

– À meia-noite.

Ao que ela respondeu, sentindo-se mal:

– Sim.

Naquela multidão em que os vestidos de festa tinham nomes tão famosos quanto as mulheres que os vestiam, Danny Mackay, de smoking e misturando-se bem, moveu-se sem ser notado. Ele se aproximou de um dos seguranças com o blazer azul-marinho do Star's, com o aparelho do walkie-talkie na cintura, e disse:

– Há uma coisa lá fora que eu acho melhor você dar uma olhada.

O guarda o seguiu e o que ele viu, atrás de um enorme arbusto de oleandro, foi o brilho de uma faca e a súbita mancha rubra em sua camisa. Ele fitou Danny assustado antes de cair na neve, morto.

Danny apressou-se em vestir as calças e o paletó do homem, certificando-se de que o corpo estaria bem escondido, e voltou para dentro, desta vez para se misturar aos hóspedes na figura de um segurança respeitável e confiável.

Andrea aproximou-se de Larry, que tentava flertar com uma loira desacompanhada.

– Posso falar com você? – pediu.

– Agora não, Andrea.

Quando ela disse: "Agora, sim", de um modo que chamou a atenção dele, ele disse à loira que voltaria em seguida e acompanhou Andrea até uma parte relativamente reservada debaixo de um dos absurdamente grandes retratos de Marion Star, ficando parcialmente escondidos atrás de palmeiras em vasos.

– E então? – disse ele com impaciência. – O que é que não pode esperar?

– Eu, Larry – disse ela. – Eu não posso esperar.

– Hum? Não pode espera pelo quê?

– Pelo seu pedido de desculpas público. Por me esnobar no Oscar. Seguido da sua confissão pública de que eu sou a roteirista e você não é. Faça isso hoje, aqui.

Ele a encarou como se marcianos tivessem acabado de descer na Terra.

– De que diabos você está falando?

Andrea não conseguia acreditar o quanto estava se divertindo. O champanhe corria pelas suas veias, e ela ligou antes para Chad McCormick, que se mostrou tão animado em ouvi-la que disse que iria imediatamente ao Star's para vê-la. Era incrível como, quando as coisas começavam a caminhar ao seu favor, elas combinavam à perfeição com uma vingança.

– E estou falando sobre o fato de eu ter escrito todos os roteiros pelos quais você recebeu os créditos. Para mim chega. Quero o que é meu por direito.

– E o que diabos seria isso?

– Crédito, Larry. Você tem um Oscar que, por direito, é meu.

– Quer dizer que está toda incomodada por causa de uma maldita estatueta?

– Não, não é só por causa do Oscar. É por causa do modo como vem me tratando todos estes anos. Quando me disse para que eu não me casasse com Chad McCormick, você alegou que isso acabaria com a nossa equipe. Mas não foi por isso, foi? Nós ainda poderíamos trabalhar juntos. Você teve medo de que Chad descobrisse a verdade. Por isso me fez desistir dele.

Quando ele percebeu que ela estava falando sério, ele riu e disse:

– Que beleza! Divirta-me um pouco mais. E como pretende me forçar a admitir tal coisa publicamente? Você não tem provas. Só você e eu sabemos a verdade, e quem vai acreditar em você?

– Você tem razão. Por isso acho que só nos resta seguir caminhos diferentes a partir daqui.

– O quê?

– Estou me demitindo da equipe. A partir de agora. Boa sorte com o senhor Yamato amanhã. E para escrever o roteiro.

– Ei, espere. Não pode me dar as costas assim.

– Claro que posso. Veja só.

Ele piscou e subitamente começou a suar debaixo do colarinho.

– Ok. Tudo bem. Mas só lembre que não pode escrever a história de Marion Star porque eu tenho direitos sobre ela.

– Você tem os direitos sobre a sua versão – replicou ela. – Mas qualquer um pode escrever sua própria versão, não é mesmo? Adeus, Larry.

Ele a segurou pelo braço.

– Se me abandonar, eu a processo.

– Ah, faça isso, por favor! Porque assim a verdade aparecerá no julgamento.

Eu posso provar que sou uma roteirista. E você? Pode?

Ele a encarou, prontamente conhecendo o que era sentir medo. Mas manteve o tom de quem pouco está se importando na voz:

– Então me diga o que você quer.

Do outro lado do corredor principal, Carole olhou na direção dele e viu Andrea e Larry envolvidos em uma conversa intensa. Ficou imaginando sobre o que seria. Mais uma vez pensar em ir para a cama dele a enojou, mas não se refutaria quando ele fosse ao seu bangalô. Ela *precisava* daquele papel.

Ao continuar a circular pelo saguão, ela viu um homem baixinho, gorducho e careca servindo-se dos ponches de champanhe. O terno dele não tinha o caimento perfeito, a gravata não combinava em nada com a cor do paletó e as meias, ela notou, eram de dois tons diferentes de cinza. E, quando ele se virou de frente, ela viu que ele derramara um pouco de champanhe na camisa. Era o tipo de homem que as pessoas, ao vê-lo, diriam: “Quem o deixou entrar?” ou que simplesmente não o enxergavam.

– Sanford! – exclamou ela.

Ele levantou o olhar.

– Carole! Minha querida!

Ela se apressou para os braços dele. Beijando o alto da cabeça reluzente, visto que ele era mais baixo do que ela, Carole disse:

– O que está fazendo aqui?

Ele ficou corado, mostrando-se radiante.

– Vim fazer uma surpresa para você, minha linda estrela de cinema! Quando partiu há cinco dias, tive o pressentimento de que algo estava errado. Isso incomodou-me a semana inteira. Eu não conseguia trabalhar. E essa minha última conta vale 8 milhões de dólares!

– Ah, Sanford! – exclamou ela, fitando-o. Um homem pequeno, talvez até um tanto insignificante em sua aparência, mas a maravilha de todos os tempos no que se referia à cama. – Estou *tão* feliz em ver você!

– O que a entristecia incomodou-me a semana toda, por isso decidi ir conversar com o seu agente. Ele disse que o último filme foi um fiasco. É verdade?

Quando ela hesitou, ele prosseguiu:

– Minha pobrezinha... Você quis me poupar. Acha que não sei o que está acontecendo? Acha que não tenho olhos? Acredita que eu não a ame mais do que a minha vida? – ele se ergueu na ponta dos pés para beijá-la nos lábios.

– Pensei que você me abandonaria se soubesse que sou um fracasso.

– Abandonar você? A melhor coisa que já me aconteceu na vida? Meu bem, você poderia estar abrindo esgotos e eu ainda a adoraria.

– Ah, Sanford... – seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Mas, no fim, vim com ótimas notícias para você. A maior minissérie desde *Sangue, suor e lágrimas*. E você tem o papel principal.

– O quê? Sanford! Uma minissérie? Conte-me tudo!

– Financiada pelo seu próprio marido, meu bem. Mas vou lhe contar tudo em particular... – disse ele com um sorriso. – Onde fica o seu quarto?

Seguiram para a porta de entrada, onde Sanford pegou o casaco de pele da esposa, e saíram para a noite para comemorar o Natal e o novo contrato de Carole, de maneira muito particular. Um momento só deles.

Andrea dizia a Larry:

– Basta fazer um anúncio para todos aqui, hoje à noite, de que o Oscar de fato me pertence. Que a ideia foi minha, bem como o roteiro...

– Você deve estar louca.

– Se concordar em fazer isso, então continuarei a trabalhar com você e ninguém jamais saberá que todos os seus roteiros foram escritos por outra pessoa.

– Não pode estar falando sério! Entregar o Oscar para outra pessoa? Isso é ridículo!

– É mesmo? Lembra-se de Milli Vanilli? Eles tiveram de devolver o Grammy, não tiveram? Por dublarem as canções. Bem, vamos dizer que esse seja um caso de dublagem de escrita. Entregue-me o Oscar, reconheça-me como a roteirista, e ficamos entendidos. Se não o fizer, vou embora.

– Muito bem, vá, vagabunda. Veja se me importo. Vou sobreviver.

Ela se virou para ele.

– Sabe, Larry, há dezessete anos, você me disse que William Goldman recebeu quatrocentos dólares por "rabiscar" *Butch Cassidy*. Vamos ver se você consegue rabiscar alguma coisa.

Larry observou Andrea se afastar. Quando viu Carole sair com um homem que reconheceu como sendo o seu marido, passou-lhe pela cabeça que aquela não seria a sua noite.

Em seu blazer de segurança e carregando um walkie-talkie, fingindo falar nele, Danny abriu caminho entre a multidão sem empecilhos; celebridades como aquelas estavam acostumadas com homens como ele. Ao ver Philippa, ele parou e a observou por um momento. Ela estava com um grupo de pessoas, e seu cão de

guarda australiano estava ao seu lado. Danny pensou rápido.

No alto, em seu apartamento, Beverly monitorava os acontecimentos do baile, mudando de uma câmera para outra. Ela viu Carole Page com um homem um tanto baixo, e Andrea Bachman afastando-se de Larry Wolfe, que parecia ter uma expressão abatida no rosto. Beverly ficou contente em ver que os seguranças estavam aos montes, porém sem atrapalhar o progresso do evento. Em aglomerados como aquele, era importante que os convidados sentissem-se seguros.

Beverly mudou para a câmera do mezanino no instante em que Frieda saía do elevador com...

Beverly arfou.

Não acreditava no que estava vendo.

– Por que estamos descendo aqui? – perguntou Bunny. Ela pensou que desceriam de elevador até o térreo.

– É mais dramático assim, querida. Vamos aguardar alguns minutos antes que você faça a sua entrada. Para que ela seja triunfal.

Quando Danny viu que o loiro saía do lado de Philippa por um instante para apanhar um drinque, ele resolveu agir.

– Com licença, senhor? – disse ele a Ricky. – Posso falar com o senhor? É urgente. Diz respeito à senhorita Roberts.

Ricky procurou Philippa com o olhar.

– É melhor não alarmá-la, senhor – sugeriu Danny. – Acredito que podemos resolver o assunto sem incomodá-la.

Ricky o seguiu pela porta da frente e pelos degraus cobertos com tapete vermelho.

– Basta virar ali – disse Danny, conduzindo Ricky para o local em que o segurança morto estava escondido.

Quando Ricky viu o corpo, abaixou-se sobre um joelho.

– Não estou entendendo – disse, colocando a mão no pescoço frio à procura da pulsação. – O que aconteceu? O que ele tem a ver com a senhorita Rob...

A faca rápida e afiada de Danny fez o resto. Uma linha vermelha escura surgiu de orelha a orelha e a camisa branca do smoking de Ricky logo ficou rubra.

Danny voltou para dentro e misturou-se à multidão, desejando poder

assoviar, tamanha a sua felicidade.

Frieda e Bunny esperavam no topo da escada principal, longe das luzes, escondidas no recesso de uma porta fechada. Algumas pessoas olharam para elas ao passarem.

– Quando? – perguntou Bunny pela milésima vez, tão animada quanto nervosa.

E Frieda, também animada e nervosa, disse:

– Quando eu disser. Queremos ter certeza de que todos verão.

Judith e Smith caminhavam pela neve, observando as estrelas no céu, nenhum dos dois inclinados a se juntarem às estrelas do lado de dentro. Ela tinha o braço ao redor do dele, e estava falando:

– Mort era um artista. Um espírito livre. Ele criava coisas lindas a partir da argila. Porém, ele se incomodava com o fato de trabalhar em casa enquanto eu ficava fora o dia inteiro no meu consultório ou no hospital. Um dia o chamaram de dono de casa, e ele se ressentiu imensamente com isso. Quando Kimmie morreu, Mort culpou-me por eu não ter estado lá. Ele disse que eu era a mãe, e que, portanto, deveria estar por perto quando a filha estava doente. Em retrospecto, vejo que ele só estava tentando desafogar a amargura quanto ao desequilíbrio das nossas posições. Houve ocasiões em que a nossa correspondência chegava endereçada ao “Doutor Isaacs e esposa”.

– E com isso você veio para cá para se enclausurar.

– De certo modo, sim.

– Bem, lamento dizer que não posso permitir isso.

– O que quer dizer com isso?

– Pretendo salvá-la. A menos que tenha objeções quanto a se casar com um homem muito mais velho que você.

– Sua fala está toda invertida – disse ela com um sorriso. – Você deveria dizer que é velho demais para mim, que sou uma mulher jovem com a vida inteira pela frente e que eu não teria de me sobrecarregar com um velho...

Ele a deteve, segurando-a pelos ombros.

– Não acha que estou falando sério? Pretendo ficar com você, Judith Isaacs. Vou cortejá-la e enfeitiçá-la de todos os modos que conheço, até que você diga sim.

– Mas...

Ele pousou um dedo em seus lábios.

– Por favor, diga o meu nome. Meu nome real. Quero ouvir você dizê-lo.

Ela o fez, e em seguida ele a beijou, e ela retribuiu o beijo; e quando se abraçaram, ela soube que diria sim.

Danny aproximou-se de Philippa e disse:

– Senhorita Roberts? Não quero alarmá-la, mas pode vir comigo, por favor? Um amigo seu está ferido.

Ela olhou ao redor. Onde estava Ricky?

– Ah, meu Deus – disse. – O que aconteceu?

– Não queremos alarmar ninguém. Apenas venha comigo, por favor. O gerente geral explicará tudo.

Ele a conduziu para um elevador que exigia o uso de uma chave, mas Danny a tinha – ele tinha o molho de chaves-mestras preso à cintura. Ao subirem, ela o fitou com curiosidade. Ele não se parecia com os outros seguranças espalhados pelo resort. Primeiro porque nenhum deles usava óculos nem barba. Segundo, porque ele parecia mais velho.

As portas do elevador abriram-se, e ele deu um passo para o lado para que ela saísse primeiro. Prosseguiram por um corredor frio, onde armaduras perfilaram-se rígidas em silêncio e o ar úmido e embolorado prevalecia. Ela não fazia ideia de onde estavam indo.

– Não pode me dizer o que está acontecendo?

– O gerente geral prefere explicar ele mesmo, senhorita. Só fui incumbido de vir buscá-la.

Entraram em um quarto imenso decorado em um estilo *art déco* em rosa e verde, e Philippa o reconheceu como sendo o quarto de Marion Star – já o vira em fotos antes.

– Entre ali, senhorita – disse ele, e Philippa seguiu adiante dele, encontrando-se, para sua grande surpresa, em um igualmente enorme banheiro com murais eróticos de homens e mulheres nus nas paredes. Quando ela percebeu que ele a trouxera ao famoso Banheiro Obsceno, e também que não havia mais ninguém ali, virou-se e disse:

– Mas o que...

Ela viu a arma apontada na sua direção.

Danny sorriu.

– Não se preocupe – disse ele. – Não tenho intenção alguma de usá-la. Não

vou atirar em você. Afinal, o barulho causaria alarde. Apesar de que, se prestar bastante atenção, vai perceber que a festa está acontecendo bem longe daqui, e está muito barulhenta.

Ela ficou completamente aterrorizada.

– O que quer?

– Primeiro quero que tire esse vestido, bem devagarzinho. Quero assistir você fazendo isso.

Ela começou a tremer.

– Quem é você? O que quer?

– Vamos lá, Beverly, chega de fingimentos. Já deve ter me reconhecido a essa altura.

– Meu nome não é Beverly!

– Eu disse para tirar o vestido!

Ela levou as mãos para trás e puxou o zíper.

– Não sei por que está fazendo isso comigo...

Ele tirou os óculos e arrancou a barba.

– E *agora*, sabe?

– Mas não sei quem você é!

– Pare com isso, Beverly, e passe esse vestido para cá. Isso mesmo. Agora tire o sutiã e a calcinha.

* * *

Frieda decidiu que já era hora. Ela esteve observando Larry Wolfe – aquela encenação toda era para ele. Finalmente ele estava no lugar certo, próximo ao centro do saguão principal, não muito longe da escada, e olhando na direção delas enquanto falava com uma loira qualquer.

– Ok – disse para Bunny. – Vamos em frente.

Frieda avaliou a iluminação na escada e disse:

– Ande lentamente até o décimo segundo degrau e depois pare lá. Fique lá. Não se mexa, não importa o que aconteça.

– Deseje-me boa sorte – disse Bunny.

E Frieda a beijou no rosto, dizendo:

– Você já tem toda a sorte do mundo, querida. Desça até lá e acabe com eles!

Bunny começou sua lenta descida, e quando viu que ninguém a notava, moveu-se com ainda mais lentidão, parando a cada degrau e fazendo uma pausa,

com a mão no corrimão. Quando algumas pessoas olharam na sua direção e pararam para fitá-la, ela desceu mais um degrau. Alguns outros hóspedes calaram-se, e depois mais alguns. Quando chegou ao décimo segundo degrau e percebeu que estava sob um facho de luz, parou e lá ficou, sem se mover, mal respirando.

Mais e mais pessoas viraram-se na direção dela até que todo mundo, percebendo que algo acontecia, virou-se para a escadaria e calou-se. O silêncio foi rompido por sussurros e arquejos, e Bunny ouviu o nome *Marion Star* percorrer o saguão principal como as ondinhas formadas por uma pedra caindo em um lago.

Bunny estava relaxada de uma maneira sensual contra o corrimão em um vestido de noite de veludo marrom que se ajustava tanto ao seu corpo que era como se ela tivesse mergulhado em chocolate. A peruca escura agarrava-se ao seu rosto de modo provocante, e os olhos esfumaçados de preto pareciam chamuscar.

Todos os hóspedes olhavam das fotografias de Marion Star para ela. Suas expressões atônitas diziam a Frieda que sua ideia mirabolante funcionou. Bunny não era apenas uma atriz caracterizada – ela *era* Marion Star.

Enquanto todos observavam a aparição na escada, Smith veio pela porta da frente e abriu caminho em meio à multidão enfeitiçada até alcançar Simon Jung. Conversaram de maneira breve e urgente, e depois saíram juntos.

* * *

Em seu apartamento, Beverly assistia ao espetáculo da escada com a mesma estupefação dos hóspedes. Bunny Kowalski era a *imagem* de Marion Star. Era inacreditável.

As pessoas começaram a bater palmas. Devagar, a princípio, depois com maior excitação, até que todo o saguão estivesse tomado pela plateia mais apreciativa que uma atriz poderia desejar. E atrás de Bunny, vestindo um terninho preto discreto comprado pouco antes na Armani, e escondida das atenções de sua cliente, Frieda Goldman cravou o olhar na expressão mais que aturdida de Larry Wolfe.

Syd Stern, engula essa.

No Banheiro Obsceno, Danny disse:

– Algo deve estar acontecendo lá embaixo, querida. Está ouvindo os aplausos?

Philippa estava algemada, ainda de calcinha e sutiã. Quando se recusou a tirar a roupa de baixo, Danny disse, exagerando no sotaque texano:

– Está bem, querida. Sou um cavalheiro – então lhe prendera as mãos atrás das costas e a obrigou a sentar na beira da banheira de cristal.

Agora ele estava sentado no sanitário de ouro observando-a. Guardou o revólver – afinal, ela não iria a parte alguma – e pegou a faca.

– Cortei seu amante loiro com isto – disse ele, passando o dedo pela navalha.

– Por favor – sussurrou ela. – O que você quer? Deixe-me ir.

– Claro – disse ele com um sorriso. – Como você me deixou ir há três anos e meio. Lembra-se de como implorei?

– Pelo amor de Deus, não sei do que você está falando.

– Jesus Cristo, Beverly! – ele ralhou. – Pare de fingir! Apenas admita o que fez e talvez eu pegue leve. Não fique me dizendo que não sabe quem eu sou!

– Eu não sei... Você me parece familiar, acho...

– Vamos lá, Beverly.

– Por que insiste em me chamar assim? Meu nome não é Beverly!

– Ah, suponho que queira que eu a chame de Rachel, como na noite em que me fez rastejar até você. Bem, fiz o seu jogo na época, mas agora o jogo é *meu*, e você vai jogá-lo segundo as *minhas* regras! – ele se levantou e caminhou até ela, brandindo a faca perto do rosto dela. – E para começar, aqui vão as minhas regras...

Enquanto assistia à espetacular entrada de Bunny Kowalski na grande tela de TV, Beverly esticou a mão para pegar o chá e acidentalmente derrubou o jornal; ele caiu no chão em um baque, abrindo-se. Como aquele era o dia do baile, ela não tivera tempo de ler nem o jornal, nem a correspondência, mas ao colocá-lo de volta na mesa, viu a manchete pela primeira vez: TRÊS CORPOS ENCONTRADOS ENTERRADOS NA PRAIA DE MALIBU. Ela não teria prestado maior atenção se não pelo fato de, ao ter recolocado o jornal na mesa, ter reparado em um nome do artigo: Bonner Purvis.

O braço direito e melhor amigo de Danny Mackay. Depois viu o segundo nome: Otis Quinn. Os dois brutalmente assassinados. Os dois enterrados na areia.

Ela ficou parada. Mas Quinn se registrara no hotel naquela manhã!

Levantou-se. O coração congelado.

Não era Quinn.

Danny. Ele ainda estava vivo.

Saiu correndo do apartamento, pelo corredor e parou na plataforma antes da escadaria principal, na qual Bunny Kowalski ainda posava como Marion Star. Olhou para as centenas de pessoas abaixo, todas batendo palmas e gritando, e pensou: *Ele está aqui, disfarçado, em algum lugar no meio de todas essas pessoas*.

Procurou por Simon, mas ele não estava à vista.

E também sentiu...

Sentiu *uma coisa*. Muito errada.

– Rasteje até mim, vadia, ou eu vou amarrá-la nesse lustre e deixar você dançando no ar como eu dancei na cadeia – disse Danny.

– Por favor, você está com a pessoa errada – disse Philippa. – Não sei quem você é nem do que está falando.

– Já chega! – gritou. Ele pegou uma corda longa do bolso, sendo que uma ponta formava uma forca, e a passou pela cabeça dela, lançando a ponta solta sobre o lustre. – Vai mudar de ideia quando perceber que estou falando sério.

– Não! – ela exclamou. – Por Deus, não!

– Acha que não sou capaz? Bem, acabei com o seu namorado. O loirinho.

Ela o encarou.

– Ricky? – sussurrou.

– Mortinho da silva.

– *Não!* – ela gritou. – Ai, meu Deus, Ricky!

– Que nome idiota... – disse Danny ao apertar a forca no pescoço dela. Foi então que ele se deu conta de que ela ainda vestia sutiã e calcinha. – Livre-se disso – ordenou, levantando a faca.

– Danny – disse uma voz atrás dele. Uma voz calma.

Ele olhou por sobre o ombro e viu uma mulher parada, com calças e suéter, com cabelo moreno curto desfiado. Ela não parecia perturbada, apenas ficou parada ali, olhando para ele.

– Danny – ela repetiu.

Ele a fitou novamente.

– Solte-a, Danny – disse a mulher.

Ele estreitou o olhar.

– Quem diabos...

– Você sabe quem eu sou – disse ela, entrando no banheiro. – Solte-a, Danny. O que quer que esteja acontecendo aqui é uma coisa que diz respeito a você e a

mim.

Seu franzir aprofundou-se.

No instante seguinte, outra pessoa apareceu na porta.

– Beverly, alguém me disse que viu você subindo para este lado... – disse Simon Jung. A voz dele interrompeu-se ao ver Philippa e Danny com a faca.

– O que está acontecendo aqui? – Danny exigiu saber, olhando de Philippa para Beverly.

– Você está errado de novo, Danny – disse Beverly, aproximando-se e estendendo a mão. – Eu sou Beverly. Entregue-me a faca.

– Fique onde está! – gritou ele. Indo para trás de Philippa, levando a faca até o pescoço dela. – Mais um passo e eu a mato!

– Você quer a mim, Danny, lembra? – disse Beverly. – Eu sou Beverly. O problema é seu e meu.

– Não! Quinn disse que *ela* é Beverly! – e a faca afundou um pouco mais no pescoço de Philippa.

– Mas Quinn estava errado. Eu sou Beverly, Danny.

Ele lambeu os lábios. O suor brotou na testa.

– Prove.

Ela aparentava calma, a voz, porém, traía o seu medo, tremendo ao dizer:

– Você me encontrou em El Paso quando eu tinha catorze anos. Eu estava fugindo de casa. Meu nome era Rachel Dwyer.

Philippa olhou para ela. Dwyer! O sobrenome que Hendricks lhe dissera ser dos seus verdadeiros pais.

– Isso ainda não prova nada – disse Danny, incerto agora. Ele mudou de posição denotando nervosismo. Que diabos acontecia ali? Que tipo de jogo seria aquele?

– Está bem – disse a outra mulher. – Eu lhe darei uma prova – e para surpresa dele, ela desceu o zíper das calças e deixou-as caírem. Tirando-as, aproximou-se e disse:

– Olhe, Danny. Vê esta cicatriz? – ela apontou para o interior da coxa, logo abaixo do elástico da calcinha. – Você mandou tatuar uma borboleta aqui, lembra? Eu tinha catorze anos e nós atravessamos a fronteira para fazer isto.

Ele olhou para a cicatriz. A faca começou a tremer contra o pescoço de Philippa e uma gota de sangue apareceu.

– Solte-a – disse Beverly, com a voz tensa, porém firme.

Danny lentamente tirou a mão do braço de Philippa, ainda mantendo a outra

ao redor do ombro, a faca contra o pescoço. E em um movimento que pegou a todos desprevenidos, ele soltou a faca e levantou a pistola. Philippa caiu no chão e arrastou-se para longe dele, a corda de náilon arrastando-se atrás dela.

Assim que Simon Jung tirou o paletó e o colocou em volta dela, Danny sorriu e disse:

– Ora, veja, isso não é tocante? Que cavalheiro. Você sempre teve bom gosto com os homens, Beverly – essa última parte ele disse para a verdadeira Beverly. – Então, cometi um erro. Como isso pôde acontecer? – pensando na garçonete da noite anterior, ele riu. Dois erros seguidos. – Bem, agora não vou mais errar, porque vou matar três passarinhos com uma única pedra – ele olhou para Beverly. – A menos, é claro, que você queria implorar para que eu a poupe.

– Danny, preste atenção...

– Fico imaginando se essas boas pessoas sabem a vadia que você é, Beverly. Por que não conta para elas como tentou me destruir? Conte sobre o bordel em Beverly Hills que me ludibriou a comprar, fazendo com que eu pensasse se tratar de um negócio legítimo e depois vazando a história para a imprensa bem quando eu estava vencendo as primárias presidenciais.

– Danny – ela deu mais um passo à frente.

Ele gritou:

– Fique onde está! Ah, merda, estou cansado de tudo isso! – ele levantou a pistola e mirou entre os olhos de Beverly.

Um barulho ensurdecedor reverberou pelo banheiro de mármore; Philippa gritou e Danny caiu voando para trás.

Ele aterrissou na banheira, a cabeça chocando-se contra a torneira dourada em um som doentio.

Os três ficaram parados por um segundo, até que Beverly fosse apressada para a frente, ajoelhando-se na beira da banheira.

– Ele está morto – disse em descrença. Ela virou-se e olhou para trás. De onde veio o tiro?

Simon correu para o quarto, mas não havia ninguém lá.

A não ser Marion Star, que vinha na direção dele, apoiada na bengala.

– Ouvi um barulho – disse ela.

– Viu alguém passar, senhorita Star? – perguntou Jung. – Alguém passou por aqui?

– Não vi ninguém.

Ele saiu, apressando-se até o telefone no corredor.

Marion entrou no banheiro, e quando viu Danny estatelado na banheira, com um tiro no peito, balançou a cabeça e disse:

– Este banheiro sempre trouxe azar.

Beverly vasculhou os bolsos de Danny e, encontrando a chave das algemas, aproximou-se de Philippa, que estava apoiada na parede, aninhada no paletó de Simon Jung, tremendo.

– Você está bem? – perguntou Beverly ao soltar-lhe os pulsos e tirar-lhe a forca do pescoço.

Philippa olhou para ela.

– De onde conhece Christine Singleton?

Beverly a fitou surpresa.

– Ela era minha irmã gêmea. Fomos separadas ainda bebês. Uma família de sobrenome Singleton a adotou. Por quê?

– Eu sou Christine Singleton.

Encararam-se por um tempo enquanto os sons abafados da festa as alcançavam. Ninguém ouviu o tiro; a festa não foi interrompida.

– Você é Christine? – quis confirmar Beverly, estudando o rosto de Philippa. – Não entendo. Pensei que fosse Philippa Roberts.

– Eu fugi quando tinha dezesseis anos e mudei de nome.

A perplexidade de Beverly aumentou.

– Eu também. Mas... Como me encontrou?

– Vi o anúncio que colocou no *Times*.

Beverly disse:

– Mas não coloquei anúncio algum.

Nessa hora Simon Jung retornou, dizendo:

– A segurança já está subindo. Assim como a doutora Isaacs – e olhou para Beverly. – Fui eu quem colocou o anúncio.

– Você!

– Eu sabia que você tinha desistido de procurá-la. Aquela fotografia em seu escritório de uma jovem com dois bebês – eu a vi olhando para essa foto muitas vezes. E lembrei-me de você ter me contado sobre a esperança que tinha de reencontrar a sua irmã. Ainda estávamos no Brasil. Você disse que o nome dela era Christine Singleton.

Ele se virou para Philippa.

– Você está bem? – perguntou, levando um lenço branco imaculado até o pescoço dela onde a faca a espetara.

– Sim, obrigada – ela sussurrou.

Ele se voltou para Beverly.

– Eu queria ajudar você – disse ele.

– Você sabia... – ela olhou para Danny, largado na banheira de cristal. – Você sabia sobre isso também?

– Quando vi que o livro *Butterfly revelado* perturbou-a, eu o li. Entendi, então, que você era Beverly Highland e que mudou de identidade. E que não queria que eu soubesse.

Beverly olhou para Simon por um instante, relembrando o recente encontro amoroso no chuveiro e pensou no futuro deles juntos. Depois virou-se para Philippa.

– Então... Você é a minha irmã, de verdade?

– Sim – concordou Philippa pasma. – E você é a minha, então...

Elas disseram um *Ah*... em uníssono, bem quando o segurança entrou com uma equipe atrás dele.

– Rogers está morto, senhor – disse ele para Jung. – Nós o encontramos nos arbustos. A polícia de Palm Springs foi notificada – ele foi até a banheira e olhou para Danny. Depois virou-se para os outros reunidos no Banheiro Obsceno e perguntou:

– Quem atirou nele?

Mas ninguém sabia.

NA MANHÃ SEGUINTE

49

PHILIPPA PASSOU QUASE A noite toda sentada ao lado da cama e começava a cochilar na cadeira. Um tubo de soro suspenso captou os primeiros raios de sol na manhã conforme o dia amanhecia pela janela da sala de recuperação da clínica particular do Star's. Embora houvesse espaço para acomodar três pacientes pós-operatórios, somente uma cama estava ocupada.

E à medida que a luz começou a se espalhar dentro da pequena sala cirúrgica, o ocupante da cama esforçou-se por um instante para abrir os olhos. Ele fitou o teto, depois, com grande dificuldade, virou a cabeça de lado e olhou para Philippa. Ele tentou falar, mas não conseguiu. Por isso sua mão procurou a dela.

Quando ela sentiu seu toque, despertou assustada.

– Ricky – disse, sorrindo com gentileza. – Como está se sentindo?

– Com... – ele sussurrou. As bandagens ao redor do pescoço moveram-se ligeiramente quando ele engoliu. – Com uma dor de garganta... – ele tentou novamente com voz rouca – dos diabos.

Philippa inclinou-se sobre a grade da cama e afastou uma mecha de cabelo do rosto dele.

– Meu Deus, eu fiquei tão preocupada.

Ele sorriu fraco. Estava pálido; tinha perdido muito sangue, mas a doutora Isaacs disse que ele sobreviveria. Quando ela e o senhor Smith se depararam com Ricky na neve, com uma grande poça vermelha ao seu redor, ela não teve tanta certeza disso. Mas, quando o apressou para a clínica para uma cirurgia emergencial, recrutando o auxílio de dois médicos que estavam participando da festa, ela descobriu que, embora a garganta do rapaz estivesse cortada de orelha a orelha, os principais vasos sanguíneos tinham sido poupados. O ferimento mostrou-se superficial, com uma pequena laceração da traqueia, que ela conseguira suturar.

– Eu disse – ele falou com voz raspando – que nada... aconteceria... comigo.

O que... – mais uma vez ele engoliu com dificuldade. – O que houve?

– Vou lhe contar tudo mais tarde. Ah, Ricky, estou tão feliz que você está bem! Você poderia ter morrido!

– Não... – disse ele em seu sotaque australiano arrastado. – Quando quem quer que tenha me atacado... – ele respirou com dificuldade – eu vi a faca e lembrei uma coisa... que li uma vez, sobre dobrar o pescoço... e as artérias recuam para trás... ou algo assim.

– Shh... – disse ela, com os olhos brilhantes. – Não tente falar. A doutora Isaacs explicou tudo para nós. O homem que o atacou não cortou fundo o bastante... – sua voz interrompeu-se. – Ah, Ricky, eu sinto muito.

Ele esticou a mão e tocou nos seus cabelos.

– Philippa, preciso contar uma coisa.

– Não, não fale. Volte a dormir. Poupe suas forças.

– Eu tenho de falar. Deveria ter dito... há muito tempo. Menti para você. Eu não tinha nenhum amigo no *Philippa*. Inventei isso para você... me dar um emprego.

– Eu sei – disse ela, afagando os cabelos dele.

– Como soube?

– Porque Paul me contou que a tripulação dele era só de americanos.

– Você sabia? Então... por que me contratou?

Ela sorriu.

– Digamos que eu admire pessoas despachadas.

Judith Isaacs entrou nessa hora, vestindo calça e blusa debaixo do jaleco, com o estetoscópio ao redor do pescoço. Seu longo cabelo já não estava solto sobre os ombros, mas trançado pelas costas. Ela não chegou a ir ao baile.

– Senhorita Roberts, pediu que eu a avisasse quando o teleférico da manhã chegasse – disse ela. – Ele já está quase aqui. Como vai o nosso paciente?

Philippa inclinou-se sobre Ricky e o beijou nos lábios, murmurando:

– Volto assim que puder. Depois virou-se para Judith e disse:

– Obrigada por salvar a vida dele, doutora.

Não havia muitas pessoas na plataforma de desembarque do teleférico àquela hora da manhã. A maioria dos hóspedes ainda estava em seus quartos ou chalés, dormindo sob o efeito do champanhe, ou, se estavam acordados, conversavam sobre o assassinato que ocorrera sobre suas cabeças. A polícia interrogou a todos. Nenhum suspeito foi encontrado. E nem a arma.

Quando o detetive de Palm Springs descobriu a identidade de Otis Quinn com Danny, ele disse:

– Acredito que este seja o homem a quem estamos procurando. Acreditamos que ele seja responsável pela morte de pelo menos cinco pessoas, talvez mais. Fazem ideia de quem ele seja?

Antes que Beverly e Philippa pudessem dizer qualquer coisa, Simon respondeu:

– Não, não sabemos quem ele é – ele olhou para Beverly. – Ele era um desconhecido, não sabemos por que ele fez isso.

A polícia foi embora pouco antes do amanhecer, levando o corpo de Danny com eles.

– Quem quer que tenha atirado nele estava defendendo a senhorita Burgess e a senhorita Roberts – disse o detetive. – Meu palpite é que jamais descobriremos quem foi.

E agora, na área de embarque, diversos hóspedes aguardavam a chegada do teleférico – alguns estavam de partida, como Carole Page e o marido; outras estavam ali para receber pessoas que chegavam, como Philippa, que aguardava Hannah e Esther.

Marion Star estava ali, protegida em um casaco de lã de muito estilo, dizendo a Bunny Kowalski que ela poderia usar os seus vestidos no filme *delas*. Bunny estava ali porque o pai estava programado para chegar no teleférico da manhã, e ela lhe diria que não só continuaria em Hollywood, como ele bem poderia se acostumar com a ideia de que sua filha era uma atriz.

Frieda, ao mesmo tempo, estava ocupada fazendo negócios com Andrea para que Bunny representasse o papel de Marion quando jovem; elas estavam debaixo de um pinheiro carregado de neve, enquanto Larry ficara amuado de lado.

E Beverly estava ali, ao lado de Simon Jung, despedindo-se dos seus hóspedes.

Philippa achou que a irmã estava bonita sob a luz da manhã, apesar de terem ficado acordadas a noite inteira, em grande parte ao lado da cama de Ricky, onde Beverly juntou-se à vigília de Philippa. Falaram sobre muitas coisas nessas horas escuras, preenchendo os anos em que estiveram separadas, e ainda tinham muito sobre o que falar. Depois da reunião de diretoria daquele dia, não importando o resultado, Philippa permaneceria um tempo ainda no Star’s.

Charmie surgiu no caminho até a plataforma.

– Como está Ricky? – perguntou. Charmie estava aquecida dentro de um

suéter tricotado grosso e um chapéu rosa na cabeça. O nariz e o queixo, por causa do frio, combinavam com a cor do chapéu.

– Ele vai ficar bem – disse Philippa. – Graças a Deus. A doutora Isaacs já mandou chamar uma enfermeira particular para cuidar dele.

Charmie observou a expressão de Philippa, depois, olhando para Beverly, que estava sorrindo ao se despedir como se a noite anterior tivesse sido como qualquer outra, disse:

– Bem, pelo menos um mistério foi solucionado. Ivan encontrou a sua irmã, no fim das contas.

Mas ainda restavam a questão da fraude de um milhão de dólares e a razão pela qual a Miranda Internacional estava tentando assumir o controle da Starlite.

Contudo, o grande mistério era quem teria salvado a vida de Philippa. Quem atirou em Danny Mackay?

– O teleférico já deve estar quase chegando – comentou Charmie ao ver como o pequeno grupo ali reunido aproximava-se mais da plataforma. Ela viu Frieda, Bunny e Andrea apertando as mãos umas das outras com bastante fervor e Carole Page pendurada no marido como se fossem um casal em lua de mel, e Larry Wolfe que mais parecia não dormir há meses...

A boca de Charmie abriu-se em sinal de descrença.

– Philippa! – disse ela. – Veja... Ivan está ali!

– O quê? – Philippa virou-se, e lá estava ele, Ivan Hendricks, parecendo um membro da polícia soviética em seu casaco pesado e chapéu de pele.

Quando ele percebeu que as duas olhavam para ele, aproximou-se e cumprimentou-as timidamente.

– Olá...

– Ivan! – exclamou Charmie. – Você não deveria estar no Rio?

– É que bem... – ele afundou a bota na neve. – Eu sei...

– O que está fazendo aqui?

– É meio complicado, senhorita Roberts – disse ele. – Vê aquele homem ali?

Ela olhou para onde ele apontava e viu um homem em um longo sobretudo preto, com um cachecol preto ao redor do pescoço, porém sem chapéu, tanto que pôde ver os cabelos brancos perfeitamente penteados balançando de leve na brisa da manhã. Ele devia estar na casa dos setenta anos, belo e bem apessoado, parecendo-se tremendamente com o ator Richard Conte.

Os olhos dela arregalaram-se.

Não podia ser...

Quando o homem virou-se de frente e a viu, hesitou um átimo, depois caminhou na direção dela, com o indício de um sorriso nos lábios.

– Papai? – sussurrou Philippa.

– Olá, boneca – disse Johnny.

– Ai, meu Deus, é você mesmo! – ela lançou os braços ao redor dele. – Pai! Ah, papai!

– Boneca... – disse ele, escondendo o rosto em seus cabelos. Abraçaram-se com força.

Ela se afastou, com lágrimas nos olhos.

– Não estou entendendo! Pensei que estivesse morto!

– Sei que sim, boneca – disse Johnny com suavidade. – Recebi um indulto. Fui condenado injustamente.

– Mas... Por que não me contou que estava vivo!

– Eu não sabia como você receberia a notícia. E também porque eu complicaria a sua vida. Depois que saí da prisão e consegui localizá-la, você já estava se saindo bem sozinha – ele fez uma pausa para enxugar uma lágrima no rosto dela, com seu amor e carinho emanando pelos olhos.– Eu sabia que você estava brava comigo por tê-la deixado no convento. Falei com as freiras, elas me contaram o quanto você era infeliz lá. Mas não foi essa a minha intenção. De fato eu a deixaria ali por apenas poucos dias, até arranjar outro lugar para nós. Mas então houve uma série de assassinatos pelos quais fui incriminado, e nunca consegui sair para buscá-la. Eu tinha um amigo que lhe enviava as cartas da Europa.

– Papai – disse ela, sem saber se ria ou se chorava. – Eu o perdoei há muito tempo! – ela enxugou as lágrimas do rosto. E depois franziu o cenho. – Mas... Como conhece Ivan?

Ivan falou com uma expressão encabulada:

– Trabalho para o seu pai, senhorita Roberts. Faz anos que trabalho para ele.

– Então você sabia esse tempo todo que ele estava vivo!

– Ele me fez prometer que guardaria segredo. Sinto muito, senhorita Roberts. Garanto que foi muito difícil.

Ele se virou para Charmie e disse:

– Você e eu não nos encontramos por acaso naquela farmácia. Eu já vinha observando você e a senhorita Roberts por algum tempo. O senhor Singleton me contratou para fazer isso. Ele queria que eu me envolvesse pessoalmente a fim de me reportar a ele. Não faz ideia de quantas batatas fritas tive de comer antes que

você me notasse!

Charmie o encarou, imaginando se não seria o ar rarefeito da montanha que a fazia alucinar.

– Está tudo perdoado – ouviu-se dizer.

Johnny virou-se para Philippa e disse:

– Podemos dar uma volta, boneca? Preciso lhe contar algumas coisas.

Afastaram-se dos outros, caminhando sobre a neve fofa, sentindo o sol quente nas costas ao respirarem o ar fresco das montanhas.

Charmie, ainda pasma, observou-os afastarem-se, depois sentiu uma mão em seu braço. Quando virou-se, Ivan tomou-a nos braços e beijou-a com sofreguidão.

– Ivan! – disse ela. – Ah, Ivan...

– Não sabe como foi difícil para mim – disse ele. – Naquela manhã, na sua cozinha... Pensei que fosse perder a cabeça. Não sabe o esforço necessário para me fazer parar, de tanto que eu a desejava e ainda desejo. Mas agora meu trabalho acabou. Estou livre – ele sorriu amplamente. – E estou morrendo de vontade de comer brownies de caramelo!

Depois acrescentou mais baixinho:

– E de estar com você... – e beijou-a novamente.

Philippa passou o braço pelo de Johnny, e ele apoiou a mão sobre a dela.

– Quando saí da prisão e as freiras disseram-me que você tinha fugido, quase enlouqueci de tanto a procurar. Mas, quando, por fim, encontrei-a, você já tinha começado a sua empresa e parecia estar feliz, por isso resolvi deixar que você pensasse que eu estava morto. Entenda, boneca, mesmo eu não tendo feito aquilo – os assassinatos pelos quais fui condenado – e tivesse recebido indulto, eu ainda estava ligado à máfia. Isso não lhe faria bem. Eu estava tão orgulhoso por você estar se saindo bem sozinha. E desde então eu tenho tomado conta de você.

– Então quando Ivan contou-lhe que eu estava vindo para o Star’s, você decidiu vir também?

– Bem, não foi exatamente assim, boneca. Na verdade, sou responsável por você ter conseguido fazer a sua reserva em cima da hora. Ricardo Cádiz, o romancista, é amigo meu. Eu sabia que ele estava vindo para o Star’s para o Natal. Pedi que cancelasse a reserva dele. Ele me devia um favor. Do instante em que saiu de Perth, tenho estado em constante contato telefônico com Ivan, que me manteve a par dos seus movimentos. Mas não vim aqui para me reunir com você, boneca. Eu tive esperanças de vir e ir embora sem que você soubesse que estive aqui.

– Não entendo. Por que veio, então?

– Para garantir que a sua reunião de diretoria fosse um sucesso para você.

Ela o fitou.

– Sabe a respeito da fraude?

– Sim. E temi pela sua segurança. Você iria expor um criminoso dentro da sua organização.

– Você sabe quem é!

– Alan Scadudo.

– Meu Deus – sussurrou ela. – Alan...

– Eu temia que ele a ferisse. Foi por isso que pedi a Ivan que trouxesse uma pistola. Ele normalmente não faz uso de armas.

Subitamente ela visualizou Danny Mackay, morto na banheira.

Como se lesse seus pensamentos, Johnny disse:

– Suponho que tenha sido bom pedir que Ivan trouxesse uma arma. Quando ele não a viu no salão de baile ontem e depois viu que Beverly subia as escadas, fazendo parecer que havia algo errado, Ivan decidiu investigar. Ele nos fez um favor atirando em Mackay.

– Ah, papai... – disse Philippa enquanto caminhavam entre os pinheiros cobertos de neve, fazendo-a se lembrar das caminhadas deles em Tiburon, tanto tempo atrás. O braço que a amparava era tão forte agora quanto antes. – O que mais você sabe? – perguntou. – Sabe a respeito da Miranda Internacional?

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela observou o rosto bronzeado e marcado por rugas, ainda belo depois de todos aqueles anos.

– *Você* é a Miranda Internacional?

– Estou por trás dela e por trás de diversos outros empreendimentos.

– Então por que está tentando ter o controle acionário da nossa empresa?

Ele riu.

– Não estou, não. Fiz isso para alertá-la da fraude que estava acontecendo na sua empresa. Quando Ivan contou-me que você partiu para a Austrália e ficaria lá, preocupei-me. Temi que, por causa do seu luto por Paul Marquette, você deixasse a sua vida de lado, abandonando tudo pelo que tanto esforçou-se para construir. Não quis que você cometesse os mesmo erros que eu cometi: fugir da verdade, da realidade... Eu não podia alertá-la diretamente, porque então eu teria de me expor. Queria que você descobrisse sozinha. Eu sabia que uma ameaça ao controle da sua empresa a faria investigar suas contas para tentar entender o que tanto interessava

a Miranda. Eu contava com o fato de que você descobriria a discrepância de um milhão de dólares.

– Então não existe ameaça alguma?

Ele sorriu.

– A Starlite está a salvo, boneca.

Ela queria chorar. Ele passou os braços ao seu redor, segurando-a firme.

– Está tudo bem, boneca – ele a assegurou. – Estamos juntos novamente.

– Pai, quero que conheça a minha irmã – disse Philippa, pegando Johnny pela mão e o conduzindo para onde Beverly falava com Simon Jung na plataforma de embarque e desembarque.

Quando Philippa apresentou Johnny a ela, ele segurou a mão de Beverly entre as suas e disse com uma voz carregada de emoção:

– Você e eu já nos encontramos. Você era o outro bebê.

Ele meneou a cabeça, com os olhos brilhantes, quando a lembrança daquele dia muito emocionante, de tanto anos atrás, voltava à tona.

– Minha esposa e eu não podíamos ter filhos, Beverly, por isso encontramos um advogado que fazia os arranjos necessários para uma adoção. Lembro-me da manhã em que fomos ao hospital. Sua pobre mãe estava arrasada por ter de abrir mão de uma de vocês. Ela não queria abandonar nenhuma das filhas, mas seus pais eram pobres, necessitavam desesperadamente de dinheiro – os olhos de Johnny encheram-se de amor quando ele olhou para Beverly. – Poderia ter sido você – disse ele baixinho. – Tive a opção de escolher. Vocês duas eram lindas bonequinhas perfeitas. Eu poderia muito bem ter escolhido você.

Philippa e Beverly entreolharam-se, maravilhadas com as voltas que o destino dá; ambas percebendo que, se Johnny tivesse escolhido de outra forma, cada um teria vivido a vida da outra.

Johnny ficou sério ao dizer a Beverly:

– Agora sei pelo que você passou, como sofreu nas mãos de Danny Mackay. Eu queria muito ter zelado por você do mesmo modo como fiz com Christine. Eu poderia ter lhe poupado tanta dor... mas eu simplesmente não sabia... E agora, olhem só para vocês! – acrescentou Johnny com o sorriso voltando aos lábios. – Duas lindas mulheres.

Beverly riu.

– Mas, quando criança, eu não tinha atrativo nenhum...

– E eu era gorda – disse Philippa.

Simon Jung aproximou-se e disse:

– O teleférico está chegando.

Philippa mostrou-se alarmada.

– Não está indo embora, está, papai? Não vou deixar!

Johnny riu e deu um tapinha em sua mão.

– Não se preocupe, não estou de partida.

Ao avançarem pela plataforma, passaram por Smith, que dizia a Marion Star:

– Sabe, minha cara, que a senhora foi o meu primeiro amor?

– E eu admiro o seu talento há muitos anos – replicou ela. – Sempre quis conhecê-lo. E sempre perguntei-me por que um homem tão charmoso como você jamais se casou.

– Por coincidência, minha cara senhorita Star, eu *vou* me casar. Com a minha médica, na verdade.

Quando o teleférico encontrou-se com o atracadouro e rapazes vestidos em parcas apressaram-se para estabilizá-lo a fim de que os passageiros desembarcassem, Philippa procurou por Esther, que telefonou na noite anterior para dizer que ela e o namorado estariam naquele teleférico; depois, pensando em Ricky, que se recuperaria, e em Beverly, que estava em um dos seus lados, e Johnny, do outro, Philippa sorriu.

Finalmente, ela tinha uma família.